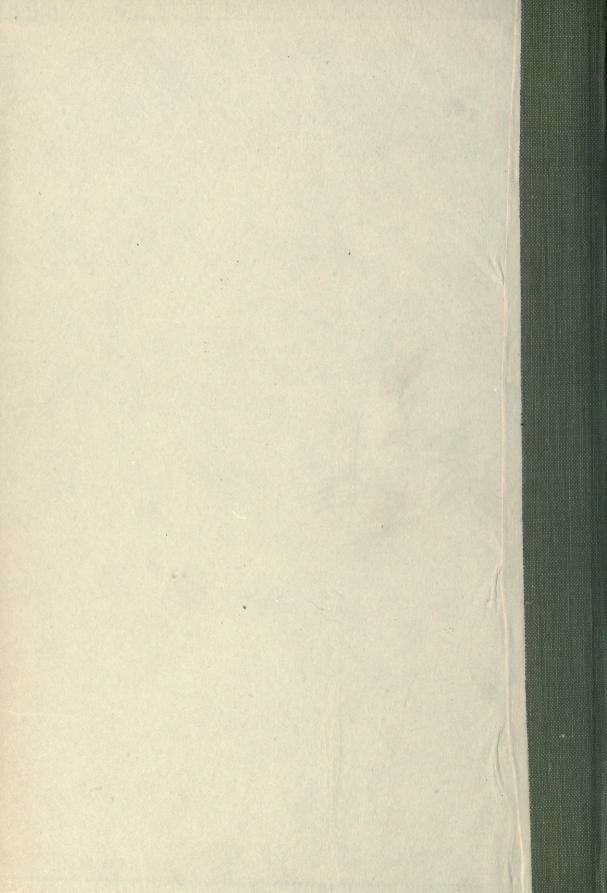
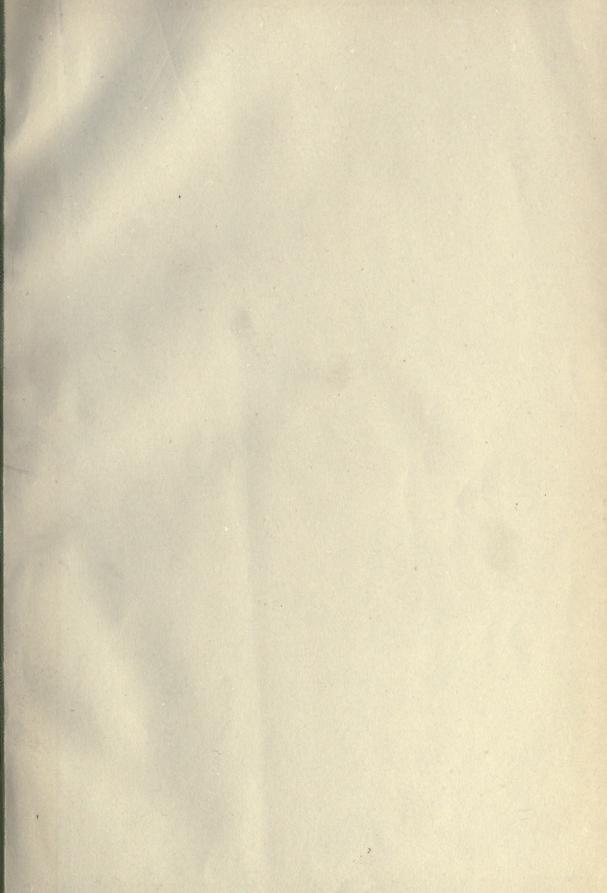
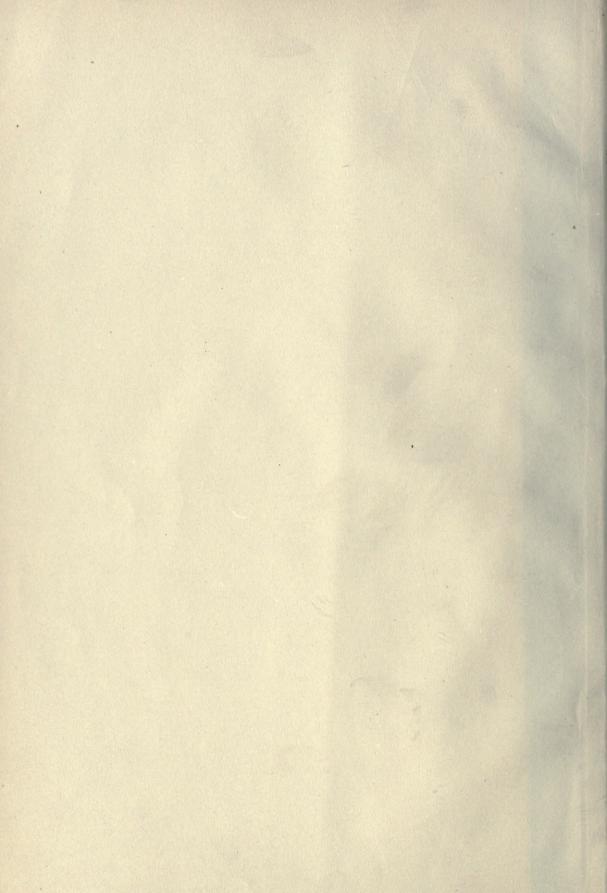
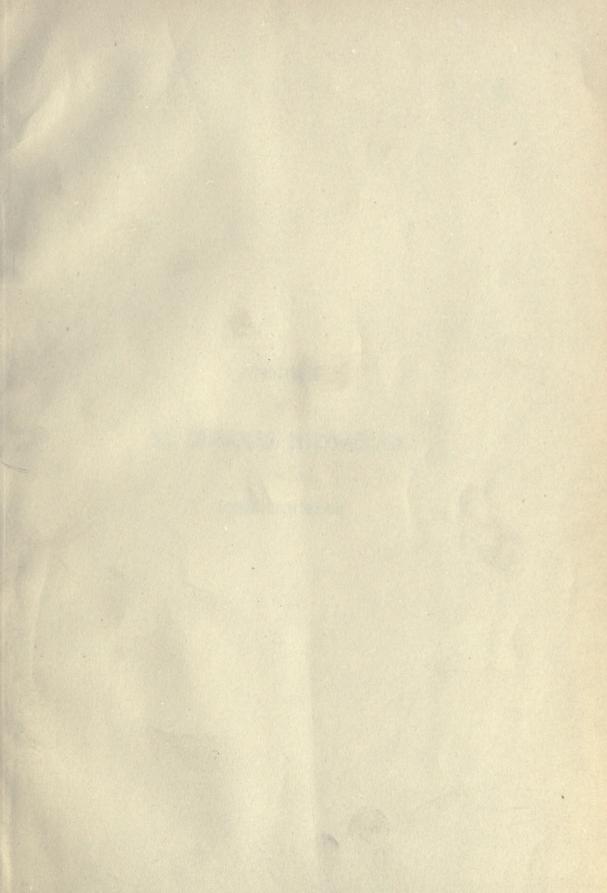
Univ.of Toronto Library











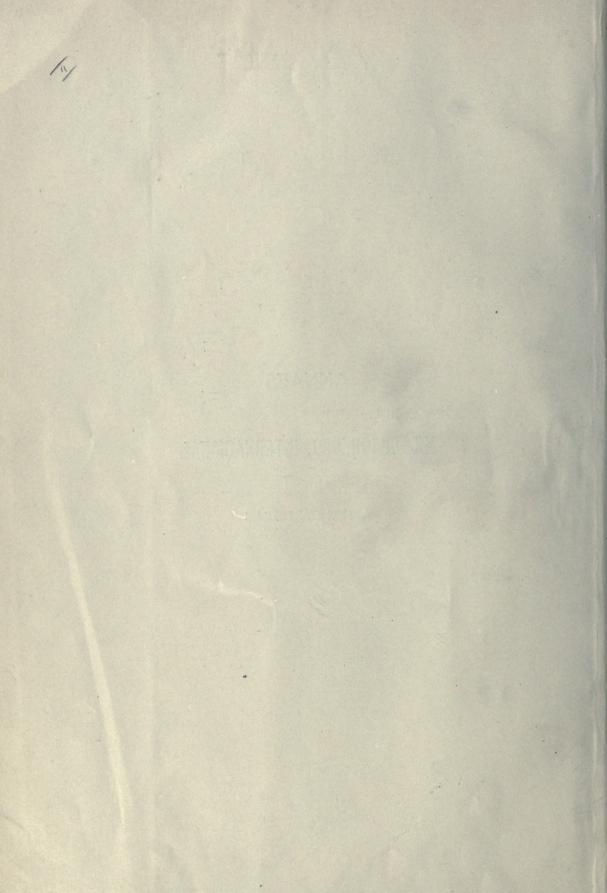
# ANNAES

DO

# XX CONGRESSO INTERNACIONAL

DE

AMERICANISTAS



included and was of itmericanists of on the de love

**ANNAES** 

DO

# XX CONGRESSO INTERNACIONAL

DE

# AMERICANISTAS

REALIZADO NO RIO DE JANEIRO, DE 20 A 30 DE AGOSTO DE 1922

ORGANIZADOS PELOS SECRETARIOS

Drs. Léon F. Clérot e Paulo José Pires Brandão

VOL. I



201648

RIO DE JANEIRO IMPRENSA NACIONAL 1924

E 57 15 1922 VII

# INDICE

	Pags.
Autorização para a XXª Reunião	VII
» » XXI <sup>a</sup> »	VIII
Artigos dos Estatutos approvados pelo Bureau do Conselho do Con-	
gresso Internacional de Americanistas — Paris — 1900	IX
Sessões anteriores do Congresso Internacional de Americanistas	XIII
Organização preparatoria: Comité organizador e comités estadoaes.	XVII
Directoria do XX Congresso Internacional de Americanistas	XXIII
Delegados dos Governos Estrangeiros	XXV
	XXVII
Instituições Scientificas Estrangeiras	XXIX
o Hosociações do Diasir.	XXXV
	XXXIX LXXV
Actas das sessões de abertura e de encerramento. Pags. LXXVII e .	XCIII
	XCVII
Publicações recebidas	XCIX
Exposições feitas durante o Congresso	CIII
Memorias approvadas	CV
MEMORIAS	
PRIMEIRA SECÇÃO	
TAMBAN DEGAO	
ETHNOLOGIA	
De l'Origine des Américains Bufeslambiens mos la Dr. Tourn Bakier	0
De l'Origine des Américains Précolombiens, par le Dr. Toung Dekien La Percepción de los colores en algunas tribus indigenas de Colombia, por	3
Carlos Cuervo Marquez	49
Southern Contacts of the Indians North of the Gulf of Mexico, by Dr. J. R.	49
Swanton	53
A Tribu dos Indios Crenaks (Botucudos do Rio Doce), pelo Dr. Antonio	00
Carlos Simoens da Silva	- 61
Rhythm in the Music of the American Indian, by Francis Densmore	85
La Yerba Mate. Una planta simbolica de America, por Guillermo Tell Bertoni	91
Cultos Americanos, pelo Dr. A. Augusto de S. Pinto	95
The Norsemen's Route from Greenland to Wineland, by Dr. Hans Peter	
Steensby	99
El Indio Guayaki. Una raza interesante y mal conocida, por Guillermo Tell	
Bertoni	103
Omaha Bow and Arrow — Makers, by Francis La Flesche	111

	Pags.
Memoria sobre os Botucudos do Paraná e Santa Catharina, organizada pelo	
Serviço de Protecção dos Selvicolas, sob a inspecção do Dr. José Maria	
de Paula	117
Die Feuerlaender, Einst und Jetzt, von Martin Gusinde	139
A Idea de Deus na Theogonia dos Indigenas Americanos, por João A. Corrêa	
de Araujo	161
The Isolation of Ancient America as established by the cultivated plants and	
the languages of its aborigines, by William E. Safford, Ph. D	167
Notre héritage des Indiens Américains, par W. E. Safford, Ph. D	173
Fire Origin Myths of The New World, by Dr. Walter Hough	179
Estudos das materias corantes de origem vegetal em uso entre os indios do	
Brasil e das plantas de que procedem, pelo Dr. Alfredo Antonio de	
Andrade	185
Indian agriculture at its northern limits in the great plains region of North	
America, by George F. Will	203
Los Pigmeos en las Leyendas de los Guaranies, por F. C. Mayntzhusen	207
A cultura das plantas industriaes entre os indigenas do Brasil na época do	
descobrimento, por Henrique Silva	211
Regional Differences in the Guatemalan Huipi, by Wilson Popenoe	217
Mysticos e Tyranos (um ponto de ethnopsychologia americana), pelo pro-	
fessor Dr. Luiz José da Costa Filho	221
Abstract Characteristics of Keresan Folktales, by Franz Boas	223
El Idealismo de los Mitos Chibchas, por Max Grillo	225
Organização Politico-Social dos Aborigenes Brasileiros, por J. A. Corrêa de	
Araujo	229
Notes on West Indian Hydrography in its Relation to Prehistoric Migra-	
tions, by Adolfo de Hostos	239
Um Mirakitá Pernambucano, por Mario Melo	251
Muyrakitas, pelo Dr. Franz Heger	255
Condições exigidas a uma boa theoria do Totemismo, pelo Dr. Pontes de	
Miranda	261
La Cronologia Náhoa, por M. O. de Mendizátal ,	271
Parallels Within the Culture of the arctic Peoples, by William Thalbitzer.	283
O Paié, pelo professor Dr. Adolpho Morales de los Rios	289
Bericht über die von Gusinde Kooppers Zu. Anfang 1922 Zu dem Feuerslan-	
dstamm der Yaganes veranstaltete Forschungs reise von Dr. P. W. Ko-	
onners S V D	200

# AUTORIZAÇÃO PARA A XX REUNIÃO

DADA NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO XIX CONGRESSO, WASHINGTON 31 DE DEZEMBRO DE 1915

### FICA RESOLVIDO

«Em vista da impossibilidade de se realizar a proxima sessão na Europa de accordo com as resoluções do XIX Congresso e conforme os artigos 2 e 4 dos Estatutos.

O XX Congresso Internacional de Americanistas realizar-se-á na Cidade do Rio de Janeiro, Brasil, em Junio de 1918 accedendo aos convites do:

Museu Nacional, Brasil;
Bibliotheca Nacional, Brasil;
Archivo Publico Nacional, Brasil;
Instituto Historico e Geographico Brasileiro;
Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Brasil;
Instituto Historico e Geographico Fluminense.

DE ACCÔRDO COM O ART. 4º DOS ESTATUTOS, OS SEGUINTES REPRESENTANTES DAS CITADAS INSTITUIÇÕES GARANTEM A SUA ORGANIZAÇÃO E A SUA REALIZAÇÃO:

Dr. Bruno Lobo (Museu Nacional).

Dr. Cicero Peregrino (Bibliotheca Nacional).

Coronel Frederico Schumann (Archivo Publico Nacional).

Conde de Affonso Celso (Instituto Historico e Geographico Brasileiro).

General Thaumaturgo de Azevedo (Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro).

Dr. Simoens da Silva (Instituto Historico e Geographico Fluminense).

# AUTORIZAÇÃO PARA A XXI REUNIÃO

DADA NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO DO XX CONGRESSO, RIO DE JANEIRO 28 DE AGOSTO DE 1922

### FICA RESOLVIDO

Tendo se reunido a commissão de convites a 27 de agosto de 1922 e devidamente consideradas as propostas para a reunião do XXI Congresso Internacional de Americanistas, tem a honra de fazer a seguinte indicação do Conselho do XX Congresso:

Foram apresentados dois convites formaes para o XXI Congresso em 1924, o 1º do Governo dos Paizes-Baixos e o 2º da cidade de Gothemburg, Suecia. Ambos os convites estão em forma devida e ambos os paizes offerecem as necessarias garantias, os dois contam igualmente com americanistas eminentes e colleções valiosas.

A commissão é de opinião que uma eleição entre os dois paizes seria muito difficil e portanto recommenda que em 1924 se realize uma sessão dupla do Congresso, sendo uma na Suecia e outra nos Paizes-Baixos, e que todas as questões relativas do tempo exacto e dos detalhes das sessões sejam confiadas ao Comité Organizador do Congresso nos dois paizes, em collaboração com o Conselho permanente.

Aquelles que assignaram o convite da Hollanda e da Suecia estão de accôrdo com a proposta a favor de uma sessão dupla em 1924.

# Artigos dos Estatutos approvados pelos Bureau e Conselho do Congresso Internacional de Americanistas, Paris, 1900

### **ESTATUTOS**

## **PARIS**, 1900

ARTICLE PREMIER — Le Congrès International des Américanistes a pour object l'étude historique et scientifique des deux Amériques et de leurs habitants.

- ART. 2. Ce Congrès a lieu tous les deux ans; autant que possible il alternera ses sessions entre l'Ancien et le Nouveau Monde; il ne peut pas siéger deux fois de suite dans le même pays.
- ART. 3. Il se compose de la réunion des personnes qui en ont fait la demande et ont aquitté leur cotisation.
- ART. 4. A la fin de chaque session, de Congrès désigne le lieu ou se tiendra la session suivante et choisit un certain nombre de personnes chargées de constituer dans le lieu désigné un Comité d'organisation.
- ART. 5. Le Comité nomme son président et recrute à sa guise ses membres résidants et correspondants.
- ART. 6. Le Comité fixe la date exacte de la session, le nombre des séances, le taux de la cotisation, rédige le programme et les questionnaires; prépare, s'il y a lieu, les rapports préliminaires à produire au Congrès, envoie les convocations, reçoit les adhésions et delivre les cartes des membres.
- ART. 7. Le Comité est chargé de tous les soins matériels qui concernent les installations du Congrès et la tenue des séances.
- ART. 8. Les questionnaires rédigés par le Comité sont envoyés d'avance aux adhérents; ceux-ci peuvent proposer à l'acceptation du Comité les modifications qui leur paraîtraient utiles. Une partie des séances de chaque session est d'ailleurs réservée aux questions non comprises dans le programme qui seraient proposés par un membre et acceptés par le Comité.
- ART. 9. Le Bureau du Comité remplit les fonctions de bureau provisoire dans la première séance de la session. Les membres du bureau définitif sont nommés dans cette séance.
- ART. 10. Le bureau definitif se compose d'un président, de six viceprésidents, dont deux au moins appartiennent au pays où siège le Congrès, d'un secrétaire général, de quatre secrétaires et du trésorier.

- ART. 11. Le Congrès peut décerner à des personnes qui se sont signalées par les services rendus aux études américains les titres de président ou de vice-président d'honneur.
- ART. 12. Un Conseil et adjoint au bureau : il doît comprendre, autant que possible, des membres de toutes les nationalités représentées dans le Congrès.
- ART. 13. Le bureau et le conseil réunis sont chargés d'examiner les voeux présentés au Congrès et d'en faire l'objet de rapports, s'il y a lieu; ils statueront aussi sur les réclamations qui pourraient surgir, étudieront les modifications à introduire au règlement, les propositions relatives au siège du futur Congrès, enfin détermineront la destination à donner aux livres et objets offerts, qui doivent d'ailleurs toujours appartenir au pays dons lequel a lieu la session.
- ART. 14. Une commission de cinq membres régnicoles est adjointe au secrétaire général et au trésorier pour constituer un comité de publication qui a les pouvoirs les plus étendus pour publier les actes du Congrès et en apurer les comptes. Ce Comité surveillera la distribution des volumes.
- ART. 15. Un Conseil permanent, composé des anciens présidents et secrétaires généraux, est chargé de maintenir la tradition du Congrès, de veiller à la bonne exécution des règlements et de faire face aux difficultés imprévues qui pourraient surgir dans l'intervalle de deux sessions. Le président et le secrétaire général de la dernière session exercent les mêmes fonctions auprès du Conseil permanent et engageront les négociations relatives à la tenue du prochain Congrès qui aura lieu dans le même continent.

Additions — (Session de Londres, 1912, Memorias, 1, 1913, paginas XVII-XIX):

A L'ART. 3. — Le Comité d'Organisation peut refuser la demande d'adhésion de membre ou associée aux personnes qui, dans un Congrès anterieur, auront quitté la voie de la Science et creé des désagréments ou du trouble.

A L'ART. 15. — Le secrétaire général actuel doit se tenir en rapport avec les membres du Conseil permanent. A la fin de chaque session il doit faire une liste des membres survivants du Conseil permanent et en rendre compte au secrétaire général du Congrès suivant.

# TRADUCÇÃO

- Art. 1.º O Congresso Internacional de Americanistas tem por objecto o estudo historico e scientífico das duas Americas e seus habitantes.
- Art. 2.º Este Congresso tem logar de dois em dois annos, alternando as suas sessões entre o velho e o novo mundo, e não podendo reunir-se seguidamente duas vezes no mesmo paiz.

- Art. 3.º Compõe-se da reunião de pessoas que tenham requerido inscripção e pago a quota correspondente.
- ART. 4.º No fim de cada sessão o Congresso designa o logar onde se reunirá a proxima sessão, e escolhe um certo numero de pessoas encarregadas de constituir o Comité organizador no logar designado.
- Art. 5.º O Comité nomeia seu presidente e escolhe, como melhor entender, seus membros effectivos e correspondentes.
- Arr. 6.º O Comité fixa a data exacta da reunião, o numero das sessões, a taxa da inscripção, organiza o programma e as questões a serem tratadas, prepara, si houver occasião, as relações preliminares a serem produzidas no Congresso, envia os convites, recebe adhesões e distribue os « Cartões de Congressista ».
- Art. 7.º O Comité encarrega-se de todos os arranjos necessarios com referencia aos logares da reunião do Congresso e quanto á realização das suas sessões.
- ART. 8.º As listas dos assumptos tomados em consideração pelo Comité são de antemão mandadas aos Membros, os quaes podem opinar pela acceitação do Comité sob taes modificações, como lhes parecer mais util; uma parte do prazo de cada sessão fica também reservada para as questões não comprehendidas no programma, que podem ser propostas por um membro e acceitas pelo Comité.
- Art. 9.º A Mesa do Comité representa as funcções de um Bureau Provisorio durante a primeira sessão da reunião. Os membros do Comité final são nomeados durante a sessão.
- ART. 10. O Comité final ou definitivo é composto de um presidente, seis vice-presidentes, dos quaes dois ao menos pertençam ao paiz onde o Congresso tem logar; um secretario geral, quatro secretarios e um thesoureiro.
- Art. 11. O Congresso pode conferir titulos de presidente ou vicepresidentes honorarios ás pessoas que tenham prestado aos estudos americanistas reaes serviços.
- Art. 12. Um Conselho é aggregado á Mesa, formada tão intimamente quanto possível por membros de todas as nacionalidades representadas no Congresso.
- ART. 13. O Comité e o Conselho, reunidos, têm de examinar as resoluções apresentadas ao Congresso e fazer exposições sobre as mesmas, sendo necessario; elles se pronunciarão sobre quaesquer appellações que possam surgir, estudarão as modificações a serem introduzidas nos regulamentos, as propostas relativas á séde do proximo Congresso e determinarão a distribuição de livros e objectos offerecidos ao Congresso, os quaes devem sempre pertencer ao paiz no qual tem logar a sessão.
- ART. 14. Uma commissão de cinco membros locaes ficará formando com o secretario geral e o thesoureiro, o « Comité de Publicação », que tem

plena autoridade para publicar os actos do Congresso e esclarecer as contas. Este Comité fará a distribuição dos volumes.

Art. 15. Um Conselho permanente, composto dos presidentes e secretarios da sessão antecedente, fica encarregado de manter a tradição do Congresso, velando pela propria execução dos regulamentos e affrontando as difficuldades imprevistas que possam apparecer no intervallo entre duas reuniões. O presidente e o secretario geral da sessão prévia exercerão as mesmas funcções ao lado do Conselho permanente e arranjarão as negociações referentes á realização do proximo Congresso, que terá logar no mesmo continente.

# Sessões anteriores do Congresso Internacional de Americanistas

### I - NANCY, 1875:

Presidente: BARÃO DUMAST, Correspondente do Instituto de França. Secretario-Geral: A. RAMBAUD, Professor da Faculdade de Lettras de Caen.

Annaes, 2 volumes.

### II — LUXEMBURGO, 1877:

Presidente: WURTH-PAQUET, Presidente da Suprema Corte de Justiça. Secretario-Geral: DR. HEURION, Professor do Atheneu de Luxemburgo: Annaes, 2 volumes.

### III — BRUXELLAS, 1879:

Presidente: A. C. A. L. BARÃO GOETHALS, Major-General reformado, ex-Ministro da Guerra.

Secretario Geral: A. BAMPS D. L., Membro da Sociedade Geographica da Belgica.

Annaes, 2 volumes.

### IV - MADRID, 1881:

Presidente: JOSÉ L. ALBAREDA, Ministro da Agricultura.

Secretario-Geral: CAPITÃO C. FERNANDEZ DURO, Vice-Presidente da Sociedade Geographica de Madrid.

Annaes, 2 volumes.

### V — COPENHAGUE, 1883:

Presidente: J. J. A. Worsaae, Director do Museu Ethnographico e Archeologico.

Secretario-Geral: CAPITÃO W. A. CARSTENSEN, Director da Escola Naval.

Annaes, 1 volume.

### VI - TURIM, 1888:

Presidente: PROF. ARIODANTE FABRETTI. Secretario-Geral: PROF. GUIDO CORA. Summario dos annaes, 1 volume.

### VII - BERLIM, 1888.

Presidente: DR. W. REISS, Presidente da Sociedade Anthropologica de Berlim.

Secretario-Geral: DR. G. HELLMAN.
DR. O. OLSHAUSEN.

Annaes, 1 volume, illustrado.

## VIII - PARIS, 1890:

Presidente: DR. A. DE QUATREFAGES DE BRÉAU, Membro do Instituto. Secretario-Geral: DESIRE PECTOR, Consul de Nicaragua em.Paris. Annaes, 1 volume.

### IX - HUELVA, 1892:

Presidente: A MARIA FABIÉ, ex-Ministro do Exterior. Secretario-Geral: Justo Zaragoza, Membro da Academia de Historia.

## X - STOCKHOLMO, 1894:

Presidentes: BARÃO GUSTAV TAMM, Prefeito de Stockholmo.

DR. R. VIRCHOW, Professor da Universidade de Berlim. BARÃO A. E. NORDENSKIOLD.

Secretario-Geral: DR. C. BOVALLIUS.

Annaes, 1 volume.

### XI - MEXICO, 1895:

Presidente: Lic. Joaquin Baranda, Ministro da Justiça e da Instrucção Publica.

Secretario-Geral: T. SANCHEZ SANTOS.

Annaes, 1 volume.

### XII - PARIS, 1900:

Presidente: DR. E. T. HAMY, Membro do Instituto.

Secretario-Geral: Henri Froidevaux, Bacharel em Lettras, Secretario Geral da Sociedade de Americanistas de Paris.

Annaes, 1 volume.

### XIII - NEW YORK, 1902:

Presidente: MORRIS K. JESUP, Presidente do Museu Americano de Historia Natural.

Secretario-Geral: MARSHALL H. SAVILLE, do Museu Americano de Historia Natural.

Annaes, 1 volume.

### XIV - STTUTGART, 1904:

Presidente: DR. KARL VON DEN STEINEN, Professor da Universidade de Berlim, Director do Real Museu de Ethnographia, Berlim.

Secretario-Geral: DR. PROFESSOR K. LAMPERT, Membro do Conselho Superior da Instrucção Publica, Sttutgart.

Annaes, 2 volumes, illustrado.

## XV - QUEBEC, 1906:

Presidente: DR. R. BELL, Departamento Geologico do Canadá.

Secretario-Geral: DR. N. E. DIONNE, Membro da Sociedade Real do Canadá e Bibliothecario da Legislatura da Provincia de Quebec. Annaes, 2 volumes.

### XVI - VIENNA, 1908:

Presidente: WILHELM, BARÃO VON WECKBECKER, Conselheiro da Corte Imperial e Real, e Camareiro de S. M. Imperial.

Secretario DR. FRANZ HEGER, Conselheiro, Director do Departamento Anthropologico do Museu de Historia Natural de Vienna.

Annaes, 2 volumes, illustrados.

### XVII — BUENOS AIRES, Maio, 1910:

Presidente: DR. J. N. MATIENZO, Deão da Faculdade de Philosophia e Lettras na Universidade Nacional de Buenos Aires.

Secretario-Geral: DR. R. LEHMANN-NITSCHE, Chefe da Secção de Anthropologia do Museu de La Plata.

Annaes, 1 volume, illustrado.

### XVII — SEGUNDA SECÇÃO — MEXICO, Setembro, 1910.

Presidente: DR. E. SELER, Professor da Universidade de Berlim.

Secretario-Geral: LIC. JOSÉ ROMERO.

Annaes, 1 volume, illustrado.

### XVIII - LONDRES, Maio, 1912:

Presidente: SIR CLEMENTS R. MARKHAM.

Secretarios: F. C. A. SARG.

ADELA BRETON.

Annaes, 2 volumes, illustrado.

### XIX — WASHINGTON, Dezembro, 1915:

Presidente: JOHN W. FOSTER, ex-Ministro de Estado.

Secretario-Geral: DR. ALES HRDLICKA, Chefe do Departamento de Anthropologia do Museu Nacional dos Estados Unidos da America. Annaes, 1 volume, illustrado.



# ORGANIZAÇÃO PREPARATORIA

# COMITÉ ORGANIZADOR E COMITÉS ESTADOAES

# Comité Organizador

Presidente - Dr. João Teixeira Soares.

1º Vice-Presidente - Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva.

2° » - Dr. Luiz Palmier.

3° » - Dr. Elysio de Carvalho.

Secretario-Geral — Prof. A. Morales de los Rios. 1º Thesoureiro — Dr. A. Augusto de S. Pinto.

2º Dr. Alfredo Lisbôa.

1º Secretario — Dr. M. Gitahy de Alencastro.
2º » — Dr. Raymundo Thomé Bezerra.
3º » — Dr. Paulo José Pires Brandão.

### Membros Consultivos

Senador Lauro Severiano Müller.

Conde Paulo de Frontin.

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Barão de Ramiz Galvão.

Almirante A. C. Gomes Pereira.

Dr. Sergio de Carvalho.

Dr Gonzaga de Campos.

Dr. Antonio Olyntho dos Santos Fires.

Dr. Adolpho Diniz.

Dr. Antonio Pacheco Leão

Prof. Francolino Cameu.

Dr. Escragnolle Doria.

Almirante José Carlos de Carvalho

Dr. Leopoldo Teixeira Leite.

Dr. Francisco Bhering.

Dr. João Carvalho Mourão.

Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Dr. Aurelio Lopes de Souza.

Dr. Julio Benedicto Ottoni.

Dr. José Geraldo de Bezerra Menezes.

Dr. João Coelho Gomes Ribeiro.

Dr. Léon F. Clérot.

6236

### Comité Local do Estado de Matto Grosso

Dom Aquino Corrêa.

Padre Pedro Massa.

Advogado Estevam Mendonça.

Advogado Philogonio Corrêa.

Capitão Octavio Pitaluga.

Dr. Virgilio Corrêa.

### Comité Local do Estado de São Paulo

Dr. Altino Arantes.

Dr. Affonso de Freitas.

Dr. Escragnolle Taunay.

Dom Duarte Leopoldo.

Dr. Washington Luiz.

Dr. Eugenio Egas.

Dr. Luiz Piza.

Dr. João Cardoso.

Dr. Domingos Jaguaribe.

Dr. Baptista Reimão.

Dr. Vicente de Azevedo.

Coronel Dias de Campos.

Coronel Lellis Vieira.

Professor Rocca Dordal.

### Comité Local do Estado de Minas Geraes

Dr. Arthur da Silva Bernardes.

Dr. Affonso Penna Junior.

Dr. João Luiz Alves.

Dr. Clodomiro de Oliveira.

Dr. Rodolpho Jacob.

Dr. Nelson de Senna.

Dr. Augusto de Lima.

Dr. Henrique Marques Lisbôa.

Dr. Lucio dos Santos.

Dr. Carlos Góes.

Dr. Mario de Lima.

Dr. Oswaldo de Araujo.

Dr. Noraldino de Lima.

Professor Luiz Pessanha.

Dr. Theophilo Fêu de Carvalho.

Senador Diogo de Vasconcellos.

Dr. Alvaro da Silveira.

Professor José Cypriano Soares Ferreira.

Dr. Pedro Massena.

Dr. Lourenço Baeta Neves.

Dr. Augusto Barbosa da Silva.

Dr. Daniel Serapião de Carvalho.

Dr. Eduardo Borges da Costa.

Dr. Benedicto José dos Santos.

Dr. Machado Sobrinho.

Dr. Arthur da Costa Guimarães.

Dr. Francisco Mendes Pimentel.

Dr. Cypriano de Carvalho.

Dr. Leonidas Botelho Damazio.

Dr. José Bonifacio Ribeiro de Andrada.

Desembargador Arthur Ribeiro de Oliveira.

Dr. Francisco Valladares.

Dr. José Eduardo da Fonseca.

Professor Annibal de Mattos.

### Comité Local do Estado do Rio de Janeiro

Dr. Raul Veiga.

Dr. Nilo Peçanha (fallecido).

Dr. João Guimarães.

. Dr. Oliveira Vianna.

Dr. Everardo Bakeuser.

Dr. Almir Madeira.

Dr. Americo Rodrigues.

Dr. Luiz Iparraguire.

Professor Sousa Lima.

Professor Mucio da Paixão.

Professor Vieira da Rocha.

Coronel Carlos Palmer.

Capitão Manoel Benicio.

# Comité Local do Estado do Espirito Santo

Dr. Antonio Athayde.

Dr. Levino Chacon.

Dr. Antonio Pimentel.

Dr. Henrique O' Reillys.

Dr. Paes Barreto.

Dr. Jonas Montenegro.

### Comité Local do Estado da Bahia

Conselheiro Antonio Carneiro da Rocha (Presidente).

Dr. Bernardino de Souza.

Dr. Theodoro Sampaio.

Dr. Arlindo Fragoso.

Dr. Francisco Calmon.

Dr. Pimenta da Cunha.

Dr. João Tourinho.

Dr. Reis Magalhães.

### Comité Local do Estado de Sergipe

Desembargador Caldas Barreto (Presidente).

General Oliveira Valladão (fallecido).

Dr. José Thomaz.

Dr. Costa Filho.

Desembargador Simeão Leal.

Dr. Monteiro de Almeida.

Almirante Amynthas Jorge.

Dr. Prado Sampaio.

Desembargador Arlindo Guaraná.

Professor Lima Junior.

# Comité Local do Estado de Alagôas

Dr. Manoel Diégues.

Dr. Leite e Oiticica (Presidente).

Dr. Costa Leite.

Dr. Manoel Moreira (fallecido).

Dr. Octavio Brandão.

### Comité Local do Estado de Pernambuco

Desembargador Primitivo de Miranda (Presidente).

Dr. Pedro Celso.

General Joaquim Ignacio (fallecido).

Dr. Mario Mello.

Dr. Corrêa de Britto.

Dr. Gervasio Fioravante.

Commendador Barbosa Vianna.

# Comité Local do Estado da Parahyba

Dr. Camillo de Hollanda.

Dr. Flavio Marajó.

Dr. Manuel Tavares.

Dr. Alcides Bezerra.

Dr. Ascendino Cunha.

Dr. José Gobat.

Dr. Izidro Gomes.

Dr. Dezembargador Heraclito Cavalcante.

Monsenhor Odillon Coutinho.

# Comité Local do Estado do Rio Grande do Norte

Dr. Meira e Sá.

Dr. Manuel Dantas.

Dr. Vicente da Lemos.

Dr. Henrique Castriciano.

Dr. Hemeterio Fernandes.

Dr. Nestor Lima.

Dr. Julio de Rezende.

Conego Estevam Dantas.

Coronel Pedro Soares.

### Comité Local do Estado do Ceará

Dr. João Thomé.

Dr. Thomaz Pompeo.

Barão de Studart.

Dr. Antonio Theodorico.

Dr. Couto Fernandes.

Dr. Raymundo Arruda.

Dr. Alvaro Fernandes.

Professor Antonio Bezerra.

Sr. Perdigão de Oliveira.

# Comité Local do Estado do Piauhy

Dr. Euripedes de Aguiar.

Dr. Clodoaldo de Freitas.

Dr. Heitor Castello Branco.

Dr. Edison Cunha.

Dr. Luiz Ribeiro.

Dr. Hygino Cunha.

Dr. Affonso Ferreira.

### Comité Local do Estado do Maranhão

Dr. José Marques.

Dr. Vianna Vaz.

Dr. Achilles Lisbôa.

Dr. Justo Jansen.

Dr. Franco de Sá.

Dr. Herbert Jansen.

Professor Ribeiro do Amaral.

# Comité Local do Estado do Pará

Dr. Lauro Sodré.

Dr. Ignacio Moura.

Dr. Santa Rosa.

Dr. Bento Aranha.

Conego Ulysses Penafort.

Dr. Theodoro Braga.

Dr. Palma Muniz.

Dr. Adolpho Duch.

Dr. Paulo Maranhão.

Dr. Deodoro de Mendonça.

Dr. Andrade Pinheiro.

Dr. Coitinho de Oliveira.

Dr. Monteiro de Paiva.

Dr. Manuel Lobão.



# XX Congresso Internacional de Americanistas realizado de 20 a 30 de agosto de 1922

### DIRECTORIA

### PATRONO

### DR. EPITACIO DA SILVA PESSÔA

Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

### PRESIDENTE

### DR. ANTONIO CARLOS SIMOENS DA SILVA

Formado em Sciencias Juridicas e Sociaes pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Presidente do Instituto Historico e Geographico Fluminense. Fundador e proprietario do Museu Simoens da Silva. Do Conselho Director da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Do Archivo Publico Nacional. Delegado do Governo do Brasil nos XVIIIº e XIXº Congresso Internacional de Americanistas, etc.

### PRESIDENTES HONORARIOS

THEODOR PAUÉS — Enviado Extraordinario e Ministro plenipotenciario de S. M. o Rei da Suecia.

THOMÁS B. PLEYTHE — Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario dos Paizes-Baixos.

DUARTE LEITE PEREIRA - Embaixador de Portugal.

PRINCIPE ALLIATA DI MONTEREALE E VILLAFRANCA — Encarregado de Negocios da Italia.

### **VICE-PRESIDENTES**

ALMIRANTE GOMES PEREIRA — Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

DR. LUIZ PALMIER - Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Secretario Geral do Instituto Historico e Geographico Fluminense. Membro da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

DR. ALES HRDLICKA — Chefe da Secção de Anthropologia Physica do Museu Nacional de Washington.

PROFESSOR LUCIEN LEVY-BRUHL — Membro do Instituto de França, Professor da Sorbonne.

DR. MARTIN S. NOEL — Presidente da Academia de Bellas Artes de Buenos Ayres.

DR. WILLIAM THALBITZER - Do Museu e da Universidade de Copenhague.

### VICE-PRESIDENTES HONORARIOS

STA. ADELA BRETON — Da Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.

PROFESSOR MARSHALL SAVILLE — Director do Indian American Museum of New-York e Vice-Presidente da Explorers Club de New-York.

DR. SALVADOR DEBENEDETTI — Director do Museu Ethnographico da Faculdade de Philosophia e Lettras de Buenos Ayres

DR. Moisés S. Bertoni — Membro do Instituto Paraguayo.

DIONISIO RAMOS MONTEIRO — Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Uruguay.

DR. Peter H. Goldsmith — Director da Secção Inter-Americana da Associação para a conciliação Internacional de New-York e da Carnegie Endouement.

PROFESSOR WILLIAN POWEL WILSON — Director do Museu Commercial de Philadelphia.

RAFAEL ARIZAGA - Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Ecuador.

CONDE CRESZLAW PRUSZINSKY — Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Polonia.

EDWIN VERNON MORGAN — Embaixador dos Estados Unidos da America do Norte.

### SECRETARIO GERAL

PROFESSOR ADOLPHO MORALES DE LOS RIOS — Engenheiro architecto professor da Escola Nacional de Bellas Artes do Rio de Janeiro. Presidente do Instituto dos Architectos Brasileiros. Membro do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro. Da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e do Instituto Varnhagen da Real Academia Hespanhola de Historia e do Instituto dos Archeologos de França, etc.

### SECRETARIOS

DR. LEON F. CLÉROT — Engenheiro Civil. Membro Honorario da Sociedade de Geografia y Estadistica do Mexico e Philatelica e Numismatica de S. Paulo (Brasil). Membro effectivo do Club de Engenharia do Rio de Janeiro. Da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Da Sociedade Entomologica do Brasil. Do Instituto Varnhagen. Da Sociedade Philatelica Brasileira. Da National Geographic Society de Washington e da Associação Permanente do Congresso Ferro-Viario Sul-Americano.

DR. PAULO JOSÉ PIRES BRANDÃO — Formado em Direito pela Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro. Socio honorario da Sociedade de Geografia y Estadistica do Mexico. Socio effectivo das Sociedades de Geographia do Rio de Janeiro. Da National Geographic Society de Washington, da Société de Geographie de Paris. Da Société des Americanistas de Paris. Do Instituto Varnhagen. Da Sociedade Entomologica do Brasil e correspondente da Sociedade de Geographia de Lisbôa.

DR. SYLVANUS GRISWOLD MORLEY — Professor da Carnegie Institution of Washington.

DR. ALFONSO TORO — Do Departamento de anthropologia do Ministerio da Agricultura do Mexico. Membro da Sociedade Alzate e da Sociedade de Geografia y Estadistica do Mexico e Socio Correspondente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

### SECRETARIOS HONORARIOS

PROFESSOR HERBERT SPINDEN — Do American Museum of National History de New York, E. U. A.

DR. Rosenweig Diaz — Secretario da Embaixada Mexicana.

DR. RAYMUNDO THOMÉ BEZERRA — Formado em Sciencias Jurídicas e Sociaes pela Faculdade de Direito de Recife. Secretario da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Membro do Instituto Varnhagen, dos Institutos Historico e Geographico do Ceará, Parahyba etc. e diversas associações scientificas do Brasil.

SR. MITCHELL CARROLL — Professor de Archeologia e Historia da Arte da Universidade Georges Washington. Director da Revista Art and Archeology. E. U. A.

PROFESSOR WILLIAM L. BRYANT — Director do Museum of the Buffalo Society of Natural Science.

### **THESOUREIRO**

DR. AUGUSTO DE S. PINTO — Formado em Sciencias Jurídicas e Sociaes pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Membro da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, e da Academia Fluminense de Lettras.

### DELEGADOS DOS GOVERNOS ESTRANGEIROS

### **ALLEMANHA**

Georg Plehn - Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

### ARGENTINA

Dr. Martin S. Noël.

### **BOLIVIA**

R. Paravicini — Secretario de Legação.

#### CHINA

Dr. Toung Dekien - Secretario de Legação.

### COLOMBIA

Dr. Max-Grillo — Encarregado de Negocios. General Carlos Cuervo Marquez — Enviado Extraordinario em Missão Especial.

#### DINAMARCA

Dr. William Thalbitzer.

### **EQUADOR**

Dr. Rafael M. Arizaga - Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

### ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

Dr. Walter Hough.

Dr. Peter H. Goldsmith.

Dr. Ales Hrdlicka.

Mitchell Carroll.

Dr. William Powell Wilson.

Dr. Marshall H. Saville.

Dr. I. G. Cox.

Dr. Herman G. James.

Dr. William C. Bryant.

Dr. Sylvanus G. Morley.

Dr. Herbert G. Spinden.

### FRANÇA

Professor Lucien Levy Bruhl. Jules Claine.

#### **GUATEMALA**

Dr. Carlos Augusto Faller — Consul Geral. Professor Marshall H. Saville.

### **GRECIA**

Stamati Ghiouzés Pézas — Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

### **HESPANHA**

Antonio Benitez. — Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. Catholica.

### HOLLANDA

Thomás B. Pleyte — Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. M. a Rainha dos Paizes Baixos.

### **ITALIA**

Principe Alliata di Montereale e di Villafranca — Encarregado de Negocio.

### IAPÃO

Riogy Noda — Secretario de Legação.

### **MEXICO**

Dr. José Reygadas Vértiz. Dr. Alfonso Toro.

### **PARAGUAY**

Modesto Guggiari — Ministro Plenipotenciario.

PERU'

Dr. Eurique Paz Soldán.

**POLONIA** 

Conde Crszlaw Pruszinsky - Ministro Plenipotenciario.

PORTUGAL

Dr. Duarte Leite Pereira — Embaixador. Carlos Malheiro Dias.

SUECIA

John Theodor Paués - Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

**SUISSA** 

Albert Gertsch - Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

TCHECO-SLOVAQUIA

Miroslaw J. Schubert - Encarregado de Negocios.

URUGUAY

Dionisio Ramos Montero - Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

# DELEGADOS DOS ESTADOS DO BRASIL

DISTRICTO FEDERAL

Almirante José Carlos de Carvalho,

**BAHIA** 

Conego Manoel Leoncio Gairão.

**ESPIRITO SANTO** 

Dr. Carlos Xavier Paes Barreto.

MINAS GERAES

Deputado Dr. Nelson de Senna.

PARA'

General Lauro Sodré.

### PARAHYBA DO NORTE

Dr. Ascendino Carneiro da Cunha.

# PERNAMBUCO

Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

S. PAULO

Dr. Affonso d'Escragnole Taunay.

SERGIPE

Dr. Manoel de Carvalho Neto. Deputado Dr. Gilberto Amado.

# Instituições estrangeiras representadas no XX Congresso Internacional de Americanistas

### ALLEMANHA

Staatliches Museum für Völkerkunde. (Berlim.)

#### ARGENTINA

Academia Nacional de Bellas Artes. (Buenos Aires.)

Representante: Dr. Martin S. Noël.

Bibliotheca de la Municipalidad de la Plata. (La Plata.)

Representante: Dr. Salvador Debenedetti.

Dirección General de Minas, Geología e Idrología del Ministerio de la Agricultura. (Buenos Aires.)

Facultad de Ciencias de la Educaciión de Paraná. (Entre-Rios.)

Facultad de Filosofia y Letras. (Buenos Aires.)

Representante: Dr. Salvador Debenedetti.

Junta de Historia y Numismatica. (Buenos Aires.)

Representantes: Dr. Martin S. Noël e Dr. Salvador Debenedetti.

Museo de la Plata. (La Plata.)

Representante: Dr. Salvador Debenedetti.

Museo Etnografico de la Facultad de Filosofía y Letras. (Buenos Aires.)

Representante: Dr. Salvador Debenedetti.

Museo Nacional de Historia Natural. (Buenos Aires.)

Representante: Dr. Salvador Debenedetti.

Sociedad Argentina de Ciencias Naturales. (Buenos Aires.)

Sociedad Cientifica Argentina. (Buenos Aires.)

Universidad Nacional de la Plata. (La Plata.)

Representante: Dr. Salvador Debenedetti.

### **AUSTRIA**

Akademie der Wissenschaften in Wien. (Vienna.)

Antropologische Gesellschaft von Wien. (Vienna.)

Representante: Cons. Franz Heger.

Museum für Länder und Völkerkunde. (Vienna.)

Naturwissenschaftlicher Verein. (Vienna.)

### BELGICA

Academie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux Arts de Belgique. (Bruxelles.)

Representante: Prof. Jean Massard.

### BOLIVIA

Museo Nacional de Bolivia. (La Paz.) Sociedad Geografica de La Paz. (La Paz.)

### CANADÁ

Bibliothèque de la Législature de la Province de Québec. (Québec.) Bibliothèque de l'Université de Toronto.

### CHILE

Museo de Etnología y Antropología. (Santiago.) Sociedad de Geografía de Santiago. (Santiago.) Universidad Católica de Santiago. (Santiago.) Universidad de Chile. (Santiago.)

### DINAMARCA

Museo Nacional de Copenhague. (Copenhague.)
Representante: Dr. William Thalbitzer.

Real Sociedade Dinamarqueza de Geographia. (Copenhague.)

Universidade de Copenhague (Copenhague.)

Representante: Dr. William Thalbitzer.

### ESTADOS UNIDOS DA AMERICA

Academy of Natural Science of Philadelphia. (Philadelphia.)

Representante: Dr. William Powell Wilson.

American Association for International Conciliation — Interamerican Division. (New York.)

Representante: Dr. Peter H. Goldsmith.

American Geographical Society. (New York.)
Representante: Dr. Marshall H. Saville.

American Museum of Natural History. (New York.)

Representantes: Drs. Marshall H. Saville e Herbert J. Spinden.

American Philosophical Society. (Philadelphia.)

Representante: Dr. William Powell Wilson.

Archaelogical Institute of America. (Washington, D. C.)

Representante: Dr. Mitchell Carroll.

Boston Public Library. (Boston Man.)

Brooklyn Institute of Arts and Sciences. (Brooklyn, N. Y.)

Brown University Library. (Providence, R. I.)

Buffalo Society of Natural Sciences. (Buffalo, N. Y.)

Carnegie Institution. (Pittsburgh, Pa.)

Representante: Dr. Sylvanus Griswold Morley.

Carnegie Library. (Pittsburgh, Pa.)

Representante: Dr. Sylvanus Griswold Morley.

Chicago Public Library. (Chicago, III.)

Columbia University Library. (New York, city.)

Representante: Dr. Marshall H. Saville.

Converse Memorial Library - Hamherst College.

Cornell University Library. (Ithaca, N. Y.)

Darthmouth College Library.

Explorers Club. (New York, city.)

Representante: Dr. Marshall H. Saville.

Feree Library Philadelphia. (Philadelphia, Pa)

Field Museum of Natural History. (Chicago, III.)

Fordham University. (New York, city.)

Geographical Society of Washington. (Washington, D. C)

Representante: Dr. Gilbert H. Grosvenor.

Georges Washington University Library. (Washington, D. C.)

Representante: Dr. Mitchell Carroll.

Grand Rapids Public Library. (Michigan.)

Harvard College Library. (Cambridge, Mass.)

Representante: Dr. Herbert Spinden.

Indiana State Library.

John Hopkins University Library. (Baltimore, mar.)

Leland Stanford Junior University Library. (California.)

Library of Congress. (Washington, D. C)

Los Angeles Museum of History, Science and Arts. (Los Angeles Cal.)

Representante: Dr. William Bryant.

Massachussets Historical Society Library. (Salem, Mass.)

Maya Society.

Representante: Dr. Herbert J. Spinden.

Museum of Buffalo. (Buffalo, N. Y.)

Representante: Dr. William Bryant.)

Museum of the American Indian. (New York, city.)

Representante: Dr. Marshall H. Saville.

Northwestern University. (New York, city.)

New York Public Library. (New York, city.)

New York State Library. (New York, city.)

New York University Library. (New York, city.)

Ohio State Archælogical and Historical Society. (Ohio.)

Ohio State University Library. (Ohio.)

Otis Art Institute. (Los Angeles, California.)

Representante: Dr. William Bryant.

Pan American Union. (Washington, D. C.)

Representante: Dr. Peter H. Goldsmith.

Peabody Museum - Harvard University. (Cambridge, Mass.)

Philadelphia Commercial Museum. (Philadelphia, Pa.)

Representante: Dr. William Powell Wi son.

Philadelphia Museum. (Philadelphia, Pa.)

Princeton University Library. (Princeton, N. J.)

Public Library of Cincinnati. (Cincinnati.)

Public Library of Detroil Michigan. (Detroit Mich.)

Rice Institute Library. (Honston. Texas.)

Saint Louis Public Library. (S. Louis, Mis.)

San Diego Public Library. (S. Diego, California.)

San Francinco Public Library. (S. Francisco. California.)

Smithsonian Institution. (Washington, D. C.)

Representantes: Dr Walter Hough.

Dr. Ales Hrdicka.

State Library of Colorado. (Denver, Col.)

Swathmore College Library. (Swathmore, Pa.)

United States National Museum. (Washington, D. C.)

Representante: Dr. Walter Hough.

University of Arizona Library. (Arizona.)

University of California Library. (Berkeley, California.)

University of Chicago Library. (Chicago, Ill.)

University of Georgia Library. (Athens, Ge.)

University of Illinois Library. (Urbana, Ill.)

University of Iowa Library. (Iowa City, Ia.)

University of Kansas Library. (Lawrence, Ka.)

University of Kentucky Library. (Lexington, Ky.)

University of Michigan General Library. (Michigan.)

University of Minnesota Library. (Minneapolis, Min.)

University of Missouri Library. (Columbia, Miss.)

University of Nebraska Library. (Lincoln, Ne.)

University of North Carolina Library. (Chapel. Hill, N. C.)

University of North Dakota Library. (Bismark, N. D.)

University of Pennsylvania Library. (Philadelphia, Pa.)

University of Pittsburgh Library. (Pittsburgh, Pa.)

University of Southern California Library. (Los Angeles, California.)

University of Texas Library. (Austin, Texas.)

University of Virginia Library. (Charlottesville, Va.)

University of Washington Library. (Seattle, Washington.)

University of Wisconsin Library. (Madison, Wis.)

Vanderbilt University Library. (Nashville, Tennessee.)

Watkinson Library. (Elford, Conn.)

William Beer Howard Memorial Library. (New Orleans, Louis.)

Wistar Institute of Anatomy and Biology.

Yale University Library. (New Haven, Conn.)

#### **FRANCA**

Ministère de l'Instruction Publique de la République Française. (Paris.)

Representante: Prof. Lucien Levy-Bruhl.

Société d'Anthropologie de Paris. (Paris.)

Representante: Jules Claine.

Société des Americanistes de Paris. (Paris.)

Representantes: Prof. Lucien Levy-Bruhl.

Comte Maurice de Périgny.

Jules Claine.

Société de Géographie de Paris.

Representante: Jules Claine.

#### **GUATEMALA**

Museo Nacional de Guatemala. (Guatemala.)

Representante: Marshall H. Saville.

#### HESPANHA

Union Ibero-Americana. (Madrid.)

# HOLLANDA

Archivos Geraes do Reino dos Paizes Baixos. (Haya.) Colonia de Curação.

Colonia de Surinam. (Guyanna Hollandeza.)

Departamento das Colonias. (Haya.)

Ministerio da Instrucção, Artes e Sciencias. (Haya.)

Real Sociedade Hollandeza de Bellas Artes. (Amsterdam.)

#### INGLATERRA

British Museum (Natural History.) (Londres.)

Representante: Cap. Henderson.

Geographical Society of London. (Londres.)

Representante: Ernest Hambloch.

Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. (Londres).

Representantes: Miss Adela Breton.

Cap. A. W. Fuller. Dr. Louis Clark.

# MEXICO

Academia Mexicana de Historia. (Mexico, D. F.)

Representante: Lic. Alfonso Toro.

Departamento Precolonial de la Dirección de Antropologia del Ministerio de Agricultura y Fomento. (Mexico, D. F.)

Representante: Ing. José Reygadas Vértiz.

Dirección de Antropología del Ministerio de Agricultura y Fomento (Mexico, D. F.)

Representantes: Ing. José Reygadas Vértiz.

Lic. Alfonso Toro.

Museo Nacional de Mexico. (Mexico, D. F.)

Representantes: Ing. José Reygadas Vértiz.

Lic. Alfonso Toro.

Sociedad Mexicana de Geografia y Estadistica. (Mexico, D. F.)

Representantes: Lic. Alfonso Toros.

Ing. José Reygadas Vértiz.

Universidad Nacional de Mexico. (Mexico, D. F.)

#### PARAGUAY

Instituto Paraguayo. (Asuncion.)

Representantes: Dr. Moysés Santiago Bertoni.

Dr. Matias Alonso Criado.

Museo de Bellas Artes e Historico y Biblioteca Americana. (Asuncion.)

6236

# PORTUGAL

Sociedade de Geographia de Lisbôa. (Lisbôa.)

Representantes: Dr. Carlos Malheiros Dias.

Visconde de Moraes.

Almirante Carlos Viégas Gago Coutinho.

Commandante Arthur Saccadura de Freire Cabral.

# TRANSVAAL

Museum of Transvaal. (Pretoria.)

# Instituições Brasileiras representadas no XX Congresso Internacional de Americanistas

Academia de Altos Estudos. (Rio de Janeiro.)

Academia Brasileira de Lettras. (Rio de Janeiro.)

Academia Brasileira de Sciencias. (Rio de Janeiro.)

Academia Cearense de Lettras. (Fortaleza, Ceará.)

Academia Fluminense de Lettras. (Nictheroy, E do Rio.)

Academia de Lettras do Plauhy. (Therezina, Piauhy.)

Academia de Commercio de Pernambuço. (Recife, Pernambuco.)

Academia Nacional de Medicina. (Rio de Janeiro.)

Archivo Municipal do Districto Federal. (Rio de Janeiro.)

Archivo e Museu do Estado da Bahia. (S. Salvador, Bahia.)

Archivo Publico Mineiro. (Bello Horizonte, Minas Geraes.)

Representante: Dr. Nelson de Senna.

Archivo Publico Nacional. (Rio de Janeiro.)

Representante: Dr. Luiz Gastão d'Escragnole Doria.

Associação Brasileira de Imprensa. (Rio de Janeiro.)

Associação Christã de Moços. (Rio de Janeiro.)

Representante: Dr. Erasmo Braga.

Berlitz School of Languages. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca da Camara dos Deputados. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca da Escola Normal, (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Instituto Nacional de Musica. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Instituto Pasteur. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Ministerio da Fazenda, (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Ministerio da Guerra. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Ministerio do Interior e Justiça. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Ministerio da Marinha. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Ministerio das Relações Exteriores. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Ministerio da Viação e Obras Publicas. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca do Mosteiro de S. Bento. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca e Museo da Sociedade Nacional de Agricultura. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca da Municipalidade de Caheté. (Minas Geraes.)

Bibliotheca da Municipalidade de Marianna. (Minas Geraes.)

Bibliotheca da Municipalidade de Ouro Preto. (Minas Geraes.)

Bibliotheca da Municipalidade de Sabará. (Minas Geraes.)

Bibliotheca da Municipalidade de Santo Antonio do Monte. (Minas Geraes.)

Bibliotheca Municipal da Capital Federal. (Rio de Janeiro.)

Bibliotheca Municipal da Cidade de Campos. (E. do Rio de Janeiro.)

Bibliotheca Municipal de Santa Barbara. (Minas Geraes.)

Bibliotheca Municipal de Villa Nova de Lima. (Minas Geraes.)

Bibliotheca Municipal de Alagôas. (Maceió, Alagôas.)

Bibliotheca Municipal da Bahia. (S. Salvador, Bahia.)

Bibliotheca Municipal de Belém. (Belém, Pará.)

Bibliotheca Municipal de Bello Horizonte. (Bello Horizonte, Minas Geraes.)

Bibliotheca Municipal de Cantagallo. (E. do Rio de Janeiro.)

Bibliotheca Municipal de Itaborahy. (E. do Rio de Janeiro.)

Bibliotheca Municipal de Poços de Caldas. (Minas Geraes.)

Bibliotheca Municipal de Santa Catharina. (Florianopolis, Santa Catharina.)

Bibliotheca Municipal de Sergipe. (Aracajú, Sergipe.)

Bibliotheca Municipal do Espirito Santo. (Victoria.)

Bibliotheca Municipal do Estado do Ceará. (Fortaleza, Ceará.)

Bibliotheca Municipal do Estado de S. Paulo. (S. Paulo.)

Bibliotheca Municipal do Estado de Goyaz. (Goyaz.)

Bibliotheca Municipal do Estado de Matto-Grosso. (Cuyabá.)

Bibliotheca Municipal do Estado do Rio de Janeiro. (Nictheroy.)

Bibliotheca Municipal do Piauhy. (Therezina, Piauhy.)

Bibliotheca Nacional. (Rio de Janeiro.)

Representante: Sr. Arnaldo Monteiro.

Bibliotheca Pelotense. (Pelotas, Rio Grande do Sul.)

Bibliotheca Publica do Maranhão. (S. Luiz, Maranhão.)

Bibliotheca Publica do Rio Grande do Sul. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul.)

Bibliotheca Rio Grandense. (Rio Grande, Rio Grande do Sul.)

Bibliotheca do Senado Federal. (Rio de Janeiro.)

Brazila Klubo Esperanto. (Rio de Janeiro.)

Centro de Cultura Scientifica de Pelotas. (Pelotas, Rio Grande do Sul.)

Centro de Propaganda de Sciencias.

Club de Engenharia. (Rio de Janeiro.)

. Representantes: Dr. Arthur Getulio das Neves.

Almirante José Carlos de Carvalho.

Commendador Simão da Costa.

Collegio Caraça. (Minas Geraes.)

Commissão Geologica e Geographica do Estado de S. Paulo. (S. Paulo.)

Escola de Minas de Ouro Preto. (Minas Geraes.)

Escola de Odontologia e de Pharmacia de Bello Ilorizonte. (Minas Geraes.)

Escola Mineira de Agronomia e Veterinaria. (Bello Horizonte, Minas Geraes.(

Escola Nacional de Bellas Artes. (Rio de Janeiro.)

Representantes: Dr. Diogo Chacréo.

Dr. Flexa Ribeiro.

Escola Normal de Curvello. (Minas Geraes.)

Escola Normal de Pirassinunga. (S. Paulo.)

Escola Polytechnica. (Rio de Janeiro.)

Escola Polytechnica do Estado de S. Paulo. (S. Paulo.)

Faculdade de Direito da Bahia. (S. Salvador, Bahia.)

Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. (Rio de Janeiro.)

Faculdade de Direito de Bello Horizonte. (Minas Geraes.)

Faculdade de Direito de Recife. (Recife, Pernambuco.)

Representante: Dr. Annibal da Fonseca.

Faculdade de Medicina da Bahia. (S. Salvador, Bahia.)

Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. (Rio de Janeiro.)

Faculdade de Medicina de Bello-Horizonte. (Minas Geraes.)

Faculdade Hannemaniana do Brasil. (Rio de Janeiro.)

Gymnasio Anchieta. (Nova Friburgo, E. do Rio.)

Gymnasio Anglo Brasileiro. (Leblon, Rio de Janeiro.)

Gymnasio de Campinas. (Campinas, E. de S. Paulo.)

Gymnasio Pedro II. (Rio de Janeiro.)

Gymnasio Paes de Carvalho. (Belém, E. do Pará.)

Gymnasio Ypiranga. (S. Salvador, Bahia.)

Representante: Conego Manoel Leoncio Gairão.

Instituto Archeologico e Geographico de Alagôas. (Maceió, E. de Alagôas.) Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco. (Recife, E. de Per-

nambuco.)

Instituto Bacteriologico e Serviço Sanitario do Estado de S. Paulo. (S. Paulo.)

Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. (Rio de Janeiro.)

Instituto da Ordem dos Advogados de Pernambuco. (Recife, Pernambuco.)

Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia. (Rio de Janeiro.)

Instituto Geographico e Historico da Bahia. (S Salvador, Bahia.)

Instituto Historico e Geographico Brasileiro. (Rio de Janeiro.)

Instituto Historico e Geographico do Amazonas. (Manáos, Amazonas.)

Instituto Historico e Geographico do Ceará. (Fortaleza, Ceará)

Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo. (Victoria, Espirito Santo.)

Instituto Historico e Geographico Fluminense. (Nictheroy, E. do Rio de Janeiro.)
Representante: Dr. Luiz Palmier.

Instituto Historico e Geographico de Goyaz. (E. de Goyaz.)

Instituto Historico e Geographico do Maranhão. (S. Luiz, Maranhão.)

Instituto Historico e Geographico de Matto Grosso. (Cuyabá, Matto Grosso.)

Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes. (Bello-Horizonte, Minas Geraes.)

Instituto Historico e Geographico do Pará. (Belém, E. do Pará.)

Representante: Dr. Lauro Sodré.

Instituto Historico e Geographico do Paraná. (Curityba, Paraná.)

Instituto Historico e Geographico Parahybano. (Parahyba do Norte, E. da Parahyba.)

Instituto Historico e Geographico do Piauhy. (Therezina, E. do Piauhy.)

Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte. (Natal, Rio Grande do Norte.)

Instituto Historico e Geographico do Rio Crande do Sul. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul.)

Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. (S. Paulo.)

Representante: Dr. Affonso d'Escragnole Taunay.

Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina. (Florianopolis, Santa Catharina.)

Instituto Historico e Geographico de Sergipe. (Aracajú, Sergipe.)

Representante: Desembargador Manoel Caldas Barreto.

Instituto La-Fayette. (Rio de Janeiro.)

Instituto Oswaldo Cruz. (Manguinhos, Rio de Janeiro.)

Instituto Physiotherapico. (Rio de Janeiro.)

Instituto Serumtherapico de Butantam. (S. Paulo.)

Instituto Vital Brasil. (Nictheroy, E. do Rio de Janeiro.)

Jardim Botanico. (Rio de Janeiro.)

Laboratorio Nacional de Analyses. (Rio de Janeiro.)

Lyceu de Artes e Officios da Bahia. (S. Salvador, Bahia.)

Lyceu de Artes e Officios de S. Paulo. (S. Paulo.)

Lyceu de Humanidades de Campos. (E. do Rio de Janeiro.)

Museu e Bibliotheca da Marinha. (Rio de Janeiro.)

Representante: Almirante José Carlos de Carvalho.

Museu Commercial. (Rio de Janeiro.)

Museu do Pará (museu Gældi). (Belém, E. do Pará.)

Museu Marianno Procopio. (Juiz de Fóra, E. de Minas Geraes.)

Museu Nacional (Rio de Janeiro.)

Representantes: Drs. Roquette Pinto e A. Childe.

Museu Paranáense. (Curytiba, E. do Paraná.)

Museu Paulista. (S Paulo.)

Representantes: Drs Alfredo d'Escragnole Taunay e Roquette Pinto.

Museu Rocha. (Fortaleza, E. do Ceara.)

Museu Simoens da Silva. (Rio de Janeiro.)

Representante: Dr. Simoens da Silva.

Observatorio Astronomico. (Rio de Janeiro.)

Ordem Franciscana de Ouro Preto (Minas Geraes)

Posto Experimental de Veterinaria de Bello Horizonte. (Minas Geraes.)

Real Gabinete Portuguez de Leitura. (Rio de Janeiro.)

Sanctuario de Congonhas do Campo. (Minas Geraes.)

Seminario Archiepiscopal de Marianna. (Minas Geraes.)

Serviço de Protecção aos Indios. (Rio de Janeiro.)

Serviço Geologico e Geographico do Ministerio da Agricultura. (Rio de Janeiro.)

Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. (Rio de Janeiro.)

Representante: Almirante Gomes Pereira.

Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. (Rio de Janeiro.)

Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo. (S. Paulo)

Representante: Dr. Oscar Teixeira de Carvalho.

Sociedade de Medicina de Curityba. (E. do Paraná.)

Sociedade Entomologica do Brasil. (Rio de Janeiro.)

Representante: Dr. Benedicto Raymundo.

Sociedade Mineira de Bellas Artes. (Bello Horizonte, E. de Minas Geraes.)

Sociedade Philatelica Paulista. (S. Paulo.)

Sociedade Propagadora de Bellas Artes. (Lyceu de Artes e Officios. (Rio de Janeiro.

Representante: Dr. Francisco Bethencourt da Silva.

# LISTA ALPHABETIGA DOS MEMBROS DO GONGRESSO

### A

Academia Brasileira de Lettras. - Rio de Janeiro - Brasil.

Academia Cearense de Lettras. — Fortaleza — Ceará — Brasil.

Academia de Altos Estudos. - Rio de Janeiro. - Brasil.

Academia de Lettras do Piauhy. - Therezina - Piauhy - Brasil.

Academia do Commercio de Pernambuco. — Recife — Pernambuco — Brasil.

Academia Nacional de Bellas-Artes. — Buenos Aires. — Rep. Argentina. Academia Nacional de Historia. — Mexico — D. F. Rep. Mexicana. Academia Royale des Sciences des Lettres et des Beaux Arts de Bel-

gique. — Bruxellas — Belgica.

Academy of Natural Science. — Philadelphia. — Pa. — E. U. da America.

Adams. (Harriet Charmers) — Writer Lectures. — The Malborough. —Washington — D. C. — E. U. da America.

Adams (Franklin). — Counselor — Pan American Union. Washington, D. C. — E. U. da America.

Adler. (Cyrus.) — The Dropsie College — Philadelphia — Pa. E. U. da America.

Agencia Americana. — Avenida Rio Branco 128 — Rio de Janeiro. — Brasil

Aitchison (Clyde B.) 202 Clifton Terrace W. Washington D. C. — E. U. da America.

Albuquerque. (Dr. Alexandre de) Real Gabinete Portuguez de Leitura Rio de Janeiro — Brasil.

Albuquerque (Major Miguel Archanjo Tenorio de). Engenheiro Militar.

—Rua D. Maria, 97. — Rio de Janeiro — Brasil.

Albuquerque (Dr. Tancredo de). Advogado. — Rua do Rosario, 161. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Alencastro (Dr. M. Gitahy de). Rua Silveira Martins, 26. — Rio de Janeiro.

Alliata di Montereale e Villafranca (Principe). Encarregado de Negocios da Italia no Brasil. — Embaixada da Italia. — Rio de Janeiro — Brasil.

Almeida (Dr. Vital de). Professor do Collegio Pedro II. — Rua Visconde de Pirassinunga, 27. — Rio de Janeiro — Brasil.

Alves Pereira (Dr. Firmo). Engenheiro civil. — Rua N. S. de Copacabana, 869. — Rio de Janeiro — Brasil.

Amado (Dr. Gilberto). Deputado Federal. — Camara dos Deputados. — Rio de Janeiro — Brasil.

American Association for International Conciliation (Interamerican Division). 407 West. 117th. Street. New York. City. — E. U. da America.

American Geographical Society. New York City. - E. U. da America.

American Museum of Natural History. — 77 Street and Central Park. West. New York City. — E. U. da America.

American Philosophical Society. — 104 South-Flath St. Philadelphia Pa. E. U. da America.

Americano do Brasil (Dr. Antonio). Deputado Federal. — Rua Ribeiro de Almeida, 36. — Rio de Janeiro — Brasil.

Amorelli (Dr. José). Professor. — Rua Mariz e Barros, 175. — Rio de Janeiro — Brasil.

Andrade (Dr. Alfredo de). Professor do Museu Nacional. — Rua General Polydoro, 74. — Rio de Janeiro — Brasil.

Andrada e Silva (Dr. José Bonifacio de). Deputado Federal. — Rio de Janeiro — Brasil.

Anthropologische Gesellschaft von Wien. - Vienna - Austria.

Araujo (Dr. Henrique de). Professor.—318 Rua Senador Euzebio.—Rio de Janeiro — Brasil.

Araujo Vianna (Dr. Victor de). Redactor do "Jornal do Commercio".— Avenida Rio Branco. — Rio de Janeiro — Brasil.

Archaeological Institute of America. The Octagon. — Washington D. C. E. U. da America.

Archivo e Museo da Bahia. — São Salvador. — Bahia — Brasil.

Archivos Geraes do Reino dos Paizes Baixos. — Haya — Hollanda.

Archivo Municipal do Districto Federal. — Prefeitura Municipal. — Rio de Janeiro — Brasil.

Archivo Publico Mineiro. — Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil. Archivo Publico Nacional. — Rio de Janeiro — Brasil.

Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (D. Joaquim). Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro. — Palacio S. Joaquim. — Rio de Janeiro — Brasil.

Arizaga (Dr. Rafael). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Equador. — Legação do Equador. — Rio de Janeiro — Brasil.

Assis Rezende (Dr. Antonio de Padua). Rua Conde de Baependy, 84.— Rio de Janeiro — Brasil.

Associação Brasileira de Imprensa. — Rua Evaristo da Veiga. — Rio de Janeiro — Brasil.

Associação Christã de Moços. — Rua da Quitanda, 47. — Rio de Janeiro — Brasil.

Athayde (Bellarmino Austregesilo de). Redactor da "A Tribuna". — Rio de Janeiro — Brasil.

Austregesilo (Dr. Antonio). Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro — Brasil.

★ Azevedo (Marechal Gregorio Thaumaturgo de). Rua das Laranjeiras, 417. — Rio de Janeiro — Brasil.

Azevedo (Dr. José Affonso M. de). Advogado. — Avenida Rio Branco, 128. — Rio de Janeiro — Brasil.

Azevedo Marques (Dr. J. M. de). Ministro das Relações Exteriores do Brasil. — Palacio Itamaraty. — Rio de Janeiro — Brasil.

Azevedo (Dr. Olegario de). Medico. — Rua do Riachuelo, 341. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ayer (Edward G.). Railway Exchange Building Chicago. — III. — E. U. da America.

#### B

Baerlein (Dr. Fernando). Engenheiro eivil. — Praça Tiradentes, 73. — Rio de Janeiro — Brasil.

Baptista (Dr. Benjamin). Rua Almirante Gonçalves, 10. — Rio de Janeiro — Brasil.

Baptista Cardoso (General Joaquim Ignacio). Ministerio da Guerra.—Rio de Janeiro — Brasil.

Baptista (Dr. Raul). Museo Nacional. - Rio de Janeiro - Brasil.

Barbosa (Dr. Arthur Silveira). — Rua Visconde da Silva, 41. — Rio de Janeiro — Brasil.

Barbosa de Faria (Dr. João). Chefe do Departamento de Ethnographia da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosse ao Amazonas (Missão Rondon). — Rua das Laranjeeiras, 232 (1°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Barbosa (Dr. Horta). Director do Serviço de Protecção aos Indios. --Ministerio da Agricultura. — Rio de Janeiro — Brasil.

Barbosa Rodrigues Junior (Dr. João). Vice-Director do Jardim Botanico do Rio de Janeiro. — Rua Santa Alexandrina, 124 (1°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Barros Falcão de Lacerda (Dr. Eugenio). Professor da Faculdade de Direito. — Rua Voluntarios da Patria, 79. — Rio de Janeiro — Brasil.

Barros Paiva (Tancredo de). Bibliophilo e Bibliographo. — Rua das Laranjeiras, 432. — Rio de Janciro — Brasil.

Barrêtto (Dr. Olympio). Rua Moreira Cezar, 286. — Nictheroy — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Barroso (Dr. Gustavo). Director do Museo Historico. — Rua da Republica do Perú, 62 (1°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Barton Payné (Judge John). - E. U. da America.

Bastos Tigre (Dr. Manoel). Bibliothecario do Museo Nacional. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bayma (Dr. Celso). Deputado Federal. — Rua Buenos Aires, 24. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bean (Robert Bennet). Prof. of Anatomy. School of Medicine. Tulane University. — P. O. Station 20. — New Orleans St. — E. U. da America.

★ Behring (Dr. Francisco). Engenheiro civil. Director Geral dos Telegraphos. — Rio de Janeiro — Brasil.

Benigno (Coronel Laudelino). — Rua Silveira Martins, 183. — Rio de Janeiro — Brasil.

Benitez (Dr. Antonio). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Hespanha. — Legação da Hespanha. — Rio de Janeiro — Brasil.

Benitez (Dr. Leopoldo A.). Professor da Escola Normal de Professores. — Calle Antequera, 324. — Asunción — Paraguay.

Benjamin (Kinseman). Embaixador Especial da Nicaragua. — Rio de Janeiro — Brasil.

Berger (Louise). Escriptora. — Point Lomas. — San Diego. — California. — E. U. da America.

Berlitz School of Languages. — Avenida Rio Branco, 110 (4). — Rio de Janeiro — Brasil.

Bernardes (Dr. Arthur da Silva). Presidente do Estado de Minas Geraes.

--Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil.

Bertoni (Aristoteles). Puerta Bertoni. - Alto Paraná. - Paraguay.

Bertoni (Dr. Guillelmo Tell). Puerto Bertoni. — Alto Paraná. — Paraguay.

Bertoni (Dr. Moisés Santiago). Puerto Bertoni. — Alto Paraná. — Paraguay.

Bevilacqua (Dr. Clovis). Consultor Jurídico do Ministerio das Relações Exteriores. — Rua Aristides Lobo, 209. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bezerra de Menezes (Dr. Geraldo). — Gragoatá. — Nictheroy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Bezerra (Dr. Raymundo Thomé). Advogado. — Rua Cosme Velho, 274. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bibliotheca da Camara dos Deputados. — Rio de Janeiro — Brasil,

Bibliotheca da Escola Normal. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bibliotheca da Municipalidade de Caheté. — Minas Geraes — Brasil.

Bibliotheca da Municipalidade de Marianna. — Minas Geraes — Brasil.

Bibliotheca da Municipalidade de Ouro-Preto. — Minas Geraes — Brasil.

Bibliotheca da Municipalidade de Sabará. — Minas Geraes — Brasil.

Bibliotheca da Municipalidade de Santa Barbara. — Minas Geraes —

Bibliotheca da Municipalidade de Santa Barbara. — Minas Geraes — Brasil.

Bibliotheca da Municipalidade de Santo Antonio do Monte. — Minas Geraes — Brasil.

Bibliotheca da Municipalidade de Villa Nova de Lima. — Minas Geraes — Brasil.

Bibliotheca da Policia Militar do Rio de Janeiro. — Avenida Salvador de Sá. — Rio de Janeiro — Brasil.

Biblioteca de la Universidad de La Plata. — La Plata. — Rep. Argentina. Bibliothca do Senado Federal. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bibliotheca Municipal da Bahia. — S. Salvador. — Bahia — Brasil.

Bibliotheca Municipal da Cidade de Campos. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Bibliotheca Municipal da Capital do Estado de Sergipe. — Aracajú. — Sergipe — Brasil.

Bibliotheca Municipal de Belém do Pará. — Pará — Brasil.

Bibliotheca Municipal de Bello Horizonte. — Estado de Minas Geraes — Brasil.

Bibliotheca Municipal de Alagôas. — Maceió — Alagôas — Brasil.

Bibliotheca Municipal de Cantagallo. -- E. do Rio de Janeiro -- Brasil.

Bibliotheca Municipal de Itaborahy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Bibliotheca Municipal de Poços de Caldas. — Minas Geraes — Brasil.

Bibliotheca Municipal do Districto Federal. — Rio de Janeiro — Brasil. Bibliotheca Municipal do Estado do Ceará. — Fortaleza. — Ceará —

Brasil.

Bibliotheca Municipal do Estado do Espirito Santo. — Victoria. — Espirito Santo — Brasil.

Bibliotheca Municipal do Estado de Goyaz. — Goyaz — Brasil.

Bibliotheca Municipal do Estado de Matto Grosso. — Cuyabá. — Matto Grosso — Brasil.

Bibliotheca Municipal do Estado do Piauhy. — Therezina. — Piauhy — Brasil.

Bibliotheca Municipal do Estado do Rio de Janeiro. — Nictheroy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Bibliotheca Municipal do Estado do Rio Grande do Sul. — Porto Alegre. — Rio Grande do Sul — Brasil.

Bibliotheca Municipal do Estado de Santa Catharina. — Florianopolis. — Santa Catharina — Brasil.

Bibliotheca Municipal do Estado de São Paulo. — São Paulo -- Brasil.

Bibliotheca Nacional. — Avenida Rio Branco. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bibliotheca Pelotense. — Pelotas. — Rio Grande do Sul — Brasil.

Bibliotheca Publica do Maranhão. — São Luiz. — Maranhão — Brasil.

Bibliotheca Rio Grandense. — Rio Grande. — Rio Grande do Sul — Brasil.

Bibliothèque de la Legislature de la Province de Québec. — Québec —

Bibliothèque de la Legislature de la Province de Québec. — Quebec — Canadà. Bingham (Prof. Hiram). 187 Prospect Street. — New Haven. — Conn. — E. U. da America.

Bleyer (George Klarke). Medico. — E. de Santa Catharina — Brasil. Blios (William H.). P. O. Box 596. — Santa Barbara. — California — E. U. da America.

Boardman (Sta. Mabel I.). P. Street. — Washington, D. C. — E. U. da America.

Boardman (Snra. W. J.). P. Street. — Washington. D. C. — E. U. da America.

**Boas (Prof. Franz).** Prof. of Anthropology-Columbia University. — New York City. — E. U. da America.

Boaz Long (Hon.). Norman Oil Co. — 56 Pine Street. — New York City. E. U. da America.

Bocayuva Cunha (Dr. Ranulpho). Prefeito da Cidade de Nietheroy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Boetsma (G. S.). Gerente Geral da Standard Oil Co. of Brasil. — Avenida Rio Branco, 9 (3°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Boiteux (Dr. José Arthur). Dezembargador. — Curityba. — Paraná — Brasil.

Boman (Prof. Erich). Museo Nacional de Buenos Aires. — Buenos Aires. — Rep. Argentina.

Boone Douglas (William), 1851 Irving Street N. W. Washington. — E. U. da America.

Borges de Barros (Dr. Francisco). Director do Museo e Archivo Publico da Bahia. — S. Salvador, Bahia — Brasil.

Borges da Costa (Dr. Eduardo). Director da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil.

Borges de Medeiros (Dr.). Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. — Rio Grande do Sul — Brasil.

Boston Public Library. - Boston, Mass. - E. U. da America,

Bowmann (Dr. Isaiah). Director da American Geographical Society.— Broadway 156th. Street. — New York. City. — E. U. da America.

Braga (Dr. Theodoro). Professor da Escola Nacional de Bellas Artes.— Rua do Riachuelo, 124. — Rio de Janeiro — Brasil.

★ Branner (Dr. John C.). Presidente Emeritus da Lilei Stanford University. — Palo Alto. California. — E. U. da America.

**Brasil (Etienne).** Professor. — Rua Capitão Salomão, 42. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bravo (Dr. Altamiro). Engenheiro. — Rua Benjamin Constant. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bravo (Dr. Antonio). Realengo. — Rio de Janeiro — Brasil.

Brazila Klubo Esperanto. — Praça 15 de Novembro, 101 (2º). — Rio de Janeiro — Brasil.

Breton (Sta. Adela C.). Assistente do Royal Anthropological Institute of Great-Britain and Ireland. — Great Runel Street. London — Inglaterra.

Bridge (Dr. Norman). Presidente da "Pan American Petroleum and Transport Co". — 120 Broadway, New York City. — E. U. da America.

British Museum of Natural History. - London. - Inglaterra.

Britto (Dr. Aurelio de). Redactor da "A Patria". — Rio de Janeiro — Brasil.

Bromberg (M. D.). President. Chicle Development West 441. Th. Street.

— New York City. — E. U. da America.

Brooklyn Institute of Arts Ancients. — Eastern Parkway. — Brooklyn. — New York. — E. U. da America.

Brown (Dr. Joseph F.). Avenida Rio Branco, 9 (3°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Brown University Library. — Providence, R. I. — E. U. da America. Brownson (Willard H.). Almirante. — 1751 N. Street, Washington D. C. — E. U. da America.

Brüggeman (Henrique). Rua Theophilo Ottoni, 96. — Rio de Janeiro — Brasil.

Bryant (Dr. William L.). Director do Museo de Buffalo. — Buffalo Society of Natural Sciences. Buffalo. — N. Y. — E. U. da America.

Buffalo Society of Natural Sciences. — Buffalo N. Y. — E. U. da America. Bulkeley (Sta. Mary). — Vermejo Ranch-Wagon Mound. — New Mexico — E. U. da America.

Bunge (Dr. Carlos Octavio) Suprema Côrte de Apelación. — Buenos Aires. — Rep. Argentina.

Bushnell Junior (David J.). — Bull. American Ethnology. — Smithsonian Institute. — Washington D. C. — E. U. da America.

Busto (Dr. A. Rodriguez del). Professor de la Universidad de Cordoba. — Cordoba. — Rep. Argentina.

### C

Cabral (Dr. Emygdio). Medico. — Rua Voluntarios da Patria, 396. — Rio de Janeiro — Brasil.

Caldas Barreto (Dr. Manoel). Dezembargador, Presidente do Tribunal de Justiça de Sergipe. — Aracajú. — Sergipe — Brasil.

Calhoun (C. C.) Evans Building. — Washington D. C. — E. U. da America.

Calmon du Pin e Almeida (Dr. Miguel). Engenheiro civil. — Deputado federal. — Rua S. Clemente, 284. — Rio de Jameiro — Brasil.

Calmon Vianna (Dr. Miguel). Advogado. — Ladeira do Ascurra, 55. — Rio de Janeiro — Brasil.

Calogeras (Dr. João Pandiá). Ministro da Guerra. — Rua Voluntarios da Patria, 422. — Rio de Janeiro — Brasil.

Camara Cascudo (Luiz da). Jornalista. — Natal. — Rio Grande do Norte. Brasil.

Camargo (Dr. João). Director do Gymnasio Pio-Americano. — Tua Teixeira Junior, 48. — Rio de Janeiro — Brasil.

Cameo (Francolino). Professor. — Senado Federal. — Rio de Janeiro — Brasil.

Campos (Dr. Gonzaga). Engenheiro civil. Director do Serviço Geologico e Mineralogico do Ministerio da Agricultura. — Rua Sorocaba, 147. — Rio de Janeiro — Brasil.

Campos Ortiz (Dr. M.). Secretario da Embaixada do Mexico. — Rio de Janeiro — Brasil.

Camuyrano (Commendador Luiz). — Rua da Republica do Perú, 49. — Rio de Janeiro — Brasil.

Carbonell (Dr. Diego). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Venezuela. — Hotel Gloria. — Rio de Janeiro — Brasil.

Cardoso (Coronel Fridolino). Director presidente do Caminho Aereo Pão de Assucar. — Rua Voluntarios da Patria, 35. — Rio de Janeiro — Brasil.

Carmona (Jorge de). — Apartador Postal, 1.273. — Mexico D. F. — Republica Mexicana.

Carnegie Library. - Schenley Park Pitsburgh Pa. - E. U. da America.

Carneiro da Cunha (Dr. Ascendino A.). Deputado federal -- Camara dos Deputados. -- Rio de Janeiro -- Brasil.

Carneiro da Cunha (Dr. José Marianno). Medico. — Avenida Rio Branco, 25. — Rio de Janeiro — Brasil.

Carneiro da Cunha (Dr. Olegario Marianno). Escriptor. — Rua Real Grandeza, . — Rio de Janeiro — Brasil.

Carroll (Dr. Mitchell). Director and Editor of the "Arts and Archaelogy.
—1741 New York Street — Washington D. C. — E. U. da America.

Carvalho Borges (Dr. Ernesto de). Rua Santa Alexandrina, 946. — Rio de Janeiro — Brasil.

Carvalho (Dr. Domingos Sergio). Director da Secção de Anthropologia do Musêo Nacinal. — Rua Anchieta, 25. — Rio de Janeiro — Brasil.

Carvalho (Dr. Elysio de). Escriptor — Director do "Monitor Mercantil". — Rua 1º de Março, 96 (3º) — Rio de Janeiro — Brasil.

Carvalho (Epaminondas de). Presidente da Academia Fluminense de Lettras. — Rua Visconde de Itaborahy, 491. — Nictheroy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Carvalho (Almirante José Carlos de). Do Conselho Director do Club de Engenharia. — Avenida Rio Branco, 124. — Rio de Janeiro — Brasil.

Carvalho Mourão (Dr. João). Presidente do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. — Rua da Alfandega, 26 (2°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Carvalho Neto (Dr. Manuel de).

Aracajú. - Sergipe - Brasil.

Castella Simões (Dr. Fernando). Medico. — Rua Duque de Caxias, 98. — Ribeirão Preto. — S. Paulo — Brasil.

Castilho (Dr. Rafael J.). Calle Mercedes, 38.—Santo Domingo.—Republica Dominicana.

Cavalcanti (Dr. André). Ministro do Supremo Tribunal Federal. — Rua do Riachuelo, 117. — Rio de Janeiro — Brasil.

Cavalcanti Pontes de Miranda (Dr. Francisco). Juiz — Escriptor. — Rua do Aqueducto, 515. — Rio de Janeiro — Brasil.

Celestino (Coronel Pedro). Presidente do Estado de Matto Grosso. — Cuyabá. — Matto Grosso — Brasil.

Centro de Cultura Scientifica. — Pelotas. — Rio Grande do Sul — Brasil. Centro Propagador de Sciencias. — Belém. — Pará — Brasil.

Cernuda (Lic. I. A.). — Calle Mercedes, 38.— Santo Domingo—Republica Dominicana.

Chicago Public Library — Chicago Ill — E. U. da America.

Chrysantheme (Mme.). Escriptora — Jornalista — Rua Assis Bueno, 35. — Rio de Janeiro — Brasil.

Claine (Jules). Consul aposentado. — Boulevard St. Germain, 182. — Paris — França.

Clark (Harold T.) Secretary Cleveland Museum of Natural History. — Cleveland. — Ohio — E. U. da America.

Clark (Dr. Luiz) do Royal Anthropological Institute of Great Brittain and Ireland. — Londres — Inglaterra.

Cleary (Commander Francis J.). Army and Navy Club. — Washington D. C. — E. U. da America.

Clérot (Dr. Léon F.). Engenheiro civil — Archeologo. — Praia do Flamengo, 84. — Rio de Janeiro — Brasil.

Clifton (C. E.). — 1425. Belmont Street. — Washington D. C. — E. U. da America.

Club de Engenharia — Avenida Rio Branco, 124. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Club dos Diarios. - Rua do Passeio, 90. - Rio de Janeiro - Brasil.

Club Militar. — Avenida Rio Branco, 251. — Rio de Janeiro — Brasil.

Club Naval. — Avenida Rio Branco, 180. — Rio de Janeiro — Brasil.

Coelho de Senna (Dr. Nelson). Deputado federal. - Camara dos Deputados. - Rio de Janeiro - Brasil.

Cole (Snra. E. V.). - Murfreesboro Pike Nashville, Tenn. - E. U. da America.

Colier (Colonel David C.). Commissario geral dos E. U. da America na Exposição do Centenario do Brasil.—Interior Building.—Room 5105.— Washington D. C. - E. U. da America.

Collegio Caraça. — Caraça. — Minas Geraes — Brasil.

Cólman (Dr. Narciso R.). Magistrado e Escriptor. — Luis Alberto Herrera. 449. — Assunción — Paraguay.

Colonia de Curação (Departamento da). — Indias Hollandezas.

Colonia de Surinam (Departamento da). — Guyana Hollandeza.

Colonias Hollandezas (Departamento das). — Haya — Hollanda.

Colton (Dr. Harold J.). University of Pensylvania. — Philadelphia Pa.— E. U. da America.

Columbia University Library. — New York City. — E. U. da America. Commissão Geologica e Geographica do Estado de S. Paulo. — S. Paulo. -Brasil.

Companhia Cantareira e Viação Fluminense. — Praça 15 de Novembro. — Rio de Janeiro - Brasil.

Companhia Commercio e Navegação. — Avenida Rio Branco, 110 (2°).— Rio de Janeiro — Brasil.

Companhia Nacional de Navegação Costeira. — Avenida Rodrigues Alves, 303. — Rio de Janeiro — Brasil.

Conty (Alexandre Robert). Embaixador da França. — Embaixada da Franca. — Rio de Janeiro — Brasil.

Converse Memorial Library. — Amherst College. — Philadelphia Pa. - E. U. da America.

Cooper Clark (Major J.). - Elgin, Scotland - Gra Bretanha.

Cooper (Rev. John M.). Catholic University. — Washington D. C. — E. U. da America.

Corby (William S.). Chevy-Chase, Maryland - E. U. da America.

Cordeiro (A.). Nacional City Bank of New-York. - Avenida Rio Branco, . 83 e 85. — Rio de Janeiro — Brasil.

🛣 Cordeiro da Graça (Almirante João). — Rua Senador Dantas, 13. — Rio de Janeiro - Brasil.

Cornell University Library. — Ithaca. — New York — E. U. da America. Correia (Dr. Carolino). Medico. — Rua Voluntarios da Patria, 207. — Rio de Janeiro - Brasil.

Correia de Araujo (Dr. C. J.). Magistrado. — Rua da Estancia, 208. — Recife. — Pernambuco — Brasil.

Costa (Albino). — Rua Pedro Americo, 30. — Rio de Janeiro — Brasil.

Costa (A. Leal V. da). — Caixa Postal, 113. — Rio de Janeiro — Brasil. Costa Filho (Dr. Luiz José da). Professor do Atheneo Sergipano. -

Aracajú. — Sergipe — Brasil.

Costa Lima (Dr. Adolpho Cirne). Director da Faculdade de Direito de Recife. — Recife. — Pernambuco — Brasil.

X Costa (Commendador Simão da). Avenida Rio Branco, 259. — Rio de Janeiro — Brasil.

Costa Souza Soares (Murillo). Chefatura de Policia. - Nictheroy. - E. do Rio de Janeiro - Brasil.

Couto Fernandes (Dr. Alberto). Engenheiro civil—Sub-Director do Trafego—Telegrapho Nacional.—Rio de Janeiro—Brasil.

Coutto (Dr. Pedro do). Professor do Collegio Pedro II.—Rua Otto de Alencar, 33. — Rio de Janeiro — Brasil.

Cox (Dr. J. J.). Professor de Historia Americana. North Western University.—

E. U. da America.

Crespo Toral (Dr. Remigio). Guayaquil - Ecuador.

Criado (Dr. Matias Alonso). Advogado. - Assunción - Paraguay.

Cruchaga Tocornal (Miguel). Embaixador do Chile. — Praia de Botafogo, 290. — Rio de Janeiro — Brasil.

**Cruz (Dr. Milton da).** Professor. — Praia do Flamengo, 2. — Rio de Janeiro — Brasil.

Cuervo Marquez (General Carlos). Embaixador especial da Colombia no Brasil. — Bogotá — Colombia.

Cullens (Sta. Margaret M.). 1600 Massachussets Ave. Washington D. C. — E. U. da America.

Cunha Machado (Dr. R.). Presidente do Estado do Maranhão. — S. Luiz. — Maranhão — Brasil.

Cunha Maciel (Dr. Affonso Glycerio da). Engenhiero civil. — Rua da Piedade, 22. — Rio de Janeiro — Brasil.

Cutler (Clifford A.). — 172 Lineowood Ave. — Buffalo. — New York — E. U. da America.

#### D

Danforth (Professor C. H.). — Washington University. — Saint Louis. — Miss — E. U. da America.

Dantas (Dr. Manoel). Prefeito da cidade de Natal. — Natal. — Rio Grande do Norte. — Brasil.

Darcy (Dr. James). Advogado — Vice-Presidente do Conselho da Caixa Economica. — Rua do Rosario, 17. — Rio de Janeiro — Brasil.

Dartmouth College Library. - Nova Scotia - America.

**Debenedetti (Dr. Salvador).** Director do Musêo Etnografico de la Facultad de Filosofia y Letras. → Calle Viamonte, 430. — Buenos Aires — Republica Argentina.

**Dekien (Dr. Toung).** Secretario da Legação da China. — Legação da China. — Rio de Janeiro — Brasil.

Delfino dos Santos (Dr. Thomaz). Professor da Escola Normal do Districto Federal. — Rio de Janeiro — Brasil.

Dennett (Hon. Fred.). The Cairo.—Washington D. C.—E. U. da America.
Densmore (Sta. Francis). Smithsoninam Institution.—Washington D. C.
— E. U. da America.

Denys (Rev. F. Ward.). 1733 Y Street. — Washington D. C.—E. U. da America.

Departamento Precolonial de la Dirección de Antropologia del Ministerio de Agricultura y Fomento. — Mexico D. F. — Republica Mexicana.

**Desjardins (Joseph).** Bibliothécaire de la Législature de la Province de Québec. — Québec — Canadá.

Dias da Rocha (Professor). Proprietario do Musêo Rocha. — Fortaleza. Ceará — Brasil.

Diégues (Manuel). Dezembargadr. — Macció. — Alagóas — Brasil.

Dimock (Snra. Henry F.), 1301 Sixteenth Street. — Washington D. C.— E. U. da America.

Diogo (Dr. Julio Cezar). Medico. — Musêo Nacional. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Direccion de Antropologia del Ministerio de Agricultura y Fomento de Mexico. — Mexico D. F. — Republica Mexicana.

Direccion General de Minas, Geologia e Idrologia del Ministerio de Agricultura. — Calle Maipú 1241. — Buenos Aires — Republica Argentina.

Dixon (Professor Roland B.). Harward University, Cambridge Mass — E. U. da America.

Dodsworth (Dr. Henrique de Toledo). Medico. — Rua Marquez de Abrantes, 136. — Rio de Janeiro — Brasil.

Doellinger da Graça (Dr. Firmino Von). Medico. — Rua Almirante Gonçalves, 29. — Rio de Janeiro — Brasil.

Domingos Gomes (Dr. Alvaro). Imprensa Nacional. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Douglas (Hon. Albert). Stoneleigh Court. — Washington D. C. — E. U. da America.

Duarte Leite Pereira da Silva (Dr.). Embaixador de Portugal. — Rio de Janeiro — Brasil.

**Durval Sergio Pereira (Dr. Armando).** — Engenheiro militar. — Rua Voluntarios da Patria, 233. — Rio de Janeiro — Brasil.

#### E

Early Johnston (Marius). Lexington. - Kent. - E. U. dá America.

Echeverria y Reyes (Dr. Annibal). Advogado e Etnographo. — Cassilla, 460 6 Condell, 813. — Antofogasta — Chile.

Edson (John Joy). 1924 Sixtenth Street.—Washington D. C.—E. U. da America.

Elkins (Stephen B.). 1626 K. Street. — Washington D. C. — E. U. da America.

Ellis (Dr. Alfredo). Senador Federal.—Centro Paulista.—Rio de Janeiro—Brasil.

☼ Ennes de Souza (Dr. Antonio). Professor da Escola Polytechnica.— Rio de Janeiro — Brasil.

Escola de Minas de Ouro Preto. — Ouro Preto. — Minas Geraes — Brasil. Escola de Odontologia e Pharmacia de Bello Horizonte. — Bello Horizonte. — Minas Greaes — Brasil.

Escola Mineira de Agronomia e Veterinaria. — Bello Horizonte. — Minas Geraes. — Brasil.

Escola Nacional de Bellas Artes. — Avenida Rio Branco. — Rio de Janeiro — Brasil.

Escola Normal de Curvello. — Curvello. — Minas Geraes. — Brasil.

Escola Normal de Pirassinunga. — Pirassinunga. — Estado de S. Paulo. — Brasil.

Escola Polytechnica do Estado de S. Paulo. — S. Paulo. — Brasil.

Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro — Brasil.

Escragnole Doria (Dr. Luiz Gastão). Director do Archivo Publico Nacional. — Rio de Janeiro — Brasil.

Explorers Club. - 47 W 76 Street New-York City - E. U. da America.

#### F

Faculdade de Direito da Bahia.—S. Salvador —Bahia —Brasil.
Faculdade de Direito de Bello Horizonte.—Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil.

Faculdade de Direito do Recife. — Recife. — Pernambuco — Brasil.

Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro — Brasil.

Faculdade de Medicina da Bahia. - S. Salvador - Bahia.

Faculdade de Medicina de Bello Horizonte. — Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil.

Faculdad de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.—Rio de Janeiro — Brasil.

Faculdade Hanemaniana. - Rio de Janeiro - Brasil.

Facultad de Ciencias de la Educación de Paraná. — Provincia de Entre-Rios. — Republica Argentina.

Facultad de Filosofia y Letras. — Buenos Aires. — Republica Argentina.

Faller (Dr. Carlos Augusto). Consul geral de Guatemala. — Rio de Janeiro — Brasil.

Fallon (Alberic). Embaixador da Belgica. — Embaixada da Belgica. — Rio de Janeiro — Brasil.

Fairweasther Mackensie (Robert).—192 R. Streeet.—Washington D. C.—E. U. da America.

Farabee (Dr. William). Professor do University Museum. — Philadelphia Pa. — E. U. da America.

Farani (Dr. Alberto). Medico. — Rua da Carioca, 26 (1º). — Rio de Janeiro — Brasil.

Faria (Dr. Luiz de). Medico. — Rua Marqueza de Santos, 28. — Rio de Janeiro — Brasil.

Fealey (Nellie E.). — Burlington Hotel. — Washington D. C. — E. U. da America.

Feree Library of Philadelphia. — Philadelphia Pa. — E. U. da America. Ferguson (Henry G.). — 2330. California Street. — Washington D. C.— E. U. da America.

Fernardes da Silva Tavora (Dr. Belisario). Advogado. — Rua Marquez de Abrantes, 165. — Rio de Janeiro — Brasil.

Fernandez (Dr. José M.). Professor de Antropologia. — Apartado 100. — Trujillo — Perú.

Fernandes Lima (Dr. A.). Governador do Estado de Alagôas. — Maceió. — Alagôas — Brasil.

Fernandes (Orlando). - Rio de Jameiro - Brasil.

Fernandes Saldanha (Dr. J.). — Rua das Larangeiras, 519. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ferráz (Jorge B. de Araujo). Engenheiro do Serviço Geologico e Mineralogico do Ministerio da Agricultura. — Rua Carvalho Monteiro, 7. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ferreira Bagé (Dr. Alfredo). — Rua Candido Mendes, 56. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ferreira Chaves (Dr. Joaquim). Ministro da Justiça. — Rua Conde de Bomfim, 70. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ferreira da Rosa (Francisco). Professor do Collegio Militar e da Associação Christã de Moços. — Rua da Quitanda, 47.— Rio de Janeiro — Brasil.

Ferreira (Dr. João Luiz). Presidente do Estado do Piauhy. — Therezina. — Piauhy — Brasil.

Ferreira Lage (Dr. Alfredo). Director e proprietario do Musêo Mariano Procopio. — Juiz de Fóra. — Minas Geraes — Brasil.

Ferreira Leite (Dr. Carlos Maria). — Rua Carlos Benicio, 398, Jacarépaguá. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ferreira Ramos (General José). — Rua S. Bento, 18. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ferreira Vianna (Sta. Esther). Escriptora e professora. — Hotel Belgique. — Rua das Larangeiras, 47. — Rio de Janeiro — Brasil.

Fêu de Carvalho (Dr. Theophilo). Director do Archivo Publico Mineiro. — Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil.

Field Museum of Natural History.—Chicago III—E. U. da America. Fiebrig (Dr. C.). Director do Jardim Botanico de Assunción.—Assunción—Paraguay.

Figueiredo (Dr. José de). Musêo de Arte Antiga de Lisbôa. — Lisbôa —

Fletcher (H. G.). — 90 Holland Street. — West Somerville. Mas — E. U. da America.

Flexa Ribeiro (Dr.). Escriptor. — Escola Nacional de Bellas Artes. — Rio de Janeiro — Brasil.

Fock (Dr.). Governador geral das Indias Neerlandezas. — Haya — Hollanda.

Folk (Governor Joseph W.). — Southern Building. — Washington D. C. — E. U. da America.

Fonseca Teixeira (Coronel Sebastião). Prefeito da Cidade de Therezopolis. — Estado do Rio de Janeiro — Brasil.

Foote (Dr. G. S.). Creighton College of Dentistry, Union of Nebraska.— E. U. da America.

Fórdham University. - New-York - E. U. da America.

Foulke (C. M. F.). — 2011 Massachussets Ave. — Washington D. C. — E. U. da America.

Fragoso (Dr. Arlindo). Deputado federal.—Rua Carvalho Monteiro, 46. —Rio de Janeiro—Brasil.

Freitas (Dr. Norival de). Deputado Federal. — Rua Visconde de Uruguay. — Nictheroy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Frontin (Dr. André Gustavo Paulo de). Engenheiro Civil. — Director da Escela Polytechnica do Rio de Janeiro; Presidente do Club de Engenharia e Senador Federal. — Rua das Laranjeiras, 206. — Rio de Janeiro — Brasil.

Fruin (F. R.). Haya - Hollanda.

Fuller (Capitão A. W. J.). The Lodge 7, Lydenham Hill. — Londres — Inglaterra.

Furlong (Lieut-Col. Charles W.). P. O. Box 222, Back Bay, 17. — Boston, Mass. — E. U. da America.

#### C

Gade (F. Hermann). Enviado Extraordinario e Ministro da Noruega. — Legação da Noruega. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gago Coutinho (Almirante Carlos Viégas). Sociedade de Geographia de Lisbôa. — Lisbôa — Portugal.

Galindo (Carlos Blanco). La Paz - Bolivia.

Galrão (Conego Manoel Leoncio). Deputado Federal. — Gymnasio Ypiranga. — S. Salvador — Bahia.

Gamio (Dr. Manuel). Inspector General de los Monumentos Arqueologicos. — Museo Nacional. — Mexico, D. F.—Rep. Mexicana.

Garcia Mello (Dr. Moysés). Rio de Janeiro - Brasil.

Garcia Seabra Junior (Dr. Gregorio). Advogado. — Rua Sachet, 37 — Rio de Janeiro — Brasil.

Garfinkle (Julius). 17th and F. Street. — Washington, D. C. — E. U da America.

Garrido (Dr. José Eulogio). Jornalista. - Trujillo - Peru'.

Gasparri (Monsenhor Eurico). — Arcebispo de Sebaste e Nuncio Apostolico da Santa Sé. — Nunciatura Apostolica. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gasquet (Cardeal Auidano). Mosteiro de São Bento. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gates (William). Auburn Hill. — Charlottesville, Va. — E. U. da America.

Genrimps (Hermann).

Gentil (Dr. Alcides). Rua Silva Manoel, 88. — Rio de Janeiro — Brasil. Geographical Society of London. Londres. — Inglaterra.

Geographical Society of Washington, Washington, D. C. - E. U. da America.

Georg Washington University Library. 2023, G. Street N. W. Washington, D. C. — E. U. da America.

Gepp (Ernest W.). Industrial. — Rua Tavares Bastos, 153. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gertsch (Albert). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Suissa. — Legação da Suissa. — Rio de Janeiro — Brasil.

Getulio das Neves (Dr. Arthur). Professor da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro e Vice Presidente do Club de Engenharia. — Rua do Cosme Velho, 457. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ghiouzés Pézas (Stamati). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Grecia. — Legação da Grecia. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gillete-Hill (Sta. Katerine). — 2133, R. Street. — Washington, D. C. — E. U. da America.

Godoy (Dr. Sylvano). Director do Museo de Bellas Artes. — Asunción — Paraguay.

Goddard (William). 1630, Connecticut Ave. — Washington, D. C. — E. U. da America.

Góes (Dr. Eurico de). Medico. — Rua Santa Alexandrina, 122. — Rio de Janeiro — Brasil.

Góes Calmon (Dr. Francisco Marques). Advogado. — São Salvador. — Bahia — Brasil.

Goetz (Dr. John W.). Professor e Philologo. — Circulo Cathelico. — Rua Rodrigo Silva, 3. — Rio de Janeiro — Brasil.

Goldsmith (Dr. Peter H.). Director da The Interamerican Division of The American Association for International Conciliation. — 404, W 117 Street. — New York City — E. U. da America.

Gomes Carmo (Dr. Antonio). Engenheiro Civil. — Rua Clapp, 2. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gomes de Campos Junior (Joaquim). Rua do Lavradio, 132. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gomes de Carvalho Junior (Francisco). Rua Pereira de Almeida. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gomes de Mattos (Major Francisco Jaguaribe). Rua General Menna Barreto, 172. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gomes (Cel. Nestor). Presidente do Estado do Espirito Santo. — Victoria. — Espirito Santo — Brasil.

Gomes Pereira (Almirante Antonio Coutinho). Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. — Rua Pereira da Silva, 114. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gomes Ribeiro (Dr. João Coelho). Bibliothecario do Ministerio das Relações Exteriores. — Rua Ypiranga, 106. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gonçalves Bastos (Dr. Eurico). Medico. — Rua do Riachuelo, 191. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gonçalves Junior (J. F.). Engenheiro Civil. — Praia do Flamengo, 206.

- Rio de Janeiro - Brasil.

González Casanova (Dr. Pablo). Professor de la Direccion de Antropologia del Ministerio de Agricultura y Fomento. — Mexico, D. F.—Rep. Mexicana.

Gonzalez Marrero (Lic. Manuel de J.). Calle Mercedes, 38. — Santo Domingo. — Rep. Dominicana.

Gouvêa Nobre (Dr. Ruy de). Advogado. — Praça 15 de Novembro, 101 (2°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Gouvêa (Marechal Urbano de). Rua Raul Pompeia, 86. — Rio de Janeiro — Brasil.

Grand Rapid Public Library. Mich. — E. U. da America.

Greene (Ernest). 141, East 45th Street. — New York City — E. U. da America.

Grillo (Dr. Max). Encarregado de Negocios da Colombia. — Legação da Colombia. — Rio de Janeiro — Brasil.

Grosvenor (Dr. Gilbert H.). Presidente da National Geographic Society.
— Washington, D. C. — E. U. da America.

Grubb (W. Barbroocke). Engenio "La Esperanza". — Provincia de Jujuy. — Rep. Argentina.

Grumberg (Dr. Theodor Kooch). Ethnographo. — Hegel-Platz, Stutgart. — Allemanha.

Gualberto (Dr. Luiz). Medico. — Florianopolis. — Santa Catharina — Brasil.

Guerreiro de Castro (Dr. Orlando). Heraldista e Genealogista. — Ministerio das Relações Exteriores. — Rio de Janeiro — Brasil.

Guerreiro de Castro (Dr. Thomaz). Professor da Faculdade de Direito da Bahia. — Rua Nova das Princezas, 13. — São Salvador — Bahia.

Guggiari (Modesto). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Paraguay. — Legação do Paraguay. — Rio de Janeiro — Brasil.

Guillon Ribeiro (Dr. Luiz Olympio). Director da Secretaria do Senado Federal. — Rio de Janeiro — Brasil.

Guimarães (Dr. Argêo). Caixa Economica. — Rio de Janeiro — Brasil. Guimarães (João). Deputado Federal. — Camara dos Deputados. — Rio de Janeiro — Brasil.

Guimarães Junior (Dr. Francisco). Caixa Economica. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gurgel do Amaral (Dr. José Mathias). Rua Rodrigo Silva, 7. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gusinde (Martin). Professor. Chefe de Secção do Museu de Etnologia. — Moneda, 1661. — Santiago — Chile.

Gusmão Jatahy (Dr. Pedro de). Jornalista. — Rua da Matriz, 89. — Rio de Janeiro — Brasil.

Guthe (Dr. Carl E.). Associated Director of Anthropology. — University of Michigan. — E. 'U. da America.

Gymnasio Anchieta. Nova Friburgo. — E. do Rio de Janeiro — Brasil. Gymnasio Anglo-Brasileiro. Avenida Niemeyer. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gymnasio de Campinas. Campinas. — E. de São Paulo — Brasil.

Gymnasio Paes Carvalho. Belém. — Pará — Brasil.

Gymnasio Pedro II. Rua Marechal Floriano Peixoto. — Rio de Janeiro — Brasil.

Gymnasio Ypiranga. São Salvador. — Bahia — Brasil.

#### H

Haessler (Louise). Professora. — 100, Morningside Drive, New York City. — E. U. da America.

Hagar (Stansbury). Prof. — Do Departamento Ethnologico do Brooklyn Institute of Arts and Sciences. — 48, Wall Street. — New York — E. U. da America.

Halle (H. N.). University Museum. — Philadelphia, Pa. — E. U. da America.

Hambloch (Ernest). Secretario da Embaixada da Grã Bretanha.—Embaixada Britannica. — Rio de Janeiro — Brasil.

Hammond (Hon. John Hays). 2301, Kalorama Road. — Washington, D. C. — E. U. da America.

Hansen (Dr. Soren). President of Danish Anthropological Committée.
— Copenhagen — Dinamarca.

Harr (Luthero A.). University of Pennsylvania. — Philadelphia, Pa. — E. U. da America.

Harward College Library, Cambridge. - Mass. - E. U. da America.

Harvey (Ford). Union Station. — Kansas City. Mc. — E. U. da America.
 Havlasa (Jan Klecanda). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Tcheco-Slovaquia. — Legação da Tcheco-Slovaquia. — Rio de Janeiro — Brasil.

Heger (Cons. Dr. Franz). Director do Departamento Ethnographico do Museu de Vienna. — Vienna — Austria.

Heine e Co. Leipsig. - Allemanha.

Henderson (Captain J.). Do British Museum. — Londres. — Inglaterra. Henninger (Dr. Daniel). Prof. da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. — Rua General Severiano, 166. — Rio de Janeiro — Brasil.

**Henriquez y Carvajal (Lic. Federico).** Calle Mercedes, 38. — Santo Domingo — Rep. Dominicana.

Herrmann (J. P.). 7th. S. I. Street. — Washington, D. C. — E. U. da America.

Heye (Georg G.). Fundador do Museum of the American Indian. — 155th Street. — Broadway. — New York City — E. U. da America.

**Heweett (Edgar Lee).** Director of the School of American Research; Archeological Institute of America. — Santa Fé. — New Mexico — E. U. da America.

**Hewson (John H.).** 1533, New Hampshire Ave. — Washington, D. C. — E. U. da America.

Hicks (Hon. Frederick). 1737, N. Street. — Washington, D. C. — E. U. da America.

Hirtzel J. S. Harry). Attaché à la Section d'Archeologie Americaine aux Musées Royaux au Cinquantenaire de Bruxelles. — 259, Avenue Rogier. — Bruxelles — Belgica.

Hodge (F. W.). Museum of the American Indian. — 155th. Street. — Broadway. — New York City — E. U. da America.

Hoffay (Sta. Angela). Prof. Aiudante del Professor de Antropologia Fisica del Museo Nacional. 1 a Sor. Joana Inés de la Cruz. — Mexico. D. F. — Rep. Mexicana.

Holmes (W. H.). Prof. do United States National Museum. — Washington, D. C. — E. U. da America.

Horigoutchi (Kumaichi). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Japão. — Legação do Japão. — Rio de Janeiro — Brasil.

Hostos (Dr. Adolfo de). Canovanas. — San Juan de Puerto Rico — Porto Rico.

Hough (Dr. Walter). United States National Museum. — Washington, D. C.—E. U. da America.

Hrdlicka (Dr. Ales). Chefe do Departamento de Anthropologia do United States National Museum. — Washington, D. C.—E. U. da America.

Hunt (R. J.). Ingenio "La Esperanza". — Provincia de Jujuy — Rep. Argentina.

Huntington (Dr. Archer H.). Director da Hispanic Society of Natural History. — 156 Street. — Broadway. — New City. — E. U. da America.

# I

Indian State Library. Indiana. — E. U. da America.

Indio do Brasil (Arthur). Almirante e Senador. — Rua da Alfandega, 194. — Rio de Janeiro — Brasil.

Instituto Archeologico e Geographico de Alagoas. Maceió. — Alagoas — Brasil.

Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco. Recife. — Pernambuco — Brasil.

Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. Rio de Janeiro — Brasil. Instituto da Ordem dos Advogados de Pernambuco. Recife. — Pernambuco — Brasil.

Instituto de Chimica. Rio de Janeiro - Brasil.

Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro. Rua Visconde de Rio Branco, 22, 1°. — Rio de Janeiro — Brasil.

Instituto Geographico e Historico da Bahia. São Salvador. — Bahia — Brasil.

Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro — Brasil. Instituto Historico e Geographico de Goyaz. Goyaz — Brasil.

Instituto Historico e Geographico de Matto Grosso. Cuyabá. — Matto Grosso — Brasil.

Instituto Historico e Geographico de Minas. Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil.

Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina. Florianopolis.—Santa Catharina.—Brasil.

Instituto Historico e Geographico de Sergipe. Aracajú. — Sergipe — Brasil.

Instituto Historico e Geographico do Amazonas. Manáos. — Amazonas — Brasil.

Instituto Historico e Geographico do Ceará. Fortaleza. — Ceará—Brasil.

Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo. Victoria. — Espirito Santo — Brasil.

Instituto Historico e Geographico do Maranhão. São Luiz. — Maranhão — Brasil.

Instituto Historico e Geographico do Pará. Belém. — Pará. — Brasil. Instituto Historico e Geographico do Piauhy. Therezina. — Piauhy. — Brasil.

Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte. Natal. Rio Grande do Norte — Brasil.

Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

— Rio Grande do Sul — Brasil.

Instituto Historico e Geographico Fluminense. Nictheroy. — Rio de Janeiro — Brasil.

Instituto Historico e Geographico Parahybano. Parahyba — Parahyba do Norte -- Brasil.

Instituto La-Fayette. Rua Haddock Lobo, 253. — Rio de Janeiro — Brasil.

Instituto Oswaldo Cruz. Manguinhos. — Rio de Janeiro — Brasil.

Instituto Paraguayo. Asunción. — Paraguay.

Instituto Serumtherapico de Butantan. São Paulo. — São Paulo — Brasil.

Instituto Vital Brasil. Santa Rosa. — Nictheroy. — Rio de Janeiro — Brasil.

# J

Jacskon (Sta. Mary L.). 6842, Pennsylvania Avenida. — Pittsburg., Pa. — E. U. da America.

Jackson (Percy). 63, East. 52nd. Street. — New York City. — E. U. da America.

Jackson (Sra. Percy). 63, East 52nd. Street. — New York City. — E. U. da America.

Jacob (Dr. Rodolpho). Presidente do Instituto Historico e Geographico de Minas. — Avenida Affonso Penna. — Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil.

James (Dr. Hermann G.). Prof. de Sciencias Politicas da Texas University. — Texas — E. U. da America.

James (June F.). Merida. — Yucatan. — Rep. Mexicana.

Jardim Botanico. Rio de Janeiro — Brasil.

Jardim (Dr. Eugenio). Presidente do Estado de Goyaz. — Goyaz. — Goyaz — Brasil.

Jardim (Dr. Viçoso). Academia de Altos Estudos. — Rio de Janeiro — Brasil.

Jennings (Sra. Hennen). 2221, Massachussets Ave. — Washington, D. C. — E. U. da Amercia.

Johns Hopkins University Library. Baltimore. — Maryland — E. U. da America.

Jucá (Prof. Candido). Rua Silva Gomes, 107. — Rio de Janeiro — Brasil.

Julio (Prof. Sylvio). Rua São Clemente, 391. — Rio de Janeiro — Brasil.

Junta de Historia y Numismatica Americana. Buenos Aires. — Rep.

Argentina.

#### K

**Keefe (Henry F.).** President of the Farmers Loan & Title Co. — WalthiH. — Nebrasca. — E. U. da America.

Kelsey (Albert). 1530, Chestnut Street. — Philadelphia, P. — E. U. da America.

Kelsey (Dr. Harry E.). 817, Park Ave. — Baltimore, Md. — E. U. da America.

Kenyon (Sir Frederic). British Museum. — Blomsburg. W. C. F. — Londres — Inglaterra.

Kissemberth (Dr. Wilhelm). Statlichen Museum. — Pfalzburger. — Strasse, 8. — Berlin W 15. — Allemanha.

Koppers (Rev. Pe. Guillermo). Redactor do "Anthropos". — St. Gabriel. — Moedling. — Vienna — Austria.

Knapp (Judge Martin A.). Stoneleigh Court. Washington, D. C. — E. U. da America.

Kober (Dr. Georg M.). 1819, L. Street. — N. W., Washington, D. C. — E. U. da America.

Kol (Henry Herbert Van). Senador do Reino. — Voaerschaten. — Hollanda.

Koninklijk Nederlandsch Aardrijkskundig Genootschap. Amsterdam. — Hollanda.

Krickeberg (Walter). Assistente do Museum für -Völkerkunde. — :Schloss Strasse, 16. — Berlin. — Allemanha.

**Kroeber (A. L.).** Associated Professor of Anthropology. — University of California: Affilliated Colleges. — San Francisco. — California. — E. U. da America.

Kunz (Dr. Georg F.). Petrographo. American Museum of Natural History. — 405, Fifth. Ave. — New York. — E. U. da America.

#### L

Labag (Dr. H.). Berlin — Allemanha.

Laboratorio Nacional de Analyses. - Rio de Janeiro - Brasil.

Lacerda Coutinho (Dr. João Francisco de). Engenheiro civil. — Rua General Delgado de Carvalho. — Rio de Janeiro — Brasil.

La-Fayette Côrtes (Professor). — Rua Haddock Lobo 253. — Rio de Janeiro — Brasil.

La Flesche (Francis). Ethnologist. Bureau of American Ethnology.
— Washington. D. C. — E. U. da America.

Lamar (Judge. William B.). — The columns. — Thomasville Georgia — E. U. da America

Langard de Menezes (Dr. Rodrigo Octavio.). Consultor geral da Repupublica. — Rua das Palmeiras 38. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lansing (Hon. Robert) 1323. — Eighteenth Street — Washington. D. C. — E. U. da America.

Lara Castro (Dr. Ramon). Diplomata e Ex-Ministro do Exterior. — Asunción — Paraguay.

Larner (John B.). President Washington Loan and Trust Co. — Washington D. C. — E. U. da America.

Larrú (Mary). Escriptora. — Arequipa — Perú.

**Laval (Ramon A.).** Sub-Director da Bibliotheca Nacional. — Santitgo — Chile.

Lavalle (Prof. Cordiglia). Maestro — Rua S. Sebastião, 98 — Nictheroy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Lavastida (Dr. P. Baez). Calle Mercedes 38 — Santo Domingo — Republica Dominicana.

Leão (Dr. Ermelindo A. de). Archeologo. — Antonina. — Paraná — Brasil.

**Lebon Regis (Dr. F.).** Engenheiro Militar. — Rua Indiana 47. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lacaze (Luis Arce). — La Paz — Bolivia.

Lehmann — Nitsche (Dr. Roberto). Museo de La Plata. — La Plata. — Republica Argentina.

Leite (Carlos). — S. Luiz — Maranhão — Brasil.

Lehmann (Dr. Walter). do Museum für Völkerhunde Königrätzer Strasse 120. — Berlin — Allemanha.

Leland Stanford Junior University Library. - Palo Alto. California - E. U. da America.

Leme (D. Sebastião). Arcebispo coadjuctor do Rio de Janeiro. — Palacio S. Joaquim. — Rio de Janeiro — Brasil.

Léon (D. Nicolas). Medico, professor no Museo Nacional do Mexico.
 3'a de Fresno 92. — Mexico D. F. — Republica Mexicana.

Leopoldina Railway Co. (The). — Rua da Gloria 40. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lerche (Mme. Rigmar). — Rua Monte Alegre 395. — Rio de Janeiro — Brasil.

Letonatt (Dr. S.). Professor da Universidad Nacional. ← San Salvador — Republica del Salvador.

★ Lessa (Dr. Pedro Augusto Carneiro). Ministro do Supremo Tribunal Federal. — Rua Voluntarios da Patria, 98. — Rio de Janeiro — Brasil.

Levy — Bruhl (Prof. Lucien). Membro do Instituto de França e professor da Sorbonne. — Rua Buffon, 61. — Paris V — França.

Library of Congress: - Washington D. C. - E. U. da America.

Light and Power. Co. Limtd. (The Rio de Janeiro Tramway). — Rua Marechal Floriano Peixoto, 468. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lignori (Dr. Arthur). Rua Buarque de Macedo, 16. — Rio de Janeiro—Brasil.

Lindsey (Edward Warren). — National Bank Building — Pensylvania E. U. da America.

Lins (Dr. Estellita). Medico da Cruz Vermelha Brasileira — Rua São José, 81 (1°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Lintz (Dr. Alcides). Medico. — Rua S Francisco Xavier, 465. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lintz (Dr. Enéas). Medico. — Rua S. Francisco Xavier, 465. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lisbôa (Dr. Alfredo). Engenheiro civil — Rua Barata Ribeiro, 414. — Rio de Janeiro — Brasil.

Liscum (Emerson H.). 2119. — Bancroft Place. — Washington. D. C. — E. U. da America.

Llaveria (Joaquim). Director do Archivo Nacional. — Habana — Republica de Cuba.

Lloyd Brasileiro (Companhia de Navegação). — Avenida Rodrigues Alves. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lloyd Real Hollandez (Companhia de Navegação). — Avenida Rio Branco, 106-8. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lluberes Hijo (P. A.). Calle Mercedes, 38. — Santo Domingo — Repubica Dominicana.

Lopes de Souza (Dr. Aurelio). — Bibliotheca Nacional. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lopes (Dr. Raymundo). Archeologo. — São Luiz. — Estado do Maranhão — Brasil.

Los Angeles Museum of History Sciences and Arts. — Los Angeles. — California — E. U. da America.

Lothrops (Dr. S. K.). - Boston Mass - E. U. da America.

Loureiro (Prof. Luiz). Escriptor. — Rua Dias da Cruz, 58. Meyer. — Rio de Janeiro — Brasil.

Lowe (D. Josephine D.). I. Fortune Rocks. Biddeford Main — E. U. da America.

Luiz (Dr. Washington). Presidente do Estado de S. Paulo. -- São Paulo -- Brasil. Luz (Dr. Hercilio). Presidente do Estado de Santa Catharina. — Florianopolis — Santa Catharina — Brasil.

Lyceo de Artes e Officios da Bahia. — S. Salvador — Bahia — Brasil. Lyceo de Artes e Officios de S. Paulo. — S. Paulo — Brasil.

Lyceo de Humanidades de Campos. — Campos. — Estado do Rio de Janeiro — Brasil.

Lyra (Dr. João). Senador Federal. — Rua da Matriz, 86. — Rio de Janeiro — Brasil.

# M

Mac-Curdy (George Grant). Professor da Yale University. — New-Haven. Conn. — E. U. da America.

Mac-Kinley (Hon. W. B.). Senate Office Building. — Washington D. C. — E. U. da America.

Madeira de Freitas (Dr. José). Medico. — Rua S. Francisco Xavier, 465. — Rio de Janeiro — Brasil.

Magalhães (Dr. Basilio de) Escriptor. — Bibliotheca Nacional. — Rio de Janeiro — Brasil.

Magalhães (Dr. Fernando de) Medico, Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Rua S. José, 110. (1°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Magalhães Gomes (Dr. Alberto Augusto). Prof. da Escola de Minas de Ouro Preto. — Minas Geraes — Brasil.

★ Magalhães (Dr. Theodoro de). Advogado. — Rua dos Ourives, 59.
 — Rio de Janeiro — Brasil.

▼ Maia (Dr. Jorge). — Rua Visconde do Rio Branco, 162 — Nictheroy. — Estado do Rio de Janeiro — Brasil.

Malheiro Dias (Dr. Carlos). Escriptor. — Sociedade de Geographia de Lisbôa. — Lisbôa — Portugal.

Marchessa (Dr. Pedro de). — Calle Mercedes, 38. — Santo Domingo — Republica Dominicana.

Marcou (Dr. Philippe). — Société des Américanistes de Paris. — Rue de Buffon, 61. — Paris V — França.

Marin (Dr. Santiago). - Santiago - Chile.

Marques Lisbôa (Dr. Henrique). Medico, director do Posto Veterinario de Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil.

Marques Lisbôa (Dr. João). Medico — S. Salvador. — Bahia — Brasil.

Marques Peixoto (Dr. Eduardo). — Rua Constante Ramos, 17. — Rio de Janeiro — Brasil.

Martinenche (Prof.). Professor da Sorbonne. — Paris — França.

Massachussetts Historical Society Library. — Salem. Mass — E. U. da America.

Massena (Dr. Pedro). Numismata. — Barbacena — Minas Geraes — Brasil.

Mattos (Dr. Alfredo Henrique de). Medico. — Rua Machado de Assis, 14. — Rio de Janeiro — Brasil.

Mattoso Maia Forte (José). Jornalista. — Agencia Americana. — Avenida Rio Branco. — Rio de Janeiro — Brasil.

Max-Kitzinger (Dr. Alexandre). Professor. — Rua Aristides Lobo, 186. — Rio de Janeiro — Brasil.

Maya Society. — The Cosmos Club. — Wishington D. C. — E. U. America.

Mayer (Sta. Thereza). — 41, East 72 nd. Street. New-York City — E. U. da America.

Mayntzhusen (Frederico C.). - Alto Paraná - Paraguay.

Mechlinger (Dr. William H.). Erie Ave and D. Street — Philadelphia. Pa. — E. U. da America.

Medeiros (Dr. Amaury de). Medico — Rua Uruguayana, 247. Rio de Janeiro — Brasil.

Medina (José Toribio). Historiador, Bibliophilo. — Calle 12 de Febrero, 49. — Santiago — Chile.

Mello (Dr. Moysés Garcia). -- Calle Mercedes, 38. -- Santo Domingo -- Republica Dominicana.

Mello e Souza (Dr. J. B. de). Advogado. — Rua Almirante Gonçalves, 72. — Rio de Janeiro — Brasil.

Mello (Dr. Mario) Advogado e Jornalista. — Casa Ingleza. — Rua da Imperatriz — Recife. — Pernambuco — Brasil.

Mello (Dr. Verissimo de). — Rua da Quitanda, 45. — Rio de Janeiro — Brasil.

Mena (Dr. Ramón). Conservador del Departamento de Arqueologia en el Museo Nacional. — Mexico D. F. — Republica Mexicana.

Mendizátal (Dr. M. O.). Chefe do Departamento de Ethnographia Aborigene do Museu de Arqueologia, Historia y Etnologia. — Mexico, D. F. — Rep. Mexicana.

Mendonça (Dr. José de). Medico. — Rua do Curvelo. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Mepham (Geo. T.) 4434 Westminster Place. — Saint Louis. Miss — E. U. da America.

★ Mercatelli (Comm. Luigi). Embaixador de Italia — Embaixada Italiana. — Rua das Laranjeiras. — Rio de Janeiro — Brasil.

Merriam (Dr. John C.). Presidente da Carnegie Institution Washington D. C. — E. U. da America.

Mills (William C.). Smithsonian Institution — Washington D. C. — E. U. da America.

Mesa (Esteban S.) — Calle Mercedes, 38. — Santo Domingo — Republica Dominicana.

Mestre (Dr. Aristides). Director del Museu Antropologico de Habana. — Hayana — Cuba.

Merwart (Gouverneur). Société des Américanistes de Paris — Rue de Buffon, 61. — Paris V — France.

Milward (Dr. Guilherme Bastos). Engenheiro do Serviço Geologico e Mineralogico. — Ministerio da Agricultura. — Rio de Janeiro — Brasil. Ministerio de Instrucção, Artes e Sciencias. — Gravenhage — Haya

Ministerio de Instrucção, Artes e Sciencias. — Gravenhage — Haya — Hollanda.

Ministère de l'Instructión Publique de la République Française. — Paris — França.

Minna (Dr. Adalberto).

Miura (L. Alberto Arrendondo). — Calle Mercedes, 38. — Santo Domingo — Republica Dominicana.

Mohr (Otto Carl). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Dinamarca. — Legação da Dinamarca. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Moncorvo Filho (Dr Arthur). Medico. Director-fundador do Instituto de Assistencia e Protecção á Infancia do Rio de Janeiro. — Rua Moura Brito, 58. — Rio de Janeiro — Brasil.

Moniz de Carvalho (Dr. Joaquim Pires). Advogado, Deputado Federal. — Rua Saraiva, 16. — S. Salvador. — Bahia — Brasil.

U. da America.

Monteiro Barros Lima (Dr. Francisco de Paula). Ministro do Tribunal de Contas. — Palace-Hotel. — Avenida Rio Branco. — Rio de Janeiro — Brasil.

Monteiro Filho (Dr. Pedro José). Engenheiro civil. — Rua Voluntarios da Patria, 406. — Rio de Janeiro — Brasil.

Montgomery (W. E.) Knoxville. Maryland. — E. U. da America. Montolio (Dr. André J.). Calle Mercedes, 38. — Santo Domingo. —

Republica Dominicana.

Moore (Clarence). 1321. Locust Street. — Philadelphia. Pa. — E.

Mora y Araujo (Antonio). Embaixador da Argentina — Embaixada Argentina. — Rio de Janeiro — Brasil.

Moraes Sarmento (Dr. Luiz Guedes de) Dezembargador da Côrte de Apellação. — Rua das Laranjeiras, 450. — Rio de Janeiro — Brasil.

Moraes (Visconde de). — Banco Português do Brasil. — Rio de Janeiro — Brasil.

Morales de los Rios (Dr. Adolpho). Professor da Escola Nacional de Bellas Artes. Presidente do Instituto dos Architectos Brasileiros. — Avenida Rio Branco, 477 (2°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Morales de los Rios Filho (Dr. Adolpho). Engenheiro Architecto. — Avenida Rio Branco, 177 (2°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Moreira (Alberto). Jornalista — "Jornal do Brasil". — Rio de Janeiro — Brasil.

Moreira e Silva (Dr. M.). — Maceió — Alagoas.

Moreira Guimarães (General Augusto C.). Vice-Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. — Praça 15 de Novembro, 101. (2°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Moreira Guimarães (Dr. José Augusto). Medico. — Rua Nossa Senhora de Copacabana, 768. — Rio de Janeiro — Brasil.

Moreira (Dr. Juliano). Medico, Director do Hospital Nacional de Alienados. — Praia da Saudade. — Rio de Janeiro — Brasil.

Moreira (Dr. Manoel). Medico — Rua das Laranjeiras, 45. — Rio de Janeiro — Brasil.

Morley (Dr. Sylvanus Griswold). Carnegie Institution. Washington gton D. C. — E. U. da America.

Morris (Carl H.). — American Museum of Natural History. — New York — E. U. da America.

Mosquera (Dr. Silvano). Ministerio do Interior. — Asuncion. — Paraguay.

Motta Macedo (Roberto da). Rua Senador Furtado, 109. — Rio de Janeiro — Brasil.

Moura Brasil do Amaral (Dr. Mario). Engenheiro Architecto. — Rua Joaquim Murtinho, 150. — Rio de Janeiro — Brasil.

Moura (Dr. Ignacio). Presidente do Instituto Historico e Geographico do Pará. — Belém — Pará — Brasil.

Müller (General Lauro Severiano) — Senador Federal. — Rua das Laranjeiras, 225. — Rio de Janeiro — Brasil.

Munhóz da Rocha (Dr. Francisco). Presidente do Estado do Paraná. — Curytiba — Paraná — Brasil.

Museo de Bellas Artes e Historia y Bibliotheca Americana. — Asunción — Paraguay.

Museu Commercial do Rio de Janeiro. — Praça 15 de Novembro. — Rio de Janeiro — Brasil.

Museo de Etnologia y Antropologia de Santiago. — Santiago — Chile. Museo de La Plata. — La Plata — Republica Argenitna. Museu do Pará (Museu Gœldi). Belém - Pará - Brasil.

Museu e Bibliotheca da Marinha. - Rio de Janeiro - Brasil.

Museo Etnografico de la Faculdade de Filosofia y Letras de Buenos Aires. — Buenos Aires — Republica Argentina.

Museum für Lander und Völkerkunde. - Vienna - Austria.

Museu Marianno Procopio. — Juiz de Fóra — Minas Geraes — Brasil.

Museu Nacional. - Rio de Janeiro - Brasil.

Museo Nacional de Bolivia. — La Paz — Bolivia.

Museu Nacional de Copenhague. — Copenhague — Dinamarca.

Museo Nacional de Guatemala. — Republica de Guatemala

Museo Nacional de Historia Natural. — Calle Perú, 208. — Buenos Aires — Republica Argentina.

Museo Nacional de Mexico. — Mexico D. F. — Republica Mexicana.

Museum of Buffalo. - Buffalo N. Y. - E. U. da America.

Museum of the American Indian (Heye Foundation Broadway at 155 th. Street New York City — E. U da America.

Museum of Transvaal. P. O. Box 413. -- Pretoria -- Africa do Sul.

Museu Paranaense. Curityba — Paraná — Brasil.

Museu Paulista. — S. Paulo — Brasil.

Museu Rocha. — Fortaleza — Ceará — Brasil.

Museu Simoens da Silva. — Rua Visconde de Silva, 111. — Rio de Janeiro — Brasil.

Myer (W. E.). Bureau of American Ethnology Smithsonian Institution. — Washington D C. — E. U. da America.

#### N

Nascimento Britto (Dr. Octavio). Jornalista. — Rua Annita Garibaldi, 22. — Rio de Janeiro — Brasil.

Naturwissenschaftlichen Verein. - Vienna - Austria.

Navarro (Sta. Lucia). Professora. Correo Maior. I. J. Mexico. D. F. — Republica Mexicana.

Neves (Dr. Abdias). Senador Federal. — Senado Federal. — Rio de Janeiro — Brasil.

Neves da Rocha (Dr. Antonio). Medico. -- Avenida Rio Branco, 90. (1°). Rio de Janeiro -- Brasil.

New York State Library. — Albany. N. Y. — E. U. da America.

New York University Library -- New York City -- E. U. da America.

Niemeyer (Alberto Conrado de). — Estrada da Gavea, 21. Rio de Janeiro — Brasil.

Noda (Ryogi). Secretario da Legação do Japão no Brasil. — Rio de Janeiro — Brasil.

Noël (Dr. Martin S.). Architecto. Presidente da Academia de Bellas Artes. — Buenos Aires — Republica Argentina.

Nonel (Dr. Adolfo). Calle Mercedes, 38. — Santo Domingo — Republica Dominicana.

Nordenskiöld (Barão Erland). Conservador do Museu de Ethonographia. — Göteborg — Suecia.

Northwestern University Saint Louis. - Mich. - E. U. da America.

0

Oberhummer (Dr. Engen.). Prof. Akademie den Wisssenschaften in Wien. — Vienna — Λustria.

Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro. — S. Christovam — Rio de Janeiro — Brasil.

Oetteking (Dr. Bruno). Chefe do Departamento de Anthropologia Physica. Museum oft the American Indian. — Saint Nicolas Place 11 — New York City — E. U. da America.

Ohio State Archeological and Historical Sociéty. — Columbus. — Ohio — E. U. da America.

Ohio State University Library. — Ohio — E. U. da America.

Oliveira (Dr. Benevenuto). — Hotel Copacabana. — Rio de Janeiro. — Brasil

Oliveira (Dr. João Domingues de). — Rua Bolivar, 193 — Copacabana. — Rio de Janero — Brasil.

Oliveira Lima (Dr. Manoel de). Diplomata. Escriptor. — Washington D. C. — E. U. da America.

Ordem Franciscana de Ouro Preto. - Minas Geraes- Brasil.

Orlowski (Conde Francisco Xavier). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Polonia. — Rio de Janeiro — Brasil.

Osorio de Almeida (Dr. Alvaro). Medico. Prof. da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Rua Ferreira Vianna, 32. — Rio de Janeiro — Brasil.

Osorio (Dr. Joaquim Luiz). Deputado Federal. — Rua dos Voluntarios da Patria, 221. — Rio de Janeiro — Brasil.

Osuna (Tomas). Director de Ganederia. Presidente Wilson y Yegros. — Asunción — Paraguay.

Oyarzun (Dr. Aureliano). Medico. Director del Museo de Etnologia de Chile. — Casilla 823. — Santiago — Chile.

#### P

Pacheco Leão (Dr. Antonio). Medico. Director do Jardim Botanico. — Rio de Janeiro — Brasil.

Paes Barreto (Dr. Carlos Xavier). Magistrado. — Victoria. — Estado do Espirito Santo — Brasil.

Paiva (Dr. Felix). Advogado. Prof. cathedratico de la Universidad de Paraguay. — Calle España, 401. Asuncion. Paraguay.

Paixão (Mucio da). Prof. do Lyceu de Humanidades de Campos. — Campos. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Palacios (Dr. Enrique Juan). — Museo Nacional. — Mexico D. F. Rep. Mexicana.

Palhano de Jesus (Dr. Anizio). Engenheiro do Serviço Geologico do Ministerio da Agricultura. — Rua Mariz e Barros, 25. — Nictheroy. — E. do Rio de Janeiro. — Brasil.

Palmier (Dr. Luiz). Medico. — Rua Dr. Porciuncula, 104. — S. Goncalo. — Nictheroy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Pan-American — Union. — Washington D. C. — E. U. da America.

Pando (Julio Mariaca). Architecto. — Avenida 10 de Julio, 4 B. — La Paz. — Bolivia.

Panhys (Dr. Jonkkeer L. C. von). Director do Departamento das Colonias. — Honigracht, 7. — Haya — Hollanda.

Paravicini (Dr. Roberto). Secretario da Legação da Bolivia. — Rio de Janeiro — Brasil.

Parrous (Dr. Elsie Cleros). — 7. East 76 th. Stree. -- New York City. — E. U. da America

Passos (Dr. Astrolabio). Medico. — Manãos. — E. do Amazonas — Brasil.

Paués (John Theodor). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Suecia. — Legação da Suecia. — Rio de Janeiro — Brasil.

Paula (Dr. José Maria de). Director do Serviço de Protecção aos Indios. — Curityba. — Paraná.

Payne (Judge John Barton). Chiarman of the American Red Cross. — Washington. D. C. — E. U. da America.

Paz Soldan (Dr. Enrique). Medico. — Lima. — Perú.

Peabody Museum. Harvard University. — Cambridge. Mass. — E. U. da America.

Penfeld (Walter Scott). — Colorado Building, Washington D. C. — E. U. da America.

Peixoto (Afranio). Medico. Presidente da Academia Brasileira de Letras.

- Rua Paysandú, 97. — Rio de Janeiro — Brasil.

Pepper (Dr. Georg H.). — Museum of the American Indian. — Broadway. — New York City — E. U. da America.

Pereira de Albuquerque (Monsenhor D. Octaviano). Arcebispo do Maranhão — Brasil.

Pereira (Dr. Oswaldo). Prof. do Collegio Pio Americano. — Rio de Janeiro — Brasil.

Pereira Lobo (Dr. A.). Presidente do Estado de Sergipe. — Aracajú. — E. de Sergipe — Brasil.

Pereira Mesquita (Dr. General Manoel). — Rua Barão de Mesquita, 58. — Rio de Janeiro — Brasil.

Peres (David J.). Rabbino. — Rua Cassiano, n. 191. — Rio de Janeiro — Brasil.

Perez Cisneros (Enrique). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Cuba. — Legação de Cuba. — Rio de Janeiro — Brasil.

Perigny (Comte Maurice de). Banco Francez e Italiano. — Rio de Janeiro — Brasil.

Pessoa da Cruz Marques Dr. Lindolpho). — Grande Hotel. — Rio de Janeiro — Brasil.

Peynade (Lic. Francisco). — Calle Mercedes, 38. — Santo Domingues. — Rep. Dominicana.

Peynado (Lic. Jacinto B.). — Calle Mercedes, 38. — Santo Domingo. — Rep. Dominicana.

Philadelphia Museum. — 34, th. Street Below Spence Street. — Philadelphia Pa. — E. U. da America.

Picarelli (Dr. Frederico). Medico — Itaborahy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Pinheiro (Dr. Severino). Presidente do Estado de Pernambuco. — Recife — Pernambuco.

Pinheiro Machado (Dr. Dulphe). Superintendente do Abastecimento. — Rua do Mercado, 14. — Rio de Janeiro — Brasil.

Pinto (Dr. A. Augusto de S.). Advogado e escriptor. — Travessa Azevedo, n. 2. — Rio de Janeiro — Brasil.

Pinto (Dr. Antonio). Advogado. — Rua do Ouvidor, 79. — Rio de Janeiro — Brasil.

Pires Brandão (Dr. Paulo José). Advogado. — Rua Corrêa Dutra, 69. — Rio de Janeiro — Brasil. Pires do Rio. (Dr. João). Ministro da Viação e Obras Publicas. — Rio de Janeiro — Brasil.

Pires Ferreira (Dr. Joaquim de Lima). Advogado. — Rua do Ouvidor, 127 (1°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Pires Porto (Durval). Deputado Federal. — Hotel Avenida. — Rio de Janeiro — Brasil.

Plehn (Georg.). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Allemanha. — Legação da Allemanha. — Rio de Janeiro — Brasil.

Pleythe (Thomás B.). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario dos Paizes Baixos. — Legação da Hollanda. — Rio de Janeiro — Brasil.

Pondé (Dr. Ezequiel). Desembargador. — S. Salvador. — Bahia — Brasil.

Popence (Dr. Wilson). — The Cosmos Club. — Washington D. C. — E. U. da America.

Portales (Cap. Alfredo). - Santiago - Chile.

Porto (Dr. Hannibal). Deputado Federal. — Rua N. S. Copacabana, 614. — Rio de Janeiro — Brasil.

Porto Rodrigues da Silveira (Dr. Alberto). Advogado e jornalista. — "Jornal do Brasil". — Rio de Janeiro — Brasil.

Posada (Eduardo). Secretario de la Academia de Historia. — Apartado 42. Bogotá — Colombia.

Posnansky (Dr. Arturo). Engenheiro. Director del Museo Nacional de Bolivia. — La Paz — Bolivia.

Posto Experimental de Veterinaria de Bello Horizonte. — Bello Horizonte. — Minas Geraes — Brasil.

Prabisch (Prof. Heireich). Schule-Director. — VI Grasgasse, 5. — Vienna — Austria.

Praguer (Dr. Antonio Barretto). — Rua Paysandú, 23. — Rio de Janeiro — Brasil.

Prefeitura da cidade de Therezopolis. — Therezopolis. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Preuss (Dr. K. Th.). Director do "Statlichen Museum fur Völkenkunde. — Königrätzer. — Strasse, 120. — Berlim — Allemanha.

Princeton University Library. — New Jersey — E. U. da America.

Pruszinsky (Conde Crzeslow). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Polonía. — Legação da Polonia. — Rio de Janeiro — Brasil.

Public Library of Cincinatti. - Ohio. - E. U. da America.

Public Library of Detroit Michigan. — E. U. da America.

Purdie (Francis B.). — 458. Broadway. — Albany. — New York — E. U. da America.

# Q

Queiroz Lima (Dr. Eugenio). Advogado. Prof. da Faculdade de Direito. — Becco das Cancellas, 40. — Rio de Janeiro — Brasil.

#### R

Ramalho Ortigão (Com. Joaquim da Costa). — Capitão Salomão, 31. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ramiz Galvão (Barão de). Reitor da Universidade do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ramos (Dr. Luiz). — Rua Conde de Bomfim, 685. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ramos Montero (Dionisio). Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Uruguay. — Legação do Uruguay. — Rio de Janeiro —

Raymundo da Silva (Prof. Benedicto). Presidente da Sociedade Entomologica do Brasil. — Rua Senador Alencar, 76. — Rio de Janeiro — Brasil.

Raymundo (Jacques). Prof. da Escola Normal do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro — Brasil.

Real Gabinete Portuguez de Leitura. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Real Serviço de Transportes da India Occidental. — Haya — Hollanda. Real Sociedade Dinamarqueza de Geographia. — Ostergad 1. — Copenhagen — Dinamarca.

Ruder John).. 318. College Ave. Houghton. — Mechigan. — E. U. da America.

Rego Monteiro (Dr. Gezar do). Presidente do Estado do Amazonas. — Manãos. — Amazonas — Brasil.

Rehbock (H. C.). — Amsterdam — Hollanda.

Reygadas Vértiz (Dr. José). Engenheiro do Departamento Pre-Colonial de la Direction de Antropologia de Mexico — Edison, 46. — Mexico D. F. — Republica Mexicana.

Ribeiro da Luz (Dr. Alfredo). Director do Laboratorio Nacional de Analyses. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Ribeiro de Andrada (Dr. Antonio Garlos). Deputado Federal. — Camara dos Deputados. — Rio de Janeiro — Brasil.

Ribeiro (Dr. João). Escriptor e philologo. — Collegio Pedro II. — Rio de Janeiro — Brasil.

Rice Institute Library. — aint Louis. — Missouri — E. U. da America. Ricketson Jade (Oliver Carrisson). — 91, Mont Vernon Street. — Boston. Mass. — E. U. da America.

Riedel (F. D.). Bibliophilo. - Berlim. Britz - Allemanha.

Rivarola (Rodolfo). Prof. Calle General Diaz, 1.211. — Buenos-Aires. — Rep. Argentina.

Rivault de Figueiredo (Dr. Annibal). — Rua da Gloria, 62. — Rio de Janeiro — Brasil.

Riveretto (Honorio). — Rua Barata Ribeiro, 588. — Rio de Janeiro — Brasil.

Rivet (Dr. Paul). Assistant au Muséum. — 61, rue de Buffon. — Paris V. — França.

Robledo (Dr. Juan). Universidad de Mexico. — Mexico D. F. — Rep. Mexicana.

Rogas (Dr. Orlando). — Rua Teixeira de Mello, 31 — Rio de Janeiro — Brasil.

Rocha Cabral (Dr. João da). Deputado Federal. — Rua Republica do Perú, 71 (1°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Rocha (Dr. Aristides). — Rua Dois de Dezembro, 30. — Rio de Janeiro — Brasil.

Rocha (Dr. Leonel da). Medico. — Rua 1º de Março, 10. — Rio de Janeiro — Brasil.

Rocha Pombo (Dr. José Francisco da). Historiador. — Rua Barbosa da Silva, 31. — Rio de Janeiro — Brasil.

Rodolph (Bruno). — Theophilo Ottoni. — E. de Minas Geraes — Brasil. Rodrigues de Vasconcellos (Prof. Clodomiro). Director de Instrucção Publica do Estado do Rio. — Nictheroy. — E. do Rio de Janeiro — Brasil.

Rodrigues (Dr. José Carlos). Jornalista. Escriptor. — "Jornal do Commercio". — Rio de Janeiro — Brasil.

Rodrigues Lopez (Dr. Rafael). — Apartado, 123. — Caracas — Venezuela.

Romão Baptista (Padre Cicero). — Joazeiro. — Ceará — Brasil.

Roosevelt (Hon. Franklin D.). — Hyde — Park. Dutchesse Co. — New York — E. U. da America.

Rosen (Conde Eric von). — Rockelstad. — Sparreholm. — Suecia.

Rosenweig Dias (Alfonso). — Embaixada do Mexico. — Rio de Janeiro — Brasil.

Rowe (Dr. L. S.). Director Geral da Pan-American-Union. — Washington D. C. — E. U. da America.

Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. — Great Russel Street — Londres — Inglaterra.

# S

Sá (Dr. Francisco). Senador Federal. — Rua Jardim Botanico n. 2. — Rio de Janeiro — Brasil.

Saavedra (Abdon S.).

Saboia e Silva (J. J. de). — Rua Corrêa Dutra, 27. — Rio de Janeiro — Brasil.

Saccadura de Freire Cabral (Arthur). Contra-Almirante. — Lisboa -- Portugal.

Safford (Dr. William E.). — U. S. Department of Agriculture. — Washington D. C. — E. U. da America.

Sagarna (Dr. Antonio). Prof. e Decano de la Facultad de Ciéncias de la Educacion de Paraná. — Humberto Primo, 28. — Paraná — Rep. Argentina.

Saint Louis Public Library, — Saint Louis. — Miss. — E. U. da America.

Salas (Dr. J. C.). — Caracas — Venezuela.

Sampaio Correia (Dr. José Mattoso). Senador Federal. — Rua dos Voluntarios da Patria, 231. — Rio de Janeiro — Brasil.

Sampaio Ferraz (Dr. Joaquim de). Director de Meteorologia. — Rio de Janeiro — Brasil.

San Diégo Public Library. — San Diégo. — California. — E. U. da America.

San Francisco Public Library — San Francisco. — California. — E. U. da America.

Sanctis (Dr. Mario de ). Medico. — Rua da Liberdade, 33 — São Paulo — Brasil.

Sanctuario de Congonhas do Campo. — Congonhas. — E. de Minas Geraes — Brasil.

Santacilia (Dr. Carlos Obregon). Engenheiro Architecto — Ministerio da Agricultura. — Mexico D. C. — Rep. Mexicana.

Santiago (Dr. Francisco de Paula). Advogado. — Rua da Carioca, 66. — Rio de Janeiro — Brasil.

Santos (Dr. Emeterio José). Prof. do Collegio Pedro II. — Rua São Francisco Xaxier, 642. — Rio de Janeiro — Brasil.

Santos Pires (Dr. Antonio Olyntho dos). Engenheiro Civil. Prof. da Escola de Minas de Ouro Preto. — Rua Leite Leal, 8. — Laranjeiras. — Rio de Janeiro — Brasil.

Sargent (Homer E.). — 222, Aroyo Terrace. — Pasadana. — Los Angeles. — California — E. U. da America.

Saville (Dr. Marshall H.). Prof. — Columbia University. Director do Museum of the American Indian. — New York City. — E. U. da America.

Schapelle (Dr. B. F.). — Department of Language University of Nevada. — Reno. Nev. — E. U. dan America.

Schepherd (William R.) - E. U. da America.

Schipton (Gen., J. A.), Lincoln, Co. Inc. Litt eRock Arkansas. — E. U. da America.

. Schmidt (Dr. Felippe). Senador Federal. — Senado Federal. — Rio de Janeiro — Brasil.

Schmidt (Prof. Max.). Prof. aus der Berliner Universität. — Königgrätzer Strasse, 12.. — Berlim. — Allemanha.

Schoff (Wilfried H.). Secretary. Philadelphia Museum — Philadelphia. —Pa. — E. U. da America.

Schubert (Miroslaw J.). Encarregado de Negocios da Tcheco Sloyaquia.

— Legação da Tcheco Sloyaquia. — Rio de Janeiro — Brasil.

Schurz (William Litle). Addido Commercial á Embaixada Americana. — Avenida Rio Branco, 109 (3°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Seabra (Dr. J. J.). Presidente do Estado da Bahia. — São Salvador. — Bahia — Brasil.

Seadley (Sta. Nellie). — 2.406, Massachussetts Ave. — Washington D. C. — E. U. da America.

Segadas Vianna (Renato). — Rua do Rosario, 116 (1°). — Rio de Janeiro — Brasil.

Seidl (Dr. Carlos). Medico. Director do Hospital São Sebastião. — Retiro Saudoso, 219. — Rio de Janeiro — Brasil.

Seminario Archiepiscopal de Marianna. — Marianna. E. de Minas Geraes — Brasil.

Semple (W. T.). — 345, Pike Street Cincinati. — Ohio. — E. da America.

★ Serpa (Dr. Justiniano de). Presidente do Estado do Ceará. Fortaleza. Ceará. --- Brasil.

Serpa (Oswaldo). Professor de Linguas do Gymnasio Pio Americano. Rua Teixeira Junior, 48. Rio de Janeiro. — Brasil.

Serpell (Sta. Alethéa). 902 West Over Ave. Norfolk. Va. — E. U. da America.

Serrano (Dr. Jonathas). Inspector Escolar. Rua da Quitanda, 50 (2°). Rio de Janeiro. — Brasil.

Serviço de Protecção aos Indios. Ministerio da Agricultura. Rio de Janeiro. — Brasil.

Serviço Geologico e Mineralogico. Ministerio da Agricultura. Rio de Janeiro. — Brasl.

Shueri (Demetri). Beyruth. - Syria.

Sidwell (Thomas W.) 1811. I. Street. Washington. — E. U. da America. Silva Araujo & Comp. Chimicos-Pharmaceuticos. Rua 1º de Março, 9-13. Rio de Janeiro. — Brasil,

Silva (Coronel Elizeu Guilherme da). Deputado Federal. Rua Constante Cunha, 8, Rio de Janeiro. — Brasil.

Silva Gusmão (Dr. Helvecio Carlos da). Advogado. Rua Euclides da Cunha, 8. Rio de Janeiro. — Brasil.

Silva (Major Henrique). Rua Torres Sobrinho, 9, Meyer. Rio de Janeiro.

— Brasil.

Silva Pessoa (Dr. Epitacio da). Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Rua Voluntarios da Patria, n. 25. Rio de Janeiro. — Brasil.

Silva Pessôa (General José da). Commandante da Policia Militar do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Silva Ramos (Dr. Bernardo da). Manáos. - Amazonas. - Brasil.

Silveira (Alfredo da). Advogado. Rua Therezopolis, 6. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Simoens da Silva (Dr. Antonio Carlos). Advogado. — Fundador e proprietario do Musêo Simoens da Silva. — Rua Visconde Silva, 111. Rio de Janeiro. — Brasil.

Simons (Paul Fitz). - Newport. Rhode Island. - E. U. da America.

Simpson (Dr. Gohn Grayke). 1421. — Massachussets Ave. Washington D. C. — E. U. da America.

Smidt (Dr. R. B. von Klein). President University of Southern California, Los Angeles, Cal. — E. U. da America.

Smith (Prof. Charles S.). 304 Takoma Ave. Takoma Park D. C. — E. U. da America.

Smithsonian Institution. Washington D. C. - E. U. da America.

Smyth (Judje Constantine Y.). Chief Justice Court of Appels of The District of Columbia. — Washington D. C. — E. U. da America.

Sneyder (G. F.). 1795 New-Hampshire Ave. Washington D. C. — E. U. da America.

Soares Brandão (Dr. Fernando). Advogado. Rua Leite Leal, 8. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Soares (Dr. Orris). Rua Hilario de Gouvêa, 31. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Soares Rodrigues (Dr. João). Medico, Prof. da Escola Normal. Rua do Cosme Velho, 232. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Sociedad Antonio Alzate. Mexico D. F. - Rep. Mexicana.

Sociedad Argentina de Ciencias Naturales. — Calle Perú, 294. — Buenos Aires. — Rep. Argentina.

Sociedad Chilena de Historia y Geografia. - Santiago. - Chile.

Sociedad Científica Argentina. Calle Cevallos, 269. — Buenos Aires. — Rep. Argentina.

Sociedad Geografica de La Paz. - La Paz. - Bolivia.

Sociedad Mexicana de Geographia y Estatistica. — Mexico. D. F. Rep. Mexicana.

Sociedad Commercial Hollandeza Transatlantica. — Rokin, 92-96. Amsterdam. — Hollanda.

Sociedade de Geographia de Lisbôa. - Idsbôa. - Portugal.

Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. — Praça 15 de Novembro, 401. (2°). — Rio de Janeiro. — Brasil.

Sociedade de Medicina e Cirurgia de Curityba. — Curityba. Paraná. —

Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo. — S. Paulo. — Brasil. Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Sociedade de Perseverança e Auxilio dos Empregados no Commercio. — Macejó. — Alagóas. — Brasil.

Sociedade Entomologica do Brasil. — Rua 1º de Março, 15. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Sociedade Mineira de Bellas Artes. — Bello Horizonte. — Minas Geraes. Sociedade Nacional de Agricultura. — Rua 1º de Março, 15, (1º). — Rio de Janeiro. — Brasil.

Sociedade Propagadora de Bellas Artes. (Lyceo de Artes e Officios). — Rio de Janeiro. — Brasil.

Société d'Anthropologie de Paris. -- Paris. -- França.

Société des Américanistes de Paris. — Rue Buffon, 61. Paris. — V — França.

Société de Géographie de Paris. — Boulevard, St. Gérmain, 184. — Paris. — França.

Sociedade Philatelica Paulista. - São Paulo. - Brasil.

Janeiro. — Brasil.

Sodré (General Lauro). Senador Federal. — Avenida Atlantica, 638. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Solon de Lucena (Dr.). Presidente do Estado da Parahyba do Norte. → Parahyba. — Parahyba do Norte. — Brasil.

Sombra (Coronel Luiz). — Quartel General. — Rio de Janeiro. — Brasil. Sommier (Prof. Alexandre-Emile). Rua 20 de Novembro, 199. — Rio de

Souza Castro (Dr. R.). Presidente do Estado do Pará. Belém. — Pará. — Brasil.

Souza (Dr. Antonio de). Presidente do Estado do Rio Grande do Norte.

— Natal. — Rio Grande do Norte. — Brasil.

Souza (Dr. Eloy de). Senador Federal. — Grande Hotel Lapa. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Souza (Dr. Henrique Castriciano de). Vice-Presidente do E. do Rio Grande do Norte. — Natal. — Rio Grande do Norte. — Brasil.

Souza (Dr. Oscar de). Medico. Prof. da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Rua da Republica do Perú, 87. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Souza Medeiros (Capitão Eloy de). -- Rua Visconde de Itamaraty, 40. -- Rio de Janeiro. -- Brasil.

¥ Souza Sá Vianna (Dr. Manoel Alvares de). Jurisconsulto. Prof. da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. — Rua Conde de Bomfim, 103. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Souza Varges (Dr. João Pinto). — Thesouro Nacional. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Souto (Sta. Sylvia). Professora. — Rua Marquez de Abrantes, 170. — Rio de Janeiro, — Brasil.

Spenero (H. B.), 1800. Pensylvania Ave. — Washington D. C. — E. U. da America.

Spinden (Dr. Herbert G.). Do American Museum of Natural History. — New York City. — E. U. da America.

Staerke (Otto). — Rua Conde de Bomfim, 526. — Rio de Janeiro. — Brasil. State Library of Colorado. Denver. Colorado. — E. U. da America.

Statlische Museum für Völkerkunde. Königrätzer Strasse, 120. — Berlim. — Allemanha.

Steinen (Dr. Karl von den). Professor. Ethnologo. — Quentzel. Strasse, 66. Wilmersdorf. -- Berlim. — Allemanha.

Steiner do Couto (Dr. Octavio). — Rua do Rosario, 89. — Rio de Janeiro. Brasil.

Steiner (Dr. Bernard). — Librarian, Enoch Pratt Library. — Baltimore. — E. U. da America.

Stetson (John B.). — Elkins Park. — Philadelphia Pa. — E. U. da America.

Suerdieck & Co. - S. Salvador. - Bahia. - Brasil.

Swanton (Dr. John R.). — Bureau of American Ethnology. Smithsonian Institution. — Washington D. C. — E. U. da America.

Swarthmore College Library. - Swarthmore. Pa. - E. U. da America.

## T

Taborda (Humberto). — Real Gabinete Portuguez de Leitura. Rua Luiz de Camões. Rio de Janeiro. — Brasil.

Tarditti (Carlos). Eng. Arch. Ministerio de Agricultura. — Mexico. D. F. Rep. Mexicana.

Tautpheus Castello Branco (Dr. Pandiá Hermann). — Rua Marechal Bittencourt, 64. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Tavares Cavalcanti (Dr. Manuel). Deputado Federal. — Praia do Flamengo, 74. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Tavares de Lyra (Dr. Augusto). Senador. — Rua Voluntarios da Patria, 435. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Teixeira (Dr. Antonio Maria). Prof. da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Rua Marquez de Abrantes, 37. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Teixeira Mendes (Dr. Raymundo de Souza). — Travessa Muratori, 24. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Teixeira Scares (Dr. João). Engenheiro Civil. Director do Club de Engenharia. — Rua Voluntarios da Patria, 161. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Tello (Dr. Julio C.). Director de Museu de Ethnographia. — Lima. — Perú.

Thalbitzer (Ellen Locker). Escriptora e Esculptora. — Bilkeröd Copenhagen. — Dinamarca.

Thalbitzer (Dr. William). Professor da Universidade de Copenhagen. — Bilkeröd. Copenhagen. — Dinamarca.

Thayer 0. (Tomás). Jefe de seccion. Bibliotheca Nacional. — Santiago. — Chile.

Thereza da Baviera (Princeza). Doutora em Philosophia H. C. Odeons Platz. 4. Munich. — Baviera. — Allemanha.

The Royal Mail Steam Packet Co. — Avenida Rio Branco, 43 .— Rio de Janeiro. — Brasil.

Tilley (Sir John). Embaixador da Gran-Bretanha. Embaixada Britannica. Rio de Janeiro. — Brasil.

Tolten (Major George 0.). 808. — Seventeenth Street. — Washington. D. C. — E. U. da America.

Torre Diaz (Dr. Alvaro). Embaixador do Mexico. Embaixada do Mexico. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Toro (Lic. Alfonso). Da Direccion de Antropologia del Ministerio de Agricultura y Fomento. — Mexico. D. F. — Republica Mexicana.

Tozzer (Dr. Alfred M.). Peabody Museum. — Cambridge Mass. — E. U. da America.

Tozzer (Sra. Alfred M.). 7. Bryant Street. Cambridge, Mass. E. U. da America.

Trancoso de la Concha (Dr. M. de J.). — Calle Mercedes, 38. Santo Domingo. — Republica Dominicana.

Triana (Dr. Miguel). Engenheiro. 280 Carrera 4<sup>a</sup>. Bogotá. — Columbia. Tuckerman (Alfred). 58. Kay Street. Newport. Rhode Island. — E. U. da America.

## U

Uchòa Cavalcanti (Dr. Pedro Celso). Director do Gymnasio de Recife. — Recife. — Pernambuco. — Brasil.

Uhle (Dr. Max). Director da Academia de Historia de Quitos. — Quitos.— Equador.

Union Ibero Americana. - Calle de Recoleta, 10. Madrid. - Hespanha.

Universidad Católica de Santiago de Chile. — Santiago. — Chile. Universidad de Chile. — Santiago. — Chile.

Universidad Nacional de La Plata. - La Plata. - Rep. Argentina.

Universidad Nacional de Mexico. — Mexico D. F. — Rep. Mexicana.

University of Arizona Library. — Station Tueran. Ar. — E. U. da America University of California Library. — Berkeley Cal. — E. U. da America.

University of Chicago Library. - Chicago. III. - E. U. da America.

University of Dakota Library. - North Dakota. - E. U. da America.

University of Georgia Library. — Athens. Ga. — E. U. da America.

University of Illinois Library. — Urbana. Ill. — E. U. da America.

University of Yowa Library. - Yowa City. - E. U. da America.

University of Kansas Library. — Lawrence. — Hansas. — E. U. da America.

University of Kentucky Library. — Lexington, Kentucky. — E. U. da America.

University of Michigan General Library. — Ann. Arboor Mi. — E. U. da America.

University of Minesota Library. — Minesopolis Min. — E. U. da America.

University of Missouri Library. — Columbia Min. — E. U. da America. University of Nebraska Library. — Lincoln, Na. — E. U. da America.

University of North Carolina Library. — Chapell-Hill. — North Carolina. — E. U. da America.

University of Pensylvania Library. — Philadelphia Pa. — E. U. da America.

University of Pittsburgh Library. — Pittsburgh. Pa. — E. U. da America. University of Southern California College of Liberal Arts. — Los Angeles. Cal. — E. U. da America.

University of Texas Library. — Austin. Texas. — E. U. da America.

University of Toronto Library. — Toronto. — Canadá.

University of Virginia Library. — Charlottesville. Va. — E. U. da America.

University of Washington Library. — Seattl. Washington D. C. — E. U. da America.

University of Wisconsin Library. — Maddison Wis. — E. U. da America.

#### V

Valcárcel (Dr. Luis E.). Presidente do Instituto Historico de Cuzco. — Cuzco. — Perú.

Valladão (Dr. Alfredo). Ministro do Tribunal de Contas. — Rua Sorocaba, 125. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Valladão (Dr. Manoel). Rio de Janeiro. — Brasil.

Valladares (Dr. Francisco). Deputado Federal. — Hotel Avenida. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Vanderbilt University Library. — Nashville. Ten. — E. U. da America. Vasconcellos (Dr. Amarilio Hermes). Medico .— Rua Pereira Nunes, 208. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Vasconcellos (Dr. Henrique Antão de). Medico. Prof. do Instituto Oswaldo Cruz. — Rua S. José, 72. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Vaugh (Aviles). United Press Association. — Rua da Quitanda, 95, (1°). — Rio de Janeiro. — Brasil.

Vaughan (T. Wayland). 1721. Riggs Place. Washington. D. C. — E. U. da America.

Veiga (Dr. Raul). Presidente do Estado do Rio de Janeiro. Palacio do Ingá, Nictheroy. E. do Rio de Janeiro. — Brasil.

Veiga Miranda (Dr. F.). Ministro da Marinha. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Velez Lopes (Dr. Lizardo). Apartado, 53. Trujillo. - Perú.

Vellard Du Chesne (Jehan-Albert). Medico. Entomologo. — Rua Pereira Nunes, 78. Nictheroy. E. do Rio de Janeiro. — Brasil.

Verneau (Dr. René). President de la Société des Américanistes de Paris. 61, Rue de Buffon. Paris. V. — França.

Vernon Morgan (Edwin). Embaixador dos Estados Unidos da America. Embaixada Americana. Rio de Janeiro. — Brasil.

Vianna (Dr. João Luiz). Medico. Rua Marquez de Olinda, 49. Rio de Janeiro. — Brasil.

Villaboim (Dr. Manoel Pedro). Prof. da Faculdade de Direito de São Paulo. Deputado Federal. Hotel dos Estrangeiros. Rio de Janeiro. — Brasil.

Villatoro (Heitor M.). Consul do Mexico. — Consulado Mexicano. — Rio de Janeiro. — Brasil.

Villiers (Baron Marc de). — Seciété des Américanistes de Paris. — Rue de Buffon, 61. — Paris, V. — França.

Villar y Cordova (Pedro Eduardo). — Lima. — Perú.

## W

Waener (Langdon). Director of the Pennsylvania Museum Memorial Hall. Fairmont Tank. Philadelphia Pas. — E. U. da America.

Walworth Arnold (Benjamin). Albany. N. Y. - E. U. da America.

Warburg (Felix). Kuhn Loeb & C°. Pine Street. — New York City. → E. U. da America.

Warner (Murray). — 1221. Marquette Building. Chicago Illi. — E. U. da America.

Warren Beckwith (Sta. Martha). Rechearch, Prof. of the Folklore foundation in the Wasser College Pughksepsie, N. Y. — E. U. da America.

Woss y Gil (Lic. Alejandro). — Calle Mercedes, 38, Santo Domingo. — Rep. Dominicana.

Wotkinson Library. — Hartford, Conn. — E. U. da America.

Weber (Dr. Friederich). General Director von Königlische e Ethnographische Museum Karl Heine Strasse, 8. Leipsig. — Plagwitz. — Allemanha. Werke (Behring). Physico. Marburg. — Allemanha.

Wheeler (Comm. Gerald C.). — Invernes Terrace, 107. Londres. W. 2. — Inglaterra.

White (Hon. Henry). 2439. — R. Street. Washington, D. C. — E. U. da America.

Whitney (Fred. Brown). 414. Julian Street. Waukegan. Ill. — E. U. da America.

Will (Georg F.) - Bismarck, North Dakota, - E. U. da America.

William Beer Howard Memorial Library. — New Orleans. La. — E. U. da America.

Williams (Dr. Horace E.). Engenheiro do Serviço Geologico e Mineralogico. Ministerio da Agricultura. Rio de Janeiro. — Brasil.

Williams (Hon. John Skelton). — Richmond. Va. — E. U. da America. Wilson (Prof. Robert W.). — 64, Brattel Street. Cambridge Mass. — E. U. da America.

Wilson (Dr. William Powell). Director of the Commercial Museum of Philadelphia. — Philadelphia Pa. — E. U. da America.

Winkle (Mina C. von). — E. U. da America.

Wissler (Dr. Clark). Curator of Anthropology. American Museum of Natural History. New York City. — E. U. da America. Wistar Institute of Anatomy and Biology. — E. U. da America. Woodward (Dr. Robert S.). — 65, Dresden Apts. Washington D. C. —

E. U. da America.

Wulfing (John M.). Guilehouse, Wulfing and C°. Saint Louis. Miss. — E. U. da America.

## X

Xavier (Prof. Lindolpho). — Instituto La Fayette, Rua Haddock Lobo, Rio de Janeiro. — Brasil.

## V

Yale University Library. — New Haven, Conn. — E. U. da America.

★ Yanes (Francisco J.). Assistente do Director. Pan-American-Union.

Washington. D. C. — E. U. da America.

Yats (Mc Reid). 1624. 18th. Street. Washington. D. C. — E. U. da America. Yparraguirre (Dr. Luis Anton de). — Consul de Bolivia em Nictheroy. Rua Santa Rosa, 332. Nictheroy. E. do Rio de Janeiro. — Brasil.



## Programma Geral das Sessões e excursões realizadas pelo XX Congresso Internacional de Americanistas realizado de 20 a 30 de agosto de 1922

## DOMINGO, 20 DE AGOSTO

A's 15 horas — Sessão Solemne de Abertura.

## SGUNDA-FEIRA, 21 DE AGOSTO

A's 9 horas - Sessão do Conselho.

Presidente — Dr. A. C. Simoens da Silva. Secretario — Professor A. Morales de los Rios.

A's 10 horas - 1ª Sessão do Congresso (Diurna.)

Presidente — Miss Adela Breton.

Secretario — Dr. Sylvanus G. Morley.

A's 14 horas — Visita ao Museu Nacional e Quinta da Bôa-Vista.

A's 20 horas - 2ª Sessão do Congresso.

Presidente — Dr. Marshall H. Saville. Secretario — Dr. Mitchell Carroll.

## TERÇA-FEIRA, 22 DE AGOSTO

A's 9 horas - Sessão do Conselho.

Presidente — Dr. A. C. Simoens da Silva.

Secretario - Dr. L. F. Clérot.

A's 10 horas — 3ª sessão do Congresso (2ª diurna). Presidente - Conselheiro Franz Heger. Secretario, — Dr. Salvador Debenedetti.

A's 14 horas — Excursão ao Pão de Assucar e chá no Morro da Urca.

A's 20 horas — 4° sessão do Congresso (2º nocturna). Presidente — Sr. Jules Claine. Secretario — Dr. José Reygadas Vértiz.

## QUARTA-FEIRA, 23 DE AGOSTO

A's 9 horas — Sessão do Conselho — Presidente — Dr. A. C. Simoens da Silva. Secretario — Dr. L. F. Clérot.

A's 10 horas — 5° sessão do Congresso (1° diurna). Presidente — Professor Lucien Levy-Bruhl. Secretario — Dr. Herbert Spinden.

A's 13 horas - Visita ao Sr. Ministro das Relações Exteriores.

A's 14 horas — Visita ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao Archivo Publico, á Bibliotheca Nacional e ao Convento de Santo Antonio.

A's 20 horas — 6<sup>a</sup> sessão do Congresso (3<sup>a</sup> nocturna). Presidente — Dr. A. C. Simoens da Silva. Secretario — Dr. William Bryant.

## QUINTA-FEIRA, 24 DE AGOSTO

A's 8 horas - Excursão á Gavea e visita ao Jardim Botanico.

A's 13 horas — Sessão do Conselho. Presidente — Dr. A. C. Simoens da Silva. Secretario — Dr. Paulo José Pires Brandão.

A's 14 horas — 7<sup>a</sup> sessão do Congresso (4<sup>a</sup> diurna). Presidente — Dr. Walter Hough. Secretario — Sr. Ryogy Noda.

A's 20 horas — 8<sup>a</sup> sessão do Congresso (4<sup>a</sup> nocturna). Presidente — Dr. Ales Hrdlicka. Secretario — Major Cooper Clark.

## SEXTA-FEIRA, 25 DE AGOSTO

A's 9 horas — Sessão do Conselho. Presidente — Dr. A. C. Simoens da Silva. Secretario — Dr. L. F. Clérot.

A's 10 horas — 9<sup>a</sup> sessão do Congresso (5<sup>a</sup> diurna). Presidente — Dr. Salvador Debenedetti. Secretario — Dr. Alfonso Toro.

A's 15 horas — Excursão ao Corcovado e ás Paineiras.

A's 20 horas — 10° sessão do Congresso (5° nocturna). Presidente — Dr. Rafael Arizaga. Secretario — Dr. Paulo José Pires Brandão.

## SABBADO, 26 DE AGOSTO

A's 9 horas — Sessão do Conselho. Presidente — Dr. A. C. Simoens da Silva. Secretario — Dr. L. F. Clérot.

A's 10 horas — 11<sup>a</sup> sessão do Congresso (6<sup>a</sup> diurna). Presidente — Dr. A. C. Simoens da Silva. Secretario — Dr. Sylvanus G. Morley.

A's 14 horas — Visita ao Museu Simoens da Silva e recepção na residencia do presidente do Congresso.

A's 20 horas — 12<sup>a</sup> sessão do Congresso (6<sup>a</sup> nocturna). Presidente — Dr. Powel Wilson. Secretario — Cap. W. F. Fuller.

## DOMINGO, 27 DE AGOSTO

Das 10 ás 17 horas — Excursão pela Bahia de Guanabara e pic-nic na ilha de Paquetá.

A's 21 horas - Soirée dançante no Hotel dos Estrangeiros.

## SEGUNDA-FEIRA, 28 DE AGOSTO

A's 9 horas — Sessão do Conselho. Presidente — Dr. A. C. Simoens da Silva. Secretario — Dr. L. F. Clérot.

A's 10 horas — 13<sup>a</sup> sessão do Congresso (7<sup>a</sup> diurna). Presidente — Dr. Moisés Bertoni. Secretario — Dr. L. F. Clérot.

A's 14 horas — Visita á Escola Nacional de Bellas Artes, Mosteiro de São Bento e egreja da Candelaria.

A's 20 horas — 14° sessão do Congresso (7° nocturna). Presidente — Dr. Luiz Palmier. Secretario — Dr. R. Thomé Bezerra.

## TERÇA-FEIRA, 29 DE AGOSTO

Das 8 ás 17 horas — Excursão á cidade de Petropolis.

## QUARTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO

A's 8 horas - Excursão á Tijuca.

A's 15 horas - Sessão solemne de encerramento.

A's 20 horas — Banquete no salão de honra do Club dos Diarios.

# Sessão Solemne de abertura, realisada em 20 de agosto de 1922

## **ACTA**

A's 15 horas do dia 20 de agosto de 1922, anno do anniversario do Primeiro Centenario da Independencia do Brasil, na Cidade do Rio de Janeiro, Capital da Republica dos Estados Unidos do Brasil, no salão nobre do Club de Engenharia á Avenida Rio Branco n. 124, realisou-se a Sessão Solemne de abertura do XX Congresso Internacional de Americanistas.

A Sessão foi aberta pelo Sr. Consul Eudoxio de Vasconcellos, do Ministerio das Relações Exteriores do Brasil, que em seguida passou transitoriamente a Presidencia ao Sr. Dr. Arthur Getulio das Neves, Presidente interino do Club de Engenharia, que discursou saudando os presentes e em especial ao Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, submettendo á Assembléa a proposta apresentada pelo Sr. Professor Lucien Levy-Bruhl da Sorbonne e Membro do Instituto de França, secundado pelas Delegações da França, Argentina e Austria e acclamada na ultima Sessão do Comité Organisador do Congresso, realisada a 18 de agosto de 1922, no Salão Nobre da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, séde do mesmo Comité, indicando para a Directoria do Congresso os seguintes nomes: - Patrono: Exmo. Sr. Dr. Epitacio da Silva Pessôa, Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.-Presidente, Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva.-Vice-Presidentes, Almirante Gomes Pereira, Dr. Ales Hrdlicka, Professor Lucien Levy-Bruhl (por proposta da Delegação Brasileira), Dr. William Thalbitzer, Dr. Martin Noël (por proposta das Delegações da França e Austria) e Dr. Luiz Palmier.-Secretario Geral, Professor Adolfo Morales de los Rios. — 1º Secretario, Dr. Léon Francisco Clérot. - 2º Secretario, Dr. Paulo José Pires Brandão. - 3º Secretario, Dr. Sylvanus G. Morley. - 4º Secretario, Dr. Alfonso Toro. - 5º Secretario, Capitão W. F. Fuller.-Thesoureiro, Dr. A. Augusto de S. Pinto.-Essa proposta foi confirmada e acclamada pelos Senhores Congressistas presentes, e convidou em seguida o Sr. Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva a assumir a Presidencia.

O Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva saudou a assistencia e deu as bôas vindas aos Delegados Extrangeiros e aos dos Estados do Brasil, alli presentes, convidando o Dr. Ales Hrdlicka, Secretario Geral da XIX Reunião do Congresso, realisada em Washington em 1916, para, na ausencia do Presidente de então, autorisar definitivamente a realisação da XX Reunião no Brasil, fazendo nessa occasião a entrega da respectiva autorisação; fazendo logo depois, o Sr. Presidente, o seu discurso inaugural

Em seguida fallaram por ordem de graduação os Srs. Professor Marshall Saville, Secretario Geral do Congresso realisado em New-York em 1902; Conselheiro Franz Heger, Secretario Geral do Congresso realisado em Vienna em 1908 e Miss Adela Breton, Secretaria Geral do Congresso, realisado em Londres em 1912.

Discursaram depois, por ordem alphabetica, os Srs. Representantes officiaes da Allemanha (Ministro George Plehn), Argentina (Dr. Martin Noël), China (Secre-

tario da Legação Dr. Toung De-Kien), Dinamarca, (Dr. William Thalbitzer) Equador, (Ministro Rafael Arizaga), Estados Unidos da America do Norte (Dr. Mitchell Carroll), França (Professor Lucien Levy-Bruhl), Hollanda, (Ministro Pleythe), Hespanha (Ministro Benitez), Italia (Encarregado de Negocios, Principe Alliata di Montereale e di Villafranca), Japão (Secretario da Legação Ryogy Noda) Mexico. (Dr. José Reygadas Vertiz), Paraguay (Dr. Moisés S. Bertoni), Perú (Dr. Enrique Páz Soldán), Polonia (Ministro Conde Crzeslaw Pruszinski), Portugal (Embaixador Duarte Leite), Suecia (Ministro Theodoro Panés), Suissa (Ministro Alberto Gertsch), Tcheco Slovaquia (Encarregado de Negocios Miroslaw), Uruguay (Ministro Ramos Monteiro), pelos Estados do Brasil, Pernambuco (Dr. Pedro Uchôa Cavalcanti), S. Paulo (Dr. Escragnole Taunay), Bahia (Conego Galrão), Estado do Rio de Janeiro (Dr. Luiz Palmier), Districto Federal (Almirante José Carlos de Carvalho) e pelo Instituto Historico e Geographico de Sergipe o desembargador Caldas Barreto.

O Sr. Presidente leu em seguida a lista dos Americanistas fallecidos entre a ultima e a actual reunião, solicitando que os presentes ficassem de pé um momento em homenagem aos mesmos.

A seguir o Sr. Presidente deu a palavra ao secretario geral Professor Morales de los Rios que fez um breve historico do Comité Organisador do XX Congresso Internacional de Americanistas até a sua installação definitiva.

Terminado isto, o Sr. Presidente encerreu a sessão.

## DISCURSO DO DR. ALES HRDLICKA

Senhores:

I regret that I am not be able to address you in your own beautiful language. I have the honour and pleasure to bring you the greetings, and the best wishes for of success, from your colleagues in the United States.

I have further the honor and grateful task of delivering to you, from the XIX International Congress of Americanists, the formal authorization for you to proceed with the XX Congress, under the rules and regulations of these sessions, May the transactions of the XX Congress result in further promotion of the interest in the studies of the peoples of the two Americas, both in this andin other countries.

As a material token of the high interest in the XX Congress among our Institutions, libraries and men of science, and in return for the very encouraging aind which the XIX Congress at Washington received from Brazil, we are bringing you a good list of memberships, as well as of communications. Brazil, through your honored first Vice-President, Dr. Simoens da Silva, sent us no less than 27 memberships more than any other one country which participated in the nineteenth session. We, with a large population, did not wish to remain behind you, and so are bringing you 250 memberships, and there may be still a few more to come later.

We bring, moreover, a good delegation, representing our Government and a number of our principal Institutions, so as to assure personal contact and participation, which are of more importance than mere subscriptions.

And those of us who have been given the cherished privilege of coming, place ourselves unreservedly at your service. We are here to learn, to enjoy our association with you and your countrymen, to strengthen old and build new friendships, and to see something at least of this great land. But we are here also to assist you in every way possible to establish lasting cooperation, and to aid you in stimu-

lating, spreading and deepening scientific as well as popular interest in all those branches of research which fall within the scope of these Congresses.

Gentlemen, we are at your service, both now while here, and also after our departure.

## DISCURSO DO PRESIDENTE DO CONGRESSO

Exmas. Senhoras, DD. Representantes das Nações e Instituições Extrangeiras e Brasileiras, Meus Senhores:

Ao iniciar as minhas funcções de Presidente do XX Congresso Internacional de Americanistas, para o qual fui eleito por nimia gentileza e grande benevolencia de todos vós, cumpro um grato dever de muito agradecer-vos a honra que acabaes de conferir-me e bem assim a todos os membros do Comité Organizador e do Conselho Consultivo cujas funcções terminaram ante-hontem o muito que se dignaram auxiliar-me nessa demorada tarefa de seis annos de trabalhos consecutivos.

Não será demais, pois, salientar os nomes dos preclaros Presidentes que foram do mesmo Comité, os Exmos Srs. Senador Dr. Lauro Severiano Müller e Dr. João Teixeira Soares, que tudo fiz ram a bem do exito do certamen scientífico, óra em inauguração, e bem assim os dos Secretarios, Dr. Domingos Sergio de Carvalho, que, além dos encargos da Secretaria, confeccionou o programma official do Congresso, de grande importancia aos trabalhos do mesmo, e Dr. Raymundo Thomé Bezerra, erudito e operoso superintendente de toda Secretaria de dous annos a esta parte.

Quanto propriamente ao grande e tradicional certamen: Devo dizer-vos que, ha muitos annos, iniciaram-se na Europa, isto é, desde 1857, na França, os preparativos para a cultura e desenvolvimento do americanismo, que, depois de varias demarchas no mesmo paiz e na Inglaterra, deram em resultado a organização do Congresso Internacional de Americanistas, com a sua sessão inicial na cidade de Nancy em Julho de 1875.

Dessa época para cá vem sendo cuidado esse certamen scientifico mundial com o maior carinho e observado tudo o que respeita ás suas regras e estatutos do modo o mais irreprehensivel.

E isso é devido, em grande parte, ao respeito que têm os scientistas de ambos os continentes, Europeu e Americano, devotado ao mesmo congresso ficando zelado pela sua tradição, a direcção da ultima sessão realizadas guiando por sua vez o Comité Organizador da subsequente reunião verificou-se no paiz que foi escolhido; em tudo o que lhe possa, mais de perto, interessar.

Não é demais tornar publico neste momento que muito devem os membros do Comité Organizador do Brasil, que até ante-hontem em tal categoria funccionaram, aos seus collegas dos Estados Unidos da America, notadamente aos Srs. Professores William Holmes e Ales Hrdlicka, pelo muito que se dignaram fazer a bem do exito da reunião do Brasil.

Esse Congresso, depois de 1875, quero dizer, depois da reunião de Nancy, tem tido lugar nas seguintes cidades: Luxemburgo em 1877, Bruxellas em 1879, Madrid em 1881, Compenhague em 1883, Turim em 1886, Berlim em 1882, Pariz em 1890, Huelva em 1892, Stockholmo em 1894, Mexico em 1895, Pariz em 1900, onde foram votados e approvados os estatutos que o vêm regendo até a presente data, Nova York em 1902, Stuttgart em 1904, Quebec em 1906, Vienna em 1908, reunião memoravel essa, para nós brasileiros e para os portuguezes, pois que nella muito se debateu o nosso representante na mesma, Sr. Dr. Manoel de Olivera Lima,

para que fosse adoptado na lista dos idiomas do Congresso o portuguez, sahindo o autor dessa proposta victorioso em toda linha.

Em Buenos Aires (Maio) e Mexico (Setembro) em 1910, em Londres em 1912, em Washington em 1913-1916 e no Rio de Janeiro em 1922.

A conflagração européa impediu a realização ha mais tempo desse certamen altamente scientífico em nosso paiz.

Tem o Congresso Internacional de Americanistas por seu patrono S. Ex. o Sr. Dr. Epitacio Pessôa, Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, a exemplo do que se tem verificado com todas as reuniões antecedentes desse certamen, que tem tido nesse elevado posto o chefe das respectivas nações onde elle se reune.

Com prazer devo declarar que o Governo do Brasil considerou o XX Congresso Internacional de Americanistas como fazendo parte da commemoração official do Centenario da sua Independencia politica, tendo sido convidado officialmente, em 1919 pelo Dr. Domicio da Gama, em 1920 pelo Sr. Rodrigo Octavio e em 1921 pelo Sr. Azevedo Marques, o illustrado Ministro de Estrangeiros, que vós, illustres membros extrangeiros, houvestes por bem visitar em data de hontem todas as nações do velho e novo continentes a tomarem parte no XX Congresso Internacional de Americanistas, a inaugurar-se em 2) e a encerrar-se em 30 de agosto de 1922.

Os Srs. Governadores e Presidentes dos Estados, a quem tive a honra de dirigir-me, muito attenciosa e solicitamente accederam em receber a todos vós, illustres representantes dos paizes extrangeiros, afim de que o programma das excursões do mesmo Congresso possa ter completa execução.

E a cooperação particular do Lloyd Brasileiro, Companhia de Navegação Costeira, Companhia Leopoldina e mesmo a Light and Power Company, Club dos Diarios, Agencia Americana, United Press e Associated Press, Companhia Aerea Pão de Assucar, Companhia Cantareira, Suerdick & C., Souza Cruz & C. e varias outras.

Tambem e muito especialmente vos devo dizer que a imprensa carioca, por seus diversos orgãos, especialmente o *Jornal do Commercio*, tem prestado todo o seu valioso e abnegado apoio e auxilio a este Congresso, que a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro nos prestou durante seis longos annos a maior e a mais desinteressada cooperação, cedendo-nos gratuitamente toda a sua séde para os trabalhos preparatorios do Congresso, e o Club de Engenharia, que por sua illustre directoria e conselho director, hospeda o Congresso desde hoje até o dia do seu encerramento, pondo á disposição do mesmo todos os departamentos do bello palacio onde nos encontramos.

Assim, pois, o Congresso que ora se inaugura fará suas sessões diarias de amanhã em diante, sendo sempre uma diurna e outra nocturna, e que se realizarão no salão do 1º andar, onde se acham os machinismos apropriados ás projecções dos conferencistas; nas horas intercaladas fará, não só aos convidados do Governo do Brasil, mas tambem aos outros que vieram a seu convite directo, conhecer alguns dos pontos pittorescos do Rio de Janeiro, suas instituições scientificas e artisticas, e do dia 1 de setembro até meiados da segunda quinzena do mesmo mez fará as excursões, com a possibilidade dos seus recursos, ao Estado de Minas Geraes, cuja partida desta Capital está fixada para o referido dia 1, realizando-se em seguida a dos Estados do Espirito Santo, S. Paulo e Santa Catharina.

Em nome de toda a directoria do XX Congresso Internacional de Americanistas faço os mais sinceros votos para que tenha o mesmo o maior exito, e agradeço a todos vós, muito reconhecido, a presença a esta solemnidade, esperando que dentro em pouco tempo se realize a XXI reunião no paiz que fôr escelhido na actual reunião do Rio de Janeiro.

## DISCURSO DO PROFESSOR MARSHALL SAVILLE

Mr. President, Members of the XX th International Congress of Americanists.

Ladies and Gentlemen:

In 1895, twenty-seven years ago, the first meeting of our Congress in America was in Mexico. It was convened as a special session by authorization of the Tenth Congress held the previous year in Stockholm. The regular Eleventh session was to have been held in Holland, but as the plans for this Congress did not materialize, the Mexican extraordinary session became the Ele enth Congress. It was my good fortune to take part in this Congress. At the next Congress, held in Paris in 1900, a new bylaw was passed providing that henceforth the International Congress of Americanists should meet alternately in Europe and America, and New York was selected as the place of meeting of the Thirteenth Congress held in 1902. I had the honor of serving as General Secretary, and by virtue of an article in the statutes which our Congress, providing that former Presidents and Secretaries shall form a Permanent Council, it falls upon me as the senior member present of the Permanent Council, to extend a greeting to our members at this session. I desire first of all to express to the Local Committee of Organization, and especially to my good friend Dr. Simoens da Silva, the great pleasure it gives the Permanent Council, and all of us, to take advantage of the opportunity which has at last been realized, of meeting for the first time in this marvelous city. I am sure that this session will prove a great stimulus to those of us who have come from other countries, and we also hope that our coming here may be helpful to you in your endeavors to advance in Brazil the high objects of the International Congress of Americanists, namely, the historic and scientific study of the two Americas and their inhabitants. We are sure that the traditions of the Congress will be maintained, and that our meeting will mark a distinct forward step in promoting international and fraternal relations among the members of our organization which have been unhapilly interrupted during the past decade. Not the least of the functions of the Congress is the opportunity afforded of meeting ones colleagues in social intercourse. Thanks to the admirable program of the Local Committee this feature of this session promises to be more than realized, in the various entertainments and excursions so generously provided. Mr. President and local members, I would again reiterate our great satisfaction in meeting here, and hope that your work will not be in vain in endeavoring to make the Brazilian meeting one of the most inspiring and successful of any session in our history.

## DISCURSO DO SR. CONSELHEIRO FRANZ HEGER

Als Vertreter der Anthropologischen Gesellschaft in Wien erlanbe ick mir die hier anwesenden Mitglieder des XX. Internationalen Amerikanisten-Kongresses auf das herzlichste zu begrüssen. Die wissenschaftlichen Beziehungen zwischen Oesterreich und Brasilien reichen jetzt schon über ein Jahrhundert zurück. Als im Jahre 1817 die Tochter des oesterreichiochen Kaisers Franz I., Erzherzogin Leopoldine, sich mit dem damaligen Kronprinzen von Portugal, Algarbien und

Brasilien, dem nachmaligen Kaiser von Brasilien Dom Pedro I. vermähte, ordnete Kaiser Franz I an, dass aus diesem. Anlasse eine Anzahl von oesterreichischen Naturforschern die Reise der Erzharzogin nach Brasilien mitmache, um dieses damals noch wenig bekannte Reich in naturwissenschaftlicher Beziehung eingehender zu durchforschen. Es waren im ganzen sieben Naturforscher und Maler, welche diese Aufgabe durhcazuführen hatten. Dieser Expedition schlossen sich noch drei weitere Naturforcher an, und zwar ein toscanischer namens Raddi und zwei bayerische, nämlich Dr. J. B. von Spix und Dr. C. F. Ph. von Martius, letztere im Auftrage des Königs Maximilian Josef I. von Bayern, welche beide sich so hervorragende Verdienste um die naturwissenschaftliche und ethnographische Erforschung Brasiliens und seiner ursprünglichen Bewohner erworben haben.

Von den oesterreichischen Naturforschern waren der Mineraloge Dr. I. F. Pohl und der Zoologe Johann Natterer die bekanntesten. Dr. Pohl führte in den Jahren 1818-21 grosse Reisen in Minas Geraës und in Goyaz aus, über die er später ein grundlegendes Werk veröffentlichte. Noch viel umfassender und bedeutender waren die Reisen von Johann Natterer. In den ersten Jahren 1817-21 durchforschte er die weitere Umgebung von Rio de Janeiro und einen Teil von São Paulo Von hier aus trat er 1822 seine grosse Reise nach dem Inneren von Brasilien über Goyaz nach Matogrosso an, wo er durch sieben Jahre verweilte und von dessen Hauptstadt aus er bedeutende Reisen ausführte Im Jahre 1829 brach er endlich von da auf, befuhr zuerst den Rio Madeira bis zu dessen Mündung und in den folgenden Jahren bis 1835 den Rio Negro und mehrere seiner grossen westlichen Zuflüsse, sowie den Rio Branco bis nach Britisch-Guayana. Darauf kehrte er nach London und 1836 nach einer Abwesenheit von 19 Jahren nach Wien zurüch. Es sind das wohl die ausgedehntesten und bedeutendsten Reisen, welche von einem Naturforscher jemals in Brasilien ausgeführt worden sind. Obgleich Zoologe vom Fach, wandte er sein besonderes Augenmerk auch der einheimischen indianischen Bevölkerung zu, von der er eine mehrere tausend Nummern umfassende ausgezeichnet bestimmte ethnographische Sammlung nach Wien brachte, die heute noch als eine der besten ihrer Art gelten kann. Leider hat Natterer über diese Reisen nur sehr wenig veröffentlicht, so dass sein Name im Auslande nur sehr wenig bekannt ist.

Noch zu Beginn dieses Jahrhundertes hat die Akademie der Wissenschaften in Wien zwei grössere Forschungsexpeditionen nach Brasilien gesandt, eine botanische unter Wettstein und eine zoologische unter Steindachner. So sehen wir die alten wissenschaftlichen Beziehungen zwischen Oesterreich und Brasilien bis in die jüngste Vergangenheit, und durch diesen Kongress bis in die Gegenwart fortbestehen. Ich spreche nun den innigen Wunsch aus, dass diese engen Beziehungen wissenschaftlicher Natur zwischen diesen beiden Staaten — und ich betone es hier ausdrücklich, dass nun solche einen dauernden Wert im Völtker und Staatenleben haben — auch in Zukunft aufrechterhalten bleiben mögen.

## MISS ADELA BRETON

Puisque on ne m'avait pas prévenu que j'aurais à parler devant cette auguste assemblée, je ne saurai dire que quelques mots à l'improviste, en désirant qu'il aurait eté possible d'envoyer une délégation anglaise plus grande, et d'une importance plus égale à l'occasion.

Tous les collègues qui n'ont pas pu venir vous saluent le plus cordialement et vous donnent les meilleurs vœux pour le succès du XX Congrès — Dr. A. P.

Maudslay, Sir Arthur Keith, Professeur J. L. Myres, Dr. A. C. Haddon, Professeur R. R. Marell, mr. T. A. Joyce, tous prennant un vif interêt dans ces congrès internationaux américanistes, qu'ils estiment rendre des services importants à l'anthropologie.

C'est en apprenant ce qui se passait dans l'amérique ancienne, si long temps écartée du reste du monde, que l'on peut chercher ce qu'il peut y avoir de plus ancien encore. Les secrets de l'Amérique sont pour l'avenir.

Je vous félicite de votre Président, si plein d'energie, et j'attends des discussions très fructueuses.

## DISCURSO DO DR. MARTIN NOEL

Señor Presidente del Congreso Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva.

Sñs. Congresales:

Motivo es para mi de honda satisfacción el representar á mi pais en tan destacada oportunidad.

El americanismo es, hoy día, una verdadera religión científica para el universo entero; penetrar sus misterios, talismanes quizás, del origen y evolución de las razas humanas, el mayor anhelo de todos los espiritus estudiosos y observadores nacidos en el suelo enjundioso de nuestras Repúblicas.

Por ello es, Sñs., que, al aceptar la representación oficial de la Argentina, trayendo hasta vosotros todo el entusiasmo y el interés que nos vincula estrechamente á la gran obra común, he experimentado un recóndito sentimiento de intimo halago, de señalada honra; por cuanto las superiores conclusiones de este Congreso serán los nuevos jalones demarcatorios del intrincado sendero que nos conducirá al mundo arcaico dentro de su civilización precolombiana, dejando así francas las férreas puertas a la verdad a las nuevas indagaciones científicas.

Traigo instrucciones de mi gobierno. El Presidente Irigoyen, atento a su intenso afán americanista, requiere de mi representación la adhesión mas absoluta á todo cuanto vosotros desidierais para el mayor ascendiente de los futuros estudios y conclusiones a que arribemos en el decurso de nuestras deliberaciones.

Así pues, Señor Presidente: En este momento en que guiados por la fé de nuestras convicciones deseamos descorrer, aún sea con un gesto de ilusión, el espeso telón que nos separa de un escenario legendariamente remoto — arcano de los honrosos orígenes de los pueblos de América — sean mis primeras palabras de respetuosa enhorabuena y alto homenaje al Exmo. Sr. Presidente de la República hermana de los Estados Unidos del Brasil y de caluroso aplauso á las autoridades científicas que, organizando este congreso, sirven con tal señalada lealtad al mejor y cabal conocimiento de nuestro pasado, y por ende, al de la humanidad — siempre opaco y secreto — para todos cuantos curiosos caminamos sobre su aparente sencillez geográfico.

I ahora, al saludar con acendrado cariño y reverencia a los ilustres delegados americanos — me parece de toda justicia — el puntualizar la inteligente y altruista contribución de las aportaciones europeas, en este instante tan brillantemente representadas en el seno de esta Asembléa.

Ellas han facilitado, de continuo, con la empecinada labor de sus sabios, la marcha ascendente de aquellas inquisiciones que parecen ya otorgarnos, un mayor grado de prestigio en el estudio y origen de las civilizaciones.

A tal extremo, que ellas, sumandose á nuestros propios derroteros, delinean con cierta claridad, la preponderancia de una tesis americanista, que, fuerza es confesar, ha prosperado en los senáculos de las universidades y de las Academias de: Londres, Paris, Berlin, Roma, Viena, Christiania o en Estocolmo y Copenhague.

Al margen de estas hipótesis, plantéase, ante nuestras atalayas cientificas, concientes de positiva veracidad, un enunciado cuajado de incógnitas, que pareciera extraviarse en enmaraña los laberintos, pero quizás encargado de encender con sus destellos los caóticos puertos que, desde Méjico, por las espesas breñas de las selvas del Amazonas hasta las playas del plata, parecen atesorar los flujos y reflujos de las migraciones sucesivas que determinaron nuestra conformación étnica y estética.

Lo americano, cobra, por estas razones complejas de enumerar — dada la brevedad que me otorgan las circumstancias — un ascendiente de indiscutible actualidad.

Los manantiales recientemente descubiertos parecieran fijar, por entre los saltos y abismos mas ó menos inciertos de sus rompientes y represas, una orientación que, en la arqueología moderna, pudiera ser, algo así, como la piedra de toque del porvenir y añadamos — que esta rama robusta del árbol genealógico del saber, muéstrase para los ojos avisores, no ya como una mera ciencia encargada de penetrar el isondable valor de las edades fenecidas — sino que: por encima de este conocimiento trata de vivificarlo, despertando su propia esencia como una promesa del porvenir reflejada en el espejo de las realidades inmutables y eternas. El arte y la ciencia contémplanse en ese terso y divino espejo.

Basándonos pues, serenamente, en los estudios etnográficos y arqueológicos del período precolombiano, despertaremos, el inconfundible caracter que comunicara um seño venerable á la fisonomia de nuestros países dentro de ese mundo sin fronteras del pensamiento que, ageno á toda pasión mesquina, busca, infatigable y visionario, el deseo de sacear su sed espíritual: religiosa y positiva al mismo tiempo, destinada á fijar ante los ojos dilatados de los hombres el secreto de su proprio origen.

En el vasto é interesantisimo programa, formulado como plan substancial de nuestra labor, dibujase mas de um interrogante, y si llegamos á responder, con alto juicio a algunos de ellos — habemos de seguro cumplido con los terminos de tan elevados propositos.

Por nuestra parte, hemos de colaborar, con todo entusiasmo, los hombres intelectuales de nuestro pais han depositado en nosotros su confianza, y la Argentina, comprometida en este torneo de la intelligencia exigira de nosotros el maior esfuerzo.

Confio muy particularmente en el distinguido e ilustrado maestro que me acompaña, me refiro al arqueologo Debenedetti, que representa a la Facultad de Filosofia y Letras, al Museu Nacional de Historia Natural de Buenos Aires y Museo de la Plata.

Director del Museo Etnográfico de aquella facultad, robustecida su inteligencia en la forja de nuestros mas ilustres maestros, hoy ya desaparecidos: Ambrosetti, y Lafont y Quevedo, ha trabajado con teson y talento prolongado la labor de

aque los — y él mas que yo — os aportara la palabra de nuestra manera de ver y de pensar.

Ambos traemos, por parte, una representación comun: La junta de Historia y Numismatica Americana de Buenos Aires nos ha hecho también, sus delegados.

Por entre vosotros, este Instituto, que fundara el G<sup>ral</sup> Mitre para albergar en él toda suerte de estudios historicos, es harto conocido; y en esta oportunidad, su Presidente, el eminentissimo historiografo Doctor Ramon J. Carcano, ha querido hacer llegar hasta este Congreso la contribución del cuerpo que tal dignamente preside.

En cuanto a mi, quisiera, dentro de mi doble finalidad de artista avido de curiosidades arqueologicas, hermanar, por milagroso consorcio, todos mis modestos conocimientos para que, ellos — a servicio de los eruditos conceptos que han de vertirse, presten su contribución a la obra comun.

Y ahora, o puedo menos de hacer valor el acendiente que presta a nuestros espiritus esta hermosa ciudad, trayendo hasta nosotros el recuerdo de la gran influencia portuguesa.

No lejos de aqui, espaldas de la ciudad riente y bella, como engarzada en el espejismo multicolor y facinante de su naturaleza, que exulta el animo a los mayores ensúeños, hierguense los airados pretiles y remates, y la liturgica espadaña — serena y mistica como una plegaria — ante el austero convento de San Antonio, donde la ordem franciscana como en todas las villas de la colonia volcó el ingenio fecundo de los artistas españoles y luzitanos, dando origen, al nacimiento de los primeros arquectipos "barroco indigenas", encargados de traer hasta nuestro siglo, la aportación, de uno de los y lores mas sugerentes para la personalidad estetica de nuestros pueblos.

Quiera, esta modesta evocación, servir de feliz augurio al complejo y lozano campo de las tareas, que hoy se inician, bajo tan peregrinos auspicios.

## DISCURSO DO DR. TOUNG DE-KIEN

Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs:

C'est un grand honneur pour moi de représenter mon Pays en prenant par à cette eminente Conférence Internationale des Américanistes au milieu des illustres savants présents.

L'invitation de la Chine par le Brésil et par votre Congrès est beaucoup plus significative au fond qu'en apparence; je crois l'avoir comprise: la parenté des races et la civilisation commune entre les Américains Précolombiens et les Asiatiques Orientaux sont plus évidentes encore qu'entre les premiers et les autres peuples du monde.

Le juin dernier l'illustre Prèsident Mr. le Dr. Simoens da Silva m'a particulièrement honoré en m'invitant à presenter au Congrès un Mémoire sur l'Origine des Américains Précolombiens; je me fis un devoir de ne pas lui refuser mon humble concours. Grâce aux recherches des grands savants et aux données historiques de mon Pays, je crois avoir un peu contribué pour la solution de ce problème dans l'Asie Orientale.

Mais, comme mes connaissances son naturellement très imparfaites, je confie mon travail, que j'ai envoyé hier au Sécretariat du Comité de cette conférence, à la bienveillance des illustres savant présents, en les priant de vouloir bien m'aider de leurs précieux enseignements et de leurs lumineuses indications.

## DISCURSO DO DR. WILLIAM THALBITZER

Mr. President.

Ladies and gentlemen.

I have the honour and the great pleasure to stand here with a greating from the kingdom of Danmark and from the University of Copenhagen, both of which I represent.

I feel deeply thankful for this official invitation which I received through the Danish Department of Foreign Affairs, to be a representative at the XX th international congress of Americanists — this congress which to the eyes of all of us is animated by the glory and splendour eradiating from the 100 anniversary of the independence of Brazil. In my country, to the mind of many a young Dane, the name of Brazil means the symbol of the most glorious independence.

It happened to me as to many of my friends in days of youth that we got a longing for the primeval forests and campos of Brazil.

I may remind also of one of my countrymen, a botanist who toward the middle of the last century left Danmark for a short excursion to the Brazilian Campos—his name was P. V. Lund. While passing by he was so enchanted by the beauty of a lake and river near Lagoa Santa that he stopped there and settled down for forty years. The name of P. V. Lund is well-known in Brazil the discoverer of the pristine caves or grottos in the vicinity of Lagoa Santa with their remarkable remains of a prehistoric Brazil. His collections and the learned work: E Musæi Lundi, testify to the importance of Lund's discovery.

Within the state of Danmark there is another area for Americanistic explorations. I hint at a distant arctic land, the largest of the Northamerican islands, called Greenland which historically, since its discovery, was connected with the Scandinavia countries and is now a part of the realm of Danmark. Greenland was colonized from Danmark some 200 years ago and since then many Danish men of science have made their way to it and through their investigations in the tehnography, language and anthropology of the Greenland Eskimos contributed to the science of the indigenes of America. Many of the Scandinavian scholars seem to have inherited the blood of the old vikings who followed the coasts to distant countries or even traversed the ocean in order to fetch such home treasures that are «more precious than jewels and gold» (to use an expression of our fairystory tel er H. C. Andersen) and which enrich our winds and the universal science. To this the ethnographical museums in all the metropolises of Scandinavia bear witness.

I feel enthusiastic by my first impressions of Brazil. I greet with sincere joy that spirit of scientific collaboration which meet us at this first internat-Congress of Americanists after the *fimbul*-winter of the war, and I feel heartily thankful to the invisible forces here that have the merit of having convocated us to continue the interrupted labour in the service of international science.

The true mind of science is above the national contrasts, always in search of light and truth. May the bright sun of Brazil shine mildly upon our days of labour in this old and celebrated country.

## DISCURSO DO PROFESSOR LUCIEN LEVY-BRUHL

Au non de la délégation française, j'ai l'honneur d'apporter au 20° Congrès International des Américanistes le salut du Ministère de l'Instruction Publique de France, et aussi celui de la Société des Américanistes de Paris.

Mes premières paroles seront pour remercier cordialement la généreuse terre du Brésil de son aimable hospitalité. La merveilleuse Ville de Rio de Janeiro, avec sa baie et ses environs d'une beauté si ravissante, est un enchentement pour les yeux et pour le coeur! On ne peut pas la connaître sans l'admirer et sans l'aimer.

Elle ne craint pas la comparaison avec les plus beaux sites du monde, et de bons juges ont dit qu'elle l'emportait sur eux tous.

Nulle part le Siège du Congrès ne pouvait etre mieux placé. Rio est depuis de trés longues années un des centres les plus actifs d'études Américanistes, et cela est vrai pour toutes les parties les plus diverses de cet immense domaine scientifique : archeologie, histoire des explorations et des missions, préhistoire, ethnologie, linguistique, etc.

Les noms des illustres savants Brésiliens sont présents à tous les esprits ; je ne tenterai pas une énumération qui serait trop longue.

C'est une heureuse idée d'avoir placé le siège du Congrès au Brésil, precisiment cette année ou il va célébrer le Centenaire de son Indépendance. Les étrangers qui accourrent par dizaines et por centaines de mille pour assister aux fêtes et pour visiter l'Exposition, ne pourront pas ne pas être frappés comme nous du chemin qui a été déjá parcouru depuis 1822.

Qu'est ce que le court éspace de cent ans dans la vie d'une grande nation? Et cependant voici que la Ville de Rio de Janeiro est devenue, une grande Capitale; la population qui a depuis longtemps dépassé le million, continue a s'accroître et rapidament; le trafic y est intense, l'activité y éclate partout, de grands travaux l'embellissent chaque jour, sans rien lui faire perdre du charme qu'elle doit au cadre incomparable de la vue et des montagnes, qui fait d'elle une des merveilles du monde.

Je prends la liberté de joindre mes felicitations sincères a toutes celles qui vont être apportées au Brésil, dans quelques jours, des quatre coins du monde civilisé.

Mais j'ai hâte d'offrir l'expression de notre gratitude à l'éminent président du Congrès, Monsieur le Dr. Simoens da Silva. Tout en contribuant si efficacement par ses travaux personnels au progrès des études Américanistes, il a prodigué son temps et sa peine pour l'organisation du Congrès et son ardeur infatigable a triomphé des difficultés et des obstacles.

Nous lui sommes profondément reconnaissants de ses efforts, que le suc ès a récompensé. Nos remerciments ne sont pas moins vifs pour tous les illustres collaborateurs, et surtout pour les dévonés secrétaires du Congrès, Messieurs Adolpho Morales de los Rios, Léon F. Clérot e Paulo José Pires Brandão, qui lui ont apporté au comité d'organisation le précieux concours de leur expérience et de leur autorité, et qui l'ont si vaillament et si utilement aidé dans l'accomplissement de sa tâche.

Un certain nombre de savants Français qui auraient été heureux d'assister au Congrès et de prendre part à ses travaux, en ont été empêchés par des circonstances qu'il n'était pas en leur pouvoir de modifier. Ils m'ont demandé de vous présenter leurs sincères regrets Le Dr. Réné Verneau, professeur au Muséum d'Histoire Naturelle de Paris ; le Dr. Rivet, assistant à ce même Muséum ; M. Philippe Marcou, le Marquis de Créqui-Montfort et beaucoups d'autres encore.

Un mémoire de M. Verneau, dont notre collègue M. Claine aura la bonté de donner connaissance au Congrès, vous exposera mieux que moi je ne saurais le faire, l'activité de notre Société au cours de son passé déjà long, puisqu'elle a

célébré en 1920 son vingteinquième anniversaire. Malgré le malheur des temps et l'effroyable tourmente de la grande guerre, le présent est encourageant.

Grâce surtout au dévouement infatigable du Dr. Rivet, le Journal de la Soclété des Américanistes a recommencé à paraître, et il a publié une bibliographie extrêmement précieuse et complète des travaux récents relatifs à l'américanisme.

La bibliothèque fournit aux chercheurs des ressources abondantes qu'ils ne trouveraient nulle part ailleurs. Le nombre des Sociétaires a quintuplé. Ce sont là d'heureux symptomes, et même plus que des symptomes. C'est la preuve de l'intérêt durable et toujours croissant qu'éveillent en France touts les études qui touchent au continent américain.

La fraternité qui s'est si noblement affirmée au moment de la terrible épreuve a ainsi sa base indestructible dans la communion des sentiments e la collaboration des intelligences.

## DISCURSO DO DR. MITCHELL CARROLL

Mr. President, Ladies and Gentlemen:

I have been asked to express on behalf of the Delegates from the United States of America, our appreciation of the fine spirit of cooperation and courtesy that has permeated the XX International Congress of Americanists, and to congratulate the Brasilian Organizing Committee on the every and efficiency with wich they have made this Congress so conspicuous a success.

We had the honor of holding the XIX Congress in the city of Washington in 1915-16, when several delegates from South America joined us and Mexico in one of our greatest meetings, tho'we sadly deplored the absence of most of our European Colleagues on account of the exigencies of the world wan. So long a time had elapsed since then that we looxed forward to this Congress with some degree of trepidation. Had the spirits of mutual ardor and esteem cooled on account of the trying conditions through which all of us were passing?

Thanks to the geniality and hospitality of our Brasilian hosts, we have met in this transcendentally beautiful and charming city and the warmth of heart for which Brasilians are world renowned has drawn together representatives from Austria, Denmark, France, Germany, Great Britain, Sweden and ather European countries, and from far off China and Japan; from the sister Republics of North America: from Argentina, Bolivia, Columbia, Equador, Paraguay, Perú and most of the States of this Great Republic of the Southern Cross; and has linked us in renewed bands of devotion to the high ideals for which we stand and in unfaltering determination in the great work to which we are committed.

For these happy results we are chiefly indebted to the generalship and accomplishments of our beloved Presidents Dr. Simoens da Silva and the enthusiastic and efficient cooperation of his associates, especially, the secretaries.

Long wave the standard of American Anthropology which they have so firmly planted in this gorgeous setting of sea—scope and landscape.

Let us hope that as one of the results of this gathering of Americanists from all parts of the world, there may soon be established in Brasil an anthropological association ranking with the foremosts!

To this end we pledge you our hearts, our hands and our most sacred friendshi.

## DISCURSO DO DR. CARLOS ENRIQUE PAZ SOLDAN

Excmo. Señor:

Señoras y Señores:

El Perú, en cuyo nombre tengo la honra de hablar en este instante, no podía faltar a esta XX reunión del Congreso de Americanistas y por ello he recibido encargo especial de mi Gobierno para expresar en su nombre el cordial saludo suyo y sus vehementes augurios por que el éxito acompañe a este certamen.

La vieja tierra de los Incas, señores mágníficos que escribieron con sus hazañas, sobre el amplio escenario que los Andes agigantan y decoran, la más grandiosa epopeya nacionalista de que guardan memoria los siglos de nuestra América meridional, se asocia a esta Justa del saber, no sólo por expreso deseo de su gobierno, sino en acatamiento a imperioso mandato que le viene de su propia historia, plena de grandeza, de justicia y de sabiduría.

Al cumplir el encargo así recibido, quiero subrayar la importancia y significación que tiene el hecho de celebrarse este XX Congreso como preludio de las fiestas centenarias de la gran democracia brasileña.

Es el reconocimiento de que en esta hora de recordación jubilosa de la centuria intensimente vivida por el Brasil, la América ansía conocerse aún mejor, por la iluminación científica de su pasado legendario en donde se encierram lecciones fecundas que habrán de permitirla cumplir en la incierta época que está atravesando el mundo, con su Destino de ser la fragua renovadora de la conciencia humana y el taller de la justicia, de la libertad y de la felicidad de los hombres!

Señores Congresistas, aceptad las expresiones de simpatía que hace el Perú, mi patria, y los votos que formula por que el éxito más completo acompañe vuestras labores.

He dicho.

# DISCURSO DO PROFESSOR A. MORALES DE LOS RIOS, SECRETARIO GERAL

Distincto auditorio:

Tratarei de ser breve.

O tempo de que dispomos é escasso para os nossos afazeres.

Tudo quanto eu poderia dizer a respeito destas reuniões periodicas já o foi dito pelo orgão muito mas eloquente e auctorizado dos que, no cargo que agora tenho a honra de exercer, me precederam em semelhante posto.

Cabe, no entanto, mais e mais, aconselhar a realização de assembléas como a presente: a Historia da America que mais nos interessa,— desde os remotissimos tempos da sua pre-historia, até a divulgação livre do pensamento, pelo vehiculo da impressão, — não pode ser completada senão pelo amiudado intercambio de informações entre os Americanistas de todos os paizes que integram o Novo Continente; tal a ligação de factos communs que, sem o auxilio dessa geral cooperação entre nós, pareceriam como que distinctos e pertencentes a muito diversas gentes. O meio ambiente — não tão absoluto como alguns opinam, nas suas influencias sobre os seres animados — influiu, não ha duvida, para crear variantes, mas não

destruiu a unidade que se percebe nos Amerindios em geral; nem as proprias linguagens, nas suas evoluções, apagaram aquelle feitio coheso: a palavra  $Gu\dot{a}$ , ou melhor,  $U\dot{a}$ , por exemplo, triumpha do tempo, das distancias e da mistura dos sangues, no meio de todos os gentios, passados ou actuaes.

O essencial, como sempre, é achar a Palavra fio, amem de outros esteios que vão haurir a sua força em sciencias complicadas e sujeitas a opiniões contradictorias: achado o significado da palavra antilhana Samaná, que é tambem genuinamente Sanscrita, ligando-se ambas, talvez, ao Samas de uma das Triadas assyro-babylonicas, tem-se o alveo trogloditico necessario ao eixo rodopiante em torno do qual gira toda a existencia Karaïba; ao passo que toda a sciencia antropologica e a probidade científica de um Guilherme Luntz não consegue provar nem a ascendencia Mongolica do Tapuia, o gosto dos nus, nem a filiação daquelle habitante primitivo do Planalto Central brasileiro ás raças que emigraram do continente asiatico; no entanto nem sempre para o Poente se dirigiram ellas: foram para o Nascente tambem.

E, porque a força de achegos e a abundancia de argumentos as vienos reconhecer na America, em terras que nos são geographica e politicamente extranhas, preciso se nos torna irnos nos soccorrer da sabedoria dos que nellas pesquisam e estudam para que possamos completar a nossa propria e restricta obra, dentrodos nossos limites nacionaes.

E' esse um dos fructos destas periodicas reuniões.

A troca de ideias falladas, adianta muitas vezes tanto, pela successão das interrogações e das respostas, o que não nos esclarece, ás vezes, sendo tratado; os que as escrevem, senhores da materia, mal podem adivinhar que um nome sem significação para elles é de grande relevancia, no entanto, para outros, que lhe procuram os pormenores, comezinhos para aquelles e, por isso, apenas citado, sem mais informações a respeito. Grandes clarões se abrem assim, nos nossos propositos americanistas, quando estas assembléas se effectuam.

As tristes circumstancias que o mundo todo atravessou ha poucos dias, dilataram o momento da apertura desta reunião, quasi que invalidando a acção do-Comité brasileiro, organizador do presente Vigesimo Congresso Internacional de Americanistas e não foi apenas do interior que nos vieram as difficuldades para o nosso empenho, foi tambem, entre nós, devido a apreciações e ciumes que nãoquizemos jamais despertar, mas que nos era impossivel desfazer pela nossa unica vontade.

De todos esses empecilhos teve a fortuna de sair airosamente o Comité brasileiro, organizador do Vigessimo Congresso dos nossos estudos.

Muito consolo recebeu elle com o apoio que de mãos abertas, de outra parte, lhe vieram trazer nacionaes e extrangeiros, nesse espirito que recommenda a Paz entre os homens de bôa vontade.

E' no meio dessa paz que aqui, moral e materialmente, nos reunimos e ella ha de amparar nossas tarefas para consecução dos nossos honrosos ideaes.

Cabe-me, neste momento, agradecer á Sociedade Brasileira de Geographia do Rio de Janeiro o agasalho e o tecto que fidalgamente nos procurou e devo estender muito especialmente esse agradecimento ao meritissimo Presidente dessa Sociedade, Sr. Almirante Gomes Pereira.

Cabe-me tambem não esquecer os nomes dos que nos guiaram com as esclarecidas presidencias do nosso Comité organizador, e seria nesta occasião olvido ingrato deixar de citar muito especialmente os nomes do Sr. Senador Lauro Müller

e Dr. Simoens da Silva; como devo relembrar os dos excellentes, animosos, operosos e alegres companheiros de tanto trabalho, que tive nos Srs. Secretarios do mesmo Comité, Drs. Paulo José Pires Brandão, Leon F. Clerot e Thomé Bezerra.

Cabe-me, emfim, senhores dar-vos a todos as boas vindas, arengando-vos ao mesmo tempo ao dizer-vos com esperançoso enthusiasmo: Mãos á obra, senhores e amigos!



## Sessão solemne de encerramento realisada em 30 de agosto de 1922

## ACTA

Ás 15 horas do dia 30 de agosto de 1922, anno do anniversario do 1º Centenario da Independencia do Brasil, na Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Capital da Republica dos Estados Unidos do Brasil, no salão nobre do Club de Engenharia, á Avenida Rio Branco n. 124, realisou-se a sessão solemne de encerramento do XX Congresso Internacional de Americanistas.

A sessão foi aberta pelo Presidente do Congresso, Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, secretariada pelo Dr. Adolfo Morales de los Rios, Secretario geral, Drs. Léon F. Clerot, Paulo José Pires Brandão, Sylvanno Morley, Alfonso Toro e Capitão W. C. Fuller, respectivamente 1°, 2°, 3° e 4° secretarios do Congresso.

Tomaram parte na mesa os Srs. Almirante José Carlos de Carvalho, Membro do Conselho do Club de Engenharia, e Almirante A. C. Gomes Pereira, Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Teve a palavra o professor Dr. Ales Hrdlicka, Chefe da Delegação dos Estados Unidos da America do Norte e Membro da Commissão de Convites do Congresso: fazendo o historico e evidenciando o escrupulo com que esta Commissão se houve no desempenho de sua missão, designando a futura séde do Congresso em sua proxima reunião, para a qual recebeu a mesma pedido dos Governos da Hollanda e da Suecia; poz em evidencia o merito dos scientistas desses paizes e o desejo por elles manifestado desde longos annos e as vantagens que esses governos pretendem proporcionar para essa realisação.

Por todas essas circumstancias resolveu a alludida Commissão designar os referidos Paizes para nelles ter logar a XXI<sup>a</sup> Reunião, dividida em duas sessões, das quaes a primeira será realisada na Hollanda e a segunda na Suecia.

Em seguida teve a palavra o professor Marshall Saville, Membro da Commissão de resoluções do Congresso e Delegado official dos Governos dos Estados Unidos da America do Norte e de Guatemala; começou o orador congratulando-se com todos os congressistas pela idéa da creação de um Instituto de Estudos Americanistas e Antropologicos no Brasil, com séde no Rio de Janeiro e filiaes nos Estados, dizendo que desde ha muito os scientistas de Guatemala, Ecuador e Venezuela tinham em vista fazer um apêlo aos seus collegas brasileiros para a creação de um instituto deste genero no Brasil, e terminou dizendo que sentia-se verdadeiramente satisfeito, como Membro do Congresso, pelo brilhante successo que o mesmo obteve e evidenciou o valor scientífico dos trabalhos que no correr de suas sessões foram apresentados e discutidos, salientando os esforços que o Presidente do Congresso, Sr. Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva e seus auxiliares, dispenderam para obter esse resultado.

Fallou a seguir o professor Adolfo Morales de los Rios, Secretario Geral do Congresso, que fez um resumo dos trabalhos realisados.

Discursaram depois os Srs.: Ministro Jorge Plehn, representante do Governo da Allemanha; Dr. Martin S. Noël, representante do Governo da Argentina; Conselheiro Franz Heger, do Governo da Austria; Srs. Roberto Paravicini, representante do Governo da Bolivia; Professor William Thalbitzer, representante do Governo da Dinamarca; Dr. Mitchell Carroll, representante do Governo dos Estados Unidos da America do Norte; Professor Lucien Levy-Bruhl, representante do Governo da França; Professor Marshall Saville, representante do Governo de Guatemala; Ministro Th. B. Pleythe, representante do Governo da Hollanda; Capitão A. W. Fuller, representante do Real Instituto de Anthropologia da Inglaterra; Dr. Riogy Noda, representante do Governo do Japão; Dr. José Reygadas Vértiz, representante do Governo do Mexico; Dr. Matias Alonso Criado, representante do Instituto Paraguayo; Ministro Theodoro Panés, representante do Governo da Tcheco-Slovaquia e Ministro Miroslaw Schubert, representante do Governo do Uruguay.

Pelos Estados do Brasil fallaram: Dr. Theodoro Braga (Pará), Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti (Pernambuco) e Dr. Luiz Palmier (Estado do Rio de Janeiro.

O Dr. Ales Hrdlicka fez entrega ao Presidente do Congresso de uma moção de agradecimento ao Club de Engenharia com a assignatura de todos os congressistas presentes; o Sr. Presidente entregou-a por sua vez ao Sr. Almirante José Carlos de Carvalho, do Conselho Superior do Club de Engenharia, que fez eloquente discurso.

Fallou o Sr. Almirante Gomes Pereira, Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, e o Dr. João Coelho Gomes Ribeiro em nome do antigo comité organisador do Congresso.

O Sr. Presidente discursou agradecendo o concurso dos congressistas extrangeiros e brasileiros, dos representantes das Nações Extrangeiras e dos Estados do Brasil, levantando a sessão e declarando encerrado o XX Congresso Internacional de Americanistas.

## DISCURSO DO CONSELHEIRO FRANZ HEGER

Die Internationalen Amerikanisten-Kongresse bestehen seit dem Jahre 1875; sie können-daher heute auf eine 47 jährige Dauer zuroückblicken. Während dieser verhältnismässig langen Zeit hat in der Aufeinanderfolge der einzelnen Tagungen zum erstenmale nach dem Kongresse zu Stockholm im Jahre 1895 eine längere Unterbrechung von fünf Jahren stattgefunden, die verschiedene Ursachen hatte. Es lag damals schon die Gefahr nahe, dass diese Kongresse im Einschlafen begriffen seien.

Da gelang es der Tatkraft meines seither verstorbenen Freundes, professor Dr. C. T. Hamy in Faris, sie wieder zu-neuem Leben zu erwecken. Er berief für das Jahr 1900 einen neuen Kongress nach Paris, auf dem er die gegenwärtigen Statuten gab. Von da an schien der Bestand dieser Sessionen für die Zukunft gesichert.

Die uns allen bekannten Er signisse haben seither eine-zweite, noch längere Unterbrechung zur Folge gehabt. Der XIX Kongress in Washington konnte infolge derselben nicht mehr im Jahre 1914 stattfinden; er wurde erst im Dezember des Jahres 1915 schon während des Krieges dort abgehalten, so dass ein grosser Teil

der Amerikanisten, namentlich die europäischen nicht an demselben teilnehmen konnte.

Damals wurde in Washington beschlossen, dass der nächste (XX) Kongress im Jahre 1918 in Rio de Janeiro abgehalten werden solle Wegen Fortdaner des Krieges war dies jedoch numöglich und auch der Versuch, ihn im Jahre 1920 dort zu veranstalten, war ohne Erfolg.

Präsidenten, Dr. Simeens da Silva ist es jedoch zu verdanken, dass heute dieser Kongress hier stattfinden konnte. Den grossen Erfolg dieser Tagung haben sie Alle mit erlebt. Es erschienen zahlreiche Dele ierte aus allen Ländern des Erdkreises; über 80 wissenchaftlichen Abhandlungen und Vorträge wurden vorgelegt oder gehalten, welche den Fortschritt der Altertums kunde, Anthropologie und Ethnographie der Ureinwohner Amerikas bedeutend gefördert haben und noch mehr fördern werden, wenn diese in den Verhandlungen des Kongresses im Druck erschienen sind, deren baldiges Erscheinen ich den hierfür massgebenden Personen wärmstens ans Herz lege. Sie haben auch beschlossen, dass für den weiteren Fortbestand dieser Kongresse in der bisherigen Form entsprechend vorgesorgt werde, so dass die nächste XXI. Tagung sogar in zwei aufeinanderfolgenden Sessionen im Jahre 1924 in Europa stattfinden wird von denen die erste in Göteborg (Schweden), die zweite in Holland abgehalten werden soll.

Und so spreche ich zum Schlusse den lechaften Wunsch aus, dass die folgenden Tagomgen von nun an wieder in ungestörter Reihenfolge platzgreifen mögen, um den wichtigen wissenschaftlichen Aufgaben, welche diese Krongresse verfolgen, gerecht werden zu können.

## DISCURSO DO DR. WILLIAM THALBITZER

Mr. President! - Ladies and Gentlemen!

In my words of thanks to Brasil and Rio de Janeiro there is a reverberation from the people of Danmark to whom Brasil is the vast and distant country of the future which has succeeded in conciliating and amalgamating so many different races.

I may safely take this fact as an evidence of a truly hospitable mind in this country and I think especially of that mental hospitality which is one of the most refined and precious characteristics of human civilization.

These days have shown me numerous proofs of the existence in Brasil of the mental hospitality, which for example asserts itself in attitude of this country towards the aboriginal cultures within its limits and perhaps even more in the scientific and artistic interest the Brasilian public, in ever growing degree, takes for the Indian tribes that exist still in great parts of the land.

I feel happy that I can return to my home with these impressions and I hope that Brasil and Denmark will meet often in the future in happy understanding of the importance, both scientifically and humanely, of the Americanistic studies.

I ash Dr. Simoens da Silva, as the president of the congress and on behalf of the Brasilian authorities, to receive my sincere thanks, at the same time congratulating you, Sir, on the success of this congress.

## DISCURSO DO PROFESSOR A. MORALES DE LOS RIOS, SECRETARIO GERAL DO CONGRESSO

Distinctos senhores e senhoras.

Illustres representantes da sciencia americana.

Respeitaveis auctoridades.

Se houve um cargo que, pela sua ineficacia durante o tempo das nossas reuniões, ficou completamente apagado, foi o de Secretario geral deste Congresso, de que, honrosamente para mim, fui investido.

Se em alguns dos debates havidos no seio deste Congresso e na exposição de algumas das theses do seu programma me foi dado mostrar que o seu secretario não passava de um simples mytho, occupadissimo alhures, co no profissional, nos trabalhos das edificações da Exposição do centenario da independencia política brasileira, não me manifestei assiduo em outras occasiões em que se tornava obrigatorio acompanhar illustres hospedes.

Havereis de perdoar-me essa apparente descortezia e, como não tenho melhores argumentos para me desculpar, terei de lembrar-vos o annexim que reza, que:

«A obrigação passa avante da devoção».

Magnificos se podem chamar os resultados do presente Congresso, pela abundancia extraordinaria das memorias que a elle foram entregues ou remettidas pelos adherentes ao mesmo: acredito que talvez, nenhuma das reuniões de americanistas até agora celebradas haja colhido tão abundante messe a tal respeito; devotamente levaremos suas benemeritas obras para o relicario dos annaes, que serão publicados, do presente Congresso.

Não menos satisfactoria é para a nossa instituição a numerosa phalange de adherentes que tem este Congresso, quer do paiz, quer de fóra delle; o algarismo desse feito extraordinario excede o de um milheiro! A' vossa secretaria, apesar de toda a sua excellente vontade de trabalhar, não foi possivel até este momento fazer a exacta contagem dessa brilhante collaboração.

O Brasil sente-se orgulhoso com essas homenagens á sua sciencia, sobre tudo quando lhe vêm de extrangeiros, que dessa delicada maneira lhe demonstram que, se são forasteiros, não são nem estranhos, nem indifferentes á nossa vida de povo que aspira a grandeza em todas as manifestações que honram o espirito humano.

O nome do Brasil bordará o pallio que ha de agasalhar, como custodia sagrada da sciencia americana, o livro em que todas essas contribuições virão estampadas em letra de fôrma, para maior estimulo dos que nos seguirem nesta classe de tarefas.

E, porque haveis contribuido para essa glorificação do nome do Brasil, honra vos seja feita.

Tenho a certeza de interpretar o espirito brasileiro, neste momento commemorativo do primeiro centenario de sua independencia, dizendo-vos o seu agradecimento pela homenagem extraordinaria que todos lhe viesteis prestar, sem distincção de procedencia.

Quanto a nós, americanistas, movidos pelo actual exemplo, cabe-nos adoptar o emblema colorido dos imperantes descobridores de tantas terras americanas e que animosamente brada: *Plus ultra!* 

## Conclusões do XX Congresso Internacional de Americanistas

O XX Congresso Internacional de Americanistas resolve:

I

Approvar as seguintes indicações relativas á organização de trabalhos e pesquizas nos differentes ramos da Anthropologia no Brasil, propostas pelo Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, no 3º Congresso Brasileiro de Geographia, reunido em setembro de 1911, na cidade de Curytiba (Estado do Paraná); pelo Dr. João Barbosa de Faria, no Comité organizador do XX Congresso de Americanistas, em 1921; e pelo Dr. Ales. Hrdlicka, na ultima sessão do Congresso:

- a) Organizar, com bases amplas e solidas, uma Sociedade de estudos anthropologicos, com séde no Rio de Janeiro e succursaes nos Estados.
- b) Publicar uma Revista relatando os trabalhos realisados pela Sociedade e destinada á vulgarização dos estudos anthropologicos no Brasil.
- c) Promover tanto quanto possivel a introducção de cursos de Anthropologia nas Universidades e nas Escolas Superiores do Brasil.
- d) Desenvolver por todos os meios possiveis e applicaveis o conhecimento desses estudos na instrucção popular no Brasil.
- e) Premiar, com estagios em paizes estrangeiros, aos estudantes de Anthropologia que mais se distinguirem durante os respectivos cursos, para se aperfeiçoarem nas differentes especialidades dessa Sciencia.
- f) Promover a approximação entre as differentes instituições scientificas, publicas e particulares do Brasil, que se interessem pelos estudos anthropologicos, com as instituições similares de outros paizes estrangeiros.

П

Communicar ao governo do Mexico a sua unanime approvação por ter creado uma repartição official destinada ao proseguimento de pesquizas anthropologicas, manifestando ao director do Departamento de Anthropologia do Ministerio da Agricultura e Fomento a satisfacção do Congresso pelas descobertas de grande alcance feitas sob a sua iniciativa durante os ultimos cinco annos na grande cidade Tolteca de San Juan Teotihuacán, no valle de Mexico, louvando a illustre direcção da Anthropologia pelos seus methodos de investigação, pela technica de seu trabalho, pelo exito alcançado na difficil questão das restaurações archeologicas, e finalmente pela rapidez e perfeição com que estas investigações foram dadas ao conhecimento do mundo scientifico através da publicação de obras especiaes sobre o assumpto.

III

Communicar á Associação Conservadora de los Monumentos Arqueológicos de Yucatán, em Mérida, Yucatán e Mexico, a sua approvação unanime pela organização dessa instituição local, cujo alevantado fim é salvaguardar as reliquias archeologicas da peninsula de Yucatán.

6236

#### IV

Congratular-se com o governo da Republica Argentina pelo seu vigoroso proseguimento nas investigações anthropologicas, inauguradas pelo Dr. Juan Bautista Ambrosetti (fallecido), ex-director do Musêo Ethnographico de Buenos Ayres, habilmente proseguidos pelo seu digno successor Dr. Salvador Debenedetti e seus auxiliares, pelo Museu Nacional de Buenos Aires e pelo Museu de La Plata.

V

Communicar á Academia Nacional de Historia del Ecuador a sua unanime approvação pelos traba'hos realizados por essa notavel instituição scientifica, formulando votos para que os resultados alcançados no futuro continuem as brilhantes tradições do seu passado, conquistadas sob a sabia direcção do Sr. Jacintho Jijon y Caaamño.

## VI

Felicitar o governo de Guatemala pela sua preclara iniciativa creando um Departamento sob a jurisdicção do Ministerio da Instrucção Publica, denominado «Museu Nacional de Arqueologia, Etnologia e Historia», o qual terá por objectivo principal a reorganização do Museu Nacional, destruido pelo grande terremoto de 1917, e a creação de uma organização governamental para a Defesa dos Monumentos Archeologicos Nacionaes, bem como para animar as investigações archeologicas dentro do territorio da Republica por instituições extrangeiras, com provisões liberaes que permittam a divisão equitativa dos objectos descobertos.

# Lista das obras offerecidas ao "XX Gongresso Internacional de Americanistas", para distribuição entre os seus membros presentes

- Turquoise Mosaic Art in Ancient Mexico Marshall Saville, E, U, da America.
- 2. La Poblacion del Valle de Teotihuacan. 3 Vols. Directoria de Antropologia del Ministerio de Agricultura y Fomento de Mexico Dr. Manuel Gamio. Mexico.
- 3. Dissertaciones Cientificas de Autores Alemanes en Mexico. «Morfologia y Origen de la Mesa central de Mexico» Ernest Wittich. Mexico.
- 4. Dissertaciones Cientificas de Autores Alemanes en Mexico. «Un nuevo Manual de Arqueologia Mexicana» Hermann Beyer, Mexico.
- 5. Dissertaciones Cientificas de Autores Alemanes en Mexico. «La Arqueologia Mexicana como norma para el estudio de las antigüedades Nahua. Pipiles» Paul Henning. Mexico.
- 6. Ancient Civilization of Mexico and Central America Herbert J. Spinden. E. U. da America.
- 7. The Correlation of Maya and Christian Chronology Sylvanus Morley. E. U. da America.
  - 8. Mascara con Mosaícos de Turquesas Museu Nacional de Mexíco. Mexico.
  - 9. A Maya Grammer Alfred M. Tozzer, E. U. da America.
- 10. Antigüedad del hombre en el Valle de Mexico George E. Hyde.

Nueva Orientacion Arqueologica. Historicas - Ramon - Mena. Mexico.

- 11. Codice Mariano Jimenez Dr. Nicolás Leon. Mexico.
- 12. Convenciones Internacionales de Monaco y Ginebra para unificacion de las medidas craneometricas Dr. E. Varela. Mexico.
  - 13. Un crimen de Hernan Cortes Dr. Alfonso Toro. Mexico.
  - 14. Codice Sierra Dr. Nicolás Leon. Mexico.
- Memoria para servir á la Carta General del Imperio Mexicano Antonio Garcia Cubas. Mexico.
  - 16. The National Library of Mexico (1883). Mexico.
  - 17. La Obstetricia en Mexico Dr. Nicolas Leon. Mexico.
- 18. Hanpttempel Tepari Yacóta der Vorbispanischen Tarasken wahrend der Epoche der Erobernug Dr. Nicolás Leon. Mexico.
- 19. Breve Noticia Historica Descriptiva del Museu Nacional de Mexico Jesus Galindo y Villa, Mexico.
- 20. La Piedra de Sol y el primer capitulo de la Historia de Mexico E. J. Palacios. Mexico.
  - 21. Lenguas Indigenas de Mexico Dr. Nicolás Leon. Mexico.
- 22. «Escritos Diarios e Publicaciones» hasta el año 1908 Dr. Nicolás Leon. Mexico.
  - 23. Cefalometria Fetal Dr. Nicolás Leon, Mexico.

- 24. «El Negrito Poeta Mexicano y sus populares versos» -- Dr. Nicolás Leon.
- 25. Antigua Literatura Indigena Mexicana. Mexico.
- 26. Reseña de la Segunda Session del XVII Congresso Internacional de Americanistas. Mexico. 1910.
  - 27. Los Tarascos (1º Parte) Dr. Nicolás Leon. Mexico.
- 28. Vocabulario de la Lengua Popoloca, Chocha o Chuchona Dr. Nicolás Leon. Mexico.
- 29. Actas de la XI Session del Congresso Internacional de Americanistas Mexico 1895.
- 30. Memorias para la Historia de Mexico Independente 1822-1846 José Bocanegra. Mexico.
  - 31. Notas Blographicas Dr. Nicolás Leon. Mexico.
- 32. La capacidad Craneana en algunas de las Tribus Indigenas de la Republica Mexicana Dr. Nicolás Leon. Mexico.
  - 33. Boletin del Instituto Bibliografico Mexicano. N. 1.
  - 34. Boletin del Instituto Bibliografico Mexicano. N. 2.
  - 35. Boletin del Instituto Bibliografico Mexicano. N. 3.
  - 86. Boletin del Instituto Bibliografico Mexicano. N. 4.
  - 37. Boletin del Instituto Bibliografico Mexicano, N. 5. Mexico.
  - 38. Boletin del Instituto Bibliografico Mexicano. N. 6.
  - 39. Boletin del Instituto Bibliografico Mexicano. N. 7.
  - 40. Boletin del Instituto Bibliografico Mexicano. N. 8.
  - 41. Boletin del Instituto Bibliografico Mexicano. N. 9.
- 42. Convenciones Internacionales en Antropologia y antropometria. (Traduccion del Francez) Dr. E. Varela. Mexico.
  - 43. Notion de la Lengua Nahuatl Dr. Cecilio A Robelo. Mexico.
- 44. Cimientos del Artista Dibujante y Pintor. Dr. Eugenio Laudeslo. Mexico.
  - 45. El Chocolate. Dr. Luiz Castillo Ledon. Mexico.
- 46. Concurso de Bibliografia y Biblioteconomia Dr. Juan B. Iguinez. Mexico.
- 47. Mina y Moreno. (Caudillos Libertadores) Dr. Antonio Rivera de la Torres.
  - 48. Las Estatutas de la Reforma Dr. Francisco Sosa, Mexico,
- 49. La Nomografia y sus aplicaciones principales Dr. Manoel Torres Torijo.
- 50. Radioactividad. Ideas Generales. Hechos Nuevos Dr. Manuel Perez Amador. Mexico.
- 51. Tabelas de Indeces, para uso de los Antropometristas Prof. Carlos M. Fürst. Mexico.
- 52. La Lengua Guarani, como documento historico Dr. Moysés S. Bertoni. Paraguay.
- 53. Influencia de la Lengua Guarani en Sud America y Antillas Dr. Moysés S. Bertoni. Paraguay.
  - 54. Biblioteca Bertoni. Follets o Paraguay.
  - 55. Ortografia Guarani Dr. Moysés S. Bertoni. Paraguay.
- 56. Resumen de Prehistoria y Protohistoria de los Paises Guaranies Drs. Moysés S. Bertoni. Paraguay.
  - 57, O Cara Poty (Flores silvestres) Dr. Narciso R. Colman. Paraguay.

- 58. The Turner Group of Earthworks. Hamilton County Ohio. America Dr. Charles C. Willoughby. E. U. da America.
- 59. La Medecina Popular Peruana Dr. Hermilio Valdizan y Angel Maldonado. Perú.
  - 60. El 28 de Julio de 1821 Dr. M. Corbacho, Lima, Perú.
- 61. Contribucion a la Historia de la Arquitectura Hispano-Americana. Argentina Dr. Martin S. Noel. Rep. Argentina.
- 62. La Sociologia Relativista Spengleriana. Dr. Ernesto Quesada. Republica Argentina.
- 63. Cristobal Colon y Cristoforo Columbo Dr. Ricardo Beltran y Rozpide. Rep. Argentina.
- 64. Brief History of the International Congress of Americanists. Miss Alice Flethcer. E. U. da America.
- 65. Signos Mongoloides en algunos tipos Etnicos del Altiplano Andino. Dr. Arthur Posnansky. Bolivia.
  - 66. Una falsa critica de Max Uhle. Dr. Arthur Posnausky. Bolivia.
  - 67. Anales del Museo Nacional de Bolivia.
- 68. Memorias presentadas al XIX Congreso Internacional de Americanistas. Bolivia.
  - 69. Simon Bolivar. Homenaje del Museu Bolivariano. Bolivia.
  - 70. Einige Calchaguibronzen S. A. Thereza, Princeza da Baviera. Allemanha.
- 71. Viagens Ethnographicas Sul-Americanas. (Argentina-Bolivia) Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva. Brasil.
- 72. A bem da Ethnographia Brasileira e dos Estudos Americanistas Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva. Brasil.
- 73. Viagem pelo interior da Republica Argentina Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva. Brasil.
- 74. Pontos de contacto das civilizações Prehistoricas do Brasil e da Argentina com os paizes da costa do Pacífico Dr. Antonio Carlos Símoens da Silva. Brasil.
- 75. Extracto do Esbôço Biographico de Benjamin Constant e a Guerra do Paraguay Dr. R. Teixeira Mendes. Brasil.
- 76. O Homem Sul-Americano perante a Linguistica Dr. Moreira da Silva. Brasil
- 77. Notas sobre os costumes dos indios Nhambiquáras Major Dr. Antonio Pyrineus de Souza. Brasil.
- 78. A Opinião Publica nos Estados Unidos da America do Norte Dr. Ruy Nobre. Brasil.
  - 79. Ensaio de Grammatica Kaiapó Padre Antonio Maria Sala. Brasil.
- 80. Diccionarios Kainjgang Portuguez e Portuguez-Kainjgang Frei M. B. de Val Florianu.
- 81. Os Mysterios do Morro de S. Sebastião do Castello. (Novella Historica)
  S. Fabio de Alvarenga, Brasil.
  - 82. Brava Gente Dr. Elysio de Carvalho. Brasil.
  - 83. Brasil, Potencia Mundial Dr. Elysio de Carvalho. Brasil.
- 84. Annaes do 1º Congresso Brasileiro de Geographia do Rio de Janeiro. 1909. Vol. IX. (8ª commissão). Brasil.
- 85. Annaes do 3º Congresso Scientifico Latino-Americano. Rio de Janeiro. 1905. Tomo VI. Actas e Memorias de: Pedagogia, Anthropologia, Agronomia e Zootechnia. Brasil.

- 86, Commissão de L. T. E. de Matto Grosso ao Amazonas. Annexo 2º. «Exploração do Rio Jacy Paraná». Brasil.
- 87. Commissão de L. T. E. de Matto Grosso ao Amazonas. Annexo 5°. «Historia Natural Geologia». Brasil.
- 83. Commissão de L. T. E. de Matto Grosso ao Amazonas. Annexo 5°. «Historia Natural Mineralogia e Geologia». Brasil.
- 89. Commissão de L, T, E, de Matto Grosso ao Amazonas. Publicação n. 48. Annexo 2°, Exploração e Levantamento dos Rios Anary e Machadinho», Brasil.
- 90. Commissão de L. T. E. de Matto Grosso ao Amazonas. Publicação n. 59. Annexo 5º. «Geologia». Brasil.

# EXPOSIÇÕES REALIZADAS DURANTE O CONGRESSO

Realizaram-se durante o funccionamento do Congresso as seguintes Exposições:

Tecidos bordados por Indios de differentes Tribus de Guatemala, com o respectivo mappa explicativo, expostos pelo Sr. Dr. Sylvanu G. Morley (dos Estados Unidos da America do Norte).

Photographias de Esquimós (costumes e estudos de expressões), expostos pelo Sr. Dr. William Thalbitzer (da Dinamarca).

Bronze de Arte (Typo de Esquimó), exposto pela Esculptora Sra. Elena Thalbidzer (da Dinamarca).

Photographias dos Monumentos Archeologicos do Valle de Teotihuacan (Mexico), expostas pelo Sr. Dr. Reygadas Vértiz (do Mexico).

Photographias de Quadros Celebres dos Museos de Arte do Mexico, entregues pelo Sr. Dr. Alfonso Toro (do Mexico).

Photograph as do Museo Commercial de Philadelphia, expostas pelo professor W. Powell Wilson (dos Estados Unidos da America do Norte).

Photographias dos Indios Botocudos do Rio Doce (Brasil), expostas pelo Dr. Fernando Baerlein.

Modelo de Bandeira para servir nas reuniões do Congresso Internacional de Americanistas. — Apresentado pelo professor Lavalle (Brasil).

Modelo em gesso da Medalha commemorativa da XX Reunião do Congresso Internacional de Americanistas.— Exposta pelo autor, professor Adolpho Morales de los Rios. (Brasil).



# MEMORIAS APPROVADAS PELO CONGRESSO

- 1 «La cultura pré Incana de los Kanthac», por Pedro Eduardo Villar y Cardova.— Perú.
- 2 «Estudos Cartographicos do Brasil antigo», pelo Dr. João Coelho Gomes Ribeiro.—Brasil.
- 3 «As hypotheses da Atlantida estudadas como auxilio da Geologia», pelo Dr. João Coelho Gomes Ribeiro.—Brasil.
  - 4 -- «Man's Antiquity in America», pelo Dr. Ales Hrdlicka. E. U. da America.
- 5 «Recent Advances in the Study of the American Populations», pelo Dr. Ales Hrdlicka. E. U. da America.
  - 6 «A Tribu dos Goytacás», por Mucio da Paixão. Brasil.
- 7 «Lingua Geral Tupi Guarani», pelo Major Miguel Archanjo Tenorio de Albuquerque. Brasil.
- 8 «Apontamentos de Grammatica Guarani». pelo Major Miguel Archanjo Tenorio de Albuquerque.— Brasil.
- 9 «Principaes Verbos da lingua Guaraní», pelo Major Miguel Archanjo Tenorio de Albuquerque.— Brasil.
- 10 «Principaes vocabulos que entram na composição de outros vocabulos em Guaraní, pelo Major Miguel Archanjo Tenorio de Albuquerque.— Brasil.
- 11 «The Isolation of Ancient America and The Antiquity of its People as Established by its Food Plants», pelo Dr. William E. Safford.— E. U. da America.
- 12 «Notre Héritage des Indiens Américains», pelo Dr. William E. Safford. E. U. da America.
  - 13 «A Onomatopéa R.», pelo Dr. John W. Goetz. Brasil.
- 14 «La Arqueologia Americana en la Civilisación Moderna», pelo Dr. Pedro Pablo Traversari.— Perú.
  - 15 «Jean Cousin e Juan de la Cosa», por Carlos Leite. Brasil.
- 16 «Pitfalls of The Paleolithic Theory in America», pelo Dr. W. H. Holmes. E. U. da America.
- 17 «Los Pigmeos en las leyendas de los Guaranís», por F. C. Mayntzhusen. Paragauy.
- 18 «Instrumentos Paleolíticos del Paraguay», pelo Dr. F. C. Mayntzhusen. Paraguay.
- 19 «Note sur le Verbe Nahuatl Pantion», pelo Dr. Philippe Marcou. França.
- 20 «Organisação Politica e Social dos Aborigenes Brasileiros», pelo Dr. J. A. Corrêa de Araujo.— Brasil.
- 21 «Fire Origin Myths of The New World», pelo Dr. Walter Hough.— E. U. da America.
- 22 «La percepción de los colores en algunas Tribus Indigenas de Colombia», pelo General Carlos Cuervo Marquez.— Colombía.
- 23 «Razas desaparecidas: Los Taironas», pelo General Carlos Cuervo Marquez.— Colombia.

- 24 «Los Quillacs o Quillacingas», pelo General Carlos Cuervo Marquez.— Colombia.
- 25 «As duas Primeiras Expedições Portuguezas ao Brasil após o descobrimento», pelo Dr. Carlos Malheiro Dias.— Portugal.
- 26 «Aboriginal American, and Mediterranean Bronze Age, Architeture: A comparative Study», pelo Dr. Mitchell Carroll.— E. U. da America.
- 27 «Pictograph Slabs of America», pelo Dr. William Edward Myer. E. U. da America.
  - 28 «El Indio Guayaki», pelo Dr. Guillerme Tell Bertoni. Paraguay.
- 29 «La Yerba Mate Una planta symbolica de America», pelo Dr. Guillerme Tell Bertoni. Paraguay.
  - 30 «La Lengua Guarani», pelo Dr. Moisés S. Bertoni. Paraguay.
- 31 «Las excavaciones del Pedregal de San Angel, y la Cultura Arcaica del Valle de Mexico», pelo Dr. Manuel Gamio. Mexico.
- 32 «Transcendencia Politica de la antropologia en America», pelo Dr. Manuel Gamio. Mexico.
- 33 «Omaha Bow and Arrow-makers», pelo Dr. Francis La Flesche. Estados Unidos da America.
- 34 «Renseignements sur les Petroglyphes Guadeloupéens», pelo Sr. Gouverneur Merwart. França.
- 35 «Estudo das Materias Corantes de origem vegetal em uso entre os Indios do Brasil, e das plantas de que procedem», pelo Dr. Alfredo Antonio de Andrade. Brasil.
- 36 « Brasilidade Idiomatica; Nomenclatura Indigena Brasileira », pelo Dr. Nelson de Senna. Brasil.
- 37 «Regional differences in the Guatemalan Huipil», pelo Dr. Wilson Popenoe. Estados Unidos da America.
- 38 «Rhythme in the Music of the American Indian», pelo Dr. Francis Densmore. Estados Unidos da America.
- 39 «Bibliographia, Ethnica-Linguistica Brasiliana», pelo Sr. Tancredo de Barros Paiva. Brasil.
- 40 «Las ultimas excavaciones en la Zona Arqueologica de San Juan Teotihuacan», pelo Dr. José Reygadas Vertiz. Mexico.
- 41 «Characteristics of Keresan Folk Tales», pelo Dr. Franz Boas. Estados Unidos da America.
- 42 -- «The Norsemen's Route from Greland & Vineland», pelo Dr. Hans Peter Steensby. Dinamarca.
- 43 «Explorations of the Mound City Group», pelo Dr William C. Mills. Estados Unidos da America.
- 44 «Fortificaciones Prehistoricas del Altiplano Boliviano», pelo Corone Carlos Blanco. Bolivia.
- 45 «Operaciones Quirúrgicas en Pueblos Primitivos», pelo Dr. Arturo Posnansky. Bolivia.
  - 46 «Quienes eran los Incas?», pelo Dr. Arturo Posnansky. Bolivia.
- 47 «Breve noticia de una Rama Cultural Tiahuanaca al Nordeste de Bolivia, pelo Dr. Arturo Posnansky. Bolivia,
- 48 «The Geographical Distribution of Potsherds in the San Francisco Mountains of Arizona», pelo Dr. Harold Sellers Colton. Estados Unidos da America.

- 49 «Notes on Westh Indian Hydrography in its Relation to Prehistoric Migrations», pelo Dr. Adolfo de Hostos. Puerto-Rico.
- 50 «Sobre as Palafita» do Maranhão», pelo Dr. Raymundo Lopes da Cunha. Brasil.
- 51 «A cultura das Plantas Industriaes entre os Indigenas do Brasil na epocha do descobrimento», pelo Major Henrique Silva. Brasil.
- 52 «Os chamados Indios Canoeiros nunca existiram no Brasil», pelo Major Henrique Silva. Brasil.
- 53 «Origem da Sociedade Brasileira», pelo Dr. Elysio de Carvalho. Brasil.
- 54 «An original Sixteenth Century Painting of Nations of Florida by Le Moyne with Historical Nots and observations relating to it», pelo Cap. A. W. F. Fuller. Inglaterra.
- 55 «The Jaguar and Serpent Mural at Chichen Itza», pelo Dr. Stansbury Hagar. Estados Unidos da America.
- 56 «Bericht uber die von Gusinde Koopers zu aufang 1922 zu fueurlandstamm der Yaganes forshungsreise», pelo Rev. padre W. Koopers.—Austria.
  - 57 «Um Muirakita Pernambucano», pelo Dr. Mario Mello. Brasil.
  - 58 «Muirakitás», pelo Cons. Franz Heger. Austria.
  - 59 «The Eskimo Race Problem», pelo Dr. Soren Hansen. Dinamarca
- 60 «Las antiguas civilisaciones y Razas del Perú», pelo Dr. Horacio H. Urteaga.— Perú.
- 61 «Importancia Etnografica y Linguistica de las Obras del Padre Fray Bernardino da Sahagun», pelo Dr. Alfonso Toro.— Mexico.
  - 62 Antiguídade Americana», pelo Dr. Carlos Xavier Paes Barretto. Brasil.
- 63 «On Morphological and Configurated Changes in Artificially Deformed Skulls from the North Pacific Coast», pelo Dr. Bruno Oetteking.— Estados Unidos da America.
  - 64 «El Idealismo de los Mitos Chibchas», pelo Dr. Max Grillo. Columbia.
- 65 «Les Dialectes Pano du Haut Juruá et du Haut Purús», pelos Drs. Paul Rivet e C. Tastevin.— França.
  - 66 «Die Fueurlander», pelo Rev. padre Martin Gusinde. -- Chile.
- 67 «El Idioma Chibcha em los Nombres Geograficos de la Republica de Colombia», pelo Dr. Miguel Triana. Colombia.
- 68 «De donde viene el nombre de Mexico, Mexico-Tenochitlan-Aztlan», pelo Dr. Enrique Juan Palacios. Mexico.
- 69 «Inscripções primitivas no Sertão do Ceará», pelo Dr. Gustavo Barroso. Brasil.
- 70 «Southern Contacts of the Indians North of the Gulf of Mexico», pelo Dr. J. R. Swanton.— Estados Unidos da America.
  - 71 «Breve Notícia acerca de los Chimús», pelo Dr. E. Garrido. Perú.
- 72 «Arqueologia Comparada, Mexico y Brasil», pelo Dr. Ramon Mena. Mexico.
  - 73 «La Cronologia Nahoa», pelo Dr. M. O. de Mendizátal. Mexico.
- 74 «La capacidad craneana en algunas de las Tribus Indijenas de la Republica Mexicana», pelo Dr. Nicolás León. Mexico.
- 75 «A Tribu dos Indios Krenac», pelo Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva. Brasil.
- 76 «Uma rarissima Mó Indigena», pelo Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva.— Brasil.

- 77 «O Indigena perante a Historia do Brasil», pelo professor Francolino Cameu. Brasil.
- 78 -- «El Alfabeto Mexicano y su valor fonetico», pelo Dr. Pablo Gonzalez Casanova.— Mexico.
- 79 «Ñande-Ypy-Guera (Nuestros antepasados)», pelo Dr. Narciso R. Co-leman.— Paraguay.
- 80 «Indian Agriculture at its Northern Limits in the Great Plains Region of North America», pelo Dr. George F. Will.— Estados Unidos da America.
- 81 « Condições exigidas para uma boa theoria do Totemismo », pelo Dr. Pontes de Miranda.— Brasil.
- 82 -- «L'Œuvre Scientifique de la Société des Americanistes de Paris», pelo Dr. Réné Verneau. -- França.
- 83 «Os Botocudos do Paraná e Santa Catharina», pelo Dr. Ermelindo A. de Leão. Brasil.
- 84 «Memoria sobre os Botocudos do Paraná e Santa Catharina», organizada pelo Serviço de Protecção aos Selvicolas, sob a direcção do Dr. José Maria de Paula.— Brasil.
- 85 «Parallels with in the Culture the Artic Peoples», pelo Dr. William Thalbitzer. Dinamarca.
- 86 «Os Sambaquis da Bacia do Macacú», pelo Dr. Léon F. Clérot.— Brasil.
  - 87 «Cultos Americanos», pelo Dr. A. Augusto de S. Pinto. Brasil.
- 88 «De l'Origine des Americains Pré-Colombiens», pelo Dr. Toung-Dekien. China.
- 89 «Investigações sobre o Homem Prehistorico no Brasil Meridional», pelo Dr. Jorge M. Bleyer. Brasil.
- 90 «O Homem Sul-Americano perante a Linguistica», pelo Dr. M. Moreira e Silva. Brasil.
- 91 «Contribuciones Indigenas Americanas al Idioma Hespañol», pelo Dr. Peter H. Goldsmith. Estados Unidos da America.
- 92 «Documents inedits sur la Guyanne», pelo Sr. Baron Marc de Villers. França.
- 93 «Catalogus Codicus Manu Scriptorum Bibliothecae Regiae Monacencis», pela princeza Thereza da Baviéra. Allemanha.
- 94 «Observations microscopiques du cheveu chez les Indiens de l'Amérique du Sud.», pelo Dr. M. P. Clavelin. França.
- 95 «Nomenclatura Guaraní de Vegetales del Paraguay», pelo Dr. C. Fiebrig. Paraguay.
- 96 «Os progressos do Idioma auxiliar Internacional Esperanto no Brasil e sua attitude para os Americanistas», pelo Dr. Alvaro Augusto Domingues Gomes. Brasil.
- 97 «Tratado do Brasil» (Manuscripto inedito do British Museum), cop. pela Sta. Adela Breton. Inglaterra.
- 98 «Concerning Vicente Pinzon's Voyage in 1449», pelo Dr. Duarte Leite Pereira. Portugal.
- 99 «Concerning Alonso de Ojeda's in 1498», pelo Dr. Duarte Leite Pereira. Portugal.
- 100 «Estudios arqueologicos en la Republica Argentina», pelo Dr. Salvador Debenedetti. Republica Argentina.

- 101 «La succesión de las Culturas Aborigenes en el Noroeste Argentino», pelo Dr. Salvador Debenedetti. Republica Argentina.
  - 102 «O Paié», pelo Dr. Adolpho Morales de los Rios. Brasil.
- 103 «Zwei Religiöse Gesänge der Alten Mexicaner und Uebersetzungs Versuche der Maya Hieroglyphen», pelo Dr. Bruno Rudolph Alleman a.



1ª SECÇÃO

ETHNOLOGIA

# DE L'ORIGINE DES AMÉRICAINS PRÉCOLOMBIENS

# Mémoire présenté au XX<sup>ème</sup> Congrès International des Américanistes réuni à Rio de Janeiro. le 20 Août 1922

PAR

# TOUNG-DEKIEN

Délégué du Gouvernement Chinois, Secrétaire de la Légation de Chine à Rio de Janeiro

# INTRODUCTION

Le problème ethnographique des races américaines est l'un des plus mystérieux de l'anthropologie. Soluble pour les uns, insoluble pour les autres, je n'ai nullement la prétention de trancher la question. Désireux de répondre à la confiance de mon gouvernement, qui m'a délégué auprès du XXème Congrès des Américanistes, je me suis efforcé de rechercher consciencieusement l'origine des races précolombiennes en présentant ma modeste contribution à cette conférence scientifique et humanitaire. Ma tâche a été singulièrement facilitée par les découvertes des grands savants occidentaux qui ont fourni d'indiscutables arguments en parfait accord avec les documents historiques de mon pays.

Pour étudier l'origine des Anciens Américains il est indispensable d'éclaircir d'abord l'origine du genre humain, qui doit être à son tour constatée clairement aux lueurs de la tradition, de la parenté des langues et de l'identité des civilisations; c'est l'objet des quatre premiers chapitres de ce travail.

Puisqu'on admet en principe l'origine commune des anciens peuples des deux mondes, il faut rechercher aussi les traces, historique, géographique et géologique de la migration des Américains Précolombiens vers le Nouveau Monde. C'est l'objet des trois chapitres suivants.

De ces études antérieures découle la conclusion directe et naturelle contenue dans le dernier chapitre. J'y rends respectueusement hommage aux grands apôtres de l'Humanité et de la conscience humaine en m'élevant au-dessus des religions et des doctrines particulières.

# Discours prononcé à l'ouverture du XXème Congrès International des Américanistes à Rio de Janeiro le 20 Août 1922

## Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs:

C'est un grand honneur pour moi de représenter mon Pays en prenant part à cette Conférence Internationale des Américanistes au milieu des illustres savants présents. L'invitation faite à la Chine par le Brésil, son grand et traditionnel ami de l'Amérique du Sudet par votre célèbre Congrès est beaucoup plus significative au fond qu'en apparence. Sa signification ne m'a pas échappé: la parenté des races et la civilisation commune entre les Américains Précolombiens et les Asiatiques Orientaux sont, plus évidentes encore qu'entre les premiers et les autres peuples du monde

En juin dernier, l'illustre Président, Mr. le Dr. Simoens da Silva, m'a particulièrement honoré en m'invitant à présenter au Congrès un Mémoire sur l'Origine des Américains Précolombiens; je me suis fait un devoir de lui accorder mon humble contribution. Grâce aux recherches de grands savants et aux données historiques de mon Pays, je crois avoir un peu contribué à la solution de ce problème dans l'Asie Orientale. Mais, comme mes connaissances sont naturellement tres incomplètes, je souments mon travail à la bienveillance des illustres conférenciers en les priant de vouloir bien m'aider de leurs précieux enseignements et de leurs lumineuses indications.

Au nom de mon Gouvernement et de mon Pays, j'ai l'honneur de présenter à Monsieur le Président et à la Conférence les vœux les plus ardents que je forme pour le meilleur succès de votre Congrès.

#### CHAPITRE I

#### ORIGINE COMMUNE DU GENRE HUMAIN

Avant d'étudier l'origine des Américains précolombiens, nous devons tout d'abord parler de la souche commune du Genre Humain, dont tous les peuples du monde sont issus. C'est de l'Asie Centrale, berceau et patrie commune, que sont sorties toutes les nations du monde les unes après les autres. C'est de là aussi qu'émigrèrent vers l'est les races Américaines. « En remontant, dit Humboldt, aux temps les plus reculés, l'histoire nous indique plusieurs centres de civilisation dont nous ne connaissons pas les rapports mutuels, tels que Méroé, l'Egypte, les bords de l'Euphrate, l'Indoustan et la Chine. D'autres foyers de lumière, encore plus anciens, étaient placés peut-être sur le plateau de l'Asie Centrale; c'est au reflet de ces derniers que l'on est tenté d'attribuer le commencement, de la civilisation Américaine.»

L'histoire, les légendes, les vestiges des migrations des peuples, tout prouve que l'universalité des nations descend d'une même source et d'un couple unique. Si l'on a quelque doute, ce ne peut être que sur l'origine des Africains, parce qu'ils ont quitté l'Asie Centrale avant les quatre anciennes nations, au moment où il n'y existait qu'une civilisation rudimentaire, et qu'ils menaient une vie primitive et isolée, comme l'homme des époques géologiques. Quant à la couleur de la peau et à la conformation

du crâne, si différentes des nôtres, tout celà s'explique indubitablement par l'influence du climat, des rayons solaires et par la déformation de certaines parties du corps qu'on observe encore un peu partout, même en Europe (1).

Hippocrate déclarait dèjà que les races d'hommes sont filles du climat. Un grand historien de l'Antiquité (2) a dit des Arcadiens:

«Le climat triste et froid de l'Arcadie donne aux habitants un caractère dur et austère, parce qu'il est naturel que les hommes, par leurs mœurs, seur figure, leur couleur et leurs institutions, ressemblent au climat.»

Il faut sans doute y ajouter le concours d'un grand nombre de circonstances morales et physiques. D'après Geoffroy Saint-Hilaire, la variabilité des espèces est limitée, mais la différenciation s'exerce au sein d'une même espèce en y donnant naissance à des races distinctes.

Quant aux Sémites et Khamites, les plus anciens peuples de l'histoire, il n'y a guère de doute que ces peuples n'aient vécu jadis côte à côte dans une région quelconque de l'Asie. Fr. Müller place à six mille ans au moins, avant l'ère chrétienne, l'époque de l'apparition des Khamites en Afrique. Si l'on admet que les Egyptiens sont les derniers de ces immigrants (étant donnée leur position géographique), et si l'on accepte la date de 4445 pour la réunion des principautés égyptiennes sous un Chef Suprème, on peut facilement reporter à la date de cinq mille ou cinq mille cinq cents avant J. C. leur arrivée en Egypte. (Beaucoup de savants reculent la date de l'apparition de l'homme à 20.000 ans des temps octuels; d'après Hæckel il y aurait au moins 100.000 ans.) Or, avant les Egyptiens, d'autres Khamites avaient pénétré en Afrique: les Berbères du côté de la Méditerranée; les Somalis, les Gallas, etc., vers la côte orientale. Un espace de cinq cents ans. pour cette première migration, nous reporte à six mille ans avant l'ère chrétienne.

D'autre part, si l'on accepte la parenté des Sémites et des Khamites, et si l'on admet que les premiers sont venus des régions de l'Oxus et du Yaxartès, il faut accorder un laps de temps suffisant à la migration Khamitique de ces contrées vers l'Afrique, et l'on ne peut placer à moins de six mille cinq cents ans d'avant notre ère l'époque où Khamites et Sémites vivaient côte à côte au nord des pays éramiens. Fr. Müller pousse plus loin les recherches chronologiques. La famille Khamitique est divisée en trois groupes; le groupe berbère au nord-ouest; le groupe egyptien au nord-est; le groupe éthiopien au sud-est de l'Egypte. Les peuples Sémitiques étaient beaucoup plus nombreux jadis qu'ils ne le sont aujourd'hui; les Assyriens, les Babyloniens étaient des Sémites que les évènements historiques ont fait se dissoudre plus ou moins complètement au millieu d'autres populations. Dans les contrées que ces populations occupaient autrefois, l'ancien type Sémitique est loin cependant d'avoir été partout et toujours anéanti. Ce type, il faut le chercher aujourd'hui chez un grand nombre d'Arabes et chez un certain nombre de Juifs (3).

On trouve en Ethiopie des caractères qui sont une étonnante ressemblance avec ceux de l'ancien sanscrit, surtout avec les inscriptions des caves

<sup>(1)</sup> Précis d'Anthropelogie, par Hovelacque et Hervé, pags. 612, 613, 614. A. Préhistorique du Marquis de Nadaillac, pags. 490-491.

<sup>(2)</sup> Polyb., Hist., lib. IV, § 80.

<sup>(3)</sup> Précis d'Anthropologie, Hovelacque et Hervé, pags. 538, 548,

du Canarah, dont la construction remonte au delà de toutes les périodes connues de l'histoire indienne (4).

Les arts paraissent avoir fleuri à Méroé et à Axoum, une des plus anciennes villes d'Ethiopie, avant que l'Egypte fût sortie de la barbarie. Un célèbre historien, profondément instruit dans l'histoire de l'Inde, Sir William Jones (5), englobe dans une seule nation les Ethiopiens de Méroé, les premiers Egyptiens et les Hindoux. D'un autre côté il est presque certain que les Abyssins, qu'il ne faut pas confondre avec les Ethiopiens, étaient une tribu arabe; d'après l'observation de Langlès, les mêmes caractères hemyarites que l'on découvre dans l'Afrique Orientale ornaient encore, dans le XIVème siècle de l'ère vulgaire, les portes de la ville de Samarkand. Voilà des rapports indubitables entre le Habesch ou ancienne Ethiopie et le plateau de l'Asie Centrale.

La science et l'histoire nous indiquent le cours des migrations des Anciens Européens d'Orient vers l'Occident. Les Ibères, les Celtes et les Belges sont arrivés successivement en Europe. L'auteur du Précis d'Anthropologie l'a affirmé scientifiquement en disant:

«Que cette invasion soit venue de l'est, il n'y a pas à en douter.» (6)

Les raisons archéologiques déterminent G. de Mortillet à y donner comme point de départ l'Asie Mineure, l'Arménie et le Caucase.

« Si nous interrogeons l'histoire, dit l'auteur de l'Amérique Préhistorique, nous verrons les Aryas, les plus illustres parmi nos ancêtres, partir du centre de l'Asie s'étendre successivement sur l'Hindoustan, sur la Perse, sur la plus grande partie de l'Europe. Les migrations des Cimbres et des Teutons sont mieux connues encore. On ne peut, sans étonnement, suivre sur une carte le chemin parcouru par Alexandre et ses lieutenants. Les Huns, partis des hauts plateaux de l'Asie, ont penétré au centre de l'Europe» (7)

D'après l'histoire géologique et la linguistique il est presque certain que les Ibères et les Celtes étaient contemporains des Sémites et Khamites en Asie et qu'ils ont quelque parenté avec eux.

C'est aussi de l'Asie Centrale qu'ont successivement émigré beaucoup d'autres peuples: Lapons, Mongols, Américains, Océaniens, Japonais et Chinois vers le Nord et l'Orient, bien probablement contemporains et proches parents des Sémites, Khamites, Ibères, Celtes et des anciens Indiens, Tous ceux qui ont quitté le haut plateau asiatique avec quelques fragments de la civilisation de la mère patrie se sont dispersés isolément pour gagner leur vie. D'après l'histoire Chinoise, le peuple chinois descendit de la montagne du Nord-Ouest et établit le premier empire sous le règne de Fou Hi. vers 3335 avant J. C., mille cent dix ans après la réunion des principautés égyptiennes. Citons encore la date de la légende selon laquelle, entre Fou Hi et Chen Noung, l'auteur du Wai Ki place les noms de quinze monarques qu'on dit avoir régné 17.798 ans. Si nous supposens la constitution d'un grand

<sup>(4)</sup> Notes de Langlès pour le voyage de Norden, T. III, pags. 299-349.

<sup>(5)</sup> Asiat, Recherches, vol. III, pag. 5.

<sup>(6)</sup> Précis d'Anthropologie, Hovelacque et Hervé, pags. 578-583.

<sup>(7)</sup> L'Amérique préhistorique, Marquis de Nadaillac, pag. 539.

empire comprenant des principautés tributaires: Américaines, Océaniennes, Mongoles et Tartares, peut-ètre prédécesseurs des Chinois, nous pouvons aussi facilement reporter à la date de cinq mille ans leur arrivée dans la Chine Centrale et nous imaginons immédiatement la vie commune d'une Nation Civilisée contenant les peuples occidentaux et orientaux et mélant la race caucacique et la race altaïque pendant quelques milliers d'années dans l'Asie Centrale.

Le savant James Leggs, très initié à l'histoire Chinoise, fait sortir le peuple chinois de l'Arche de Noé, et dit avec une ciarté scientifique:

Environ 3.000 ans avant notre ère chrétienne, la tribu chinoise fit son apparition dans le pays où elle s'est depuis augmentée si grandement. Elle occupait alors une petite étendue de territoire à l'est et au nord du Ho, la partie la plus méridionale de la province actuelle de Chan Si. Comme sa marche continua d'être dirigée à l'est et au sud (quoique, après avoir traversé le Ho, elle s'avancât également vers l'ouest), nous pouvons conclure qu'elle était venue en Chine du Nord-Ouest, Croyant que nous avons dans le dixième chapitre du Livre de la Genèse quelques allusions, qui ne peuvent être mises en question, de la manière dont la terre entière fut couverte par les familles des fils de Noé, que la famille, ou la collection de familles, la tribu, qui est devenue depuis la plus nombreuse des nations, commença à se mouvoir vers l'est, partant des régions entre la Mer Noire et la Mer Caspienne, peu de temps après la confusion des langues. Passant entre les montagnes de l'Altaï, au nord, et la Chaîne Taurique avec ses continuations au sud, mais se maintenant autant que possible vers le sud ensoleillé et plus attrayant, la tribu se trouva a l'époque mentionnée entre 40° et 45°, latitude nord, avançant parallèlement au Fleuve Jaune, dans la partie la plus septentrionale de son cours. Elle se décida à suivre le fleuve, tourna alors vers le sud, et marcha le long de sa rive orientale, créant des établissements là où le pays promettait le plus d'avantages, jusqu'à ce qu'elle fût arrêtée par la rivière cessant de couler vers le sud, et tournant de nouveau vers l'est. Ainsi le présent Chan Si fut le berceau de l'Empire Chinois. » (8)

La tradition nous conserve toujours la même légende et quelques fragments de la même civilisation. Buffon plaçait cet habitat primitif de l'humanité dans les contrées septentrionales de l'Asie de 44° à 55° de latitude (9). A. de Quatrefages a développé une théorie qui se rapproche beaucoup de l'opinion de Buffon; il admet le cantonnement primitif de l'espèce humaine en un seul centre d'apparition, correspondant peut être au massif de l'Asie; mais les faits paléontologiques lui paraissent toutefois autoriser à le reporter plus au nord, au moins jusqu'en Sibérie (10). Hæckel, dans son Histoire de la Création (11), dit que la patrie originaire de l'homme doit être cherchée en Afghanistan et dans l'Inde Ancienne.

Les géologues nous apprennent qu'aux époques antérieures à l'apparition de l'homme, une mer intérieure, appelée la Thétys, séparait l'arc

<sup>(8)</sup> James Leggs, Chinese Classics, III, Pf. 1, Shoo King, pags. 189-190.

<sup>(9) (</sup>Lies Minéraux, introdu., 7ème époque.

<sup>(10)</sup> L'espèce Humaine, chap. XV.

<sup>(11)</sup> T. VIII.

sibérien d'Irkoutsk des hautes cimes de l'Hymalaya, les terres septentrionales des terres méridionales de l'Asie, le continent de l'Angora au nord du continent de Condwana au Sud. Elle faisait communiquer l'Atlantique par la Méditerranée avec le sud-est de l'Asie. Peu à peu cette immense masse d'eaux fut divisée vers le milieu de l'époque tertiaire; les deux terres, boréale et australe, se soudèrent, constituant le continent asiatique qui, en s'affaissant au nord, donna naissance à la plaine sibérienne, au sud à l'Océan Indien. Une vaste mer intérieure subsista, pourtant, peu à peu transformée en une série de mers et de lacs qui durèrent jusqu'au jour où le manque de communication avec l'Océan fit un désert aride de la vaste nappe liquide des temps anciens. A ce desséchement progressif correspondirent probablement des migrations successives de peuples, et des périodes de barbarie succédèrent à des périodes de civilisation.

Longtemps avant les dates assignées aux civilisations de la Babylonie, de l'Egypte, de la Chine et de l'Inde, l'homme vivait dans des oasis transcaspines, par exemple à Anau (12), près d'Askabad. Il habitait dèjà dans des villes, cultivait le blé et l'orge, et commençait à élever et à domestiquer les animaux qui pouvaient lui être utiles. Cette civilisation disparut devant le desséchement de la région, cause de migrations qui furent peut-être l'origine des civilisations de la Babylonie, de l'Egypte (13), de la Chine et de l'Inde. L'auteur de l'Histoire Générale de la Chine croit aussi qu'il existait une autre patrie civilisée du genre humain beaucoup plus ancienne que celles dont nous avons connaissance par l'histoire. Nous lui donnons raison.

Ainsi nous semble confirmée la théorie d'une souche commune et d'un berceau unique du genre humain par l'Histoire et la Science. C'est l'indispensable clef pour la recherche des origines des anciennes races Américaines. Le Marquis de Nadaillac après une longue étude des américanistes, conclut nettement qu'entre l'homme du Nouveau Monde et ceux qui ont peuplé l'ancien continent il n'existe nulle différence essentielle; l'unité du genre humain s'impose comme la grande loi, qui domine l'histoire de l'Humanité. Nous allons voir maintenant comment tous les anciens peuples, surtout les Américains, conservaient et conservent les traces d'une même civilisation, d'une mère patrie commune et comment s'est faite leur migration de l'Asie Centrale vers l'Asie Orientale jusqu'au Nouveau Monde. C'est ce que nous nous proposons de mettre en lumière dans les chapitres suivants.

#### CHAPITRE II

## TRADITION DE LA CRÉATION DU MONDE ET DU DÉLUGE

La tradition de la création du monde et de l'homme et celle du déluge sont bien connues de tous les peuples, de l'Orient à l'Occident, et de l'Ancien au Nouveau Monde. Dans tous les pays israélites, chrétiens et mahométans, on connaît la tradition biblique et mosaïque de la création du monde et de l'homme, du déluge, de l'arche, refuge de Noé et de sa famille, seuls survivants du cataclysme, et par cela même ancêtres du genre humain. Nous allons dire quelques mots des traditions des autres peuples, surtout des anciens Américains et des Chinois, pour montrer l'analogie frappante avec la Genèse.

<sup>(12)</sup> Cf. Pumpelly, Exploration en Turkestan, 1908.

<sup>(13)</sup> Histoire Générale de la Chine, Henri Cordier, pags. 6-7.

D'après la tradition Chinoise, P'an Kou fut le premier homme, longtemps enfermé dans le chaos, qui avait la forme d'un œuf; le chaos se développa en 18.000 ans; le Ciel s'élevait chaque jour de dix pieds; la Terre s'épaississait d'autant et P'an Kou grandissait dans la même proportion, pour être l'Esprit du Ciel et le Saint de la Terre. Au premier homme succédèrent les Souverains de trois Dynasties; ceux du Ciel comptèrent treize représentants qui régnèrent chacun 18,000 ans; ceux de la Terre eurent onze représentants qui furent les Esprits de la Terre et régnèrent chacun 18,000 ans; les Souverains Hommes, comprennent neuf frères qui régnèrent pendant 150 générations, soit 45.600 années. Sematsien, grand historien chinois, dans ses annales de Souverains de Trois Dynasties, estime la période qui s'écoula depuis la séparation du Ciel et de la Terre, commencement du Monde, jusqu'à la capture de l'animal fantastique Lin, à l'époque de Confucius (479 ans avant J. C.), à 3.276.000 années. On a vu que le Tong Kien Kang Mou en compte 2.276.000 seulement. Nous voyons la ressemblance évidente de nos légendes avec la Bible sur la création du monde et de l'homme et la généalogie de P'an Kou ou Adam. Mais toutes ces dates écrites par les historiens Chinois sont aussi légendaires que les anciennes histoires égyptiennes et chaldéennes. En vérité, l'Histoire Chinoise ne connaît que Fou Hi, premier empereur, fondateur de la nation Chinoise en 3.335 avant J. C. A cette époque les peuples étaient nomades, chassaient les animaux et en buvaient le sang; la chair crue, les herbes, les feuilles et les fruits sauvages étaient encore la nourriture ordinaire; malgré tout, Fou Hi et ses successeurs ont beaucoup fait pour la civilisation; mais le chaos et le déluge du monde n'étaient pas terminés.

«Au temps de Yao (2.297 avant J. C.), dit Moncius, les conditions du monde n'étaient pas encore favorables. Les eaux s'étaient répandues librement partout et avaient inondé la terre. Les arbres et les plantes couvraient la terre comme d'une épaisse forêt. Les animaux sauvages s'étaient multipliés prodigieusement. La culture était impossible. Les animaux féroces ne permettaient pas à l'homme de se multiplier et avaient battu des sentiers qui se croisaient par toute la Chine. Yao' seul prit à cœur de remédier à ces maux. Il nomma Chouen comme ministre et lui ordonna d'étendre partout ses soins. Chouen chargea Yi de diriger l'emploi du feu. Yi mit le feu dans les montagnes et les marais, et les purifia par l'incendie. Les animaux sauvages s'enfuirent et se cachèrent. Yi creusa neuf canaux divergents. »

Nous lisons encore dans un autre chapitre de Moncius:

«Au temps de Yao, les eaux arrêtées dans leur cours, avaient débordé et inondé la Chine; le pays était plein de serpents et de dragons; les hommes n'avaient pas d'endroit où se fixer. Dans les terrains bas, ils s'édifiaient des huttes sur des pieux; dans les terrains élevés, ils se creusaient des cavernes».

Des savants, tel Fortia d'Úrban (14), ont essayé avec raison de rattacher le déluge de Chine à des évènements similaires pour arriver à prou-

<sup>(14)</sup> Essai sur quelques-uns des plus anciens monuments de la géographie, terminé par les preuves de l'identité des déluges de Yao, de Noé, d'Agyges et de l'Atlantide; et l'explication physique de ce déluge. Paris, 1909, in-12.

ver l'universalité du déluge de la Genèse. Le déluge de Noé, si nous l'admettons, a eu lieu en 4.500 avant J. C. L'idée de déluge se trouve chez toutes les nations du Globe, aussi bien chez les Samoyèdes au Nord de la Sibérie, que chez les Lolos du Sud-Ouest de la Chine, la tradition s'est transmise de générations en générations.

Les anciens Américains, témoins du déluge comme les autres nations de l'ancien continent, conservent bien la même tradition après leur émigration. Parlons d'abord de la tradition des Nahuas, un des noyaux des nations américaines. Le moine franciscain Andres de Olmos, très versé dans différentes langues du Mexique dont il a composé des grammaires, a laissé une notice sur la cosmogonie d'Anahuac. (15) Le dieu Citlalatonac était uni à la déesse Citlalicue: le fruit de leur union fut une pierre, un silex tecpatl, qui tomba sur la terre près d'un endroit appelé les Sept Cavernes, Chicomoztotl. Ce bétyle se retrouve parmi les hiéroglyphes des années et des jours; c'était un aérolithe, une pierre divine, un teotetl qui, en se brisant, produisait 1.600 dieux subalternes, habitants de la Terre. Ceux-ci, se voyant sans esclaves qui pussent les servir, obtinrent de leur mère la permission de créer des hommes. Citlalicue ordonna à Xolotl, un des dieux de la terre, de descendre aux enfers pour y chercher un os, et c'est cet os qui, brisé comme l'aérolithe, donna naissance au genre humain. (16)

D'après cette même tradition, le premier homme, Iztacmixcuatl ou Iztacmixcohuatl, demeurait à Chicomoztotl, où il parvint à un âge très avancé. Il eut de sa femme, Ilancueitl, six fils, desquels descendent tous les peuples d'Anahuac. Xelhua, l'ainé de ses fils, peupla Quauhyuechola, Tzoca, Epatlan, Teopantla, Tehuacan, Cozcatla et Totctlan. Tenuch, le second, était le père des Tenuches ou Mexicains proprement dits. Ulmecatl et Xicalancatl, de qui descendent les Olmèques et Xicalanques, peuplèrent les environs de Tlascala, Cuatzacyalco et Totomihuacan. Mixtecatl et Otomitl devinrent les chefs des Mixtèques et des Otomites. (17)

Cette généalogie des peuples rappelle la table ethnographique de Moïse; elle est d'autant plus remarquable, que les Toltèques et les Aztèques, chez lesquels se trouve cette tradition, se regardaient eux-mêmes comme appartenant à une race privilégiée et très différente de celle des Otomites et des Olmèques.

Selon les traditions antiques recueillies par l'évêque François Nuñez de la Vega, le Wodan des Chiapanais était petit-fils de cet illustre vieillard qui, lors de la grande inondation dans laquelle périt la majeure partie du genre humain, fut sauvé dans un radeau, avec sa famille. Wodan coopéra à la construction du grand édifice que les hommes entreprirent pour attein-dre les cieux; l'exécution de ce projet téméraire fut interrompue; chaque famille reçut dès lors un langage différent, et le grand esprit Teotl ordonna à Wodan d'aller peupler le pays d'Anahuac. Cette tradition rappelle le Menou des Hindoux, le Noé des Hébreux, et la dispersion des Couschites de Singar. En la comparant soit aux traditions hébraïques et indiennes conservées dans la Genèse et dans deux pouranas sacrés, soit à la fable de Xelhua le Chohulain, et à d'autres faits cités dans le cours de cet ouvrage, il est impossible de ne pas être frappé de l'analogie qui existe entre les souvenirs antiques des peuples de l'Asie et de ceux du Nouveau Continent. (18)

<sup>(15)</sup> Marieta. Terceira parte de la Historia Ecclesiastica, 1596, pag. 48

<sup>(16)</sup> Torquemade, T. II, pag. 82.

<sup>(17)</sup> Torquemade, T. I, pags. 34-35.

<sup>(18)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, Humboldt, pags. 175-176, 344-345.

Quatre âges mexicains, ceux de la Terre, du Feu, de l'Air et de l'Eau. comptent ensemble dix-huit mille vingt huit ans, c'est-à-dire six mille ans de plus que les quatre âges décrits dans le Zend-Avesta. Le quatrième cycle du Mexique dont la durée est de 4.008 ans, comprend l'âge de l'Eau. Une grande inondation, qui commença le quatrième jour de l'année cecalli, fit périr l'espèce humaine: c'est la dernière des grandes révolutions que le Monde a éprouvées. Les humains furent convertis en poissons, à l'exception d'un homme et d'une femme qui se sauvèrent dans le tronc d'un ahahuète ou cyprès chauve. Une tradition mexicaine nous apprend que Coxcox et sa femme Xochiquetzal échappèrent seuls au déluge; ils s'étaient réfugiés sur le trone creux d'un cyprès qui flotta sur les eaux et s'arrêta enfin sur le sommet d'une montagne du Culhuacan. Ils eurent de nombreux enfants; mais ces enfants restaient muets. Le grand Esprit prit pitié d'eux et leur envoya une colombe pour leur apprendre à parler; cette colombe s'empressa de remplir sa mission: quinze des enfants de Coxcox parvinrent à se comprendre, et c'est d'eux que descendent les Toltèques, les Aztèques et les Acolhuas. (19) Les peuples de Mechoacan conservaient une tradition identique, d'après laquelle Coxcox, qu'ils appellent Tezpi, s'embarqua dans un acalli spacieux, avec sa femme, ses enfants, plusieurs animaux et des graines dont la conservation était chère au genre humain. Lorsque le grand Esprit Tezcatlipoca ordonna que les eaux se retirassent, Tezpi fit sortir de sa barque un vautour, le zopilote, L'oiseau qui se nourrit de chair morte ne revint pas, à cause du grand nombre de cacavres dont était jonchée la terre récemment desséchée. Tezpi envoya des oiscaux, parmi lesquels le colibri seul revint en tenant dans son bec un rameau garni de feuilles; alors Tezpi. voyant que le sol commençait à se couvrir d'une verdure nouvelle, quitta sa barque près de la montagne de Colhuacan.

D'après le moine Torivio, les Chichimecs, descendant de Noé, venaient de la terre de Sichem, avec ses idoles et quelque civilisation; le mot Chichimeca est une corruption de Sichem. Ixtlilxochitl, descendant chrétien des anciens rois de l'Anahuac, raconte qu'après la dispersion des hommes, qui suivil la tentative de construction de la tour de Babel, sept Toltèques parvinrent en Amérique et furent les pères d'une race nombreuse.

« Les eaux furent alors gonflées, dit l'évêque Landa, dans son ouvrage Relacion de las Cosas de Yucatan, et une grande inondation passa sur la tête des habitants. Ils furent couverts d'eau et une résine épaisse descendit du ciel; la face de la terre s'obscurcit et une pluie ténébreuse commença: pluie de jour, pluie de nuit, et il se fit un grand bruit au-dessus de leur tête. Alors on vit les hommes courir en se poussant, livrés au désespoir; ils voulaient monter sur les arbres et les arbres les secouaient au loin; ils voulaient entrer dans les cavernes, et les cavernes s'écroulaient devant eux ».

Le Codex Chimalpopoca parle aussi d'un déluge, au cours duquel les hommes périrent et furent changés en poissons, (20)

Au Guatemala et en Californie, le souvenir d'un grand cataclysme existe parmi les plus anciennes traditions des indigènes; selon une des traditions californiennes, Montezuma, formé par le Grand Esprit de la boue de la terre, fut averti par son ami le Coyotte (loup des prairies) du déluge qui menaçait les hommes, et l'un et l'autre se sauvèrent dans une arche. Le

<sup>(19)</sup> Desjardins, 1 c., pag. 25.

<sup>(20)</sup> Baucroft, 1 c., T. III, pag. 69.

monde se repeupla rapidement; mais Montezuma oublia vite la reconnaissance qu'il devait au Grand Esprit, il voulut le braver et élever une tour qui atteignît le ciel. Le Grand Esprit irrité lança la foudre et la tour s'écroula entraînant dans sa chute Montezuma et ses ouvriers. (21)

Une tradition esquimaude raconte, dans toute sa naïveté:

«L'eau ayant envahi le globe terrestre, on s'épouvanta; les tentes des hommes disparurent; le vent les emporta; on lia côte à côte plusieurs barques; les vagues dépassèrent les Montagnes Rocheuses. Un grand vent les poussa vers la terre, les hommes se firent sécher au soleil; mais le monde et la terre disparurent. Par une chaleur affreuse les hommes périrent. Par les flots ils périrent également. Les hommes se lamentaient; ils tremblaient. Les arbres déracinés flottaient au gré des vagues. Les hommes, tremblant de froid, lièrent ensemble leurs barques. Hélas! sous une tente qu'ils dressèrent, ils se tinrent accroupis. Cependant un homme, le fils du Hibou, jeta son arc dans les flots: «Vent, ne souffle plus, s'écria-t-il, c'est assez ». Puis cet homme jeta dans l'eau ses pendants d'oreilles. La fin arriva ». (22)

Aujourd'hui encore les Mandans se réunissent chaque année autour d'un canot. Ce canot est figuré par un grand tonneau toujours entretenu par la tribu, avec un soin superstitieux, en souvenir de la barque sur laquelle le seul survivant du déluge universel parvint à se sauver. La fête a lieu à l'apparition des prémières feuilles de saule, en mèmoire du rameau qu'une colombe portait dans son bec. Selon le récit des Mandans, un homme blanc, venu de l'Ouest leur avait enseigné la légende du déluge et les divers faits qui s'y rattachent. (23)

Au Sud de l'Amérique, ces mêmes légendes du déluge existent aussi. A Quito, on supposait que dans des temps très éloignés, les eaux avaient envahi la terre en punition des crimes des hommes; un petit nombre fut épargné; ils s'étaient retirés dans une maison en bois sur le haut du Pichincha. Les Péruviens ont également plusieurs légendes qui témoignent d'un grand déluge. A Cusco le soleil intervint et fit cacher dans l'Ile de Titicaca ceux qui devaient être préservés. Selon la tradition conservée à Pachacamac, bien des siècles avant les Incas, le pays entier fut couvert d'eau; quelques hommes se réfugièrent dans les montagnes; lorsque les eaux baissèrent, ils lâchèrent des chiens, qui revincent mouillés; quelques jours après, ceux-ci ayant été lâchés une seconde fois, rentrèrent souillés de boue. A ce signe, ces hommes reconnurent que les eaux s'étaient retirées; ils sortirent de leur retraite et leur postérité repeupla le pays. Dans la contrée de l'Equateur, les traditions attribuent la paternité universelle à deux frères qui s'étaient réfugiés sur la montagne de Huaca-Yñan pour éviter les eaux. Les provisions étaient épuisées: il leur fallut guitter la misérable hutte où ils avaient trouvé abri, pour descendre dans la vallée à peine émergée. A leur retour, ils trouvèrent avec étonnement leur repas préparé; curieux de connaître celui qui était ainsi venu à leur secours, un

<sup>(21)</sup> Baucroft, 1 c., T. III, pags. 77, 89 et S. T. V., pag. 18, Short North Americans.

<sup>(22)</sup> Le R. Petitot, Congrès des Américanistes, Nancy, 1875, T. I. pag. 336.

<sup>(23)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pag. 532.

des frères sortit seul le lendemain, tandis que l'autre faisait le guet; bientôt il vit arriver deux aras à figure de femme chargées de vivres. Il parvint à saisir l'une d'elles, qui devint sa femme et la mère du genre humain. La légende de Cholutec raconte une semblable catastrophe.

Au Brésil aussi, un dieu appelé Monan, irrité de la corruption des hommes, détruisit la terre par l'eau et par le feu. Un seul homme échappa à la destruction de tous les êtres; Monan prit pitié de sa misère, il lui donna une femme, et ce furent eux qui repeuplèrent la terre après ces évènements terribles. (24)

Les Guaranis rapportent que deux frères, Tupi et Guarani, débarquèrent à la suite d'une grande inondation sur les côtes du Brésil avec leurs femmes et leurs enfants; et c'est d'eux que seraient sorties les races qui portent leurs noms. (25)

Cete tradition d'un grand déluge, où les hommes périrent, se trouve donc répandue dans les deux Amériques. Nous la voyons jusque dans les îles Aléoutiennes, jusque chez les Kolosches. Il est à peine besoin de faire ressortir l'analogie de ces légendes avec l'histoire ancienne de la Chine, surtout avec le récit de la Bible. Le marquis de Nadaillac dit:

« Des faits curieux montrent que des rapports ont certainement existé entre l'Asie et l'Amérique depuis l'ère chrétienne, bien plus, que le christianisme a été répandu dans le Nouveau Monde avant l'arrivée des Espagnols, sinon la religion, telle que nous pratiquons, au moins certains dogmes chrétiens et les formes mêmes du culte catholique très reconnaissables, malgré les altérations qu'elles ont subies: le baptême, le dogme de l'Eucharistie et la Communion au Mexique, la confession auriculaire au Pérou, le régime monastique dans ces deux pays. C'est peut-être aussi dans ces rapports qu'il faut chercher l'origine des diverses versions du déluge et du genre humain renouvelé par un couple unique ».

«L'aspect des corps marins, dit Humboldt, trouvés jusque sur les sommets les plus élevés, pourrait faire naître, à des hommes qui n'ont eu aucune communication, l'idée des grandes inondations qui ont éteint, pour quelque temps, la vie organique sur la terre; mais ne doit-on pas reconnaître les traces d'une origine commune partout où les idées cosmogoniques et les premières traditions des peuples offrent des analogies frappantes jusque dans les moindres circonstances? Le colibri de Tezpi ne rappelle-t-il pas la colombe de Noé, celle de Deucalion, et les oiseaux que, d'après Bérose, Xisutrus fit sortir de son arche, pour reconnaître si les eaux étaient écoulées, et si déjà il pouvait ériger des autels aux dieux protecteurs de la Chaldée ? Les langues que la Colombe avait distribuées aux peuples de l'Amérique étant infiniment variées, ces peuples se dispersent, et seulement quinze chefs de famille, qui parlaient une même langue, et desquels descendent les Toltèques, les Aztèques et les Acolhues, se réunissent et arrivent à Aztlan (pays des Garces ou Flamingos, Aztlan vient du mot Atl. eau)». (26)

<sup>(24)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pg. 532.

<sup>(25)</sup> Hist. del Paraguay en la col. Hist. Argentina, T. I, pg. 76.

<sup>(26)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, Humboldt, pags. 416-421; Fragm. XVII, XVIII, Bérose; Genèse.

Il est certain que l'introduction des quelques fragments du Christianisme se faisait d'Asie ou d'Europe en Amérique avant la découverte de Colomb. Il n'est pas moins certain que les anciens Américains conservent encore la même tradition des Sémites quand ils vivaient côte à côte comme une nation en Asie Centrale. Ce n'est pas un cas isolé; il y a beaucoup d'autres traces d'une même civilisation. Nous allons montrer dans l'article suivant la même origine des langues Sémitique, Chinoise et Américaines

#### CHAPITRE III

PARENTÉ DES LANGUES SÉMITIQUE, BASQUE, MONGOLE, CHINOISE ET AMÉRICAINES

Les anciens Américains, qui se soumettaient successivement aux vainqueurs voisins ou étrangers, parlaient des centaines de dialectes différents. M. Baucroft compte plus de six cents de ces dialectes, de l'Alaska jusqu'à l'isthme de Panama. Mais ils peuvent se ramener à quatre branches distinctes. (27) M. Ameghino en compte huit cents dans l'Amérique du Sud. (28) Mais la plupart, il est vrai, sont de simples dérivés de langues mères, comme l'Aymara et le Guarani. D'autres auteurs réduisent les dialectes américains à vingt six langues mères. (29) Nous donnons ces chiffres sur lesquels il est difficile de s'entendre; la linguistique manque de règles précises; chacun peut donc soit les augmenter, soit les diminuer, selon la manière dont il envisage la question. Pour n'en citer qu'un exemple, certains philologues portent à treize cents les langues de l'Amérique du Nord, tandis que Squier réduit à quatre cents celles des deux Amériques. (30) Ces dialectes offraient une disparité totale de mots à côté d'une grande analogie de structure:

«En Amérique, dit M. de Humboldt, depuis le pays des Esquimaux jusqu'aux rives de l'Orénoque, et depuis ces rives brûlantes jusqu'aux glaces du détroit de Magellan, les langues mères entièrement différentes par leurs racines ont, pour ainsi dire, une même physionomie. On reconnaît des analogies frappantes de structure grammaticale, non seulement dans les langues perfectionnées, mais aussi dans les langues extrêmement grossières. Des idiomes dont les racines ne se ressemblent pas plus que les racines du slave et du basque, ont les mêmes ressemblances que l'on retrouve dans le persan, le gree, le sanscrit et les langues germaniques.» (31)

Comme la langue donne toujours une preuve plus frappante que d'autres manifestations humaines de la parenté des peuples, ainsi la linguistique a un développement extraordinaire, après le grand savant allemand. C'est ainsi que par cette science nous reconnaissons enfin la parenté qui existe entre les Américaines, l'Assyrienne, la Chinoise et tant d'autres langues anciennes. D'après les Nouvelles Etudes sur les Langues Américaines écrites

<sup>(27)</sup> The Native Races of the Pacific States, T. III, pg. 557.

<sup>(28)</sup> La Antiguedad del hombre, T. I, pg. 77.

<sup>(29)</sup> Historia da America, D. Barroso Aranha, pg. 5.

<sup>(30)</sup> Nott and Gliddon, Types of Mankind.

<sup>(31)</sup> Cité par Prichard, Histoire Naturelle de l'homme, traduction Roullin, T. II, pg. 75.

par Pablo Patron. l'auteur a démontré clairement et indiscutablement l'origine suméro-assyrienne des langues Kechua et Aymara du Pérou primitif et d'autres langues du Nouveau Monde si celles-ci ne sont pas complètement dégénérées. Nous adoptons, pour démontrer la même origine suméro-sémitique de la langue chinoise comme des langues américaines, son tableau des correlations phonétiques suivant:

$$\begin{array}{l} B = B - P - M - U - Hu - Gu \\ D = D - T - K - Ch - L - R - S - X \\ G = G - T - K - Ch - M - J - X - Y - B \\ K = K - T - Ch - G - P \\ L = L - Ll - N - R - S - Y - Z \\ R = R - L - S - Ll - Y - X \\ S = S - R - L - Ll - Ch - X - Y - Z \\ X = X - S - H - J - G - Ch - K \\ Z = Z - I - S - H - K - X . \\ Ch = Ch - G - S - X - Ll - Y \\ M = M - B - U - G - N . \\ N = N - M - L - D - Y \\ P = P - B - K . \\ I = I - D - Ch - K . \\ A = A - E - O \\ E = E - I - O \\ I = I - E - U \\ U = U - O - I - M . \\ O = O - U - A . \end{array}$$

Dans ce tableau l'auteur ne prend en considération ni l'f ni le v, parce que ces deux lettres manquent dans presque toutes les langues d'Amérique; et, dans celles où on les rencontre, on peut dire qu'elles proviennent du b ou de l'u

Douay a réuni les noms de l'œil en diverses langues du Nouveau Monde, afin qu'on remarquât leur ressemblance. Voici ce tableau avec quelques additions:

"En Maya	ich''
"Chez les Corbeaux	ichese"
"En Dakota	ista''
"Chez les Dakotas Jonktenas	ichete"
"Chez les Kansas	icheta"
"Chez les Mandans	ista''
"Chez les Mourritans	icheta"
"Chez les Omahas	icheta"
"Chez les Otas	ichta''
"Chez les Poncas	icheta''
"Chez les Osages	icheta''
"En Baniva	iti"
"En Barré	iti"
"En Nahuatla	ixtli''
"En Atacamien	ikhepe"
"Chez les Baures	iki-se ou ki-se"
"En Coiba	imia ou ibia"

Or, en Sumère, œil se dit igi et aussi ide, mots qui donnent la clef. suivant la phonétique voulue de tous ceux de ce tableau. On y voit que igi

et ide sont fréquemment soudés. D'autres peuples comme les Araucaniens, ont, avec le temps, perdu la voyelle et appellent ge l'organe en question. Les Makuchos appelent œil yéénu, ou iénu, mots qui rappellent la famille sumérique par le chinois yen et la sémitique par l'assyrien énu; les Caraïbes l'appellent enu. Les autres peuples changent plus ou moins l'origine. Quant aux Chinois. ils ont bien conservé la même origine de ce mot et l'appellent yen ou yen-gin, dérivé de igi.

Il y a aussi beaucoup de langues américaines où s'est infiltrée la racine sumérique gun ou kun=feu.

Nous exposons quelques exemples au sujet de ce mot:

Creek	Kwun	feu
Apache	kou	>
Coppermine	con · · · ·	>
Unakatana	khun	>>
Dogrib	eun	>
Kutchin	khon	>
Tacully	coun	»
Umpkua	khong	>
Comanche	kuona	>
Chepewyan	kon	>
Shoshona	kuna	>>
Utah	coon	>>
Huron	kon	soleil
Algonquin	kon	jour
Haïti	chon .	feu
Populuca	hune	>>
Arauco	cum	rouge

Il y a bien d'autres langues Américaines qui conservent l'origine sumérique. D'après le tableau phonétique précédent, les Chinois conservent assez bien la racine sumérique du mot feu et l'appellent ho ou hu. Or, le mot rouge vient de la même racine, les Araucos l'appellent cum et les Chinois l'appellent hun, avec le même changement de k en h, Les Mixes appellent le soleil zeuh, venant de racine gub et les Chinois l'appellent geu. Les Mixtecos appellent la lune yoo venant de la même racine et les Chinois l'appellent geo.

Comme en Sumère bar, c'est cinq et gad, main, a la même valeur, et qu'ils ont des variantes phonétiques communes telles que mar et mor, har et hor et ses dérivés; nous choisissons un groupe des langues américaines dérivées de la même racine auquel appartient la langue chinoise:

Mixteco Tututepec	einq »		hoho ho
Maya	>>		ho
Quiché	>		ov, ob
Poconchi	>		oob,
Zotzil	, >		óom
Mame	. >		hoe
Cacchiquel	>		vuvo
Popoluca	->		voo
Tzutuhil	> .		voo
Chinois	. >		voo, ou

En assyrien du est habitation, comme en Sumère dù est demeure. Voici un groupe des langues américaines, ses dérivées, auquel appartient la langue chinoise:

Terrava	maison	u
Sumère	»	u
Chinois	»	u, ou
Lule	<b>&gt;&gt;</b>	uyá
Allentiac	*	ut, utu
Mosquito	> 3	uttla
Aimará	'≶	uta
Mutsun	>>	rukka
Araucanien	*	ruka

## Il y a un autre groupe de la même racine:

Tesuco	bouche	sho
Pima	>	chi-nits
Quiché	> .	chi
Poconchi.	»	chi
Cacchiquel	>>	chi
Kechua	>>	si-mi
Sekumne	>	sim
Kwakiool	»	sims
Iroquois	>>	chigué
Uro	cigarette = bouche	muk-si
Uro	coca = herbe = bouche	chac-si

En Chinois le mot Zi ou Keo signifie la bouche et l'ouverture. Le mot Si ne se trouve point isolé avec ce sens dans la langue des Uros. Mu est une plante en sumère, comme l'est aussi cha. En Chinois le mot cha signifie une plante à boire.

Nahuatl	bouche	ka-matl
Bribri	» ·	ku
Cabécar	» ·	kú-a
Tiribi	»	kámo
Kechua	*	ka
Aimará	ouverture	kaa
Köggaba	bouche	kahka
Guamaca	<b>»</b>	köhká
Atacamien	>	khaipe
Bintukua	>>	Kahka
Sumère	»	ka
Chinois	bouche et ouverture	keo, ku, zi.

En Kechua, ce n'est qu'en composition qu'on trouve ka, bouche. Il est clair que les mots cha, café et chicha sont tous venus de la même origine et ont le même usage. Cha, cette herbe dont l'infusion est si agréable au

palais des Chinois, est maintenant universellement appréciée; il en est de même du *kahwa* ou *kawe* ou *kaffe* d'abord connu des Arabes, et maintenant aussi répandu que le cha; Kaa ou Caa erronément appelé herbe-matte et chicha sont aussi deux plantes de boisson très appréciées chez les Paraguayens et les Péruviens. (D'après les profondes études de mon illustre ami Napoleão Reys.)

Sumère	couper	Kud
Kechua	couteau	Kuchuna
Kechua	couper	kutui
Huasteca	couper	cotoi

En Chinois on appelle couper en deux cotain.

Les croix sont employées dans quelques tribus algonquines et chez les Chinois avec la valeur numérique dix. Cela provient, je crois, de ce que, comme le signe bâru X se lit bar, cinq, l'ancien mot chinois X signifie aussi cinq; pour écrire le dix on a dû doubler le signe, et ensuite, avec le temps, le simplifier, mais en restant toujours pour dix.

Au-dessus, ce sont des exemples succincts que nous citons pour montrer l'existence évidente d'une parenté entre les Sémites, les Chinois et les Américains. Nous avons dit qu'il existait aussi une parenté entre ceux-ci et les autres anciens peuples de l'Europe. Que penser des singulières affinités que l'on signale entre l'Eskuara, cette langue primitive, conservée chez les Basques Espagnols ou Français, et les divers idiomes américains? (32) M. de Charencey, un de ceux qui ont le mieux étudié la question, n'hésite pas à dire:

« Nous croyons que par l'ensemble de ses caractères, le Basque se rattache directement aux dialectes canadiens et par eux à tous les idiomes du Nouveau Monde; car ils ont à peu près tous la même physionomie grammaticale, s'ils diffèrent énormément entre eux par le vocabulaire ».

Les ressemblances des noms de personnes et de lieux aux Canaries et à Haïti ne peuvent être absolument fortuites. (33)

Le mot Votan ou Wodan américain, paraît de la même famille que les Wods cu Odins des Goths et des peuples d'origine celtique. On trouve aussi les noms de Bandwar, wodans-dag (Wednes-day) et Wotan, désigner, dans l'Inde, en Scandinavie et au Mexique, le jour d'une petite période. Le mot atl ou atel se retrouve dans l'est de l'Europe. D'après l'observation de Frédéric Schlegel, le pays habité par les Madjares, avant la conquête de la Hongrie, portait le nom d'Atelkusu. Cette dénomination désignait la Moldavie, la Bessarabie et la Walachie, trois provinces limitrophes de l'embouchure du Danube qui portait, de même que le Wolga, le nom de grande eau, atel. L'hiéroglyphe mexicain de l'eau, atl, indique, par les ondulations de plusieurs lignes parallèles, le mouvement des vagues, et rappelle le caractère phénicien de l'eau, mem qui a passé dans l'alphabet grec et peu à peu dans celui de tous les peuples occidentaux. (34) Les dénominations des jours teltèques, tels que Mex, Igh, Tox, Baz, Hix et Chic, ne paraissent pas

<sup>(32)</sup> Bladé, Etudes sur origine des Basques. Bandrimont, Hist. des Basques ou Escualduns primitifs.

<sup>(33)</sup> Berthelot, Hist. des Canaries.

<sup>(34)</sup> M. Hug, Sur l'intention des lettres, 1801, pg. 30.

appartenir à l'Amérique, mais à cette partie de l'Asie Orientale qui est habitée par des peuples dont les langues sont monosyllabiques. (35)

«Nous observons, dit Humboldt, à cette occasion, que la terminaison chinoise en *tsin* se retrouve dans un grand nombre de noms propres mexicains, par exemple dans Tonantsin, Acamapitsin, Coanacotsin, Cuitlahuatsin, et Tzilacatsin». (36)

Dans ce même ouvrage, Humboldt dit:

«En général, sur quatre-vingt-trois langues américaines citées par le savant Vater et par M. Barton, de Philadelphie, on n'a reconnu jusqu'à ce jour que cent trente sept racines qui se trouvent dans les langues de l'Asie et de l'Europe, savoir dans celles des Tartares, des Mandchoux, des Mongols, des Celtes, des Basques et des Esthoniens. Ce résultat curieux paraît prouver ce que nous avons avancé précédemment en parlant de la Mythologie des Mexicains: on ne saurait douter que la majeure partie des indigènes de l'Amérique n'appartienne à une race d'hommes qui, dès le berceau du monde, séparée du reste de l'espèce humaine, offre dans la nature et la diversité de ses langues, comme dans ses traits et la conformation de son crâne, des preuves incontestables d'un long et parfait iso-lement ». (37)

Après tant d'études des savants du dernier siècle jusqu'aujourd'hui, nous pouvons affirmer la parenté des langues, non seulement entre l'assyrienne, la Chinoise et les Américaines, mas aussi entre la Basque, la Celte, la Mongole, la Tartare et les Américaines; c'est une autre preuve indiscutable de l'origine commune de ces anciens peuples et qui marque la date la plus proche de leur émigration entre eux. De plus, les paroles ingénieuses du savant Allemand montrent déjà la date probable de l'émigration d'anciens Américains et leur long isolement; c'est ce que nous prétendons prouver d'après l'histoire Chinoise dans ce mémoire.

#### CHAPITRE IV

HIÉROGLYPHES, PEINTURES, SCULPTURES ET GRAVURES

Nous avons déjà dit qu'il existait une nation commune, plus ou moins civilisée, de laquelle se sont séparés successivement, après quelques cataclysmes naturels, les Khamites, les Sémites, les Ibères, les Celtes et les Indiens d'un côté et les Lapons, les Américains, les Océaniens, les Mongols et les Chinois de l'autre. Après cette séparation, chaque peuple complètement isolé des autres vivait en conservant quelques fragments de la civilisation commune qu'il modifiait de temps en temps.

Avant les hiéroglyphes, c'étaient sans doute des cordes nouées, qui servaient de représentations graphiques. Les peuples de l'Orient comme ceux de l'Occident les conservèrent après leur émigration. Ces nœuds,

<sup>(35)</sup> Boturini, Idea de una Historia General de Nueva España, pg. 118.

<sup>(36)</sup> Humboldt, Monuments des Peuples Indigènes, pag. 499.

<sup>(37)</sup> Dans le même ouvrage, pag. 455.

chez les Chinois, furent inventés, suivant les uns, par Louei Jen, suivant les autres par Chen Noung. Nous les retrouvons dans l'inscription de Rosette, dans l'intérieur de l'Afrique, en Tartarie, au Canadá, au Mexique et au Pérou. (38) Vers 2941 ans avant Jésus-Christ l'empereur chinois Fou Hi, les remplaça par des tablettes sur lesquelles on écrivait et inventa huit trigrammes composant l'écriture. Les autres peuples voisins ou tributaires de la Chine, tels que les Thibétains, les Miaotseus du Kouei Tcheau, anciennes nations chinoises de la République, conservaient et conservent encore cette ancienne tradition.

Les futurs Américains étaient encore en Chine et conservaient l'ancien système d'écriture, après leur émigration en Amérique. De là l'usage des cordelettes nouées, très général chez les Anciens Américains, avant l'introduction de la peinture hiéroglyphique; les peuples d'Anahuac se servaient de ces nœuds et de ces fils à plusieurs couleurs, que les Péruviens appellent guipos et que l'on retrouve chez les Canadiens. Le chevalier Boturini a été encore assez heureux de se procurer de vrais quipos mexicains ou nepohualtzitzin, trouvés dans le pays des Tlascaltèques (39). Ce qui est certain, c'est qu'au XVIème siècle les Péruviens ne connaissaient presque aucun système d'écriture, soit hiéroglyphique, soit phonétique, aucun mode de numération. Ils se servaient, pour les usages de la vie, de quipos, cordelettes de longueur très variable, portant un certain nombre de fils attachés par des nœuds. La couleur des fils, le nombre et la distance des nœuds avaient une signification tantôt historique, tantôt mathématique. Garcilaso rapporte que les quipos, qui relataient l'histoire des Incas, étaient soigneusement conservés par le Quipo Camayol (le Gardien des Quipos). Le plus grand nombre fut détruit par quelques moines fanatiques, comme des monuments d'idolâtrie; mais leur perte n'est pas importante pour l'histoire. puisque aucune tradition, aucune étude n'ont permis d'interpréter ceux qui restent. C'était au moyen de ces quipos que les Incas transmettaient leurs instructions. (40)

Nous parlons maintenant un peu de l'invention du trigramme de Fou Hi; puisque les Mayas et les Nahuas conservaient quelques fragments de ces hiéroglyphes comme caractères dans leurs peintures hiéroglyphiques sans savoir peut-être l'idée transcendentale et métaphysique de l'auter. Ce système de trigrammes est la mère de la philosophie chinoise contenue dans le Yi King, livre des changements, et a été représenté par des diagrammes. Quelquefois on s'est contenté des trois pouvoirs de la nature: Ciel, Terre, Homme, indiqués par  $\Delta$ . Les deux principes primitifs sont marqués, l'un par une ligne droite ——— qui correspond au Yang, par conséquent au principe Mâle, à la lumière et au Ciel; l'autre par une ligne brisée ———, qui correspond au Yin, par conséquent au principe femelle, aux ténèbres et à la Terre. On en a déduit les quatre figures suivantes:

<sup>1°</sup> T'ai Yang, mâle extrême, grand, qui correspond au Soleil, à la Chaleur, à l'Intelligence, aux Yeux, etc.

<sup>2°.</sup> T'ai Yin, femelle extrême, grande, qui correspond à la Lune, au Froid, aux Passions, aux Oreilles, etc.

<sup>(38)</sup> Humboldt, Monuments des Peuples Indigènes, pag. 382.

<sup>(39)</sup> Lafitau, Mœurs des Sauvages, T. I, pags. 233, 503, Histoire Générale des Voyages, T. I, livre X, ch. VIII. Boturini, Nueva Historia de la America Septentrional, pag. 85, Sematsien, Les Annales.

<sup>(40)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pag. 458-459. Historia da America, Barros Aranha, pag. 25.

3". Chao Yang, mâle moyen, jeune, qui correspond aux Etoiles, à l'Aurore, à la Forme, au Nez, etc.

4°. Chao Yin, femelle moyenne, jeune, qui co respond aux planètes, à la Nuit, à la Forme Humaine, à la Bouche, etc. Ces quatre figures secondaires forment les huit trigrammes ou *Pa Kona de Fou Hi*. Ces huit trigrammes sont les figures suivantes:

- 1°. Le Ciel. Les lignes étant pleines, ce trigramme marque le principe mâle pur;
  - 2°. La Vapeur, les Exhalaisons aqueuses, les lacs:
  - 3° Le Feu, la Chaleur, la Lumière;
  - 4°. Le Tonnerre;
  - 5°. Le (Vent;
  - 6° L'Eau;
  - 7°. Les Montagnes;
- 8°. La Terre. Les lignes étant brisées, ce trigramme marque le principe femelle pur.

L'idée de l'auteur semblait montrer déjà dans le premier trigramme l'existence de plusieurs systèmes célestes; mais chacun est complet. Pour le huitième trigramme il voulait probablement indiquer la division de la Terre en six continents. Chen Noung, le second des cinq souverains, passe pour avoir multiplié par huit les trigrammes de Fou Hi, pour en faire 64:

maximum generalement cherché.

Les hiéroglyphes chinois furent inventés plus tard, peut-être inspirés par quelques idées, ou quelques traces de l'ancienne nation commune. C'est vers 2697 avant Jésus-Christ que l'empereur de Chine Houang Ti ordonna à Tsang Kié de travailler à la composition des mots en imitant les vestiges d'oiseaux et d'animaux. On en forma ainsi 540, appelés plus tard Niao tse wen, mots des vestiges d'oiseaux ou encore Ko teau wen, figures de têtard. Depuis lors on décidait six sens pour inventer les mots:

1°. Figures des choses naturelles;

<sup>(41)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, pag. 380.

<sup>(42)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pags. 265, 321, 326, 327.

- 2°. Signes conventionnels;
- 3°. Idéogrammes;
- 4°. Mots des sons empruntés;
- 5°. Mots phonétiques avec significations:
- 6°. Mots du sens figuré.

Tous sont des hiéroglyphes et des signes. S'il existe des hiéroglyphes

identiques chez les anciens Egyptiens et Chinois, tels que 🧿 le Soleil, 🔟

la Montagne, la plupart des hiéroglyphes égyptiens sont plus semblables aux objects que les chinois. Les hiéroglyphes de l'Amérique Centrale étaient sans doute dérivés de la même idée ancienne; mais ils étaient aussi, excepté les caractères des trigrammes, une transformation ou invention ultérieure et particulière et plus massifs et plus grossiers que les deux précédents.

D'après Humboldt, les peintures mexicaines qui se sont conservées jusqu'à nos jours offrent une grande ressemblance, non avec l'écriture hiéroglyphiques des Egyptiens, mais bien avec les rouleuax de papyrus trouvés dans l'enveloppe des momies, et que l'on doit aussi considérer comme des peintures d'un genre mixte, parce que les caractères symboliques et isolés y sont ajoutés à la représentation d'une action; on reconnaît dans ces papyrus, des imitations, des sacrifices, des allusions à l'état de l'âme après la mort, des tributs payés aux vainqueurs, les effets bienfaisants de l'inondation du Nil et les travaux de l'agriculture; parmi un grand nombre de figures représentant l'histoire nationale ou celle de leurs rapports avec les peuples voisins, on observe de vrais hiéroglyphes accompagnés de caractères isolés qui appartenaient à l'écriture. Mais ce n'est pas seulement sur les papyrus et sur les enveloppes de momies, c'est sur les obélisques mêmes que l'on trouve des traces de ce genre mixte, qui réunit la peinture aux hiéroglyphes: la partie inférieure et la pointe des obélisques égyptiens présentent généralement un groupe de deux figures accouplées, et que l'on ne doit pas confondre avec les caractères isolés de l'écriture symbolique. En comparant les peintures mexicaines avec les hiéroglyphes qui ornaient les temples, les obélisques, peut-être les pyramides de l'Egypte; en réfléchissant sur la marche progressive que l'esprit humain paraît avoir suivie dans l'invention des moyens graphiques propres à exprimer des idées, on voit que les peuples d'Amérique étaient bien éloignés de cette perfection qu'avait atteinte les Egyptiens: en effet, les Aztèques ne connaissaient encore que très peu d'hiéroglyphes simples; ils en avaient pour les éléments comme pour les rapports du temps et des lieux; or, ce n'est que par le grand nombre de ces caractères susceptibles d'être employés isolément, que la peinture des idées devient d'un usage facile, et qu'elle se rapproche de l'écriture. (43)

Humboldt cherche en vain sur le plateau de l'Asie Centrale, ou plus au nord et à l'est, des peuples qui aient fait usage de cette peinture hiéroglyphique que l'on observe dans le pays d'Anahuac depuis la fin du VIIème siècle: les Kamtchadales, les Tongouses et d'autres tribus de la Sibérie, décrites par Strahlenberg, peignent des figures qui rappellent des faits historiques.

«Sous toutes les zones, dit-il, nous l'avons observé plus haut. l'on trouve des nations plus ou moins adonnées à ce genre de peinture: mais il y a bien loin d'une planche chargée de quelques caractères, à ces manuscrits mexicains qui sont tous composés d'après un sys-

<sup>(43)</sup> Humboldt, Monuments des Peuples Indigènes, pag. 290-291.

tème uniforme, et que l'on peut considérer comme les annales de l'empire. Nous ignorons si ce système de peinture hiéroglyphique a été inventé dans le nouveau continent ou s'il est au à l'émigration de quelque tribu tartare qui connaissait la durée exacte de l'année, et dont la civilisation était aussi ancienne que chez les Oighours du Plateau de Turfan». (44)

« Est-il certain, dit le Marquis de Nadaillac, après avoir étudié les peintures hiéroglyphiques mexicaines, que les Toltèques, ce peuple laborieux et entreprenant qui offre plusieurs traits de ressemblance avec les Tchouds ou anciens habitants de la Sibérie, ont les premiers introduit la peinture? Ou bien les Cuitlaltèques et les Olmèques, qui habitaient le plateau d'Anahuac avant l'irruption des peuples d'Aztlan, et auxquels le savant Siguenza attribua la construction des pyramides de Teotihuacan, auraient-ils consigné leurs annales et leur mythologie dans des recueils de peintures hiéroglyphiques. Nous n'avons pas assez de données pour répondre à ces questions importantes, car les ténèbres qui enveloppent l'origine des peuples mongols et tartares paraissent s'étendre sur toute l'histoire du nouveau continent.»

Ces deux savants ont déjà trouvé le moyen de résoudre la question de l'origine des anciens Américains. Nous voyons clairement que les Américains précolombiens, le gros de l'ancienne tribu tartare et des autres peuples voisins, mongols ou non mongols, étaient encore en Chine depuis l'usage des cordes nouées jusqu'après l'invention des trigrammes de Fou Hi; mais qu'ils émigraient ou commençaient à émigrer vers l'Amérique après l'usage de l'invention de Tsang Kié. Ce qu'ils conservaient ou conservent encore est peut-être dérivé d'une ancienne civilisation commune. Nous prétendons prouver ces faits dans ce mémoire, d'après des données que sollicitait le Marquis de Nadaillac.

Chez les Péruviens, branche très importante des races Américaines, la peinture hiéroglyphique était aussi en usage. Après avoir parlé des hiéroglyphes mexicains, le Père Garcia ajoute:

« Au commencement de la conquête, les Indiens du Pérou se confessaient par des peintures et des caractères qui indiquaient les dix mandements et les péchés commis contre ces mandements. On peut conclure de là que les Péruviens faisaient usage de peintures symboliques, mais que celles-ci étaient plus grossières que les hiéroglyphes des Mexicains, et que généralement le peuple se servait de nœuds ou de quipos.»

La manière d'écrire de droite à gauche est la même chez tous les anciens peuples: les Egyptiens, les Assyriens, les Phéniciens, les Arabes, les Malais, les Américains et les Chinois, etc. (45). On sait que ce sont les Grecs qui, après l'introduction des alphabets phéniciens en Europe, ont changé le mode d'écrire de gauche à droite.

Les Mexicains pliaient leurs manuscrits en zig-zag, d'une manière particulière, à peu près comme le papier ou l'étoffe de nos éventails: deux tablettes d'un bois léger étaient collées aux extrémités. l'une par-dessus. l'autre par-dessous; de sorte qu'avant de développer la peinture, l'ensemble

<sup>(44)</sup> Dans le même ouvrage, pags. 297-298.

<sup>(45)</sup> Monuments des Peuples Indigènes. Humboldt, pag. 243. O Brasil e a Oceania, A. Gonçalves Dias, pag. 262, etc.

offre la plus parfaite ressemblance avec nos livres reliés. Chez les Chinois on employait la même méthode depuis un temps très reculé; on la conserve jusqu'à nos jours, limitée seulement aux modèles de belle écriture. Les manuscrits Siamois étaient arrangés de la même manière. Comme nous ne savons quand on a adopté chez nous cette méthode de reliure, nous ignorons aussi si son introduction chez les Mexicains est antérieure ou ultérieure à leur émigration.

Nous allons, après les Mexicains et les Péruviens, parler des autres anciens peuples de l'Amérique qui, bien qu'issus de branches plus faibles et moins avancées en civilisation que les deux peuples précédents, conservaient ou conservent encore les sculptures et gravures primitives de leur ancienne tradition. Nous trouvons que les rochers qui entourent le grand Lac Salé, auprès d'Utah, la capitale actuelle des Mormons, sont couverts de sculptures qui rappellent celles de l'Egypte. Quelques-unes sont des figures humaines, de grandeur naturelle, entaillées dans un granit bleu très dur, à plus de trente pieds au-dessus du sol. On a constaté sur les rochers de l'Ohio et du Wioming de semblables gravures. Ces gravures ou peintures se trouvent aussi sur les rochers d'Arizona et de Californie, dans toute l'Amérique Centrale, sur l'Isthme de Darien, dans les Etats-Unis de Colombie, le Venezuela, sur les bords de l'Orénoque. Les pintados ou gravures et sculptures se rencontrent aussi fréquemment sur les roches granitiques de la chaine des Andes, depuis le Pérou jusqu'au Chili et à l'Argentine. Les solitudes du Pará et du Piauhy au Brésil renferment des sculptures en creux appelées pedras pintadas ou pictographies. Ce sont des animaux, des oiseaux, des hommes dans les attitudes les plus variées. Dans l'Etat de Ceará et l'intérieur des autres Etats du Brésil, du Paraguay, des rochers rappellent par les gravures dont ils sont couverts, ceux de la Scandinavie. Ces pedras pintadas se recontrent au sud comme au nord, au Chili et au Pérou comme dans l'Arizona et le Nouveau Mexique; partout elles présentent une analogie remarquable. Cette constante disposition, qui ne se rencontre au même degré, chez aucune des autres populations du Globe, est un caractère de race difficile à méconnaître.

«On ne saurait nier, dit Humboldt, que les peuples montagnards du Mexique n'appartiennent à une race d'hommes qui, semblable à plusieurs hordes tartares et mongoles, se plaît à imiter la forme des objets. Partout à la Nouvelle Espagne comme à Quito et au Pérou on voit des Indiens qui savent peindre et sculpter; ils parviennent à copier servilement ce qui s'offre à leur vue.» (46)

Mais rien n'est plus curieux que de comparer aux essais des anciens Américains les gravures exécutées par les Boschimens à l'extrême sud de l'Afrique ou celles qui sont gravées sur les rochers de l'Algérie. Cette ressemblance dans tous les temps et dans tous les pays des goûts, des instincts, du génie de l'homme, est la meilleure preuve que l'on puisse invoquer pour le rattacher à une souche commune. (47)

Il faut remarquer qu'après l'invention des caractères de Tsang Kié, il y a peu de ressemblance entre les mots chinois et américains ou chinois et égyptiens; mais qu'il existe une grande ressemblance entre la méthode d'écrire de Tsang Kié et celle des cunéiformes assyriens; Terrien de Lacouperie a la même opinion; de plus les anciens Groenlandais et les

<sup>(46)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, pag. 295.

<sup>(47)</sup> L'Amérique Préhistorique, pags. 255, 257, 471 et 472.

Chinois après l'invention des caractères de Tsang Kié, ont eu quelque relation. Selon l'auteur de la América (Historia de su Colonisacion, dominacion e independencia, une pierre écrite en caractères runiques, trouvée dans l'Île Kingiktorsoak par Braah, se trouve actuellement au Musée des

Antiquités de Copenhague. Mais ces caractères comme 1, , , , , , sont de

véritables anciens mots chinois. Chez les Chinois le premier caractère signifie de bas en haut; le deuxième, une poignée, le troisième, un couteau. Dans les caractères Chypriotes dont l'origine n'est pas bien connue jusqu'à nos jours, nous trouvons des anciens mots chinois identiques et sembla-

bles; par exemple: les caractères: | T. A. F. + F. A. sont tous

d'anciens mots chinois sans le moindre changement; le premier signifie deviner, le second, ouvrage, le troisième, homme, le quatrième, en bas ou descendre, le cinquième, dix, le sixième, roi, le septième, un mot astronomique, nom de lieu, signifie aussi correspondant; il y en a beaucoup d'autres très semblables. Nous trouvons aussi un bon nombre d'anciens mots chinois dans l'alphabet archaïque de Thera, l'alphabet phrygien, l'alphabet lycien et dans l'alphabet étrusque; les caractères

sont tous d'anciens mots chinois; sans compter les autres caractères semblables. Si Tsang Kié ne les a pas importés de l'Asie Mineure en Chine et si les Sémites ou les Chinois ne les ont pas importés non plus de la Chine vers l'Occident, c'est là sans doute une autre preuve d'une civilisation commune dont tous les anciens peuples possédaient quelques fragments. Tandis que les Groenlandais connaissaient les signes précités, les Américains n'avaient connu que les anciens hiéroglyphes égyptiens, les cordes nouées et les trigrammes de la Chine. Cela montre que leur émigration vers le nouveau continent était antérieure à cette dernière invention de la Chine et des Pays Occidentaux.

### CHAPITRE V

MIGRATION NATURELLE DE L'ASIE ORIENTALE PAR LE DÉTROIT DE BEHRING

Tant de découvertes des savants et tant de faits cités dans les précédents chapitres et qui prouvent indiscutablement la souche commune des anciens peuples des deux Mondes, mettent hors de doute que les anciens Américains sont aussi des émigrants de l'Asie. Mais depuis quand ont-ils abandonné leur habitat primitif? Par où sont-ils venus dans le Nouveau Monde? C'est aussi grâce aux ingénieuses études de grands savants et à l'histoire de la Chine que nous espérons donner à ces questions si importantes quelques réponses plus ou moins satisfaisantes.

Il est certain que l'existence de l'homme sur le continent américain date des temps les plus reculés, de ces temps auxquels la géologie a donné le nom de quaternaire, l'archéologie celui d'âge de pierre. (48) Le Marquis de Nadaillac avait raison de dire:

«Si nous nous refusons à admettre, quant à présent, l'existence de l'homme sur le sol américain durant l'époque tertiaire, il est

<sup>(48)</sup> Lettre à Rafn, Lund, pag. 5; L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pags. 28-46, 573

difficile de méconnaître les longs siècles qui sont écoulés depuis les temps où ces hommes inconnus vivaient au milieu d'animaux non moins inconnus qu'eux. C'est, dans l'état actuel de la science préhistorique, la seule conclusion possible.»

Les Kjökkenmoddings trouvés partout dans l'Amérique du Nord et les Sambaquis dans l'Amérique du Sud sont probablement des traces de ces anciens Américains inconnus qui, d'après le Marquis de Nadaillac, seraient les ancêtres des Esquimaux au Nord et des Botocudos, des Patagons, au Sud, refoulés comme les Basques et les Finnois sur l'ancien continent par des vainqueurs étrangers. Si cette hypothèse et la date de leur émigration ne sont pas certaines, rien ne nous empêche de conclure que les Esquimaux, prédécesseurs et anciens parents des autres Américains précolombiens aux temps les plus reculés, appartiennent à la même branche que les Lapons, les Finnois, les Kalmouks, les Samoyèdes, les Toungouses, les Tchoutchis et les Tartares de la race mongole et passèrent en Amérique par le Détroit de Behring. (49)

Citons, maintenant, les principales races de l'Amérique, excepté les Esquimaux et les Patagons qui habitent respectivement les extrémités nord et sud du continent, à savoir:

- 1°. Les Indiens, qui embrassent toutes les tribus aujourd'hui presque éteintes et qui occupaient le territoire des Etats-Unis;
- 2°. La race californienne, qui habitait l'Occident de l'Amérique Septentrionale;
- 3°. La race mexicaine, subdivisée en plusieurs nations qui vivent dans le Mexique et l'Amérique Centrale;
  - 4°. La race caraïbe, répandue dans les Guyanes et les Iles des Antilles;
  - 5°. La race ando-péruvienne:
  - 6°. La race araucanienne ou Chilienne;
- 7°. La race pampéenne, qui habite les parties orientale et méridionale de l'Amérique du Sud;
- 8°. La race guaranienne, répandue entre les bassins de la Plata et de l'Amazone.

Chacune de ces races comprenait un grand nombre de familles; quelques-unes d'elles subsistent, beaucoup d'autres ont disparu (50). Mais toutes ces races sont sorties, en des époques très reculées, de quelques nations voisines dont la parenté nous est clairement démontrée par toutes les découvertes souterraines, les monuments, le culte, les hiéroglyphes, les peintures et les langues surtout et qui vivaient, isolément les unes avec les autres ou en état de guerre entre elles.

A propos des ressemblances des peintures et des gravures américaines avec celles des peuples asiatiques, voici ce que nous dit Humboldt:

«Sous ce rapport, et sous bien d'autres encore, les habitants du Nouveau Monde ressemblent à tous les peuples de l'Asie Orientale. Malgré ces rapports frappants, entre les peuples du Nouveau Monde et les tribus tartares qui ont adopté la religion de Boudha, je crois reconnaître dans la mythologie des Américains, dans le style de leurs peintures, dans leur langue et surtout dans leur conformation extérieure, les descendants d'une race d'hommes qui, séparée de bonne

<sup>(49)</sup> The Living Race of Mankind, Sir Harry Johnston, R. Lydekken, etc., T. II, pag. 641.

<sup>(50)</sup> Elementos de Historia Contemporanea de América, Enrique Vera y Gonzalez, pag. 18.

heure du reste de l'espèce humaine, a suivi, pendant une longue série de siècles, une route particulière dans le développement de ses facultés intellectuelles et dans la tendance vers la civilisation.» (51)

Nous ajouterons encore les paroles du Marquis de Nadaillac:

« Partout ces " pedras pintadas ", du sud comme du nord du continent, présentent une analogie remarquable. Cette constante disposition, qui ne se rencontre au même degré chez aucune des populations du Globe, est un caractère de race difficile à méconnaître ».

Le grand poête en même temps que savant Brésilien Gonçalves Dias trouve l'analogie générale entre tous les Américains précolombiens et confirme qu'ils sont participants de la même origine; si non tous appartenant à une même race. (52)

Maintenant nous pouvons affirmer que, excepté les Esquimaux et les Patagons, les races américaines descendent d'une race ou du gros de quelques races parentes venues en Amérique en des temps très reculés, dont nous nous proposons de fixer dans un article particulier la date probable en nous basant sur des données historiques.

Mais d'abord d'où sont-ils venus, ces peuples, et par où pouvaient-ils gagner le Nouveau Monde? Les plus anciennes traditions américaines, parvenues jusqu'à nous, font allusion à des hommes arrivés de l'Orient, de régions froides et glacées, par une mer triste et nébuleuse, et ces traditions étaient restées si puissantes parmi les indigènes, que les Mexicains regardaient les premiers Espagnols débarqués dans leur pays, comme les fils de leurs ancêtres (53). Il y a aussi la tradition de leur migration, dont le souvenir est conservé dans leurs hiéroglyphes et dans leurs pictographies. Selon ces traditions, c'était d'une contrée située au Nord ou au Nord-Ouest que venaient les Nahuas. Ce pays appelé Huchuc-Tlapallan dans le Popol-Vuh, c'est la version de tous les historiens espagnols, prami lesquels, Duran, Veytia, Torquemada, Vetancurt, Clavigero; et Tulan Zuiwa, selon d'autres historiens, serait le même que le pays d'Amaquemecan, lieu d'origine des Chichimecs.

Ferdinand Alva de Ixtlilxochitl, descendant chrétien des rois du Mexique, a prétendu retracer l'antique histoire de sa race. Sept familles, selon lui, furent sauvées du déluge. Leurs descendants, après de longs et pénibles voyages, se fixèrent à Huehue-Tlapallan, pays fertile et agréable à habiter. Leur séjour fut long et sujet à des fortunes diverses; ils furent enfin obligés de quitter leur patrie d'adoption à la suite de défaites multipliées, et c'est alors qu'ils descendirent vers le sud pour se créer une patrie neuvelle. Les Quichés racontent de leurs ancêtres venus de la terre du soleil, qu'ils traversèrent la mer, comme si cette mer n'existait pas, qu'ils allaient de rocher en rocher et que le soleil qui vint enfin dissiper cette longue et sombre nuit n'était pas le soleil et n'avait aucune force. Brasseur de Bourbourg considère ces régions comme arctiques (54). Les peuples du Yucatan croyaient que leurs ancêtres étaient arrivés de l'Est, par la grande mer, que Dieu avait desséchée pour leur livrer passage.

<sup>(51)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, Humboldt, pags. 296, 326.

<sup>(52)</sup> A. Gonçalves Dias, O Brasil e a Oceania, pag. 145.

<sup>(53)</sup> Cortès, Cartas y relaciones al Emperador Carlos V.

<sup>(54)</sup> Brasseur de Bourbourg, Histoire des Nations Civilisées du Mexique et de l'Amérique Centrale. T. I, pags. 106, 166.

Toutes ces traditions montrent clairement que les anciens Américains parvinrent au continent par une mer de glace, par le nord-ouest ou l'Orient; celle des peuples du Yucatan indique même un détroit par lequel leurs ancêtres passèrent en Amérique. Dans le monde savant, il est admis que le Nouveau Monde a été peuplé par des immigrations de l'ancien continent; mais si l'on est d'accord sur ce fait important, on discute beaucoup sur l'origine des immigrants, sur leur point de départ, sur la route qu'ils ont suivie. D'après quelques-uns, ils sont arrivés soit par le nord-ouest et la mer de Behring, soit par le nord-est et l'Océan Atlantique; selon d'autres cette arrivée aurait eu lieu par les iles du Pacific ou les iles du Sud-Est. Or, l'Amérique a été peuplée dès la plus haute antiquité par des tribus nomades, nombreuses du reste, Comment d'ailleurs admettre le peuplement des régions immenses qui forment le Nouveau Monde par quelques individus naufragés du Pacifique ou de l'Atlantique ou par quelques aventuriers isolés, arrivés à travers une grande mer du Nord-Est? Il faut donc, de toute nécessité, que des peuples entiers aient passé d'un continent à l'autre. Seul le détroit de Behring est un point de départ possible.

Un excellent travail du savant Maury, inséré dans la Revue des Deux Mondes du 15 Avril 1858, montre la facilité du passage entre les côtes nord-est de l'Asie et nord-ouest de l'Amérique.

«Les hommes, dit le Marquis de Nadaillac, qui ont érigé les Tumuli innombrables dont est couverte la Sibérie, ont pu facilement traverser les eaux généralement calmes du Pacifique, se répandre dans le Mississipi et dans l'Ohio, où s'élèvent des tertres semblables aux tertres sibériens. Durant les hivers rigoureux, le détroit de Behring est complètement gelé et les communications entre les deux continents peuvent avoir lieu à pied sec. Ces migrations auraient été plus faciles encore, si comme le suppose Darwin, une température plus modérée avait régné à des époques plus éloignées dans les régions hyperboréennes et si la Sibérie n'avait point été soumise aux froids rigoureux qu'elle subit aujourd'hui. Mais, en se placant même dans les conditions qui existent actuellement, la navigation dans ces parages ne présente aucune difficulté sérieuse; elle est facilitée par des relâches successives au Kamtchatka, aux Iles Aléoutiennes, à la Presqu'île d'Alaska, et c'est avec raison que Lyell comparait le passage du détroit de Behring à la traversée de la Manche entre Douvres et Calais. Les vents constamment favorables viennent aider à cette navigation, et c'est un jeu pour les Esquimaux d'accomplir le voyage d'une presqu'île à l'autre, non seulement en barques isolées, mais encore par grandes flotilles de pêcheurs. En étudiant la stratification des roches, la faune et la flore, on peut supposer un émergement qui aurait formé un seul continent du Japon, des Iles Aléoutiennes et de l'Alaska.» (55)

En vérité, il reste encore dans ces régions tant de traces volcaniques qui pourraient attester l'immersion d'un continent.

« Je n'ignore pas, dit Humboldt, que les Tchoutchis traversent annuellement le détroit de Behring pour faire la guerre aux habitants de la côte nord-ouest de l'Amérique. » (56)

<sup>(55)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pags. 536-538.

<sup>(56)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, pag. 325.

Paschel, qui tient avec raison pour une espèce humaine unique et pour un centre unique d'apparition de l'humanité, partant de ce principe que ce centre n'a pu être le Nouveau Monde, en conclut que les ancêtres des Américains sont venus de l'ancien continent. Cette migration n'a pu avoir lieu au moyen d'une longue navigation; elle a pris la voie de Behring. (57)

Paschel invoque les caractères altaïques attribués au type américain par nombre d'auteurs; par exemple; Morton, Burton et Thudi, D'après Hexelacque et Hervé, on pourrait supposer qu'une très ancienne race, à tête allongée, a occupé certaines régions de l'Amérique, tant au nord qu'au centre, qu'au midi, et qu'une autre race, celle-ci, à tête arrondie, a pénétré ultérieurement dans le Nouveau Monde. En ce qui concerne cette seconde race, il est vraisemblable, si l'on s'en rapporte à l'ensemble des traits des individus qui la représentent actuellement, qu'elle avait une origine assatique: elle aurait pénétré en Amérique par le détroit de Behring à une époque que l'on ne peut guère déterminer. Quant à la première race, dont nous possédons des restes fossiles, ses descendants se retrouvent encore plus ou moins métissés; ce sont les Esquimaux actuels et les Botocudos (58). Selon Humboldt, d'ailleurs, la civilisation de l'Amérique Centrale révélerait une origine asiatique. Pickering distingue deux races: l'une, d'origine altaïque, aurait peuplé tout le continent, à l'exception du territoire de l'Oregon, de la Californie, des Antilles, de Panama et du littoral des Golfes de Darien et du Venezuela; l'autre, d'origine malaise. aurait occupé les régions susdites. Cette dernière serait la moins anciennement immigrée. Fr. Müller fait remarquer combien il est invraisemblable qu'une race moins cultivée ait pu venir s'établir au milieu de peuples civilisés, comme l'étaient ceux de l'Amérique Centrale, et y ait conservé son type. Le même auteur ajoute que la supposition de deux races asiatiques ne saurait suffire à expliquer la diversité qui existe entre les différents peuples américains; il voit aussi dans les indigènes américains une seule et même race isolée des autres sous tous les rapports, et dont les variétés ont pris naissance en Amérique même (59). Haeckel croit que l'Amérique doit avoir été peuplée depuis l'est de l'Asie septentrionale par la même race mongole qui fréquentait les régions arctiques, comme les hyperboréens et les Esquimaux, Ces Mongols, répandus d'abord dans toute l'Amérique du Nord, marchèrent vers l'Amérique Centrale et de là, par l'Isthme de Panama, arrivèrent jusqu'au Sud du Continent. Il est très probable que, outre les Mongols, arrivèrent également, par l'Ouest, les Polynésiens qui se mélangèrent avec les premiers. D'Orbigny compare les traits généraux de la race Brasilo-Guaranienne ou Tupy à ceux des Mongols. Le Marquis de Nadaillac, après avoir invoqué les faits historiques d'invasions successives des peuples asiatiques en Europe et d'autres semblables, conclut que tous ces faits, qui montrent la force expansive des races primitives, tranchent la question de la possibilité des migrations asiatico-américaines.

Toutes ces données basées sur d'indiscutables autorités prouvent d'une façon catégorique que les races américaines appartiennent à la race altaïque, qu'elles sont parentes des Mongols, mêlées légèrement et ultérieurement,

<sup>(57)</sup> Voelkerkunde, pag. 428.

<sup>(58)</sup> Précis d'Anthropologie, pag. 506.

<sup>(59)</sup> Allgemeine Ethnographie, pag. 246.

non seulement d'éléments polynésiens, mais aussi d'autres individuels, isolés et insignifiants et qu'elles sont arrivées à travers le détroit de Behring. Les documents historiques de la Chine, nous permettront d'établir dans le chapitre suivant quels sont ces émigrants asiatiques et depuis quelle époque ils avaient quitté l'ancien continent.

#### CHAPITRE VI

NATION TCHE-YEOU, FOUSANG ET INTRODUCTION DU BOUDHI; ME

Depuis l'établissement de l'empire Chinois par Fou-Hi vers 3335 avant Jésus-Christ, la Chine constituait un Etat féodal ou un empire fédéral composé d'un nombre de nations chinoises et non chinoises, qui ont précédé les premières. Au quinzième empereur de la dynastie Fou-Hi, succéda la dynastie Chen-Noung. Vers 2.700 ans avant l'ère chrétienne, sous le règne du huitième empereur des (Chen-Noung, l'autorité impériale était affaiblie; les seigneurs féodaux et tributaires luttaient les uns contre les autres et opprimaient les peuples. Etant donnée l'incapacité de l'empereur à pacifier le pays, le roi de la nation Chinoise, Houang-Ti, exerca ses sujets au maniement des armes telles que la lance et la hache et força les seigneurs rebelles à obéir aux ordres centraux; toutes ces nations se soumirent de nouveau à l'autorité impériale; seul le seigneur de la nation Tche-Yeou, plus puissant et indomptable, osa braver ses attaques. La nation Tche-Yeou, passionnée pour la guerre et portée au désordre, fabriqua des haches, des lances, de grands arcs des fléches pour opprimer le pays et annexer les autres nations féodales. Elle attaqua enfin l'empereur. Celui-ci s'enfuit à Tcho-Nou.

Houang-Ti, doué de hautes vertus morales et des qualités géniales auxquelles tous les seigneurs du temps rendaient hommage, convoqua les armées de ces derniers et déclara la guerre à la nation Tche-Yeou; la rencontre eut lieu dans les champs de Tcho-Nou (au Sud de Pao Ngan, Sien Houa Fou, Tche Li, nord-est de la Chine). La nation Tche-Yeou fut battue et le chef rebelle pris et décapité.

Après la répression de la rébellion de Tche-Yeou, Houang-Ti, élu empereur par tous les seigneurs, succéda à la dynastie Chen-Noung, parcourut l'Etat avec ses gardes, réprima les factions contraires à l'ordre, à la tranquillité et surtout aux prérogatives populaires, et nomma de hauts fonctionnaires pour contrôler, à la façon d'un ministère des colonies, les nations étrangères en tutelle. Les nations tributaires ou voisines, effrayées de son autorité, furent chassées d'un côté, vers le sud, jusqu'à l'Océanie: et de l'autre, vers le nord et nord-est de la Chine et de l'Asie. Il fut l'inventeur des briques avec lesquelles il fit élever un temple à Chang-Ti, l'Etre Suprême, à qui l'on sacrifiait antérieurement en plein air. Ces briques servirent également à construire les premières maisons. Plus tard il repoussa Houen-Tcheou vers le nord.

Le Houen-Tcheou, c'est la nation Mongole, appelée "les barbares des montagnes", qui, sous les Hia furent connus sous le nom de Chouen Wei, sous les Theou, sous celui de Hien Yun et que nous retrouvons plus tard sous les Ts'in et les Han avec le nom de Hiong Nou. Cette nation nomade, passionnée pour les arcs et les lances, vivait de l'élevage et de la chasse et aimait la guerre. Après la chute de la dynastie Hia, ses descendants s'enfuirent au Nord et la gouvernèrent. Depuis la dynastie Ts'in (246 av. J. C.) elle était un péril constant pour la Chine. Jusqu'au XIIIème siècle

elle conquit presque toute l'Asie et la moitié de l'Europe, sans parler des invasions antérieures; il reste encere des nations puissantes mongoles dans l'Ancien Monde. Or, la nation Tche-Yeou fut celle dont la rébellion s'affirma de la façon la plus redoutable contre Honang-Ti; sous le règne de celui-ci, quatre-vingt et un Tcheyeous, violents et eruels, vêtus de peaux de bètes et armés d'arcs et de lances, firent trembler le pays en massacrant les peuples qui leur obéissaient en tremblant. C'est grâce à la protection divine que Houang-Ti finit par les vaincre. Plus tard l'empereur fit représenter en peinture le supplice de Tche-Yeou pour effrayer les autres rebelles; à ce moment tout le monde se disait que si le seigneur Tche-Yeou n'était pas mort, le pays serait complètement ruiné. (60)

Sur le reste de la nation Tche-Yeou et sa migration, l'histoire reste muette. Mais une nation, presque maîtresse de la Chine, au moment de la chute des Chen-Noung, beaucoup plus puissante et indomptable que la nation Houen Tcheou, mongole, pouvait-elle un jour complètement disparaître ou être subjuguée et absorbée? Où donc peut-elle être passée? Les neuf tribus barbares d'Orient connues dans l'histoire, autrefois subjuguées tantôt par la Chine, tantôt par la Mongolie et qui, parfois indépendantes, envahirent la Chine et les pays voisins, comme les Kin et les Mandhou, en seraient-elles les descendants ? Mais cette population aussi passionnée pour les ares et la guerre est très insignifiante après une existence de 4.600 ans. Ce seraient peut-être les débris des Tche-Yeous. Il est presque sûr que la nation Tche-Yeou, effrayée de l'exécution de son roi, accompagnée de quelques tribus amies ou soumises et suivie des autres, prit la fuite vers l'Orient dans la direction où se lève le soleil propice aux régions froides; elle considérait l'astre comme son sauveur et le but unique de sa longue et pénible migration; c'est de là qu'est né sans doute le culte du Soleil si général chez les anciens Américains du Nord et du Sud, comme les Esquimaux pratiquent le culte du feu parce qu'il les chauffe pendant les froids rigoureux. Les traditions des peuples américains, racontant toujours que leurs ancêtres sont venus de l'Orient et de la Terre du Soleil, confirment encore cette hypothèse.

Ainsi donc, il y a 4.600 ans, une nation disparut de l'Asie Orientale et en Amérique, dans des temps aussi reculés, une autre surgit; nous constatons de plus qu'il existait une voie de migration très fréquentée par les hyperboréens et les Esquimaux. La nation Tche-Yeou, témoin du déluge de l'Ancien Continent, parente des Chinois, des Mongols et peut-être mère des Tartares en Asie Orientale, connaissait certainement les anciennes coutumes de la Chine: les cordes nouées, les trigrammes et les sacrifices à l'Etre Suprême auquel était dédié le temple de briques, aux dieux célestes et terrestres au-dessus de la montagne, dont les Sibériens gardent aussi les traces, excepté l'invention des caractères chinois sous le règne de Houang-Ti. Nous avons déjà parlé de l'usage des cordes nouées et des trigrammes chez les anciens Américains. Nous trouvons, chez les Mound-Builders. chez les Nahuas comme chez les Péruviens, partout des temples élevés au sommet des Mounds et des pyramides à gradins. Les Tche-Yeous, cruels et sanguinaires, vêtus de peaux d'animaux et passionnés pour les arcs et la guerre, ressemblent parfaitement aux Américains précolombiens, dont la tombe et la momie sont toujours accompagnées de ces mêmes armes. De plus, chez les Indiens Américains, l'instruction au maniement des arcs à flèches est obligatoire depuis l'enfance, chose qu'on remarque aussi dans la nation Tche-Yeou, et chez les Mandhoux et les Mongols. Le calendrier des Mexicains et

<sup>(60)</sup> Semakien, Seki, T. I. pags. 1-2; Toungkien, pags. 3-4.

les pipes si nombreuses trouvées chez les Mound-Builders et les Cliff-Dwellers montrent clairement la parenté des Tartares orientaux. La parenté est aussi indéniable dans la langue et les traits généraux des Américains et des Asiatiques orientaux. Les Tche-Yeous, habitués au climat tempéré du Nord-Est de la Chine, choisissaient naturellement leur première patrie dans la région de même climat comme les vallées des grands fleuves des Etats-Unis et le Sud du Canada.

«A vrai dire, dit le Marquis de Nadaillac, ni les Aztèques, ni les autres Nahuas ne formaient un Etat, ni une nation, ou même une société politique. C'était une simple confédération de tribus, composées elles-mêmes d'une agglomération de clans ou calpulli.

Cela rappelle bien le régime de l'ancien Empire Fédéral Chinois avant l'Empereur Houang-Ti, et la constitution des tribus mongoles et tartares. Une communication fréquente entre les deux mondes, écrivait Humboldt, se manifeste d'une manière indiscutable dans les cosmogonies, les monuments, les hiéroglyphes, les institutions des peuples de l'Amérique et de l'Asie (61). Il y a eu nombre d'autres analogies et de ressemblance qui, après un isolement de milliers d'années, disparurent progressivement non seulement entre les anciens parents des deux continents, mais aussi entre les Américains mêmes.

Si nous avons encore quelque doute sur la possibilité d'un long et pénible voyage du nord-est de la Chine au nord-ouest de l'Amérique, c'est le seul point sur lequel est muette l'histoire chinoise qui, avant l'invention de l'écriture et son développement, ne pouvait certainement décrire aussi bien la migration Tche-Yeou que les mouvements ultérieurs des Mongols. Or le voyage de l'Asie Orientale au nord-ouest de l'Amérique est chez les peuples nomades beaucoup plus facile que de l'Asie Orientale vers l'Asie Occidentale et l'Europe que les Mongols fréquentaient toujours et où ils ont laissé tant de traces historiques. D'ailleurs si l'histoire chinoise n'a rien dit sur le voyage et la migration de la nation Tche-Yeou, elle décrit clairement un autre voyage des missionnaires chinois du Boudhisme par le même chemin. Cela pourrait bien compléter la lacune des données précédentes.

Voici ce que rapportent les historiens Chinois à l'égard de la présence des prêtres boudhistes au Mexique dès le Vème siècle de notre ère, c'est-à-dire, plus de trois mille ans après l'émigration des Tche-Yeous:

« Pendant le règne des Tzi, dans la première année de l'Origine Eternelle (499 ans ap. J. C.), un prêtre boudhiste chinois, qui portait le nom monastique de Hoei-Chin (compassion universelle), vint du Fousang, dans le district Kin-Tcheou du Houpé. Il raconta que le Fousang est à 20.000 lis (11.500 kilomètres) à l'est de Tahan et de la Chine.»

D'après l'histoire géographique de la Chine, le Ta-han est situé plus de 5.000 lis à l'est de Wencheng qui est à 7.000 lis au nord-est du Japon, appelé Aino et composé à ce moment de plus de trente royaumes. Ce n'est pas même la première mention du Fousang dans les histoires chinoises. Un grand écrivain chinois, Tong-Fanso, connaisseur des choses étran-

<sup>(61)</sup> Vues des cordillières et des moruments des peuples Indigènes de l'Amérique, T. I, pags. 31, 39.

gères, et qui vivait deux siècles avant l'ère chrétienne, raconte que le pays de Fousang est situé à l'est de la mer orjentale.

« Quand on débarque, dit-il, sur les rivages de ce pays, il faut s'avancer dans la direction de l'Orient et après avoir parcouru 10.000 lis, on trouve la mer de couleur bleue, vaste, immense et sans bornes.»

Un autre historien, Li-Yen, nous apprend que le Fousang est à 10.000 lis à l'est du pays de Tahan et aussi à l'est de la Chine. D'après un autre ouvrage intitulé Liang-Se-Kong, ou mémoires de quatre seigneurs de Liang, une ambassade du Fousang serait arrivée en Chine dans les années Tien-Kien, commençant en 502, date trop rapprochée du retour de Hoei-Chin. Nous pouvons affirmer que le Tahan pourrait être situé au Kamtchatka; mais que le Fousang serait certainement sur la côte américaine, probablement au Mexique, puisqu'il n'existait aucune nation au nord-est de l'Asie et au nord-ouest de l'Amérique aussi organisée et fertile que le Mexique.

« Autrefois, dit le Chaman Hoei-Chin, missionnaire chinois, la religion de Boudha n'existait pas dans ces contrées, ce fut dans la quatrième année du règne de Hia-wou-ti des Song (458 ans ap. J. C.) que cinq pikious ou religieux du pays de Ki-pin (ancienne Kaphène, allèrent au Fousang et y répandirent la foi de Boudha. Ils apportèrent avec eux les livres, les images saintes, le rituel et instituèrent les habitudes monastiques, ce qui fit changer les mœurs des habitants. Ce pays produit du cuivre, de l'argent et de l'or. mais pas de fer. Il y a beaucoup d'arbres Fousang qui se mangent comme le bambou quand il est jeune et qui donnent des fruits comme la poire. Avec la fibre de cet arbre on fabrique l'étoffe et le papier. Il y a une écriture. Les demeures sont en bois: mais il n'y a pas de villes entourées de murailles. La loi nationale institue deux prisons: celle du Nord et celle du Sud. Les délinquants entrent dans la prison du Sud et peuvent être mis en liberté; mais les criminels entrent dans celle du Nord jusqu'à la mort; les enfants nés dans la prison restent esclaves. Le roi de la nation s'appele Yki, les nobles de la première catégorie s'appellent Til, ceux de la deuxième, petit Tit et de la troisième Natocha. Le roi est accompagné de cortège. Selon la coutume, quand quelqu'un meurt, les fils ne mangent pas pendant sept jours, les petits fils pendant cinq jours; pour les neveux et les nièces il n'y a que trois jours de jeunes. Le successeur du roi mort ne s'occupe pas des affaires publiques durant trois ans.» (62)

Toutes ces descriptions ressemblent au Mexique; l'arbre agave, appelé metl ou Maguey par les peuples de la race aztèque, possède des qualités semblables qui remplacent à la fois le chanvre de l'Asie, le roseau à papier de l'Egypte et la vigne de l'Europe. (63)

Avant tout, nous cherchons les traces des prêtres boudhistes chinois ou thibétains en Amérique; si elles existent vraiment chez les anciens

<sup>(62)</sup> Nan-Se, T. 79, pag. 4.

<sup>(63)</sup> Monuments des Peuples Indigenes, Humboldt, pag. 384.

Américains. C'est du temps de la monarchie toltèque, ou dans des siècles antérieurs, quand, sur les côtes de Panuco, paraît le Boudha Mexicain. Ouetzalcoatl, accompagné d'autres étrangers qui portaient des vêtements noirs en forme de soutanes. Le nom du saint était Cuculea à Yucatan et Camaxtli à Tlascala. Son compagnon de fortune. Huemac, était en possession du pouvoir séculier, tandis que lui-même jouissait du pouvoir spirituel. Cette forme de gouvernement était analogue à celles du Japon ancien et du Cundinamarca (64). Quetzalcoatl, dent le nom signifie serpent revêtu de plumes vertes, est sans doute l'être le plus mystérieux de toute la mythologie mexicaine; c'était un homme blanc et barbu comme le Bochica des Muyscas; il était grand prêtre à Tula (Tollan), législateur, iondateur de monastères et de congrégations semblables à celles du Thibet et de l'Asie Orientale, chef d'une secte religieuse qui, comme les Sonyasis et les Boudhistes de l'Indoustan, s'imposait les pénitences les plus cruelles; il introduisit la coutume de se percer les lèvres et les oreilles, et de se meurtrir le reste du corps avec les piquants de feuilles d'agave ou avec les épines du cactus, en introduisant des roseaux dans les plaies pour qu'on vît ruisseler le sang plus abondamment. Quand il y eut une grande famine dans la province de Culan, le saint se retira près de Tlaxapuchicalco, sur le volcan Catcitepetl, où il marcha pieds nus sur des feuilles d'agave armées de piquants. On croit voir un de ces Rishi, ermites du Gange, dont les Pouranas célèbrent la pieuse austérité. Le règne de Quetzalcoatl était l'âge d'or des peuples d'Anahuac et ne fut pas de longue durée; le Grand Esprit Tezcatlipoca, le Brahma des peuples d'Anahuac, offrit à Quetzalcoatl une boisson, qui, en le rendant immortel, lui inspira le goût des voyages, et surtout un désir irrésistible de visiter un pays éloigné que la tradition appelle Tlapalan. L'analogie de ce nom avec celui de Huehuetlapallan, la patrie des Toltèques, ne paraît pas être accidentelle; mais comment concevoir que cet homme blanc, prêtre de Tula, se soit dirigé au Sud-Est, vers les plaines de Cholula et de là vers les côtes orientales du Mexique, pour parvenir à ce pays septentrional d'où ses ancêtres étaient sortis, l'an 544 de l'ère chrétienne? Quetzalcoatl, en traversant le territoire de Cholula. céda aux instances des habitants, qui lui offrirent les rênes du gouvernement; il demeura pendant vingt ans parmi eux, leur apprit à fondre les métaux, ordonna les grands jeûnes de quatre-vingt jours, et régla les intercalations de l'année toltèque; il exhorta les hommes à la paix; il ne voulut pas que l'on fît d'autres offrandes à la Divinité que les prémices des moissons; les fleurs et les fruits; il se bouchait les oreilles lorsqu'on lui parlait de la guerre. De Cholula, Quetzalcoatl passa à l'embouchure de la rivière de Goasacoalco, où il disparut après avoir fait annoncer aux Cholulains qu'il reviendrait dans quelque temps pour les gouverner de nouveau et pour renouveler leur bonheur. Après son départ, les peuples construisirent le grand teocalli de Cholula, appelé Tlalchihualtepec, qui avait à sa cime un autel dédié à Quetzalcoatl, le dieu de l'air. (65)

Mitla, capitale des Zapatèques et leur ville sainte, fut fondée par les disciples de Quetzalcoatl et une légende venue jusqu'à nos jours raconte qu'un jour, un vieillard à l'aspect vénérable, sortit subitement du lac Huixa. Il était vêtu d'une robe et d'un manteau d'un bleu éclatant et il portait une mitre sur la tête. Ce vieillard désigna une éminence sur la-

<sup>(64)</sup> Torq., T. II, pag. 237.

<sup>(65)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, Humboldt, pags. 113, 115, 522.

quelle un temple fut construit par ses ordres; il donna au peuple des lors sages et justes et disparut aussi mystérieusement qu'il était arrivé. (66)

C'était de l'est que venaient Zamna, le disciple et l'émule de Votan, et Cukulcan, le fondateur de Chichen-Itza et le même personnage probablement que Quetzalcoatl (Cukulcan et Quetzalcoatl signifient l'un et l'autre le serpent couvert de plumes; ce ne saurait être là une circonstance fortuite). L'un et l'autre prêchèrent aux Yucatèques le célibat, l'ascétisme, et furent les initiateurs de leur civilisation. A leur mort, les peuples reconnaissants leur érigèrent des temples et les adorèrent comme des dieux. (67)

Votan, le chef du peuple des Chanes, était venu, d'après la tracition. de l'autre côté de la mer des Antilles; et avait fondé l'empire Maya plusieurs siècles avant J. C.; on place son arrivée dix siècles avant notre ère. Peut-être y a-t-il eu plusieurs Votan, et les descendants du premier ont-ils conservé son nom comme un titre d'honneur. Selon les traditions antiques recueillies par l'évêque François Nuñez de la Vega, le Wodan on Votan des Chiapanais était le petit-fils de cet illustre vieillard qui, lors de la grande inondation dans laquelle périt la majeure partie du genre humain, fut sauvé dans un radeau, lui et sa famille. Après l'échec de sa construction, le Grand Esprit lui ordonna d'aller peupler le pays d'Anahuac. Cette tradition américaine rappelle le Menou des Hindoux, le Noé des Hébreux et la dispersion des Couschites de Singar. Le Votan ou Wodan, paraît de la même famille que les Wods ou Odins des Goths et des peuples d'origine celtique. D'après les savantes recherches de Sir William Jones, Odin et Boudha sont probablement une même personne. Les cosmogonies antiques en Afrique, en Asie, en Amérique, les légendes qui concernent Boudha, Odin ou Votan, présentent des analogies frappantes, qu'il est impossible d'attribuer au hasard (68). D'après Pablo Patron, les caractères B, F, V, U ont la même origine (69); il est vrai que les Chinois appellent Boudha par trois noms dérivés Fou, Fouto et Bousa ou Pousa et que les Japonais l'appellent Butsu, Hotoké; les Américains pourraient bien l'appeler Votan; il est presque certain que Boudha et Votan ou Wodan sont le même personnage.

Le Thibet et le Mexique présentent des rapports assez remarquables dans leur hiérarchie ecclésiastique, dans le nombre de congrégations religieuses, dans l'austérité extrême des pénitences et dans l'ordre des processions. Il est même impossible de ne pas être frappé de cette ressemblance en lisant avec attention le récit que Cortez fit, à l'Empereur Charles-Quint, de son entrée solennelle à Cholula, qu'il appelle la ville sainte des Mexicains. Selon l'opinion du Marquis de Nadaillac, ces étrangers blancs et barbus, portant des vêtements noirs, sont très probablement des missionnaires boudhistes qui vinrent prêcher aux Nahuas des doctrines nouvelles. Une image ou statue de Quetzalcoatl, au Musée ethnographique du Trocadéro, assise à jambes croisées, est exactement celle de Boudha ou d'un prêtre boudhiste. Un bas-relief de Palenque offre une ressemblance indéniable avec les images de Boudha, et l'offrande faite aux dieux,

<sup>(66)</sup> Torquemada, T. I, pag. 255.

<sup>(67)</sup> Landa, Relacion de las Cosas de Yucatan, pag. 28; Cogulludo, Hist. de Yucatan; pag. 178.

<sup>(68)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pag. 525; Monuments des Peuples Indigènes, Humboldt, pag. 175.

<sup>(69)</sup> Nouvelles Etudes sur les Langues Américaines, pag. 5.

qui s'y trouve reproduite, est fréquemment répétée sur les monuments du culte boudhique. A la Casa de Monjas (Uxmal) on voyait sur le seuil de la niche qui surmonte chaque porte, une figure accroupie qui portait l'empreinte visible du Boudhisme. Un bas-relief à Chichen-Itza conduit à une même conclusion, et les monuments de cette ville sainte des Yucatèques rappellent singulièrement les topes et les dagobas de l'Inde. Quetzal-coatl est souvent représenté avec le bonnet et dans la posture que la tradition hiératique assigne à Boudha. (70)

Ce n'est pas seulement dans l'Amérique du Nord et Centrale que nous trouvons des traces frappantes des missionnaires boudhistes de l'Asie. Il y en a aussi dans l'Amérique du Sud. Selon les traditions des Muyscas, un homme merveilleux, connu dans la mythologie américaine sous les noms de Bochica ou d'Idacanzas, ouvrit un passage aux eaux du lac de Funzhé. réunit en société les hommes épars, introduisit le culte du Soleil, et, semblable au Péruvien Manco-Capac, et au Mexicain Quetzalcoatl, devint législateur des Muyscas. Ces mêmes traditions portent que Bochica, fils et symbole du Soleil, grand prêtre de Sogamoze ou d'Iraca, voyant les chefs des différentes tribus indiennes se disputer l'autorité suprême, leur conseilla de choisir, pour zaque ou souverain, un d'entre eux appelé Huncahua, et révéré pour sa justice et sa haute sagesse. Le conseil du grand prêtre fut universellement adopté et Huncahua, qui régna pendant deux cent cinquante ans, parvint à soumettre tout le pays qui s'étend depuis les savanes de San Juan de los Llanos jusqu'aux montagnes d'Opon, Bochica, livré à des pénitences austères, vécut cent cycles muyscas, ou deux mille ans. Il disparut mystérieusement à Iraca à l'est de Tunja. La forme de gouvernement que Bochica donna aux habitants de Bogota est très remarquable par l'analogie qu'elle présente avec les anciens gouvernements du Japon, du Thibet et de la Mongolie. Au Pérou, les Incas réunissaient dans leurs personnes les deux pouvoirs séculiers et ecclésiastiques. Les fils du Soleil étaient pour ainsi dire souverains et prêtres à la fois. A Cundinamarca, dans un temps probablement antérieur à Manco-Capac, Bochica avait constitué électeurs les quatre chefs des tribus: Gameza, Busbanca, Pesca et Toca. Il avait ordonné qu'après sa mort, ces électeurs et leurs descendants eussent le droit de choisir le grand prêtre d'Iraca. Les pontifs ou lamas, successeurs de Bochica, étaient censés hériter de ses vertus et de sa sainteté. Ce que, du temps de Montezuma, Cholula était pour les Aztèques, Iraca le devint pour les Muyscas. Bochica n'était pas seulement regardé comme le fondateur d'un nouveau culte et comme le législateur des Muyscas; symbole du Soleil, il réglait aussi le temps, et on lui attribuait l'invention du calendrier. Il avait prescrit, de même, l'ordre des sacrifices qui devaient être célébrés à la fin de petits cycles, à l'occasion de la cinquième intercalation lunaire (71). D'après les découvertes du savant brésilien Morales de los Rios, nous connaissons aussi l'origine boudhique des prêtres caraïbes. Tous ces grands prêtres correspondent aux cinq missionnaires boudhistes de Hoei-Chin.

Il y a encore d'autres preuves des influences boudhistes. Nous trouvons, dans l'édifice de Xachicalco, des figures d'hommes assis, les jambes croisées à la manière des peuples asiatiques, surtout des prêtres boudhistes comme tant d'autres déjà cités. Les Toltèques, comme les Péruviens, n'offraient à la divinité que des fruits, des fleurs et de l'encens. On fa-

<sup>(70)</sup> L'Amérique Préhistorique, pags. 275, 540.

<sup>(71)</sup> Monuments des Peuples Indigènes: Humboldt; pags 463-464.

briquait à Cholula des encensoirs et des idoles pour les temples des dieux; des vases très semblables aux encensoirs ont été trouvés à Honduras. On brûlait l'encens dans ces vases devant les dieux; ces vases étaient appelés top-ricalli, sacs en forme de calebasse 172. La coutume de brûler l'encens dans un vase devant les dieux est universellement pratiquée chez les Chinois et tous les autres peuples boudhistes de l'Asie; les encensoirs boudhistes sont presque tous en forme de calebasse. Humboldt, à propos de la peinture du calendrier Mexicain, dit:

« Le génie qui annonce la famine porte un de ces chapelets qui, de temps immémorial, sont en usage au Thibet, en Chine, au Canada et au Mexique et qui, de l'Orient, ont passé aux Chrétiens de l'Occident.»

Sur la coutume des femmes dans les peintures mexicaines, l'illustre allemand dit encore:

« le prétendu rosaire, qui n'est pas terminé par une croix, pourrait bien être un de ces chapelets qui ont existé depuis la plus haute antiquité dans toute l'Asie Orientale, au Canadá, au Mexique et au Pérou.»

Dans une autre page de ce même ouvrage sur la coiffe et les perles qui se retrouvent dans une idole découverte dans les ruines de Tezcuco, il dit :

«les bourrelets cannelés qui se prolongent vers la poitrine, ne peuvent être des tresses, car le grand prêtre, au Tepanteohuatzin, coupait les cheveux aux vierges qui se dévouaient au service du temple.» (73)

Chez les Chinois, les religieuses boudhistes, au service du temple, sont obligées de couper leurs cheveux, différentes des religieuses taöistes qui gardent toujours leur chevelure civile; c'est exactement le même que dit au-dessus l'illustre savant allemand sur la coiffe des religieuses mexicaines.

Quelques Américanistes croient trouver dans le Nouveau Monde les Sectes de l'Inde: celle des adorateurs de Vichnou et celle des adorateurs de Çiva. Ils prétendent que le culte péruvien doux et humain n'est autre chose que celui de Vichnou, se manifestant sous la figure de Krichna le Soleil; le culte sanguinaire des Mexicains rappellerait celui de Civa. Ou trouve aussi une frappante conformité entre la divinité hindou Cali ou Bicivani, symbole de la mort ou de la destruction et à laquelle on faisait des sacrifices humains, et Mictlancihuatl, déesse de l'enfer au Mexique (74). Le culte du serpent existait sur les bords du Mississipi et dans toute l'Amérique Centrale. Rappelons le tertre immense de Brush-Creek

<sup>(72)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, Humboldt, pags, 132, 252, 273. L'Amérique Préhistorique Marquis de Nadaillac, pag. 278.

<sup>(73)</sup> Dans le même ouvrage, pags. 102, 330, 335.

<sup>(74)</sup> Desjardins, Le Pérou avant la Conquête Espagnole, pag. 101.

dans l'Ohio, qui figure un serpent avalant un œuf; on cite auprès de Mexico, une sculpture à peu près semblable (75). L'un et l'autre se rattachent visiblement à la cosmogonie de l'Inde et à la conception de l'œuf du Monde, d'où sort un dieu créateur. Nous trouvons le serpent sur les édifices sacrés du Chiapas et du Yucatan, comme sur les murs du grand temple de Mexico, aux pieds de los edificios à Quemada, comme sur les monuments de Cuzco. Le savant Humboldt veut y voir un souvenir du serpent Kaliya, vaincu par Vichnou et qui joue un grand rôle dans la mythologie indienne (76). Suivant Lassen, le Boudhisme a été connu à Mexico, dès le Vème siècle de l'ère chrétienne: il a compté de nombreux sectaires jusqu'au XIIIème siècle, où les Aztèques victorieux avaient proscrit le culte de Boudha et remplacé l'humanité envers les vaincus, prêchée par Cakyamouni, par les horribles cruautés que les conquérants Espagnols ont vues après la découverte du Nouveau Monde. Peut-être faut-il rattacher au culte boudhique la conception, chez les Mexicains, d'un dieu suprême adoré sous les trois formes de Ho, Huitzilopochtli et de Tlaloc, qui rappellent la Trimourti indienne, de Brahma, Vichnou et Giva. (77)

Nous savons qu'une lutte prolongée entre deux sectes religieuses, celle des Brahmanes et celle des Boudhistes dans l'Inde, a fini par l'émigration des Chamans. Dès le IIIème siècle avant l'ère chrétienne, le Boudhisme avait commencé à se répandre hors de l'Inde. Il avait pénétré chez les Birmans au Sud, chez les Chinois et les Japonais à l'Est, chez les Thibétains et les Mongols au Nord. Il jeta de profondes racines chez ces diverses nations et l'an soixante-cinq de notre ère, l'empereur de Chine Ming-ti envoya même une mission spéciale aux Indes pour y étudier la doctrine boudhiste. Cette doctrine, libérale, humanitaire et juste, qui a été facilement adoptée par les nations et qui était encouragée par l'empereur Ming-ti, eut une propagation plus rapide que celle de l'Islamisme vers VIIème siècle en Occident. Les Chamans, Chinois, Thibétains et Indiens s'éparpillèrent pour prêcher la foi aux pays les plus lointains, comme les Iles de l'Océanie et les nations du Nouveau Monde, qui, grâce aux recherches des illustres Américanistes, donnent tant de preuves indéniables de la pénétration du Boudhisme que nons avons déjà citées. La croyance universellement répandue chez les Américains précolombiens que des étrangers blancs à longue barbe et d'une grande sainteté de mœurs, avaient changé le système religieux et politique des peuples (78), correspond exactement à ce que dit le Chaman Chinois, Hoei-Chin, quand il raconte que les cinq pikieous faisaient changer les mœurs des habitants du Fousang.

Géographiquement, le Fousang est à 18.300 kilomètres au nord-est du Japon: cela montre l'erreur évidente d'une hypothèse de quelques savants que le Fousang est identique au Japon. Historiquement, les récits du Chaman Hoei-Chin, correspondent presque exactement à ce qui se passait à cette époque au Mexique. Le Chaman Chinois, qui y était avant l'an 499 de l'ère chrétienne, serait peut-être un des grands missionnaires boudhistes des Américains, par exemple Quetzalcoatl ou Huemac, qui se ressemble plus par le nom, puisque tous ces prêtres sont arrivés à des époques très vagues en Amérique Centrale et que quelques-uns disparurent après

<sup>(75)</sup> Melgar, Mex. Geog., Bulletin, 2ème époque, T. III, pags. 112 et s.

<sup>(76)</sup> Vue des Cordillières, T. I, pg. 236.

<sup>(77)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pgs. 540-542; Monuments des Peuples Indigènes, Humboldt, pg. 352.

<sup>(78)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, Humboldt, pgs. 278, 323.

mystérieusement. De plus Huncahua qui régnait pendant longtemps chez les Muyscas est vraisemblablement un nom Chinois.

Après tous ces faits et toutes ces preuves, comment pouvons-nous nier encore la vérité du voyage de Hoei-Chin en Amérique? Nous confirmons, avec les grands savants De Guignes, Humboldt, Marquis de Nadaillac, Leland, Hipolito de Paravey, D'Eichtchal, D'Hervey, Neumann et Viming, que le Fousang est identique au Mexique, où le Boudhisme a été prêché par les cinq pikieous et les autres missionnaires boudhistes, Chinois ou Tnibétains vers le Vème siècle de notre ère.

Humboldt remarque avec raison que les Mexicains prétendent avoir quitté leur patrie, dont la position nous est totalement inconnue, l'année 544 à la même époque où la ruine totale de la dynastie du Tzin avait occasionné de grands mouvements parmi les treuples de l'Asie Orientale; cette circonstance est très remarquable (79). En vérité, c'est en 420 après Jésus-Christ que la dynastie du Tzin tomba complètement. La Chine, divisée en plusieurs royaumes, où les Mongols et les Tartares se mêlaient des affaires politiques, appelées le trouble des cinq peuples barbares en Chine, fut alors en proje aux guerres civiles pendant plus de cent soixante ans. C'est un des plus grands mouvements de l'Asie Orientale, sinon le plus grand. Les peuples voisins du nord-ouest et du nord-est de la Chine étaient énormément influencés par ces grands événements. Les Nahuas, probablement par un reflexe des événements de la Chine, furent refoulés sous l'expansion implacable des Mongols et des Tartares et quittèrent leurs patries Huehuetlapallan, Aztlan, situées aux régions boréales de l'Asie ou de l'Amérique, pour aller en chercher une nouvelle sur le plateau du Mexique.

Maintenant, grâce aux recherches ingénieuses des savants et aux documents historiques de la Chine, nous pouvons conclure que le voyage de la Chine au Nord-Ouest de l'Amérique, si fréquemment entrepris par des chamans et des peuples nomades du Nord, marque le chemin de l'émigration de Tche-Yeous, suivis des autres peuples voisins, qui peuplèrent isolément le nouveau continent. On parle même des découvertes de monuments souterrains avec des inscriptions sur leur émigration, trouvées sur les côtes asiatiques et américaines. Malheureusement nous n'avons pas de données sous la main, qui nous rendraient plus claire encore l'émigration de ces peuples.

#### CHAPITRE VII

IMMIGRATION ISOLÉE ET AVENTURIÈRE DE TOUS LES PEUPLES DE L'ANCIEN MONDE

Nous avons déjà parlé des deux races américaines venant isolément de l'Asie Orientale par le détroit de Behring. Mais ces races sont légèrement altérées par des aventuriers et des naufragés venant à travers deux océans. Les recherches faites dans toutes les régions du Nouveau Monde confirment ce fait. Les populations actuelles de l'Amérique, comme celles de l'Europe et de l'Asie, sont issues du mélange de plusieurs races. Les

<sup>(79)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, pag. 299. Le mot Tzin ou Tsin donne une prononciation chinoise plus exacte que le mot Ts'in employé par Humboldt dans son ouvrage et qui se confond facilement avec la dynastie Ts'in, établie en 221 ans avant notre ère et la dernière dynastie Ts'ing mandchou de la race tartare renversée par la Révolution républicaine en 1911.

croisements sont les véritables modificateurs des types fondamentaux; mais les hommes des races primitives ont résisté à ces modifications; ils n'ont point complètement disparu.

Nous allons en retrouver les traces dans les traditions américaines, d'après lesquelles Votan, le chef du peuple des Chanes, serait venu de l'autre côté de la mer des Antilles plusieurs siècles avant l'ère chrétienne; les Péruviens attribuent leurs progrès à Manco-Capac, et à la belle Mama-Oello, sa sœur et sa femme, qui avaient traversé la mer pour aborder dans leur pays (80). Aussi des traditions péruviennes rapportent-elles qu'une colonie de géants, qui se sont détruits mutuellement, a débarqué sur la côte, au nord de Guayaquil (81). Les Toscaroras racontent qu'ils s'établirent sur le Saint Laurent, qu'un peuple étranger arriva par mer, et que de longues et sanglantes guerres éclatèrent entre les leurs et ces nouveaux venus. Les Shawnees rapportent que les anciens habitants de la Floride étaient des blancs et que leurs ancêtres, en arrivant dans le pays, trouvèrent des constructions, des habitudes, une civilisation très étrangère à leur race. A propos du peuple de Chimus, Montesinos prétend que des étrangers étaient arrivés de la haute mer, et que plus belliqueux et quoique moins bien armés que les indigènes, ils avaient rapidement soumis tous ceux qui vivaient entre les montagnes et l'Océan (82). Les Californiens racontent que les Hohgates, sept mystérieux étrangers, étaient arrivés par mer dans leur pays, et qu'ils bâtirent les premiers des maisons et s'y établirent; ils tuaient des élans, des morses et des phoques (83). Les Guaraniens rapportent que deux frères, Tupi et Guarani, débarquèrent à la suite d'une grande inondation sur les côtes du Brésil avec leurs femmes et leurs enfants, et c'est d'eux que seraient sorties les races qui portent leurs noms (84). Toutes ces traditions indiquent l'arrivée des étrangers par la mer du nord et du sud, de l'Atlantique d'un côté et celle du Pacifique de l'autre. Il est hors de doute qu'elles reposent sur quelque fond de vérité.

Nous parlerons des faits et des données historiques qui correspondent bien à ces traditions américaines. Il est aujourd'hui prouvé que des aventuriers nombreux avaient précédé Colomb en Amérique. Dès le début de la navigation, quelques barques ont pu être poussées par le vent, quelques individus isolés ont pu gagner les côtes de l'Amérique; les communications étant naturellement faciles entre l'Asie Orientale et l'extrême nord de l'Amérique. De la côte d'Afrique à celle du Brésil, la distance n'est guère que de cinq cents lieues; de l'Islande au Labrador, elle n'est pas beaucoup plus considérable. La Norvège et l'Islande ne sont séparées du Groenland que par deux cent soixante lieues. Le Gulf-Stream facilite les relations entre les Canaries et le Venezuela (85). Si nous doutons de l'arrivée dans le Nouveau Monde des Egyptiens, des Israélites avec lesquels les anciens Américains ont une parenté, des Grecs et des Romains, celle des Phéniciens est bien acceptable.

<sup>(80)</sup> Squier, Peru, Incidents of travel and Exploration in the Land of the Incas.

<sup>(81)</sup> Humboldt, Monuments des Peuples Indigènes, pg. 336.

<sup>(82)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pgs. 394-395, 526, 527.

<sup>(83)</sup> Baucroft, 1. c., T. III, pg. 177.

<sup>(84)</sup> Guevara, Hist del Paraguay en la Col. Hist. Argentina, T.I., pg. 76.

<sup>(85)</sup> Ameghino, Antiguedad del hombre, T. I, pg. 159.

La renommée des Phéniciens comme hardis navigateurs est un des axiomes de l'histoire ancienne. Ils entreprirent de longs voyages dans l'intèrêt de leur commerce, nous dit Diogore de Sicile (86). Ils établirent de nombreuses colonies en Europe, en Afrique et ne craignirent même pas de franchir les Colonnes d'Hercule et de naviguer sur le grand Océan. En vérité, les Phéniciens avaient fait, six siècles au moins avant notre ère, la circumnavigation du continent africain. Herodote raconte le voyage de quelques Phéniciens remplissant une mission du Pharaon Néchao. Ils descendirent la Mer Rouge et revinrent par les Colonnes d'Hercule, en voyant que l'Afrique était isolée des autres terres, excepté du nord de l'Egypte. Ce voyage dura trois ans. Il est prouvé que ces anciens navigateurs ont sillonné l'Atlantique, et il est très possible qu'ils aient atteint ou qu'ils aient été jetés par la tempête sur les côtes du Nouveau Monde comme Pedro Alvares Cabral quand il découvrit le Brésil en 1500. On sait que Colomb lui-même recueillit à la Guadeloupe les épaves d'un navire européen qui avait fait naufrage. C'est une preuve indéniable de l'arrivée antérieure de quelques naufragés européens. C'est en suivant à rebours le même chemin qu'un Esquimau, parti avec son attirail de pêche pour surprendre des morses, vint sombrer sur la côte d'Ecosse; le petit canot qu'il montait est conservé au musée de Mareschal College à Aberdeen, en souvenir de sa périlleuse aventure. (87).

Les Caraïbes des Antilles et du Nord de l'Amérique Méridionaie étaient bons navigateurs; les peuples Mayas connaissaient la navigation. Oviedo rapporte que les habitants du Nicaragua se servaient pour traverser les rivières de "balsas", véritables radeaux formés de cinq ou six morceaux de bois liés avec des lianes et supportant un plancher de branches entrelacées (88). Les Chiapanecs employaient des calebasses au même usage. Les Guatémaliens et les habitants du Yucatan creusaient des troncs de cèdre ou d'acajou et les canots se comptaient par milliers sur leurs lacs et leurs rivières; les barques qu'ils dirigeaient avec une grande adresse à l'aide de rames, pouvaient contenir jusqu'à cinquante personnes. Tous ceux qui ont connu la navigation, ne sont-ils pas les descendants de quelques naufragés, Phéniciens, Portugais, Malais ou Polynésiens mêlés à des races indigènes? Le Votan venant de l'autre côté de la mer des Antilles n'était-il pas un Phénicien?

Les Sagas, bien antérieurs au XVIème siècle, ont conservé le souvenir des longues et périlleuses navigations des hommes du Nord de l'Europe, et nous apportent la première preuve sérieuse des rapports entre les Européens et les Américains. Dès 877, l'Islandais Gunbiorn découvrait le littoral montueux du Groenland. D'autres attribuent cette découverte à Eirekr-Raudi (Eric le Rouge); mais si ce point reste douteux, il paraît certain que le Markiand, où l'on a voulu voir tantôt la Terre Neuve, tantôt la Nouvelle Ecosse, fut visité en 986 par Bjarne-Herjulson; en 1007, puis en 1011, par Thorfim-Karloefni. Le premier voyage de Thorfim est resté célèbre; il put successivement reconnaître quelques parties de l'Amérique Septentrionale, les côtes du Massachussetts, peut-être la baie de New-York. Les Islandais occupèrent, vers la même époque, une partie du Labrador à laquelle ils donnèrent le nom de Vinland, en raison de la quantité de raisins sauvages que le pays produisait. De semblables expé-

<sup>(86)</sup> Livre V, §§ 19, 20.

<sup>(87)</sup> Southall, Recent origin of man, pg. 573.

<sup>(88)</sup> Hist. Gen., T. II, pg. 100.

ditions n'ont rien qui puisse surprendre; il est certain que bien avant le Xème siècle, les Scandinaves construisaient des bateaux pontés, marchant à la voile et à la rame et portant jusqu'à cent hommes d'équipage (89).

Les curieuses recherches de Rafn nous peignent non plus la découverte, mais la colonisation du Groenland, par des chefs scandinaves qui avaient fui l'Islande, pour échapper à la tyrannie d'Harald aux cheveux d'or; une bulle du Pape Grégoire IV, datée de 835, fait mention des missions du Groenland; un évêché y fut érigé en 1124, et jusqu'au XVème siècle, les habitants de ces côtes aujourd'hui si inhospitalières pavaient annuellement au Saint Siège, à titre de dîme, 2.600 livres pesant de dents de morse. Le commerce et la civilisation de ces contrées cessèrent à la suite d'un refroidissement graduel par des modifications profondes dans la faune, dans la flore et dans les conditions biologiques. Des pierres chargées d'inscriptions runiques muets témoins des premiers colons, ont été découvertes à plusieurs reprises dans le Groenland (90). Auprès de la rivière Taunton, dans le Massachussetts, se dresse un bloc hiératique de gneiss, en forme de pyramide tronquée, Ce bloc est connu depuis 1680, sous le nom de Dighton Rock. Il est couvert de dessins de figures humaines et de véritables caractères. On attribue leur origine aux premiers navigateurs scandinaves (91).

Les Islandais avaient été devancés sur le Nouveau Continent par les Irlandais, si nous acceptons soit une légende qui veut que dès le Vème siècle Saint Patrice ait envoyé des missionnaires aux Iles Américaines (92), soit le récit de certains sages, qui parlent d'un pays appelé Huitramannaland ou Irland-it-Mykla. Ce pays, découvert par Thorfim, était habité, selon le témoignage de quelques Skraellings ou Esquimaux, par des hommes vêtus de blanc, qui marchaient en chantant et en portant des drapeaux suspendus à des perches. On a voulu voir dans ces hommes, connus seulement par ce vague récit, des moines chrétiens, successeurs des missionnaires irlandais (93).

Les annales galloises racontent à leur tour un voyage entrepris à la fin du XIIème siècle par Madoc, fils d'Owen Gwinedd, prince de Galles. Baldwin prétend qu'il fonda une colonie dans la Caroline (94). D'autres chroniqueurs placent cette colonie soit dans la Virginie, soit dans la Floride. Ces faits, le teint blanc et les yeux bleus des Mandans, certaine ressemblance entre leurs canots et les coracles ou bateaux des anciens Gallois, sont les seuls témoignages qu'il a été possible de recueillir à l'appui de la version que les Celtes furent les premiers à traverser la Grande Mer. Une lettre du Rev. Morgan Jones, écrite en 1686, mais publiée seulement en 1740, raconte qu'étant chapelain du général Bennett, il avait été fait prisonnier, dans la province de New-York, par les Indiens Tuscarora, et qu'il allait être mis à mort lorsqu'une exclamation en gallois lui sauva la vie. Les Indiens comprenaient cette langue qui avait été celle de leurs pères; elle s'était fidèlement transmise de génération en génération; et durant son séjour parmi eux, Jones put prêcher et se faire

<sup>(89)</sup> Gravier, Découverte de l'Amérique par les Normands au dixième siècle.

<sup>(90)</sup> Les premiers hommes et les temps préhistoriques, T. II, pgs. 154, 161, 391.

<sup>(91)</sup> Monuments des Peuples Indigènes, Humboldt, pg. 283.

<sup>(92)</sup> Monasticon Britannicum, pgs. 131, 132, 187-188.

<sup>(93)</sup> E. Beauvais, Cong. des Amér., Nancy, 1875, T. I, pg. 41.

<sup>(94)</sup> Prehistoric Nations, New-York, 1869.

comprendre de nombreux auditeurs; ce récit légendaire est cher aux Celles de tous les pays (95).

Au XIVème siècle, les commerçants de la Méditerranée exploraient déjà les côtes occidentales de l'Afrique, d.e Portugal commençait alors à prendre part au commerce maritime. Une compagnie de Lisbonne envoya une expédition en 1341. La découverte des Canaries encouragea d'autres aventuriers à aller à la recherche des régions inconnues de l'Afrique. Il est bien possible que ces explorateurs aient été jetés par la tempête ou le Gulf-Stream sur les côtes américaines et que les Africains, antérieurement aux explorateurs européens ou concurremment, aient été amenés sur la même route; de la côte d'Afrique à celle du Brésil, la distance de cinq cents lieues permet ce voyage; le grand navigateur Portugais, Pedro Alvares Cabral en a donné la preuve. D'après M. de Quatrefages, la race africaine, peu nombreuse il est vrai, avait pris possession de l'Isthme de Panama et à l'arrivée des Espagnols, elle occupait l'Île de Saint Vincent à l'entrée du Golfe du Mexique. Certaines populations de la Floride, du Brésil, de la Californie, étaient également noires. Du mélange de ces races sont sorties celles qui peuplaient le noveau continent au XVIème siècle et qui présentaient au plus haut degré les traces caractéristiques des races mêlées dans tous les temps et dans tous les pays (96).

Ce n'est pas seulement de la côte de l'Atlantique que vinrent des aventuriers et des naufragés; du côté du Pacifique il y en eut autant. Si nous n'admettons pas que, vers l'époque tertiaire. l'Asie s'étendait à travers le Pacifique, soit dans la direction de la Nouvelle-Zélande, soit dans celle de l'Australie et que des îles rapprochaient, par une chaîne non interrompue, ce dernier continent de l'Amérique Méridionale; on pourrait peut-être admettre que la tempête et la mer pacifique de la zone tropicale aient envoyé quelques Polynésiens, Malais, Australiens, sur les côtes américaines; les habitants de ces îles venant de l'Asie du Sud ond dû, eux aussi, par la longue chaîne des îles du Pacifique, aborder à plusieurs reprises sur le continent américain. Pickering croit avoir trouvé toute une zone malaise s'étendant des côtes du Pérou jusqu'à celles de la Californie (97). M. Virchow et d'autres anthropologistes éminents rapprochent les populations de l'Amérique du Sud, des Malais et signalent les différences qui les séparent des races mongoliques. En vérité les insulaires de la Polynésie étaient d'excellents marins; ils entreprenaient sans crainte de longues expéditions sur des bâtiments de faible tonnage et de mauvaise construction (98). Les Malais, bons marins, qui ont navigué, dès les temps les plus reculés, depuis les îles du Pacifique jusqu'aux côtes de l'Afrique (99), ont bien pu arriver jusqu'aux rivages du Nouveau Monde. Les courants et les vents qui règnent habituellement sur l'Océan Pacifique facilitent cette navigation; ils ont poussé rapidement dans les parages de Quito un canot détaché de l'Île de Pâques (100); d'autres témoignages concordent avec ce fait important. Le grand temple de Palenque correspond très exactement à celui de Boro-Boudor, situé dans l'île de Java; le mano colorado se retrouve

<sup>(95)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pgs. 587, 588.

<sup>(96)</sup> L'Espèce Humaine, Paris, 1876.

<sup>(97)</sup> The races of Men and their Geographical Distribution, Philadelphia, 1848.

<sup>(98)</sup> Missionary Entreprises, John Williams, pg. 512.

<sup>(99)</sup> A. Gonçalves Dias, O Brasil e a Oceania, pgl. 256.

<sup>(100)</sup> Sir C. Dilka, Greater Britain, pg. 255.

sur divers points des deux Amériques et est signalé aussi en Australie; le pont de cordes chez les Péruviens est couvert de pièces de bambou, le bouclier rond des Toltèques, chimalli, était formé de bambous légers et flexibles; l'image d'éléphant se trouve dans la sculpture du Palais du Gouverneur d'Uxmal et sur les pipes de Mound-Builders; le bambou et l'éléphant rappellent leur origine du Sud de l'Asie et de la Chine. On trouve dans les îles de la mer du Sud des outils et des armes en silex ou en jade absolument semblables à ceux du Pérou et une massue en bois provenant des fouilles faites dans la Colombie est exactement pareille aux massues polynésiennes. « Comment arrive-t-on, s'écrie M. Taylor, à une uniformité aussi complète? La conclusion que partout l'homme exécute les mêmes choses sous l'empire des mêmes circonstances peut bien l'expliquer partiellement; mais il est douteux que cette explication puisse s'étendre au plus grand nombre de faits observés. L'autre côté de la question montre cette similitude due aux rapports qui ont existé entre les hommes, et la vérité probable est qu'elle tient aux deux causes, sans que nous puissions bien définir la proportion, dans laquelle chacune d'elles a agi > (101). Crozet faisait partir de la Nouvelle-Zélande les anciens habitants de l'Amérique, et Molina adopte cette opinion; Dunmore-Lang accepte également le peuplement du nouveau continent par l'intermédia re de la Polynésie. Cette hypothèse d'ailleurs correspond à la tradition péruvienne.

Le Nord du Pacifique est aussi une voie d'immigration isolée et aventurière, de la côte de l'Asie à celle de l'Amérique, sans compter la route du détroit de Behring que nous avont déjà décrite. Les courants marins et surtout le Kuru-Suvo, le courant noir du Japon, ont pu jouer un rôle important dans les communications entre les deux continents. De 1782 à 1876, quarante neuf jonques japonaises ont été entrainées par ces courants à travers le Pacifique, dix-neuf ont pris côte aux Iles Aléoutiennes, dix sur les rivages de la Presqu'île d'Alaska, trois sur ceux des Etats-Unis, deux enfin aux Iles Sandwich (102). Récemment encore une jonque japonaise entrainée par les flots, a été découverte par un navire anglais, non loin de la Californie, et une bouée recueillie sur la côte ouest de l'Amérique, a été reconnue pour une de celles que les Russes avaient placées à l'embouchure de l'Amour (103).

Rien, assurément, n'empêche que des faits semblables ne se soient produits durant des siècles antérieurs au dernier. Et vraiment au premier siècle de l'ère crétienne, l'historien Chinois, après avoir dépeint la situation détaillée du Japon, dit:

« le pays Tchu-Yu est à 4.000 lis au sud du Japon et ses habitants sont grands. De Tchu-Yu on voyage en bateau vers le sud-est durant un an et on arrive aux pays dont les habitants sont nus et ont des dents noires, appelés, par conséquent, par les Chinois, le pays des hommes nus et à dents noires; c'est le point final de la communication chinoise. Il y a toujours eu des hommes de la côte sud-est de la Chine, qui voyageaient sur la mer et qui étaient poussés par la tempête jusqu'aux îles de l'Océan si lointaines qu'ils ne pouvaient revenir en Chine ». (104)

<sup>(101)</sup> Early History of Mankind, pg. 206.

<sup>(102)</sup> California Acad. of Science. San-Francisco Evening Bulletin, March, 1875.

<sup>(103)</sup> Evening Standard, London, 17 September 1881.

<sup>(104)</sup> Heou-Han Chu, T. 115, pg. 6.

Les pays situés au sud-est, très loin du Japon, dont les habitants sont nus et à dents noires, seraient probablement une partie de l'Amérique Centrale ou Méridionale. Il y a plusieurs autres récits semblables. En général, les hommes politiques ou les philosophes Chinois d'autrefois, une fois mécontents de la situation contemporaîne du pays, se retiraient en barques dans les îles lointaines de l'Océan; ils pouvaient bien alors être entrainés par les vents jusqu'à l'autre côté du Pacifique. Au XIIIème siècle, une flotte envoyée contre le Japon par l'empereur de Chine Kublai-Khan fut dispersée par une violente tempête et un grand nombre de vaisseaux furent jetés sur les côtes de l'Amérique du Sud. Ranking croit que le premier Inca était le fils de Kublai-Khan (105). Mais ces faits ne sont pas encore prouvés.

De Guignes attribuait avec raison à des immigrations chinoises la civilisation des Péruviens. Les analogies que l'on remarque dans les coutumes, dans les règlements minutieux qui atteignent toutes les actions extérieures de l'homme, le patronage accordé à l'agriculture, la fête annuelle célébrée en l'honneur des agriculteurs par l'Inca du Pérou et l'empereur de la Chine, le système des irrigations, le paiement des impôts en nature, l'usage des quipos, la construction des ponts suspendus par des cordes, la ressemblance de certains détails de l'architecture, celle des barques péruviennes avec les jonques chinoises (une peinture sur les murs du cirque de Chichen-Itza représente un bateau qui ressemble aussi aux jonques chinoises), sont toutes de nature à justifier cette hypothèse. Des découvertes récentes viennent appuyer ces analogies. Des idoles en argent offrant le même type que les idoles de la Chine, et portant des inscriptions où l'on a cru reconnaître les anciens caractères chinois, ont été trouvées au milieu des ruines de Chimu et à Chinca-Alta, à quatre cents milles plus au Sud. Les catacombes des Muyscas, auprès de Bogota, ont fourni des figurines en or dont la physionomie mongole est caractéristique. Sur le territoire de Washington, des tranchées creusées pour la construction du chemin de fer Nord-Pacifique, ont mis à jour un autel portant des caractères gravés, semblables à ceux de Pékin, Mr. Mendoza mentionne une idole aztèque en diorite, trouvée sous un mound de l'Etat de Puebla, et dont la provenance chinoise ne lui paraît guère douteuse, et une statuette que figurait à l'exposition américaine de Madrid et qu'on attribuait à la même origine (106). On a même trouvé des monnaies chinoises du Vème siècle dans les mounds ou les sépultures indiennes de Vancouver (107). M. Charnay a trouvé dans des tumuli à Tula des fragments de faïence et de porcelaine et un goulot de verre avec l'irisation des anciennes verreries romaines (108). Kalm rapporte dans son voyage en Amérique, que M. de Verandrier avait découvert en 1746 dans les savanes du Canada, à neuf cents lieues à l'ouest de Montreal, une tablette de pierre fixée dans un pilier sculpté, et sur laquelle se trouvaient des traits que l'on prit pour une inscription tartare. Malheureusement nous n'avons pu voir personnellement toutes ces inscriptions chinoises; mais il convient de mentionner, pour corroborer les

<sup>(105)</sup> His Recherches on the conquest of Peru and Mexico by the Mongols, London, 1827.

<sup>(100)</sup> L'Amérique Préhistorique, Marquis de Nadaillac, pgs. 516-547.

<sup>(107)</sup> América, Historia de su colonisacion, dominacion e independencia, José Coroleu.

<sup>(108)</sup> Lettre au Trait d'Union du 28 Août 1880. Archives des Missions Scientifiques, T. VII.

autres preuves déjà citées dans les chapitres antérieurs, tous ces faits dont la plupart au moins sont identiques. Nous devons distinguer deux périodes dans cette pénétration de la civilisation chinoise: la première est celle des Tche-Yeous, c'est-à-dire, des anciens Américains eux-mêmes; la deuxième comprend deux voies: le détroit de Behring, route des missionnaires boudhistes, et la mer, route des aventuriers et des naufragés.

Tous ces faits et toutes ces données historiques prouvent qu'après les grandes immigrations des anciens Américains et avant la découverte de Christophe Colomb des marins, des aventuriers appartenant à tous les pays de l'ancien continent, avaient pris pied sur divers points du territoire américain; des naufragés s'y étaient sans doute établis; mais ces isolés, loin de modifier le type existant, avaient dû être rapidement absorbés par les races au milieu desquelles ils vivaient; leur présence n'a pu avoir sur la population qu'une importance secondaire. Après les immigrations naturelles des asiatiques du nord-est, dont les vagues d'expansion sont toujours irrésistibles dans l'Ancien Continent et qui avaient peuplé dans une haute antiquité l'Amérique, les seules immigrations sérieuses sont celles des Malais, qui sont peut-être arrivés de bonne heure sur la côte du Pacifique de l'Amérique Méridionale. Il est aujourd'hui certain que les Asiatiques, à des époques différentes, avaient envoyé par le détroit de Behring de nombreuses colonies; les premières qui ont peuplé le Nouveau Continent, les secondes plus importantes, qui ont apporté de profondes modifications chez les précédentes et dans toute l'Amérique; les autres, qui ont influé sur leurs idées religieuses comme sur leurs conceptions artistiques et qui ont aidé au développement d'une civilisation dont la ressemblance avec celle des peuples de l'ancien continent éclate à chaque page de cette étude. Ces nombreuses immigrations indiscutables montrent que l'hypothèse de l'Atlantide disparue est dispensable et que la théorie des Races autochtones Américaines est mal fondée.

### CHAPITRE VIII

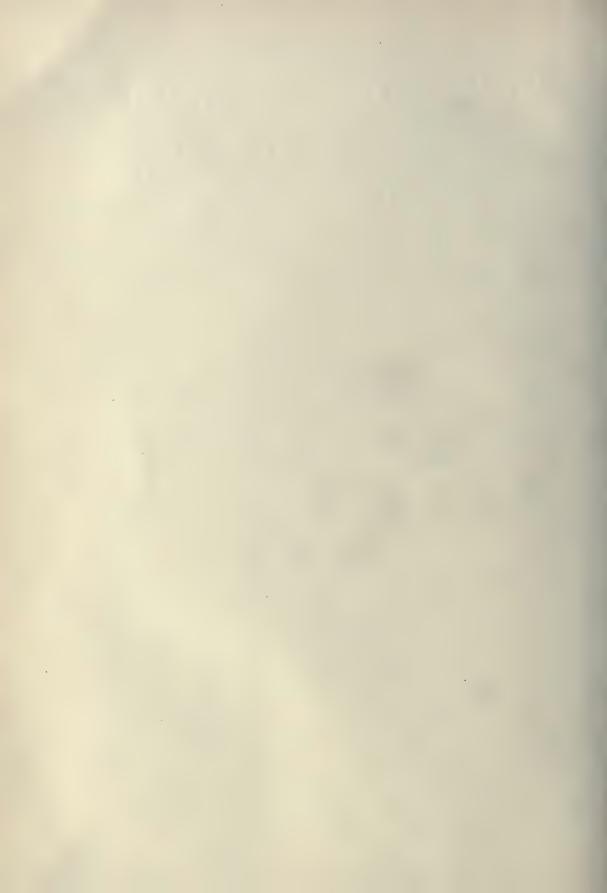
#### L'UNION DU GENRE HUMAIN ET L'AMOUR DE L'HUMANITÉ

Après les études des chapitres antérieurs, nous sommes complètement convaincus que toutes les races du monde viennent de la souche commune de l'Asie Centrale et que les anciens Américains ne sont que les descendants de ses branches d'émigrants. Depuis la découverte de Colomb, d'autres peuples de l'Ancien Monde sont venus de toutes les parties du Globe et se mêlent aujourd'hui avec leurs anciens frères retrouvés qui étaient séparés d'eux depuis la plus haute antiquité; au commencement les premiers et les derniers venus se considèrent comme des étrangers; cela rapelle un poème chinois: "un jeune homme a quitté sa famille et rentra chez lui dans la vieillesse; les enfants de sa famille l'ont pris pour étranger". C'est exactement le même cas; mais à la fin les anciens et les nouyeaux Américains reconnaissent la parenté et se réunissent facilement. L'Asie Centrale est le berceau et la mère patrie du Genre Humain et l'Amérique la terre promise commune où tous les peuples du monde viennent librement chercher le bien-être et le bonheur; le Dr. Roque Saens Peña a eu raison de dire: "l'Amérique pour l'Humanité".

S'il existe encore quelques éléments dangereux et destructifs de notre race, il faut penser avant tout que l'homme, être raisonable et conscient de lui-même et de son origine commune, bien différent des autres êtres animés qui n'ont qu'un instinct pour la lutte de l'existence, aime ses pa-

rents et ses semblables par une impulsion de sa propre conscience. C'est par la plus baute inspiration de conscience humaine qu'à l'Occident Moïse a dit: «Honorez votre père et votre mère; aimez vos parents et vos prochains; veus ne tuerez point; vous ne déroberez point le bien d'autrui; quiconque aura répandu le sang de l'homme sera puni par son propre sang.» Jésus Christ a confirmé ces commandements en les développant par la charité et en sacrifiant sa vie pour le salut de l'Humanité, auquel Auguste Comte a travaillé aussi par une méthode positive. C'est par la même inspiration qu'en Orient Boudha s'est voué à ses semblables et Confucius et Moncius ont prêché pendant toute leur vie la doctrine de la piété filiale, de la fraternité, de l'amour de l'Humanité et de la justice. Toutes ces doctrines morales, justes et humanitaires, dont la Société des Nations, bien qu'encore très imparfaite, est un heureux produit, constituent indiscutablement la plus grande vérité de la science.

Qu'elles soient universellement et religieusement observées et respectées pour le bien-être commun de notre espèce et son évolution parfaite et progressive.



# LA PERCEPCION DE LOS COLORES EN ALGUNAS TRIBUS INDIGENAS DE COLOMBIA

POR

## CARLOS CUERVO MARQUEZ

En el curso de una exploracion que, hace ya algunos años, hice al nevado del Huila, tuve ocasion de estudiar, de cerca, la importante tribu de los Paeces, la cual vive en la region de la Cordillera Central, conocida con el nombre de "Tierradentro".

Los Paeces, que hoy son en número de 15.000 mas o menos, pertenecen a la gran familia Caribe. Altivos, fuertes y de valor indomable, opusieron vigorosa y tenaz resistencia a la conquista española: el mismo Don Sebastian de Belalcazar, compañero de Pizarro en el Perú, conquistador del Reino de Quito, y en seguida uno de los descubridores de Popayan y del Nuevo Reino de Granada, hoy Republica de Colombia, fus impotente para reducirlos, y tanto él como sus mejores capitanes tuvieron que batirse en retirada cada vez que entraron a ese territorio, defendido ademas, por empinadas escarpas y por quiebras profundas.

Debido a estas circunstancias han conservado hasta hoy, con escasas modificaciones, su organizacion social y sus costumbres, Aislados en sus ásperas breñas, han mantenido su idioma en toda su pureza, y a penas si en sus escasas relaciones con los blancos o con los Quichuas del sur de Popayan, se han apropiado uno que otro vocablo de este idioma o del español, pero transformándolos segun su fonética especial.

En el Paez abundan las aspiraciones y las consonantes fuertes, lo mismo que los sonidos guturales y nasales. Como en otras lenguas americanas, su alfabeto carece de la letra R, cujo sonido son incapaces de pronunciar. Es un idioma pobre con frequencia la misma palabra tiene varios significados, de tal manera que para dar a la frase la necesaria claridad se hace preciso recurrir al gesto y a la mímica.

Cuando estuve aprendiendo esta lengua me llamó la atencion el hecho de que tiene muy pocos nombres para designar los colores. Estos solamente:

Rojo — BEG. Amarillo — LEM. Blanco — CHIJME. Verde y Azul — SEIÑ. Negro — CUCH.

Cemo se ve, con la misma palabra — SEIN — designan el color verde y tambien el azul: así es que dicen:

El cielo está azul — Cielo seiñ chaunsá. Las hojas son verdes — Puitú ets seiñ ta. Traiga la flor azul — Quitem seiñ meñiquiá. La leña está verde — Equits seiñ a.

Digno de notarse igualmente es la denominación que dan a la leñaverde, o sea, a la que es poco combustible, cualquiera que sea el color que tenga, pues que en este caso se efectua en la ruda mente del Paez la misma asociación de ideas que en el castellano al relacionar el color

6236

de las ramas y de las hojas del árbol acabado de cortar, a la condicion de ser entonces poco o nada combustibles.

El hecho de tener un mismo nombre para los dos colores — verde y azul — que son tan inmediatos en el espectro, indica claramente que por falta de suficiente desarrollo en los órganos de la vision, el Paez los percibe de idéntica manera, y que para el verde y azul son un mismo rolor (1).

Pero esta anomalía, o mejor dicho, esta curiosa deficiencia visual, no es exclusiva de la nacion de los Paeces, puesto que se observa en otras tribus indígenas de Colombia, como se deduce de los respectivos vocabularios y de personales observaciones.

En efecto, el Padre Fabo, Agustino Recoleto que por algunos años estuve sirviendo las Misiones de Casanare, en su reciente e interesante libro «Idiomas y Etnografia de la Region Oriental de Colombia», dice:

«Tengo averiguado de mas a mas que los Guahibos y Tunebos tienen unas facultades perceptivas menos desarrolladas que nosotros. Un dia acabando de rodar por sobre nuestras cabezas un formidable chubasco de esos que anegran la tierra en peco rato, apareció hermoso y muy bien determinado el arco iris. Yo lo miraba con un numeroso grupo de salvajes...; Rara cosa! El color azul y el verde del iris los confundian, no veían en el arco los colores que yo, y algunos individuos aseguraban que no distinguian sinó cinco.» (2)

Los Guahibos de que habla el Padre Fabo, son los restos de una tribu antse numerosa, de hábitos nómades, que vive en las márgenes del caudaloso Meta y de sus afluentes. Como en el Vocabulario que acompaña la gramatica Hispano-Guahiba de los Padres Fernandez y Bartolome el verde y el azul tiene cada uno su voz correspondiente, debe suponerse que en la nacion Guahiba comenzó ya a diferenciar-se la percepcion de estos colores, la cual aun no se habia marcado en los individuos que ese dia veían el arco iris, e que el defecto visual era solo de los Tunebos que con ellos estaban.

Los Tunebos, cuyo idioma se considera como un dialecto del chibcha, viven en los contrafuertes orientales de la Sierra Nevada del Cocuy y algunas de sus parcialidades descienden hasta el mismo Llano. Son incultos perezozos y desaseados, en el mas repugnante grado. Como los Quillacingas de Pasto y del Ecuador tienen por regalada golosina los inmundos parasitos que se crian en sus enmarañadas cabezas. Esta tribu parece relacionarse a la antigua poblacion autóctona que ocupaba las mesas de Cundinamarca y de Boyacá antes de la invasion del elemento relativamente culto que dió origen al pueblo chibcha.

Los Sálibas son una nacion importante de los Llanos de Casanare: al contrario de los Tunebos, son laboriosos, dedicados a la agricultura, de caracter dócil y alegre y muy aseados en sus personas y en sus habitaciones. Su idioma es muy diferente del Guahibo y del Chibcha, y sinembargo, como los Tunebos y como los Paeces, confunden tambien el verde y el azul, colores que designan con una misma palabra: NONCHI.

Los Chibchas que ocupaban las altas y fértiles mesas de Cundinamarca y de Boyacá en una extensión de cuarenta y cinco leguas de largo pór doce a quince de ancho, con una poblacion de un millon docientos mil habitantes, y que a pesar de no usar signos de escriptura, de no

<sup>(1)</sup> Cuervo Marquez - Prehistoria e Viages - pags. 106 y 107.

<sup>(2)</sup> Obra citada, pag. 57.

labrar la piedra y de no constituir en lo pólitico un solo cuerpo de nacion eran los mas cultos entre los aborigenes que ocupaban el territorio de Colombia al tiempo de la conquista, tambien tenían solamente en su vocabulario les daban el nombre de ACHUSQUY MAGUE y tambien de ambos colores les daban el nombre de ACHUSQUY MAGUE y tambien de CHISQUYCO (3), lo cual demuestra que, percibiéndolos de idéntica manera eran para ellos un mismo color.

Ahora, los colores para los cuales no hay en estos vocabularios un nombre especial, seguramente no son percibidos por los pueblos que hablan esos idomas. Tal deficiencia, como sucede en el Paez, es del órgano visual y del idioma que expresa la sensacion y no del vocabulario.

Este incompleto desarrollo del órgano de la vision en muchos pueblos americanos viene en auxilio de la teoria del Doctor Hugo Magnus, reputado Profesor de Oftalmologia de la Universidad de Breslau, quien apoyándose principalmente en datos filológicos sostiene que en los primeros tiempos de la historia el hombre no distinguía la mayor parte de los colores. Segun él, los autores de los RIG VEDAS solo conocían el claro y el oscuro, únicos matices que mencionan en el texto. En la época de Hemero, el número de colores conocido era todavia muy pequeño: el idioma de esa época que tenia abundancia de epítetos para designar el brillo de los objetos, era muy pobre para expresar su coloracion. Segun el Doctor Magnus, en los autores griegos anteriores a Jesucristo se puede seguir el progreso gradual de la adquisición de los colores, la cual se efectuó del mas luminoso, o sea el rojo al mas oscuro que es el violeta.

La teoria del Doctor Magnus ha sido fuertemente combatida, y se le censura el que no la hubiera verificado en los salvajes y en los ñinos. Los hechos que dejamos anotados vienen a corroborarla, en cuanto a los salvajes. Respecto de los niños, las observaciones personales del Doctor Gustavo Le Bon han comprobado que confunden la mayor parte de los colores; al principio solo reconocen el rojo, y no es sinó con el tiempo que comienzan a distinguir los demás. (4)

Si efectivamente la percepcion de los colores se ha obtenido de modo gradual, el hombre del porvenir podrá percibir los colores que como el ultravioleta son hoy invisibles y cuya existencia solo conocemos por las propiedades quimicas que poseen.

Begotá, Republica de Colombia, Septiembre de 1919.

<sup>(3)</sup> Vocabulario Chibcha, del Padre Lugo — Grámatica Chibcha por E. Uricoechea.

<sup>(4)</sup> G. Le Bon - L'Homme et les Societés - pags. 49 y 50, V. 11.



# SOUTHERN CONTACTS OF THE INDIANS NORTH OF THE GULF OF MEXICO

BY

## DR. J. R. SWANTON

#### I. THE PROBLEM

The relations existing in prehistoric times between the Indians formerly inhabiting the territory of the present United States and those south of them have been a subject of discussion from the earliest period of ethnologic speculation in America. Dissemination of culture and of blood takes place, of course, where any tribe is in contact with any other tribe, but something more than this has frequently been alleged of the relations between the two areas under consideration.

In parts of Mexico and Central America, not to mention regions farther south, there existed historically, as is well known, relatively high native cultures, usually spoken of as "civilizations." In the southeastern and southwestern parts of what is now the United States were two groups of tribes exhibiting cultures inferior to those of the peoples just mentioned but distinctly superior to those of the tribes north of them, and in the Southeast there were earthen structures which suggested to the earlier investigators a culture still higher, one seeming to recall that of the more southern nations. With the Pueblo cultural area of the Southwest it is not proposed to deal in this paper except in so far as it affected the cultural area of the Southeast with which we are specifically concerned.

As long as the builders of the mounds were supposed to be a vanished race possessed of a civilization superior to that of the Indians found in the same country in later times, it was almost inevitable that students should turn to the existing civilizations elsewhere for an explanation of them. But even after the "mound builder" theory had been given up it was held that the culture represented by the mounds and by the more advanced peoples of the Southeast must owe much of its superiority to Mexico and Central America, either through the migrations of entire tribes or by the transplantation of entire cultures. This is the question which I propose to discuss in the present paper.

#### II. CONTACT BETWEEN THE SOUTHEASTERN AREA AND MEXICO

The culture of the Southeast reached its highest levels in the lower part of the valley of the Mississippi and its main tributaries, and in the region east of it, back from the coast, as far as the Atlantic Ocean, including also northern Florida. Northward it formely extended over most of the Ohio valley, while the Iroquoian peoples of New York and Ontario formed its marginal territory. On the Atlantic coast it shaded out much

more rapidly although cultural elements belonging to it are traceable as far as New England. Toward the northwest it did not extend much beyond the Mississippi, and directly toward the west it ended rather abruptly with the Caddo tribes of northwestern Louisiana and northeastern Texas. The habitat of these Caddo fell short of Trinity River, and toward the south they did not reach the coast. In the neighborhood of the Gulf the cultural area can not be traced beyond Vermillion Bay, Lousiana.

The possibility of contact between the culture of the Southeast and that of Mexico has been artificially enhanced by confounding and identifying the area of ancient Mexican civilization with the territory of the modern republic. But, while the latter stretches northeast as far as the Rio Grande, the Aztec or Mexican state proper was more than four hundred miles southwest of that river in a direct line. There were other of the so-called civilized tribes less distant, but the nearest of these, the Huastec, were still more than two hundred miles south of the Rio Grande. The intervening territory was occupied by numerous small tribes without any pretensions to an advanced culture and so difficult to subdue that, although the Huastec were conquered by Cortez early in the sixteenth century, these wild peoples did not succumb until well along in the eighteenth. Populations of an identical character and status extended beyond them as far as the Caddo - the Coahuiltecan tribes, the Tonkawa, and the Karankawa - described tersely on the maps as "wandering and cannibal" people, and pictured by Cabeza de Vaca, the companions of La Salle, and later explorers of all nationalities as exceedingly crude and barbarous. To find the like in North America we should have to go to the cold northern interior, or the arid districts of the Great Interior Basin and Lower California. And this cultural "sink," to borrow a geological term, extended considerably over six hundred miles in a direct line from the Huastec boundaries to the nearest Caddo towns. Measuring along the coast, which might be thought by some a more natural line of movement, it would be fifty or a hundred miles farther to Vermillion Bay. The nearest points between these two cultures were thus as far apart as Washington and Chicago or Columbus and Kansas City. If any southeastern cultural features came by this route, they must, therefore, have been transported for this immense distance before establishing themselves again, so that even in the case of single cultural elements, with which we are not now concerned, the problem must be recognized as a serious one. To prove that an entire culture was transplanted from the one region to the other demands a still greater strain on the imagination, and for it we must have historical, linguistic, or archaeological proof.

The first is, of course, entirely wanting, and the same may be said of the second. In one of his early papers Brinton attempted to show a linguistic connection between the Huastec and Natchez Indians but he subsequently retracted the theory (1). Very recently the writer has brought data together tending to establish the relationship between several of the languages of central and southern Texas (2), but these were all spoken by people belonging to the low type of culture above mentioned and include neither the Caddo nor the Huastec.

An archaeological survey of the Texas ethnological "sink" is of the utmost importance on account of its bearing on the question we have raised and it is, indeed, being undertaken by the University of Texas and the Texas State Historical Society, but to the present time the net result seems merely to establish the condition described as one that extended into the remote past.

Almost the only traditions of a migration of peoples from Mexico to the Mississippi valley are given by the Frenchmen Du Pratz and Milfort. (3) The first merely states that his native informant indicated the southwest as the region from which his people had come, Du Pratz inferring that he meant Mexico. A still earlier authority, the missionary De la Vente, however, quotes the Natchez to the effect that "they came from a very far country, and, according to our reckoning, to the northwest." (4) Du Pratz's work, was widely read and I can not avoid the conclusion that it influenced Milfort in later times in affirming that the Creek Indians traced their origin to the same quarter. In this particular Milfort is not followed by any other person who has recorded the migration legends of the Creek Indians.

Du Pratz's rendering of the Natchez migration legend is too confused to allow us to place much reliance upon it, yet there is one reference which may contain a true historical reminiscence. This is where his native informart speaks of stone houses in the country from which his people had come, some of them "large enough to lodge an entire village." (5) This strikingly suggests one of the great houses of the Pueblo Indians and may be based upon a knowledge of the existence of the Pueblo people, though there is no reason to think that this knowledge had been handed down from a remote antiquity. This, however, is not the only suggestion of contact between the lower Mississippi and the Pueblos. The Caddoan peoples, who occupied the intervening territory at this point were upon a decidedly higher level than the tribes south of them, as evidenced for instance by the elaborate ceremonialism of the Pawnee. Certain Southeastern ceremonies like that of the new fire and certain customs like that of the matrilocal residence of individuals within the tribe, recall those of the Pueblos, artifacts from the Pueblo country are reported sporadically from parts of the Southeast, (6) and in particular it is known that the Tewa Incians obtained the best wood for their bows from the Osage Orange, most of which was probably obtained in trade from the Kadohadacho on Red River. (7) These facts and the prevailing migration legends of the area under consideration, nearly all pointing to the west, lead me to believe that contact with the Pueblo country was far more likely than with the civilized peoples of Mexico, and in consideration of the ethnologic condition of southern Texas, I am inclined to regard most Mexican influences as having been introduced via the Pueblos rather than by the more direct route.

### III. CONTACT THROUGH THE WEST INDIES

Communication between regions north of the Gulf and Central or South America by way of Florida and the West Indies would seem at first more probable. It would have to be by sea, but the natives of Florida and the West Indies, as well as some of those of Central America, were skilful canoemen, and in early historic times at least, Indians made the passage of the Strait of Florida quite regularly. On the Suwannee River Bartram met some Seminole who had just returned from a trading voyage to Havana, (8) and down almost to the middle of last century the descendants of the Calusa Indians of southern Florida looked upon Havana as their natural market and crossed to that place regularly to trade. (9) Indeed, in one of the earliest Florida documents, the Memoir of Fontaneda, there is a story of the immigration into the peninsula of a small body of Cuban Indians who afterwards formed a town by themselves. (10)

It is by virtue of this statement that an Arawak settlement is indicated on the Florida peninsula in one of the latest linguistic maps of the Bureau of American Ethnology. If such frequent communication took place between Cuba and Florida immediately after white contact, why may it not have taken place before? And if it took place between Cuba and Florida, why not between Cuba and Yucatan? From the western end of Cuba to the northernmost point of Yucatan is about 130 miles, approximately the same distance as from Cuba to the mainland of the Florida peninsula, although from Key West to Cuba it is about 40 miles less, From Key West to Yucatan the distance is a little less than 400 miles. We may add that from Florida to the island of Great Bahama the distance is somewhat less than the distance from Key West to Cuba, 65 miles, and to the Little Bimini Islands it is only 50 miles. It would indeed seem strange if the episode recorded by Fontaneda had not taken place between these various islands and peninsulas many times during the prehistoric period and if considerable bodies of Indians had not sought out new homes in one direction or another across the straits.

While underlying racial movements of the sort just indicated may be discrevered by physical anthropologists, evidence from other sources is astonishingly negative in view of the probabilities. Instead of occupying intermediate or transitional positions in larger linguistic or cultural areas, southern Florida, western Cuba, and northern Yucatan rather convey the impression of marginal territories. Beginning with the last we find that though it was the seat of one of the highly developed civilizations in America, a civilization dating back beyond the Christian era, students of this Mayan culture have demonstrated that the older states constituting it were in the mountainous country to the southward and that the Mayan states in Yucatan proper did not rise to prominence until considerably later. (11)

The West Indian archipelago, as is well known, received at least two successive waves of immigration from South America in prehistoric times, one consisting of peoples of the Arawakan linguistic stock, the second of the remotely related Caribs. And, as is also well known, these latter drove out or absorbed their predecessors in these islands lying nearer to South America. the Lesser Antilles. They might have done the same in the larger islands or Greater Antilles had not European discovery and colonization put a stop to the process when they had reached the eastern end of Porto Rico. The researches of M. R. Harrington have substantiated an earlier opinion of Dr. J. W. Fewkes that the western end of Cuba was occupied by a people whose occupancy of the island antedated that of the Arawak and he believes that these people, whom he calls "Ciboneys", represent an earlier wave of immigration into the West Indies as a whole, but not enough of their language has been preserved to enable us to state positively that they were distinct from the Arawak (12).

Turning to Florida we find that, at the discovery, the central and northern part of the peninsula, including a small section of the adjacent state of Georgia, but excluding all of that part of Florida west of Ocilla River, was populated by a number of tribes speaking dialects markedly divergent from those of the tribes north of them. These are called the Timucua and they have been grouped into a distinct stock called the Timuquanan. South of them again, from a little below Tampa Bay and a little above Cape Canaveral, were people of another linguistic group. Unfortunately two or three expressions in Fontaneda's Memoir and a considerable number of place names are all of their language known to be

in existence. This is enough to prove that there was but one language in southern Florida, or at least that all of the languages there were closely related, but it proves nothing more with certainty. However, in a forthcoming publication of the Bureau of American Ethnology I have adduced evidence tending to show that this language - or these languages - actually belonged to the Muskhogean stock, the same as that of the Creeks, Chickasaw, and Choctaw, and that it was probably rather close to the one last mentioned. Since the argument is presented in full in that publication. (13) I will merely neview the points there made very briefly. In the first place the phonetics, as well as can be judged, are markedly like those found in the Muskhogean languages and markedly unlike those of northern Florida. Secondly, a few words translated by Fontaneda seem recognizable in Choctaw - notably oski, cane, in "Guasacaesgui, the river of canes"; and okla or ogala, people, in "Cañogacola, a crafty people, skilful with the bow" - while one or two place names not translated also strongly suggest Choctaw words — as, Calaoba (a town). cf. Choctaw kali hofobi, deep spring, Finally, two early American writers mention a band of "Choctaw" Indians in the country which it seems impossible to connect with the well-known Choctaw of Mississippi. The suggestions contained in these fragments of evidence are so tantalizing and the consequences of establishing the hypothesis so important that it is to be hoped more of this south Florida tongue will ere long be discovered.

The divergence of Timucua from the languages spoken north of it led earlier investigators to believe that it might owe its peculiarities to influences from the West Indies, and Dr. A. S. Gatschet, who made a considerable study of Timucua, thought that he detected in it certain West Indian and South American words. (14) Some of these might be explained equally well, however, by means of North American tongues spoken not very far away. Thus, paha, house, is almost as near Choctaw aboha as Arawak bahü; moca, sea, as nea to Choctaw oka, water, as to Taino bagua, sea; while piro or pira, red, may be connected with the stem which gives Chitimacha pini, Tunica mili, and perhaps also Choctaw homa. as well as with Galibi ta-piré, red and yellow, Tupi piranya, red or Taino pu or bu, scarlet, as cited by Gatschet. My own investigations would indicate that Timucua is remotely connected with the Muskhogean group of languages rather than with Arawak, and if future research adds the fact of a pure Muskhogean dialect spoken in the region south of Timucua. the argument for West Indian influence within it would be very much weakened. There appears to be a non-Muskhogean element in Timucua requiring explanation and contact with West Indian languages may account for it though I am rather inclined to look for the causes toward the north and west than toward the south. As to the Mayan, Arawakan, and Muskhogean linguistic stocks themselves, I am not aware that anyone has until recently, suggested a connection between them, and the attempt so far has been confined to the two former.

If we turn now to the cultural features of the three regions we are confronted by contrasts almost as marked. The Maya civilization of Yucatan was, as is well known, in many respects the highest attained in America but there appears not to be a single trace of it in either western Cuba or southern Florida. In the West Indies there was also an area of higher culture, though not one comparable to that of the Maya. (15) It centered in the island of Haiti and extended to the eastern end of Cuba, but it faded out rapidly westward and is entirely wanting at the western

extremity to say nothing of any possible influence on Florida. The tribes of the southeastern coast of the latter peninsula were small and of low cultural status, and, while the position of the Calusa Indians on the western side seems to have been distinctly more advanced, involving something of a centralized government over a wide area, there appears to have been little in common between it and the culture of western Cuba, still less with the culture of the Maya. In short, the Maya from the highlands of Central America, the Arawak from the forests of South America, and the Muskhogeans from the interior of North America seem to have converged in the three points of land we have been considering and to have gone no farther.

#### IV. THE GRADUAL TRANSMISSION OF SEPARATE CULTURAL ELEMENTS

To the present time, then, there is no positive proof of the wholesale transplantation of peoples or of cultures into the Gulf area of the United States from Mexico, Central America, or the West Indies. Until new discoveries are made bearing upon this question we must be satisfied with supposing the influences of the northern and southern regions upon each other to have been confined to that gradual radiation of single elements which is constantly taking place where peoples are in contact. Specific effects of such a radiation certainly exist in the south-north distribution of corn and the "milpa culture" (16) connected with it, as also in the south-north distribution of tobacco and probably other cultivated plants. It is to be noted that one of the words applied to the potato and similar tuberous roots by the peoples of the West Indies and the Southeast were the same. (17) Again, it seems difficult to believe that the customs of frontal head deformation found on the north and the south sides of the Gulf of Mexico originated entirely independently of each other. Some years ago Professor Holmes called attention to certain apparent Caribbean influences in designs found upon pottery in the eastern Gulf area (18), and numbers of students have believed that the incised decorations on shell and copper objects in the Mississippi region bear a resemblance to Mexican patterns too close to be accidental. Yet, after a lengthy comparison of three features of northern and southern culture, namely "pyramids and other features of material culture," "religious ideas connected with the serpent," and "similarities in symbolism and art" Dr. Spinden finds little upon wich to base a satisfactory claim of transmission by direct contact. Speaking of the last of these he says, "we may see in these designs the result of a slow exfiltration, with many relays, of ideas originating among the Maya, if you will, but not passing from them directly to the ancient peoples of the Mississippi Valley. There are no trustworthy evidences of trade relations between the Mexicans and Mound-builders, nor is there any sure indication of fundamental unity of culture at any time in the distant past." (19) Nevertheless the evidence of corn is by itself sufficient to prove that "exfiltration' from south to north did take place, and the amount and extent of this still offers interesting problems for investigation.

#### CONCLUSIONS

1. Proof of the direct influence of southern cultures upon the culture of the Indians north of the Gulf of Mexico or of transplantation of peoples there from the south is as yet wanting.

- 2. There are evidences of more intimate contact between the Indians of the Southeast and the Pueblos than between the former and Mexico.
- 3. Single cultural elements are known to have been introduced from the south but for only a few of these is the evidence entirely satisfactory.

In spite of the small number of proved cases of transmission there is good reason to believe that the cultures of the southeastern United States as well as that of the Southwest constituted marginal areas in that succession of semi-civilizations extending through Mexico and Central America to the Andean region of South America.

Bureau of American Ethnology, Washington, D. C.

JOHN R. SWANTON.

#### NOTES

- (1) Brinton, in Historical Magazine, 2d series, 1867, I, pp. 16-18.
- (2) American Anthropologist (N. S.), Vol. XVII, no. 1, pp. 17-40.
- (3) Le Page du Pratz, Histoire de La Louisiane, Paris 1758, III, 62-70.
- (4) De la Vente, letter of 1704, in Compte Rendu Cong. Internat. Amér., 15th sess., I, 37.
  - (5) Le Page du Pratz, op. cit.
- (6) A few pieces of Pueblo ware have been found; a fragment kind from southwestern Missorná fell into the hands of Mr. W. E. Myer, collaborator in the Bureau Ethnology. West of the Mississipi, problably in the Caddo country the army of De Soto "found some turkoises, and shawls of cotton, which the Indians gave them to understand, by signs, were brought from the direction of the sunset."—Narratives of De Soto, ed. Bourne, I. p. 181. New York, 1904.
- (7) Bull. 55, Bureau of Am. Ethnology, p. 52. The Caddohadacho country is known to have been the principal source of supply for the tribes about who evidently passed the material on to the Pueblos.
  - (8) Bartram, Travels, London, 1792, p. 225.
  - (9) See John Lee Williams, The Territory of Florida, 1837, p. 242.
  - (10) Documentos Inéditos, V. pp. 536-7 Madrid, 1866.
- (11) See Morley in Bull. 57, Bureau of American Ethnology, pp. 2-7. Washington, 1915.
- (12) Twenty-fifth Ann. Rep. Bur. Am. Eeth., pp. 178-9 Ancl. Notes and Monographs (Heye Mus. Pinh.), Cuber before Columbs, Part. I, Vol. H.
  - (13) Bull. 73, Bur. Am. Ethnol., pp. 27-81.
  - (14) Procedings Am. Philosoph. Society, XVIII, p. 478.
  - (15) Fewkes in Twenty-fifth Ann. Rep., loc. cit.
  - (16) O. F. Cook, in Smithsonian Report for 1919, pp. 307-326.
  - (17) Journ. Wash. Acad. Sci., Vol. VI, pp. 136-7.
  - (18) American Anthropologist, (N. S.), VII, pp. 71-79.
- (19) Memoirs of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, Harvard University, Vol. VI, p. 247; Cambridge, 1913.

# A "TRIBU DOS INDIOS CRENAKS"

### RIO DOCE

Botocudos ainda residentes, em 1918, na região limitrophe dos Estados do Espirito Santo e de Minas Geraes.

. . .

Zona comprehendida no mappa, organizado pelo Governo Federal, para ser distribuida, pela repartição publica competente, a protecção aos Indios, de accordo com o decreto n. 8.072, de 20 de junho de 1910, baseado no trabalho do autor, de setembro de 1909, apresentado ao Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia no Rio de Janeiro.

. . .

Observações colhidas, in lóco, no mez de fevereiro de 1918, entre 65 representantes d'essa tribu, comprehendendo homens, mulheres e crianças.

. . .

Memoria feita e apresentada ao XX Congresso Internacional de Americanistas do Rio de Janeiro, em o mez de agosto de 1922, pelo seu presidente, Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva.

£ .

1

A presente memoria tem por fim relatar aos que se interessam pelo americanismo, em geral e, especialmente pela ethnographia brasileira, varios dados colhidos, com o escrupulo que assumptos de certa ordem requerem, junto de 65 indios da "Tribu Crenak", ás margens do Rio Doce, mais para o Estado de Minas Geraes do que para o do Espirito Santo.

Esses indios, em sua essencia, puros Botocudos, descendentes dos memoraveis Aymorés, que tambem viveram nessa região, dispõem dos característicos physicos identicos a elles, com habitos e costumes de muita semelhança, sem todavia serem aguerridos como os seus antepassados, pois que todos os seus actos são presididos por cordialidade e prudencia.

Os nomes dos homens, mulheres e crianças dessa tribu foram também registrados para fazer parte integrante desta memoria e, bem assim, uma parte do seu dialecto, contendo 165 palavras de interesse urgente de tornarem-se conhecidas, uma vez vertidas para os idiomas em uso no Congresso Internacional de Americanistas, o que também foi feito, como adeante se verá.

O AUTOR.

## A "TRIBU DOS INDIOS CRENAKS"

(BOTOCUDOS DO RIO DOCE)

PELO

#### DR. ANTONIO CARLOS SIMOENS DA SILVA

E' licito começar pelos nomes dos indios que, na hypothese, são os protagonistas do que serve de base á presente memoria. Assim, chamam-se elles:

Crenak, Muim, Tchondjun, Tam, Juquinhoti, Inhati, Pypy, Nhanuque, Marrók, Erêrê, Jatnan, Crembal, Anati, Cactchá, Grópok, Juctchat, Leqim, Maclá, Jak, Eim e Catnó.

Eilas:

Ecuam, Nangmeik, Pucron, Mancam, Ynhá, Intauk, Capreuca, Uaqui, Canaik, Jahmuran, Caplenk, Nain, Yapuhan, Jakéta, Cuank, Imboni, Jarik, Jacuhy, Tun, Jatnouk, Jucrene e Uym.

E as creanças:

Jupam, Mahoh, Jipai, Ahtiah, Tomhein, Jok, Crontchon, Angrin, Fubá, Jatancaniek, Atchá, Peijão, Crengtank, Piriry, Bocman, Tonsmuen, Cremtau, Gyrou, Jirimim, Cangmei, Grak e Chongton.

«Direcção da Tribu»:

«Crenak» — Pagé; "Muim" — 1º Tucháua; "Tehondjun" — 2º Tucháua. Filbos de Muim:

Pupaim, Atchá, Angrim, Feijão, Fubá e Crak.

O indio Crenak, maior de noventa annos, é pae de Muim, em quem abdicou, ha varios annos passados, a chefia da Tribu. Muim, como Tucháua que é tem tres mulheres, as de nomes: Mancam, Jacuby e Ynhá. Tchondjun, 2º Tucháua, tem duas, chamadas: Ecuam e Nangmeik, talvez as mais bellas da Tribu.

Os demais indios apenas podem ter uma mulher, havendo varios que ainda se conservam estrictamente solteiros.

Entre as indias sem marido, vêem-se algumas moças bonitas, assim como velhas horrendas.

O motivo disso é de facil observação, porque todos os velhos têm o labio inferior da bocca e os lebuios das orelhas furados e deformados pelos enormes batoques de "Imbirussú" "Bombax gracilipes", Schums (Bombacacea), que usam; emquanto que os moços não mais attendem a essa detestavel usança dos seus maiores, que forçosamente, iria muito deformar as suas physionomias.

Ha dous representantes nóvos da Tribu, no emtanto, que fazem excepção, por usarem dos taes batoques, sendo um, o Muim, o proprio Tucháua, trazendo-os apenas ás orelhas e outro a sympathica india Juemran, tendo-os tanto nas orelhas como no labio, deformando-a bastante, porém sem tirarem-lhe, todavia, os traços attrahentes e a vivacidade de expressão, que possue em não pequena escala.

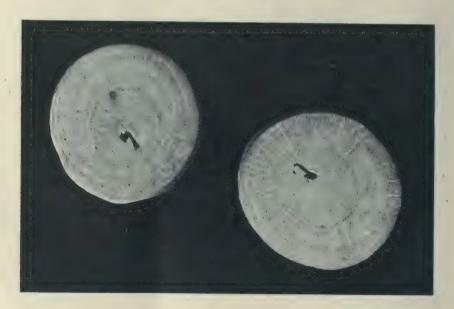
1.3

Como typos perfeitamente "Botocudos", dignos de attenção e estudo, são: o velho "Crenak" e as velhas "Jarik" e "Caplenk" mantendo constantemente o uso dos referidos ornatos, sem os quaes não podem passar um só momento.

Para provar o quanto vivem identificados com essa usança, puramente selvagem, basta o que se observa com uma dessas duas indias, que tendo tido o infortunio de perder a parte do labio que circumdava-lhe o batoque, para não renunciar a esse velho uso, amarrou uma embira numa das extremidades dos retalhos, com que ainda ficára do deformado beiço, fazendo com muita perfeição, a substituição do pedaço da propria carne desapparecido e, conseguindo assim ter, sempre ajustado á bocca o seu precioso ornato, que ainda a torna mais feia.

Comparando-se os habitos e costumes dos indios dessa tribu com os de muitas outras, por todo Brasil, nota-se que não é propriamente o valor intrinseco das peças que elles possuem para seu uso que os faz tão ciosos das mesmas; é, no emtanto, com bastante razão de ser a utilidade que ellas lhes prestam. Basta confrontar, para tal, os batoques discoides de madeira dessa tribu, ou mesmo os tembetás de resina dos Coroados do Paraná, com os de quartzo hyalino, de nephrite, de berylo, de amazonstone, etc., de outras tribus que, além do precioso valor artistico que possuem, têm ainda o intrinseco do material empregado que, geralmente, é de real importancia.

Assim, os batoques dos Crenaks, em fórma de perfeitos discos, pesando apenas cinco grammas, medindo de circumferencia 18 centimetros e sem o menor preparo artistico, têm grande valôr para os seus possuidores, como é de facil observação para quem os visita e com elles priva.



Cliché do Autor.

Batoques de Imbirussú, (Bombacaceas). Usados nos lobulos das orelhas e no labio inferior da bocca; geralmente pelos Indios maiores de 40 annos, de ambos os sexos

Esses adórnos usados tanto no beiço como nas orelhas, obrigam a grande distensão dos tecidos, produzindo verdadeira deformação na parte inferior externa da bocca, que avança mais de seis centimetros e, por via

de regra, também na inferior das orelhas, que fica grandemente pendente e a oscillar, por occasião das danças ou das grandes ventanias. A exemplo do que fazem outras tribus, nomeadamente a dos "Carahós", no Estado de Goyaz, costumam os Crenaks, quando retiram os batoques das orelhas sobrepôr o lobulo, assim aberto em avantajado circulo, ao helix, ficando por tal fórma contornada toda orelha por uma especie de argola de côr bronzeada. E' de preferencia procurado o "Imbirussú" para a fabricação dos batoques em questão devido á côr de puro marfim, á levesa que possue, digna de attenção, e á fórma, já de natureza arredondada, circumstancias essas que muito facilitam o preparo dos mesmos e sua conseguinte adaptação, por esses indios, feita como adornos.

Os individuos dessa tribu, que têm renunciado ao uso dos batoques e que são já em maior numero do que aquelles que dos mesmos se utilizam, são de muito boa apparencia. bastante sympathicos, deixando apreciar-se-lhes uma esplendida epiderme, de cór morena escura, perfeitamente cabocla, sem vestigios de cicatrizes, espinhas ou manchas de quaesquer especies.

Além disso, são muito insinuantes e, alguns mesmo, attrahentes, recebendo e tratando a quem os vá visitar com todas as manifestações de respeito e admiração.

Alguns delles abraçam os seus visitantes, batendo-lhes no peito ou nas costas, usando da phrase "Capitão bonito", que pronunciam "capitáu munito", suppondo serem todos tucháuas ou caciques, naturalmente das tribus dos brancos, como presumem que existam.

O segundo tuchaúa "Tehondjun", de todos os homens da tribu, é o que mais carinho dispensa aos que a mesma vão visitar.

Quanto ás mulheres, com especialidade as que não fazem uso dos batoques, conseguintemente as moças, querem sempre estar ao lado dos seus hospedes, óra de mãos dádas ás delles, ora com um dos braços sobre o pescoço daquelle ao qual acompanha, deixando-se beijar e tocar-se em quaesquer partes do corpo, sem o menor protesto; notando-se-lhes satisfação por qualquer carinho que se lhes faça e percebendo-se que, com facilidade e mesmo espontancidade de vontade, submetter-se-hão a co-labitação com os civilizados; porém mantendo sempre certa dignidade muito peculiar aos indigenas brasileiros.

Dentre essas indias, algumas ha que possuem rostos relativamente hellos, o que será de facil verificação ao visitar-se a tribu e conhecer-se as de nomes: "Nangmeie", "Ecuam", "Imboni", "Jatnouc", "Tun" e outras.

Todas ellas, com esplendidos dentes, embora não escôvados, cutis fina e macia, olhos expressivos e doceis, complexão robusta, seios pequenos nas solteiras ou não paridas e algo grandes nas mães.

Tanto elles como ellas, têm todas as partes do corpo completamente depiladas; não se observando nos adultos, e muito especialmente nas creanças, a dilatação do abdomen, tão vulgar em outras tribus.

Quanto ao asseio, basta o que se observa com todos os indios, que, a cada instante, buscam as aguas corrente do Rio Doce, a exemplo do que fazem os das tribus que habitam a grande ilha do Bananal, no Rio Araguaya, no Estado de Goyaz, para nellas se banhar e, como eximios nadadores que são, divertir-se nos mais arrojados exercicios dessa arte, sempre a rirem, tanto os homens como as mulheres. E quando essa prova não seja sufficiente, uma visita a sua maloca do "Eme" chamada deixa muito satisfactoria impressão, pela possivel limpeza que geralmente procuram elles manter no local em que vivem.

O que não deixa de incommodar os visitantes é a fumaça de varios fógos pequenos, esparsos pelo chão, no interior da mesma habitação, para

fornecer tições aos fumantes, a toda hora, ou para aquecer, no inverno, os seus moradores, sempre desprovidos de vestimentas.

Torna-se interessante observar em detalhe essa maloca; ha ahi os logares em que estendem os couros dos pequenos mammiferos para servirem de leitos, por não serem utilisadas rêdes, em grupos completamente arredados uns dos outros e não muito distantes dos fógos; os pontos designados ás suas armas de guerra e caça, arcos, flechas e massas, um tanto elevados; o local destinado á agua potavel, que é conservada em bambús taquarassús, com os gommos em franca communicação, permittindo essa circumstancia ficarem os mesmos com grande capacidade para conter o precioso liquido, perfeitamente bem arredado dos fogos; e, finalmente, o deposito, ou almoxarifado, onde se encontram os utensilios domesticos, capim secco, para suavisar a dureza da cama sobre o sólo, as bolsas de fibra, tecidas pelas indias da tribu e varios outros artefactos de uso diario a um dos cantos da mesma. Nessa malóca, exactamente como ainda hoje se verifica com os Indios Araúcanos, no sul do Chile, vivem tambem alguns irracionaes, como por exemplo: um macaco avermelhado, unta linda preguica e tres cachorros desbarrigados e de focinho alongado, verdadeiro typo dos cães de caça.



Cliché de W. Garbe.

Interior de malóca. Emquanto a mulher bebe agua do bambí perfurado, o marido toca flauta por uma das narinas. Uma criança mamma e duas outras apreciam a musica. A perfeita harmonia do lar indigena brasileiro

Essa tribu não faz uso do alcool, parecendo viciada ao da agua potavel, pois a todo momento estão chegando á bocca, quer os adultos, quer as crianças, os taes depositos do indispensavel liquido.

Vivem nús e sem pinturas no corpo, com excepção apenas das occasiões em que se preparam para a guerra para luctar com outra tribu que os venha atacar, pintando-se então todos de vermelho, utilizando-se para isso de urucú; ou para receber uma ou outra visita dos, chamados "civilizados", que dessa qualidade, de ordinario, nada participam, pelo modo como geralmente tratam aos nossos selvicolas, abusando dos re-



Cliché do Autor.

O Autor entre duas Crenaks. Ambas mulheres de Tchondjun. Ecuam a mais alta e Nangmeik a mais baixa, sobre uma lage, em pleno Rio Doce



Cliché do Autor.

Indias moças, sem batoques e de pé, por traz de duas outras, velhas, com esses ornamentos, que, junto a um pequeno fogo, assam um lagarto recem-caçado



Cliché de W. Garbe.

Muim, 1º Tuchaúa da Tribu. De ceroulas apenas



Cliché W. Garbe.

Uma mãe de familia, com o filho ás costas, pendurado em uma embira, com os pulsos presos por uma tira ao seu pescoço; são bem visiveis os seus batoques



cursos e de forças superiores de que dispõem. Algumas vezes vestem-se, á la diable, os que possuem peças avulsas de roupa, que lhes tenham sido dadas por alguns outros visitantes ou pelos representantes do Governo Federal do Serviço de Protecção aos Indios, custando muito a supportal-as e despindo-as com a maior satisfação e toda presteza, ao primeiro aceno do Tuchaúa, ficando logo á vontade.

As ordens do Tuchaúa são por tal forma cumpridas por todos os indios da tribu que, se forem, talvez, para atirarem-se por um precipicio a baixo, as executarão, sem medir as consequencias.

Esse indio, Tuchaúa da Tribu "Crenak", é um bello typo de homem dos climas tropicaes, alto bastante, de complexão forte, muito sympathico, tendo poucos fios de bigode e de cavaignac, sempre cortados rente á epiderme e trazendo os cabellos compridos, com excepção apenas na fronte, onde os apára bem curtos.

Quando dá suas ordens, usa elle de arrogancia, empregando gestos de austeridade e, fóra disso, é docil e næsmo carinhoso para com todos os seus companheiros, aos quaes dirige sempre a palavra em tom suave e, muitas vezes, com riso nos labios.

Como prova da faculdade de carinho e de bondade que esse homem possue, é digno de nota o modo pelo qual trata o seu velho pae, que em uma occasião, ficando cançado em viagem, foi por elle carregado ás costas, como faria com qualquer criança a quem estimasse.

Esses modos de tratar os seus, com carinho e desvelo, não são exclusivamente do Tuchaúa e sim de todos os indios, de uns para com os outros da tribu, o que é rigorosamente observado até o fallecimento de qualquer delles. Assim a morte de um indio Crenak obriga espontaneamente a todos los companheiros a chorarem, pois que um desapparecimento de tal ordem merece essa manifestação de carinho e respeito. O mesmo costume que se nota entre os Guaranys da Republica do Paraguay.

As mães, entre si, tambem carinhosamente se auxiliam mutuamente, amammentando umas, os filhos das outras, quando ausentes da malóca, em seus serviços de apanhar lenha no matto, buscar agua no rio ou colher côcos e outras fructas para a communidade.

A mesma coisa se observa com os conjuges, que muito se estimam, prodigalisando-se carinhos, até na presença dos seus visitantes; não demonstrando, no emtanto, os maridos ter ciumes pelos agrados, que as mulheres recebem, em taes occasiões, dos "brancos" chamados.

Quanto ao carinho materno, é o mesmo que se nota entre muitas outras tribus, com especialidade entre os Guaranys, no que nunca serão ultrapassados pelos chamados "civilisados" ou pelos "brancos", como acima ficou dito.

As mães "Crenaks" estão, quasi sempre, com os seus filhos de tenra idade pendurados ás costas, por meio de uma forte embira, muito lisa e relativamente larga, presa á testa, na qual os sentam, tendo o devido cuidado de amarrar, por baixo do seu proprio queixo, os pulsos dos mais pequeninos, que ainda bem não se podem segura", com uma outra embira, que mais parece ser uma corda fina de canhamo. Para qualquer india "Crenak", um filho, em qualquer idade em que se encontre, merece sempre o seu desvelo, os seus cuidados e a sua protecção.

A moral nessa tribu é realtivamente muito bem observada. O Tuchaúa não admitte que se bata em velhos e em crianças, por não poderem os mesmos reagir; pois que, tanto uns, como outros, não dispõem de forças precisas para se defender.

Do mesmo modo, não consente no casamento de qualquer india emquanto não fôr a mesma menstruada, condição essa indispensavel para um acto como o matrimonio, onde se vae verificar ligação carnal; em outros termos: exige a completa puberdade da noiva para annuir no seu casamento.

Embora sejam, como os demais indios de quaesquer tribus, insaciaveis no pedir todos os objectos que vêem, têm a grande qualidade de não se apossar de uma só cousa sem que primeiramente lhes seja offertada.

Uma das peças de roupa que mais impressão causam ás indias é o lenço, o qual tiram do bolso dos visitantes e esfregam no proprio rosto, passando-o depois de umas as outras e restituindo-o finalmente ao seu dono.

A mesma admiração não lhes causam, em absoluto, todas as demais peças de vestimentas, naturalmente por possuirem varias dellas, que usam do modo mais bizarro que se póde imaginar; por exemplo: as indias vestem apenas uma saia, que amarram por baixo dos braços, umas, e por baixo dos seios, outras, ou um simples paletot e nada mais; os indios, uma camisa ou um casaco ou, finalmente, um par de calças, nunca usando tudo em conjuncto, com excepção exclusiva do 1º Tuchaúa, que, vestido dos pés á cabeça, recebe e se despede dos seus visitantes, sem jamais despir-se.

Nessa tribu, os homens usam uma tanga de fibra sobre os orgãos sexuaes, pendente da cintura, emquanto que as mulheres cousa alguma collocam sobre si, vivendo sempre com a toilette, com que nasceram. Como um habito digno de registro, identico ao em uso constante entre os "Mundurucús", indios da região do Rio Tapajóz, trazem sempre os "Crenaks" o membro viril suspenso pelo prepucio por meio de uma corda fina de fibra ou de algodão, por elles fabricada, adherindo-o ao baixo ventre.

Se, por ventura, se desprende da posição em que fôra collocado o referido orgão genital, immeditamente se retira o indio do meio em que se acha, afim de amarral-o de novo nas condições em que o mesmo se encontrava.

Outra nota interessante é a de tocarem as suas flautas, todas de bambú, de preferencia sempre pelas narinas, habito este identico ao dos indigenas da Ilha Tonga, na Oceania.

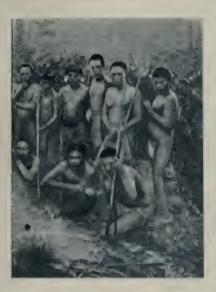
Como característica nas mulheres, nota-se-lhes immediatamente o seguinte: pernas finas e pomos salientes, em todas; seios grandes, nas recem-paridas e longas muxibas, nas velhas.

O Caboré (Curiangú), pequena ave nocturna, de curto vôo, de grande adoração entre esses indios, por fazer parte dos seus principios religiosos. tem o nome, entre elles, de: "Passaro Vento".

A nota mais digna de admiração entre esses suppostos selvagens é o respeito mutuo entre elles existente. Cada familia, numa malóca, faz o seu pequenc fogo para aquecimento dos seus respectivos membros e resguardal-os dos animaes malignos. Esses indios, como a maior parte dos nossos selvicolas, esparsos de norte a sul, por todo paiz, são bastante indolentes e sem a menor iniciativa, entregando-se propriamente aos mistéres da caça e pesca, cujas peças apanhadas assam ou cozem para comer, nunca alimentando-se com ellas cruas; bem assim, não ingerem fructas estragadas ou mesmo passadas, sendo verdadeiramente devotados a todas as gulodices assucaradas.

Em suas malócas, rusticamente feitas, perfeitos ranchos, sem a devida protecção contra os temporaes, encontram-se varios maços de hervas. algumas raizes e uma ou outra flôr secca, base da medicina usada pela tribu.

As indias, que ficam completamente tentadas pelos tecidos e fitas de côres gritantes, que lhes são offerecidas pelos visitantes, preferem o interior das suas malócas, para fiar e tecer o pouco algodão, de mistura com alguma

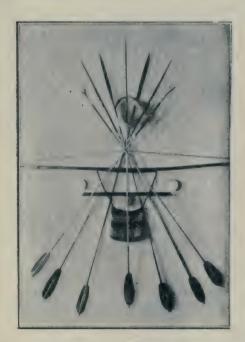


Cliché do Autor.

Varios indios com suas armas, promptos para os exercicios do arco e flecha e para a dança, ás ordens do Tuchaúa Muim. Todos de tanga



Grupo de indias jovens e crianças, um tanto arredadas das margens do rio, apreciando a chegada do Autor, visitante de Tribu



Cliché de W. Garbe.

Armas de guerra e caça. Flauta de bambú, cocar de tecido de algodão e pennas, e bolsa de fibra yegetal



Cliché do Autor.

Piroga do 2º Tuchaúa, Tchondjun, que tem junto de si as suas esposas: Ecuam e Nangmeik, atravessando o rio para receber e transportar o Autor á maloca do "Eme"



fibra, de que dispõem, fazendo bolsas, pequenos pannos, tiras, etc., com listras de côres suaves, onde muito sobresahe a violeta ou a lilá; ao contrario do que praticam as das tribus "Quichua", peruana e "Aimará", boliviana, na Cordilheira dos Andes, que fazem seus tecidos com a côr vermelha, por tom predominante e ao rigor do sol, fóra das suas tabas, para se aquecer com os raios do astro rei do frio que a altitude de 4.000 metros sobre o nivel do mar lhes proporciona.

Tambem a dança das indias "Crenaks" tem seu ponto de contacto com a dos indios da Bolivia, da tribu "Chiriguanos", parecendo terem sido apprendidas ambas na mesma escola.

Essa dança limita-se a uma roda, formada exclusivamente de mulheres que, com os braços sobre os hombros umas das outras, cantam e se movimentam cadenciadamente aos pulos, batendo fortemente com os pés no chão e fazendo os seios balançarem a vontade.

Um costume bastante interessante dessas indias é o de muito apreciarem os homens barbados, ou os de muitos pellos pelo corpo, aos quaes fazem questão, á toda fôrça, de examinar, arregaçando-lhes as mangas dos casacos, a parte inferior das calças e abrindo o peito da camisa com que se acham os mesmos vestidos, afim de satisfazerem a natural curiosidade, em vista de serem ellas e os homens de sua tribu completamente depilados, fazendo de tudo grande admiração. Bem assim, não descançam um só momento de pegar nos bigodes e barbas dos seus visitantes, acariciando-os e admirando-os com verdadeiro interesse.

Quanto aos indios, todos sadios e bastante hospitaleiros, apenas presentem do lado oppôsto áquelle em que vivem, ás margens do Rio Doce, alguem que os pretenda visitar, atiram logo á agua as suas pirogas e, remando com velocidade, atravessam a corrente, algo caudalosa, desse estuario, afim de ir buscar os recem-vindos, manifestando, desde logo, aos mesmos, sua amizade e toda lealdade.

Emquanto isso se verifica com os que tomam essa empreitada, permanecem no porto de onde sahiram as pequenas canôas varios outros a fazer acenos de saudações e a demonstrar alegria e contentamento.

A travessia do rio é feita rapidamente e a recepção é enthusiastica, cheia de gritos de satisfação, de abraços, de risos, etc. Do porto á maloca do "Eme" é necessario passar-se sobre varias lages, entre as quaes, nuns pontos, agua semi-estagnada e, n'outros, verdadeira correnteza.

Os indios se prestam espontaneamente a carregar ás costas os seus visitantes, atravessando os pontos onde ha agua, umas vezes mergulhados apenas até as virilhas e outras até a cintura, porém sempre firmes de pernas e sem demonstrarem fadiga pelo arriscado serviço que estão prestando.

Uma vez em terra firme os visitantes, os referidos carregadores pedemlhes immediatamente "Grin-grin" (dinheiro), mas em moeda sonante, em prata ou nickel, nunca em cedulas de papel moeda.

O valor que dão á moeda sonante faz lembrar o que a respeito se passa com os indios Araúcanos, no sul do Chile, que, ao darem em casamento uma de suas filhas, recebem em troca pela mesma uma egua ou uma ovelha e um punhado de nickeis ou pequenas moedas de prata do paiz, e nunca notas de papel moeda, por mais valor que ellas tenham.

Os indios "Crenaks", cortam os seus cabellos bem curtos na parte superior da cabeça, póde-se mesmo dizer rentes ao couro cabelludo, deixando-os em meia cabelleira, arredondados, sobre a nuca e orelhas.

Lindas são essas cabelleiras pela abundancia de pellos, pela côr precisamente negra e pelo brilho natural que pessuem.

Fabricantes eximios de arcos, como observou Neuwied entre os Botocudos no começo do seculo passado, caçam e se defendem com essas armas admiravelmente bem.

Qualquer visitante que se interesse por seus habitos e costumes, participando ao Tuchaúa que deseja assistir a umas provas do manejo de arco e flecha, terá a admiravel opportunidade de apreciar varios indios da tribu, alli mesmo perto de si, atirarem para o ar suas flechas, vindo ellas cahir junto aos pés dos mesmos, tal o calculo que fazem na direcção dada á essas terriveis armas, unicas de que dispõem.

As visitas a essa tribu são feitas de ordinario por meio da Estrada de Ferro de Victoria a Diamantina, que, depois de percorrer toda parte do Estado do Espirito Santo até os limites com o Estado de Minas Geraes, passa pela cidade mineira denominada "Natividade", deixando os excursionistas pouca cousa além da Estação de "Resplendor", onde, em companhia de um interprete, atravessam o Rio Doce e chegam a fala com esses pacificos brasileiros, que mais merecem a qualificação de civilizados que de selvagens, conforme são tidos e havidos ainda por nós, que positivamente os descombreçemos de todo.



Cliché de W. Garbe.

Reunião de indios de ambos os sexos, em horas de lazer; deixando yêr-se-lhes a bella harmonia e a respeitosa intimidade em que vivem

A impressão por esses indios causada a todo aquelle que os visita é verdadeiramente surprehendente e agradabilissima.

E têm havido homens, até certo ponto, de reputação firmada, que tão injusta e irreflectidamente acoimaram de anthropophogos os Botocudos.

Ao concluir a presente memoria, não é demais dizer que a "Tribu Crenak", como quasi todas as outras, acha-se ainda algo retirada do franco e constante convivio com o elemento civilizado do paiz sómente por culpa e desleixo das nossas autoridades que, ha mais tempo, deviam dispensar-lhe

a necessaria protecção, garantindo a todos os indios os respectivos direitos de vida, de propriedade e liberdade, pois que, além do mais, são elles os mais legitimos e genuinos brasileiros natos.

Intelligentes todos os individuos dessa tribu, fabricando seus utensilios, armas e adornos com relativa elegancia e bastante arte; offerecendo a mais espontanea e cordial hospitalidade, observam, com o possivel rigor, os mais estrictos preceitos de moral.

Nessas condições, longe de serem tidos os membros componentes dessa tribu, por selvagens, têm elles o direito de ser considerados na categoria, dos civilizados.

Assim, que qualquer desses indios póde occupar logar de destaque no nosso meio social, ninguem o poderá negar; mas para que isso se vá verificando é mistér que se lhes garanta o livre goso e o franco exercicio de seus direitos de legitimos senhores e possuidores das regiões por elles habitadas. Como frisante exemplo dessa allegação, cito o seguinte:

Um dos mais illustres e eminentes senadores da Republica, proficiente engenheiro naval e respeitavel almirante da Armada Brasileira, é um bismto legitimo de Indio Botocudo, puro sangue Crenak, dessa sympathica tribu da região do Rio Doce.

Chama-se esse illustre brasileiro: Arthur Indio do Brasil, cavalheiro que, atendendo ás solicitações do autor, escreveu-lhe a bellissima carta, abaixo transcripta, para maior comprovação do que se acha allegado nesta memora.

Como esse illustre varão, varios outros de pura origem indigena vêm prestando relevantissimos serviços á Patria, até à presente data.

E o acto que, a respeito, comnosco se passa é da mesma natureza do que se veifica com diversos paizes deste continente.

Na Boivia e no Perú, varios dos seus mais notaveis estadistas são indios Aimrás e Quichuas, do mais puro sangue.

No Chie a tribu Araucana tem fornecido varios dos seus filhos ao convivio social do paiz: basta conhecer-se o preclaro professor Manquilef, Director do Lyceu de Temuco, para bem ajuizar-se á respeito.

No Paraguy, raro é o homem de governo que não seja puro indio Guarany ou seu decendente directo.

Na Colombia e no Equador, na mesma escala.

No Mexico e nos cinco paizes da America Central, idem idem, e assim por deante.

Finalmente, nos Estados Unidos da America os ha no meio civilizado em numero bastante avultado, sendo um delles o Dr. La Flèche, conhecido e respeitavel profesor da Universidade de Columbia, da cidade de New York, e outro, o Dr. Park, Director do Museu da cidade de Albany, Capital do Estado de New York, ambos puros indios, sem a menor mestiçagem.

Em todas as chimadas "Indian Reservations" são elles em grande numero.

Assim, pois, torna-se digna do maior respeito e de toda admiração a nossa hospitaleira "Tribu Crenak" ora, mais ou menos, descripta, habitante antiga das uberrimas reaões do grande Rio Doce, nos Estados de Minas Geraes e do Espirito Santo

Rio, 20 de agosto de 192. — Antonio Carlos Simoens da Silva.



## Carta do Engenheiro Naval, Almirante da Armada Brasileira e Senador Federal pelo Estado do Pará, Dr. Arthur Indio do Brasil

- « Rua dos Voluntarios da Patria 118. Rio, 15 de Julho de 1922.
- « Prezado Amigo Dr. Simoens da Silva Saudações cordiaes.
- « Em resposta a sua carta do mez proximo passado, cabe-me enviar-lhe as « minhas congratulações pelo conteúdo da sua scientífica e patriotica memoria,
- « intitulada: "A Tribu dos Indios Crenaks", do Rio Doce, habitantes das fron-
- « dozas florestas que margeam esse nosso estuario, quer no Estado de Minas « Geraes, quer no do Espirito Santo.
- « Muito me aprouve vêr confirmado o que conhecia acerca dos indios da « maior parte dos paizes do nosso continente, no tocante a facilidade da sua « adaptação ao meio civilizado e do elevado gráo de cultura intellectual a que
- « conseguem chegar.
- « Aproveito o ensejo para affirmar-lhe o que já deve conhecer que sou, com « muito desvanecimento, descendente directo dessa tribu indigena brasileira, pois
- « que meu Bisavô paterno era puro Indio Crenak, de batoque, usando arco e
- « flecha e vivendo em sua taba, no local supra indicado.
  - « Creia-me, com muita estima, seu amigo admirador.

A. INDIO DO BRAZIL ».

Reconheço a firma do Almirante A. Indio do Brasil — Rio, 26 de janeiro de 1924, Em testemunho da verdade.— Pedro Evangelista de Castro.

162



MAPPA COM A REGIÃO HABITADA PELA "TRIBU DOS INDIOS CRENAKS"

MARCADA A VERMELHO



#### VOCABULARIO CRENAK

Com versão para os seis idiomas do "Congresso Internacional de Americanistas":

Portuguez, Castelliano, Italiano, Allemão, Inglez e Francez.

Contém o mesmo cento e sessenta e cinco (165) termos, todos de uso vulgar e constante, em sua maioria, de pronuncia aspirada e nasal, tomados pelo autor ás margens do poetico Rio Doce, nos limites dos Estados de Minas Geraes e Espirito Santo, no anno de 1918.

Não só os proprios indios davam a conhecer o que significava cada palavra, que era logo annotada, como o interprete do Serviço de Protecção aos indios, destacado em Collatina, e alli, na occasião, confirmava, ou melhor, explicava.

Offerecido á XX reunião desse certamen scientifico mundial, para ser utilisado pelos seus membros, principalmente pelos estrangeiros em visita á supra referida tribu indigena, quando lhes aprouver.

#### VOCABULARIO CRENAK

CRENAK	PORTUGUEZ	CASTELLANO	ITALIANO	DEUTSCH	ENGLISH	FRANÇAIS
TUPAN	Deus	Dios	Dio	Gott	God	Dieu
NAK	Terra	Tierra	Terra	Erde	Earth	Terre
MUNHAN	Agua	Agua	Acqua	Wasser	Water	Eau
TARU'	Ar, Vento	Aire, Viento.	Aria, Ven-	Luft, Wind	Air, Wind	Air, Vent
JONPEK	Fogo	Fuego	Fuóco	Feuer	Fire	Feu
ТЕРО́	Só1	Sol	Sóle	Sonne	Sun	Soleil
MUNHAK	Lua	Luna	Luna	Mond	Moon	Lune
ET-ET	Estrella	Estrella	Stella	Stern	Star	Etoile
TARUCRIN	Trovão	Trueno	Tuono	Donner	Thunder	Tonnerre
TEMPRAN	Manhã	Mañana	Mattina	Morgen	Morning	Matin
AMPIM	Noite	Noche	Notte	Nacht	Night	Nuit
AUCTCHUN	Dia	Dia	Giorno	Tag	Day	Jour
UATU'	Rio	Rio	Fiume	Fluss	River	Rivière
JOPIK	Montanha	Montaña	Montagna	Berg	Mountain	Montagne
OMUNHAN	Praia	Playa	Spiággia	Meerufer	Shore	Plage
AM	Matta	Bosque	Floresta	Wald	Wood	Bois
BRAUM	Caminho	Camino	Via	Weg	Way	Chemin
TACRUK	Pedra	Piedra	Pietra	Stein	Stone	Pierre
JONCATI	Canoa	Bote	Canoa	Kanoe	Canoe	Canot
тснои	Arvore	Arbol	Albero	Baum	Tree	Arbre
GRAPOK	Machado	Hacha	Scure	Beil	Axe	Hache
CRAK	Faca	Cuchillo	Coltello	Messer	Knife	Couteau
QUIJEM	Casa	Casa	Casa	Haus	House	Maison
GRIN-GRIN	Dinheiro	Plata	Danaro	Geld	Money	Argent
PUM	Espingar- da.	Escopeta	Schioppo	Flinte	Gun	Fusil
AMAPRIM	Trabalho	Trabajo	Lavoro	Arbeit	Work	Travail
MANCUT- PRAM.	Fome	Hambre	Fáme	Hunger	Hunger	Faim
TCHINGU- RAM.	Sede	Sed	Séte	Durst	Thirst	Soif

	1			1		
CRENAK	PORTUGUEZ	CASTELLANO	ITALIANO	DEUTSCH	ENGLISH	FRANÇAIS
HAN-HAN	Sim	Si	Si	la	Yes	Oui
NUK	Não	No	Non	Nein	No	Non
ERERRÉ	Bonito	Lindo	Bello	Schön	Pretty	Joli
TONE	Feio, Ruim	Feo, Malo	Brútto, Malo.	Hässlich Schlecht.	Ugly, Bad	Laid, Mau- vais.
мом-мом	Doença	Enferme- dad.	Malattia	Krankheit	Sickness	Maladie
JAPU'	Mãe	Madre	Madre	Mutter	Mother	Mère
GICAN	Pae	Padre	Padre	Vater 1	Father	Père
CRUK	Filho	Hijo	Figlio	Sohn	Son	Fils
NHORA'	Mulher	Mujer	Moglie	Weib,Frau	Wife, Wo-	Femme
GITEUCAN	Marido	Marido	Marito	Gatte	Husband	Mari
GIRUM	Branco	Blanco	Bianco	Weiss	White	Blanc
RIM	Preto	Negro	Nero	Schwarz	Black	Noir
BRUCU'CU'	Vermelho	Rojo	Rósso	Roth	Red	Rouge
CARAHY	Homem	Hombre	Uomo	Mann	Man	Homme
CRUKNIM	Criança	Criatura	Bambino	Kind	Child	Enfant
NEM	Arco	Arco	Argo	Bogen	Bow	Arc
OAGIK	Flecha	Flecha	Fréccia	Pfeil	Arrow	Flèche
MAQUINHAM	Anzól	Anzuelo	Amo	Angel	Hook	Hameçon
МЕТОК	Brinco, Ba- toque.	Pendiente, Sarcillo.	Orecchino, Záffo.	Ohrring, Spund.	Earring, Bung.	Boucle d' oreille, Bonde.
PAN	Mel	Miel	Méle	Honig	Honey	Miel
PAN-CAT	Cêra	Cera	Cera	Wachs	Wax	Cire
GRAVATU'	Rapadura	Pan de Azúcar Oscuro.	Pane de zucchero		Rawsugar- loaf.	Pain de su- cre brut.
PORIM	Farinha	Harina	Farina	Mehl	Flour	Farine
AMBECHIK	Mandióca	Mandioca	Manioca	Maniok	Manioc	Manioc
MUMRIM	Canna	Caña de Azúcar.	Canna de zucchero	Zucker- rohr.	Sugarcane	Canne à sucre.
UATI	Milho	Maiz	Miglio	Maiz	Maize	Maïs

-						
CRENAK	PORTUGUEZ	CASTELLANO	ITALIANO	DEUTSH	ENGLISH	FRANÇAIS
-						
JAMTÁ	Feijão	Frijol	Fagiuolo	Bohne	Bean	Haricot
GIPOCAN	Banana	Platano	Banana	Banana	Banana	Banane
BAÚK	Peixe	Pescado	Pesce	Fisch	Fish	Poisson
UINE	Carne	Carne	Carne	Fleisch	Flesh Meat	Viande
JEK	Osso	Hueso	Osso	Kinochen	Bone	Os
САМТСНАК	Sangue	Sangre	Sangue	Blut	Blood	Sang
HYNHAM	Piolho	Piojo	Pidócchio	Laus	Louse	Pou
PRIK	Formiga	Hormiga	Formica	Ameise	Ant	Fourmi
KEP	Mosquito	Mosquito	Zanzara	Moskito	Mosquito	Moustique
POROCUM	Abelha	Abeja	Ápe	Biene	Bee	Abeille
YAYAK	Maribon- do	Avispa	Véspa	Wespe	Wasp	Guêpe
TCHÉQUÉK	Borboleta	Mariposa	Farfalla	Schmet- terling	Butterfly	Papillon
CUPARAK	Onça	Onza	Oncia	Jaguar	Jaguar	Once
CUSMARAM	Anta	Tapir	Tapir	Antathier	Tapir	Tapir
BÓCRIM	Veado	Ciervo	Cervo	Hirsch	Deer	Cerf
CRANDJUM	Cavallo	Caballo	Cavallo	Pferd	Horse	Cheval
EMBONE	Capivara	Capivara	Capivara	Kapivara	Capivara	Capivara
MÉ-MÉ	Cabrito	Cabrito	Capretto	Bock	Kid	Chevreau
GON	Cachorro	Perro	Cáne	Hund	Dog	Chien
CUPERIK	Macaco	Mono	Macaco	Affe	Monkey	Singe
CUREK	Porco, Cae- titú	Puerco, Caetitú	Pórco, Caetitú	Schwein Caetitú	Pig, Caeti- tú	Cochon, Caetitú
UÉCROM	Pacca	Puerco del Bosque	Paco	Nagethier	Pacca	Pacca
MARAQUINIM	Cotia	Aguti	Cotia	Agutti	Agutti	Agouti
BATIK	Coelho	Conejo	Coniglio	Kaninchen	Rabbit	Lapin
EHRRÓ	Preguiça	Preguiça	Preguiça	Faulthier	Sloth	Preguiça
CRAYAYATI.	Gato	Gato	Gatto	Kater	Cat	Chat
ERÊ	Jacaré	Caimán	Coccodril-	Kaiman	Alligator	Caiman
J EQUERÉ	Lagarto	Lagarto	Lucerta	Eidechse	Lizard	Lézard

	1		1			1
CRENAK	PORTUGUEZ	CASTELLANO	ITALIANO	DEUTSCH	ENGLISH	FRANÇAIS
			,			
GRA:	Cobra	Culebra	Serpe	Schlange	Snake	Couleuvre
NET-NET	Rato	Rata	То́ро	Ratze	Rat	Rat
DJIÚ-DJIÚ	Morcego	Murciélago	Pipistrello	Fleder- maus	Bat	Chauve- souris
CANGÓ	Sapo	Sapo	Róspo	Kröte	Toad	Crapaud
PONDJUN	Mutum	Mutum	Mutum	Mutum	Mutum	Mutum
AMPÁ	Urubú	Cuervo	Corvo	Rabe	Vulture	Corbeau
ANGOVOK	Macuco	Macuco	Macuco	Macuco	Macuco	Macuco
HON-HON	Gavião	Gavilán	Sparviére	Sperber	Hawk	Epervier
HAN-HAN- HAN.	Jacú, Gal- linha	Jacú, Gallina	Jacú, Gal- lina	Auerhahn Henne	Jacú, Hen	Jacú, Pou- le
MRAN-MRAN.	Capoeira	Capoeira	Capoeira	Kapoeira	Capoeira	Capoeira
PURURUK	Coruja	Lechuza	Strige	Eule	Owl	Hibou
INRIK	Pomba	Paloma	Colomba	Taube	Pigeon	Pigeon
COEM - NET- NET.	Pomba rola	Tórtola	Tortora	Turtel- taube	Turtle- dove	Tourte- relle
CRENE	Cabeça	Cabeza	Testa	Kopf	Head	Tête
JACJETE	Barba	Barba	Bárba	Bart	Beard	Barbe
CRENGUÊ	Cabello	Cabello	Capello	Haar	Hair	Cheveu
IMBAUQUIÉ	Bigode	Bigóte	Mostac- chio	Schnurr- bart	Mustache	Moustache
GI	Pelle	Piel	Pelle	Haut	Skin	Peau
PONTCHÁ	Pé	Pié	Piede	Fuss	Foot	Fied
JUNE	Dente	Diente	Dente	Zahn	Tooth	Dent
JITIOK	Lingua	- Lengua	Lingua	Zunge	Tongue	Langue
QUITOM	Olho	Ojo	Occhio	Auge	Eye	Oeil
NINCHMÁ	Bocca	Boca	Bocca	Mund	Mouth	Bouche
UÉON	Orelha	Oreja	Orecchio	Ohr	Ear	Oreille
GIN	Nariz	Nariz	Naso	Nase	Nose .	Nez
PORAK	Seio	Teta	Seno	Busen	Breast	Sein
MEREK	Braço	Brazo	Braccio	Arm	Arm	Bras.
MAK	Perna	Pierna	Gamba	Bein	Leg	Jambe 6

CRENAK	PORTUGUEZ	CASTELLANO	ITALIANO	DEUTSCH	ENGLISH	FRANÇAIS
PÓ	Mão, Dêdo	Mano, Dedo	Mano,Dito	Hand, Fin- ger	Hand, Fin-	Main, Doigt
CRENAT	Unha	Uña	Unghia	Nagel	Nail	Ongle
UANGNI	Barriga	Barriga	Ventre	Bauch	Belly	Ventre
GIPÓ	Vagina	Vagina	Vagina	Mutter- scheide	Vagina	Vagin
QUIJU'K	Membro- Viril	Miembro- Viril	Membro- virile	Männli- ches-glied	Viril-mem- ber	Membre viril
JOTAN	Anus	Ano	Ano	After	Anus	Anus
GISPIN	Gravidez	Embarazo	Gravidán- za	Sch wan- gerschaft	Pregnancy	Grossesse
BAU'K-AUÓ	Pescar	Pescar	Pescáre	Fischen	To Fish	Pêcher
PAUÁ	Parar	Parar	Fermare	Aufhalten	To Stop	Arrêter
PRAM	Gostar	Gustar	Gustare	Schme- cken	To taste	Goûter
CONAMPAG	Brigar	Luchar	Lottare	Zanken	To Fight	Lutter
QUIGEMA- NHÁ.	Casar	Casar	Ammoglia- re, Mari- tare	Vermählen	To Marry	Se-marier
GRI	Cantar	Cantar	Cantáre	Singen	To Sing	Chanter
NI-IM	Chamar	Llamar	Chiamare	Rufen	To call	Appeler
TI	Levantar	Levantar	Solleváre	Heben	To Raise	Lever
RIT	Sentar	Sentar	Sedére	Setzen	To Sit- down	Asseoir
UI	Deitar	Acostar	Coricáre	Legen	To Lie- down	Se-coucher
MURRU'	Nadar	Nadar	Natare	Schwim- men	To Swim	Nager
QUITÓTI	Cozinhar	Guisar	Cucináre	Kochen	To Cook	Cuire
AN	Falar	Hablar	Parlare	Sprechen	To Speak	Parler
TARUNGRIM.	Dansar	Bailar	Danzáre	Tanzen	To Dance	Danser
APRAME	Correr	Corrêr	Correre	Laufen	To Run	Courir
CUEM	Morrer .	Morir	Morire	Sterben	To Die	Mourir
MANGUT	Comer	Comer	Mangiare	Essen	To Eat	Manger
JOPE	Beber	Beber	Bévere	Trinken	To Drink	Boire

	1	1	1		1	1
CRENACK	PORTUGUEZ	CASTELLANO	ITALIANO	DEUTSCH	ENGLISH	FRANÇAIS
CRUKJUNI	Dormir	Dormir	Dormire	Schlafen	To Sleep	Dormir
RAN	Rir	Reir	Ridere	Lachen	To Laugh	Rire
ORERIME	Sahir	Salir	Uscire	Ausgehen	To Go-ou	Sortir
GOT-GOT	Dôr	Dolor	Dolore	Schmerz	Pain	Douleur
AMUM - TOK- TOK.	Copular	Fornicar	Copuláre	Begatten	To Copu-	Copuler
ARARATE	Cansado	Cansado	Stánco	Matt	Tired	Fatigué
AMUROM	Longe	Lejos	Lúnge	Fern	Far	Loin
JAGI	Compre- hender.	Comprender.	Comprén - dere.	Verstehen	To Under- stand.	Comprendre.
JAGI-NUK	Não com- prehen- der.	No comprender.	Non com- préndere		Not To Under- stand	Ne pas compren- dre
INCÚ - PAK- PAK.	Defecar	Ensuciar	Defecáre	Abklären	To Defe- cate.	Défequer
QUIJÚ - M U - NHANGA.	Urinar	Orinar	Orináre	Harnen	To Urine	Uriner
TÉCUEM	Matar	Matar	Uccidere	Tödtem	To Kill	Tuer
CURIM	Lavar	Lavar	Laváre	Waschen	To Wash	Laver
AMAPRINE	Trabalhar	Trabajar	Lavórare	Arbeiten	To Work	Travailler
M U N H A N- MUNHAN.	Chuva	Lluvia	Pióggia	Regen	Rain	Pluie
JUNT-CHAK	Amigação	Concubi- nato.	Concubi- nato.	Konkubi- nat.	Concubi- nage	Concubi- nage.
M A Q UINHA- ME.	Velho	Viejo	Vecchio	Alt	Old	Vieux
UAME	Catinga	Fetidez	Fetore	Gestank	Stink	Puanteur
IRÁ	Devagar	Despacio	Adagio	Langsam	Slowly	Douce- ment
JAPE	Cedo	Temprano	Di buon'- ora.	Früh	Soon	Bientôt
INHAUTE	Muito	Mucho	Molto	Viel	Much	Beaucoup
RIME	Café	Café	Caffé	Kaffee	Coffee	Café
INHAM-NIK	Indolencia	Indolencia	Indolenza	Trägheit	Indolency	Indolence
JAN	Paú	Palo	Légno	Holz	Stick	Bois
CATE	Casca	Cáscara	Scórza	Rinde	Bark	Ecorce

CRENACK	PORTUGUEZ	CASTELLANO	ITALIANO	DEUTSCH	ENGLISH	FRANÇAIS
GOGINE	Defluxo	Catarro	Deflusso	Schnupa	Cold	Rhume
GIPAQUIJÚ	Grande	Grande	Grande	Gross	Big	Gran
MÉQUE - MÉ- QUE.	Pequeno	Pequeño	Piccolo	Klein	Little	Petit
JACÁ	Roupa	Ropa	Róba	Wäsche	Clothes	Habit
BORUM	Indio	Indio	Indio	Indier	Indian	Indien

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1922. — Antonio Carlos Simoens da Silva.

# RHYTHM IN THE MUSIC OF THE AMERICAN INDIAN

BY

#### FRANCES DENSMORE

The first impression received by a listener is that Indian music is chiefly rhythmic in character. To this is added an impression that the rhythm is monotonous, since the music generally heard is that of a dance with its steady beating of a drum. This impression is heightened by the tireless persistence of the Indians who continue their dancing for many hours.

It is the purpose of the present paper to show that the listener is somewhat justified in his first impression but that he is incorrect in supposing that the rhythm of all Indian music is monotonous. Evidence will be presented to show that rhythm is the respect in which Indian music differs most wideley from that of civilized races that the rliythm of very odl Indian songs is more irregular than that of songs composed in recent years, and that the medicine men considered rhythm, in the form of songs, an essential aid in producing the results attributed to their magic power.

Before enterling upon a comparison of the rhythm on Indian songs with that of our own songs we will note briefly a comparison of the two forms of melody. More than 1300 songs have been phonographically recorded by the writer, under the auspices of the Bureau of American Ethnology of the Smithsonian Institution, Washington, D. C. The work has been conducted during a period of about fifteen years and includes the Chipewa, Sioux. Ute, Mandan, Hidatsa, Pawnee, Papago, Yuma, Cocopa, Mohave and Yauqi tribes. A majority of the tribal melodies are built upon a framework consisting of a fundamental tone and its first, second, third and fourth upper partial tones, or overtones. These are in accordance with a law of acoustics and constitute major traid in the musical system developed by the white race. The lowest tone of this series appears as a «tone of repose» and to this extent many Indian songs may be said to have a keynote, in the musican's une of that ther. The succession of intervals occasionally suggests other «shords of a key» but the melodic ability of the Indian is limited in its scope. This is shown by the intervals which occur in his melodies. A classification of the intervals occurring in 820 songs from 5 tribes shows that 29 per cent of the progressions are minor thirds and 39 per cent are major seconds (whole tones), these two intervals constituting 68 per cent of the entire number of intervals. A similar analysis of 820 songs of the white race would show a much greater variety of intervals. Many Indian songs are characterized by such melodic freedom that we hesitate to assign any tone as their keynote. These songs have been found chiefly among the dessert tribes of southern Arizona. In these melodies, as well as in the preference for the minor third, we recognize the sense of pleasure as a determining factor. We find, therefore, two factors entering into the formation of Indian melody, i. e., unconscious conformity to natural law, and native estheticism.

We will now proceed to a comparison of the rhythm of Indian music with that of the music of civilized races. One of the most firmly established of our musical customs is that each measure of a composition or part of a composition shall contain the same number of counts. Thus a composition beginning in 2-4 or 3-4 time usually continues in that time. The Indian has no knowledge of « measures » but he accents his songs uniformly in all the renditions, and the musical transcriptions of phonographic records are divided into measures according to these accents. Instead of measures of the same length we find, in a majority of songs, measures of the different lengths alternating in a manner withoch appears erractic: these changes of time, however, impart a unique interest to the melody, compensating for the paucity of melodic material. A typical Sioux song contains 16 measures, changes time 7 times and contains measures in 2-4, 3-4 and 5-8 time.

Tue term «rhythmic unit» has been used by the writer to designate a group of tones which comprises more than one count in a measure, occurs more than twice in a song, and has an evident influence on the rhythm of the entire song. These units vary in length from two counts to four measures and are repeated with the same or with different melodic progression. In some instance a song consists entirely of repetitions of the rhythmic unit; in other instances the unit occurs only a few times but fragments of it appear throughout the melody; in still other instances we find a second oreven a third unit formed by chaging the accent, reversing the count divisions or altering a portion of the first unit, while a lesser number of songs contain two or three units which have no resemblance to each other. A simple exemple of the formation of une unit from another, or the resemblance of units occurs in a Ute song, the first unit consisting of a quarter note followed by two eighths, and the second unit consisting of two eighths followed by a quarter note. A rhythmic unit is present in 68 per cent of the 820 songs under group analysis, 59 per cent containing one rhythmic unit and 9 per cent containing two or more rhythmic units. It should not be inferred that the remaining 32 per cent are not rhythmic in character. In a majority of these songs the melody, as a whole, possesses rhythmic unity and its repetitions constitute a performance which is highly rhythmic. A melody which is one long phrase, incapable of division into smaller phrases, is a melody which is purely native and its general progression is usually different from the songs of other races. Double time os preferred for the beginning of analyzed songs, 55 per cent having the first measure in double time, 6 per cent in quadruple, and only 39 per cent in triple time.

As already indicated there are about 500 recorded songs which are not contained in the group analyses cited above, but a large majority of these songs have been transcribed and individually analyzed, and the results are substantially the same as in the group of 820 songs. There are tribal differences, but it is the opinion of the writer, based upon Indian songs heard as well as recorded, that the group of 820 songs, representing 5 widely separated tribes, contains the qualities which are racial in character.

The importance of rhythm is shown by the fact that a man remembers the rhythm of a song more accurately than the melody, often repeating the rhythm with exactness when changing the melodic progressions. The expressiveness of Indian song rhythm was tested in the following manner:

— an English poem was composed in the same meter as an Indian song.

the poem having the same general content as the native words of the song. About 50 representative Chippewa songs were tested in this manner, and the varied rhythms of the English poems are characterized by dignity, pathos, derision, exaltation, tenderness and other qualities or emotions which were present in the Indian songs.

The possible effect of contact with civilization upon the rhythm of Indian song was tested by a comparison between two groups of Sioux songs, one group containing 147 songs believed to be from 50 to 150 years old, and the other group containing 93 songs, a majority of which were believed to be less than 50 years old, though none were of recent composition: The comparison was conducted by means of the analytical tables used throughout the present work. This comparison showed a difference of 28 per cent in the number of songs having the same lime unit in voice and drum, the old songs having 48 per cent and the modern songs 76 per cent, showing that the old ability to carry two distinct rhythms at the same time was disappearing. The modern songs show an increase in the number of songs having two or more rhythmic units, suggesting a more intelligent use of thematical material, and an increase of 23 per cent in the number of songs beginning on the accented portion of the measure, suggesting directness and clearness of perception. An increase of songs beginning in 2-4 time is also noted in the modern group. These rhythmic differences are presented as interesting observations, but are based upon a somewhat limited amount of material (240 songs). They may be regarded as evidence of changed psychology in the Indian, or of the influence of conventional music, heard more frequently in recent years. Possibly both these factors are present in comparatively modern Indian music. A general examination of the songs of all the tribes under analysis shows however that peculiarity of rhythm characterizes the oldest songs.

We will next consider the rhythm of the accompanying instrument and its relation to the rhythm of the voice. In a large majority of Indian songs this instrument is the drum. A limited number (perhaps 100) songs of the Yuma, Cocopa, Mohave and Yaqui tribes were recorded with the gourd rattle and Ute songs were recorded with the morache. The latter instrument consists of a stick about 25 inches long, notched on one side and rasped by means of a short stick drawn forcibly across the notches. All the songs with the gourd rattle had the same time unit in voice and accompaniment but these songs are not included in the group analysis. Fiftyone per cent of a group of 431 phonograph records shows the same time unit in voice and drum, or moraches. The voice was slower than the accompaniment in 32 per cent and more rapid in 16 por cent, the tempi being steadily maintained and showing no established points of coincidence. A typical example is a Chippewa song in which the tempo of the voice is = 92 and that of the drum is = 104. When voice and drum abve the same time unit, as measured by a standardiezd Maelzel metropome, it might be expected they would coincide but this a respect in which tribes differ. The Yuma, Cocopa and Mohave strike the drum or shake the rattle in exact coincidence with the tones of the voice, while among the Chippewa and Ute and, to some extent, in other northern tribes, the accompanying instrument follows the voice by a perceptible interval of time. In order to obtain graphic evidence of this peculiarity the writer sought the assistance of Dr. Dayton C. Miller, head of the department of physics, Case School of Applied Science, Cleveland, Ohio. This assistance was given most courteously and yielded interesting results. The phonograph was installed in Dr. Miller's laboratory, portions of two records of Ute songs were played by the phonograph, and the sound recorded graphically by the phonodeik, an instrument of Dr. Miller's invention. A portion of the music of the Woman's dance, of about 23 seconds' duration, as reproduced by the phonograph, was photographed with the phonodeik, making a film record about 38 feet long. A somewhat shorter film record was made of the music of the Lame dance. The effect of the drumbeat was to produce a short series of vibrations which, by careful study, could be distinguished from the pattern produced by the tones of the voice. In his report on this investigation Dr. Miller states tha the drumbeat «follows the beginning of an accented voice tone with great regularity. Of 25 such instances identified on the photograph the drumbeat follows the voice by 0.12 second in 12 cases, and in no instance does the interval differ from this by more than 0.02 second. A comparison has been made of a portion of the photographic record, about 20 feet long, ... with the phonographic reproduction timed with a stop watch. In this manner it was possible to locate the principal notes in exact time.»

A certain Yume song was remarkable in its relation of drum and voice. Each was measurable by an eighth note value, but the two were differently accented, the drum maintaining a steady beat in quarter notes values while the voice was accented in 3-8 times, with occasional 4-8. 5-8 and 3-4 measures. In the transcription the tempo of the drum' is drum and voice coincided on the first accented note of the song and at time intervals of a quarter note throughout the song though, according to the voice accents, the drumbeat occurred on the first, second, third and fourth counts of a measure. Sometimes the drumbeat occurred with the voice accent, sometimes in the midst of a sustained tone of the voice, and occasionally with the final eighth note of a measure. Near the close of the song there occurs a 3-8 measure, followed by a 4-8, 5-8, and 4-8 measure, clearly accented. The drum is coincident with the voice at the beginning of the 3-4 measure and, being in quarter note values, was again coincident with the voice at the beginning of the last 4-8 measure. Several renditions were recorded and show no variation of rhythm or of coincidence.

Thus far we have considered rhythm as a physical quality of Indian music. In conclusion we will observe the connection of rhythm with the acts of the medicine men which were attributed to their supernatural power. These acts included the treatment of the sick, the working of charms, and the control of natural phenomena, as thunder, rain, wind, clouds and fair weather. For instance, a Cocopa medicine man was said to have a song which would check the overflow of the Colorado river. Human life, animal life, and natural phenoment were the field of the medicine man's demonstration and music was an inseparable part of his performance. Thus it appears that the means were rhythmic and that the objectives were, in a large use of the terms, rhythmic and cyclical. The writee does not recall instances of medicine power directed toward inertmatter except those in which either hypnotism or clairvoyance were factors. In the initiaation ceremony of the Chippewa Midewiwin (Grand Medicine Society) the novitiates are «shot with spirit power», a definitive effect being produced by rhythm apart from song. The initiators advance toward the novitiate, repeatedly moving their medicine bags downward with the force of a heavy blow and ejaculating «wa hi hi hi», in a rythmic manner. The novitiates falls prostrate and unconscions upon the

ground. The initiators then sing a song with a steady rhythm of 4 eighth notes followed by one or two half notes, after which the novitiate is raised in a sitting posture and a white shell removed from his mounth. He again falls prostrate and after certain ceremonial acts a song is sung which has a slightly different and more energetic rhythm.

Quarter notes, and dotted eighths and quarters, appear in this song though the principal phrase resembles that of the preceding song and consists of a quarter note followed by two eighths and a half note. After this song the person being initiated is so filled with «spirit power» that he is able to «shoot» the initiators causing them to sit down, but his pewer is not great enough to render them unconscious. A close analysis of the rhythms of songs used in treating the sick would show numerous instances as interesting as the preceding. The rhythm of one such song is so filled with vitality that it would be energizing if beaten upon a percussion instrument instead of sung. The words are translated «In a dream I was told to do this».

It is important to note that all songs associated with "spirit power" were said to have been «received in dreams». This means that they came in a supposedly supernatural manner to the mind of a man who was hoping for such experiences and had established the mental and physical conditions under which they were believed to occur. Frequently the song was believed to come from a supernatural entity (commonly called a «spirit») who promised assistance in time of need, this assistance to be obtained by singing the song and performing certain acts. Thus, in the opinion of the Indian, a supernatural entity communicated with him in a manner which was rhythmic, and he had the power to re-establish the communication and draw upon a source of supernatural power by repeating this rhythm in the form of his «personal song».

The Indians under observation seem to regard Nature and natural phenomena as friendly to them. For instance, a Chippewa medicine man was asked whether a storm on the lake indicated that the water spirit was angry with those who wished to cross the lake. He replied that this was not the case as waves and winds are natural but that the water spirit teld certain men how to make request of him, if the waves interfered with their journey. One such man was usually in every party of travellers and it is said that his request was always successful. It is interesting to note that those who had dreamed of water were said to be the most successful in treating the sick. Turning to the Papago, in the extreme south of Arizon, we find a belier that certain diseases are caused by certain animals, but that the animal always gives to a medicine man a series of sangs which will cure that diseases. Thus a man may hava the sengs for the «deer sickness», or the «quail sickness», and his services will be sought by those suffering from that ailment. If the patient does not recover it is said to be due to one of two causes, either the diagnosis was incorrect or the man is suffering from more than one disease, in which latter case the second disease must be determined and a summons sent to the man who knows the proper songs for its cure.

From the foregoing it apears that peculiarity of rhythm is the chief racial characteristic of Indian music, and that, in the mind of the Indian, it is associated with supernatural or mysterious power.



#### LA YERBA MATE

## UNA PLANTA SIMBÓLICA DE AMÉRICA

POR

#### GUILLERMO TELL BERTONI

### Qué es la Yerba?

Si bien el totemismo ni los seres sagrados, animales ni vegetales no se conocieron en América, la Yerba-mate es en cierto modo el símil de la sagrada encina del Druidismo o del abeto que cura de la mitología germánica.

La Yerba es el árbol simbólico que privilegia um lote de América, cuna tambien del imperio Guaraní.

Es el Kaá, árbol por excelencia, bálsamo de mágicos prestigios del guaraní, hijo de la selva e intérprete de las maravillas reales de la creación orgánica, que constituía su religión y su ciencia como el misticismo y la magia lo fueron para otros pueblos.

Es el Ilex paraguariensis de Saint Hilaire.

Es la sutil medicina, alimento de ahorro, mitigador del hambre y la sed, estimulante orgánico y muscular del aborígen, cuyas hojas dan el Té del Paraguay o Yerba-mate, bebida clásica de la antigua provincia homónima cuyo uso se extendió a todos los países vecinos

## Origen del té del Paraguay

El orígen de la Yerba como agente usual del hombre aborígen, se pierde en las tinichlas insondadas de la prehistoria americana.

El conquistador europeo encontró en la población nativa de este continente una civilización sui generis oculta de bajo del ropage de la salvajez, cuyo aspecto más saliente, consecuencia de su plácida vida silvática, era el admirable dominio de los agentes biológicos naturales que permitió a esos pueblos un notable adelanto en agricultura y botánica medica.

El guaraní daba a la Yerba varias aplicaciones medicinales, pareciendo ser la más autigua la de succedáneo de la Coca de Bolivia y la Quina del Perú, pues, además de las virtudes mencionadas le atribuían propriedades febrifugas y mitigadoras de la sed, análogas a las de éstas plantas.

Cuentan los primeros historiadores de la conquista que en sus largos viajes y cacerias, el aborígen guaraní no olvidaba su provisión de hojas de Kaá que usaba, a modo de masticatorio, como preventivo contra las fiebres y para resistir a las penurias y privaciones de los largos viajes.

Pero desde épocas remotas el indio tomaba la infusión de Yerba, no obstante pretenderse que fueron los conquistadores y Misioneros Jesuitas los que les enseñaron su uso.

Los más antiguos historiadores refieren haberse encontrado té de Yerba en las tumbas incásicas de Ancon (Perú) habiéndose después demostrado que desde antes de la conquista existia un comercio activo de Yerba entre los guaranies del Paraguay y el imperio de los Incas.

Felix de Azara' (1) afirma, que: «Los indios silvestres del Monday y Mbaracayú usaban tomar de esta yerba y de ellos lo aprendieron los españoles».

Ruiz Diaz de Guzmán en su «Historia Argentina» del año 1612 refiere que Hernando Arias de Saavedra — Gobernador del Paraguay de 1592 a 1594 — descubrió una vez en poder de los indios que le acompañaban un saco de té elaborado, que ellos llamaban Kaá, y que de este hecho arranca la adopción por los conquistadores de la preciosa bebida.

El padre Montenegro en su famoso «Tratado de Medicina Popular», interessante obra de medicina que resume los conocimientos médicos del «curandero» español contemporáneo y del médico guaraní, basado exclusivamente en las plantas medicinales del Paraguay, deja, así mismo, constancia de que los indigenas tomaban la infusión a frio y consigna interesantes datos sobre sus propriedades, que reflejan las mágicas virtudes que le atribuia el aborígen (2).

## Leyendas y tradiciones referentes a la Yerba

Varias son las leyendas recogidas de los guaranís por los primeros historiadores y misioneros jesuitas, que demuestran la antiguidad del uso de la Yerba, las muchas virtudes medicinales que le atribuían y aceptaron los conquistadores traduciendolas en el nombre de «Yerba de Todos los Males» que le dieron cuando fué adoptada como medicina incorporada a la rudimentaria farmacopea que formularan anónimos Galenos en la Provincia del Paraguay, y su inmediata adopción como bebida usual.

Pero además de esto la Yerba era una planta casi sagrada, entorno de la cual se forjaron varias leyendas.

Es tradición muy antigua entre los guaranies del Paraguay que en épocas remotas pasó por estas tierras un apóstol predicador de altas doctrinas, conocido en el Paraguay por el nombre de *Paú Zumé* y en el Perú con el de *Paú Tumé* (3). Los jesuitas tradujeron este nombre por Santo Tomé y pretendem que es el pasaje de este apóstol el que recuerda la tradición guaraní.

<sup>(1)</sup> Descripción e Historia del Paraguay y Rio de la Plata. II edición, pag. 89.

<sup>(2)</sup> De esta obra existen varias versiones manuscriptas cuyo original se atribuye al padre Buenaventura Suarez que actuó como enfermero en las misiones jesuíticas del Paraguay del año 1702 al 1710.

<sup>(3)</sup> Rui de Montoya « Conquista Espiritual », Bilbáo, 1892, pag. 95.

Y bien: El padre Montenegro, en la obra citada, dice ser una tradición antigua en el Paraguay que fué Paí Zumé quien enseñó al aborígen el uso de la yerba en épocas remotas.

El padre Guévara, agrega: Que habiendo llegado el apóstol Santo Tomás (Paí Zumé) a la provincia de Mbaracayú, situada a más de cien leguas de la Ciudad de Asunción, halló pobladas las campiñas de árboles de Kaá (Yerba: cuyas hojas eran venenosas; y, que entonces, tomó entre sus manos obradores de milagros una porción de hojas y, tostándolas al fuego, las purificó de sus calidades nocivas diciendo al indio que, tostándolas así, podian beberla. Desde entonces la usaron los indios atribuyéndole propiedades milagrosas (4).

Estas leyendas quizás tengan orígen en esta otra que consigna el padre Mentoya: (5) « Con todo cuidado he buscado su orígen entre indios de 80 y 100 años, y he sacado por cosa averiguada, que en su juventud no se bebia ni se conocía, sino de un hechicero o mago que tenía trato con el demonio, el cual le instruyó que cuando quisiese consultarle bebiera de esta yerba, y así lo hizo, y desde entonces otros han usado de la misma yerba para hacer sus hechizos ».

Pero el mito más importante es el Kaa yarihi o hada de los yerbales (literalmente abuela de la yerba). No se conoce la versión exacta de esta leyenda tan popular hasta entre los yerbateros de nuestros dias. Sólo veinte años atrás, nadie entraba en el hosque a elaborar yerba sin celebrar previamente un pacto con Kaa yarihi, y atribuian a la inteligencia con esta hada, dueña de los yerbales y a su protección el exito de la empresa.

Parece que para el guaraní la planta misma de la Yerba era el hada del bosque de manera que en vez de existir una deidad mistica ejerciendo influencia y dominio sobre la planta de la yerba, esta misma planta seria el hada de los bosques.

De manera que Kaa yarihi debe traducirse en Hada del bosque y es el verdadero nombre original de la Yerba, y no en Hada de la yerba como generalmente se traduce.

El guaraní no habria, pues dado a esta planta el nombre de Kaá por antonomasia, por considerarla la planta o árbol por excelencia, sinó por que esta planta era considerada algo así como una deidad en el besque e Kaá.

Por fin hasta hoy es muy mentado en los «yerbales» y entre la población campesina en general, el Arandú Kaatíh (literalmente sabio de los yerbales), personajes semi legendarios, cuya sabiduria es confidencia de las hadas de las selvas. Existen aún en nuestros dias Arandú Kaatíh más o menos autenticos, especies de bardos populares y oraculos del folk-lore nacional que el «yerbatero» y el labriego oye con fruición y respeto.

Asunción del Paraguay, Mayo de 1920.

<sup>(4)</sup> A. LAMAS « Colección de Obras, Documentos y Noticias ». Buenos Aires, 1882.

<sup>(5)</sup> Obra citada, pag. 38.



# CULTOS AMERICANOS

# Memoria apresentada ao XX Congresso Internacional de Americanistas

PELO

### DR. A. AUGUSTO DE S. PINTO

Não posso pretender, no presente estudo, organizar, de modo definitivo, o systema complexo das religiões e cultos durante o cyclo precolombino na America; tenho só em fito lançar no espirito dos estudiosos a suggestão dum bellissimo thema historico e scientífico, a que me não abalanço por dois motivos irremoviveis — falta de tempo e carencia de erudição.

A materia não foi ainda abordada, sob o seu aspecto verdadeiro e, menos ainda, sob a orientação adequada, pois os que versaram o assumpto, baseados em documentos da época da conquista, ou viram, apenas com criterio litterario, ficções e lendas, mais ou menos emocionantes e curiosas, ou enxergaram, no vasto substractum disperso pelas florestas e ruinas, elementos secundarios de archeologia, mais aproveitaveis á prehisforia artistica que ao delineamento da monumental MYTHOLOGIA COMPARADA DA AMERICA, obra estupenda de erudição que os Congressos AMERICANISTAS devem tomar a peito, colligindo os respectivos materiaes duma maneira criteriosa e uniforme, de cada paiz americano, captando os varios subsidios, numerosos, porém até hoje disseminados.

Se ao presente trabalho fallecem as qualidades exigiveis, é, comtudo, de tal monta o seu designio que estou certo serei não só desculpado pelas lacunas, como tambem elogiado pela suggestão.

As pesquizas de raça, idioma, litteratura, artes, industrias, etc., serão porventura mais relevantes que as de idéas, sentimentos, crenças é religião dos nossos antecessores no sólo americano?

Julgo que o indigena, objectivo, material, nos vestigios que apresentam suas ossadas e os artefactos das suas mãos industres, será menos interessante que o peruviano, o mexicano, o guarany, subjectivos, cuja alma, atravez dos seculos, iremos evocar dos tumulos, cujo coração nos virá trahir segredos, que a morte, na sua brutalidade, não conseguiu immergir nos seus arcanos.

Outros de mór capacidade emprehendam essa gloriosa tarefa, surprehendendo esses mysterios, cuja perspectiva, muito de longe, tomo a mim apontar aos competentes, que outros estudos preoccupam e que este, talvez, desalente ou intibie. A gloria, porém, será maior que o sacrificio e a America, com certeza, poderá exhibir a sua Mythologia, como os demais continentes, toda nossa, desde os mythos que a formaram até á concatenada disposição a que for submettida. Podemos aproveitar bellas monographias publicadas nos Estados Unidos e nas Republicas hispano-americanas, submettendo-as sómente á homogeneidade de um plano. Para a efficiencia, porém, da conjunção desses valiosos contingentes seria mistér organizar-se uma Commissão Permanente que, no futuro Congresso, trouxesse já elaborados os delineamentos da obra, facilitando assim a respectiva discussão. Além da economia de tempo, de esforço e de sacrificios, o periodo que medeasse do actual Congresso ao outro habituaria os encarregados dessa tarefa a estudos mais proficuos ao fim visado, pois o caracter da nossa organização imprime um cunho transitorio e especial ás nossas pesquizas, que nunca deixarão de ser reduzidas e fugaces.

1

A Heliolatria dos Muyseas, Mayas, Chibchas, Mexicanos e Peruvianos, por si, constituiria um capitulo digno de estudos, já nos seus detalhes, já comparada á mythologia astral dos Aryas e ás concepções animistas do Egypto. Seguir as phases dessa evolução, em parallelo com as congeneres da China, antes do Confuncianismo e do Taotismo, trará, com certeza, muita luz sobre o problema da origem das raças americanas. Entre si mesmas, divergem, na ordem e especie das cerimonias, sacrificios e sacerdotes, as mythologias americanas, cujo realismo animista soffre variações bem profundas.

O fetichismo, o totemismo, os ritos offerecem á Ethnographia elementos preciosos, que, coordenados por nós, servir-lhe-hão á saciedade. Encontraremos tambem na America certos — tabus, — á semelhança dos polynesicos, cujo estudo será devéras interessante.

Acharemos, não só no Perú como em outras regiões, crenças monotheisticas, attestadoras, inequivocas, duma elaboração theologica erudita e de locubrações já da esphera eschatologica, algumas concomitando com progressos estheticos, sociaes e moraes dignos de nota.

Penso ter motivos plausiveis para divergir, quanto ás religiões americanas, das doutas opiniões de Oliveira Martins e Reinach, sobretudo do primeiro, mesmo em respeito a certas conclusões theoricas que impugno, estribado nas lições de Toutain e M. Müller.

Assim, por exemplo, não soube explicar Oliveira Martins a sexualidade propria de certas mythologias, embóra, com justica, repellisse a opinião dos que attribuem incapacidade de mythologia aos povos cujos idiomas não teem genero para os substantivos. Nos estadios que antecedem á poly e á monogamia, o regimen familiar é o matriarcado; dahi designarem, como fazem nossos tupys, a divindade com attributos femininos e affectos maternaes: Coara-cy (mãe dos viventes) — Sol; Jura-cy (mãe das plantas) — Lua — (Couto Magalhães, "O Selvagem").

O que, porventura, se encontre tôlo, selvagem, irracional nos mythos americanos não é mais do que uma qualidade intrinseca específica, ao lado da parte sobrenatural, que todo mytho é susceptivel de apresentar, e, por isso, não deve ser motivo á sua exclusão do systema que estiver sendo elaborado.

Certos escriptores, respigando, muito por alto, as informações sobre os povos antigos da America, não se deram ao trabalho duma coordenação methodica e logica; outros, haurindo noções erroneas sobre a irreligiosidade dos americanos, cooperaram para a indecisão reinante no estudo da nossa mythologia.

Um capitulo de grande attracção para os que propendam ás investigações relativas ás superstições será o dos actos magico-religiosos ou ritos de passagem, que, no Brasil, são abundantes.

Tudo isso, methodicamente ajustado e exposto de accordo com um plano criterioso e scientifico, constituirá um emprehendimento significativo e vultoso.

O labor subdividido, cada paiz fornecendo os dados essenciaes, o resultado será facil e accessivel, em tempo relativamente curto, com esforço imperceptivel e despesa quasi imponderavel.

#### H

Não temos mythologia? Faltam ás nossas religiões Hesiodo e Ovidio, perpetuando, nos versos, a poesia dos mythos e allegorias.

Não seriam dignas dum poema as tradições religiosas que passo a expór ?

Procedente da cordilheira de Chingasa, *Bóchica*, alvas barbas cahidas sobre o peito, vem, apiedado da miseria dos Chibchas, acompanhado da bella e perversa *Chia*, esparzir beneficios, que esta inutilizava. Em castigo da sua maldade, após o diluvio que produzira, *Chia* foi convertida na Lua, malefica ainda, no silencio das noites.

Uricoechea, numa magnifica monographia, nos informa que *Bóchica*, á semelhança do *trimurti* hindú, encerrava tres pessoas numa só divindade, sendo, por isso, representado com tres cabeças.

Ao sol offereciam os chibehas sacrificios humanos, de 15 em 15 annos, usando os sacerdotes mascaras ao rosto.

Havia ainda os seguintes deuses:

Chibchacum, protector dos lavradores, a cujos hombros, Atlas americano, é carregado o mundo;

Fo, ébrio e dancarino:

Buchue, a Eva chibcha, que, esposando o proprio filho, deu começo á humanidade.

Com grande pompa, junto ao lago de Guatavita, em cujas aguas se atiravam, faziam suas festas religiosas.

Segundo Gracilaso, Precost, Ciesa de Leon, os Incas adoravam o sol, os phenomenos da Natureza, os astros. O Sol, esposo da Lua, era a divindade suprema, mas constituia apenas a manifestação duma outra divindade eterna, immutavel (Bahakamaj).

Admittiam a immortalidade da alma, o demonio (Supahy).

Como os romanos, consagravam á religião virgens, enclausuradas no templo do Sol.

Nos wakas recolhiam os mortos, cuja memoria veneravam.

Ao contrario dos Chibehas, não immolavam victimas humanas nas suas cerimonias religiosas, cuja magnificencia era extraordinaria.

Manco-capac foi o Confucio do Perú, o theologo legislador.

O lago Titicaca, foi o thalamo nupcial do Sol e da Lua, donde surgiram Manco-Capac e sua irmã e esposa Mama Ocllo, na missão divina. A lenda desse pontifice, philosopho, legislador e rei é tão bella como as da Asia Menor, Egypto, Grecia, Roma, etc.

As ruinas, como as paginas desmanteladas dum gigantesco livro de pedra, não teem sido mudas á interrogação dos sabios, de modo que á guisa do Egypto e da Asia Menor, a America, além dos Quipos, escreveu sua historia nos edificios que a guerra e o tempo desmoronaram.

Os Paos, tambem adoradores do Sol, além de crerem na immortalidade da alma, se abstinham de maltratar os cães de pello branco, pelo temor de, na outra vida, serem por elles mordidos e Guequiau, seu primitivo legislador, instituiu a casta sacerdotal dos Mahanes, a cujas préces, no meio de danças, o Sol revelava seus oraculos.

Essas cerimonias eram orgiacas, como em certos cultos obscenos da antiguidade classica.

O augurio dos passaros, os feitiços, os máos espiritos, as cerimonias magico-religiosas, entre elles, são merecedores dum estudo minucioso e duma confrontação elucidativa da respectiva origem.

Os goagiras, cujo sentimento maximo era a vingança, adoravam o Sol, a Lua, e a um Deus-sapo, tendo sacerdotes bruxos, aboletados nas montanhas.

Que numerosa legião de deuses o nosso *Ilhuicatl* (Firmamento) apresentaria, se fossemos aproveitar todos de que tivessemos noticia!

A Marte anteporiamos — HUITZILPOCHTLI;

O Vulcano da America é - MIXCOATL;

Nosso Plutão é - TLALTEUCTLI:

Céres, entre nós, surge em CHICOMECIHUACOATL;

e, assim, teriamos formado o Olympo Americano, onde os nossos poetas fossem buscar o motivo dos seus poemas, revivendo tradições que nossos antepassados europeus destruiram sem piedade.

Entre o Sol, Coara-Cy, creador dos animaes, e Jura-Cy, a Lua, creadora dos vegetaes, o Tupy colloca Perudá, o Cupido das florestas, propicio á propagação dos seres. Eram os deuses maximos, a cuja comitiva se aggregavam diversos deuses secundarios, uns tutelares dos bosques, outros, da caça e alguns, chocarreiros. Jurupari é o demonio attenuado, o perturbador do somno. Acreditavam numa vida futura, em espiritos, depositando alimentos e armas junto aos seus mortos.

#### III

No dominio propriamente das lendas que fertilidade iremos deparar, quer cosmo e theogenicas, quer de outra especie! Para me não tornar enfadonho, referirei apenas a relativa ás *Puuraquitans* ou pedras verdes.

Junto ás cabeceiras do *Nhamundá*, extende-se claro e magestoso o lago *Jacy-Uaruá* (espelho da Lua). Nas suas aguas sagradas e purificadoras, em determinada lunação, as *Icamiabas* (Amazonas), á noite, lavando-se expiatoriamente, recebiam da Lua essas pedras verdes, que, após o commercio amoroso, davam aos amantes, recebidos em épocas do anno predeterminadas.

As puuraquitans, além da significação amorosa, tinham virtudes therapeuticas, razão pela qual ainda hoje são vivamente procuradas.

\* \* \*

Da rapida exposição feita verifica-se com facilidade quanto poderiamos fazer e como seria agradavel um estudo vastissimo, compartido suavemente por varias pessoas.

Sinto haver, da fórma succinta que nos é imposta, commettido uma dissertação carecedora de maior desenvolvimento.

# Hans Peter Steensby's paper on The Norsemen's Route From Greenland To Wineland

BY

## WILLIAN THALBITZER

Shortly before his death the late H. P. Steensby, Professor of the University at Copenhagen, had sent a paper to the XXth Internacional Congress of Americanists, which as we know, was first planned for 1920. In how far he had himself expected to come to Rio and give a lecture at the congress, I cannot tell; but at any rate he had entered his name here and contributed to this congress by the treatise he sent.

Since the death prevented the author to be present here, the president of the "organizing committee" sent a message to Denmark, in order to cause an official representative to come over and produce "Steensby's paper" in the congress.

Thus it comes to pass that at this moment I have the honour and the dear obligation to introduce to you H. P. Steensby's paper on the "Norsemen's route from Greenland to Winland (Wineland)" which in a new and very suggestive way deals with the old question of the localization of the coasts and geographical names mentioned in the Old Icelandic sagas on the American side of the ocean.

The first contribution to this discussion he had already set forth in 1917 in the 56th volume of "Meddelelser on Grönland" (a series of scientific papers concerning Greenland edited since about 1880 by a especially appointed committee at Copenhagen). Steensby did not, however, content himself with the results of his theoretical and literary researches, but took a further step than any of his predecessors in these investigations had taken by his subsequent voyage to the regions of America where he supposed the Scandinavians had landed. He never returned from this voyage on which the death reached him after he had fulfilled his scheme of the empiric investigations. I am of opinion that by these researches Steensby has opened a new way of viewing this problem which to the Americanistic science may be compared with the even more important problem of the earliest immigration of the East Asiatics to Alaska.

I do not consider it my task here to give any critical account of Steensby's work but only to draw some main lines of it.

He worked along various lines within the science of geography, but I think he searched furthest in his descriptive representation of the life and ethnography of the Eskimo race and in the view he set down of the origin of their culture. In his last years he took up the question of the earliest discoveries in America by the old Scandinavian settlers who crossed over from Greenland shortly after the year 1000 to rediscover the "Wineland" of Leif the Fortunate.

First the Celts, then the Norsemen discovered the North Atlantic islands, the Shetland and Faroe Isles and Iceland. The Norsemen colonized

all these countries and form here they found their way to Greenland where at the end of the 1000th century they populated the southernmost parts of the west coast and built their farms in the interior of the deep tjords. These farmer's colonies in Greenland became the basis of new expeditions. The Norsemen ventured northward along the Greenland coast where runic inscriptions in stone have been found up to 73° N. lat., or out into the open sea whereby the coast opposite that of Greenland i. e. Baffin's Land, Labrador, and more southern stretches were discovered. In the Old Icelandic sagas we read of these discoveries and find the earliest geographical names which have been given to localities on the American coast. The principal coastal stretches mentioned here are Kelluland, Markland and Winland, in translation "the land of the bowlders or cliffs", "the land of forests" and "the land of wine". Our chief source is the chapter in "Hank's book" which contains Eric the Red's saga. In this old report, which was not written down before the year 1200, mention is made of two voyages. The first was Leif the Fortunate's voyage in the year 1000, the second Thorfin Karlsefni's voyage or expedition, which took place in the years 1003-1006. Leif discovered Winland and some adjacent countries, Karlsefni and his men followed the route described by Leif to these countries and refound all of them.

At the end of the Middle Ages the connection with these distant countries had ceased and the knowledge of the route to them was lost. But the coasts of the Davis Straits were rediscovered in the 16th century when Portuguese and English seamen went in search for the North West Passage.

It was an Icelander Thormod Torfaens who as the first, through his treatise Winlandia (1705), re-awakened the attention of the literary world to the Norsemen's ancient discovery of America. But it' was not till 1837 and the next following years that a complete and critical edition of all the old literary sources concerning the colonization of Greenland and the discovery of Winland was issued, namely in the monumental works of C. C. Rafn and Finn Magnusen ("Antiquitates Americanae", Copenhagen, 1837) and "Grönland's Historiske Mindesmaerker", 1838-1845). Based on this material the discussion about the true localization of the old names in the sagas and in the other sources was kept alive up to our own time. A generation ago it seemed that the thorough-going examinations made by the Norwegian historian Gustav Storm might have lead to a final conclusion. He thoughts (1) that the old Winland meant what is now called Nova Scotia with the Cape Breton Island and perhaps a stretch further to the south. In contradistinction to some later authors (e. g. Fridtjof Nansen and (William Hovgaard) Steensby agrees with Sterm in his appreciation of the old sagas by maintaining that the Eirik's saga is our main source and in all essentials reliable. He finds support also in the view taken by Finnur Jónsson: "The whole presentation (of Eirik's saga) is coherent and nearly all the points of such a nature that one has difficulty in raising objections against it... If there exists anything at all answering to its detailed description, one must, one should think, be able to find it." The saga's geographical descriptions of countries and localities bear the impress of accuracy. Steensby therefore

<sup>(1)</sup> G. Storm, "Studies on the Wineland Voyages" (1888). "Eiriks sagarandha" (Christiania, 1891).

set himself the task of following the track which is described in the saga, from Greenland to Winland.

His special, and I may perhaps add Danish, standpoint is, I think, given by the words by which he begins and concludes his investigation: "We have to take into consideration the geographical and topographical insight of the ancient Norsemen"... "until now no one has succeeded in indentifying the ancient route to Wineland, except for one or two of the first links in the chain. Thus, hardly anyone has been in real doubt that \*Heliuland\* was Labrador\* and that \*Marklond\* was to be found in the adjacent regions where the forest begins. But the continuation to Wineland was shrouded in darkness as students have been dominated by our habitual cartographic conception of land and sea in these countries, without trying to realize how completely the ancient Norsemen lacked such a cartographic conception, and how this lack influenced their account in the saga. (2)

Already Steensh's teacher and predecessor at the University of Copenhagen, E. Löffler (3, had emphasized that nothing in the old sources entitle us to speak of a real colonization on the American mainland. The Norsemen were only preliminary and passing-by visitors there. The settlers found their way from Greenland to Winland partly accidentally (Leif. partly from love of discovery and renown, and for a long period made voyages there to procure timber, furs and other requisits. Further he maintained — and Steensby herein fully agrees — that the situation of Winland should be decided only according to the climatic, botanic and topographical information given in the sagas. But Steensby was the first to emphasize that navigation in those times had the character of coasting — that if sailing could be kept to the coast, this was profered.

Winland was discovered in about 1000 A. D. and again, later on, renavigated, probably even more than once. The way to Winland, therefore, can hardly be of a merely casual character; there must have been something in the way of a course or route. The coastlines were guides for the ancient Norsemen. Let us on the map observe the possibilities of coasting in these regions that is to say from the point on the northeast coast of Labrador where the expedition must have reached land... As far as the Strait of Belle Isle in 52° N. lat., there is no prospect for any sort of diverging movements.

There is from this strait, however, a possibility of three routes: along the continent, along the west coast of Newfoundland, and along the east coast of this island. Which was the one taken by Karlsefni? — Steensby here gives the answer that turns the whole problem in a new direction. If one dares commend himself to the given text, he says, one must apprehend it as having been the coast of the continent. It implies this that they bore away towards the south-west and that an island "Bjarney" lay to the south-east. All this agrees with the conditions near the Strait of Belle Isle, where one has the turn of the coast, and where Newfoundland lies as an island to the south-east. Naturally Bjarney must only be thought of as the north end of Newfoundland's northerley narrow peninsula. The skipper who came along Labrador's coast was obliged

<sup>(2)</sup> Steensby, "Tse Norsemen's Route", in Meddelelser our Grönland, Vol. 56, 1917, pp. 155 and 202 — Gl. the same treatise in an independent edition (Koppels Forlag, Copenhagen, 1918).

<sup>(3)</sup> The Americanist Congress at Copenhagen in 1883.

to paes, et a range of at least 50-60 km. a 15-20 km. broad strait, thus he could hardly avoid noticing that there was land to the south-east.

Steensby further shows that the saga's following mention of long sandy beaches does not agree with the fjord-like coast of Newfoundland, but is in agreement with the south coast of Labrador, and the same is true of a number of other points in the description.

The saga has it as follows: "From there (i. e. from Markland) they sailed for a long time southwards along the land and came to a promontory. The country lay to starboard, there were extensive sandy stretches of beach. They rowed to the land and found on a promontory the keel of a ship, and named it *Kjalarness* (i. e. keelness); and the shores they called *Furdhustrands*, since it was a long sail along them."

In this manner Steensby has gone through the whole description, comparing all the details with our modern maps and, finally, with the actual conditions in the Saint Lawrence estuary. His hypothesis of the old route was, as it seems, born out by his personal observations during his last voyages from Quebec along the southern and northern coasts of the estuary right out to the Strait of Belle Isle and from there along the western coast of Newfoundland.

He has shown that it is just along the coast of Labrador and its continuation into the estuary of the St. Lawrence estuary that we find all the ancient lands and localities from Helluland to Winland. Furdhustrands is the south goast of Labrador; Winland (Wineland) we can determine, he says, as having been the St. Lawrence valley where foliferous trees and bushes like the vine advance extraordinarily far towards the north. Straumfjord ("current fjord") was the inner estuary of the St. Lawrence, Straum-isle perhaps the present Hare Island, etc.

Steensby's treatise has such qualities as will make it impossible to neglect it in any future discussion of this important question.

# EL INDIO GUAYAKI

## UNA RAZA INTERESANTE Y MAL CONOCIDA

POR

## GUILLERMO TELL BERTONI

Sumario: Reseña histórica — Sus hábitos — Elemento etnogenético — Su lenguaje — Su mitología y religión — Supuesta antropofagía

#### RESEÑA HISTORICO-GEOGRAFICA

En el corazón de la gran selva del Kaa-guasú, que cubre el extremo oriental del Paraguay, subsisten aún algunas reducidas parcialidades de una raza muy interesante y próxima a extinguirse, que los aborígenes guaraníes cohabitantes de aquélla región denominan Guayakí.

Es este el más interesante de todos los elementos de investigación antropológica, que subsisten al estado autóctono.

Ante la ciencia permanece siendo um pueblo legendario, acerca del cual los cronistas e historiadores del tiempo de la conquista dan diversos datos carentes de exactitud e inspirados en leyendas populares. Las modernas contribuciones al conocimiento de esta raza, que no pasan en general de ligeros juicios y nótas etnológicas que pocas luces han aportado, con excepción de los del Señor Mayntzhusen. El padre Antonio Ruiz de Montoya, que actuó más de 30 años en las Misiones jesuíticas cercanas al Kaa-guasú, sólo nos dá algunas referencias fantaseadas de un pueblo legendario, cuyo nombre no cita, y se cree que se refieren al Guayakí.

Ruiz de Montoya habla de «una parcialidad o provincia de gente endemoniada, que realmente habita en ellos el demonio; hánle puesto por nombre los protervos o hombres sin discurso, que viven de la caza y, a falta de ésta, «es su sustento la carne humana». Irrumpen en tropelías en los poblados, y, «como fieras, acometen los rebaños y hacen presa en los muchachos para su comida». Dice que son presa de periódicos accesos de furia en que, «bramando con fiereza extraña, tiran, matan y ahuyentan que parecen cada uno un fiero toro». Arremeten mano armada a las poblaciones; «vagan de noche por los campos como borrachos o locos, comen brasas de fuego como si fueran guindas»; agregando que ha visto que uno de ellos en su presencia «mascó carbones encendidos como si fuera un terron de azúcar».

Refiere, por último, que se habían reducido a cautividad algunos indivíduos, uno de los cuales « en las acciones y aspecto parecia un tigre », lo sorprendieron, comiéndose a su mismo padre y «se averiguó que había comido a su mujer e a dos hijos» (1).

Cárlos de Lahitte (2) publicó un pequeño glosario de veinte voces recojidas de un guayakí, cautivo desde tiempo, en Ecarnación (Paraguay). Del glosario de Lahitte cinco vocablos son exactos, siendo los restantes espurios — voces corrompidas e extrañas al guayakí. Las nótas etnológicas que consigna son vagas e contradictorias: después de afirmar que son completamente nómadas y « huraños como las fieras, reflejando los mismos instintos », agrega, a renglon seguido: « Sin embargo los guayakíes son seres inofensivos, no son belicosos; no se ha sabido que nunca hayan agredido a los blancos » (pag. 15).

Lehman-Nitsche, (3) después de hacer una breve reseña de la cuestión, consigna un estudio craniométrico del material que posée el Museo de La Plata, estableciendo las relaciones entre las medidas tomadas por el Dr. Ten Kate, segun el método de Broca, y las que él toma a su vez según las reglas de la Convención de Frankfort. Termina con una referencia al material filológico recogido por el Dr. Endlich, en un viaje al Paraguay, que no son más que cinco vocablos obtenidos de una indiacita cautiva, de los cuales uno es exacto, dos adulterados e dos dudosos.

Fernando Lahille (4) estudia supuestas analogias, que encuentra entre cinco palabras guayakíes y otras tantas anamitas.

El padre Frederico Vogt hace un estudio etnológico más detenido, y formó un vocabulario en que predominan las voces netamente guaraníes; de ahí que llegara a la conclusion de que el Guayakí es una rama del tronco Guaraní y su lengua un simples dialecto.

El Sr. Frederico C. Mayntzhusen, proprietario de una extensa zona situada en el extremo meridional de la región guayakí, se ocupó de la etnologia y linguisteca de este pueblo, en análogas, aúnque mejores condiciones, y participando de las mismas ideas de Vogt en cuanto al lenguaje y elemento etnogenético de la raza.

Casi todos estos autores — si bien con distintas formas, con el mismo fondo — han venido reviviendo sucesivamente las antiguas leyendas sobre el Guayakí. El origen de estas versiones fantásticas parece arrancar del folk-lore y leyendas morales de otros pueblos: todos las tiemen, los Guayakí inclusos, quienes afirmam existir gentes, acaso fantásticas, que son enemigos mortales de su tribu; su espíritu parece ser el de infundir terror a todo hombre que no pertenece a su propia tribu.

Por otro lado, tanto Lahitte como Vogt, Mayntzhusen y todos los autores citados, sólo tuvieron contacto con las parcialidades más meridionales, que están en parte contaminadas de elementos pampeanos (o chaqueños), desertados de los establecimentos industriales de las Misiones Argentinas, que desarrollaban sus actividades con braceros traídos de la Pampa y del Chaco durante la guerra de exterminio llevada a los pampeanos, que se denominó genialmente «La conquista del desierto».

<sup>(1)</sup> P. Antonio Ruiz de Montoya — «Conquista Espiritual», Bilbáo, 1892, pag. 270.

<sup>(2) «</sup>La Teo-Cosmogonía, Base de la Filosofia Positiva, explicada racionalmente según el Guaraní», Buenos Aires, 1899, pag. 15.

<sup>(3) «</sup>Quelques observatons nouvelles sur les indiens Guayaquis du Paraguay», publicada en los Anales del Museu de La Plata, tomo IX, pag. 200.

<sup>(4)</sup> F. Lahille, «Guayaquies y Anamitas», Revista del Museo de La Plata. La Plata, 1898.

Además, estas parcialidades más meridionales se encuentran en contacto directo con la vanguardia de la población cristiana, que avanza paulatinamente, conquistando esas regiones desérticas. Este contacto, en vez de tener una influencia civilizadora sobre las poblaciones aborígenes, que hacen vida silvestre, actualmente su acción social es diametralmente opuesta, debido a causas que no es del caso detallar. El resultado es que de un pueblo pacífico en sus relaciones con las demás tribus, cuyo contacto esquiva sistematicamente, han surgido ciertas hordas hostiles y temibles por estar acaudilladas por criminales o prófugos, que abundan en esos extremos selvosos y desérticos de contacto entre tres naciones.

Nosotros, por fin, hemos actuado entorno a las parcialidades absolutamente libres de extrañas influencias, en cuanto a lenguaje como a costumbres situadas en el corazón mismo de la gran flaresta del Kaa-guasú(5), donde, con el Dr. Moisés S. Bertoni, que ha hecho el primer estudio antropométrico y etnológico completo de la raza, hemos reunido un diccionario de la lengua pura, que consta de más de mil vocablos, con exclusión de los nombres de plantas y animales, que carecen de interés filológico y de las voces compuestas, cuyas raíces figuran aisladamente.

Ambos estudios en breve serán dados a luz, como capítulos monográficos integrales de la «Descripción Física, Económica y Social del Paraguay», División, Antoropología, obra del Dr. M. S. Bertoni, en curso de publicación.

#### EL NOMBRE GUAYAKI

Es frecuente en los pueblos americanos de raza inferior la pluralidad de terminos étnicos distintos de las diversas tribus. Guayaki es, por ejemplo, el nombre con que los guaraníes distinguen a esta raza, pero que ellos rechazan, calificandose de *Mbraá*, lo que significa «obscuros».

La posición linguística del nombre Guayakí no deja lugar a duda, pero es inadmissible la acepción etimológica que vaios autores quisieron, traduciendo en «hombres que huyan a saltos».

El prof. H. von Ihering, en uno de sus interesantes trabajos etnológicos (A Civilização Prehistorica do Brasil Meridional), supone que la raíz Guaya sea el nombre de un pueblo antiguo, desaparecido y de afinidades genéticas con las razas Guayakí, Guayaná, etc. En cuanto a la terminación Kí, Ihering Mendez de Almeida, el Dr. Bertoni y otros concuerdan en que significa maldad. De ahí Ihering infiere la etimologia de Guayas malos.

Me abstengo de emitir juicio en cuanto a la etimología de este nombre, no conociendo las pruebas en que este autor se apoya para substanciar este aserto, aparentemente hipotético.

#### RASGOS ETNOLOGICOS

Es raza eminentemente silvática. Carece de poblaciones permanentes, sin poder calificarse de nómada, porque sus migraciones no son más que simples correrías en que no se alejan mucho del habitat central al que siempre vuelven y en donde tienen a veces rudimentarias viviendas.

<sup>(5)</sup> Kaá=Bosque, Guasú=Grande: Gran foresta, siendo éste el nombre geográfico del extremo N. E. del Paraguay, cubierto de bosques en toda su extencion.

El medio en que vive, los aspectos propios de su género de lucha por la vida y la conciencia de su extrema debilidad numérica, con relación a las tribus que lo rodea, ha creado en el guayakí hábitos numidianos y suprema esquivez de relaciones y contacto con las otras razas, existiendo entre ellas un perpétuo estado de enemistad, si bien no agresiva. No existen documentos que recuerden ninguna acción prolongada de guerra que se pueda suponer causal de su reducida significación numérica.

Viven en cortas parcialidades, generalmente 10 o 20 individuos, como una sóla familia; vagan por los bosques en busca de su subsistencia habitual, que es, en primer lugar, la caza y pesca, y en segundo término las abejas melíferas y frutos vegetales del bosque.

Es extraordinaria su agilidad para marchar a travez de las selvas más enmarañadas e encaramarse de los árboles, portando arco y flechas para la caza, y hacha de piedra para horadar los fornidos troncos en procura de miel.

Escapa a toda ponderación su ligereza para esquivar el encuentro consus enemigos, sin hacer notar su presencia; tan así, que es raro el viajero que llegó alguna vez a divisarlos en el bosque, dándose apenas cuenta de su presencia por un vago rumor de hojas, a modo de una ráfaga de viento, que producen en su fuga precipitada.

Estos rasgos biológicos han contribuido también a alimentar las leyendas forjadas entorno a la raza guayakí, que se ha llegado a considerar el símbolo viviente del canibalismo y salvajez, hasta buscar su símil en el hombre de las cavernas.

#### CIVILIDAD

Ante el concepto vulgar de la civilidad el Guayaki representa, en afecto, la suprema expresión de la salvajez, pero no asi si se estudia detenidamente su aspecto físico, valores antropométricos y capacidad intelectual, su mitología y religión, en parte tambien la estructura y riqueza de su lenguaje, y sus armas, utensilios, y rudimentarias viviendas, construidas a veces con hojas de palma.

El Guayakí es bajo de estatura, de cuerpo fornido, tez cobriza, nariz comprimida, y ventanas abiertas, boca grande, pómulos salientes, lampiño y falto de pelo en el cuerpo y de aspecto mongoloide.

Su espiritu de observación y rápida comprensión de las cosas que ve, es notable: los individuos cautivos, con una rápida ojeada, comprenden y ejecutan las acciones de los hombres blancos, bastando pocos dias para abandonar buena parte de sus habitos y su lenguaje.

Son sus armas: arcos y flechas de cuidadosa factura, clava, macana y garrote.

Sus utensilios: ollas de cera y barro, canasto de bambúseas parabajar miel y frutas, etc. Cuecen sus alimentos.

Su medicina: yerbas y productos vegetales, algunos de eficacia reconocida.

Para la caza se sirven tambien de diversos armadijos  $(\mathit{Mond\'e})$ , usuales tambien entre otras razas.

Su organización social es muy rudimentaria, pero no acusa verdadera inferioridad ingénita; antes bien retardamiento evolutivo e infancia institucional. Tienen elevados sentimientos de pudor y dignidad, respetan los vinculos familiares y tienen varias ritualidades simbólicas y religiosas, incluso la antropofagía.

#### ELEMENTO ETNOGENETICO

El elemento etnogenético de la raza permanece aún obscuro. Ihering infiere su origen de la radical guaya, que supone ser el nombre de una raza desaparecida, que dió origen al Guayaki, Guayana, etc. (6). El Dr. Bertoni entrevé un amalgamiento de elementos étnicos diferentes y un cambio de la lengua originaria por imposición del Guarani que los rodeaba y dominaba, pero se abstiene hasta ahora de emitir juicio definitivo (7).

Vogt, Mayntzhusen y casi todos los autores argentinos pretenden que sea simplesmente una rama del tronco Guaraní, pero este juicio es discutible: sólo son admisibles afinidades genéticas muy remotas, pero no descendencia directa ni evolución colateral.

Su mitologia, hábitos y rudimentaria religión, son distintas; la lengua sí, ofrece afinidades que acusan una forma dialectal del guaraní, con una serie de vocablos y raíces importantes, completamente distintas, que, a su vez, hacen ver la adopción de un lenguaje extraño.

#### LA LENGUA GUAYAKI

El Guayakí pertenece a la rama guaraniana, guardando su lengua muchas afinidades con la guaraní, de cuya lengua es generalmente considerado un dialecto.

El lenguaje acusa un relativo adelanto cultural, por su perfección y riqueza en voces expresivas, aún de ciertos conceptos abstractos; adelanto desmentido por los hábitos inciviles del pueblo que lo habla. Es evidente que los Guayakíes han recebido mucho de los Guaraníes.

Siendo la mayoría de las voces y la estructura del idioma netamente guaraní, las restantes son distintas y sin afinidades, que sea remotas. Sólo una antigua subyugación a los Guaraníes explicaría este hecho. Por eso hay mucha contradicción en su ser.

El guayakí tiene designaciones orales de ideas abstractas, inclusas las más altas abstracciones que supone el concepto de la inmortalidad del alma, que elles tienen, y diversas leyendas y figuras mitológicas de un espíritu ya evolucionado.

A fuer de lengua primitiva al servicio de uma mentalidad en conjunto poco evolucionado, ofrece un fecundo manantial de investigationes filolológicas. Siendo esta lengua de amplia aglutinación, pero menos acabada y mas visible, es un material valioso para investir y demostrar el polisintetismo del guaraní, que altas autoridades en filología pretendieron negar.

Sin el propósito ni el tiempo necessario para hacer un estudio acabado de la lengua, señalaremos sómeramente las características *prima facie* más notables del lenguaje con relación al guaraní.

En primer término se distingue por volver llanas y semi-nasales muchas voces que en guaraní son agudas:

Ej.: Pororó — abrir reventando (guar.) vuelve próro en guayakí; advirtiendo que hablamos del dialecto del Norte, que parece algo diferente, — Chihrihrih — freir (guar.) vuelve Chihrih en guayakí.

<sup>(6)</sup> IHERING. A Civilização Prehistórica do Brasil Meridional».

<sup>7)</sup> Resúmen de Prehistoria y Protohistoria de los Paizes Guaranfos, Asunción, 1914, pag. 45.

Es característica la separación casi invariable de la última sílaba de las voces compuestas, que vuelve semi-nasal y fuertemente acentuada, sobre todo al fin de la frase. Está separada por una dentensión glotal neta, pero hay una unión difusa por acción continuante de la vocal que antecede, auxiliada a veces con sonidos alveolares o labial-nasales.

Ej.: Choo-vat'chú — Bruto de presa (Tapir);

Nyakuam'báe — Agrio;

Ndihtan'gué -- Nombre de persona;

La lengua carece de artículo.

El sustantivo, como en el guaraní, no tiene terminación distintiva del masculino y feminino. Occupa el mismo lugar en la oración, pero declina sólo en primera y segunda persona del singular y primera del plural. En los otros casos se antepone al sustantivo al nombre propio de la cosa cuya posesión denota:

Bj.: Che pivâ — mi nariz.

Nde piva — tu nariz.

Kromi pivá — la nariz de niño.

Ore pivá — nuestra nariz.

Mbraá-tarà pivà — las narices de ellos.

Los nombres propios de personas se forman agregando la partícula ngué a un sustantivo o adjetivo cualquiera. Generalmente adoptan el nombre de un animfal, raras veces de plantas o otros objectos, cuando no deriva de alguna característica o deformidad física.

Ej.: Ndihtá — caracol.

Ndihta-ngué — nombre de persona.

Shapih-kihta — lunar de la mejilla.

Shapih-kihtá'ngu'e — nombre de un indio que llevaba un lunar en la mejilla.

El adjetivo también, como en guaraní, es invariable en número y género y sigue al nombre:

Ej.: Pihtâ papî — pico corto, (pihtâ-pico; papî-corto).

El comparativo se forma, lo mismo que en el guaraní, agregando la partícula  $ech\acute{e}$  (en guaraní  $et\acute{e}$ ) al positivo. El superlativo es especial y se forma con la partícula  $vihch\acute{e}$ .

Ej.: Voô - negro.

Voô eché - más negro.

Voô vihché — muy negro, negrísimo.

Es tambien característica la partícula sufija mb'ae, que es la negación universal, y forma superlativa o absoluta  $mb\'aer\^o$ .

Ej.: Chenyé — perfume.

Chenyem'báe - sin olor.

Chenyem'báerô - completamente inodoro.

Con el sufijo negativo mb'ae se construyen todas las formas verbales negativas, tanto en los verbos activos como en los neutros.

El.: Yapó — hacer.

Yapom'báe — no hacer, invariable en todos los tiempos.

Yapom'báerô — no haber de hacer.

Yapom'báerô vihché - no hacer jamás.

Rapom'báema - no hacer aún.

En todas las personas, tiempos y casos la partícula negativa, sin alteración alguna, sigue al verbo.

Los verbos activos van geralmente acompañados del sustantivo determinativo de la acción y no del objeto sobre el cual la acción recae.

Ej.: Piva - nariz.

Véno - olfato.

Pivá véno - oler de cerca un objeto.

Los verbos, cuya acción se ejecuta con las manos, en el indicativo presente e infinitivo van precedidos de la palabra *Ihpó* (mano) y solo para mayor claridad se intercala el nombre del objeto que transmite o recibe la acción. La palabra *ihpó* vuelve activos los verbos neutros.

Ej.: Ihpó — mano.

Ihpó yapí — arrojar con las manos.

Ihpó ita yapí - arrojar piedras.

El verbo yapó = hacer, se usa, en general, para expresar la acción presente de otros verbos, a los que sustituye en la oración cuando no hay lugar a confusión.

Los verbos Mui = poner y m'ondo = echar, empujar, pospuestos a las voces pasivas las vuelven activas.

Ej.: Pacha — estar acostado.

Pacha muí - acostar.

Pacha móndo - acostar.

#### MITOLOGIA Y RELIGION

Es inexacta la creencia de que el guayakí carezca de toda mitología como lo afirman otros. Tiene, por el contrario, cierta religión, y varias figuras mitológicas, demasiado avanzadas para su rudimentaria cultura.

Dos son las deidades de la mitología guayakí: Añavé es el Dios, en un concepto de artífice, que rige todos los fenómenos — lluvia, viento, trueno, rayos, granizo, etc. — ejerce la justicia divina, lleva y dispone de las almas en la segunda vida; Mbaerendíh (de Mbáe — cosa, y rendíh — ardiente) es una deidad más severa, maligna y mui temida: es un hombre con fuego en las entrañas, que fulmina con un solo soplo.

El guayakí cree en la supervivencia del alma y la segunda vida, algo así como el Ka o Segundo de los egípcios, que sigue viviendo, una vez muerto el individuo, y puede hacer segunda vida terrenal corpórea.

Como postulado imperioso de su género de vida, matan a los enfermos graves e inválidos que no pueden seguir a la familia en sus correrías silváticas. Pero este es más bien un oficio piadoso, si bien parece que en ciertos casos llegan a comer al sentenciado, haciendo, con ciertas ritualidades, un festín canibalesco.

Aparte de este y otros ritos y oficios místicos que sería largo detallar, el guayakí es a su modo bondadoso, y sus creencias generalmente son morales y honestas.

Mbaeruvu'chú (Arco Iris) es una serpiente gigante y de afilados colmillos, que traga viva a la gente, surge y vuelve a zambullirse en el agua. La moral de esta leyenda parece ser infundir terror a los rios y lagos, de los que ellos huyen, ya sea por temor a las fiebres, como por la presencia del hombre y la poca aptitud para la natación.

Mbaée (Puma o león americano) es una bestia relacionada con su mitología. Para el guayakí el mundo es plano, y tanto el sol (Kerakih), como la luna (Ya'chih) pasan durante la noche a travéz de una cavidad que es el león que va comiéndola poco a poco y luego baja con los bigotes ensangrentados.

#### LA SUPUESTA ANTROPOFAGIA

Mucho se ha hablado de los hábitos canibalescos del guayakí, pero hasta hoy no se tienen pruebas suficientes de que este pueblo sea verdaderamente antropófago.

Se han comprobado, empero, casos aislados de canibalismo, pero parece que son, en cierto modo, oficios místicos que no acusan verdadera antropofagía. En sus crencias encontramos la explicación de estos hechos. Hemos visto que creen ellos en una segunda vida, en que parece que resucitan con el mismo cuerpo; esto explicaría el hecho de devorar sus enemigos y personas perversas sentenciadas a muerte, para evitar su resurrección.

Tambien una explicación podría encontrarse en las mismas leyendas de los aborígenes de esas regiones, que todos las tienen, inclusos los Guaya-kíes, que creen en la existencia de ciertos indios bárbaros y antropófagos, que son enemigos mortales de su tribu.

Asunción del Paraguay, a Mayo 30 de 1920.

# OMAHA BOW AND ARROW-MAKERS

BY

## FRANCIS LA FLESCHE

The bow, with its arrow, was the most effective weapon known to the North American Indians. This statement applies generally to all the tribes living within the United States, and in particular, to the Plains tribes of the Siouan linguistic stock whose habitat for centuries had been along the Missouri river from its mouth to its head waters, although some of the tribes belonging to this linguistic group dwelt along the Mississipi river even as far south as the mouth of the Arkansaw river.

The style of the bow made by these tribes was generally the same. That which was preferred and in common use by the people was a bow that was curved more at the head, or above the grip, than at the foot or below the grip. The expert bow-makers say that the bow that is curved equally at the top and bottom works as well as the preferred style but the makers gave no explanation as to why one style is preferred to the other.

The ta-kon'mon de, sinewed bow, was known to these tribes but was seldom used. As a bow it was beautiful, being gracefully curved at the top and the bottom as well as at the grip, but the experienced user of the bow turns away from it because it is a "female bow" and he wants a bow of a stronger sort. The sinewed back bow was not fitted to stand rough usage; in the first place the bow itself is made slender in order to avoid cluminess of appearance when the sinew is added and put on the back of the weapon; in the second place the glue used to hold together the fibres of the sinew cannot withstand dampness; when the bow is exposed to the rain, then the glue and sinew part company and the bow loses beth its strength and its beauty.

Séveral years ago I wanted to secure an Omaha bow, but there was mone to be found in the tribe; for the weapon was no longer in use. A young man who knew of my fruitless search said to me: "I could make a bow for you, but it would only be an imitation, not a real bow. Any man who could whittle and scrape with a knife can make something like a bow, but it takes a man skilled in the making of bows to make a bow as it should be made. There are only two Omaha men living who can be called bow-makers." The yong man gave me the names of these old men, one was a stranger to me, but the other one I knew very well.

The Omaha bow-maker, like the medicine-man has to be ceremonially approached, therefore I had to send a special messenger to make known to him my wishes. The old man for whom I sent did not come to see me for about two days, and when he did come he brought a bow partially finished. He apologized for not coming at once but explained that he thought I might be in a hurry to have the work finished so he had started it before coming.

He said: "I feel honored in being your choice of a bow-maker. I used to make your father's bows. He always liked them long and heavy. There are only two bow-makers now living and I am one of them."

The old man was putting the finishing touches to the bow when the other bow-maker just happen ed to come in. My man handed the finished bow, to the visitor who took, it with a mile and caressed it by running his hands over its smooth surface. "What a beautiful piece of wood it is," then, after examining it critically, he said, "If it ever breaks it will be right here," pointing to a weak spot midway between the grip and the top. "The rule is", continued the visitor, "that where there has been a knot, that spot must be left "thick". I notice another mistake, one that is commonly made, the neglect to blunt the edges of the nocks, for sharp edges endanger the cord." He meant that the sharp edges of the nock wears by friction the cord, causing it to break. My bow-maker accordingly made a few slight cuts with his sharp knife along the edges of the nocks to blunt them, and the bow was finished. Then my bow-maker asked for a bit of grease. This I supplied and he greased the "breast" of the bow at the upper and lower parts. The upper part he held over the fire and when it became hot, he bent it with his foot and helt it until it cooled. "That was nicely done", the visitor said "but I would not put so much curve at the lower end of the bow," he suggested.

From these two old men I learned that there were three choices of wood for the bow, namely: the ash, the white elm and the iron-wood. These three kinds of wood take on polish and do not "turn over" as they expressed it, which means that they do not warp badly when exposed to wet weather. The wood that the bow-maker likes best to work upon is the young ash that was killed by fire, that is, by a prairie fire because the wood is then thoroughly seasoned and set, so that dampness and rain do not effect it. The elm and iron-wood are cut green and hung over the lodge fire to season, which is a slow process. There is one danger which the bow-maker carefully guards against, and that is, a splitting by shrinkage. Experience had taught the men who loved to make bows, that there is one winter month during which it is safe to cut green wood for making bows and if I remember rightly it is the "Month of the Return of the Geese", that is, February.

The Osage and the Kansa had the best and the most costly. This. remark does not refer to the making but to the quality of the wood. This wood was called by the Osage and Kansa, min'-dse-sta, smooth-bow and by the Omaha, Zhon-zi, yellow-wood the most servicable of any of the bow-woods. The yellow-wood was called by the French, bois d'arc and was procured along the Arkansaw river; for the tree did not grow in the regions north of Kansas.

The bow-string or cord, is made from the sinew taken from the muscles lying on either side of the spine of the buffalo. The bow-maker's art does not include the making of the bow-string. There are men who are skilled in the making of bow-strings who are employed to make them. The man whom I employed is still living at this writing, close to the age of ninety years. This bow-string-maker took five strands from a sinew that I had procured and soaked them in glue water over night. In the morning he squeezed the water out of the sinew, then spliced together the ends of the strands, using fresh glue thus making one long strand. This he put in the sun to partially dry, just enough to give the glue strength to hold together the spliced parts of the sinew. The strand having dried to the desired consistency, the bow-tring-maker formed a little loop exacty

in the middle for the upper nocks of the bow. He put this little loop over the small end for a slender pole which he had, for this purpose, planted firmly in the ground. He then grasped in each hand an end of a strand and swung, simultaneously, the two strands. With each swing he twisted with his fingers the strands. As the strands were thus twisted and swung they twined around each other and by the movement of twisting and swinging the twist traveled toward the man until the string thus formed came to the man's fingers, when he tied a knot in the finished cord.

As the man strung the cord to the bow he said: "That bow was made by E-shnon'-hun-ga, I know the way he makes his bows. He is one of the best bow-makers." When the cord was put on the bow, the man gave it a few pulls and the bow responded with a resonant ring at each pull. The old man remarked, with a sigh: "This takes me back to my buffalo hunting days."

The wood for making the arrow-shaft was chosen with as great care as the wood used in making the bow. By long experience the arrow-makers had found two kinds of wood to be servicable. These two were the Ash and a species of Dog-wood. The latter had the same name among the Omaha Ponca, Osage and the Kaw, related tribes, mon'ga-hi, meaning arrow-wood. The Sapling of this species of wood was preferred because when in that stage of growth the wood is straight and has but few knots.

The sapling of the ash is not used for it has a large pith and the wood is soft. However, the trunk of the mature ash is cut into the proper length and split up for arrow-shafts. Both the Dog-wood and the Ash are polishable and flexible. The wood is hard, but will bend under strong pressure and not break.

If by any accident a hunter loses his arrows, and neither Ash nor Dog-wood is obtainable, he will use the sapling of the wild cherrytree for his arrows; but this wood breaks easily and is used only in an emergency.

When the arrow-shafts are cut into the desired lengths and roughly shaped, they are tied in a bunch and hung over the fireplace to season. This process takes about ten days to two weeks. Then the tedious task begins of the final shaping. First the arrow-maker carefully examines each shaft; when he finds a crooked place, he greases the spot and holds it over the fire to heat; he then quickly straightens the crooked place and holds it securely until it cools. A deer's horn through which a hole has been drilled is used for this straightening process.

The next process is the final shaping of the shaft. A good arrow-maker aims to make the shaft as nearly cylindrical as possible. To accomplish this, he holds the shaft in his left hand between the sandstone polishers, each piece grooved lengthwise, and gives the stick a twirling motion by rolling one end of it back and forth on his thigh with the palm of his right hand. He shifts the polishers along the shaft in order to keep it uniform in size. When one end is polished, he works in the same manner on the other end, until the full length of the shaft is round, smooth and uniform.

Then follows the making of the nock for the bow-string. In polishing the top of the shaft the arrow-maker works it down so that the nock has a rounded appearance to give the archer a good grip. The notch of the nock may be shaped either like a V or a U.

The next process is the grooving of the shaft. The arrow-maker measures the top part of the shaft with one of the feathers to be put on it and begins his grove from the lower end of the feather. There must always be three undulating or zigzag grooves. There has been considerable discussion as to the meaning of these grooves. Some writers have said that the zigzag.

6233

lines mean lightning, others that these grooves were made for the blood of a wounded animal to flow through. An explanation was given to me by an old Omaha groove-maker which is so simple and practical that it has always impressed me as beins the true explanation of the making of grooves on the arrow-shafts.

One day I was home from school and found that my father had been taken sick in the midst of his preparations for the annual summer tribal buffalo hunt. He had finished polishing, straightening the shafts and shaping the nocks, but he was too weak togroove the arrow-shafts. As this was a necessary part in making the arrow he had sent for U'-shi-wa-the (Quail) who was a very skilful workman in grooving arrow-shafts. The quality of the fee my father had given for the work to be done put the old man in very good spirits; he talked as he worked, pointing out the defects in some of the shafts and mentioning the names of the men who, in the past, were skilled in grooving arrow-shafts, but who had departed for the Spirit-land. Without pausing in his talk he picked a shaft, put on it the gooving tool; with a swift movement he deftly cut the first groove, then he cut the second one, then the third one and the threadlike shavings fell to the floor. Looking up at my father I said: "Da-di', what is he making those grooves for ?" My father smiled, and addressing the old man, said: "Father, tell the boy, for he may be making arrows some day." The old man picked up a shaft and said: "My grandson, your father spent much time in selecting these saplings for his arrows; he sorted out those he thought to be perfect, but there is no perfect wood, there is always some fault in it. Now look at this one I have in my hand, there was a sharp bend which he had hard work in straightening, but when I put on it the grooves, thus, and thus, and thus, the shaft will not roll back to its natural imperfection, but will remain straight; thats why these greoves are made."

The next process is the feathering the shaft, and it may not be out of place, here, to continue the story of Quail, the old Omaha arrow-groover. So pleased was he with his fee that he offered to finish the arrows formy father. He also allowed me to take a very humble part in the work. I was requested to bring to him a bag containing, glue, sinew and feathers, also a pan of warm water. I started a little fire to heat the glue and to soften it. The old man took the pan of warm water and put into it the sinew which he had shredded into many threads; he also put into the pan the glue which was attached to one end of a stick nearly as long as an arrow-shaft.

The old man spent some time in examining the feathers, "Owlfeathers", he remarked "a bird of night." The feathers were from the wings, the stems were split, the pithy part scraped with a knife leaving the aftershaft clean like parchment. He next tested the threads of sinew, taking up one strand from which he squeezed the water, then wiping his hands, took up a split feather, put the top end against the shaft, aftershaft of the feather downward, so as to overlap a tittle the bulb-shaped nock; taking a strand of sinew, he wound one end once around the shaft and the feather, near the nock. He then took the other end of the sinew between his teeth and holding the strand taut, he heated the glue a little over the fire and rubbed it on the sinew; he then put the second feather on the shaft which he gave one turn and the sinew held the feather; he treated the third feather in the same manner, then he thinned the end of the strand of sinew by scraping it with a knife and putting the thinned ent of the strand around the shaft; he smoothed it down with his finger. Then he dipped the sinew in a little pile of white powder, made of burnt gypsum, for the purpose of cheaning whitening and drying it.

Quail held up the arrow-shaft with the drooping feathers and said to me: "My grandson, this sinew will do two things at the same time, it will hold the ends of the feathers on the shaft and support the nock of the arrow so that the bow string will not split it." He then glued the under part of the aftershaft of one of the feathers and neatly stock it on the arrowshaft, the other two feathers he treated in the same way, and all three feathers ley neatly on the arrowshaft, equi-distant apart.

The old man, addressing my father, said: "My son, I see that you have two kinds of the little ornamental feathers for the lower part of the feathers, one white and the other red, which shall I put on?" "The red". my father replied, and the old man remarked. "Ah! the color of the red dawn." Quail took a shred of the soaked sinew, squeezed the water out of it, wound one end once around the arrow-shaft and the guill part of the feathers, near the web, then taking between his teeth the other end of the sinew, he glued it then put a little red downy feather in the space between the large feathers and gave the arrow-shaft a slight turn; in the second space he put a little red feather, gave the arrow-salft another slight turn. and treated the third space in the same manner, then quickly covered the quall part of the arrow feathers with the glued sinew which he smoothed down with his finger; after that he dipped the sinew in the pile of powdered gypsum. Then, turning to me, he said: "My grandson, always overlap the ends of the quills with glued sinew when you make arrows, and dont forget to dip the sinew in the white powder. Be neat, always, in your work."

The old man held the arrow at arm's length to examine his work, while his face brightened with pleasure. Then, speaking to my father, he said: "My son, the glue works quickly, would you mind telling me what you made it of?" My father replied: "The glue was made from the shell of a soft-shelled turtle."

The slits for the shanks of the arrowheads, which were made of iron, had already been made in the shafts, and the gluing of shanks, inserting them in the slits, and fastening them with glued sinew, took the old man but a short time to finish.

Quail then, speaking to my father, said: "My son, I am about to trim the feathers, will you have the leaves (webs) narrow or wide?"

"Make them narrow", my father replied. "Ah!", the old man remarked.
"I see you know the principle, the narrow leaves hold the arrow steady.
the broad leaves will cause the arrow to make an undulating movement as it takes its flight."

The old man sharpened his knife very carefully, laid an arrow, nock toward him, along the edge of a board so that the web of the feather lapped over the edge; he then trimmed the web, giving it a straight line. All the other webs he treated in the same manner.

Again addressing my father, the old man said: "What about the marking, my son?" "Black on the shaft", my father replied, "the length of a finger joint, along the lower part of the feather, and the upper part red, to the nock." "Night and day", the old man remarked, "the symbol of precision". From a small package the arrow-maker poured into the shell of a fresh water mussel the black coloring material, and from another package, he poured into another shell the red pigment. Into these shells be poured glue water and stirred the mixture with a stick. Then using the tip of his index finger for a painting brush he first put on the black paint, and then the red. When the paint, which had a glossy appearance, had dried, the old man gathered the arrows together in a bunch and handed them to my father, who caressed them by passing his hands over them; then, with a pleased expression he lifted the arrows up and said to me;

Look at these, my son, and let me tell you that a neatly finished arrow is the pride of a good archer!" A smile rippled over the wrinkled face of the arrow-maker, as he nodded his head with pleasure at the compliment.

The bow and the arrow figure prominently in the religious rites of some of the plains tribes of the American Indians. In Osage mythology, the bow was the gift of the Moon to the people, and the arrow a gift from the Sun, taken from one of its rays. In three of the tribal rituals of the Osage, two arrows, one painted black to represent the night, and the other red, to represent day, are set in flight (figuratively), by a bow also pained black and red, toward the setting sun. These two arrows, thus set in flight at an initiation of a candidate into the mysteries of certain tribal rites. not only symbolize the endless recurrence of night and day, but the flight of these mystic arrows is also equivalent to the Initiator saying to the candidate: "Your life, represented by your descendants, shall be as the night and day, entlessly recurring." Among the Omaha tribe seven arrows were used as symbols in an annual ceremony. Each gens of the seven principal gentes of the tribe is represented by one of these mystic arrows, which are used to foretell what will happen, good or evil, to each gens during the year following the ceremony. These divining arrows also stand for the continuity of each gens through its natural increase. The members of the gens to whom is entrusted the keeping of these sacred articles are privileged to name their sons, "Mon'-pi-zhi", Bad arrow, this name has been seldom used. The word "pi-zhi" or bad, is not used here in its ordinary sense, but refers to the mysterious chacacter of the divining arrow.

## XX CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS



LAST OF THE OMAHA BOW-MAKERS



# Memoria sobre os botocudos do Paraná e Santa Catharina organisada pelo serviço de protecção aos selvicolas sob a inspecção

DO

## DR. JOSÉ MARIA DE PAULA

Os botocudos de Santa Catharina são os descendentes dos aborigenes primitivos que habitavam todo o interior do Brasil meridional: os Tapuias, pertencentes á grande nação dos Aymorés. Esta é a opinião que mais nos parece acertada, sendo elles, portanto, os ultimos sobreviventes d'aquella numerosa e guerreira nação, hoje representada por este grupo, que agora permanece nos acampamentos do Rio Plate.

Percorria esta tribu a vasta zona comprehendida entre os rios Yguassú e Uruguay e o oceano, mantendo gigantesca lucta contra os civilizados que desbravavam suas mattas e exterminavam o seu principal alimento: a caça.

As primeiras noticias registradas de assalto de indios datam do anno de 1830.

Afim de proteger os colonos, nas zonas em que mais perigos corriam por parte dos indios, eram então enviados os «Pedestres», tropa creada em 1836. Essa tropa tinha por funcção afugentar os indios, perseguindo-os, não logrando porém que com isso cessassem os assaltos.

Diz o presidente da Provincia, Dr. João José Coutinho, em a sua «falla» do anno de 1856, que a unica medida realmente efficaz seria obrigar estes «assassinos e filhos de barbaros» deixarem a floresta localisando os em logares dos quaes não pudessem fugir.

Recrudesceu o «perigo indigena», exigindo sérias providencias. Organisou então o Governo turmas de sertanejos experimentados, que deviam procurar se approximar dos indios e, caso não fosse possivel tornal-os amigos, afugental-os, sem porém lhes fazer mal.

No municipio de Blumenau, onde o perigo sempre augmentava, foi nomeado capitão do matto Frederico Decke, homem de grande coragem e circunspecção, que em suas expedições pela floresta procurou por todas as formas attrahir os indios, para que estes se tornassem pacificos e amigos.

Nada, porém, se conseguiu; continuavam com a mesma frequencia os assaltos praticados pelos inidios e. em 1879, como medida de economia, foi extincta essa turma de sertanejos.

Até esta data tinham ordem estas expedições de expressamente não fazer mal aos indios, onde os encontrassem.

Encontrava-se porém, agora, o regimen das «batidas», visando o exterminio completo dos indios.

Sempre por occasião de um assalto de indios organisavam-se grandes turmas de expedicionarios, tanto por iniciativa particular, como até official, que em suas «batidas», pelo modo mais barbaro, assassinavam centenas de indios. Em seu regresso, exhibiam nos centros populosos mu-

lheres e muitas creanças de suas pobres victimas, como «trophéo heroico», e prova incontestavel de que a chacina de um acampamento de indios havia sido completa. Traziam, destes pobres sobreviventes, armas e utensilios de toda a especie, que pertenciam ás suas infelizes victimas, surprehendidas quando no mais profundo sommo.

Ainda mesmo assim, o resultado fôra negativo: não só atacavam os indios movidos pela necessidade, em virtude da colonisação progressiva que se realisava por todos os lados, como tambem ainda impellidos agora pelo mais justo espirito de vingança e verdadeiro odio.

Como se divulgassem crassamente os horrores perpetrados contra os indios nessas «batidas», sempre almas houve que, piedosas, levantassem protestos contra estas ignobeis crueldades.

Fundou-se então em Florianopolis uma liga denominada: «Liga Patriotica», creada com o fim exclusivo de resolver a questão indigena, pacificando os botocudos do Estado.

Foi nomeado «Pacificador», José Bernardino da Silveira, que, com duas mulheres indias, das que haviam sido trazidas em captura de uma destas batidas, seguiu para a região do Rio das Pombas, com o intuito de ali fundar uma pequena «Aldeia de Attracção».

Foi o resultado inteiramente nullo, pois que, como havia sido facil prever, as indias, ao chegarem ao matto, fugiram, sem que dellas mais se conseguisse saber noticias.

Identico insuccesso teve outro emissario da «Liga», o «Pacificador» Alberto Fric, que seguira para um affluente do Rio Itajahy do Norte, e que se limitava apenas em colleccionar objectos de indios entre os moradores civilisados.

Tentativas de «catechese», feitas em 1868, pelos padres capuchinhos Virgilio do Amplar, e Estevão de Vicenza, tanto em Lages como em Itajahy, não lograram o minimo successo, cousa aliás por si evidente; pois que estes religiosos jamais se embrenharam nos sertões, para entabolar relações com os indios.

Em 1885, o mesmo fiasco fizera o padre capuchinho, Luiz de Comitila, com suas novas tentativas de «catechese» dos indios botocudos de Santa Catharina.

Em nova e decisiva phase entrou o problema com a creação do Serviço Federal de Protecção aos Indios, que em 1914, a 22 de setembro, finalmente conseguiu o primeiro contacto pacifico com os «ferozes e indomaveis» botocudos deste Estado.

Os indios botocudos de Santa Catharina são em geral de estatura mediana, bem conformados, e as mulheres são pequenas.

O seu physico, é muito desenvolvido, dispondo elles de uma resistencia e força musculares extraordinarias.

O indio, fóra do matto, principalmente quando vestido, jamais dá a impressão do que na realidade elle é. A nossa vestimenta occulta inteiramente a extrema agilidade, força e precisão de que dispõem, dando-lhes a apparencia de serem homens abrutalhados e sornos.

Para poder fazer-se uma ideia exacta das suas aptidões, é necessario conviver com elles no matto, e acompanhal-os em suas peripecias de cacadas, colheitas de fructas, perfuração de abelheiras e seus multiplos outros affazeres. Estas são as occasiões em que se podem admirar a presteza, acerto e segurança de cada movimento, do qual muitas vezes depende a vida do indio.

Verifica-se o mesmo em as mulhenes, que, não obstante sua pequena estatura, são de uma resistencia physica fóra do commum.

Carregam ellas durante semanas consecutivas, em suas peregrinações pela floresta, enormes cestos com carga de grande p.80; montando ainda sobre os mesmos, quasi sempre, uma creança. Além disso tudo, levam nas mãos objectos pesados, como machados, penellas de ferro, etc., etc. São ellas, por assim dizer, os verdadeiros cargueiros da tribu, carregando os guerreiros carga unicamente quando longo das mulheres.

A sua tez apresenta uma cor bronzea la escura, que nas mulheres é mais clara.

Os cabellos são negros, grossos e corredios.

Commum é entre elles a carie dos dentes, possuindo, já quando creanças, dentaduras defeituosas. Extráem o dente immediatamente, assim que se torne dolorido, processo este que, como é natural, mui cedo os deixa quasi sem dentes. Devéras curioso é o facto que os guerreiros exigem que suas mulheres pelo acto de serem mais jovens, possuem melhores dentes que estes mastiguem para si todos os alimentos, cabendo-lhes apenas o trabalho de engulir, o que fazem, commodamente deitados junto ao fogo.

Não existem molestias peculiares aos indios botocudos. Têm sido, porém, muito atacados pela mortifera grippe e suas complicações, como bronchite pneumonia, etc. Soffrem também de rheumatismo articular e muscular.

E' sobremodo digna de nota a extrema facilidade com que nelles cicatrisam todos os ferimentos, muitas vezes gravissimos.

inteiramente desconhecidas entre elles são as molestias venereas, de qualquer especie.

A sua fecundidade é grande, o que assegura a perpetuação da fribu.

E' uma tribu que vive essencialmente da caça e, portanto, nomade, sempre em transito pelas florestas, á procura e persiguição da mesma. Preferem a anta, não só pelo sabor da sua carne, como pela quantidade de carne. Caçam-na dos seguintes modos: procuram rasto fresco no qual soltam es seus cães, acompanhando-os na carreira até o levante da anta. Orientando-se em seguida da direcção tomada pela mesma, que sempre segue os seus habituaes carreiros, por elles conhecidos, atalham pela floresta, esperando adiante a sua passagem. Atropelada pelos cães, vem a anta em vertiginosa corrida, sendo então atacada e morta a lançaços.

Admiravel a segurança do primeiro golpe, que nunca falha, fazendo desmunhecar instantaneamente o animal, que é então carneado.

Antigamente, e hoje ainda, na falta de cãe°, procuram o rasto, seguindo-o depois, cautelosamente, com uma pericia inegualavel, chegando mansamente e surprehendendo a anta na «cama» onde a flecham.

Chamam-na «oyólêma», «niá-mbang», em sua linguagem.

Em a caçada dos veados, «Cambêma», procedem identicamente, cercando-os ou surprehendendo-os. Cousa bem difficil, pois, como é sabido, o veado é a caça mais fugaz e mais arisca das nossas mattas.

Caçada de grande monta para elles representa a dos porcos do matto, «úgma». Além de muito apreciarem a sua carne, enthusiasma-os a espectativa de matal-os sempre em grande numero. Encontrando vestigios de porcada, seguem-os cuidadosamente até encontral-os, atacando-os. Feito isto, em se tratando de uma grande manada, os indios, com mulheres, creanças e tudo que lhes pertence, seguem-n'a ás vezes muitas semanas consecutivas. Atacam os porcos sempre que podem, matando sempre tanto quanto lhes é possivel.

No demais, nada escapa ás suas certeiras e mortiferas flechas e á sua excellente digestão. Desde a feroz onça, «mêngma», até o gracioso e delicado úrú, «pupulêma», não são poupados.

Gostam sobremodo da carne de macaco, «Conhárema» e da dos bugios, «gúma», ás quaes attribuem qualidades excepcionaes, crença esta talvez oriunda da lenda adiante narrada.

Com maximo orgulho contam os guerreiros o numero das onças por elles mortas, o que muito contribue para augmentar o seu valor entre os demais da tribu. A bravura consiste em atacar a onça acuada em terra, occasião essa a mais perigosa para o caçador. Matam-n'a então á flecha e á lança, conforme a posição do felino. Compete então ao bravo caçador comer o coração da sua victima, repartindo com os demais presentes o resto da carne.

Assam a carne fazendo um largo buraco na terra, o qual forram com pedras do rio, fazendo sobre ellas um fogo durante muito tempo, até que as mesmas se tornam rubras de calor. Retiram em seguida os restos do fogo, forrando as pedras, no interior do buraco, com pedaços de madeira e folhas de palmeira (ndótoiô), sobre as quaes collocam então os pedaços de carne, com o couro. Cobrem tudo com outra camada de folhas de palmeira, sobre a qual depositam ainda uma espessa camada de terra. Cosinha-se deste modo a carne lentamente, durante mais ou menos 12 horas, sendo notavel o sabor que por este processo adquire.

Descenheciam inteiramente, até a pacificação, o uso do sal, e durante muito tempo rejeitavam todas as comidas que nós lhes offereciamos contendo sal. Assim ainda hoje os guerreiros mais edosos não acceitam comida nossa por estar salgada.

Além de não conhecerem o sal, não usam tão pouco condimento de especie alguma, detestando-o sob todas as formas.

Interessante o modo de ensinarem os cães a caçar; quando conseguem apossar-se de um cão, tratam-n'o, nos primeiros tempos, afim de tornal-o apegado a si, com todo o carinho. O cão é amarrado com uma tira de embira, sempre ao lado do seu novo dono, que o trata só com carne em fartissimas e amiudadas rações. Entretem-se então o dono durante todo o tempo quasi que exclusivamente com o cão: ora fazendo-lhe festas e agrados, ora fallando-lhe ao ouvido como si fôra a uma pessôa, no intuito de conquistar sua inteira fidelidade, o que, de facto, consegue em pouco tempo, e a ponto tal que o cão chega até a detestar as demais pessôas, tornando-se muito arisco.

Uma vez alcançando este objectivo, muda inteiramente a sorte do pobre cão: o indio em suas peregrinações pela matta, não lhe dá mais a minima alimentação, obrigando-o assim a caçar, ainda mais, não para si proprio e sim para o seu dono. E' este o processo que empregam para tornar qualquer cão um excellente caçador, sendo lamentavel este cruel procedimento, que aliás redunda em seu proprio prejuizo, pois todos os seus cães têm o triste fim de definhar lentamente e morrer finalmente á mingôa.

Além da caça, uma das principaes bases da sua alimentação, durante espaçado tempo, são os fructos da Araucaria. Nos mezes de abril, maio e junho seguem, em grupos, para a região dos pinheiraes. Escalam ahi os pinheiros por meio de uma peia e de uma laçada feita de trama de taquara, que passam pelo tronco do pinheiro. Enfia-se o indio na laçada, que passa por debaixo dos braços, e contra a qual firma o corpo, apoiando os pés contra o pinheiro, ligados pela pêia. Deste modo alternativamente, ora firme nos pés levanta a lacada, ora firme na lacada ergue os pés e com

rapidez e destreza admiraveis escalam o tronco erecto da Araucaria até a sua copa. Ahi avançam pelos galhos e agitando-os fortemente fazem cahir as pinhas.

Os pinhões são simplesmente tostados ao fogo e triturados depois em pilões, reduzidos assim a uma verdadeira massa, com a qual preparam um caldo cozido com agua. Fazem tambem da mesma massa pequenos bolos, de forma redonda e chata, do tamanho de um pires, que são depois assados sobre brazas. Não podendo conservar os pinhões por muito tempo frescos. pois que bicham mui facilmente, usam o seguinte processo: enchem com pinhões cestos apropriados e previamente forrados com folhas de cacto, perfeitamente tampados. Estes cestos são immensos nas aguas de pequenos corregos em logares para isto escolhidos. Ahi permanecem estes cestos durante um mez e meio e tornam-se os pinhões perfeitamente cortidos, conservando suas qualidades alimenticias por um longo espaço de tempo. Como é evidente, o pinhão, depois de retirado d'agua, nada tem de appetitoso, exhalando fortissimo cheiro bem desagradavel, tendo um gosto repugnanto, não sendo tolerado pelos nossos estomagos. Aos indios, porém, em nada incommodam estas qualidades adquiridas com este processo, e, mesmo assim, muito o apreciam. Principalmente deste pinhão cortido é que fazem suas sopas e bolos, como acima foi explicado,

Toma parte saliente na sua alimentação tambem o mel silvestre, que para elles é indispensavel. Não se pode senão averbar de verdadeiro instincto, ou de mais um sentido, o tino que possuem para descobrir, volta e meia, uma abelheira no matto, quasi sempre no alto de grandes arvores. Divisada a colmeia escalam a arvore, pelo systema já descripto, com a peia e a laçada, nas quaes se firmam de encontro á arvore. Têm elles assim os braços livres, manejando com admiravel segurança e certeza o seu machado de cabo curto. Fendem a madeira exactamente no logar necessario, fazendo uma abertura em forma de perfeito triangulo. Aproveitam da abelheira simplesmente tudo: mel, favo, comendo com muito gosto as chrysalidas; tambem a cêra é sempre toda recolhida para diversos outros fins.

Não só das abelhas com as chrysalidas como tambem de outros insectos, como vespas, marimbondos, etc., cuja colmeia procuram com avidez.

Evidentemente a escassez existente de caça nas mattas aqui do sul obrigou os indios a recorrerem a todos os meios para saciar a fome. Assim, pois, habituaram-se a comer chrysalidas e larvas de toda especie, principalmente o assim chamado «coró», bicho do pau podre, que saboreiam tanto crú como assado, ou cozido em um gomo de taquara posto ao fogo. Tornára-se assim a necessidade um habito, e não obstante não subsistir hoje a necessidade, os botocudos procuram as chrysalidas e larvas para uma especie de variação fina de alimento.

Na ausencia dos guerreiros durante longo tempo, é uso da tribu que as mulheres cacem por meio de laços e armadilhas, com que apanham pequena caça para suas alimentação, por não usarem estas nenhuma arma.

Facto interessantissimo é não conhecer a tribu dos botocudos a pesca, mesmo na sua forma mais primitiva, não havendo falta de rios muito piscosos na zona por elles habitada.

Conheciam antes da pacificação o milho, aboboras e a farinha de mandioca, alimentos estes que obtinham por occasião dos assaltos que perpetravam contra os civilisados. Desconheciam porém inteiramente as batatas, aipim ou mandioca, feijão, arroz, taiá, inhame etc., alimentos estes que hoje conhecem e muito apreciam.

Constroem os botocudos seus acampamentos com ranchos de varas finas, umas fincadas ao lado das outras, a pouca distancia, que são vergadas em forma de arco e presas suas pontas em uma pesada vara horizontal, geralmente fixa em duas arvores na altura de um homem. A fórma do tecto é o do abobada, sendo coberto com folhas de coqueiro, cahetê ou xaxim; deixam sempre um vão lateral de mais ou menos um metro sem fechar para que possam observar tambem o que se passa atrás do rancho, evitando assim uma possivel surpreza. O fogo sempre é feito sob a parte aberta do rancho, zelando continuamente os indios para que este não se apague.

Destina-se cada um destes ranchos para uma só familia.

Todos os demais ranchos são distribuidos regularmente em linha, agrupados parallelamente de dois a oito, formando assim o acampamento:

Quando ha circunstancias que os obrigam a permanecer em um determinado ponto por maior espaço de tempo (colheitas de pinhões, festas, etc.), constróem seus ranchos com mais perfeição e capricho, em maior tamanho, ligando as coberturas de dois ranchos fronteiros, de modo que as varas arcadas de cada rancho não fiquem ligadas a uma vara horizontal, mas umas ás outras, formando então uma abobada perfeita. Nestes grandes ranchos habitam varios casaes pertencentes á mesma familia, tendo para si cada casal o seu fogo, que fica situado no meio do grande rancho. Como os pequenos, tambem estes, á altura de approximadamente um metro do solo, ficam abertos lateralmente.

Forma-lhes o travesseiro uma larga faixa de terra que acamam no interior dos ranchos, de ambos os lados.

Todo o chão dos ranchos é forrado com folhas de xaxim, sobre as quaes se deitam. Dormem os casaes parentes uns ao lado dos outros, descançando a cabeça sobre a alta faixa de terra já referida, e com os pés sempre voltados para o fogo.

No tecto dos ranchos, penduram suas armas, cestos, roupas e demais utensilios sendo os pequenos objectos guardados na palha.

A vestimenta dos guerreiros compõe-se de varios «cordões-tangas», que usam á guisa de cintos e que representam mais um enfeite de que verdadeiramente tangas. Estes cordões, «maséna», trançam-n'os de duas qualidades; uns, de côr escura, são feitos com fibras da casca de cipó imbó, outros, brancos, de fibras de palmeira.

Os mesmos cordões de fibra de palmeira usam-nos tambem, fortemente ligados, acima dos tornozelos.

A vestimenta das mulheres resume-se ao uso de uma tanga, larga de um metro e 60 centimetros, e no comprimento de um metro e 50 centimetros.

A sua toilette é a mais rapida possivel, pois simplesmente dobram a tanga ao meio, envolvendo-a em seguida na cintura.

Essas tangas são tecidas com a fibra de uma certa especie de urtigar brava e ornada com desenhos lineares que, de preferencia, são de côr encarnada ou azul.

Usam o cabello tosado na testa em forma de semi-circulo até a região parietal, de onde o raspam em angulo agudo em direcção á orelha. Atrás é o cabello longo, sendo aparado acima dos hombros. Raspam, no alto do craneo, um circulo perfeito de cinco centimetros de diametro, circulo esteque trazem sempre bem cuidado.

Este modo de usar o cabello é commum tanto aos homens como ás mulheres, quando adultos.

Em occasiões de festas fazem os guerreiros cocares de pennas de «Co-colina» (Aquilla?), ligando-as entre si por meio de um trançado de

embiras finas. Com estes ornamentos na cabeça, rosto e peito pintados com estrias vermelhas e negras, tomam, por occasião de suas festas, um aspecto de grande imponencia.

As mulheres, e mesmo alguns guerreiros, por essas occasiões solemnes, desgrenham os cabellos, emmaranhando-os com a finissima pennugem multicôr de differentes passarinhos.

E' uso desta tribu, por occasião de grandes combates contra inimigos, pintarem os guerreiros, tanto o rosto como todo o tronco, com largos traços de uma tinta especial negra, com o fito de infundir mais pavor. Dahi terem diversas vezes asseverado civilisados, que por elles foram atacados, o «reconhecimento» de negros entre elles, que, diziam mais, eram bandidos que, no intuito de fugirem á justiça, se tinham juntado aos indios. Fica, com isto, explicada essa lenda...

Ornamentam-se também com collares que, antes da pacificação, confeccionavam de diversas sementes, dentes e garras de varios animaes, casco de pequenos veados, de antinhas, etc. Não deixavam porém de aproveitar também tedo e qualquer objecto que conseguiam em seus assaltos, taes como: argolas de arreios, fivelas, passadores, botões, partes de mechanismos de relogios (que sempre destruiam), moedas, cartuchos detonados ou não, etc., etc. Emfim, basta dizer que um destes collares, é um verdadeiro mostruario de tudo quanto lhes passou pelas mãos, pesando muitas vezes de dois até tres kilos.

As armas dos botocudos, compõem-se de arco «vôio», sempre feito da elastica e rija cabiuna, «Catangára» da mesma familia (Leguminosa) do ipé, o «páo d'arco» dos portuguezes, por ser usado para este fim por todas as tribus do nosso litoral Tupis, Guaranys. As flechas são de tres especies: as de guerra, com lamina do aço; as de caça, com ponta de uma rija madeira farpada unilateralmente; e, finalmente, os virotes, para a caça exclusiva de passaros, occasionando a morte pelo choque, e não por ferimento aberto.

Possuem, além destas armas, a imponente lança, com uma lamina de aço que mede até dez e doze centimetros de largura por trinta a quarenta de comprimento, tendo a mesma forma da ponta da flecha de guerra. Incrivel, quasi, a extrema destreza com que manejam esta formidavel arma, em uma especial esgrima, em a qual a brandem com as duas mãos em meio da haste. Servem-se da ponta da haste para aparar e rebater glopes, e da lamina para atacar o inimigo, pontaço e golpes que, não defandidos, occasionam a morte instantanea do combatente. Um só talhaço tem feito saltar a cabeça do inimigo. Nesta esgrima desferem os botocudos golpes tanto de cima para baixo, como de baixo para cima, executando, a meúdo, saltos de extrema destreza, tanto para frente, como para retaguarda.

Entra para o ról de suas armas, tambem, o «Kóuan», clava de 1,50 centimetros de comprimento, cujo cabo é roliço, sendo a parte restante, talhada em losango crescente, até a extremidade, e cujas quinas são sobremodo agudas.

Enfeitam estas clavas, assim como as lanças, «lóng-lôma», «Kólèdma», com desenhos lineares, a fogo, sendo que as ultimas, no engate da lamina na haste, com um bello trançado feito em duas côres.

Guarnecem as immediações dos seus acampamentos, quando suspeitam uma pessível aggressão, excavando profundos fojos até dois metros e mais crivados de agudissimos estrepes nas paredes, e fixando ainda, no centro uma lança. O incauto que se precipitar num destes fojos, infallivelmente morrerá de uma fórma simplesmente horrorosa.

E' tal a arte com que disfarçam estes fojos por meio de frageis varinhas, que são cobertas com folhagem, que aos proprios indios não é possivel reconhecel-os sem prévia sciencia.

Assim, já se deu no Posto, nos primeiros dias após a pacificação, o lamentavel incidente de cahir um indio, que á noite chegára de outro lugar, no acampamento, em um dos fojos, fallecendo poucas horas depois em consequencia dos horriveis ferimentos que lhe tinham dilacerado o corpo.

Além destes fojos, são os seus acampamentos sempre guarnecidos de trincheiras construidas, como é evidente, sempre em optimas posições. São estas trincheiras, em caso de perigo, guardadas durante noite e dia por guerreiros experimentados.

Possuem uma linguagem perfeita composta de assobios, imitados de diversos passaros, pela qual admiravelmente se entendem, trocando signaes e avisos, quando mantêm vigilancia a roda dos seus acampamentos, tanto durante a noite como de dia, nas occasiões em que isto se torna necessario.

O modo pelo qual conseguem o fogo é o usual entre as tribus brasileiras, — o da fricção de duas madeiras, sendo uma rija e a outra menos resistente.

Firmam elles, para este fim, um pedaço de madeira mole com os dedos dos pés, em cujo centro ha uma pequena cava na qual apoiam a extremidade de uma vareta feita de madeira mui rija.

Pelo movimento giratorio que imprimem a esta vareta, pela fricção das mãos, forma-se um pó finissimo, que é o primeiro a arder. Isto se nota por uma tenue espiral de fumaça azul que se enrola pela vareta. E' o momento em que tornam a fricção ainda mais rapida, começando o pó a arder. Amontoam então, cuidadosamente, pequenissimos fragmentos de madeira secca raspada, e continuamente soprando conseguem, afinal, uma pequena labareda, que, gradativamente, é augmentada.

Como é evidente, este processo, exige enorme dispendio de tempo e de trabalho cuidadoso, e só em ultimo caso a elle recorrem.

Têm os indios sempre o maximo cuidado em conservar o fogo, zelando continuamente para que se não extinga em suas fogueiras.

Quando em viagem, acompanha-os sempre uma mulher ou creança, encarregada de guardar o fogo, que é levado em acha accesa.

O ferro obtinham os botocudos, antes da pacificação, nos assaltos que perpetravam contra os civilisados. Material summamente precioso este, pois que, deante das vantagens sobre a pedra lascada, tornou-se-lhes imprescindivel para a factura de seus armamentos. Trabalham elles o ferro não o aquecendo, mas sim malhando-o frio, com rijas pedras arredondadas que buscam nos baixios dos rios. Facil é avaliar qual a paciencia e a perseverança necessarias para dar a fórma desejada a um qualquer pedaço de ferro, cuja fórma e dimensões em nada correspondem ao modelo desejado. Basta dizer que, para apromptar uma lamina para as suas lanças, empregam mais de tres mezes, trabalhando diariamente.

Aproveitam tambem o ferro para fazer pequenas facas, raspadores, e diversos outros pequenos instrumentos.

Para o tecido das suas tangas servem-se, como já foi dito, de uma especie de urtiga brava. Procedem da seguinte fórma: as mulheres, com pequenos cacetes, batem as plantas de todos os lados até que fiquem inteiramente desprovidas de folhas e dos maiores espinhos. Feito isto, dão pequenos talhos no caule, pouco acima das raizes, descascando-o em tiras longitudinaes.

Reunem estas tiras em um grande atado, que é collocado nagua durante certo tempo. Retiram-no mais tarde, para o bater fortemente entre dois páos, até que restem unicamente as fibras, sem as partes lenhosas. E' repetido esse processo mais vezes, sendo por fim a fibra secca e depois fiada com as mãos, o que executam sobre a coxa núa, enovelando em seguida o fio obtido. Constróem então uma especie de tear, muito primitivo, que se compõe de duas varas fixadas na terra obliquamente, sendo presas nestas duas outras varas horizontalmente. Sentadas sobre os pés deante deste tear, traçam ellas de differentes maneiras, com relativa facilidade, os fios que nelle prenderam.

Os seus grandes cestos, «Kan-nha», para carga, bem como os menores, encerados, para agua, e os pequenos, tambem encerados, para diversos fins, são todos trançados de taquara mansa, variando apenas a largura e a grossura em que a racham.

Servem-se dos cestos maiores, encerados, para o transporte do mel e da agua, representando, por conseguinte, uma especie de «balde». Os cestos pequenos, tambem impermeaveis, servem-lhes como vasilhas, especie de canceas, para agua e para tomar «mong-ma», por occasião de suas festas.

Não trançam os botocudos abanos nem tão pouco legues e esteiras.

Tramam, porém, uma faixa de oito centimetros de largura, unida nas pontas com um nó espécial, corrediço, afim de encurtal-a ou augmental-a como se faça necessario, para o transporte das creanças. Com estas faixas, trançadas de embira, ás vezes em duas côres, carregam as mulheres os filhos ás costas, prendendo a faixa ora na testa, ora no alto da cabeça. Por este processo carregam os botocudos tudo, sempre firmando o peso na cabeça e fazendo-o descançar sobre as costas.

Usam estes indios grandes pinças, feitas de taquarussú; em falta desta, fazem-nas tambem de madeira rija, com as quaes tiram os alimentos do fogo e das panellas quando em estado de ebulição. Chamam-nas «Ko-pama». mão de madeira.

Formam os botocudos uma só tribu, composta de differentes familias, todas com iguaes direitos.

O poder pertence a um só chefe, que dirige os destinos da tribu, e decide, em geral, sobre todos os actos da mesma.

Este chefe, «pahi», exerce o seu poder emquanto o seu valor como guerreiro destemido e audaz é reconhecido por todos. Em sua ausencia os guerreiros mais experimentados e mais corajosos tomam a si o mando, exercendo então maior influencia sobre os demais.

Um chefe idoso passa o mando a um guerreiro de qualidades, não perdendo, comtudo, a grande influencia que exercia sobre toda a tribu; ao contrario, torna-se então conselheiro da mesma, sendo respeitado e venerado por todos.

Os botocudos são polygamos; o guerreiro, de accordo com o seu valor, casa-se geralmente com duas e mais mulheres. Os chefes sempre com mais de tres.

Quando adultos, os jovens recebem, como distinctivo de guerreiro, uma tatuagem sobre o braço. São dois pontos, em sentido horizontal. A' medida que os mesmos saibam fazer valer as suas qualidades de varão, recebem, logo abaixo, mais duas tatuagens, no mesmo sentido. Depois de assim recebidos entre os guerreiros, estão elles aptos para se casar.

Em geral, constróem um rancho para si, para o qual levam a moça que escolheram para casar, e que então vive com elles maritalmente. Algumas vezes, quando a familia da moça é pouco numerosa, o joven guerreiro fica morando com sua esposa no mesmo rancho dos parentes desta. Não ha entre elles o incesto, pois que é vedado o casamento entre os parentes mais proximos. E' habito da tribu respeitar o casamento, e só raras vezes ha o adulterio, que é unanimemente reprovado.

Sem carecer de mais formalidades, escolhe o guerreiro tambem a sua segunda mulher, havendo, porém, para ambas, os mesmos direitos. E' commum serem as outras mulheres do mesmo guerreiro irmãs da primeira esposa.

Dão elles ás creanças masculinas, como pronome, o de um notavel antepassado, ao qual ajuntam como sobrenome o nome do pae e de sua descendencia. Para a creança do sexo feminino escolhe a mãe o pronome a seu gosto, ficando como sobrenome o nome da mãe e de sua descendencia.

Assim se explica terem elles os mais longos nomes possiveis, como por exemplo: Korikrã-Láksi-Layondési, Vaikôidn-Ungrósima-Póa-Tupi-Vaimusima.

Os mortos adultos, tanto os homens como as mulheres, são incinerados em grandes fogueiras feitas de madeira escolhida com esméro. O mesmo fazem com as creanças de ambos os sexos, quando puberes; quando pequenas, porém, são enterradas.

Conjunctamente com o guerreiro são queimadas todas as suas armas e demais utensilios do seu uso pessoal. Incinerado o corpo, recolhem, no sol seguinte, as cinzas, que depositam em um buraco redondo, préviamente forrado com cascas e folhas de arvores; sendo então tampado com terra e sobre o qual collocam rachões de madeira, construindo, por cima de tudo, um rancho.

A morte de um chefe ou de um guerreiro emerito é chorada pela tribu inteira, que em uma especie de ladainha, cantam seus feitos durante alguns dias. Salientam então as mulheres, nos mesmos cantos, as bôas qualidades do morto na vida intima da tribu.

Nota-se que os botocudos, por estas occasiões, são tomados de profunda tristeza, tornando-se taciturnos e indifferentes a tudo, entregues só á sua grande dôr, guardando, durante dias consecutivos, jejum absoluto.

O regimen social dos botocudos é o do auxilio mutuo, no qual foram naturalmente educados pela vida incerta de povo nomade, que sempre levaram.

O caçador que abate uma caça não é obrigado a repartil-a, assim como tambem os outros não o exigem.

E', porém, entre elles, simplesmente natural, não o concebem mesmo de outra fórma senão em repartindo a caça, por menor que seja, para com todos.

Este mesmo regimen, «instinctivo», é tambem extensivo á distribuição da pilhagem após os assaltos que faziam antigamente aos civilisados.

Em casos de desavenças entre elles, não ha juiz: procuram os contendores decidir a questão entre si, primeiro, por palavras, depois, em duello.

No caso de ser morto um delles em uma dessas rixas, os parentes mais proximos do vencido procuram, quasi sempre, tirar uma desforra. E de uma vedetta destas muitas vezes se originou a subdivisão da tribu em grupos que mutuamente se hostilizavam, havendo verdadeiras chacinas entre estes, que muitas vezes foram numerosos, sendo inteiramente exterminados. Dahi, a principal causa da dizimação desta tribu, que foi bem consideravel, contando avultado numero de guerreiros.

Verifica-se já a manifestação de gosto artistico entre os botocudos no esmerado enfeite dos trançados á roda do encastoado das suas lanças, na confecção de suas flechas e nos embellezamentos com que enfeitam o trançado dos seus pequenos cestos impermeaveis para o uso interno dos seus ranchos.

Nota-se também nos enfeites de côres differentes em desenhos lineares e nas franjas de suas tangas, bem como em varios outros enfeites que adornam multiplos outros objectos de seu uso, com desenhos entalhados ou feitos a fogo.

O maracá é muito enfeitado, sendo a sua haste coberta de uma trança feita em cruz, com fibras pretas de casas de imbó-mirim. O chocalho, em seu engaste, é cercado de pellos e pennas multicôres, sendo o porongo lavrado com multiplos desenhos, repetindo-se em cima, na extremidade da haste, os mesmos enfeites do engaste.

Como todos os povos primitivos, os botocudos conhecem os elementos das sciencias que directamente se relacionam ás suas necessidades quotidianas.

Conhecem tres estações do anno; o verão (Lámbang), calor grande, o inverno (Kotschóma), frio, e o outomno (Kózóiô-tô-kutáma), tempo em que cahem as folhas.

O mez-lua chamam «Kutschá», contando de uma lua cheia a outra. Por estação têm os indios a noção do espaço de tempo que, para nós, representa o anno; accrescendo a esta observação a florescencia de certas arvores e o amadurecer de certos fructos.

Contam estes indios, pelos dedos da mão, de um até cinco; designando os dedos da outra mão, contam até dez; depois, pelo conjuncto dos dedos das duas mãos, enumeram uma quantidade qualquer.

No tratamento de suas molestias empregam o succo de differentes plantas, sendo o seu uso quasi sempre externo, em fricções e massagens; usam também algumas materias organicas, como o buxo do veado, etc.

E' seu habito atar fortemente as partes doloridas do corpo, não só nos casos de accidente ophidico, como nos de outra qualquer molestia.

Usavam, antigamente, varios objectos feitos de barro cosido, taes como panellas de varios tamanhos e feitios e pequenos vasos de differentes formas, que lhes serviam para o preparo e cosimento de suas comidas.

Com os assaltos, porém, que realizaram contra os civilisados, apossaram-se mais tarde dos mesmos objectos, de ferro e de outros metaes. que, naturalmente, ficaram preferidos, em prejuizo desta arte, que decahiu inteiramente, principalmente depois do contacto comnosco.

Anteriormente a esse contacto ainda alguns botocudos, os mais idosos; dedicavam-se á ceramica.

Evidentie é que, para a factura destes objectos, necessitam elles de um barro especial; e acreditam os botocudos que o arco-iris é o indicador destas jazidas de barro especial, e por essa crença antiga denominam-n'o de «Kukron-ndouma» (flecha da panella), entendendo-se a que indica o lugar em que se encontra barro proprio para a ceramica. Nunca usaram e não usam enterrar os mortos em igaçabas, fazendo-o como já foi descripto acima.

Todos os annos, em fins de dezembro ou em janeiro, por conseguinte, na estação de «Lámbang-uan», no mais intenso verão daqui do sul, realizam as suas grandes festas para baptismo das creanças.

Para estas festas preparam os botocudos uma bebida, «Móng-ma», cuja base, como ingrediente principal, é o mel silvestre; requerendo o seu preparo bastante tempo. Por esse motivo, já uma lua antes, subdividem-se os indios, tomando cada um a si um affazer. Aos paes dos meninos a baptizar cabe a construcção dos grandes cochos para preparo da bebida. São estes cochos para a fermentação da bebida verdadeiras obras de mestre, exigindo maxima paciencia e habilidade.

Escolhem para isto grossos troncos de velhos cedros, que são derrubados e atorados no comprimento de um metro e cincoenta a dois metros.

Depois descascam-n'os convenientemente, abrindo, em seguida, uma fenda longitudinal de dezoito a vinte centimetros de largura, pela qual excavam o tronco completamente, deixando-o inteiramente ôco, com paredes lateraes de tres a quatro centimetros sómente de espessura, tendo as cabeças do cocho a espessura de oito a dez centimetros.

Servem-se para este trabalho, além do fogo, de uma especie de formões, que antigamente eram feitos de pedra e que hoje fazem de ferro.

Cuidadosamente completada a excavação, são as duas partes em que o tronco foi atorado bem enceradas com uma grossa camada, que as torna. perfeitamente impermeaveis.

Emquanto os paes se occupam neste servio, os demais parentes sahem á procura de mel. Em todas as direcções embrenham-se na floresta pequenos grupos de indios que, muito alegres com a proxima festa, sahem cantando e galhofando entre si. Na sua volta, não só trazem mel em abundancia, como tambem o resultado de sua caça.

O mel é então todo depositado nos cochos, addicionando agua e o succo de xaxim e do caule de coqueiros novos. Cobrem, depois disso, as aberturas dos cochos, «Kakógma», com longos e largos pedaços de cascas da mesma madeira, collocando grandes pesos sobre estas.

Assim fica este liquido durante o espaço de duas semanas; findas as quaes, com intuito de accelerar a fermentação, immergem na bebida pedras redondas, préviamente aquecidas em grandes fogueiras. Esse processo é repetido seguidas vezes, até que o conteúdo dos cochos fique muito quente. Tapam então novamente os cochos, retirando as pedras, quando frias, para substituil-as por outras aquecidas.

E continuam neste processo durante o espaço de tres dias, deixando então de fazel-o por outros tres dias; ficando assim prompta e convenientemente fermentada a bebida.

Emquanto isto, o resto da tribu se occupa em confeccionar os enfeites para a festa e preparar, conjunctamente com as mulheres, o terreiro para as dansas e jogos.

Escolhem um local adequado, que destocam, aplainam e limpam cuidadosamente, apresentando a fórma de um vasto circulo, á roda do qual constróem pequenos ranchos, tendo todos a frente para o circulo. No dia da festa, no meio deste, é feita uma enorme fogueira, entoando os guerreiros seus canticos desde alta madrugada. Ao nascer do sol ornamentam-se com todos os seus emblemas guerreiros e, reunidos, executam evoluções pelo terreiro, á roda da grande fogueira.

Entram então as muiheres com maracás em ambas as mãos e, cantando, encetam uma dança, conjunctamente com os guerreiros. Essa dança consiste em uma marcha rythmada, compassadamente marcada pelas pancadas surdas das lanças no sólo e acompanhadas com o chocalhar dos maracás.

Repetem-se estas dansas durante algumas horas, só depois das quaes abrem os cochos, começando então a tomar a bebida.

Tomam-n'a desbragadamente os homens e também as mulheres, emquanto que as creanças por baptizar só depois são obrigadas a tragal-a. A viva força fazem os guerreiros engulir esse liquido ás creanças, que repugnadas, o rejeitam, mas que, forçadas, engolem até ficarem completamente atordoadas.

Assim as creanças, já quasi insensiveis, são ainda pelos paes e parentes sacudidas de todos os modos, para accentuar ainda mais esse atordoamento. Fazem-n'o de um modo brutal, segurando os meninos pelas pernas, atirando-os para o ar e de um homem para outro, até tornar completa a insensibilidade.

Finalmente, procedem então á perfuração dos labios dos neophytos, o que executam com um furador especial feito de uma madeira muito rija e ainda endurecida ao fogo.

Praticado o orificio, collocam, immediatamente, um pequeno botoque «Ngrókozúdma», qu.), com a idade, é gradativamente substituido por um mais grosso, que dilata o orificio.

As creanças do sexo feminino não recebem botoque, porém duas incisões, logo abaixo da rotula, na perna esquerda. Incisões estas feitas com o mesmo instrumento acima descripto.

Terminadas estas cerimonias, redobra a bebedeira dos guerreiros, que depois recomeçam as suas danças, após as quaes encetam diversos jogos.

Por occasião destas grandes festas reunem-se todos os differentes grupos da tribu dos botocudos, pois que estas solemnidades devem ser assistidas por todos os guerreiros, sendo que, separadamente, não as realizam.

Os differentes grupos, segundo o seu parentesco e sympathias, separam-se para, nos differentes jogos, medirem suas forças e destreza.

Um dos mais interessantes é o «Ngréda», que consiste em aparar ou rebater uma pedra redonda que se acha dentro de uma bolsa feita de um fino trançado de embiras.

Arremessam esta especie de petéca de um grupo para outro com toda a força, visando acertar um guerreiro do outro partido. Atirando todos a um tempo, mui difficil é escapar illeso o guerreiro que é alvo de mais de uma petéca.

A arte consiste em aparar no ar a bolsa para, immediatamente, arremessal-a de volta. Sendo muitas a um tempo, o botocudo então, á medida que não póde aparar, rebate-as com um curto cacete. Apesar de diversos guerreiros serem attingidos e machucados por estas pedras, continuam, com enorme algazarra e grande enthusiasmo, durante muitas horas, este jogo.

Outro jogo interessante é o do cacete, especie de esgrima ou jogo de

páo, em que dois homens medem a sua agilidade e certeza.

## VOCABULARIO BOTOCUDO

# Colhido no aldeiamento de Taio-Plate — Itajahy — Santa Catharina

A

Abelha: Móagma. Agua: Ngoyo.

Amanhá: Kulágma. Amargo: Kóiákê. Amarrar: Iêdn. Anta: Óyôle.

Anus: Engéno.
Arara: Kóyoimbãng.
Arco: Vúyo, uŷma.
Arrancar: Kunúnkê.

Assar: Nglánkê.

Araponga: Tangdama.

Alto: Téiê.
Apagar: Yudema.
Amigo: Káikáma.
Aqui: Tôkané.
Aranha: Xukréng.
Ave: Xáng-gôima.
Arvore: Vâema.

Assustar: Kománghádn. Atravessar: Katalópkê. Avô: Yúgtoteyugma. Avó: Yántotesinóma.

Azul: Taigmo. Azedo: Yô.

B

Balaio: Krê.
Barba: Yúvama.
Barriga: Ndúnma.
Beber: Káklá.
Borboleta: Tutûma.

Bodoque: Ngrokossuna, katyéma,

quando de nó de pinho.

Braço: Pan.

Branco: Kuprima. Brigar: Tô yônho. Bugio: Ngúgma.

Buraco: (na terra) Ngókádma.

C

Cabeça: Krêng. Chifre: Nekáma. Cahir: Kutáma. Caminho: Yámin.

Canôa: (Cacho) Kákéma.

Cerca: Déyê.
Caneca: Petkúma.
Campo: Leprúru.
Caété: tutữma.
Capivara: Kréndjôi.

Casa: Inuan.
Cauda: Mbãma.
Carrapato: Tire.
Caroço: Konáma.
Cesto: Petkáma.

Chega, basta: Riquétôváin.

Chuva: Dánkutáma. Cobra: Poonema.

Cobra jararacussú: Krêntoyábn. Cobra jararaca: Kigékugrúma.

Comer: Côyê. Comprido: Téyê.

Conheço, sei: Végnomô.

Correr: Colóma. Cortar: Kub. Cotia: Kátxô. Cosinhar: Ndéi. Curto: Kátxidn. D

Dançar, Festa: Uváingrédma.

Dedo: Ningázeic.
Deite fora: Zóudnlo.

Dente: Nhãma.
Dia: Kôlan.
Diga: Tó.

Doente: Kóngóma.
Doce: Ngráa.
Dormir: Nhôro.
Duro, forte: Tuyôio.

E

Escrever, riscar: Ndéd-lédn.

Espere: Vê.

Estrella: Gliksãnc. Espinho: Txôi.

Estrada: Yámin-m'blang. Escremento: Nôzá.

Escremento: Nôzá. Espelho: Védn-védn.

F

Faia: Káinyá.
Fome: Kóiére.
Fazer: Hódn.
Farinha: Mbazá.
Fede: Ngêrckô.
Filho: Krãn.
Fogo: Préma.

Fraco: Króyóma. Fructa: Ndédkonama.

Flecha: Djőma. Frio: Kútxôle. Fundo: Digtxê.

G

Gato: Ngrúdma. Geada: Kubrule. Genro: Jambré. Giesara: N'déteyê. Gordo: Tanhôngũ. Grande: Mbógma. H

Hoje: Uri.

Homem: Kóingãng. Hontem: Lãquét.

I

Irmã: Vêsima, nungnkêsima. Irmão: Nunkédma, hangréma.

J

Jaboticaba: Máu. Jacaré: Létadma.

Jacú: Koũ.

Jacutinga: Pêigma. Jaguatirica: Ngrûdema. Jerivá: (palmeira): Tãinma. Joelho: Nyondúma.

Junto: Mbré.

L

Lá: Takané.

Lago, lagoa: Ngôiokatxidn.

Lança: Lónglôma. Lecenço: Quiúi.

Leite: Nóngnhêkumbóma.

Limpo: Hêe, kuprêe. Levante-se: Něnlô.

Leve: Kayúi.

Ligeiro, lesto: Túle. Lavar: Kúpêie.

Lingua: Numáma.

Linha: Nazé.

Longe: Ambautáma. Lontra: Zoukzéio. Lua: Koitxáma.

M

Mão: Nengá. Macaco: Kankáre. Machado: Mbégma.

Macuco: Ũvô. Magro: Kãió.

Mandioca: Kóngrê.

Manco: Tenkolég. Manso: Lăni. Marido: Mbédn. Matar: Tônh.

Mato: Kóhan.

Mãe: Ian.

Máu, ruim: Kolégma. Medico: Vaikoktóma.

Medir: (N'dêd)-kumbúdma.

Medo: Kômáng. Mel: Móngma.

Menino: Kóigangkatxidn.

Mentira: Ógtxóro. Mergulho: Pútkêma. Meu: láátón, itxón.

Milho: Nghára, nghálakonáma.

Miudo, pequeno: Kátxidn.
Moço: Kolänghādno.
Molhado: Nakpêma.
Montanha: Krên.
Morder: Prágnh.
Muito: Kámbāng.

Mulher: Prón.
Moça: Tentágma.

N

Nadar: Mblóma. Norte: Tú.

Não: Ih, ndêya.

Não quero: Tô uváinlô (negação abso-

tuta) tón. Noite: Kutũgma.

0

Olho: Kunáma. Orelha: Ningráma. Osso: Kukóma. Ovo: Krăn.

P

Paca: Krulan. Pae: Yúgma.

Panno: Kúla, kúru. Passarinho: Xangôima. Pato: Kuika. Panella: Kukrén.

Papagaio: Tangródma. Parente, amigo: Káiká.

Páu: Kóma.

Pé: Pánema. Pedra: Kazūma.

Peixe: Vung-vungma.

Pelle: Záre.
Pello: Kěkěma.
Pena: Záiê.

Pente: Uvákuréia. Pequeno: Kátxidn. Perdiz: Kokŭiva. Pesado: Kuzáke.

Pescoço: Ndúie.
Pinheiro: Zăngma.

Pintado: Lê. Plantar: Krán.

Pombo: Pentkuima. Preguiçoso: Nhanhára.

Preto: Txê.

Procurar: Konánten.
Porco do matto: Úgm.

Q

Quebrar: Kabque.
Quati: Xéma.
Quimar: Ponro.
Quente: Layógúma.

B.

Rato: Mbŭba. Rato: Kátxin. Raso: Palēma. Remedio: Vaikoktő.

Roça: Iapan. Rio: Ngoyóma. Ruim: Kólégma.

S

Sogro: Kákran.

Salto, cachoeira: Krong.

Sente-se: Nênlô.

Seio: Núnhê. Sim: Hón. Sol: Lá.

Sujo: Kóuvêi.

Surdo: Kutúdn, manketone.

T

Tateto: Okxá.

Taquárá: Vaugváma.

Terra: Ngóma.
Tigre: Mengma.
Torto: Pandoma.

Trabalhar: N'dédhádno. Trovão: Todotónema. Tucano: Nglũma. U

Urú: Putpúleklama.

Urina: Jóin.

V

Valente: Komangtán.

Vamos: Tódn.

Vou (eu vou junto): Ihá mbrétom.

Veado: Kambêha.

Venha (venha cá): Katénglô.

Vem: Kátong.

Vem ter commigo: Itxô katéng,

Vento: Konká. Vermelho: Kutxón.

## VOCABULARIO BOTOCUDO

## Colhido no aldeiamento de Palmas - Paraná

## A

Amanhã: Kulagma. Amigo: Kuiakama.

Andar a cavallo: Cavalú Takrené.

Anta: Ojoro.

Ante-braço: Einjaksi. Apeie: Katolé xuk.

Arco: Corichara, Einvuia.

Arvore: Poinbang. Avô: Ijungn tchuma.

### B

Bainha de facão: Tipá. Banco: Koiukôro.

Barba: Eijuvá. Barriga: Eijú.

Braço: Pan, eipan. Brasa: Tatapui.

Beber: Kakrá.

Bebida (qualquer) Kiki.

Bigode: Einjuvá. Borboleta: Purukundá. Botoque: Eigrokosê. Bugio: Ungugma.

#### C

Cabeça: Cren, licren. Cabello: Eicren kaki.

Cacete: Zunti.
Caibro: Tipandê.

Calor: (está quente) Kakapugug.

Caneca: Patku.

Campo: Leetou, leema.

Canella: Eitô.

Cantar: Einjadma.
Carne: Tiné.

Capivara: Krendjoi. Cavallo: Cavalú.

Ceo: Koiká.

Cesto: Kaitumê ou Kaituinê. Cesto: (não encerado) Canha.

Chamma: Zaikora. Chapeu: Eikeipongré. Chuva: Toonjonkedn.

Cinco: Ulangledna ulangledna upi.

Cobertor: Curo coxôn.

Coati: Chê. Cobra: Poon.

Comer: Eijokô (Krognê).

Correr: Tilalá.

Costa da mão: Einhenkanglò.

#### D

Dansar: Enjongrá.
Dedo: Einhengasai.
Dedo do pé: Eipançai.

Dente: Einjá.
Dois: Ulanglêdna.

Dormir: Tinoro tianecron (está dor-

mindo).

#### E

Estar de pé: Tinhama. Esteio: Tiunjôo. Estrella: Gliksane.

F

Fação: Kranjá.

Flecha de guerra: Machaipù-dulan.

Flecha de caça: Iingò.

Filho: Nheere. Filha: Iguxi. Fogo: Tatá.

Folha: Tisaia. Frio: Cuxoko.

G

Gallinha: Kukéve. Gallo: Kukéve.

Gato do matto: Men-caxid.

Geada: Kukrêregma.

H

Homem: Koingang.

I

Irmão: Nhonhedn.
Inimigo: Comblédgma.

J

Jaguaterica: Ungrudma. Janella: Zaatkakaxi. Joelho: Eijokren.

L

Labio: Einhkê. Lenha: Pen. Linha: Zooteji. Lua: Cooxok

M

Macaco: Couara.
Maitaca:Coojui.
Mãe: Nhon.

Maracanã: Cuuja. Marido: Einbadn.

Matto: Kotoklê pruulma.

Menino: Ugnere.

Moça solteira: Totee takn.

Moço: Kaalun. Mulher: Taã.

Mulher casada: Inpronsima. Mulher velha: Unbatun.

N

Noite: Kutugma.

0

Onça vermelha: Men cuxon.

Olho: Eikonan. Osso: Kukó. Ovo: Tinglá.

P

Paca: Crirlon.
Pai: Iuugn.

Palma da mão: Einhenkaká.

Papagaio: Tanglad.
Passarinho: Chaankoi.

Pé: Eipan.
Peito: Eisepalô.
Peixe: Kakrôa.
Pescoço: Einjui.
Picada: Ooméne.

Pinha: Zaaklê. Pinhão: Zaaksu. Pinheiro: Zaagma. Porco de casa: Unpê.

Porco do matto: Ungma.

Picapau: Uujakeingô.

Porta: Zaatka.

Q

Quatro: Uglanglêdna, Ulanglêdna.

Queijo: Einhô.

R

Ramo: Tipaama.

Rancho de folhas: Tapui.

Rasto: Eipan.
Rio: Goiobang.

Rio pequeno: Goio caxidn.

Roupa: Curo.

Roupa azul: Curo looma.

» verde: Curo jorokotonema.

branca: Curo cupri.preta: Curo chaama.

## S

Sobrancelha: Eicujukê. Saia: (retire-se) Titen. Sapato: Eipanpá. Sapo: Pupô.

Sapo: Pupô. Sente: Néro. Sol: Loógma.

### T

Taboa: Zaakpôgma.
Taquara: Vuadma.
Tateto: Ukxá.
Testa: Eicocá.
Tigre: Unmen.
Toca: Uklêlo.

Traga: Boiocoten.

Tres: Taktun ou Ulangledna upi.

## U

Unha: Einhengá Kreinkrů.

Um: Piré ou upi.

## V

Vacca: Cavalú, tinekô.

Vamos: Tatoro.
Veado: Cambê.
Velho: Tchiima.
Venha: Kamun.
Venha cá: Catanglô.
Venha sentar: Noonek.

Venha sentar no banco: Koinkôro ta-

krené.

Vou a cavallo para baixo: Cavalú ta-

krené katalen.



# DIE FEUERLAENDER

## EINST UND JETZT

VON

## MARTIN GUSINDE

Zu den wichtigsten Problemen der Amerikanistik, so weit die südliche Hälfte der neuen Welt in Frage kommt, gehört sonder Zweitel die von fachmännischer Seite durchgeführte vollständige und allseitige Erforschung der Feuerländer. Auch besteht kein Zweifel darüber, dass eine gründliche Darstellung ihrer kulturellen und somatologischen Eigenheiten viele Lichtblicke werfen könnte auf weit zurückliegende Völkerwanderungen innerhalb des südamerikanischen Dreiecks; denn die Feuerländer sind Randvölker, die, aller Wahrscheinlichkeit nach, aus ihrer früheren asiatischen Heimat ausziehend, das nordamerikanische Festland durchwanderten und von nachdringenden Völkerbewegungen vorangeschoben worden sind bis in den äussersten, abgelegendsten Süden dieses Kontinentes.

Es darf nicht wundernehmen, und auch niemandem zum Vorwurf gemacht werden, dass diese Völker bisher noch nicht zum Gegenstand einer umfassenden Unsersuchung vonseiten fachmännischer Kreise gemacht worden sind; denn zunächst bleibt zu beachten, dass sowohl Ethnologie als auch Anthropologie sich erst kürzlich, im Vergleich zu andern Disziplinen, als wirkliche, zur Selbständigkeit berechtigte Wissenschaften anerkannt wurden; dann mussten beide erst ihre spezielle Methode präzisieren, mit welch sehwerer Aufgabe sie auch heute noch nicht allseitig fertig geworden sind; und schliesslich lagen jene Feuerländer von den Arbeitszentren der Fachleute derart weit ab, dass es niemandem zu verübeln ist, wenn er sich dem Nächstliegenden widmet und das Fernerstehende vorläufig beiseite lässt. Wir hönnen trotzalledem noch immer mit Stelz zurückblicken auf das, was die Amerikanistik bisher geleistet hat.

An kürzeren Arbeiten über unsre Feuerländer, sowie an mehr oder weniger genauen Darstellungen ihrer kulturellen und körperlichen Eigentümlichkeiten hat es bisher nicht gänzlich gefehlt; sogar einer ziemlich ausführlichen Monographie über die Yagan können wir uns freuen (1); aber seitdem Darwin vor nun schon 90 Jahren, leider auf ungenaue Beobachtungen sich stützend, der Welt verkündet hatte, dass jene Feuerländer die armseligsten Geschöpfe wären, weil sie nur den einfachsten und niedrigsten Grad der menschlichen Daseinsform innehätten, da hat gar mancher Reisende, den sein Stern durch jene unwirtlichen Gegenden führte nicht viel Sympathie für die dortigen Bewohner mitgenommen, die ausserdem selbst noch durch ihr verwildertes und unschönes äussere nicht nur

nicht Vertrauen aufkommen, liessen, sondern sogar jeden Weissen abschrekken mussten.

Wie bekannt, haben erst in den letzten zwei Dezennien die Vertreter der neuen kultur-historischen Methode in der Ethnologie, und unter diesen speziell mein hochverehrter Lehrer und Führer auf diesem Gebiet, Prof. Dr. Wilhelm Schmidt, auf die unvergleichlich hohe Bedeutung der sogenannten Urvölker für die gesammte menschliche Kultur und Entwicklungsgeschichte mit Nachdruck hingewiesen. Es ist daher aufrichtig zu begrüssen, dass, folgeleistend diesem Aufruf, jetzt noch in elfter Stunde, von der Leitung des Museo de Etnologia y Antropologia de Santiago de Chile eine systematische Erforschung der einzelnen Stämme des Feuerlandes in die Wege geleitet wurde, Schreiber dieses war mit dieser zwar schwierigen, aber auch ehrenvollen Aufgabe betraut worden, und hatte in den Sommermonaten der Jahre 1918|19, 1919|20 und 1921|22 die Stämme der Ona und Yagan einer möglichst vollständigen Erforschung unterzogen (2).

Da die gesammelten Materialien noch der Sichtung und teilweisen Nachprüfung bedürfen sei es mir gestattet, die interessierten Amerikanisten zu vertrösten auf die in Bälde zu erscheinende Monographie über die Yagan, die ich mit meinem Freunde, Herrn Dr. Wilhelm Koppers, der auf der dritten und letzten Reise mein Begleiter war, zusammenzustellen bereits begonnen habe (3).

Hier möchte ich mich darauf beschränken, die Feststellung des Stammesnamens zu versuchen, sowie die geographische Verbreitung der einzelnen Rassen einst und jetzt, als auch einen aproximativ genauen Zensus ihrer Volkszahl in Vergangenheit und Gegenwart, zugleich mit Beifügung der Gründe ihrer so schnell erfolgten Dezimierung dem freundlichen Leser in aller Kürze darzulegen, in der Hoffnung, dass die dargebotenen Einzelheiten dazu beitragen werden, tief eingewurzelte Irrtümer, weil als falsch jetzt nachgewiesen, aus unser Fachlitteratur für immer zu beseitigen.

\* \* \*

Die ersten Reisenden und alten Schriftsfeller, wie es ja nicht anders zu erwarten ist, kennen kaum einen Unterschied der tatsächlich vier verschiedenen Rassen von Feuerländern; und selbst dieser Gattungsname gab Anlass zu vielen falschen Interpretationen, obwohl derselbe schon seit seiner Einführung und erstem Gebrauch, also seit 400 Jahren, mit beigefügter genauer Begründung jenen Eingebornen gegeben wurde. Als nämlich der grosse Entdecker der Meeresstrasse, die jetzt seinen Namen trägt, gegen Süden derselben während des nachts viele Feuer leuchten sah, benannte er aus diesem Grunde jene Gegend "Tierra de los Fuegos", also "Feuerland", oder genauer "Land der Feuer", gemäss den zuverlässigen Tagebuchaufzeichnungen von Magalhäes Reisegefährten Antonio Pigafetta. Denn obwohl der kühne Seefahrer selbst während seiner Durchkreuzung dieser Strasse keinen einzigen Indianer zu Gesicht bekommen hatte, stand es trotzdem bei ihm fest, dass diese Feuer nur Zeichen menschlicher Tätigkeit sein konnten (4).

Da leider einige neuere Schriftsteller diese klare und einfache Begründung des Namens "Feuerland" in den Quellenwerken übersehen hatten, waren sie nachträglich gezwungen, nach allerhand gekünstelten Erklärungsversuchen sich umzusehen; und selbst Ratzel schlug hierbei noch falsche Wege ein; er schreibt: "Die Namen Feuerland und Feuerländer werden auf zwei Arten erklärt: entweder von dem Feuer, das sie der Kälte wegen stets in ihren Kähnen führen, oder von den Feuern am Lande. Als

Fitzroy den Beagle-Kanal hinauffuhr, liessen die erstaunten oder erschrockenen Eingeborenen überalt Feuer aufflammen, sei es. um die Aufmerksamkert auf sich zu ziehen, oder um die Neuigkeit weiter zu verkünden. Dies würde einen innigeren Zusammenhang der Stämme bezeugen als man gewöhnlich anzunehmen pflegt" (5).

Die genauere Differenzierung der grossen Masse der Feuerländer in 3 bezw. 4 zumal linguistisch scharf getrennte Gruppen wurde, wie bekannt, erst in neuester Zeit vorgenommen und begründet.

Es wäre unser Wissenschaft sicherlich nicht viel gedient, wollte ich mich hier tummeln auf Gemeinplätzen zum Ziele der Erklärung der Stammesnamen der einzelnen feuerländischen Gruppen; das diesbezügliche litterarische Material wurde bereits mit emsigem Fleisse in einem jede Spezialuntersuchung jetzt bedeutend erleichternden Werke zusammengetragen von Rev. John M. Cooper, auf welches ich an dieser Stelle eigens aufwerksam gemacht häben möchte (6). Meinerseits werde ich mir daher nur gestaften, kurze Hinweise zu machen auf die Erklärung einzelner Namen, insoweit dies tunlich erscheint zum Zwecke der Richtigstellung früherer, ungenauer Anschaungen.

### I. - DIE ALAKALUF.

Zur Bezeichnung der in den westpatagonischen Kanälen des südlichen Chile heimischen Eingebornen hat heutigentags in der gesammten Litteratur der Name "Alakaluf" die Vorherrschaft vor andern Varianten erlangt. Deshalb schon, also aus praktischen Gründen, werde ich gleichfalls diese Benennung beibehalten; auch rät der weitere Umstand dazu, dass namlick der Name Alakaluf am meisten sich der Fassung nähert, welche die Eingebornen selbst gebrauchen.

1) Der Name. — Wie Kapitän King mit aller Bestimmtheit versichert 7), wurde das Wort "Alikhoolip" zur Bezeichnung jener Indianer zuerst von Fitzroy gebraucht; und abgesehen von einigen Variationen in der Aussprache dieses (Wortes, die ja sicherlich begründet ist, wie C. Skottsberg mit Becht hervorhebt, in der ungenauen Auffassung und Aufzeichung seitens verschieden veranlagter Reisender, denen wir jene Abweichungen in der Schreibweise verdanken, wurde mit diesem Namen winigstens jene eingeborne Bevölkerung bedacht, die in ihren kleinen Rindenbooten die Magalhäes-Strasse durchkreuzten. Speziell diese letztere Gruppe von Bougainville mit dem Namen "Pécherais" gekennzeichnet, wurde schon frühzeitig von Fitzroy selbst als zur Rasse der Alakaluf gehörig angesprochen.

Es liegt nicht in meiner Absicht, hier auf die verschiedenen Namen, mit welchen der uns beschäftigende Feuerländer-Stamm bedacht wurde, näher einzugehen, noch viel weniger die Deutung derselben zu versuchen, oder selbige auf ihre Richtigkeit zu prüfen; denn es fehlen noch die eingehenden Untersuchungen, die es uns erlauben würden, überhaupt erst einmal festzustellen, ob die oft genannten "Chonos" noch der Rasse der "Alakaluf" anzugliedern sind oder nicht, obwohl für diese Feststellung bereits wertvolle Vorarbeiten unternommen worden sind (8°. So beschränke ich mich darauf, hier darzulegen, was ich bezüglich des Namens dieser Rasse während meiner Expeditionen durch das Feuerland eruiren konnte.

Bei verschiedenen Gelegenheiten wurde mir von den Yagan die Bezeichnung "Hálakaluf-Yámana", sowie des öfteren "Halokoluf-Yámana", "Inolo-Máala", "West-Leute", als eigentlicher Name ihrer Nachbarn im

Nordwesten angegeben (9). Einige betonten, dass jene Indianer sich selbst diesen Namen "Hálakaluf" gegeben hätten; während andere Yagan wieder sagten, dass die Bezeichnung "Hálakaluf-Yámana" bestimmt Worte ihrer eignen Sprache, also des Yagan seien, deren Sinn ihnen aber unbekannt oder verloren gegangen wäre. Es unterliegt zunächst keinem Zweifel, dass "Inolo-Máala" ein ganz unverfälschtes Yagan-Wort ist; dies lässt sich aber, meines Erachtens nicht von dem Wort "Hálakaluf" feststellen; im Gegenteil, ich neige der Annahme zu, dass letzteres nicht der Yagan-Sprache eatstammt, sondern höchst wahrscheinlich ein generischer Ausdruck zur Bezeichnung: "Mensch, menschliches Wesen, etc." der eignen Alakaluf-Sprache sein wird (10), denn das gibt es gewöhnlich nicht bei primitiven Völkern, dass sie in ihrer Sprache einen eignen Namen zur Bezeichnung ihres Volkes im Gegensatz zu andern besitzen. Demnach hatten später die Yagan jenen Namen von den Alakaluf übernommen, wahrscheinlich schon in alter Zeit; und so erklärt es sich schliesslich, dass der wirkliche Ursprung dieses Wortes dem Gedächtniss der Yagan entsewunden ist. Andererseits ist aber dem Alakaluf selbst dieser Ausdruck sehr geläufig geworden zur Bezeichnung seiner eignen Person und seines Volkes, wosu selbstverständlich der Verkehr mit den Zivilisierten viel beigetragen haben wird, von welchen diese Indianer immer wieder mit diesen Namen bedacht wurden. In harmloser Selbstverständlichkeit versicharten mir die Yagan wiederholt, dass ihre Nachbarn selbst sich "Hálakaluf" nennen, und daher ist es für uns selbstverständlich, sie nur mit diesem Wort zu bedenken. Auch hatte ich während meines Aufenthaltes am Kanal Beagle, zu Anfang des Jahres 1922, mehrere Wochen hindurch die Berührung mit wei Alakaluf-Weibern die durch einen Zufall in jene Gegend gekommen waren und mit den Yagan zusammenlebten; sie nannten sich selbst gleichfalls zur Rasse der "Hálakaluf" gehörig.

Die beiden gebräuchlichsten Varianten: "Halakaluf" und "Halokoluf" unterscheiden sich nicht so bedeutend, um beide als Dialektverschiedenheiten auszugeben; jedoch spricht manches dafür, dass letztere Form, also "Halokoluf", als die ältere und ursprünglichere vorauszusetzen ist.

Wenn man schliesslich die von früheren Reisenden aufgestellten Namensbezeichnungen dieses Stammes mit einander vergleicht, so ist es besonders Carl Skottsberg (11), der sich am meisten der wahrscheinlichsten und ursprünglichsten Benennung nähert; er schreibt nämlich "Alukulup". Diesen Umstand betone ich hier deshalb mit besonderem Nachdruck, weil ich die in diesen Fragen interessierten Linguisten aufmerksam machen möchte auf die Genanigkeit, mit welcher der genannte Autor, obwohl er doch kein Fachmann in dieser Materie sein will, die von ihm veröffentlichte Wörterliste aufgenommen hat. Da es mir vergönnt war, Sprachvergleiche mit den oben erwähnten Alakaluf-Weibern anzustellen und mit deren Hilfe auch weitere Aufzeichnungen ihrer Sprache zu machen, war ich in der Lage, die grosse Genauigkeit des erwähnten Skottsberg-Wörterbuchs festzustellen.

Da jedoch der Name «Alakaluf" in der gesammten Litteratur Eingang gefunden hat, scheint es mir nicht ratsam, aus praktischen Gründen, die Annahme der genaueren Bezeichnung "Halokoluf" vorzuschlagen, zumal ja der Unterschied der beiden Ausdrucksweisen kein wesentlicher ist.

2) Geographische Verbreitung. — Als Habital dieser Indianer muss das ganze Gebiet zwischen Halbinsel Brecknock im Süden und dem Ausgang des Kanals Messier zum Golfo de Penas im Norden bezeichnet werden. Sowohl ethnologisch, als auch sprachlich gehören die Bewohner dieser zahlreichen und sehr verzweigten Wasserarme, desgleichen die Eingebornen an dem

Ufern der Magalhäesstrasse und der Kanale der Gegend von Ultima Esperanza sonder Zweifel zusammen. Alle hieraufbezüglichen Ansichten älterer und neuerer Forscher hat John Cooper mit Bienenfleiss zusammengetragen und sie können jetzt leicht von jedem Interessenten verglichen werden; ich hoffe, dass die folgende Darlegung auch noch jene Zweifel löst, welche die erwähnte Zusammenfassung Cooper's noch enthält.

Es wurde mir von den beiden erwähnten Alakaluf-Weibern in einwandfreier Weise dargetan, dass die weitausgedehnte Gruppe der westpatagonischen Bootsindianer in zwei verschiedene Dialektgruppen geschieden werden müssen: die erstere derselben hält sich besonders auf zwischen der Halbinsel Brecknock und dem Nordausgange des Kanals Smith, also zwischen dem 54°35' bis hinauf zum 51°40' südl. Breite, mit Einschluss der Magalhãesstrasse, sowie des Seno de Otway, Seno Skyring und Seno de Ultimi. Esperanza. Dies wäre die südliche Gruppe. Das Gebiet nun, nördlich von 51°40' bis an die Südufer des Golfo de Penas wird durchkreuzt von einer weiteren Gruppe, die sprachlich sehr starke Abweichungen gegenüber ihren südlichen Nachbarn aufweist. Dies schliesst allerdings nicht aus, dass beide Gruppen trotzdem mit einander verkehrten, sogar teilweise in das Gebiet des Nachbarn eindrangen ohne behelligt zu werden; wie ja auch vereinzelte Alakaluf in den Kanal Beagle einschifften, und Yagan ihrerseits aie Magalhäesstrasse durchkreuzten; ja selbst Heiraten der beiden Sprachgruppen der Alakaluf unter sich, und dieser wieder mit Yagan lassen sich in vereinzelten Fällen nachweisen.

Bis zu welchem Grade sich die erwähnten Dialektverschiedenheiten entwickelt hatten, war mir leider nicht möglich, festzustellen, weder durch direkte Beobachtung, noch mit Hilfe der Wörterlisten aus der Feder früherer Forscher; teils, weil meine beiden Gewährspersonen der südlichen Gruppe angehörten, und andernteils, weil die Wörterlisten aus früherer Eeit doch höchst mangelhaft und kritiklos zusammengestellet worden sind. Doch steht es fest, dass die Verschiedenheiten der beiden Dialekte derart sind, dass die Angehörigen der einen Gruppe sich mit denen der andern sprachlich nicht verständigen können.

Vor wenigen Jahren konnte der bereits erwähnte John Cooper, gestützt auf das damals bekannte linguistische Material noch schreiben: "Whether these local differences are important enough to constitute definite dialets, is hard to say" (12); ich glaube, mit Berufung auf das Urteil meiner beiden Gewährspersonen, die selbst in früheren Jahren den nördlichen Teil der westpatagonischen Kanäle durchfahren haben und somit in Berührung mit den dortigen Bewohnern gekommen waren, kann man nicht mehr daran zueifeln, das wir es mit zwei verhältnissmässig stark verschiedenen Dialekten der Alakaluf-Sprache zu tun haben.

Es liegt deshalb auch kein genügender Grund vor, die nördlichen Alakaluf mit dem besonderen Namen "Westpatagonier" zu bedenken, um sie zu unterscheiden von den Alakaluf der südlichen Gegend, wie dies C. Skottsberg durchgeführt hat (13); desgleichen die von Fitzroy als "Huemul" und als "Pescherä", letztere nach dem Beispiel Bougainville's, bezeichnete Gruppen waren nur Vertreter der südlichen Alakaluf, die von diesen Reisenden zufällig dort im Seno de Otway und Seno de Skyring, bezw. in der Magalhäesstrasse angetroffen worden sind.

Fast die sämmtlichen, mir bekannten Wörterlisten bringen den südlichen Dialekt; das gleiche gilt auch von dem Wörterverzeichniss, das C. Skottsberg aufgestellt hat, da das Weib, welches ihm als Dolmetscher diente, sicherlich der Südgruppe angehörte, und letztere verstand deshalb auch nicht ihre Landsleute der nördlichen Kanäle (14).

Zur Bekräftigung meiner obigen Feststellung möchte ich noch anfügen, dass der Norweger Larsen, jetzt ansässig in Punta Arenas während der letzten 9 Jahre in ständiger Berührung mit den Alakaluf gestanden hat und aus dem direkten Verkehr mit denselben in deren Sprache zwei klar verschiedene Dialekte unterscheiden lernte, und zwar gingen nach seiner Erfahrung die Verschiedenheiten so weit, dass die Vertreter der beiden Gruppen sich nur durch Zeichen gegenseitig verständigen konnten.

Aus obiger, kurzer Zusammenfassung bestätigt sich, was bereits J. Cooper (op. cit., p. 30) hervorgehoben hatte, gestützt auf das ihm vorliegende Material aus der Feder vieler Reisender der letzten Jahrhunderte, dass nämlich die Bootsindianer der ganzen weiten Gegend zwischen der Halbinsel Brecknock und den Südufern des Golfo de Penas sowohl somatologisch, als auch kulturell und linguistisch eine Einheit bilden, mit der Einschränkung, dass zwei Sprach-Dialekte unter dieser Rasse sich entwickelt hatten 15).

3) Zahl der Bevölkerung. — Wenig Genaues lässt sich darüber sagen, wie stark die Zahl der Alakaluf in früheren Zeiten war und heutigentags noch ist; alle diesbezüglichen Angaben beschränken sich nur auf mehr oder weniger genaue Abschätzungen, und selbige hängen gewöhnlich wieder ab von der Jahreszeit, während welcher der betreffende Berichterstatter jene Kanäle durchkreuzte; denn es ist eine bekannte Tatsache, dass während der Sommermonate diese Indianer sich mehr bei den auswärtsliegenden Inseln aufhalten, und im Winter den Schutz der inneren Kanäle suchen. Deswegen handelt es sich gleichfalls nur um willkürliche Schätzungen, wenn Furlong schreibt: "In 1869 they seemed to be the most numerous of the four Fuegian tribes, their number being estimated between 3.500 and 4,000, while a decade later at 3,000, and in about 1904 at 800" (16).

Es unterliegt keinem Zweifel, dass in der Zeitperiode ihrer ersten Berührung mit den Weissen ihre Zahl bedeutend höher gewesen sein muss, als die gegenwärtige, wie dies aus den Berickten von Sarmiento und Ladrillero klar hervorgeht. Es bleibt auch hier wieder zu unsern Ungunsten die traurige Tatsache zu buchhen, dass der diesem Naturvolke ungewollte-Kontakt mit der europäischen Zivilisation, die mancher, zweifelhafte Kulturträger ihm bringen zu müssen glaubte, selbiges hart an den Rand des völligen Unterganges gebracht hat.

Eine genaue Ziffer für ihre Bevölkerungsstärke lässt sich also nicht angeben; trotzdem hat ein jüngerer Reisender im Jahre 1904 ihre Zahl auf noch 800 Köpfe geschätzt; mit Recht hält C. Skottsberger diese Zahl für zu hoch gegriffen und fügt dann bei: "Während unsrer Reise (1908) sahen wir ungerfahr 80 und hörten von noch einem Dutzend vielleicht... Verschiedene Leute, die selbst Erfahrung haben, sind von ganz derselben Meinung wie wir, dass die gesammten Westpatagonier nicht über 300 sind" (17). Trotz alledem, der oben schon erwähnte Norweger Larsen hielt, trotz meiner weiteren Einwände daran fest, dass die heutige Zahl der Alakaluf sicherlich noch 200 erreicht. Allein, mich stützend auf die Mitteilungen solcher Seeleute, die häufig durch jene Kanäle fahren, glaube ich der Annahme zuneigen zu müssen, dass diese Rasse mehr als 100 Köpfe wohl nicht mehr zählen wird.

4) Ursachen ihrer Verminderung. — Und welches sind die Grunde des so starken Beölkerungsrückganges? Sicherlich ist an erster Stelle die direkte Verfolgung und das systematische Morden der Indianer seitens skrupelloser Weisser zu erwähnen als wichtigster Faktor; ausserdem aber haben hier der Alkohol und ansteckende Krankheiten verherend gewirkt und das Lebensmark dieses Volkes zerstört. Wenn Furlong schreibt: "Today they have been decimated through rum and disease, the effect of

contact with ships' crews with whom they barter skins for clothing and tobacco, but principally through liquor" (18), so schliesse ich mich dieser Ansicht vollständig an, möchte aber, wie gesagt, die systematische Verfolgung, denen diese Indianer schutzlos ausgesetzt waren und sind, und wovon Furlong wohl nicht viel erfahren haben wird, als Hauptfaktor bei ihrer Dezimierung hingestellt wissen; denn es ist weidlich bekannt, wie gerade in den letzten Dezennien verkrachte Seemannsexistenzen die patagonischen Kanäle durchkreuzten, mit den Indianern häufig in Streit gerieten wenn sie selbige Ihrer Felle berauben wollten, und da sie ja die stärkeren und bessen bewaffneten waren, wurde, ohne dass die Polizeigewalt irgendwie davon Nachricht erhielt, gar manches dieser Naturkinder, besonders die Männer, verschwinden gemacht, zumal dann, wenn sie die geschätzten Otternfelle nicht sofort hergaben oder Mädchen und Weiber vor den gierigen Gelüsten der zivilisierten Weissen zu schützen trachteten. Dass ausserdem die Syphilis unter diesem wehrlosen Volke umsichgreifen musste, erklärt sich leicht für jenen, der das Niveau und das mehr verborgene Leben der gewöhnlichen Seeleute kennt. Als dann während der letzten 3-4 Dezennien die Farmen besonders im Gebiet von Ultima Esperanza aufblühten und daher immer mehr zivilisierte Bevölkerung dortselbst ansässig wurden, nahm die letztere selbstverständlich grösstenteils bald eine feindlich Stellung den Indianern gegenüber ein, weil diese noch häufig die dortigen Kanäle durchkreuzten und ihren diebischen Instinkten folgend gelegentlich Schafe stahlen. In knapper, präziser Form charakterisiert Geoges Lecointe (19) das beiderseitige Wechselverhältniss: "Von den Amerikanern von jeher schlecht behandelt, zeigen die Alakaluf gegen jeden Weissen einen Hass, der auch vor dem Verbrechen nicht zurückschreckt. Die Amerikaner vergelten ihn wieder und rotten sie allmählich aus."

Schliesslich darf ich die vielen Todesfälle unter den Alakaluf, die in der Salesianer-Mission auf Isla de Dawson sich aufgehalten hatten, incht unerwähnt lassen; denn obwohl statistische Angaben über die Grösse der dert sich ansiedelnden Bevölkerung und der Sterbefälle nicht vorliegen, ist doch bekannt, dass wiederholte Epidemien die Indianerbevölkerung stark dezimierten. Vielleicht hat auch der schroffe übergand aus dem freien von adenleben in mehr geordnetere Verhältnisse, die veränderte Nahrung und der Zwang zur Körperbedeckung die physische Restistenz dieser Naturkinder nachteilig beeinflusst, weshalb dann die ihnen vorher unbekannsen Krankheiten um so vernichtender auf dieselben wirken mussten.

Wie hoch die augenblickliche Stärke dieser Rasse zu schätzen ist, entzieht sich, wie bereits bemerkt, einer genaueu Berechnung; mir persönlich will scheinen, dass ihre Zahl 100 kaum überschreiten wird. Jedenfalls ist es starke Ubertreibung, wenn Furlong meint (20), dass zwischen Kanal Beagle und Ultima Esperanza noch c. 100-200 Indianer dieser Rasse sich fänden; denn es dürften in diesen weitausgedehnten Gegenden kaum noch 10 Personen sein, die sich heutigentags auf die Umgebung von Puerto Gallant und Puerto Muñoz Gamero konzentriert haben. Die weitere Behauptung des gleichen Autors, dass "several hundert of them may still exist" (21) ist durch meine obigen Darlegungen bereits erledigt worden, desgleichen auch durch die glaubwürdigere Schätzung vonseiten des Schweden C. Skottsberg, der ja 1908, also sozusagen im gleichen Jahre wie Furlong jene Gegeden bereiste, jedoch mit dem Unterschiede, dass meines Wissens letzierer die Alakaluf nicht persönlich besucht hatte und seine Schätzung daher nicht die direkte Beobachtung zur Grundlage hat, wie dies für den schwedischen Reisenden gilt. Auch springt ferner sozusagen gekünstteltes, schablonenhaftes Konstruieren seitens Furlong's in die Augen

6236

wenn er die geographische Lokalisierung der jetzigen Alakaluf-Nieder-lassungen, wie falgt, bestimmen will: "Within the last eight years some of these people have been located definitely in the region of Last Hope inlet, Port Grappler, Port Tamar, the vicinity of Sholl bay, Dawson island and Beagle channel" (22); denn abgeneigt jedweder Sesshaftigkeit, sehen sich die letzten Reste dieses Volkes überdies noch ständig verfolgt und daher, jeder Gefahr ausweichend, ziehen sie sich in die abgelegendsten Kanäle zurück, wo sie den grössten Teil des Jahres verbringen, ständig wandernd von einer Küste zur andern, was allerdings nicht ausschliesst, dass sie häufiger in Puerto Bueno, Puerto Eden und in der Angostura Inglesa sich sehen lassen, und relativ lange in Puerto Gallant, sich niederlassen; aber äusserst selten durchkreuzen sie heute noch in ihren Rindenbooten den Seno de Ultima Esperanza oder die reiche Inselwelt südlich der Magalhäesstrasse.

So ist dieses Volk dem sicheren Untergange geweiht; in wenigen Dezennien wird der letzte von ihnen vom Erdboden verschwinden; denn die wenigen Mischlinge, die ihr Dasein gewissenlosen Seeleuten verdanken und die wenigen Europäer, die nicht Alakaluf-Weiber genommen haben und mit diesen Indianern und nach ihrer Art leben, sind wahrlich nicht berufen, die schon dahingesunkene Vitalität derselben zu heben und deren fernere Existenz zu sichern.

### II. - DIE YAGAN

1) Der Name. — Ohne sachliche Begründung, man könnte fast sagen, auf mehr wilkürliche Art, wurden die südlichsten aller Bewohner der Erdkugel, also auch die südlichste Gruppe der Feuerländer, mit dem Namen "Yayan" bedacht; und das vom protestantischen Pastor Th. Bridges (23). Selbiger leitete diese Bezeichnung her von "Yahga", dem Namen der nördlicher gelegenen Westspitze der Angostura Murray, welch letztere gebildet wird von den ausladenden Ost-bezw. Westufern der Isla Navarino und der Isla Hoste, die beide sich gegenseitig nähern bis auf nur geringe Entfernung; nach den Ansicht von Bridges wäre der genannte Punkt ein viel besuchter Landungsplatz der Indianer. Tatsächlich geben sie dieser Landspitze den Namen "Yaka", und dem davorliegenden Kanal den Namen «Yaka-saka", oder auch "Yagan-asaka" (23); dass aber hier der Verkehr der verschiedenen Gruppen dieser Rasse ein häufiger, oder dieses Gebiet der Versammlungsort einer grösseren Zahl von Familien gewesen wäre, das konnte ich nicht in Erfahrung bringen, und scheint mir das auch gänzlich ausgeschlossen (25).

Es handelt sich bei den beiden angeführten Namen nur um Sprachvarianten; der letzteren Form kommt Bove, bezw. Bridges sehr nahe, da jener schreibt: "Los Yagan, fueron asi llamados por el señor Bridges de Iaganasciaga, canal que divide la isla Ualla (Navarina) de la Usin (Hoste)" (26) Die fast gleiche Schreibweise beobachten wir bei Cojazzi der angibt: "Yaaganasciaga (stretto di Murray...)" (27). Aus jüngster Zeit stammt die Beschreibung aus Feder von Furlong: "Murray narrows in the native tongue, Yagha-Ashaga" (28).

Wie aus dem Gesagten bereits ersichtlich ist, sind die Grundelemente dieses zusammengesetzten Wortes: «yaka" und "shaka"; jedoch deren unveränderte Aneinanderreihung klingt dem für Wohlklang empfänglichen Ohr unsres Feuerländers zu hart und er schritt zu einer echten Sandhi-Bildung, die dann das mehr gebräuchliche "Yagan-ashaka" ergab; — ein Beweis für das ästhetische Empfinden dieses urkulturlichen Volksstammes, wofür noch viele andre diesbezügliche Belege aus dessen Sprache sich erbringen liessen.

Diese Indianer haben das Wort "yámana", als Bezeichnung für: Mensch. menschliches Wesen, Volk etc, und nennen sich daher selbst auch "yámana", um ihren Wesensunterschied von andern Lebewesen aus dem Tierreich oder aus ihrem Geisterglauben zum Ausdruck zu bringen. Schon frühere Schriftsteller, wie Bove, erwähnten: "Entre ellos se llaman Jmana y bajo este nombre se creen ser los solos seres racionales" (29.; die Mission Scientifique ihrerseits betonte: "Le nom que les Yaghan se donnent à eux-mêmes et par l'lequel ils se distinguent des autres peuplades est yomana, qui signific hommes, individus, gens" (30. Demnach, um dies hier einzufügen, wäre es richtiger gewesen, in unsrer Wissenschaft den Namen "Yámana" für dieses Volk aufzunehmen, wie wir ja in ähnlichen Fällen vorgegangen sind: ich erinnere nur an die Eingebornen des südlichen Chile, die sogenannten Araukaner, die sehr gut unter dem Namen "Mapuché" bekannt sind.

Von ihren nördlichen Nachbarn, den Ona, wurden unsre Yagan immer "wowen" genannt; dies erwähnt auch Lehmann-Nitsche, der schreibt: "Los Ona por su parte... llaman a los Yámana, Huóün"; und er fügt hinzu: "Huóün parece ser emparentado con Ch'ôn" (31, was ich allerdings für unwahrscheinlich halte.

Ohne dass Bridges dies eigentlich erfasst hatte, bildet die erwähnte Gegend der Angostura Murray, speziell "Yayan-ashaka", einen wirklichen Zentralpunkt für den ganzen Yagan-Stamm, wenn auch unter anderer Mücksicht als der von Bridges erwähnten; denn-und dies war bisher noch voillig unbekannt — es sondert sich die ganze Rasse in 4 Dialektgruppen, die unter einander bedeutende Verschiedenheiten nicht nur in einem oder andern Wort, sondern auch in der grammatikalischen Konstruktion aufweisen, abgesehen von weiteren Verschiedenheiten in den Mythen, Gesängen und Feierlichkeiten. Die Feststellung dieser Tratsache, die Anfang dieses Jahres mir im Verein mit meinem Reisebegleiter P. W. Koppers gelungen ist, könnte um so mehr auffallen, da ja der erwähnte Pastor Th. Bridges ein langes Leben unter jenem Volke verbracht und während dieser Zeit ein umfangreichhes Wörterbuch zusammenzustellen sich bemüht hat, ohne auf merksam zu werden auf die tatsächlich bestehenden Dialektverschiedenheiten (32). Diese Nichtbeachtung der letzteren beweist andrerseits, dass die 4 sprachlich von einander abweichenden Gruppen in früherer Zeit nur wenig gegenseitige Berührung gepflegt haben können, und dass z.B. während der langjährigen Existenz der protestantischen Missionsstation in Ushuaia nur ganz vereinzelte Individuen der Süd-Gruppe speziell in jenem Zentrum sich sehen liessen. Es gelang uns nun festzustellen, dass Bridges seinem Manuskript ausschliesslich den Zentrums-Dialekt zugrunde gelegt haben muss; was sich auch daraus erklärt, dass er fast ausschliesslich in Ushuaia und dessen direkter Umgebung seine langjährige Evangelisationstätigkeit ausgeübt hat, sich somit auf die dort lebende, zentrale Gruppe beschränkend. Es versicherte mir der würdige Pastor John Laurence, langjähriger Mitarbeiter von Bridges, dass gerade dieses Sichfernhalten vom Einfluss der Christianisierung, wie die Südgruppe dies an den Tag legte, späterhin die englische Missionsleitung veranlasste, das Zentrum ihrer Tätigkeit mehr nach Süden, nach der Tekenika-Bay zu verlegen, um endlich auch Einfluss auf die südlichsten Yagan zu gewinnen.

2) Verbreitungsgebiet. — Bisher wurden nur die allgemeinen Grenzen der Heimat der Yagan angegeben, aus dem leicht erklärlichen Grunde, weil man ja die Unterabteilung dieser Rasse in 4 Sprachgruppen bisher nicht kannte (33).

Das Verbreitungsgebiet der Zentralgruppe umfasste die ganze Ausdehnung zwischen dem Westufer der Yendegaia-Bai bis in die Nähe der Insel

Gables: diese Indianer besuchten in ihren kleinen Pindenbooten die beiderseitigen Ufer des Kanals Beagle innerhalb angegebenen Grenzen. Die Insel Gabler bildet auch gleichzeitig die Westgrenze für das Verbreitungsgebiet der Ostgruppe; letztere dehnte sich ihrerseits dem Nordufer der Isla Grande bis zum Kap San Diego entlang aus, also bis an die äusserste, am meisten nach Osten gelegene Spitze der Isla Grande; umfasste auch die östlich gelegenen Nord-und Ostufer der Isla Navarino bis zu deren Südspitze, der sogenannten Punta de Guanaco, mit Einschluss der Inseln Picton, Nennox und Nueva. Zwischen den zahlreichen, kleinen Eilanden, welche die Wollaston-Gruppe bilden, haben wir die Vertreter der Südgruppe zu suchen; diese durchkreuzten natürlich auch die übrigen Kanäle zwischen den Halbinseln Hardy und Pasteur, ohne allerdings den Seno Año Nuevo zu durchschiffen; gingen auch zur Angostura Murray hinauf, ohne jedoch letztere, wenigstens in früherer Zeit, kaum jemals nordwärts zu überschreiten in das eigentliche Gebiet der Zentralgruppe hinein. Die ganze weite Ausdehnung, angefangen von der Yendegaia-Bai bis zum gefürchteten, sturmumtobten Kap Brecknock war die Heimat der Westgruppe, welche jedoch weniger den an Gletschern und schwimmenden Eisschollen so reichen Nordwest-Arm durchquerten, als vielmehr den an Seelöwen und Fischen viel belebteren, und ruhigeres Wasser führenden Süd-West-Arm.

Es fehlte diesen 4 Gruppen durchaus nicht die gegenseitige Berührung und eine teilweise Mischung; aber es blieb doch jede Gruppe für sich derart auf das eigene Gebiet beschränkt, dass die erwähnten Verschiedenheiten in Sprache und Gebräuchen sich ausbilden und lange erhalten konnten, sogar bis heutigentags, obgleich die Gesammtbevölkerung sehr stark zusammengeschmolzen ist, die letzten Vertreter der einzelnen Gruppen sich zusammenschliessen mussten und dennoch, trotz ihres Zusammenlebens, die spezifischen Eigenheiten ihrer Gruppenzugehörigkeit nicht gänzlich eingebüsst haben.

3) Volkszahl.—Da es den ersten Besuchern jener abgelegen Gegenden selbstverständlich unmöglich war, uns den Stand der Bevölkerung zahlengemäss bekannt zu geben, bezitzen wir den ersten genaueren Zensus erst aus dem Monat Juni des Jahres 1884; in demselben stellte Th. Bridges die Gesammtheit der Yagan auf c. 4.000 Köpfe fest; genauerhin gab er an: 277 Männer, 316 Frauen und 356 Kinder, also im Ganzen 949 Personen. Dieser Zahl fügt er noch einige 50 Waisenkinder bei, die sich in seiner Missionsstation aufhielten, sodass die ganze Bevölkerung c. 1.000 Personen zählte.

An der Genauigkeit dieser Statistik glaube ich zweiféln zu müssen, gestützt auf wiederholte Erklärungen, die mir der schon genannte Pastor John Laurence und dessen Söhne bei verschiedenen Gelegenheiten mach. ten. Er selbst schätzte kurz nach seiner Ankunft in jenen Gegenden, also in den ersten 70er Jahren, die ganze Bevölkerung auf 2.500 Köpfe als Höchstzahl; glaubt aber die Ziffer 3.000 nicht sehr übertrieben. Bridges seinerseits dürfte nämlich die Zahl der Südgruppe, die ihm sozusagen fremd geblieben war, zu tief veranschlagt, bezw. in seinem obigen Zensus garnicht einmal beachtet haben. Und dies erklärt den Unterschied in den Schätzungen. Jedenfalls ist es nicht erklärlich, warum in einem so kurzen Zeitraum von c. 10 Jahren, nämlich seit der Ankunft des Pastors Laurence bis zur Aufstellung des Zensus von seiten Bridges ein starker Bevölkerungsrückgang stattgefunden haben solte, zumal da jene Faktoren noch nicht ihr verderbliches Spiel zu entwickeln begonnen hatten, die in den folgenden Dezennien den Untergang dieser Rasse besiegelten. Ihre Gesammtzahl ist heute zusammengeschrumpft auf nur 73 oder 74 Köpfe.

4) Ursachen ihres Rückganges.—Als Anfang der 80er Jahre die argentinische Regienung den östlichen Teil des Feuerlandes zu einen Territorio mit der Hauptstadt Ushuaia erhob, da kamen die darum nicht zu beneidenden Yagan immer mehr in direkte Berühung mit den fälschlich gerühmten und für sie auch wirklich fatalen «Segnungen» der europäischen Kultur; denn man kann ohne Übertreibung den Satz aufstellen, dass jedes Regierungsschiff sozusagen in den ersten Jaren nach der obigen Gründung als Andenken an seinen Besuch immer irgend eine ansteckende, gewöhnlich epidemische Krankheit in jener Gegend zurückliess, die bis dahin von solchen Plagen völlig freigewesen war.

Schon im März 1885 wurde die von Bridges im Juni 1884 noch auf c. 1.000 Köpfe veranschlagte Bevölkerung zurückgeführt auf mehr als die Hälfte, «a consequencia principalmente de una epidémia de sarampión, siendo de notar a propósito de esto que no hubo ningun caso de esta enfermedad entre los indíjenas residentes en la bahia Orange»; denn letztere Gruppe hatte ja jeglichen Besuch in Ushuaia und Umgebung gemieden. «A orillas del canal Beagle, familias que contavam 22 personas en junio de 1884, habían quedado reducidas a seis en el mes de marzo siguiente. Ha llamado la atención en estas circunstancias el hecho de que la mortalidad ha sido mayor en los hombres que en las mujeres, y a esto se debe que hai ahora una proporción mucho menor d chombres que de mujeres» (34).

Dass wirklich diese Krankheiten früher unter den Yagan unbekannt waren und erst von der modernen Zivilization gebracht wurden, das beweist klar das Folgende: «A consecuencia del establecimiento en Ushuuaia, en octubre de 1884, de una pequeña colonia enviada por el gobierno argentino, la alfombrilla, enfermedad nueva en la Tiera del Fuego, se llevó mas de quinientos fueguinos, de mil personas de que se componia la población de que hablamos, segun un conso exacto hecho en junio de 1884 (carta escrita en Uhs, el 9 de marzo de 1885)» (35).

Furchtbar waren demnach die Folgen jener Epidemie; «muchos fuegumos habían sido atacados por esta enfermidad;... todos los indivíduos atacados habian sucumbido al cabo de un tiempo mas o menos largo, que no pasaba de 5 a 6 semanas; los indíjenas estaban atemorizados» (36 weil sie den Verlust einer solch grossen Zahl der Ihrigen empfindlich fühlen und ausserdem für ihre eigne Existenz fürchten mussten. Daher begreift man, dass: «estos salvajes... huyen de Ushuuaia porque las enfermedades hacen alli mas víctimas que en ninguna otra parte, que se trate de la tisis, o de otras enfermedades importadas» 37. Und schon drei Jahre nach dieser schweren Epidemie traten die Pocken auf, die wiederum eine grosse Zahl von Opfern forderten und die Gesammtzahl der Bevölkerung abermals merklich verringerten.

Als weiteren, nachteiligen Faktor, der am Lebensmark besonders der zarten Jugend nagte, muss ich die wenig vorteilhaften Einrichtungen der protest. Missionsstation in Ushuaia anführen. Es entsprach z. B. nicht im entferntesten den physiologischen Bedürfnissen des Organismus dieser kleinen Indianer, dass sie in jenem kalten, feuchten Klima alle zusammen in einem grossen Schlafsaal, nur aus winddurchlässigen Brettern aufgerichtet und mit Wellblech gedeckt, ohne jede Heitzung, die frostigen Nächte verbringen mussten. Der Indianer braucht das Feuer, auch tagsüber, und wer ihm dieses sein Lebenselement nimmt, verurteilt ihn zum sichern Tode. Dazu kamen als weitere Benachteiligungen der gesundheitlichen Verhältnisse der Kinder noch die in der Mission verabreichte ihnen grösstenteils ungewohnte Nahrung; ferner die ihnen aufgetragene systematische Arbeit, für die ihr Körper nicht Widerstand, weil nicht

Nervenkraft genug hatte; schliesslich müssen wir noch die Schädigungen der Gesundkeit, bedingt durch das Tragen europäischer Kleidung, erwähnen; denn letztere häufte Schmutz leichter an, benachteiligte die so notwendige Hauttätigkeit, Körperausdünstungen und den direkten Kontakt der Oberhaut mit Sonne und Luft — alles das trug merklich bei zur Schwächung des unentwickelten Organismus der Kinder. (38).

Auch auf die Frwachsenen musste ein Teil der erwahnten Faktoren mehr oder weniger ungünstig wirken; (39); doch schlimmer waren die Nachteile verursacht durch alkoholische Getränke von manchmal zweifelhafter Komposition und vereinzelt sogar mit direkten Giften vermischt. Teils bezweckte der gewisssenlose Weisse, den Indianer mit solchem Gebräu direkt aus dem Wege zu schaffen, teils wollte er ihn für einige Zeit nur betäuben, um dessen Weiber und Töchter sich zu bemächtigen oder dessen Fischotternfelle zu stehlen. Es hiesse «Eulen nach Athen tragen», wollte ich die so bekannte Tatsache der nachteiligen Folgen derartiger «Zivilisationseinflüsse» auf ein Naturvolk, das gar keine Narkotika früher kannte, hier im Einzelnen aufführen; es genüge daher der kurze Hinweis, dass all diese Kulturgüter den Lebensnerv dieses Volkes tötlich trafen. Wenn man dann schliesslich noch hinzufügt die nicht geringe Zahl jener Unglücklichen, die wehrlos der Mörderhand des straflos ausgehenden weissen Mannes zum Opfer fielen, da kann es nicht wundernehmen, dass dieses Volk heute auf nur 73 bezw. 74 Köpfe zusammengeschrumpft ist. Es gelang mir, eine ganz genaue Statistik aufzustellen, sodass die hier angegebene Zahl für die Zeit des ersten Vierteljahres von 1922 absolute Sicherheit beanprucht. Es hatte Furlong deren Zahl im Jahre 1909 noch auf 175 Köpfe veranchlagt; das mag stimmen. Jedenfalls geht dieses Volk mit rasender Schnelligkeit seinem gänzlichen Aussterben entgegen, und mir will scheinen dass selbiges sich nicht mehr aufhalten lässt auch aus dem Grunde nicht, weil diesen letzten Resten des so vielfach heimgesuchten und schwergeprüften Volkes kein gesetzlicher Schutz gewährt wird; so werden die Verfolgungen, Schikanen und Beraubungen vonseiten des weissen Mannes erst aufhören, wenn der Letzte dieses Stammes ins feuchte Grab gesunken ist. Würden die Yagan selbst zur alten Lebensweise, die eben jener Gegend angepasst sein muss, zurückkehren, hätten sie den nötigen, gesetzlichen Schutz gegen die Ausbeutung der Weissen, wäre es überhaupt noch mal möglich, sie selbst den auf sie verderblich wirkenden «europäischen Kulturgütern» fenzuhalten, es wäre ein Wiederaufleben dieser Rasse ja nicht gänzlich unmöglich; aber die Aussichten, dieses ideale Ziel zu erreichen, fehlen bisher vollständig.

Wir wollen durchaus nicht verkennen, dass besonders die Kindersterblichkleit bei jenen Volke immer eine sehr bedeutende gewesen ist; aber andrerseits sind fast alle Familien mit zahlreichem Nachwuchs gesegnet, sodass der überlebende Teil der Neugebornen die Bevölkerungszahl in alter Zeit auf der gleichen Höhe hielt. Es berichtet darüber Bove: "La mortandad de niños de dos a diez años, (últimamente el límite se aumentó todavia) es verdaderamente extraordinaria» (40; in etwas übertriebner Form führt er selbige zum grössten Teil auf den Gebrauch zurück, die Neugebornen bald nach der Geburt zu baden und meint: «Estos baños... son sin duda la causa de muchas enfermedades a que están sujetos los jóvenes fueguinos... Se inmerge en el agua a los recien nacidos. Las desgraciadas criaturas pagan muchas veces con su vida la superstición de los padres»... Aber jedenfalls waren doch die übe lebenden für den harten Kampf ums Dasein gerüstet und gestählt. Wir können demnach der ernsten Tatsache nicht ausweichen, dass nur die

allesverheerenden Faktoren der modernen Zivilization einzig und allein imstande waren, dieses der Ungunst jener klimatischen Verhältnisse durch Jahrhunderte siegreich trotzende Volk an den Rand des gänzlichen Unterganges gebracht zu haben.

Mannigfach sind die Verschiedenheiten, die den Stamm der Ona von denen der Alakaluf und Yagan trennen, obwohl sie alle drei doch in unmittelbarer Nähe wohnen. Während die beiden letzteren Gruppen pigmoidenartigen Charakter in ihrer körperlichen Entwicklung zeigen, ständig im Boote leben und sich von dem nähren, was ihnen der Fischfang und das Meeresufer bietet, sind die Ona ihrerseits hochgewachsen, kräftig und muskulös, sie sind die Herren der Isla Grande de la Tierra del Fuego, welche sie in ungeahnter Schnelligkeit und Leichtigkeit zu Fuss durchqueren, um mit Pfeil und Bogen dem Guanaco nachzustellen, das ihnen Fleisch zur Nahrung und das wollreiche Fell zur Bedeckung liefert.

1) Der Name - Wie einige frühere Forscher bereits angedeutet diaben, stammt das Wort "Ona" aus dem Wortschatz der Yagan, ihrer südlichen Nachbarn; allerdings sind bei diesen Ableitungen manche Irrfümer nicht ausgeblieben. Hyades, sieh stützend auf ein noch nicht veröffentlichtes Manuskript aus der Feder des uns schon bekannten Pastors Th. Bridges gibt an: Le mot ona, dans la langue des Ona, signifie, autant qu'on peut le supposer, individus ou gens" (41); wieder andere glauben die Bezeichnung Ona von eigentlichen Ona-Worten ableiten zu können, und auf diese Ansicht sich stützend, schreibt J. Cooper: "Ona may be ultimately a corruption of tsoneka, ts' ona' ca, tsh'n, cho'n, chon....; or perhaps is derived form on, a word frequently used by the Onas..... or else from onan, the Yahgan word for north wind"... (42) Für mich persönlich unterliegt es keinem Zweifel, mich stützend auf eigene Beobachtungen, dass dieses Wort reinen Yagan-Ursprung hat; bei wiederholten Gelegenheiten wurde mir die Benennung: Quna-maala, wie selbige die Yagan gebrauchen, zur Bezeichnung ihrer nördlichen Nachbarn, von jenen vorgehalten mit der Bemerkung, das dieses Wort ihrem eignen Sprachschatz angehöre; während die Ona selbst sich mit einem andern Ausdruck benennen. Die Ona ihrerseits betonten mir, dass ihnen von ihren südlichen Nachbarn der Spottname "Ona" beigelegt würde, während sie selbst sich "Solk'nam" (43) nennen. Ob es nun zulässig ist, die Entstebung dieses Wortes Ona als Verstümmlung des Ausdruks "ch'on"-Mensch, Mann, Volk, zu betrachten, möchte ich nicht vollständig entscheiden, aber stark bezweifeln muss ich es doch. Zwar gibt Dr. Lehmann-Nitsche die folgende, auf den ersten Blick etwas berückende Erklärung: "A los Yámana se debe entonces la designación hoy usual, evidentemente corrupción de Chon (hombre en idioma Shilk'nam), cuyo primer sonido explosivo (ch) habrá ofrecido dificultades invencibles a la lengua del indio Yagan" (441; denn tatsächlich fehlen in der Yagan-Sprache die starken Explosivlaute, welche der Ona-Sprache besonders eigentümlich sind. Aber da seit uralter Zeit die Yagan vor ihren nördlichen Nachbarn eine heillose Furcht zeigten, unterliegt es wohl keinem Zweifeln, dass auch Sprachelemente der Ona zu den Yagan nichht leicht gekommen sein werden, dass somit der Ausdruck Quna-maala vielmehr reinen Yagan-Ursprung hat und im allgemeinen "Volk des Nordens" bedeutet.

Hingewiesen sei noch auf die relativ genaue Aufzeichnung einiger älterer Autoren: Moreno schreibt: «O'ona"; Spegazzini: "Aona"; Segers: "Aôna" etc.; die Unterschiede der beiden "o" in "ch'on" und in "Ouno máala" ist ersichtlich aus der Schreibweise.

Wie schon erwähnt und allgemein bekannt, nennen sie sich selbst "Sélk'nam", und bezeichnen mit diesem Ausdruck ihren ganzen Stamm.

2) Verbreitungsgebiet — Es haben sich die Ona ständig als alleinige Herren der grossen Insel, mit Ausschluss des Gebietes der Süd-Ost-Spitze, betrachtet, und mit Recht konnte ihnen niemand diesen Besitz streitig machen. Sie kamen wohl in Berührung mit den Alakaluf an den Westufern und mit den Yagan an den Südufern der Isla Grande, jedoch sind wir nicht berechtigt anzunehmen, dass die Ona in irgendwelche Beziehungen zu jenen beiden andern Stämmen getreten sind; vielmehr spricht alles dafür, dass zwischen denselben ständige Feindschaft geherrscht haben muss.

Ein Blick auf die topographiscen Verhältnisse der Isla Grande erklärt es sofort, dass die Ona sich mehr auf der Nordhälfte der Insel aufhielten; einerseits nur selten die hohen, bewaldeten Gebirge, die parallel zum Kanal Beagle laufen, überschritten, weswegen sie sehr selten in Berührung mit den Yagan kamen; andrerseits aber gingen sie nicht bis an den Nordrand der Insel zu längerem Aufenthalte hinauf, weil die dortige Gegend zu flach, sandig und windig ist, weshalb auch eine höhere Flora nicht sich entwickeln kann; der Indianer aber braucht den Schutz des Waldes und die ständige Nähe des Feuers, auch halten sich die Guanacos viel zahlreicher im Zentrum der Insel auf, wo sie mehr Schutz und Futter finden.

Hier hatten sich, wie es höchst wahrscheinlich gemacht werden kann, zwei Dialektgruppen in das weite Gebiet geteilt: eine östliche, die besonders zwischen San Sebastián und dem Cabo San Pablo, der Nordgrenze der Haus-Indianer, sich aufhielt; und eine Westgruppe, welche die Gebiete um Bahia Inútil ihr eigen nannte. Wohl war es gestattet und auch häufiger Brauch, dass die Vertreter der einen Gruppe in das Gebiet der andern übertraten, jedoch nur mit Zustimmung der betreffenden Eigentümer konnten sie dortselbst auch jagen.

Wie weit jedoch die erwähnten Dialektverschiedenheiten sich ausgebildet hatten, und welche sonstige, mögliche Unterschiede zwischen beiden Gruppen geherrscht hatten, wird sich kaum mit Genauigkeit und Ausführlichkeit jetzt noch nachweisen lassen, da, wie die Erfahrung zeigt. die Vertreter der Westgruppe wohl vollständig schon ausgestorben sind. Bekanntlich wurde ein grosser Teil dieser Leute, die der Mörderhand ihrer europäischen Verfolger entrinnen konnten, unter den sicheren Schutz der katholischen Mission auf der Insel Dawson gebracht, aber kaum einer derselben ist, als diese Missionsstation geschlossen wurde, wieder in sein altes Heimatsgebiet zurückgekehrt. Die Leute der Ostgruppe hingegen liessen sich zunächst an den Ufern des Rio Grande nieder oder weiter südlich in der Gegend des Río del Fuego.

Soweit ich jedoch noch es ausfindig machen konnte, dürften die sprachlichen Unterschiede der Ost- und Westgruppe nur unbedeutende gewesen sein.

3) Bevölkerungszahl — Noch mehr wie bei andern Stämmen sind wir hier auf blosse Vermutungen angewiesen bei Feststellung der ursprüngglichen Zahl der Ona. Verlieren wir es nicht aus dem Auge, dass, während bis zu Anfang der 80er Jahre der weisse Mann kaum wagte, trotz schwerer Bewaffung, das Gebiet des freien Feuerländers zu betreten, auch hier wieder die katholischem Glaubensboten die Bahnbrecher wurden und seit dieser Zeit, unter Führung des grossen, tatkräftigen Msg. Fagnano, jene weiten Gelände sich allmählich der wirtschaftlichen Ausbeute erschlossen! Dem Missionar folgte auf der Ferse allsobald der gewinnsüchtige Kaufmann; und kaum hatte letzterer etwas sicheren Boden unter seinen

Füssen, da begann er auch schon den entsetzlichen Ausbeutungskampf gegen den nun wehrlosen Ona. Hunderte und Hunderte von Indianern fielen der Habgier und Roheit des "zivilisierten" Fremdlings zum Opfer; niemand kennt die erschrecklich hohe Zahl jener Unglücklichen, die mit List und Brutalität aus dem Leben geschafft wurden. Auch in den Chroniken der Salesianermission finden sich keine genaue Statistiken über den Bevölkerungsbestand während der einzelnen Jahre. Jedenfalls leugnet es kein Kenner der dortigen Verhältnisse, dass viele Hunderte elend ermordet worden sind. Gewiss sind es blosse Vermutungen, wenn Furlong schreibt: "Within less than thirty years the Ameridian inhabitants have shrunk from probably more than 3.000 to a pitiful 500"; aber darin hat er vollauf Recht, dass diese blutige Verfolgung damit begründet ist, dass der Indianer eben: "possessed land the white man coveted for sheep and had a courage strong enough to oppose him" (45).

Der Wirklicheit sehr nahe war gewiss Poper, der auf seiner zweiten Expedition im Jahre 1891 die Zahl aller damals lebenden Ona auf 2.000 veranschlagte; desgleichen die Salesianermissionare, die im Jahre 1910 noch 350 angaben. Nach einem genauen Zensus, den ich persönlich mit Hilfe des P. Juan Zenone im Februar 1919 erhob, konnte ich als Gesamtzahl nur 276 feststellen. Eine grössre Gruppe dieser Ona hielty sich während der Sommermonate in einem Lager an den Ufern des Río del Fuego auf; sie bildete 27 Familien mit einer Gesammtzahl von 216 Personen; davon waren 66 Männer und 58 Frauen, beide Teile über 17 Jahra alt; 49 Knaben und Mädchen, im Alter von 8-17 Jahren; und 43 Kinder die das 8. Jahr noch nicht erreicht hatten. Eine weitere Gruppe der Ona, die aus Unabhängigkeitstrieb den Verkehr mit den weissen Verfolgern meiden wollten, hatte sich am Ostrande des Lago Fagnano niedergelassen und bildete eine Gesammtheit von nur 32 Personen, verteilt in 5 Familien; davon waren 5 Männer, 8 Frauen und 19 Kinder. Rechnet man zu diesen beiden Gruppen noch die wenigen, auf der weiten Insel, besonders im chilenischen Teile, zerstreut lebenden Ona, so belief sich ihre Gesammtzahl im Februar 1919 auf nur 276 Höpfe.

Bei einem späteren, nur kurzen Besuch des Heimatsgebietes der Ona hatte ich nicht Gelegenheit, die möglichen Bevölkerungsschwankungen gegenüber meinem früher erhobenen Zensus nachzuprüfen; indess liess sich feststellen, dass die Zahl und Zusammensetzung des gesammten Ona-Volkes sozusagen die gleiche geblieben war; und so bleibt als geltend bestehen, dass die Zahl der heute noch lebenden Ona zwischen 270 und 280 Seelen schwankt.

4) Ursachen ihres Unterganges — Wir stehen hier wiederum vor der betrübenden Tatsache, dass ein starkes, widerstandskräftiges und zahlreiches Naturvolk von Eingebornen unter dem Einfluss der weissen "Kulturbringer" dem völligen Aussterben nahegebracht worden ist; und zwar mit einer Brutalität, die nicht oft sich in der Geschichte der europäischen Siedelungen in Südamerika wiederholt hat.

Zunächst sei es mir gestattet, wie ich dies bereits bei einer früheren Gelegenheit getan (46), einem eingewurzelten Irrtum entgegen zu treten, demzufolge die Ona besonders durch Syphilis und Lungenschwindsucht zugrunde gegangen sein sollen. Dass die zuerst erwähnte Krankheit bei diesen Indianern zu grösserer Verbreitung gelangt wäre, ist nirgends bewiesen; im Gegenteil steht fest, dass sie immer und überall jede Berührung mit dem weissen Verfolger gemieden haben, und es wäre deshalbe ein klinisches Kuriosus, wenn innerhalb weniger Dezennien dieser widerstandskräftige Stamm viele Hunderte seiner Mitglieder unter dieser

Seuche verloren haben sollte. — Dass andrerseits die Lungenschwindsucht das Lebensmark dieser Naturkinder zerstört haben soll, klingt nahezu lächerlich, wenn man sich vor Augen führt, wie diese Rasse jahrhundertelang jenem fürchterlichen, rauhen Klima siegreich getrotzt hatte, in der Vollkraft ihrer Gesundheit, und dies alles bei dem einzigen Schutz, den ihr das Guanacofell gewährte und die wohltuende Wärme des Lagerfeuers.

Im Gegenteil, durchschaut man die ganze Sachlage offnen, unparteiischen Auges, dann erkennt man sofort, dass die europäischen Indianermörder, ein grosses Interesse daran haben mussten, die wahren Ursachen des Verschwindens der einheimischen Bevölkerung möglichst zu verdecken, und deshalb streuten sie mit lebhafter Geschäftigkeit in verschiedensten Versionen den Irrtum in die Welt: Die Ona gehen massenhaft zugrunde an Syphilis und Lungenschwindsucht!

Wir wollen durchaus nicht leugnen, dass wirklich eine vereinzelte Person an diesen beiden Leiden den Tod gefunden hat; aber dann lag als eigentliche, entferntere Ursache das intentionale Ausrottungsbestreben des europäischen Eindringlings, mit brutaler Gewalt unter Zuhilfenahme jedweden Mittels gegen den wehrlosen Indianer in Scene gesetzt, zugrunde.

Damit habe ich den Finger gelegt auf die wahre und letzte Ursache der Vernichtung jener Indianer. Der gewinnsüchtige Weisse sah den Reichtum den ihm jene Ländereien einbringen könnten, auf denen der Indianer noch als freier Mann auf eignem Boden, mit Jahrhunderte altem Rechtstitel ausgestattet, dem Guanaco nachstellte; doch seine Geldgier liess ihn Recht und menschliches Empfinden vergessen, er stürzte sich als der Stärkere auf den wehrlosen Ona und mordete ihn elend hin. Da ich bereits früher meine diesbezüglichen Beobachtungen über die Art und Weise dieser Verfolgungen dargelegt habe, mag ein anderer Autor die Weiterführung dieses Gedankens übernerhmen. G. Lecointe (47), der zweite Kommandant der Expedition der "Belgica" sagt hierüber: "Es lebten die Ona ehedem auf den grossen Prärien von Feuerland, wo sie ihre Guanakos und Muscheltiereim überfluss vorfanden.

Eines Tages erteilte dann die argentinische und die chilenische Regierung einer grossen Anzahl Estancieros die Konzession aller für Weideplätze geeigneten Ländereien, und obwohl man der Form halber in den Kontrakten sehr oft die Bedingung mit aufnahm, dass die Konzessionäredie Indianer zu schützen hatten, kümmerte man sich in der Praxis doch keineswegs darum.

Die Eingeborenen wurden in die Gebirge zurückgedrängt, wo sie bald nichts mehr zum Leben vorfanden. Sie machten dann einige Einfälle in das ihnen abgenommene Land und raubten Schafe. Die Folge war dann ein Krieg, wie man sich ihn ungleicher und feiger nicht träumen kann!

Die Ansiedler waren mit Gewehren bewaffnet und wurden von der militärischen Macht der Regierungen Südamerikas unterstützt; die Indianer hatten nichts als ihre Bogen! Die Metzeleien wurden zahlreich, aber da die Indianer trotz alledem etwas zu essen haben mussten, so gelang es ihnen doch öfters einige Schafe wegzunehmen. Die Folge davon war, dass gewisse-Estancieros Preise auf ihre Köpfe aussetzten, fünfundzwanzig oder fünfzig Frank, je nach der Jahreszeit!

Zu solchen Bedingungen findet man Menschenjäger nach Belieben, und die Onarasse verschwindet allmählich. Bald wird sie von der Liste der Völker gestrichen sein, ohne dass man auch nur hinreichend vollständige Dokumente ihrer kurzen Geschichte besässe!"

Wenn ich dem noch anfüge, dass den wehrlosen, ahnungslosen Indianern, vom Hunger gequält, von raffiniertn Farmern absichtlich mit Strychnin vergistetes Schaffleisch zum Geschenk zugesandt wurde, dass ihner

von andern entmenschten "Kulturträgern" verschiedentliches Krankheitsserum injiziert wurde, so glaube ich, dass das Bild des bestialischen Vorgehens des weissen Mannes gegen ein wehrloses und sich mit Recht zur Wehr setzendes, leider schon ohnmächtiges Volk, in seinen dunklen Farben vollendet ist. Zwar hatten sich die katholischen und protestantischen Missionare diesen Verfolgungen und Menschenjagden mit Freimut entgegengestellt; aber sie konnten gegenüber einen solch bestialischen Raffinement nicht aufkommen. So gehen also auch die letzten Reste dieser stärksten aller feuerländischen Rassen ebenfalls ihrem baldigen Aussterben mit unaufhaltsamen Schritte entgegen. "Pour souls! They got as far south as the continent permitted, but even then the white man crowded them off!" (48).

## IV - DIE HAUSS.

Soweit es sich aus der mir zugänglichen Litteratur ableiten liess, ist A. Cojazzi der erste, der den Namen "Hauss" zur Bezeichnung des Feuerland-Stammes aus dem Departamento Bahia Thetis der wissenschaftlichen Welt bekannt gab (49); er schreibt: "Generalmente si sogliono enumerare solo tre diverse tribù nell' Arcipelago Fueghino: ma dopo ricerche più minute e attente si venue a conoscenza di una quarta, alquanto affine agli Ona, ma distinta notevolmente per lingua é costumi. Questa tribù un tempo abitava fra Bahia Tetis e Bahia Fotbey."

Allerdings sind bereits frühere Autoren aufmerksam geworden auf sprachliche Unterschiede, die sie nachweisen zu können glaubten als wirklich bestehend zwischen den eigentlichen Ona und den Bewohnern der Südost-Spitze der Isla Grande; ohne jedoch weitere Eigentümlichkeiten dieser letzten Gruppe ausfindig zu machen und uns zu übermitteln. Man glaubte anfangs, dass es sich nur um zwei, sich nahestehende Volksgruppen handelte; in diesem Sinne wären auch die Worte des bekannten Dr. Lehmann-Nitsche aufzufassen, der schreibt: "Los Onas se dividen en dos tribus, la que existe todavia y que es la más conòcida, se llam Shilk'nam... La existencia de una segunda tribu, con dialecto especial, nos fué comunicado por el mismo señor Lucas Bridges. Le llama Mánekenken" (50).

- 1) Der Stammesname. Was zunächst diesen von Bridges eingefürten Namen "Manekenken" betrifft, möchte ich dazu bemerken, dass auf mein wiederholtes Fragen mir bedeutet wurde, weder Ona, noch der charakteristische Vertreter der Hause-Rasse, der alte Ventura, haben je diesen Namen gehört, noch weniger in Gebrauch gehabt; als ich darauf hinwies, dass derselbe zur Bezeichnung der Hauss-Gruppe diene, gaben sie mir mit Befremden zur Antwort, dass dies ein Irrtum wäre. Vor wenigen Monaten hattte ich noch Gelegenheit, den intelligenten Mischling Garibaldi, dessen Mutter eine Hauss war, über den nämlichen Punkt zu befragen; er gab mir klar und bestimmt zur Antwort, dass der Stamm, zu welchem er gemäss seiner mütterlichen Abstammung gehöre, einfach "Hauss" genannt wurde; das Wort "Manekenken" wäre ihm nie zu Ohren gekommen. Die Ona ihrerseits haben diese Rasse gleichfalls "Hauss" genannt, während letztere die Ona als die "ok'a" bezeichneten; dies wurde mir schon früher von dem Kenner der dortigen Verhältnisse P. Juan Zenone, als der Wahrheit entsprechend bestätigt.
- 2) Ihre Heimat Oben wurde schon angedeutet, dass die "Hauss" das Departamento Bahia Thetis bewohnten; in dieser Frage sind alle Autoren einig. Und da nach der Aussage der noch wenigen Überlebenden dieser Rasse und nach Ansicht der Ona unsre "Hauss" ihr eigentliches Habitat längst vor der Zeit in Besitz genommen hatten, bevor die Ona sich in den von ihnen

nun bewohnten Gegenden niedergelassen haben, dürfte es keinem Zweifel unterliegen, dass der Stamm der "Hauss" auch wirklich älter ist als der unsrer Ona.

Desgleichen versichern die Ona. dass sie manche Einrichtungen und Gebräuche der "Hauss" später in ihren eigenen Kulturbesitz aufgenommen hätten. Die sprachliche Verschiedenheit der beiden Rassen war so gross. dass ein "Hauss" erst das Idiom der Ona lernen musste, wollte er letztere verstehen, obwohl ausser der Gleichheit der starken Kehl- und Explosivlaute in beiden Sprachen, eine grosse Zahl der Wörter vollkommen übereinstimmen; ob ausserdem in der grammatikalischen Konstruktion Unterschiede obwalteten, konnte ich nicht mehr feststellen und möchte ich dies auch bezweifeln. Ferner behaupten die "Hauss", dass von ihnen aus das "Klóketen" auf die Ona übergegangen sei; und endlich sollen noch weitere Unterchiede bis in die letzten Jahrzehnte, wo die beiden Stämme sich schon vollständig vermischt hatten, bestanden haben. Auch scheint die durchschnittliche Körperhöhe der "Hauss" bedeutend niedriger gewesen zu sein als die der hühnenhaften Ona. Gute Beziehungen hatten sie gegenseitig ja immer unterhalten; auch konnten die "Hauss" ungehindert das Gebiet der Ona durchqueren und teilweise dortselbs auch jagen.

- 3) Ihre Zahl Es ist vollspändig ausgeschlossen und jeder Versuch auch unnütz, die frühere Zahl dieser Stammesmitglieder auch nur annähernd feststellen zu wollen; wegen der gewissen Ähnlichkeit und teilweisen Übereinstimmung von Hauss und Ona ist den früheren Forschern der Unterschied der beiden Stämme nicht besonders aufgefallen, und niemand bemühte sich, auch nur annähernd die Kopfzahl derselben zu bestimmen. Ohne die hier einschlägigen Zitate nochmals zu wiederholen, da denselben ja wenig Wert beizumessen ist, möchte ich nur beifügen, dass ich als Resultat meiner genauen Nachforschungen, Ende Februar 1922 einen Zensus aufstellen konnte, der als Resultat nur 5 Indianer ergab, als einzige Überlebende dieses Stammes. Es sind dies: Ventura, c. 55-60 Jahre alt; Manuela, die Grossmutter des Mischlings Yoimolka, (Garibaldi), im Alter von c. 90 Jahren; die Frau des Ona Salvador, c. 50 Jahre alt; die Frau des Gómez, eines Chilenen in der estancia Harberton, c. 45 Jahre alt, und schliesslich die Elisa Hóunten, im Alter von c. 40 Jahren.
- 4) Ihr Untergang Diese 5 Personen sind die letzten, traurigen Reste einer Rasse, die kaum als solche erkannt, in kürzester Zeit gänzlich verschwunden sein wird. Wie sie in der Vergangenheit das Los ihrer Brüder und Nachbarn, der Ona, geteilt haben, so erwartet sie auch die gleiche traurige Zukunft. Jetzt schon ist ihr Schicksal besiegelt; der Letzte der Ihrigen wird in wenigen Jahren auch ins Grab sinken, das seine Stammesgenossen schon lange deckt, und er wird mit sich nehmen den ganzen Reichtum der Kultur eines Volkes, das zu erkennen wir kaum Möglichkeit noch Zeit hatten; zurück bleibt für uns dann nur die lange, bittere Leidensgeschichte dieser Rasse, welche einzig und allein der überragenden Brutalität und rohen Gewalt des weissen Mannes erlegen ist.

\* \* \*

So ergibt sich aus obigen Ausführungen die sehon so oft erkannte und nur zu spät beklagte Tatsache, dass auch die widerstandsfähigsten Naturvölker schnell ihrem völligen Untergang entgegen gehen, wenn sie in Berührung kommen mit den sog. "Segnungen" unsrer europäischen Kultur. Es wären, gute, tüchtge Arbeiter geworden, diese Feuerländer, so recht geeignet in vieler Hinsicht für die verschiedenen Arbeiten und Aufgaben, wie selbige in den dortselbst nun eingerichteten Farmen zu leisten sind,

hätte man es verstanden, nach den erprobten Methoden der christlichen Missionierung sie langsam der Zivilisation entgegen zu führen; sie wären auch zuverlässigere und viel billigere Kräfte gewesen, als die anspruchsvolle, streiklustige und nie zufriedenzustellende Arbeiterschaft, die heute, unter grossen Unkosten, zur Erledigung aller Arbeiten im Feurland, eigens nach dorthin geschafft werden muss.

Möchten doch die Sozialpolitiker und Kolonisationsunternehmer wenigstens jetzt in elfter Stunde noch endlich lernen, den Eingebornen zu schützen vor der Gewalt und Ausbeute des weissen Eindringlings, damit er ihnen erhalten bleibe, langsam sich erhebe auf den erwünschten Grad der Kultur, und se als dauernd wertvolles, lebenskräftiges und stetes brauchbares Glied im ganzen Volkskörper sich betätige, zum grössten Vorteil der Nation und der Menschheit üeherhaupt.

#### MARTIN GUSINDE.

Jefe de sección en el Museo de Etnología e Antropología. Santiago do Chife

## ANMERKUNGEN

- (1) Gemeint ist hier die: Mission Ssientifique du Cap Horn, 1882-1883; Tome VII; Hyades et Denicker: Anthropologie, Ethnographie; Paris, 1891.
- (2) Über diese Reisen sind bisher ausführliche Einzelheiten nicht veröffentlicht worden, abgesehen von zwei offiziellen "Informes" an den Direktor des Museo de Etnologia y Anthropologia, die in den "Publicaciones del Museo de R. y A.", tomo II, zu finden sind.
- (3) Von den Aussichten und teilweisen, anfänglichen Erfolgen dieser dritten Expedition wurden die Fachleute bereits unterrichtet durch eine kurze Mitteilung, veröffentlicht im "Anthropos"; Band XIV|XV. SS. 1129 pp; 1919|1920.
- (4) Spätere Chronisten berichten die Namengebung in anderer Variation, die aber den Sinn durchaus nicht ändert; so schreibt Herrera (in Historia General de los Hechos de los Castellanos...; Decada II, Libro IX, Cap. XV, p. 237; "i porque vian de noche muchos fuegos, la llamó (Magallanes a toda esta región) la Tierra del Fuego".
  - (5) In seiner: Völkerkunde; Bd. I. S. 518; Leipzig, 1894.
- (6) Analytical and Critical Bibliography of the Tribes of Tierra del Fuego and adjacent territory. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology; Bulletin 63, Washington, 1917.
- (7) Narrative of the surveying voyages of H. M. S. "Adventure and "Beagle; Vol. I. p. 88.
- 8) Besonders verweise ich hier auf die erst jüngst erschienenen Abhandlungen von: Lehmann-Nitsche, Skottsberg und John Cooper.
- (9) Bei der Darstellung dieser Sprachlaute folge ich dem linguistischen "Anthropos-Alphabet". Vide: "Anthropos"; Bd. II, Heft 2 pp; Salzburg 1907.
- (10) So konnte ich z. B. nicht die geringste Andeutung dafür ausfinding machen, dass dieses Wort ein Spottname wäre, mit welchem die Yagan ihre Nachbarn bedacht hätten; diesbezüglich schreibt Lehmann-Nitsche: "Según una comunication personal que me hizo el doctor C. Spegazzini, Alakaluf o, mejor pronunciado, Olakaluf, deriva del idioma Yahgan y significa: Traga-me jillones, apodo con que estos indios apostrofaron a sus vecinos..." (El Grupo Lingüistico Alakaluf, p. 42). Dass

diesem Worte der spöttische Sinn "Muschelfresses" kaum zugrunde liegen kann, wird schon damit ausgeschlossen dass ja unsre Yagan wie auch die Alakaluf eine absolut gleiche Wirtschaftsform und Nahrungsversorgung haben, innerhalb welcher wieder die Miesmuschel den wichtigsten Faktor im Lebensunterhalt darstellt.

- (41) Vergl: Oservations on the Natives of the Patagonian Channel Region; "American Anthropologist" (N. S.); vol. XV, No 4, p. 606 pp; Lancaster 1914.
  - (12) Analyt. and Critical Bibliography., p. 28.
- (13) Einige Beobachtungen über die Eingeborenen Westpatagoniens; "Ymer" H. 3, pl. 243. 1910.
- (14) Der schwedische Verfasser schreibt dies betreffend: "Wir... begegneten in Angostura Guía (Guía Narrows) einem Kanbe mit nur einem Manne und zwei Weibern; ... Emilia erklärte, dass sie nicht ganz und gar die Sprache verstehen konnte; es kann sein, dass wir es mit Dialekten zu tun haben" (In: Einige Beobachtungen, p. 245). "Wir müssen aber in Befracht mitnehmen, dass die Grappler-Indianer nicht ganz dieselbe Sprache redeten wie diejenigen weiter südlich" (ib. p. 246).
- (15) An dieser Stelle möchte ich mir gestatten, auf einen Irrtum henzuweisen, in dem der Verfasser der wertvollen Bibliography, John Cooper, natürlich ohne seine Schuld, befangen ist. An verschiedenen Stellen seines Werkes weist er tröstend und voll Hoffnung hin auf einen "Catechism and prayer-book (?) in Alakaluf", das der Laienbruder Juan Xikora in Vorbereitung hätte; und zwar sei, die diesbezügliche Mitteillung dem genannten Autor zugegangen durch Dr. Cojazzi, Mitglied ebenfalls der bekannten Salesianer-Kongregation. Auf meiner ersten und zweiten Reise durch das Feuerland hatte ich hinreichende Gelegenheit, den genannten Laienbruder Xikora kennen zu lernen, der einer der ersten Mitarbeiter des Mgsr. Fagnano in dessen Missionsarbeiten unter den dortigen Eingebornen war, also auch mehrere Jahre in ständiger Berührung mit den Alakaluf auf der Insel Dawson gestanden hat. Nach Aufheben der letztgenannten Missionsstation, im Jahre 1912, siedelte er auf die Station Rio Grande über, woselbst er die gleiche Beschäftigung, wie er sie früher hatte, fand, Er hat nie an die Ausarbeitung eines ähnlichen Werkes, wie Katechismus, Wörterbuch etc. gedacht, war auch für eine solche Arbeit nicht im entferntesten vorbereitet, und beherrschte auch längst nicht mal bis zur Mittelmässigkeit die Alakaluf-Sprache. Er ist nach langer, eifriger Tätigkeit im Dienste der Mission im Mai 1921 dahingeschieden, ein Opfer seines edlen Berufes.

Auch wird wiederholt, ebenfalls irrtümlicher Weise, erwähnt, dass der jetzt verstorbene Pastor Th. Bridges ein Alakaluf-Wörterbuch zusammengestellt habe; so schreibt z. B. Furlong: "Mr. Bridges and his son Despard compiled an Anglo-Alaculoof dictionary about 1884, which seems to have disappeared" (Proceedings of the XIX, International Congress of Americanists, p. 422; Washington 4917). Ähnliches liest man auch bei John Cooper (Bibliography, p. 74). Nach meinen Erkundigungen, die ich betreffend diese Angelegenheit bei dem langjährigen Mitarbeiter des erwähnten Th. Bridges, dem würdigen Pastor John Lourence, einzog hat sich ersterer nie ausführlich mit der Alakaluf-Sprache beschäftigt, wie er überhaupt nur ganz vereinzelte und vorübergehende Berührungen mit Vertretern dieses Feuerländer-Stammes gehabt hat. Es ist also, ausgeschlossen, dass Bridges ein ausführlicheres Wörterbuch des Alakaluf zusammengestellt hat; andrerseits wäre es auch unerklärlich, wie dieses hätte verloren gehen können.

Im vorigen Jahre veröffentlichte der schon greise *P. Borgatello* eine Zusammenfassung seiner langjährigen Beobachtungen und Studien in den südlichsten Gegenden des amerikanischen Kontinentes; dortselbst findet sich auch eine lange Liste von Alakaluf-Worten (*Nozze d'argento*, vol. I, p. 531—555; Torino 1921).

Der Liebenswürdigkeit des Hmo Benove, S. S., verdanke ich ein anderes "Vocabulario Alakaluf" recopilado por el commandante del vapor "Meteoro", señor Bordes, en sus viajes por los canales Patagónicos, y copiado de sus memorias con el expreso permiso de él. Es enthält dasselbe 240 Worte; allein, selbige sind leider, wie vorauszusetzen ist, ohne diakri-

1ische Zeichen und ohne genaue Angaben über die Aussprache niederge-

schrieben, sodass demselben kaum ein Wert beizumessen ist.

Schliesslich möchte ich noch hinweisen auf eine andere Wörterliste, vom Umfang der Arbeit des erwähnten C. Skottsberg, die ich gelegentlich meiner diesjährigen Expedition durch das Feuerland zusammenzustellen Gelegenheit hatte; ich folgte bei dieser Aufstellung und bei der Fixierung der Laute dem "Anthropos-Alphabet" Augenblicklich aber bin ich noch nicht in der Lage, diese Aufzeichnungen der Offentlichkeit zu übergeben.

- (16) Procedings of the XIX. International Congress, p. 422.
- (17) Einige Beobachtungen... S. 249-250.
- (18) Proceedings of the XIX. International Comgress, p. 422.
- (19) Im Reiche der Pinguins; S. 60; Halle a. S. 1904.
- (29 Op. cit.; p. 422.
- (21) Op. cit., p. 422.
- (22) Op. cit.; p. 422.
- (23) In präziser und klarer Form drückt den willkürlichen Charakter dieser Namengebung der bekannte Dr. Lehmann-Nitsche aus, der darüber schreibt: "El nombre "Yahgan" de estos indijenas es una idea del misionero anglicano T. Bridges" (El Grupo Lingüistico Alakaluf. ...), p. 67.

(24 Das Substantiv "saka"=Kanal, Meeresarm, wird dem Eigenamen stets nachgestellt, zur genaueren Spezifizierung desselben; obwohl es häufig, zumal in gewöhnlicher Unterhaltung, auch weggelassen wird.

Daraus ist ersichtlich, dass die Erklärung des Namens: "yaka-shaka", wie selbige Dr. Lehmann-Nitsche in seiner wertvollen Arbeit (El Grupo Lingüistico Alakaluf, p. 17) versucht, auf ungenauer Information beruhen dürfte, weil er schreibt: "Yahga-shaga, es el nombre indijena para la Angostura Murray, y yo supongo que se traduce con Canal chico, puesto que yaka significa chico y shaga, canal, anteponiéndose en este idioma el adjetivo ante el nombre; Yahga, se llama una playa de ese "Canal chico", la que er otra época era punto de reunión de familias fueguinas". Der gleiche Autor fügt dann noch die weitere Erklärung bei: "Esta voz Yahga ampliada con la letra n (? tendrá un significado esta n? no lo sabemos) fué entonces aplicada por el mismo Bridges a los respectivos indios, en vez de Yámana, como ellos mismos se llaman".

Es ist wohl auszuschliessen, dass diesem n eine besondere Bedeutung zukommt; es tritt hier als eigentliche Sandhi-Bildung auf, wie auch in

vielen andern, ähnlichen Fällen.

- (25) Vergl.: Mission Scientifique, vol. VII, p. 14.
- (26) Bove: Expedición Austral Argentina, p. 125; Buenos Aires 1883.
- (27) Contributi al Folk-Lore....; p. 104; Torino 1911.
- (28) Proceedings of the XIX. International Congress..... p. 422.
- (29) op. cit., p. 125.
- (30) op. cit., vol. VII, p. 14.
- (31 El Grupo Lingüistico Tshon; «Revista del Museo de La Plata»; tomo XXII, p. 232; Buenos Aires 1914.
- (32) Man vergleiche hierzu weitere Einzelheiten in: Hestermann: Zur Transkriptionsfrage des Yagan (Feuerland); «Journal de la Société des Américanistes de Paris»; N. Ss., tome X, p. 27 pp; Paris 1913.
- (33) Am genauesten und ausführlichsten in: Mission Scientifique...; vol. VII, p. 15.
- (34) Nach *Hyades*, im «Annuario Hidrográfico de La Marina de Chile», Año XIV, p. 478; Santiago 1889.
  - (35) «Annuario Hidrográfico.....»; Año XI, p. 493; Santiago 1886.
  - (36) «Annuario Hidrográfico....»; Año XI, p. 488.
  - (37) ibid., p. 492.
- (38) Mit besondrem Nachdruck möchte ich eigens hervorheben, dass es mir fernliegt, die Missionstätigkeit der protestantischen Pastoren her-

abzusetzen oder der Kritik an dieser Stelle hier zu unterwerfen; ich zolledem Heroismus eines jeden Glaubensapostels, der von edeen Motiven getragen, sein Leben dem geistlichen Wohle der Mitmenschn widmet, meine vollste Hochachtung. Aber dies kann mich nicht hindern, auf manch unglücklich, gewählte, oder gar falsche Praxis in der Christianierung hinzuweisen, die oft leider zu grossem Verderben und Nachteil der Naturkinder geworden sind, wie die Annalen der Missionsgeschichte so oft und oft es aufweisen. Daher betrachte ich es als ernste Pflicht des Ethnologen. derartig falsche Methoden eigens aufzudecken, zumal dann, wenn die Missionare, wie im gegebenen Falle, die physiologischen Eigenheiten und den besondern Volkscharakter der betreffenden Eingebornen vorher gründlich kennen zu lernen sich nicht bemühten, um selbige zur Grundlage zu machen bei der methodischen Beeinflussung ihrer Schutzbefohlenen; denn die Verchristlichung der heidnischen Völker besteht nicht darin, dass man den Männern Hosen anzieht und die Frauen Röcke und Schürzen tragen lehrt; im Gegenteil, das Christentum, wenigstens der Katholizismus und wohl er allein, lässt sich in wunderbare Harmonie bringen mit der Individualität eines jeden Volkes, auch ohne den geschmacklosen europäischen Kulturplunder.

(39) Hierzu bemerkt noch G. Lecointe, der zweite Kommandant der Expedition «Belgica» (Im Reiche der Pinguinc... S. 61; Halle a. S. 1904): «Man tötet sie nicht, entledigt sich ihrer aber in der Weise, dass man das oberhandnehmen der Schwindsucht bei ihnen begünstigt. Die zivilisierten Völker, für die sie arbeiten, finden es nämlich für unsittlich, sie nackt herumlaufen zu sehen, und geben ihnen deshalb abgelegte Kleider. Nun kann aber die Arbeit an den vielen Tagen, wo es regnet und schneit, nicht eingestellt werden, und die armen, bis auf die Knochen durchnässten Leute müssen dann, da sie keine Lumpen zum Wechseln haben, ihre Kleider langsam am Leibe trocknen lassen.

Ursprünglich, als sie noch nackt umherliefen, wurden sie natürlich auch nass, aber sobald der Regen vorüber war, erwärmten sie sich wieder,

indem sie sich in ihr Guanakofell einhüllten».

- (40) Expedition Austral Argentina..., p. 129; Buenos Aires 1883.
- (41) Mission Scientifique, vol. VII, p. 15.
- (42) Bibliography...., p. 48.
- (43) Als diakritisches Zeichen zur Charakterisierung der Laute mit Kehlkopfverschfuss, wie in dissem Faile, habe ich das im «Anthopos»-Alphabet aufgenommene gewählt. Vgl.: «Anthropos», Bd. II, S. 896.
  - (44) El Grupo Lingüístico Tshon..... p. 232.
  - (45) Proceedings of the XIX. International Congress..., p. 433.
- (46) Vergl.: «Publicaciones del Museo de Etnología y Antropología», tomo II, p. 28 pp; Santiago 1920.
  - (47) Im Reiche der Pinguine ...., S. 61.
- (48) So: Harriet Chalmers Adams: A longitudinal journey through Chile. («The National Geographic Magazine»; vol. 42, p. 273; September 1922). Hinweisend auf den starken Rückgang Ger Feuerlander, schreibt der erwähnte Autor: «During the last years of the nineteenth century these Fuegians steadily decreased and are now practically exterminated. It is a bloody page of Chile's history». Ich möchte hier darauf hinweisen, dass unter den traurig-berühmten Indianer-Mördern der Name auch nicht eines einzigen Chilenen figuriert. Andrerseits aber will ich auch nicht leugnen, dass die chilenischen Behörden den verfolgten Feuerländern viel zu wenig Schutz, und auch diessen nur verspätet, vor ihren Verfolgern gewährt haben.
- (49) In seinen wertvollen: Contributi al Folk-Lore e all'Etnografia... p. 100; Torino 1911.
  - (50) El Grupo Lingüistico Tshon...., p. 232-233.

# A IDÉA DE DEUS NA THEOGONIA DOS INDIGENAS AMERIGANOS

POR

## JOÃO A. CORRÊA DE ARAUJO

Membro do "comité" local em Pernambuco

A orthodoxia christã, com as suas innumeras e subtis idéas theologicas, tem divisado no mundo phantasioso dos deuses imaginarios da theogonia dos aborigenes americanos a concepção de um Ente Supremo, impessoal e abstracto, creador do universo, onde exerce a sua omnisciente e providencial acção.

E' assim que alguns ethnologos, reportando-se aos indigenas do Brasil, de systema religioso inferior aos antigos imperios da America Central, do Mexico e do Perú, observam que no seio de algumas de nossas tribus indias já existia a idéa nitida, não só de outra vida, senão tambem de um Deus, autor do mundo e regularizador de todos os phenomenos cosmicos.

Não é preciso penetrar fundo na mythologia das raças indigenas do vasto continente americano para se verificar a inanidade da idéa metaphysica. Do grosseiro mundo selvagem, onde havia apenas esboçadas uma industria primitiva, uma arte indefinida, uma moral bruxoleante, o ideal religioso desponta das nevoas sombrias dos mythos, das superstições, das illusões animicas, como reflexo das rudimentares faculdades de raciocinio desses pequenos grupos ethnicos, perdidos nos recessos das immensas florestas do Novo Mundo, em que as pompas da natureza contrastam com a fragilidade do espiritó humano.

O systemo religioso dos aborigenes americanos, como a de todos os povos, nos primeiros degráos da evolução social, caracteriza-se por um culto grosseiro, imbuido de creações mythologicas mais ou menos extravagantes. (1)

O animismo domina em geral o espirito selvagem, incapaz de qualquer especulação, no dominio das idéas moraes e religiosas.

U a multidão de genios, ora protectores e ora malfazejos, dotados de consciencia, palpitam no seio dos animaes e das cousas ambientes.

Tudo era mysterio ante o cerebro obscuro de nossos ancestraes das selvas.

44

6296

<sup>(1)</sup> No Brasil a raça indiana se achaya no nivel mental do homem da idade de pedra, e, portanto, é obvio que não tivesse passado do naturalismo confuso que caracteriza a primeira phase da idade theologica. Apenas algumas de suas tribus começavam a entrar no segundo periodo— o da astrolatria, — na adoração do sol e da lua (Guaracy e Jacy).

O vento que sibila nas frondes das palmeiras, as sombras que se projectam no solo, o reflexo de suas proprias figuras no remanso das aguas crystallinas das fontes e dos rios, o murmurio dos regatos, tudo lhes eriçava a epiderme, porque na rudeza de sua fragil mentalidade não encontravam explicação razoavel para esses phenomenos da natureza.

Não podiam conceber uma entidade ou mesmo um objecto sem consciencia, desprovido de um espirito e de faculdades directoras. D'ahi a multidão de genios que se alojavam, não só no seio dos organismos animaes, dirigindo-lhes as acções, como no amago das proprias cousas inanimadas aos olhos do homem civilizado.

Nas pedras, como nos rios, nas montanhas, nos bosques, na terra, como nos astros, em tudo se aggregam, malfazejos ou beneficos, os duendes dessa mytholgia confusa e apavorante.

E' curial que o homem nú, desprovido dos necessarios instrumentos de defesa, como os dos arsenaes modernos, quasi inerme diante dos animaes ferozes, que com elle povoavam as florestas, luctando com as inclemencias do clima, se apavorasse no meio dos rigores da natureza.

Além disso, esses selvicolas eram torturados pelo terror dos espiritos máos, que, errantes ou occultos, conspiravam para atormental-os.

Explica-se assim o pavor que os dominava, originando essa crença phantastica e esteril, esse culto nervoso, votado a certas cousas que elles temiam, no intuito de abrandar os genios porventura máos dessas entidades.

A zoolatria, phantasia mythica inferior á adoração dos fetiches, conforme o espiritualismo dos negros da Africa, era praticada por todas as regiões do Novo Mundo.

A veneração especialmente pelo jaguar espalhou-se, como observaram os viajantes, por toda a America do Sul.

Na parte septentrional do Continente as crenças revestiam-se também de uma fórma muito primitiva e grosseira. Os Pelles-Vermelhas praticavam do mesmo modo a zoolatria, no culto prestado ao urso, ao lobo e outros animaes.

Havia ainda nas regiões americanas a hydrolatria, a phytolatria, a lytholatria, a pyrolatria, ou seja o culto da agua, das arvores, das pedras e do fogo.

O culto dos ancestraes tambem é praticado entre os povos indigenas das duas Americas.

Como demonstra André Lefèvre (La Religion), esse culto é compativel com os estados inferiores da intelligencia dos povos. Cook observou-o entre os Fueginos, que parecem extranhos a todo o sentimento religioso.

Os indigenas da Sumatra, que não conhecem deuses nem demonios, nem idolos, não deixam de venerar os tumulos e os manes.

No continente americano, accrescenta o illustre anthropologo, do extremo sul ao extremo norte, os patagões até os esquimós, vive-se sob o dominio dos espiritos e do manes.

Os Pelles-Vermelhas, os Iroquezes, veneram nos seus totens os animaes ancestraes da tribu.

As proprias mythologias das populações primitivas da America Central, da Colombia, do Mexico e do Perú, antes da conquista hespanhola, comquanto tivessem assumido fórmas superiores com o correr do tempo, de maneira a ser constituida uma religião importante, com sacerdotes, ritos pomposos, ceremonias solemnes, a principio não passavam de um culto grosseiro, caracterizado pela veneração do jaguar, do leão e até da

serpente, ad instar do que praticavam os Hottentotes em relação ao crocodillo. (2)

Evoluindo a concepção religiosa, dilata-se o horizonte do animismo, surgindo o culto dos astros, como systema mais perfeito e mais elevado em todo o territorio americano.

A lua, o sol, o trovão, a terra, são objectos da veneração indigena.

Mais tarde, quando as idéas moraes começam a penetrar na consciencia de nossos ancestraes, foi desapparecendo essa multidão de deuses imaginarios, e, com a transformação de seus sonhos mythologicos, surgiu outra ordem de deuses mais humanos: é o anthropomorphismo.

Mas não deixa de ser ainda um aspecto mais aperfeiçoado do animismo primitivo.

Só depois de elevar-se o nivel mental do homem e, com elle, o apparecimento de uma organização social mais desenvolvida, ao lado de altas idéas ethicas, é que desabrochou o ideal religioso de um Deus unico, o «Pater-Omnipotens, creador de todas as cousas, a quem, segundo a doutrina do syncretismo christão, todos devem dar contas no juizo final.

Ora, quem estuda a mentalidade dos indigenas americanos, o seu gráo de cultura, as suas rudimentares instituições sociaes, a sua mythologia grosseira, não lhes póde attribuir elevação de idéas religiosas, como lhes emprestam alguns ethnologos monotheistas.

A fórma mythologica dos habitantes primitivos da America Central e das antigas monarchias theocraticas do Perú e do Mexico attingiu ás proporções de um fervorosissimo culto, de uma religião aperfeiçoada, possuindo templos magestosos, em que se ostentavam sumptuosas divindades anthropomorphicas, revestindo-se de ceremonias solemnes, ritual pomposo, embora com sacrificios os mais barbaros e deshumanos.

Em cada solemnidade religiosa derramava-se muito sangue, immolavam-se muitos fieis, que deviam na vida do além-tumulo se communicar com os deuses e perante elles levar as humildes supplicas dos que ficavam na peregrinação terrena.

Desapparecera sem duvida o culto infantil do naturalismo com os seus deuses dos rios, das florestas, do mar, etc., e bem assim a grosseira veneração da mythologia animal, para assumir uma feição espiritualizada, embora ainda vaga e indefinida, mas já saturada de certas idéas moraes, á semelhanca do culto catholico, de que havia alguns dogmas.

Mas ainda não se nos depara a idéa de um Deus unico como na concepção do monotheismo christão..

A astrologia anthropomorphica era ainda a religião dominante nessas sociedades semi-civilizadas da America.

<sup>(2)</sup> O culto dos ancestraes é ainda hoje praticado nas regiões centraes do Brasil por algumas tribus locaes, segundo observou o general Rondon, em suas fecundas explorações, no interior do Estado de Matto Grosso. Os Arikemes, nação indigena das margens do Jamary, veneram os despojos de um antigo heroe, envoltos numa alva rêde de algodão, que, adornada de conchas e pennas multicores, pende da cumieira do templo (Pugico) consagrado ao culto.

Nas partes lateraes da igreja encontram-se objectos que foram do uso domestico do heroe venerado: conchas, armas (arco, flechas e clava), machado de pedra polida, paus de tirar fogo, etc. Informa ainda o scientista brasileiro que os Parecis, os Kepikiri-uats também possuem templos, mas o culto tem aspecto differente.

O deus «Pachacamak», dos Incas, que representavam a ultima dynastia dos Peruanos, tem sido considerado pelos theologos como uma entidade suprema do culto mythologico daquellas populações indianas.

Mas, pesquizas conscienciosas, feitas por autoridades anthropologas, vieram desfazer essas illusões religiosas dos escriptores catholicos. Como escreve Charles Detourneau, os mythologos monotheistas têm encontrado a personificação de suas idéas fixas naquella entidade anthropomorphica, deus secundario dos Peruanos, resto provavel de um antigo culto anterior dos Incas.

E' prudente, portanto, julgar suspeitas estas analogias catholicas dos escriptores hespanhóes do tempo da conquista.

As concepções mythicas do Perú, do Mexico e do Yucatan não differem no fundo do animismo fetichico, segundo ainda observa o eminente scientista francez.

São apenas fórmas menos grosseiras da zoolatria, do naturalismo, da astrologia e da crença nos espiritos.

O sol, objecto do fervor religioso dos Incas, não passava de um deus anthropomorphico, por isso que era considerado como ancestral daquelle povo, sendo representado na terra pelo rei, o pontifice que presidia ás ceremonias do culto indigena.

Essa divindade superior, porém, longe de ser abstracta e impessoal, como o deus monotheista, era, ao contrario, muito humana e muito material, tronco genealogico daquelle povo, segundo seu rude conceito.

Assim era a concepção animica, em suas phases evolucionaes, que dominava por todas as paragens do Novo Mundo, mesmo regiões em que, a par de uma sociedade mais desenvolvida, as crenças mythologicas se revestiam, como já notámos, de um aspecto racional, e mais se aproximavam das concepções moraes dos povos civilizados.

Si fizermos uma synthese das idéas de nossos aborigenes sobre a morte e a vida futura, mais veremos a fragilidade da orthodoxia christã acerca dessa questão.

Essas manifestações dos sentimentos, da intelligencia da raça indiana eram as mais pueris.

A morte não era entre elles comprehendida como a dissolução do ser, o aniquilamento da vida. A personalidade do morto, em suas plenas funcções organicas, prolongava-se após a morte, por isso que esta é apenas apparente.

A alma, segundo essa maneira de ver, é uma entidade material commum aos homens, aos animaes e até ás proprias cousas inanimadas.

Corpo e alma são cousas semelhantes, constituidas da mesma substancia. O corpo sem vida não projecta sombra, visto como esta é um desdobramento do mesmo, ou outro eu individual.

A sombra que projecta o corpo, observa André Lefèvre, é tambem uma alma para os Esquimós, os Pelles-vermelhas, os Guaranys, os Quichuas, os Aztecas e tambem para os gregos de Homero e os romanos de Plauto.

Portanto, sombra e alma são palavras synonimas na lingua desses indigenas.

Como notou Herbert Spencer, o vocabulo *ehecotl* significa sombra ou alma no idioma dos aztecas, como a palavra *natule*, entre os quichuas, e *tarnak* na lingua dos Esquimáos, expressam as mesmas idéas.

Os homens selvagens ou barbaros offereciam comida aos mortos, como objectos de uso domestico, porque attribuiam aos espiritos as mesmas propriedades corporeas e as mesmas injuncções physiologicas.

Este uso, conforme ainda observa o eminente sociologo inglez, foi seguido por muito tempo entre os Incas, que costumavam dizer aos cadaveres mais ou menos as seguintes palavras: «Na vida costumavas comer; é preciso, portanto, levar alimento ao teu tumulo, para que teu espirito se alimente, onde quer que estejas.»

Vê-se, pois, que a alma, nessa mythologia antiga, não era incorporea e abstracta, conforme o conceito do monotheismo christão, mas, ao inverso, material, podendo, como corpo, ser attingida.

A alma etherea e ideal só depois de longa elaboração das idéas metaphysicas é que foi racionalmente concebida.

A veneração de Tamoi, o «grande pae» dos guarayos, tribu dos guaranys, que repousa no céu, aonde os levará depois da morte, por meio de uma arvore sagrada, que, como a escada de Jacob, os elevará da terra ao paraiso, não tem por certo o alcance que lhe dá Alcides D'Orbigny.

Essa veneração focalizada num imaginario ancestral daquelles indigenas, divinizado por elles, abstracção, é ainda uma fórma evoluida do animismo das éras antigas—o anthropomorphismo, e, consequentemente, não revela uma idéa de Deus, que porventura possuissem elles ,« como todos os homens », segundo a expressão do preclaro ethnologista francez.

A concepção de um paraiso, região florescente, povoada de caça e de pesca, adornada de flores e fructos silvestres, para onde emigrarão as almas dos mortos, é um mytho existente na imaginação das populações indianas do continente americano.

Nenhum castigo ou recompensa se concebia para os espiritos depois da morte: não se galardoava a virtude nem se castigava o vicio.

Todavia, entre os povos mais adiantados da Colombia, do Mexico e do Perú, onde os influxos das idéas moraes já se faziam sentir, a concepção sobre a vida futura era mais racional.

O sol era o paraiso, morada *post-mortem* dos chefes e nobres, havendo para os malfeitores, lugares de soffrimento, gehennas localizadas nas profundezas da terra.

Mas, apesar disto, não podiam em seu polytheismo fluctuante, povoado de genios astrolaticos e anthropomorphicos, conceber a existencia de uma mansão paradisiaca, morada eterna de bemaventurança, á maneira do Christianismo, onde a alma, immortal, etherea e subtil, deve repousar ab aeterno no seio de um deus abstracto, unico e universal; — concepção que só mais tarde se desenha na consciencia do homem.

E' certo que o Christianismo, com o seu cortejo de genios celestes, de espiritos, cherubins, archanjos, santos, symbolizados em idolos e imagens, além de um deus que reveste aspecto anthropomorphico, quando se incarna em Jesus Christo (o Verbo), segunda pessoa do triangulo divino, não é mais do que uma fórma purificada ou evoluida da concepção animica dos homens selvagens, com os seus espiritos, os seus fetiches e os seus idolos.

Porém esse estadio da evolução religiosa não tinha sido ainda attingido pelas sociedades indigenas, mesmo as mais adiantadas.

Sómente com o desenvolvimento das idéas moraes, por uma concepção mais nitida da vida futura e do destino da alma, é que surgiu a concepção monotheista de um deus unico, força creadora, sabedoria e amor.

Nesse sentido, os mythos dos povos selvagens tem sido, no evolver das idades, os factores primordiaes das religiões. E si, como escreve André Lefèvre, eminente anthropologista francez, o homem tem perdido tempo a discretear sobre a immortalidade da alma, é porque o primeiro selvagem

contou a seu camarada os seus sonhos, as suas visões, as suas viagens ao paiz da morte.

Assim considerado, o monotheismo assignala a ultima phase da mythologia selvagem.

Mas, cumpre ponderar, a este systema ainda não haviam chegado as populações primitivas authocthones do continente americano.

Seu nivel intellectual, seu gráo de cultura, sua mythologia grosseira, em summa, suas creações sociaes, nol-o dizem bem.

Recife, julho de 1922.

# The isolation of ancient America as established by the cultivated plants and the languages of its aborigines

BY

## WILLIAM E. SAFFORD, PH. D.

In a paper read before the First Pan Pacific Conference, held at Honolulu in the summer of 1920, I pointed out that the principal economic plants of the early Polynesians were of Asiatic origin and had undoubtedly accompanied them to their island homes in the Pacific Ocean from their cradle in the Malay Archipelago. The chief food plants were the coconut (Cocos nucifera), the breadfruit (Artocarpus communis), taro (Colocasia entiquorum'), banana (Musa paradisiaca), yam (Dioscorea alata), and sugar cane (Saccharum officinarum). Among the textile plants were certain species of Urticaceae yielding fiber from which fishing nets and lines were made; screwpines (Pandanus spp.), from the leaves of which they wove their mats; and the paper-mulberry (Broussonetia papyrifera) from the inner bark of which they made their tapa or bark-cloth. A number of these plants, including the coconut, yam, and sugar cane, had retained their Malayan names, and the names of several, slightly modified, had also accompanied plants carried by their relatives, the settlers of Madagascar, to their great island on the coast of Africa. (1)

The object of the present paper is to point out the complete isolation of America from the rest of the world before the time of Colombus. One of the most convincing proofs of this was the fact that every food staple encountered in cultivation by the discoverers and early explorers both north and south of the equator was unknown to the Old World; in other woods, that not a grain of wheat or other Old World cereal; not an apple orange, mango, or other Old World fruit; no cabbage, beets, turnips, or other Old World vegetable; had found its way to the Western Hemisphere in phehistoric times; nor had a grain of maize, or other edible food-plant of America reached the Old World. In this connection the contrast between Polynesia and America was most striking. Practically everything of value possessed by the Polynesians had been brought with them from their ancient home in southeastern Asia; even the dialects spoken by them could be traced without difficulty to the same source. In America every economic plant had been developed from native wild plants encountered by the aborigines on mountain slopes, in valleys, marshes, grassy plains, or forest.

<sup>(1)</sup> See Safford, W. E. "Cultivated plants of Polynesia and their Vernacular names, an index to the Origin and Migration of the Polynesians". Special Publications of Bernice P. Bishop Museum. N. 7, pag. 183. 1921.

Maize, perhaps the most important contribution which America has made to the world, was developed from some native grass; potatoes from the bitter tubers of a wild Solanum of the South American Andes; sweet potatoes from the roots of a wild Convolvulus, or morning-glory; mandioca from those of a poisonous plant belonging to the Euphorbia family; beans and Lima beans (*Phaseolus vulgaris* and *Phaseolus lunatus*) from twining plants growing in thickets; pumpkins and squashes from trailing gourds probably bitter and uninviting in their wild state; and pineapples from forbidding plants with stiff prickly leaves growing in the arid plains of eastern tropical America.

Certain writers have believed squashes beans, and peanuts, to be of Old World origin and some have hold that bananas and coconuts reached America in prehistoric times. The discovery of squashes (Cucurbita pepo and Cucurbita maxima), beans (Phaseolus vulgaris and Phaseolus lunatus), and peanuts (Arachis hypogaea) in pre-Columbian graves, burial mounds, and cave dwellings, together with their close botanical relationship to indigenous plants which the aborigines had not brought into cultivation, is sufficient evidence of their American origin. As for the banana and coconut, their intrusion into America from the Old World is clearly indicated by early writers. No fruit resembling the banana was observed by Columbus or his companions. Oviedo (1556) states definitely that the banana was brought, in 1516, from the Canary Islands to the West Indies. and thence carried to the mainland. Hernandez who wrote about the year 1575 on the products of Mexico, and made numerous references to food staples of the Antilles, including the Manihot esculenta (called Yuca in Haiti and Quauhcamotl, or «Tree-potato» by the Aztecs), makes no references whatever to the banana. Piso, in his Historia Naturalis et Medicae Indiae Occidentalis (1658) includes both the banana and the coconut as species introduced into Brazil. Of the banana and plantain he states definitely: «Indigenae tamen hic non sunt, sed aliund huc deportatae plantae »; and writing of the coconut after having described a number of native palms, he points out that it is not indigenous but exotic: "Hactenus de Palmis indigenis, sequitur nunc celebris illa exotica per omnes Indias Coqueiro, quae a Brasilianis vocatur Inaiaguaçuiba, & fructus illius Inaiaguaçú. These names are significant: The Inaya was one of the common native palms: Inaqa-guaçú signifies «Great-Inaya»: Inaya-guaçu-ibi, «Great inaya-tree».

Hernandez, who wrote about the year 1575, in mentioning the coconut does not deal with it as a plant well known to the Mexicans, but enumerates the various uses to which it is put in the Philippine Islands, and tells of the conversion of its sap, collected in large bamboos, into sugar, wine, or vinegar. In connection with this industry it is interesting to note, that on the west coast of Mexico, Philippine methods are followed and the Philippine name tuba is applied to the fermented sap, clearly indicating it to be an intrusion from the Philippines.

In view of the frequent intercommunication between the west coast and the Philippines it would be strange if such an important plant as the coconut, so easy to carry and so readily cultivated, had been brought to Mexico and planted on a shore so favorable to ist growth. In the accounts of early Spanish voyages there are frequent instances of natives of the Philippines brought to Mexico. It is quite possible that Philippine immigrants were the first to prepare fermented tuba in New Spain. Hernandez includes other Asiatic plants in his great work; among them Areca cathecu, the source of the beloved betel nut of the natives of Guam and the Philippines; the betel peper Piper betel, whose stimu-

lating leaves, together with a pinch of lime, are chewed with it. He also describes certain Old World spices, including cloves, cinnamon, and the black pepper, so eagerly sought by Colombus. In connection with the latter plants I would point out that a westward route from Spain to the Spice Islands, sought by Colombus, was indeed established, but communication by water was barred by the continent of America. Spain was prohibited by the Pope from sending ships to the Philippines around the southern extremity of Africa, so that all Asiatic products had to be brought by way of Mexico from Manila to Acapulco, thence overland to Veracruz, and from Veracruz to Spain. In early days the origin of some of the products was not known. The famous Lignum nephriticum, from which magic cups were carved and presented to kings and emperors was believed to be a Mexican wood. It proved to be of Philippine origin as I have elsewhere shown. It was in all probability because the spices mentioned above came to Europe by way of NewSpain that Hernandez described them in his great work together with the products of Mexican origin.

When Colombus set forth on his famous voyage he carried with him samples of spices and precious woods, and at each island visited by him he told the natives, as best he could, that he was in search of similar substances. When the natives appeared to recognize them and indicated that similar spices grew upon their own or neighboring islands, it was quite natural for him to believe that he had reached the Spice Islands.

From the accounts of Marco Polo and other early travellers, Columbus knew of the existence of the nux indica, which was reported to be of great economic importance. This he also eagerly sought, and certain writers state that he found it. On examining the original narrative of his voyage however, instead of a statement implying such a discovery, I find under the date Satuday, November 17, 1492, a description of «un prado muy lindo y palmas muchas y altísimas más que las que había visto; hallo nueces grandes de las Indias, creo que dice, ratones grandes de los de India también». It goes without saying tha the ratones grandes were not East Indian species but indigenous rodents in all probability the large tree-rats called hutias, belonging to the genus Capromys. As for the palm «producing the large nuts of the Indies», which the narrator «thinks he mentioned», it can be identified with the excount with no more certainty than a certain bark which he mistook for cinnamon on November 4, or the woods which he mistook for the oriental almáciga and lindaloe, on November 15th. Ferdinand Columbus, in his account of his father's discoveries, mentions the palm trees referred to in the report quoted but he says nothing of the coconut, and this he certainly would have noted had Colombus encountered it. Nor does Peter Martyr, in his account of this par of Colombus voyage, refer to the nucces grandes de los de India which the narrator above cited «believed» Colombus to have mentioned.

A recent writer has denounced Columbus as a liar and impostor, declaring his narrative to be balderdash, and asserting that manioc, sweet potatoes, peanuts, and tobacco were all introduced into America from Africa in the sixteenth century. In reviewing this work, (2) Dr. R. B. Dixon, of the Peabody Museum of Cambridge, says that it is hardly worthy of serious comment. He points out that the author frequently

<sup>(2</sup> Africa and the Discovery of America, by Leo Wiener. See also the review of this work by Berthold Laufer, in the Literary Review of February 1, 1921.

misquotes the authorities cited by him and presents the most absurd arguments in attempting to account for the presence of tobacco and other products, assumed by him to be of American origin, in remots and isolated parts of America. He calls attention to deliberate misstatements and to the absurd identification with meerschaum of the Mexican chapopotli, well known to be bitumen, or asphalt; and he also refers to this author's remarkable theory that the mounds of the Mississippi Valley were "fortifications withe the traders, whether whites or Indians, erected all the way up from Florida to the Huron country, in order vouchsafe the trade which was established in the beginning of the sixteenth century..... between Canada and the south ».

Dr. W. A. Setchell of the University of California, in an interesting paper on «Aboriginal Tobaccos», published, together with a map indicating their distribution, in the American Anthropologist, v. 23, pages 397 to 414, 1921, characterizes the theory of the African origin of tobacco as absurd. After referring to Dr. Dixon's review, above cited, he points out the fact that all botanical evidence relating to the origin of the tobaccos had been ignored in he discussion. He shows by means of a map the distribution not only of the yellow-flowered Nicotiana rustica, which was the tobacco used by the Indians of Virginia and the other tribes of eastern North America, and the pink-flowered Nicotiana tabacum of the West Indies and tropical America, observed by Columbus and his companions on their arrival, but also that of Nicotiana attenuata and other narcotic tobaccos belonging to distinct species used by the various tribes of North America.

In summing up the evidence as to the isolation of ancient America, the fact that all of the cultivated plants encountered at the time of its discovery had been evolved from endemic species is most significant. No less significant is it that none of these American plants had found its way to Europe. Asia or Africa before the time of Columbus.

I have already called attention to the fact that the dialects spoken by the Polynesians can readily be traced to an Asiatic source. The Polynesians must have migrated before the primitive Malay language had become corrupted by the inundation of the Arabic and by the introduction of Sanscrit words from India. This has already been pointed out by the Rev. George Pratt, who devoted forty years to the study of the Polynesians and their language. Many of the primitive words such as those for sky, fish, rain, road, FIRE etc., are practically identical throughout Polynesia and in certain languages of the Malay Archipelago. The name for coconut can be traced from the niyor of the Malay Archipelago, and the niyug, or niug, of the Philippines and Guam to the niu of the Polynesia.

It was undoubtedly spread by man throughout the Pacific Islands and was accompanied by the remarkable coconut crab, *Birgus latro*, which is especially adapted for feeding upon it. This crab is quite absent from America.

A most striking contrast is offered by America, not only in the cultivated plants of the aborigines, as I have already pointed out, but also in the languages spoken by them which appear to be as certainly endemic as the plants. Not the faintest connection can be traced between them and any languages or stock of languages of the Old World.

In this connection Dr. J. P. Harrington, whose linguistic studies are well known to Americanists, has called my attention to several important features of the American languages. Though an examination of their phenetics indicates a common origin of many of these languages.

vet the more familiar we become with them the more appalling is their diversity. This is the common experience of all students of American languages. As an illustration of relationship and diversity between languages Dr. Harrington takes for an example the languages of Iceland and of Cicely, Aryan dialects, which have been trending apart without intercommunication of the speakers for three thousand or more likely for five thousand years. Yet in comparison with the diversity of almost any two American language-stocks that we may select, these languages seem closely related. Even if an Aryan and a Ural-Altaic dialect were to be discovered in America, they would be at once recognized by students of philology as belonging to a single linguistic stock; and yet we may safely assume that these two great divisions hade been drifting apart for perhaps thirty or forty thousand years, or even more. This great diversity of American linguistic stocks as well as the remarkable development of maize, pumpkins, beans, and other cultivated plants with their endless varieties from ancestors whics cannot be traced, points to a very remote antiquity of man in America, as well as to his complete isolation from the Old World before the time of Columbus.



## NOTRE HERITAGE DES INDIENS AMÉRICAINS

PAR

### W. E. SAFFORD PH. D.

Le caractère des arts et des industries des tribus primitives est surtout détérminé par leur environnement. Dans les régions boisées les matériaux employés proviennent en grande partie des troncs, de l'écorce, et des racines des arbres; dans le voisinage des lacs et des fleuves, des roseaux qui croissent sur les rives; dans les prairies privées d'arbres, des graminées et des joncs; et dans certaines parties cuitivées des déserts, des coques de courges ou de calebasses.

Les habitations et les vêtements du peuple et la nature de leurs aliments indiquent l'influence du climat. Des conditions similaires dans des régions absolument séparées ont amené des développements parallèles, Dans certains cas il y a une similitude tellement frappante qu'on est porté à croire qu'il y a une parenté entre des races qui réellement n'ont eu aucun moyen de communiquer entre elles. Les indigènes de la Virginie, de la Louisiane, et du Nord-Ouest des Etats-Unis, et ceux des bords des grands fleuves de l'Amérique du Sud creusaient des pirogues dans des troncs d'arbres géants en employant du feu. Les tribus des rives des lacs des états de Névada et de Californie construisaient des radeaux constitués par des fagots de joncs ou de róseaux semblables à ceux des indigènes des régions nues du Pérou et des rives du lac de Titicaca, situés sur des plateaux élevés, qui formaient autrefois le royaume des Incas. Certaines formes de paniers de nos tribus des côtes de l'ouest des Etats Unis avaient une ressemblance remarquable avec ceux du Vieux Monde. Egalement, certaines formes d'anciens tissus Péruviens faits de coton ou de laine de llama et d'alpacas, animaux apprivoisés, sont presque des facsimiles des formes orientales, tant par les dessins que par les modes d'exécution. Ces produits exquis d'un art développé et perfectionné dans l'hémisphère occidental sont aussi indépendents des tissus orientaux, auxquels ils ressemblent, que les llamas et les alpacas le sont de leurs alliés, les chameaux du Vieux Monde. J'en ai découvert des échantillons superbes au grand cimetière préhistorique d'Ancon, sur la côte du Pérou, près de la ville de Lima.

C'est là que j'ai ouvert un grand nombre de tombeaux renfermant des momies assises et entourées de pots en terre-cuite, dans lesquels il y avait des aliments bien conservés: du blé d'Inde, ou maís (Zea mays); des haricots, ou frijoles (Phaseolus vulgaris) de plusieurs variétés; des pallares, ou haricots de Lima (Phaseolus lunatus); des pistaches de terre, ou mandubí (Arachis hypogaea; des fruits desséchés de poivre de Cayenne, ou axí (Capsicum frutescens); des papas, ou pommes de terre blanches et jaunes (Solanum tuberosum); des patates sucrées, ou camotés (Ipomoea batatas); du manioc (Manihot utilissima), dont on retire la cassave: des fruits de diverses espèces d'arbres et arbustes, comme les chirimoyas (Annona cherimola), les pepinos (Solanum muricatum), et les locumas (Lucuna obo-

vata). Il y avait aussi des fuseaux de fil de coton (Gossypium peruvianum) et de laine de llama et d'alpaca.

Plus au nord, sur la même côte, près de Trujillo et de Chimbote, il y a d'autres cimetières préhistoriques, où nous avons trouvé des vases funéraires de diverses espèces, en forme de courges (Cucurbita pepo et Cucurbita maxima) et de calebasses (Cucurbita lagenaria), de racines d'achira (Canna edulis) de pommes de terre, et de manioc. Il y avait d'autres vases en forme de dieux, ou idoles, évidemment consacrés comme objets de culte, comme l'image du dieu d'agriculture, un monstre masqué qui tenait dans une main une tige de maís et dans l'autre une plante de manioc avec ses tubercules pendants; le dieu de maïs, entouré d'épis de blé d'Indie; et une troisième image assise sur un potiron, ou courge verruqueuse. Il y avait aussi des vases recouverts de pistaches de terre, ou mandubí (Arachis hypogaea) en terre-cuite et d'autres vases qui portaient des décorations en forme de pallares, ou haricots de Lima (Phaseolus lunatus).

Quelques unes des momies portaient des vêtements élégants ornés de bordures superbes, dont les couleurs étaient parfaitement conservées, et dont le tissu ressemblait aux tapisseries des gobelins.

\* \* \*

C'est la découverte de ces objets intéressants dans les tombeaux préhistoriques qui m'a inspiré le désir d'étudier les plantes alimentaires et les plantes employées dans les arts et les industries des tribus indigènes des autres parties d'Amérique, tant au nord qu'au sud de l'équateur. J'ai lu attentivement, dans les originaux mêmes, les récits de voyage, de Colomb, de Cieza de Leon, de John Smith, de Jacques Cartier, de Champlain, des pères Jésuites, et d'autres explorateurs et colonisateurs, de même que les récits de la conquête du Brésil, du Méxique et du Pérou, par les Portugais et les Espagnols.

Alors je me suis demandé d'où provenaient toutes ces excellentes plantes utilisées par les Indiens de notre continent. Après avoir lu attentivement les histoires de Piso, du Père Feuillée, d'Oviedo, et du Docteur Hernandez, le grand ouvrage d'Alphonse de Candolle, "L'origine des plantes cultivées," et aussi d'autres ouvrages de même nature, la réponse à cette question ne fut pas très difficile. Les premiers habitants d'Amérique ne trouvèrent pas ici une seule plante économique de l'Europe, de l'Asie, ou de l'Afrique. Même le coton des tissus des anciens Américains provenait d'espèces de Gossypium tout-à-fait distinctes de celles du Vieux Monde. La seule exception, peut-être, c'est la calebasse (Cucurbita lagenaria) dont le fruit desséché servait aux indigènes en guise de bouteilles, de post et de plats. Les ancêtres des Indiens n'ont connu aucune espèce de céréale, de légume, o ude fruit du Vieux Mond. Ils ont certainement dû commencer par manger des fruits, des noix, des graines, et des racines des plantes sauvages, provenant des prairies, des bois, des montagnes, et des marécages. Ils ont bientôt appris à choisir les meilleures espèces, à rejeter les nuisibles, et à conserver les fruits, les noix, et même les racines comestibles pour l'hiver. Cette conservation n'est pas surprenante; car les écureuils, les castors, et beaucoup d'autres animaux se font des approvisionnements divers. Ce qu'il y a de plus intéressant c'est que les premiers habitants d'Amérique apprirent non seulement à faire des récoltes des plantes sauvages pour leur nourriture, mais de plus qu'ils apprirent à semer, à cultiver, et à développer les espèces les plus agréables au goût. Cette culture primitive fut le vrai commencement de l'agriculture en Amérique.

Ils ont trouvé par expérience que certaines plantes étaient vénéneuses: que d'autres avaient des qualités purgatives ou constipantes, stimulantes ou calmantes, et même enivrantes, sans pouvoir se rendre compte des causes de cette intoxication. Conséquemment ils attribuaient à ces plantes une vertu, ou puissance divine; et en certains cas ils adoraient même ces plantes comme des dieux. Parmi leurs plantes divines était les tabacs et les stramoines; au Pérou, le floripondio (Datura arborea) et le tonga (Datura sanguinea), plante enivrante employée par les prêtres du temple du soleil à Sagamoza; et, aux Antilles, un certain arbre de la famille des Mimosacées qui fournissait des grains dont on faisait une poudre à priser qui causait un certain délire. C'est un religieux, Fra Ramon, compagnon de Christophe Colomb, qui nous a laissé une description de cette poudre, nommée coxoba, ou cohoba, que les Indiens de l'île Hispaniola, inhalaient en employant une espèce de canne en fourche, dont ils se mettaient les deux extrémités dans les narines, Au Mexique les prêtres et les médecins des anciens Aztecs se livraient à des pratiques de magie et de nécromancie, en se grisant ou s'excitant au moyen de quelques unes de ces plantes, surtout d'une espèce de stramoine et d'une petite cactée sans épines appelée peyotl. Même aujourd'hui ce peyotl (Lophophora williamsii) est vénéré et employé par beaucoup de tribus indiennes du Mexique et des Etats-Unis dans leurs rites religieux. Plusieurs des prêtres des anciens Mexicains furent poursuivis par les autorités de l'Église Catholique au XVIIeme siècle. J'ai eu la bonne fortune de lire des récits de procès de cette nature; et j'y ai trouvé des renseignements qui m'ont permis d'identifier un nombre d'espèces de ces plantes employées par les Indiens mexicains pour leurs rites religieux. C'est des Indiens Chichimecas du nord de Mexique qu'ils apprirent l'usage de cette cactée enivrante, nommée par eux teonanacatl, ("champignon divin" ou "chahir de Dieu") et par les Espagnols, "racine du diable". Il est inté ressant de voir que plusieurs de ces plantes enivrantes figuraient dans des cérémonies divinatoires qui ressemblaient aux pratiques des prêtresses de l'ancien oracle de Delphos. Ce qu'il y a de plus intéressant c'est que ces mêmes croyances et ces mêmes pratiques existaient dans des endroits bien séparés, comme à Cuba et à Haiti; au Mexique et au Pérou; en Floride et en Californie; en Virginie et dans les pueblos des Indiens Zuñi. Il est également remarquable que toutes ces peuplades employaient de l'encens dans leurs cérémonies religieuses. Dans certaines regions, comme aux Antilles, l'encens se composait de baumes odorants; au Mexique de copal résineux ou de certaines herbes aromatiques. D'autres tribus se servaient de tabac. On lit que les Indiens du Canada, avant d'entailler les érables à sucre pour en faire couler la sève sucrée, avaient l'habitude d'offrir un sacrifice à l'esprit de l'arbre, en brûlant du tabac et en même temps s'excusant à l'arbre de lui enlever son sang. Les Indiens mexicains, tellement éloignés des tribus du Canada, pratiquaient le même rite avant d'abattre un arbre pour en faire un pont, en brûlant du copal résineux et odorant, et en expliquant à l'esprit de l'arbre pourquoi on allait l'abattre.

Parmi les stimulants les plus importants découverts et employés par les anciens Américains se trouvaient la *yerba maté*, ou thé du Paraguay; le *coca* du Pérou; le *guaraná* et le *caapí* du Brésil et du Vénézuela: le *cacao* du Mexique; les tabacs des Antilles, du Mexique, et de l'Amérique du Nord; et le *coxoba*, ou *cohoba*, de Haïti, dont je viens de parler. (1)

<sup>(1)</sup> Safford, W. E. "Narcotic plants and Stimulants of the Ancient Americans." in Smithsonian Institution Annual Report for 1916, pp. 387 to 424, 1917.

En parlant de la yerba maté je voudrais appeler l'attention sur une espèce d'Ilex de mon pays, qui ressemble beaucoup à l'Ilex paraguaiensis. Cette plante, employée par les Indiens de La Caroline et de la Floride dans certains rites religieux, fut adoptée par les Espagnols comme succédané pour le thé. On a trouvé que les feuilles de cette plante contiennent de la caféine comme celle tirée de la yerba maté et du thé chinois.

L'Erythroxylon coca, employé avant la découverte de l'Amérique par les Péruviens, est un stimulant énergique qui est même aujourd'hui employé dans L'Amérique du Sud. De ses feuilles on extrait l'alcaloïde cocaïne. Dans les sépulcres péruviens, dont j'ai parlé, presque toutes les momies avaient des sacs remplis de feuilles de coca suspendus au cou, avec des petits matés, ou calebasses de chaux, que les Indiens du Pérou chiquaient avec les feuilles de coca.

Entre les tabacs usités par les anciens Américains les espèces les plus importantes étaient le Nicotiana tabacum de l'Orinoco et des Antilles, que Colomb et ses compagnons observèrent à leur arrivée, et le Nicotiana rustica, du plateau de Mexique, de Virginie, et du Canadá. Le Nicotiana tabacum était le petun des Brésiliens et le quauhyetl des Mexicains : le Nicotiana rustica était le picietl des Mexicains et le uppowoc des Virginiens; c'était le tabac sacré des Iroquois. A l'ouest du Mississippi le tabac le plus important était le Nicotiana attenuata.

On pensait autrefois que le cohoba des anciens Haïtiens état une préparation de tabac que l'on fumait. J'ai découvert que ce n'était pas du tabac à fumer, mais une poudre à priser, tirée des grains de *Piptadenia peregrina*, que j'ai identifiée avec la niopa, ou curupa, de l'Amérique du Sud, usitée aujourd'hui par certaines tribus comme stimulant ou excitant. (1)

Parmi les médicaments découverts par les anciens Américains se trouvaient plusieurs baumes précieux, tels que le baume du Pérou (Myroxylon pereirae), le baume de Tolu (Myroxylon toluifera), le baume de copahi (Copaiva langsdorfii) et le Liquidambar styraciflua. Il y avait aussi des écorces amères, telles que les quinquinas (Cinchona spp.) dont on fait la quinine, et les quassias, de la famille des Simarubacées. Les vertus de certaines plantes employées comme médicaments par les Indiens étaient purement imaginaires, tandis que l'efficacité d'autres, telles que les quinquinas, le cocca, les baumes, et l'ipécacuanha, a été démontrée par l'éxpérience; et elles ont été adoptées par les médecins praticiens modernes.

Beaucoup des matières tinctoriales des Indiens produisaient de belles et durables couleurs; mais grâce à la découverte des teintures synthétiques, tirées du goudron de houille, leur emploi diminue de jour en jour. L'usage même du bois de Campêche et du bois du Brésil comme teintures diminue constamment; et la propagation des petits insectes qui fournissent la cochenille (Coccus cacti) est presque éteinte au Mexique, même dans le district de Nochiztlan, dont le nom signifie "Lieu où abondent les insectes sang-de-cactus."

Parmi les plantes textiles des anciens Américains, il y avait plusieurs espèces distinctes de coton; Gossypium barbadense, le "sea-island cotton" des Antilles; Gossypium hirsutum, le "Upland cotton," cultivé aux Etats-Unis, au Mexique et dans l'Amérique Centrale; Gossypium hopi, cultivé par les Indiens d'Arizona et du Nouveau-Mexique; Gossypium braziliense, le

<sup>(1)</sup> Safford, W. E. "Identity of Cohoba, the Narcotic Snuff of Ancient Hayti. in journal of the Washington Academy of Sciences vol. 6, pp. 54% to 562.

aminiiú des Indiens du Brésil; et Gossypium peruvianum, de couleurs variées, blanc, brun, et pourpre, trouvée dans les tombeaux desquel j'ai déja parlé. Je devrais faire remarquer ici qu'en donnant des explications sur le coton du Brésil, Piso se servit malheureusement d'une gravure de Gossypium arboreum, une espèce du vieux monde, tellement distincte des nôtres qu'il n'est pas pessible d'en faire des hybrides avec aucune des espèces de Gossypium du Nouveau Monde. La même chose devrait être dite du Gossypium herbaceum du Vieux Monde, une espèce qui était autrefois prise pour notre propre Gossypium hirsutum, de laquelle le Ichcasijuith du Mexique, représenté en 1575 par Hernandez, se rapproche de près.

Je voudrais aussi faire remarquer que ce furent les Indiens Américains qui découvrirent les qualités du caoutchouc, et qui furent les premiers à l'utiliser. Au Mexique les premiers conquistadores observèrent que les habitants se servaient d'une grosse boule élastique en jouant un certain jeu. Dans quelques localitées de grandes ceurs étaient entourées de hautes murailles où étaient fixées de grands anneaux, à travers desquels la boule était lancée. La substance élastique avec laquelle cette boule était faite venait du latex d'un arbre décrit botaniquement sous le nom de Castilla elastica. Mais la source la plus importante du caoutchouc est Hevea brasiliensis, du latex avec lequel certaines tribus faisaient des seringues. Ces arbres sont connus au Brésil sous le nom de seringueiras. Des seringues en forme de poires, faites de cette substance, utilisées par certaines tribus d'Indiens Américains du Sud pour causer l'intoxication furent décrites par l'explorateur M. de la Condamine dans son intéressant rapport, publié dans les Mémoires de l'Académie Royale des Sciences en 1745.

Il a été impossible dans les limites de ce rapport d'énumérer toutes les importantes plantes propers à l'alimentatin, à la médecine, à la teinture, les plantes textiles et autres plantes économiques découvertes et introduites dans la culture par les aborigènes de l'Amérique ayant Colomb. Ouelquesunes ont démontré être de grands bénéfices pour l'humanité. La culture du maïs, des haricots, des tomates, des pommes de terre, des patates, des piments de capsicum, des courges, du manioc, des ananas, est maintenant très répandue. Le topinambour (Helianthus tuberosus), observé par Champlain dans les jardins des Indiens avant l'arrivée des Anglais en Nouvelle Angleterre, est maintenant cultivé en France; et les graines de la fleur soleil (Helianthus annuus), desquelles nos Indiens tiraient une huile excellente, sont largement cultivées en Russie. La Nicotiana rustica à fleurs jaunes des Aztecs et des Indiens Américains du Nort est aussi cultivée en Russie où elle est connue sous le nom de "tabac des paysans." La Nicotiana tabacum à fleurs roses, qui a remplacé dans notre pays celle à fleurs jaunes, a pénétré jusqu'aux régions les plus éloignées. Le cacao, avec lequel les anciens habitants du Mexique prépaient leur chocolat, est léune des plantes les plus importantes cultivées dans tous les pays tropicaux.

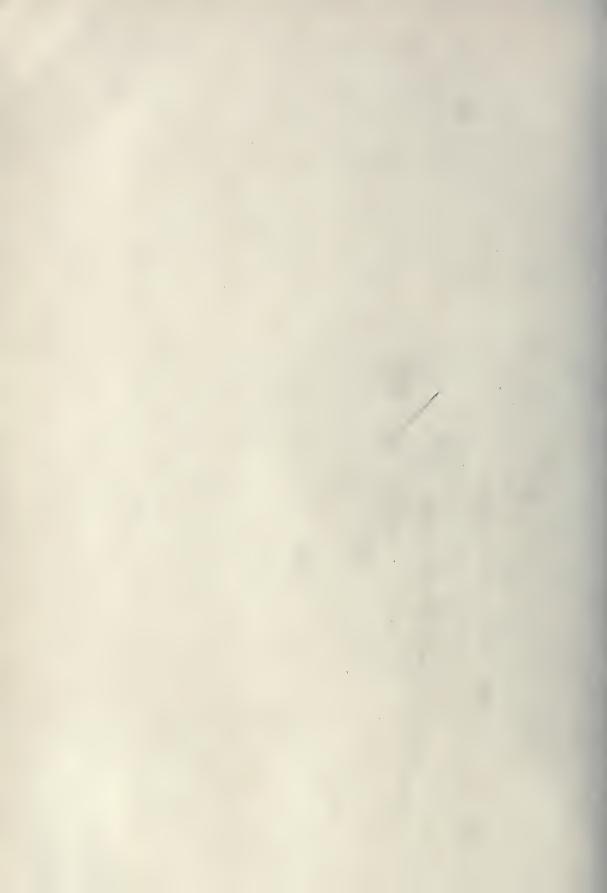
Pendant la dernière guerre quelques-uns des plus grands réconforts donnés à nos soldats dans les tranchées venaient des produits végétaux, héritage des Indiens Américains; cigares, cigarettes, chocolat, cacao, pistaches de terre, ananas conservés, sucre d'érable; quelques uns des aliments les plus nourrissants, tels comme les pommes de terre, le maïs sous la forme du maïs soufflé, maïs vert en conserves, pain, ou pâtisserie frite; haricots secs ou en conserves, paiates sucrées, tapioca et cassave. Nous devons tous ces produits et plusieurs autres aux Indiens Américains. Dans les hôpitaux les tubes élastiques des instruments chirurgicaux étaient faits avec du caoutchouc; mais le plus grand de tous les bénéfices fut la co-caïne, qui a permis de procéder aux opérations chirurgicales sans causer aucune douleur, héritage des Indiens du Pérou.

#### ILLUSTRATIONS

- 1. Dieux du Maïs des Anciens Péruviens. Vases Funéraires enterrés avec les Morts; trouvés à Séchura, à Santa, et â Chimbote, Côte du Pérou. Musée Field, à Chicago.
- 2. Maïs trouvé avec une Momie dans un Sépulcre à Ancon, près de Lima, Pérou. Musée National, à Washington.
- 3. Haricots (*Phaseolus vulgaris*) et Pallares (*Phaseolus lunatus*) d'un ancien Sépulcre. Côte du Pérou. Musée National, à Washington.
- 4. Pistaches de Terre (Arachis hypogea) dans une Calebasse, trouvées a Ancon. Musée National, à Washington.
- 5. Fuseaux de Fil de Coton; Coton brun et blanc Péruvien d'un ancien Sépulcre, Ancon. Musée Field, Chicago.
- 6. Dieu d'Agriculture des Anciens Péruviens, tenant dans une main une tige de Maïs et dans l'autre une plante de Manioc avec ses Tubercules pendants. D'un ancien Sépulcre à Séchura. Musée Field, à Chicago.
- 7. Vases Funéraires en forme de Courges Cou-tors, trouvés à Séchura et à Chimbote, Côte du Pérou. Musée Field, à Chicago.
- 8. Vase Funéraire en forme d'un Dieu assis sur une Courge Verruqueuse, trouvé à Chepen, Côte du Pérou. American Museum of Natural History, New York.
- 9. Vase Funéraire recouvert de Moules de Pistaches de Terre. Côte du Pérou. American Museum of Natural History, New York.
- 10. Vase Funéraire, en Arglle noire, orné de deux moules de Pistaches de terre. Côte du Pérou. Musée National, à Washington.
- 11. Cactée enivrante (*Lophophora Williamsii*), le "Peyotl" des Indiens Chichimecas du Mexique, Plante fleurie, Département d'Agriculture, à Washington.
- 12. Boutons secs de "Peyotl" (Lophophora Williamsii), employés dans des rites religieux par beaucoup de Tribus Américaines.
- 13. Sac contenant des Feuilles sèches de l'*Erythroxylon coca*, et petite Calebasse de Chaux, trouvés dans un ancien Sépulcre, Côte du Pérou. Musée National, Washington.
- 14. Feuilles, fleurs, et fruits de l'*Erythroxylon coca*, photographie de M. O. F. Cook, Département d'Agriculture, Washington. Des feuilles de cette plante on tire la Cocaïne.
- 15. Tabac à Fleurs roses (*Nicotiana tabacum*) de l'Orinoco et des Antilles, qui remplaça le Tabac à Fleurs jaunes des Indiens du Mexique et de Virginie. Station Expérimentale, Arlington, Virginie.
- 16. Tabac à Fleurs jaunes (*Nicotiana rustica*) des Aztecs et des Anciens Indiens de l'Amérique du Nord; aujourd'hui cultivé en Russie sous le nom de Tabac des Paysans. Station Expérimentale, Arlington, Virginie.
- 17. Coton Péruvien (Gossypium peruvianum) à laine blanche et brune Collection Economique du Département d'Agriculture, Washington.

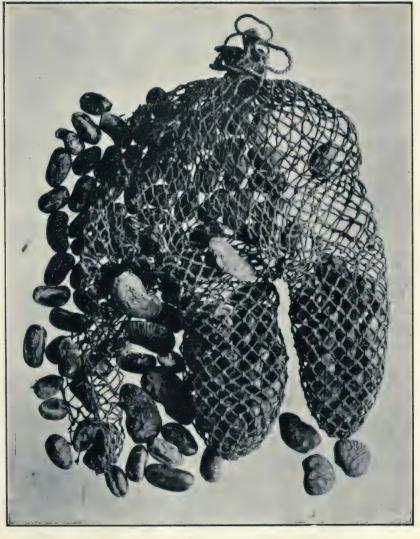


N. 1 — Dieux du Maïs des Anciens Péruviens. Vases Funéraires enterrés avec les Morts; trouvés à Séchura, à Santa, et à Chimbote, Côte du Pérou. Musée Field, à Chicago.





N. 2 — Maïs trouvé avec une Momie dans un Sépulcre à Ancon, près de Lima, Pérou. Musée National, à Washington.



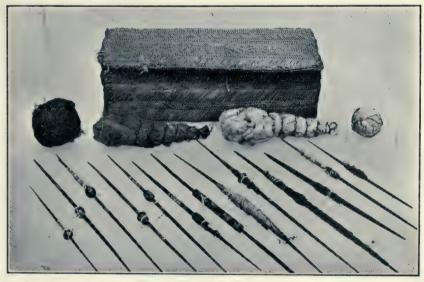
N. 3 - Haricots (Phaseolus vulgaris) et Pallares (Phaseolus lunatus) d'un ancien Sépulcre,



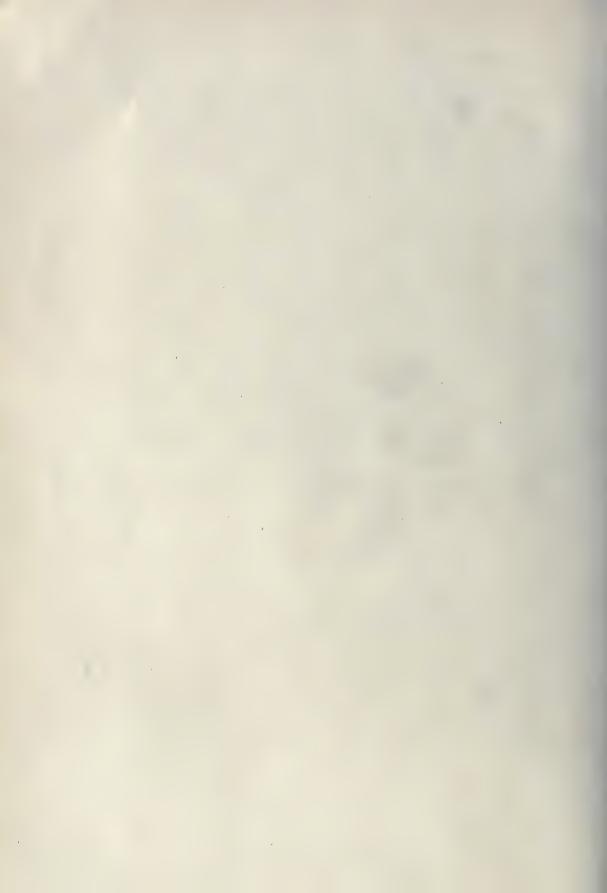


N. 4 — Pistaches de terre (Arachis hypogea) dans une Calebasse, trouvées à Ancon.

Musée National, à Washington.



N. 5 - Fuseaux de Fil de Coton ; Coton brun et blanc Péruvien d'un ancien Sépulcre, Ançon. Musée Field, à Chicago.

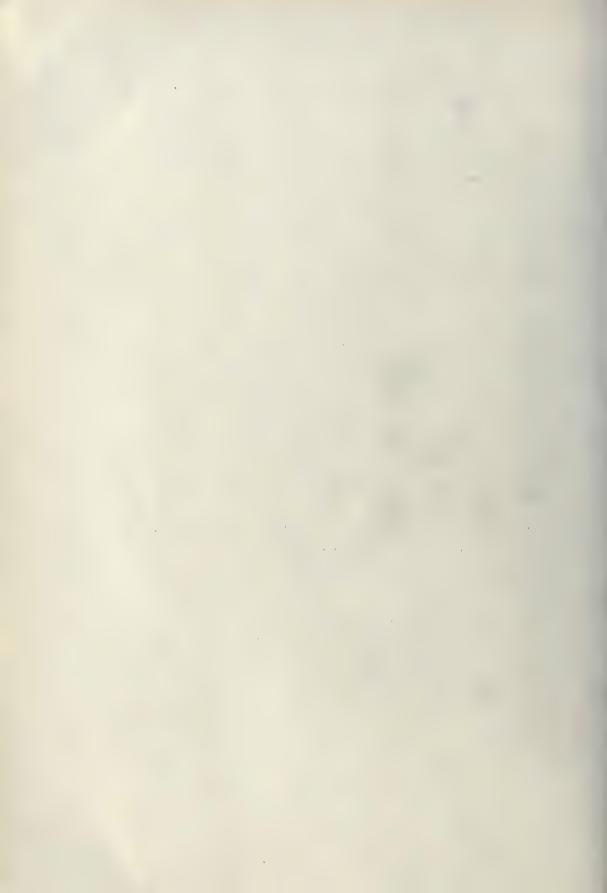




N. 6 — Le Dieu de l'Agriculture des Anciens Péruviens, tenant dans une main une tige de Maïs et dans l'autre une plante de Manioc avec ses Tubercules pendants. D'un ancien Sépulcre à Séchura. Musée Field, à Chicago.



N. 7 – Vases Funéraires en forme de Courges Cou-tors, trouvés à Séchura et à Chimbote, Côte du Pérou. Musée Field, à Chicago.





N. 8 - Vase Funéraire en forme d'un Dieu assis sur une Courge Verruqueuse, trouvé à Chepen, Côte du Pérou. American Museum of Natural History, New York,





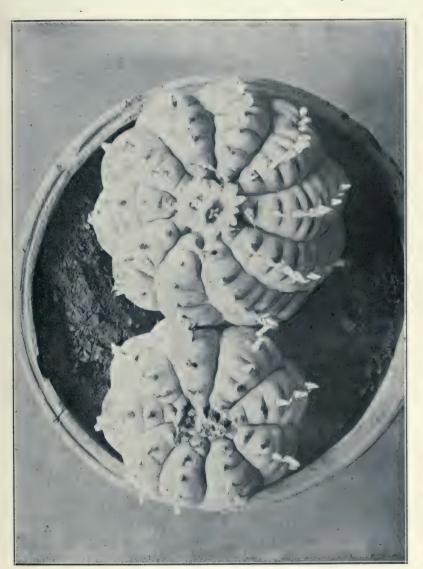
N. 9 — Vase Funéraire recouvert de Moules de Pistaches de terre. Côte du Pérou. American Museum of Natural History, New York.





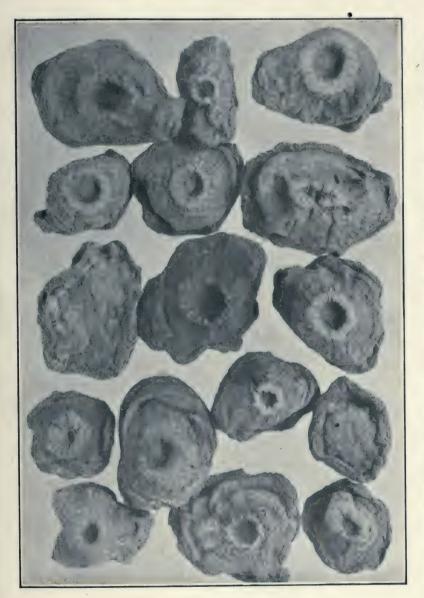
N. 10 - Vase Funéraire, en Argile noire, orné de deux moules de Pistaches de terre. Côte du Pérou. Musée National, à Washington.



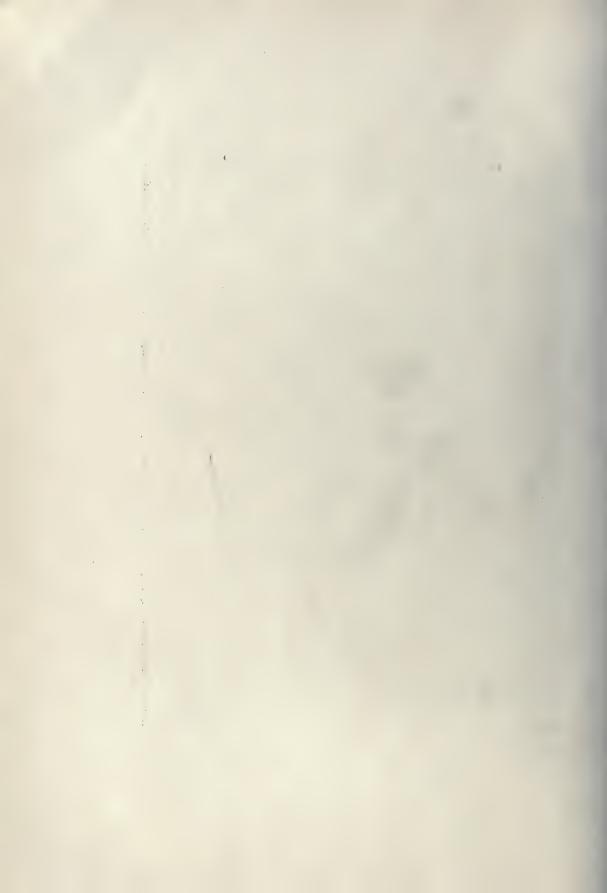


N. 11 -- Cactée enivrante (Lophophora Williamsif) le "Peyotl" des Indiens Chichimecas du Mexique, Plante fleurie. Département d'Agriculture, à Washington.



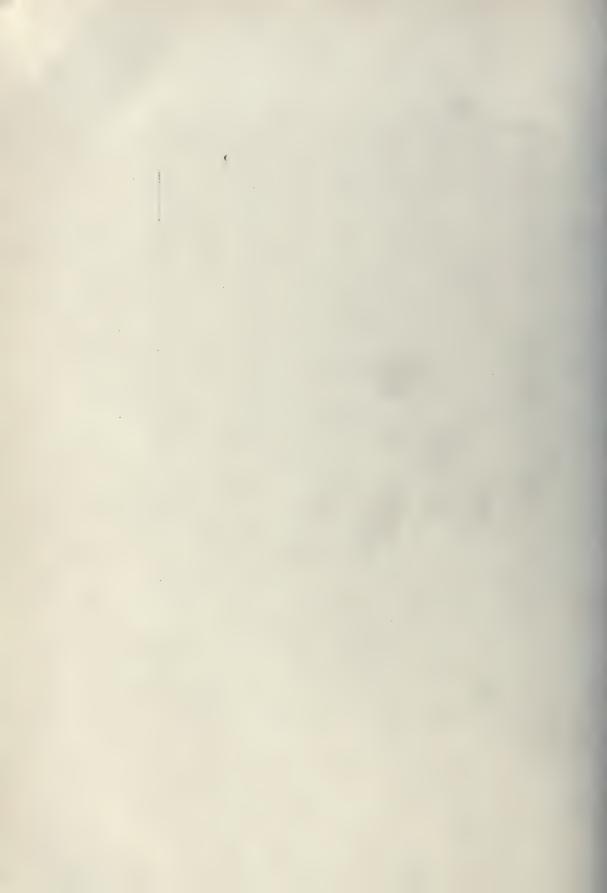


N. 12 - Boutons sees do "Peyotl" (Lophophora Williamsif), employés dans des rites religieux par beaucoup de Tribus Américaines.



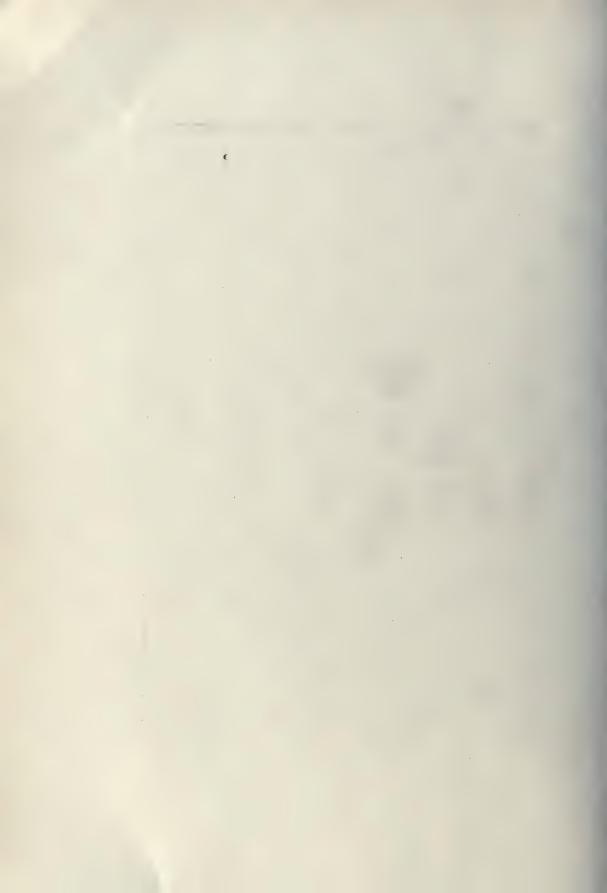


N. 13 - Sac contenant des Feuillessè ches de l'Erythroxylon coca, et petite Calebasse de Chaux, trouvés dans un ancien Sépulcre. Côte du Pérou. Musée National, à Washington.



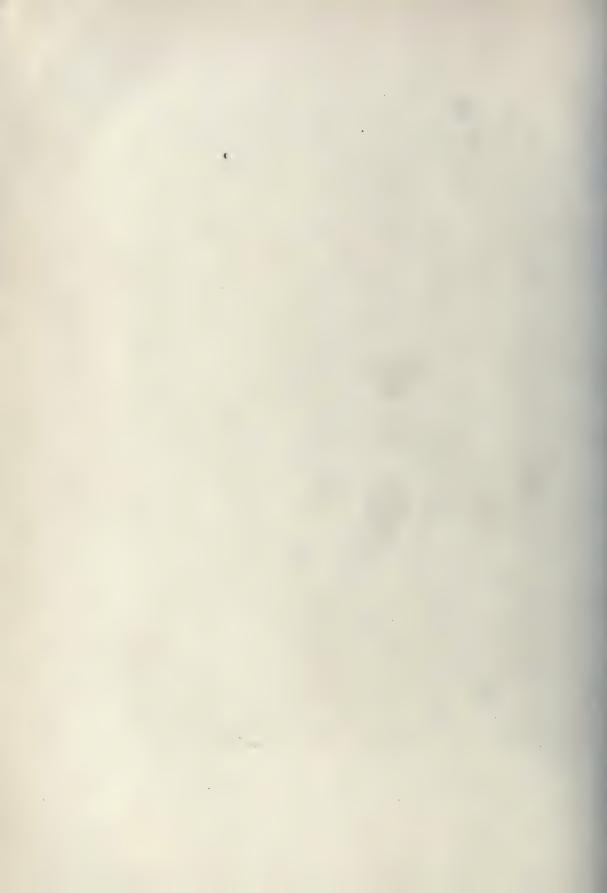


N. 14 — Feuilles, fleurs et fruits de l'Erythroxylon coca, photographie de M. O. F. Cook, Département d'Agriculture, à Washington. Des feuilles de cette plante on tire la Cocaïne,





N. 15 — Tabac à Fleurs roses (Nicotiana tabacum) de l'Orinoco et des Antilles, qui renplaça le Tabac à Fleurs jaunes des Indiens du Mexique et de Virginie. Station Expérimentale, Arlington, à Virginie.





N. 16 — Tabac à Fleurs jaunes (Nicotiana rustica) des Aztecs et des Anciens Indiens de l'Amerique du Nord; aujourd'hui cultivé en Russie sous le nom de Tabac des Paysans. Station Expérimentale, Arlington, à Virginie.





N. 17 - Coton Péruvien (Gossypium peruvianum) à laine blanche et brune, Collection Economique du Département d'Agriculture, à Washington.



# FIRE ORIGIN MYTHS OF THE NEW WORLD

BY

## DR. WALTER HOUGH

The collection of American Indian myths and folk-lore in the United States of North America during the earlier stage of the investigation was sporadic and incomplete. The work begun by Schoolcraft and extended under the Geological Survey brings forward the names of Powers and Galschet. The study gained impetus under the Bureau of American Ethnology, its connection with the investigation of languages bein strikingly brought out. The names of Powell. Curtin. Matthews. Stevenson, Fletcher, Fewkes, Smith, and others, casting luster on this line of research.

Bout thirty years ago the study of folk-lore received great attention and the science began to be formulated. At this time also the lines of research in anthropology were more clearly defined and research was vigorously prosecuted by the increasing body of younger students taking up the subject. On the dissemination of the study of myths and folk-lore to other centers of learning came the greatest flowering of this branch, bringing forward names of investigators too numerous to mention. The work was often performed in connection with the study of the Indian languages and myths in native dialects as it was useful as a phase of that study. There has been gathered in North America a great corpus of myth, on which it is possible to base certain generalizations. The humble and careful observer is the hope of science. His data goes to form the impregnable structure of science.

When someone arises who bends his energies to the attempt to generalize on the body of myths, this branch of anthropology may have its share in the elucidation of the story of man in Pan America. Before this can be carried into effect, it is desirable that the basic myths of the tribes of Central and South America be collected with the same assiduity which characterizes the work in the United States of North America and of Canada. I earnestly hope that my suggestion may be carried out by my colleagues representing in this Congress their great countries which once belonged to the Indian. Now is the moment, before it is too late.

We do not know as yet what results will be derived from the branch of origin myths. It may be too early to generalize and I agree with the gentlemen of this Congress that anthropology has suffered from generalizations on insufficient data. Such things add to the picturesqueness of the past of this science, but at the same time serve as buoys to mark the channel.

Fire origin myths may serve in at least two phases:

- 1. They may point to early connections of races, and
- 2. They may indicate steps of culture in the life of primitive mankind. That is, they may be actual records of the fascinating dawn period.

ORDER:.

Therefore, they must be interrogated as to whether they are philosophy long after the event or an actual persistence of a historical event.

A third matter has some connection with the subject—that is, the myths may cast light on the mental status of tribes. This aspect, however, may prove unsatisfactory in results because of the variations in record as well as of the genius in myth making and also the recasting of myths at later periods.

Furthermore, fire myths are not only interesting as showing early attempts at philosophy, but because of the light they cast on the methods and apparatus of fire-producing.

Much must be done before these questions receive a satisfactory solution.

### ANALYSIS OF FIRE MYTHS

METHODS:

1.	Preservational	Perhaps refers to earliest stage of use of fire.
2.	Raptorical	Seems to presuppose the knowledge of fire, as the clew of soot and preparation of tinder among Ute and Pahonicki Miwok.  Also loss and recovery.
3.	Artifactural	Follows other classes and is commonly associated with the features previously mentioned.
4.	Causational myths	Early philosophy dealing with origins, sometimes observational generalizations. Probably later.
5.	Benefaction myths	Culture heroes giving fire direct, (preserva- tional), or teaching method of making fire artificially, (artifactural).
6.	Renewal myths	Opening up the immense field of fire customs, demonstrating man's attitude toward fire.

Critical examination of the myths shows that many of them are accretions on some basic feature, as the acquisition of fire, and these additions follow a natural sequence. The philosophic element is doubtless later; I would say undoubtedly added at a more mature period.

Any analysis of a complete myth shows first the stealing of fire with all its exciting episodes, and naive philosophy explaining how at that time fire was placed in various substances. This period would correspond to the stag of preservation of fire, when naturally some groups would have fire and others would not. It is so with all arts which have in ancient times been in secret. In this class many of the myths introduce the episode of the loss of fire by theft or accident and the struggle to regain it, ofton introducing the artifactural element promoted by the exigency. There appears to be no question that fire myths exhibit the primitive zest of achievement, the joy of successful theft, the exhibition of endurance, cunning, and resource, observed on several cycles, as Jack the clever thief, and others. Next we have fire made artificially from wood or other substances in which it was implanted. This represents the long period during which early man perfected the invention of the fire drill and strike-a-light

of flint and pyrites. No philosophy is effered here, but there arise supernatural beings or culture heroes swathed in mystery who sometimes contribute direct the fire drill or strike-a-light according to local usage.

Outlines of examples of myths of the various classes may be given. These are specimens selected from perhaps a hundred examples occuring in North American tribes.

### PRESERVATIONAL MYTHS

This myth is found in great purity among the Tillamooks. With it is found the customary episode of loss of fire and fire stealing.

a. Older type of myth based on preservation of fire and loss by theft.

b. Newer type of myth based on preservation, loss through carelessness or neglect, recovery by invention of fire drill.

Fire Origin, Menomini, Wisconsin. «The Thunderers were also the makers of fire, having first received it from Manabush, who had stolen it from an old man dwelling on an island in the middle of a great lake. \* \* \* After this union the Bear built a long wigwam, extending north and south and a fire was kindled by the Thunderers in the middle. From this all the families receive fire, which is carried to them by one of the Thunderers, and when the people travel the Thunderers go on ahead to a camping place and start the fire to be used by all.» pp. 40, 41. W. J. Hoffman, «The Menomini Indians.» Annual Report Bureau of American, Ethnology 14 (1).

### RAPTORICAL MYTHS

The dramatis personae are animals or culture heroes or these in combination, many always being the beneficiary. This myth often includes preservation of fire, location of fire, and processes of securing it. Several South American examples have been collected by Gustav Nordenskijold and recorded in his work on Indian life. The theft episode is almost universal.

Fire Myths. Newan Stock, Central California. Dr. C. Hart Merriam says that the Mewan tribes of central California believed in «the existence at a great distance of a primordial heat and light-giving substance indifferently called fire, sun or morning—for in the early myths these were considered identical or at least inter-convertible. The presence of a keeper or guardian of the fire, it being foreseen by its first possessors that because of its priceless value, efforts woud be made to steal it. The theft of fire, which is all cases was stolen from people or divinities living at a great distance. The preservation of this stolen fire by implanting it in the oo noo or buckeye tree, where it was and still is, accessible to all. The power of certain personages or divinities—as Ki'lok, the North Giant, Sah'te, the Weasel-man and O-wah'to, the Bigheaded Lizard—to use fire as a weapon by sending it to pursue and overwhelm their enemies.» (The Dawu of the World, Cleveland, The Arthur H. Clark Co., 1910, pp. 18, 19).

The Maidu fire myth recounts that after the people had found fire, Thunder seized it away from them and kept it for himself under the care of a little bird. The people were thus compelled to resume the conditions of primitive times, but succeded in stealing the fire by strategy of Mouse. Deer, Dog Coyote, and Skunk. The Mouse crept in Thunder's lodge, placed fire in a flute, a portion in Dog's ear, and some on the hock of Deer's leg, and raced back pursued by Thunder. (Dixon: «Maidu Hyths», Bulletin of American Museum of Natural History, vol. XVII, pt. 2, New York, June 30.

1902, pp. 65-67. Comp. Curtis: «Creation Myths», p. 365, Boston, 1898. Kroeber, «Ute Tales», Journal of American Folk-Lore, XIV, p. 252).

Origin of Fire. Lillooet Indians, British Columbia. Story of Beaver and Eagle — Beaver and Eagle had a sister who wept because she had no fire. Brothers trained four years and journeyed to the house of the people who possessed fire. (House said to be underground, near the sea). Put on beaver and eagle skin. Beaver made a dam and tunnel under the house. They shot him and were skinning him when they saw an eagle. Went to shoot it and beaver escaped with fire in a clam shell. (Teit: Traditions of the Lillooet Indians of British Columbia, Journal of American Folk-Lore, XXV, no. XCVII, Oct.-Dec., 1912, pp. 299-300).

#### ARTIFACTURAL MYTHS.

This myth is comparatively rare, the myths of acquisition and preservation preponderating. There is the story of the fire keeper carelessly letting the fire go out and in desperation inventing the wood frictional apparatus.

Fire Origin Myth. Eskimo of Kegitareik. — After the creation of the coast men who were born from a bean pod, Raven taught them how to live. «He taught them how to make a fire drill and bow from a piece of dry wood and a cord, taking the wood from the bushes and small trees he had caused to grow in hollows and sheltered places on the hillsides.» He returned then and taught the first man who lived inland «to make fire with the fire drill and place the spark of tinder in a bunch of dry grass and wave it about until it blazed and then to place dry wood upon it.» Also to roast fish on a stick, (E. W. Nelson: «The Eskimo About Bering Strait», 18th Annual Report, Bureau of American Ethnology, 1900, p. 456).

Fire Origin. Cheyenne Indians — «Thunder turned to Sweet Root Standing and said "Get a stick; I will teach you something by which the people can warm themselves, can cook food and with which they can burn things.' When Sweet Root had brought the stick he said, "Rest the point of the stick in the middle of the (buffalo) chip and hold it between your hands.' When Sweet Root had done this Thunder said, 'Rub it between your hands and twirl it fast.' Sweet Root did so a few times and the chip caught fire. > Early Cheyenne Tales. G. B. Grinnell, Journal of American Folk-Lore, XX, No. LXXVIII, July-Sept. 1907, p. 171.)

Fire Myth of the Mohaves — «The Blue Fly learned the art of rubbing fire out of sticks.» (Observation on flies twirling their legs?). (Capt. J. G. Bourke, U. S. A., in Journal of American Folk-Lore, II, July-Sept., 1889, p. 189.)

### CAUSATIONAL MYTHS.

A class of myths cognate with these explaining the origin of things and which relate the supernatural way in which fire was implanted in substances from where it may be elicited by man.

Fire Myth. Fox Indians — «Our fire comes from the manitous who live in the world under the earth. They created the fire and it is theirs. All their time they spend watching after and caring for it. The fire that people used first came from this place under the earth. Even the Thunderers who keep watch over the people obtain theirs from the manitous of the underworld. This is the fire one sees flashing from their mouths as they

pass accross the sky.» (Wm. Jones: «Notes on the Fox Indians», Journ. Amer. Folk-Lore, XXIV, No. XCII, April-June, 1911, p. 214.)

Fire Song. Teton Sioux.

Song frequently used as opening song of the Sioux Ghost Dance.

It was the father who gave us these things

It was the father who gave us these things

It was the father who gave us fire

It was the father who gave us fire

The father gave it to us

The father gave it to us.

(James Mooney: The Ghost Dance Religion, Annual Report of the Bureau of American Ethnology, 14 (1), p. 1070).

### PERSONIFICATION OF FIRE, MENOMINI INDIANS, WISCONSIN.

« The daughter of Nokomis, the Earth, is the mother of Manabush, who is also the Fire. The Flint grew up out of Nokomis and was alone. Then the Flint made a bowl and dipped it into the earth; slowly the bowlful of earth became blood, and it began to change its form. So the blood was changed to Wabus, the Rabbit. The rabbit grew into human form, and in time became a man, and thus was Manabush (\*) formed.

Manabush was angry because he was alone on the earth; and because his enemies, the an a maq kiu, who dwelt beneath the earth, were constantly annoying him and trying to destroy him. \* (W. J. Hoffman: «The Menomini Indians \*, Ann. Rept., B. A. E. 14 (2), p. 87).

### BENEFACTION MYTHS.

Many origin myths in America and elsewhere attribute fire to the voluntary gift of beneficent beings or culture heroes. With them are often causational, preservational and artifactural episodes.

Origin of Fire. Cintah Utes. — «Covote caught fire and gave it to the Indians. The Indians kept the fire and never lost it again. It made light and heat. It was cold; and if there had been no fire the Indians would all have died. The fire kept them alive. Coyote said, .It is very good to do that. He gave life to the Indians. Perhaps Coyote got the fire from the white men in the east.» (Myth 29, The Indians of Long Ago. J. Alden Mason, Myths of the Uintah Utes. Journ. Amer. Folk-Lore, XXIII, No. LXXXIX, July-Sept., 1910, p. 362-3).

Light Origin, Fire Origin. — Sea-gul owned daylight and kept it in a box. Raven got him to open box and broke box letting daylight escape. Raven saw smoke in south, embarked in a canoe and came to house of fire people. Stole baby and escaped. Traded baby back for fire.

The fish people showed Raven how to make fire with dry cottonwood roots. Thereafter Raven sold fire to every family who wished it and became possessed of many wives in payment. (J. Teit: «Traditions of the Lilloot Indians of British Columbia», Journ. Amer. Folk-Lore, XXV, No. XCVII, Oct.-Dec., 1912, pp. 300-303).

<sup>(\*)</sup> Masha = great, and wabus = rabbit.

#### RENEWAL MYTHS.

This class refers to the ceremonial extinguishing and renewal of fire, a very widespread custom sometimes the central feature of a great cult and again used in minor observances, the idea being purification. In the Ghost Dance Religion among the American Indians it was announced that the gods'had sent a message that he people should revew and preserve fire by the ancient methods, aschewing flint and steel and matches. (James Mooney, The Ghost Dance Religion. Annual Report. Bureau of American Ethnology, 14 (2), p. 668.

The renewal myths follow the invention of fire making devices as experience always precedes myth formation.

# Estudo das materias corantes de origem vegetal em uso entre os indios do Brasil e das plantas de que procedem

PELO

### DR. ALFREDO ANTONIO DE ANDRADE

Lente cathedratico da Faculdade de Medicina. Professor do Musêo Nacional

A sensação da côr por que accordam em todos os povos primitivos os rudimentos da Arte, accentuava-se mais que alhures no arborigene brasileiro. Sua retina, bem sensivel, distinguia matizes que iam até o violete, impressionando-se com radiações comprehendidas entre os comprimentos de onda de 5,800 a 4,000 decimillionesimos de millimetro ou unidade de Amgström, abrangendo as cores basicas de Newton e alguns dos tons intermediarios; sobrepujava, assim, os povos da Africa Meridional, que têm servico por substratum ao estudo do homem na sua evolução social, apanhado alli em phase primitiva. Effectivamente, excepto os Malgaches, senhores de um vocabulario completo para as varias cores (Proverville), confundem aquelles africanos o azul com o verde, não differenciam o amarello e o alaranjado do branco e encaram tambem por preto ao violeta e ao azul. Em verdade, aos mesmos gregos dos tempos heroicos falhava a distincção do verde, e os poemas homericos carecem de menção ao tom primordial das plantas, abundantes que são as referencias ao amarello e ao vermelho. (1)

Tal percepção da gama colorida pelos nossos indigenas lhes não adveio do trato com os invasores do sólo, pois tacitamente já o assignalam os chronistas dos tempos do descobrimento, quando referem as observações dos primeiros encontros.

Na celebre "Carta de um piloto portuguez". estampada na edição de 1563, da obra de Ramusio (2), como de um companheiro de Cabral (3), ha relato que os homens divisados na terra descoberta andavam nús, tinham pellada a barba e achavam-se «pintados com figuras de côr branca, negra, azul, e vermelha», ostentando no labio furado alguns uma pedra azul e outros uma verde».

CAMINHA faz allusão a esta pedra verde e ás tintas «negra maneira de azulada e vermelha» (4).

Pelas necropoles dos indios Maracás, povoadores da Bahia, encontramse machados e outros utensilios de nephrita, rocha verde claro, o que

<sup>(1)</sup> Memorias do Dr. Magnus, professor de ophtalmologia allemão.

<sup>(2)</sup> Delle Navigationi el Viaggi, Racolto Gio da M. Gio BATTISTA RA-MUSIO. In Venetia, etc. L'anno M. D. LXIII, 3ª ed., vol. I, pag. 122.

<sup>(3)</sup> Em sua Bibliotheca Lusitana, o abbade Diogo Barbosa Machado attribue essa carta ao proprio Alvares Cabral.

<sup>(4)</sup> Pero Vaz Caminha. Carta a El Rei D. Manuel. Entre outras transcripções V. da Rev. do Inst. Hist., 1877, pag. 29.

convenceu os ethnologos (5) de sua origem delles por migrações da Asia, a qual julgaram comprovada, mercê dos artefactos deste minerio, de supposta existencia exclusiva em regiões orientaes, donde provinha o muyrakitan ou pedra da felicidade. Veio o recente achado de varios diques de nephrita ou jade na zona de Amargosa, Valle do Paraguassú, Estado da Bahia, de vez afastar o elemento basico de tal supposição.

Laborando essa pedra verde, adquirida através immensas difficuldades, trabalhavam por igual, os nossos aborigenes, outras azues escuras, das quaes disse Gabriel Soares que « mettem nos beiços e fazem-nas muito roliças e de grande lustro, roçando-as com as outras», e são muito « para se estimarem entre os principes e grandes senhores, por terem a côr mui formosa» (6). Do mesmo passo, desbastavam por attrito delongado, em bellos tembetás e metáras, o duro, incolor e transparente crystal de rocha e a não menos rigida amethysta, de tão leve e agradavel nuance violacea (7). Tambem nos labios intromettiam, sem as lavrar, as formosas turmalinas, que passaram nos primeiros tempos por grandes esmeraldas (8).

Logrou Fernão Gardim observal-as: «Usam de umas metáras (pedras que mettem no beiço de baixo), verdes, brancas, azues, muito finas e que parecem esmeraldas ou crystal...» (9).

Nas colleções do Musêo Nacional, deparam-se diademas dos indios Mauhés, em que as tonalidades verde-amarella, verde e verde-negro sobre vermelho, acertam em gradações meticulosamente dispostas (10); mais bellos ainda, salientam-se os ornamentos em pellos e pennas, dos indios do rio Tapajós (11), por combinações verdadeiramente artisticas de azul turqueza, do saphirino, amarello alaranjado, vermelho e preto; entrando em outras a contribuição do bruno-claro, bruno, negro bruno e negro (12). Em algumas coifas dos indios Mundurucús, varios matizes de verde, bem associados ao azul, ao vermelho e ao preto, realçam o arranjo concentrico e gradualmente adensado das numerosissimas e delicadas pennas superpostas (13).

Revestem-se de lindeza os ornamentos nasaes dos indios da serra do Norte; ha muito nelles que admirar, no equilibrio das proporções e harmonia de varios coloridos (14).

<sup>(5)</sup> BARBOSA RODRIGUES. Entre outros.

<sup>(6)</sup> Gabriel Soares de Sousa — Tratado descriptivo do Brasil em 1587, 2º ed. de Francisco A. Varnhagen, pag. 327.

<sup>(7)</sup> Veja o armario 133 da Collecção Ethnographica do Musêo Nacional.

<sup>(8)</sup> Assevera Gabriel Soares, obra cit., pag. 328: «Na Bahia se encontram esmeraldas... das quaes esmeraldas se servem os indios nos beigos, mas não as podem lavrar». E Varnhagen commenta que Thever, em sua France Antartique, fol. 63, diz ter visto então pedras que se podiam julgar verdadeiras esmeraldas.

<sup>(9)</sup> Fernão Gardim — Do principio e origem dos indios no Brasil e de seus costumes, adoração e ceremonias, — Manuscripto da Bibliotheca de Evora, que se suppõe traçado em 1580-1584; ed. bras. de 1881, commentada pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, pag. 13. V. tambem a edição ingleza de Curchas, publicada em 1625.

<sup>(10)</sup> Vide n. s. 2.828 e 2.823 da Collecção.

<sup>(11)</sup> V. os armarios 26, 29 e 30 da Collecção Ethnographica.

<sup>(12)</sup> V. os armarios citados.

<sup>(13)</sup> Vide o armario 29.

<sup>(14)</sup> Vide principalmente o n. 2.254, do armario 42, da Collecção Rondon, do Musêo Nacional, constituido por uma penna de arara, ornamentada; e os ornatos do armario 131.

Não eram, pois, as côres vivas sós, — o vermelho e o amarello e as derivadas de reflexão ou absorpção completa das radiações luminosas — o branco e o preto, — que nos autochtones provocavam impressões visuaes: as tonalidades suaves lhe eram pasto e alegria dos olhos (15). E, por isso, tribus diversas compunham teçumes e combinavam matizes e gradações brandas com tal geito, que não desdorariam o bom gosto de mais requinte dos civilizados (16). Nem deixam subsistam a este respeito quaesquer duvidas as excellentes collecções do Musêo Nacional (17).

Essa relativa educação da retina lhes promoveram as circumstancias ambientes; a visão reiterada de coloridos em infinita variedade por tudo em derredor, na maravilhosa plumagem de seus passaros, nos matizes das florestas, desatando em brotos variegados e inflorescentes incontaveis; nas luzes multicores dos poentes, rivalizando apenas com as mutações irizadas do amanhecer.

A tão delicada sensibilidade visual, desta arte já traduzida, correspondiam meios varios de expressão, na abundancia de corantes naturaes, emprestados ás rochas desaggregadas, á vegetação luxuriosa e ao mesmo reino animal.

Servia-se o gentio das materias tinctoriaes em fins diversos, principalmente em inductos e arabescos cutaneos, que tinham por vestes; nos seus rituaes, na sua therapeutica, nos symbolos distinctivos da raça, no registo de seus recitos e de sua descendencia, nas manifestações da arte rudimentar, na traducção expressiva das alegrias ou na sombria contenção por pezares e luto.

Como os outros povos primitivos, vestiam-se os nossos aborigenes de variegadas côres; e punham nos desenhos e matizes grande vaidade e não menor artificio, abrigando sob taes pinturas da pelle o pudor, por apanagio do civilizado mui pretenciosamente havido (18).

Aos traços e coloridos contingentes, exigindo renovação e cuidados, substituia, em não poucas tribus — taes os Yrupixumas (19), os Passés (20)

<sup>(15)</sup> Além dos vocubulos muito divulgados — una ou pixuna — preto; tinga hranco; uba, amarello; piranga, vermelho; tinha o gentio outros para o azul, sobuyêtê; para o verde, satbuy-masson; o roxo, pagassú-oê. Segundo depoimento de Jean de Lery, que esteve no seu meio por 1557. Histoire d'un voyaje fait en la terre de Brésil, autrement dite Amerique, et., 2º ed. Genève, 1580. Capitulo XX. Na trad. de Alencar Araripe. Rio, 1889, V. á pag. 212.

<sup>(16)</sup> Gonçalves Dias assignala Caúyby, anil, e o verbo jemoakyr, enverdecer. Dicc. da lingua Tupy.

<sup>(17)</sup> Os Parecis, recentemente estudados, tinham tambem vocabulos para designar as côres, entre outros:  $Ti\hat{o}$ - $r\hat{e}r\hat{e}$ , azul; Tiana, ou  $Tihonlan\hat{e}r\hat{e}$ , verde; etc. Cel. Candido Mariano da Silva Rondon. Commissão das linhas telegraphicas estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas, Ethnographia. Pag. 19. Vocabulario Portuguez Ariti.

<sup>(18)</sup> Dos indios do Orenoco, assevera Muller-Lyer, considerarem indecencia apparecer ao estrangeiro sem pintura; como esse, os nossos...

<sup>(19)</sup> Os indios Yurupixúnas tatuavam-se com espinhos da palmeira Pupúnha (Bachris speciosa Gesil) e pulverizavam-se com cinzas das folhas. A. Rodrigues Ferreira, Viagem philosophica, pags. 17 e 18.

<sup>(20)</sup> Os Passés fazem a tatuagem na infancia e formam riscos «com espinhos, cujas rasgaduras impregnam de tintas pretas, que subsistem até o fim da vida». Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, Corographia Paraense. Bahia, 1833, pag. 120.

os Guyacurús (21) e outros, — a dolorosa e indelevel tatuagem por que na evolução da humanidade amanheceram os primordios da escriptura (21a).

Como alhures, transformaram-se tambem aqui os lavores, para muitas nações indigenas, em signaes de raça. O distinctivo dos Passês « consiste em malha preta quadrada, que toma parte do nariz, rosto e barba, com mais dois riscos que sahem do nariz até junto ao cabello; das fontes da cabeça descem verios riscos cruzados por outros que chegam áquella malha» (22). Os « Tamunas trazem os beiços inteiramente negros» (22a). Os « Tambiras tingem todo o rosto de negro» (23). Os Jurunas distinguem-se das mais nações pelo « indicado no seu nome... que & terem a bocca preta, porque Jur'u quer dizer bocca e una significa preto» (24); os Muranguás « têm uma linha dos ouvidos á bocca » 25), e outros...

As inscripções lapidares—quer os desenhos com que enchiam os nossos aborigenes os longos ocios de uma actividade em emprego interciso, descontinuo, e tinham de certo para elles significação, «representando, na opinião de Martius, um pensamento que seu autor quiz symbolizar» (26); — quer as pictographias com intuitos de registro, attestados pelas condições especiaes de execução ao alto de grutas, bem distantes do solo, — taes á do Serrote da Loja e Serrote do Pintor, na Bahia, motivo de estudos de Theodoro Sampaio, que as copiou e interpretou, demostrando tratar-se evidentemente de indicações genealogicas ou de fixação de factos da tribu (27) — as inscripções lapidares, em sua polychromia, eram em geral praticadas com materias de origem mineral: para as côres, as tabatingas varias. Entretanto, para o negro era sempre recurso o genipapo.

Nos demais misteres, os corantes de preferente utilização buscavam elles reiteradamente ás plantas, que em larga cópia os poderiam satisfazer.

Nos chronistas dos primeiros tempos, no depoimento dos sabios que os succederam, na informação dos penetradores do interior brasileiro, não só os antigos, senão ainda os de recente incursão, dos quaes tirei inculcas e recebi notas ineditas, em todos foi-me dado apurar os corantes vegetaes, de menção adiante como os de uso mais generalisado.

### PRINCIPAES CORANTES DE ORIGEM VEGETAL

 $oldsymbol{0}$  uruc $\acute{u}$  — Eram as côres fornecidas pelo  $uruc\acute{u}$  as mais diffundidas pelos aborigenes brasileiros e quiç $\acute{a}$  pelos da America do Sul toda. Chro-

<sup>(24)</sup> Os Guaycurús tatuavam-se, empregando o genipapo, urucú, tabatinga. V. Francisco Rodrigues do Prado, Historia dos Guaycurús.

<sup>(21&</sup>lt;sup>a</sup>) Mach. La connaissance et l'erreur, pag. 99.

<sup>(22)</sup> Ig. Accioly, Chorographia Paraense ou descripção Fizica. Historica e Política da Provincia do Grão-Pará, pag. 30.

<sup>(22</sup>a) IG. ACCIOLY. Chorographia Par., pag. 122.

<sup>(23)</sup> Ig. Accioly, Chorographia Par., pag. 122.

<sup>(24)</sup> Thesouro descoberto no Rio Amazonas. Segunda Parte. Pelo Padre João Daniel. Transcripto na Rev. do Inst. Hist., 1841, pag. 142.

<sup>(25)</sup> Idem, id. id.

<sup>(26)</sup> Von Spix e Von Martius — Reise in Brasilien, vol. II. Na trad. de Pirajá na Silva. Através a Bahia, pag. 201. Refere-se aos desenhos da Serra do Anastacio, na Bahia.

<sup>(27)</sup> Th. Sampaio, Inscripções lapidares indigenas no Valle do Paraguassú. Memoria apresentada ao 5º Congresso Brasileiro de Geographia. Bahia, 1918.

nista não ha, nem scientista, logrando observal-os, que não o assignalem. A VAZ CAMINHA, que traçou, por assim dizer, a acta do descobrimento do Brasil, (28) muito impressionou que « delles andavam daquellas tinturas quartejados; outros de metades. — outros de tanta feição como em panos de armar », e relata que á não capitanea trouxeram « uns ouriços verdes de arvores, que na côr queriam parecer de castanheiros, senão quanto eram e mais pequenos, e aquelles eram cheios de uns grãos vermelhos pequenos, que, esmagando-os entre os dedos, fazia tintura muito vermelha, da que elles andavam tintos ». Descripção que corresponde aos fructos de urueú.

O urucú, urucú-uva, urucú-bravo, açafroa, na Bahia; o achiote do Mexico, o roucou ou rocu, em Surinam; a terrà arellana, terra orellana ou orlean (29), a ahité dos Parecis (30), o nukiré dos indios da serra do Norte (Nhambiquara), (31); o bixé ou bichá das tribus amazonicas (32); e ainda annatto, arnotto, orenoto e rouson, (33) etc., tem synonymia scientifica tão desenvolvida quanto a vulgar: Bicha americana, Poir: Bicha rucurana, Wilden; Bixia purpurea, Hart; B. acuminata, Boyer; B. oviedi, Bach; B. platycarpa, Ruyz e Cav; B. pigmentaria, Rumph; B. urucú, Piso; Mitella americana maxima, Tounef (34).

A materia tinctorial, extrahida do envolucro das sementes, após a maturidade, foi estudada por Chevreul (35) e depois por Boussingault (36) e mais modernamente por muitos outros, que lhes seguiram as pegadas, ampliando os primeiros reconhecimentos (37. Della isolaram-se duas substancias corantse:—a bixina,—de côr vermelha, crystallizando em fórmas rhombicas,—pouco soluvel n|agua no alcool e ether, respondendo pela fórmula C28 H 34 O5, segundo as ultimas determinações de Marchlewiski e Mateyko (38), e que fornece a coloração azul pelo acide sulfurico; e a orellina, principio amarello, soluvel n'agua e naquelles dois solventes.

Os nossos indigenas, instinctivamente punham em jogo as propriedades dos dois corantes: utilizando a orellina, quando dissolviam em sufficiente agua o urucú, para pintar de amarello os fios, as palhas, as pennas, a ceramica e utensis outros; — servindo-se principalmente da bixina, na enducção e nos desenhos vermelhos, em que era usada a massa integral, o arillo

<sup>(28)</sup> Pero Vaz Caminha — Carta de El Rei D. Manuel. Excellente edição e á do Inst. Hist. e Geogr. da Bahia, para commemorar o centenario do descobrimento, photographada do original existente na Torre do Tombo.

<sup>(29)</sup> Е. Тиокре — Enciclopedia de Quimica Industrial, ed. Esp. II vol., pag. 26.

<sup>(30)</sup> Vocabulario Ariti, Roquette Pinto. Arch. Musêo Nacional, volume XX, pag. 218.

<sup>(31)</sup> Vocab. dos Nhambiquaras. Cel. Candido Mariano da Silva Rondon, Comm. das linhas telegraphicos estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas. Ethnographia, pag. 53.

<sup>(32)</sup> Martius — Flora brasiliensis, vol. XIII, pag. 434, pars. I.

<sup>(33)</sup> F. Ulmann. Enziklopaedie der technischen Chemie. Vol 5, 314. Berlim, 1917.

<sup>(34)</sup> MARTIUS -- Loc. cit.

<sup>(35)</sup> CHEVREUL — Leçons de Chimie appliquée à la teinture.

<sup>(36)</sup> Boussingault. Annales de Chimié et Physique, vol. 88, pag. 440.

<sup>(37)</sup> Entre outros, Erri, que a obteve crystalizada, Zwick, etc.

<sup>(38)</sup> MARCHLEWISCHI e MATEYKO, Chemisches Zentralblatt, 1906, ii, pag. 1,265.

inteiro do urucú. Algumas tribus encorporavam o corante a gorduras animaes (39), emprestando ainda ao todo, os Taignanis da Serra do Norte, « suave perfume, cuja origem não poude ser apurada » (40).

Defendiam-se assim contra os mosquitos, ao tempo em que se espandiam em garridice e vaidade. Assevera ACCIOLY que os indios de algumas nações «costumavam cobrir-se de massas e betumes preparados para este fim, os quaes simultaneamente lhes servem de adornos» (41).

A materia utilizada nesse preparo e preciosamente por muito tempo occulta, foi ha pouco desvendada pelos Borrós ao Dr. Barbosa de Faria, da Com. Rondon, que me transmittiu o relato: — é o Quidoguro, nominativo que tomam as tintas com elle preparadas. Constitue o Quidoguro a resina da almecega, a Icica Icicariba de De Candolle, com multipla synonymia e muitas especies proximas. Ella possue perfume suave, que aromatisa o bolo e afugenta os cullicidios; mas tem consistencia pelo aborigene mitigada com a encorporação de oleo: — o finissimo, extrahido aos Lambaris, especies diversas do genero Tetragonospterus, familia dos Characideos, para os Bororós. Sobre as sementes, seccas ao sol e pulverizadas, actua esse oleo, que dissolve a substancia tintorial, para formar um bolo com a almecega, de preparativo annuo.

O urucú, emprestava colorido e sabor a bebidas rituaes; assim, entre as cerimonias religiosas celebradas pelos Parecis por occasião de um obito, acha-se a do setimo dia: « em que desde pela manhã, todos festivamente pintalgados bebem regaladamente a seiva do vegetal cuiterú (42), a que addicionaram urucú vermelho e agitaram durante a noite precedente » (43).

Entrava ainda o urucú nas prescripções mezinheiras: « curavam geralmente as suas enfermidades com a sangria e com a semente de urucú » (44).

Era elle sobretudo o corante da alegria; as suas tintas traduziam principalmente idéas festivas, sympathia, agradecimento. Esses habitos ainda os encontrou e assignalou ROQUETTE PINTO nos indios da Serra do Norte, — que tiveram o primeiro trato com o civilisado, recentemente, pela penetração da Commissão RONDON —: pintam-se de urucú nas occasiões festivas, cobrindo os homens todo o rosto e as mulheres o corpo todo; e pintando o rosto « demonstram sympathia e homenagem a quem os presenteou » (45).

O genipapo — O Cenipapo ou genipapo (46), de ay-ndi-pabo, que no Tupy significa «fructos muitos estancia», allusão aos numerosos fructos

<sup>(39)</sup> Von Spyx e Von Martius — Reise in Brasilien, vol. II. Na traducção de Pirajá da Silva (Através a Bahia), v. pag. 133.

<sup>(40)</sup> Observação de Roquette Pinto, que acompanhou a Commissão Rondon — Arc. Musêo Nacional, vol. XX.

<sup>(41)</sup> IGNACIO ACCEOLY DE CERQUEIRA E SILVA — Corographia Paraense, Bahia, 1833, pag. 28.

<sup>(42)</sup> Cuiterú ou Kaiterú.....

<sup>(43)</sup> C. Von den Stein — Unter den Naturvölkern Central Brasiliens. Trad. do Dr. Carlos da Silva Loureiro in Rev. Inst. e Geogr. Bras. T. 84, pag. 127.

<sup>(44)</sup> Memorias sobre as Nações gentias que presentemente habitam o Continente do Maranhão. Escripto em 1819 pelo Major Graduado Francisco de Paula Ribeiro, transcripta na Rev. do Inst. Hist. 1842, pag. 188.

<sup>(45)</sup> ROQUETTE PINTO — Rondonia, pag. 167.

<sup>(46)</sup> Piso dá a forma Janipaba Gulielm Pisonis, Indiae Utriüsque Re Naturale et medica. Amstelaedami 1658, Lib. III, pag. 138.

que a arvore ostenta (47), — é a Tapuripa de Surinan, a Xagua ou caruto de Venezuela, a Junipha, das Antilhas (48); — de nome scientífico Genipa americana, VELLOSO e Genipa brasiliensis MARTIUS, da familia das Rubinaceas (48 bis); — fornece corante negro, do mais largo emprego pelos indigenas, depois do urucú.

E' quasi a unica materia negra de origem vegetal, a que recorriam, assim para utensis diversos e desenhos corporaes, como para a ceramica, a palmaria, petroglyphos e tecidos. Fornece-a somente o fructo verde, onde aliás não preexiste, surgindo á oxydação do principio especial, — soluvel nagua e no alcool —, ao simples contacto do ar, por actuação de uma oxydase.

O succo apenas retirado, apresenta cor citrina, que passa a pouco e pouco ao verde, ao violaceo-azul e finalmente ao azul negro, attingindo o negro-verdoengo por envelhecimento.

HANS STANDEN, que foi prisioneiro dos Tupinambás, de 1548 a 1549, testemunhou seu proceder delles na acção tinctorial (49): «Pintam-se de preto, pintam-se tambem um braço de preto e o outro de vermelho e do mesmo modo as pernas e o corpo»; «as mulheres pintam-se por baixo dos olhos e por todo o corpo» «Os selvagens mastigam esta fructa (Juni pappeceyuca), expremem o succo em uma vasilha e pintam-se com elle. Quando passam pela primeira vez na pelle, é como agua, mas dahi a pouco, fica-lhe a pelle tão preta como tinta, isto dura até o nono dia e então passa e não antes deste tempo por mais que lavem.»

As cuias, de tantos matizes e bellos desenhos, que maravilharam ao Padre DOMINGOS DE ARAUJO (50), são tintas de um negro profundo, pelo succo de Genipapo, recebendo depois urina, que em permanencia de muitos dias, fermenta e fornece, por desdobramento da uréa, o carbonato de ammonio, facilitando a transformação da materia corante e imprimindo-lhe maior intensidade no matiz.

Entre os desenhos de cor branca, vermelha e amarella, das varias inscripções lapidares, encontram-se as de verde-negro do genipapo; assim as pictographias do Serrote do Pintor, do Serrote da Loja, etc., ultimamente estudadas por THEODORO SAMPAIO (51).

Traduziam o Tupinambás o luto pela tintura generalizada com o succo da fructa; «Costumam os indios, quando lhes morrem as mulheres, deixarem crescer o cabello... e tingem-se de genipapo... e torna-se a

<sup>(47)</sup> THEODORO SAMPARO — O Tupi na Geographia Nacional, 22 ed.

<sup>(48)</sup> MARTH - Flora Brasiliensis, Vol. 6, Pars. VI, pag. 351.

<sup>(48</sup> bis) MARTII - Loc cit.

<sup>(49</sup> Hans Staden Von Homberg — Descripção verdadeira de um paiz de selvagens nús, ferozes e canibaes, situado no novo mundo da America. Marburg (Hesson-Allemanha, 1557. Vali-me da traducção de A. Loefgren, de 1900, feita literalmente dessa primitiva edição, em exemplar adquirido por Eduardo Prado, pags. 137, 138 e 163.

<sup>(50)</sup> Domingos de Araujo — Chronica da Missão do Maranhão 1720, publicada na Chronica da Ordem de Jesus, 1832.

<sup>(51)</sup> THEODORO SAMPAIO — Inscripções lapidares indigenas no Valle do Paraguassú. Memoria apresentada ao 5º Congresso Brasileiro de Geographia. Bahia.

tosquiar para tirar o dó, e tinge-se de *novo do genipapo* » (52). Fr. VICENTE SALVADOR confirma esse asserto de Gabriel Soares (53).

As boubas, a que eram muitos sujeitos, não faziam outro remedio senão as secar e tingir com genipapo (54) e igualmente para as febres palustres, cuja cura unica era untar-se «com agua de genipapo, com o que ficam todos tintos de preto, ao que têm grande devoção» (55).

A tatagiba, tatágiba (56), ou tatauba, antes tatajuba (57) de tata-fogo e juba amarello e tatayba (páo de fogo) e ainda tatay-y (no guarany). Tagoa-uva, tavogiba, Tajuba, tauba (58) tarajuba (59) tavagiba e tapajiba (60),—contam-se por denominações com que designavam o Gentio a tres especies de Morus, outrora enquadrados na familia das Urticinae, e constituindo hodiernamente, pela classificação de ENGLER, a familia das Moraceas, todas muito proximas e todas fornecendo corante amarello, por isso denominadas « páo amarello ».

### Contam-se:

- a) Maclura tinctoria, Broussonetia Tinctoria, Spreng, (61); Chlorophora tinctoria, Gayd, (62); Morus brasiliensis, Pohl; Morus tinctoria, Vellozo (63).
  - b) Maclura aurantia, Maclura affinis, MLIQ, Morus tataiba, VELLOZO.
- c) A maclura xanthoxilon, MART; Broussenetia Plumieri, Spreng; Maclura polyneurae; Maclura tinctoriae, NUTT.

Serviam-se, principalmente, os Indios da tabajiba para corar fios de algodão e a palmaria. Os Camacás, dizem Sipx e Martius (64), «tingem de vermelho todo este material (saccos de algodão e de fibras de palmaria, etc.), com sementes de Urucú (Bixa orellana), de preto com os fructos do genipapeiro (Genipa americana) e de amarello com madeira amarella Boussonetia tinctoria, Kunth.».

Os Hollandezes exploraram este lenho tinctorial: « A Tarajuba é raiz de um incorruptivel tronco; tirarão della os Hollandezes grandes interesses

<sup>(52)</sup> Gabriel Soares — Tratado descriptivo do Brasil em 1587, 2ª ed. de Varnhagen, pag. 308.

<sup>(53)</sup> FR. VICENTE SALVADOR — Historia do Brasil, escripta em 1629 na Bahia e publicada pela Bibl. Nacional em 1889, cap. 15.

<sup>(54)</sup> G. Soares - Loc. cit.

<sup>(55)</sup> G. SOARES - Loc. cit.

<sup>(56)</sup> J. DE SALDANHA DA GAMA — Configuração e descripção de todos os orgãos fundamentaes das principaes madeiras de cerne e brancas da Provincia do Rio de Janeiro e suas applicações etc. 1º Vol. Rio de Janeiro, 1865, pag. 146.

<sup>(57)</sup> A. VARNHAGEN — Commentarios, 144 ao Roteiro do Brasil de Gabriel Soares.

<sup>(58)</sup> MARTH-Fl. bras. Vol. IV, pag. 210.

<sup>(59)</sup> ROCHA PITTA — Historia da America Portugueza, n. 55, á pag. 24 da ed. off. da Bahia, 1878.

<sup>(60)</sup> NICOLÁO J. MOREIRA — Dicc. de Plantas Medicinaes Brasileiras, pags. 125 e 126.

<sup>(61)</sup> Index Kewensis Plant. Phanerogamarum. T. I, pag. 344.

<sup>(62)</sup> Engler-Plantl — Nat. Pfl. Familien.

<sup>(63)</sup> MARTH - Fl. bras. Vol. IV, pars. I, pag. 155.

<sup>(64)</sup> Von Spix und Von Marrius — Reise in Brasilien, Vol. II. Na trad. de Pirajá da Silva. Através da Bahia. Bahia, 1916, pag. 130. E na pag. 107 — «sabem tingir com páo brasil e tatajiba...»

com a preciosa tinta amarella que faz», diz Rocha Pitta (65). Aproveitaram-na igualmente os Francezes (66), capitaneados por Daniel de la Touche, Senhor de Ravardière, que se associou a Francisco Rassily e Nicoláo de Herley, para a famosa expedição, acompanhado por Claude de Abbeville, autor da Historia do Maranhão.

Da materia corante bruta que fornece o Morus tinctoria ou Maclura tinctoria separam-se dois corantes bem caracterizados, merce dos estudos de Chevreul (67), de Wagner (68), de Benedik e Hazura (69) e, por ultime, de Perkin (70): a Morina ou acido morico e a Maclurina ou acido moritanico.

E a *morina* o ntais importante principio tinetorial; tem por formula C15 H10 O6 e deriva da flavona. Soluvel nos alcalis em amarello, fornece coloração ou precipitado verde-azeitona pelo chlereto ferrico e precipitado alaranjado pelo chloreto estanoso.

A macturina dissolve-se mais facilmente nagua que a outra; o chloreto ferrico a faz passar ao violeta e depois ao azul. O acido sulfurico promove dissolução a quente, de que precipitam flocos mais ou menos abundantes por affusões de agua. As soluções concentradas acabam por sedimentar crystaes vermelhos de acido rufimorico (71).

O carajurú ou Gwarajurú, de guará vermelho e jurú-bocca e ainda carajurú, cajurú, guajurú, carcurú (72), carnerú (73), piranga (74), abajerú e guarapurú (75) e outras corruptelas hespanholas, — « era o recurso dos aborigenes do Norte do Brasil para desenhos do corpo, pinturas de mascaras e tingimento da palmaria». Dos gentics do Rio Negro, diz Rodrigues Ferreira que: « Alguns andam sempre tintos de Urucú ou carajerú (76). E tambem: « Pintam a mascara com olhos com urucú e carajerú e fica em termos de servir para o baile» (77).

O Carajurú, de uso indigena, é bem a Arrabidea chica ou uma de suas muitas variedades. I. Accioly refere-se, em sua Corographia Paraense, a cipó: "... carajurú, especie de cipó, de cujas folhas fervidas se extrahe

<sup>(65)</sup> Rocha Pitta — Historia da America Portugueza, ed. cit. pag. 355.

<sup>(66)</sup> Segundo testemunho do Sargento-mór Diogo de Campos Moreno, autor da Jornada do Maranhão, em 1614, publicada pela Academia Real de Sciencias de Lisboa.

<sup>(67)</sup> CHEVREUL — Leçons de Chimie appliquée à la teinture. Vol. II, pag. 150.

<sup>(68)</sup> VAGNER - Journ, f. prakt. Chimie. Vol. 51, pag. 82.

<sup>(69)</sup> BENEDDICK, e HAZA-HONATSCH, feuer Chimie, 1884, p. 165.

<sup>(70)</sup> PERKIN - Journ. Chem. Soc., 1895, pag. 64.

<sup>(71)</sup> Estudo resumido desses corantes, encontra-se em Allens Commercial Analsys. Davis and Sadtler, 1911, Vol. V, pag. 409.

<sup>(72)</sup> THORPE — Enciclop. de Quimica Industrial. Trad. Barcelona 1921. Vol. II, pag. 562.

<sup>(73)</sup> WEHMER — Die Pflanstoffe, Iena, pag. 103.

<sup>(74)</sup> NICOLÁO J. MOREIRA — Dicc. de Plantas Medicinaes Brasileiras, 1862, pag. 109.

<sup>(75)</sup> Dicc. citado, pag. 6.

<sup>(76)</sup> Diario da Viagem Philosophica, pela Capitania de S. José do Rio Negro etc. Pelo Dr. Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, a quem acompanharam os Desenhadores etc., nos annos de 1785 e 86. Manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

<sup>(77)</sup> ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA — Mem. sobre as mascaras e Camizetas que fazem os gentios Yrupixunas. Id., id.

gomma e tintas encarnadas" (78); existe, entretanto, uma Liliacea que dá pelo nome de carajurú do Pará, scientificamente a Estreameria peregrina, Welld (79).

A synonimia botanica é vasta, abrangendo talvez variedades, senão especies diversas:

Arrabidea chica, Verlot; Bigonia chica, Humbolt e Bonpland; Bignonia cuprea, Cam; Bignonia thyssodea, de Candolle; B. erubescens, Spenc-Moore; Arrabidea acutifolia, de Candolle; Arr. rosea, de Candolle; Arr. rubrinervis, Miers; Lundia chica, Seem; Vasconcelia acutiflora, Mart; Termocydia, Crajurú, Mart. (80); Arr. urucú.

Das folhas, fermentando-as, extrahe-se materia corante, vermelha, que sob o nominativo de Vermelhão americano, vermelho de chica, Vermelhão vegetal, Vermelho Crajurú, foi motivo de grande commercio em tempos coloniaes. Apresenta-se sob a forma de pó fino, leve, que se torna brilhante por trituração. Estudaram-no Boussingault (81), Virey (82) e Erdmann, (83); é insoluvel na agua, mas dissolve-se no alcool, ether e alcalis. Em presença de glycose e em meio alcalino reduz-se, tomando bella coioração violeta.

ERDMANN attribue-lhe a formula C8 H8 O3, considerando esse vermelhão como isomero do acido anisico (84).

A tinta vermelha de dois saccos dos Indios Ticunas, da collecção do Musêo Nacional, verifiquei eu ser constituida por esse corante (85).

Páo-brasil — O Páo-brasil, páo vermelho, páo de tinta, era artigo de commercio na Hespanha e na Italia, — onde era conhecido por Verizino (86), importado do Oriente tres seculos antes da descoberta de Colombo. Encontrado na America, recebeu denominações diversas, consoante a procedencia: Páo de Lima, de Nicaragua, de S. Martha, de Pernambuco (Fernambuco dos Francezes) Páo de Bahia etc., como já tinha de páo do Japão, de Sapan, de Lamon e outros.

A variedade brasileira dá pelo nome scientífico de Caes. alpina echibata, Spreng; Caes. vesicaria, Vellozo; Caes. obliqua, Vag; Gerilandina echinata, Spreng; e Caes. brasiliensis (87); familia das leguminosas.

Os indigenas chamavam-no Ibirapitanga ou, mais correctamente, Imirápitanga (páo vermelho, em tupi) (88);  $Guarapit\tilde{a}$  (de que os viajantes francezes, sempre ligeiros e deturpadores, fizeram a corruptela Arabutam) e irapitinga (89).

<sup>(78)</sup> IGNACIO ACCIOLY DE CERQUEIRA E SILVA — Corographia Paraense, descripção Phísica, Historica e Política da Provincia do Gram Pará. Bahia 1833, pag. 9.

<sup>(79)</sup> Flora Brasiliensis Martii — Vol. VIII, pars. II,p. 31.

<sup>(80)</sup> Flora Brasiliensis Martii — Vol. VIII, pars. II, p. 31.

<sup>(81)</sup> Boussingault — Ann. de Chimie et Physique. Vol. 27, 1824, pag. 315.

<sup>(82)</sup> VIREY J. Pharm. 1844, 151.

<sup>(83)</sup> ERDMANN — Journ. f. prak. Chemie, 1587. Vol. 31, pag. 198.

<sup>(84)</sup> ERDMANN - Loc. cit.

<sup>(85)</sup> Veja os ns. 978 e 380 da Collecção Ethnographica.

<sup>(86)</sup> Pedro Martir — Quarta Decada. Citado por J. Silvestre Rabello. Discurso sobre a palavra Brasil. Rev. Inst. Hist. 1839, pag. 286.

<sup>(87)</sup> Flora brasiliensis MARTH, Vol. V, pars. II, pag. 66.

<sup>(88)</sup> TH. SAMPAIO - O Tupi na Geographia Nacional, 1914.

<sup>(89)</sup> Silva Guimarães — Dice, da Lingua Geral dos Indios do Brasil. Bahia, 1854, pag. 23. Vocab, da Nação Tupininquins.

Chevreul isolou a materia corante — a brasilina, crystalizando em agulhas pequenas incolores (90). Bolley, em 1864, assignalou-lhe a formula 91, mas tarde corrigida por Liebermann e Burg (92) e hoje acceita como exacta C16 H14 O5. A solução acquosa vira ao carmesim ao contacto com o ar, transformação rapida pela ebulição e pelos alcalis. Por esse facto, apresenta o decocto do lenho a cor vermelha, que se torna amda mais intensa em presença dos saes de bario, de magnesio e dos compostos de calcio, que existem por pequenas quantidades nas aguas dos rios utilizadas pelos aborigenes.

Quando são essas aguas ferruginosas, faz a fervura surgir matiz brunovieleta, en, lugar do carmim nitido, — da vercadeira materia corante, que é a brasilina. Prepara-se esta em estado de pureza, precipitado o extracto de probablica pelo hydroxydo de ammonio (ammonea), e extrahindo a quente pelo acido acetico diluido a porção sedimentada. A evaporação do liquido acetico fornece pequenas laminas, de brilho metallico, de cor vermelhaça por transparencia: — a brasilina.

Servia o páo-brasil ao gentio por corante de fios de algodão, de palhas (93), de fibras de ticum, etc., em matizes vermelho e bruno-arro-xeado, e para tingir as pennas brancas (94).

Páo Campeche — O palo campeche, páo azul, páo da India — Hemato-xylon campechianum, familia das Caesalpinaceas, com muitas variedades, não é assignalada na Flora de Martius; e nem Engler-Prantl (95), nem Dalla Torre e H. Harms, que lhes corrigem os enganos, se referem á existencia no Brasil (96). A Biologia Centralli Americana dil-o do norte da America do Sul (97); e o Index Kewensis aponta-o pela America tropical (98).

Não é pois impossível vegetasse ao Norte do Brasil, apezar de consideral-o exotico Saldanha da Gama (99)., que aliás o menciona entre as madeiras do Brasil na Exposição de Paris de 1867 (100); nem inverosimel o relato de Accioly, arrolando entre os lenhos do Pará para a pintura

<sup>(90)</sup> CHEVREUL - Annales de Chimie et Physique, Vol. 66, pag. 225.

<sup>(91)</sup> BOLLEY - Schweig. polyt. Zeitschrift. IX, pag. 267.

<sup>(92)</sup> LIEBERMANN e BURG — Berichte der Deutschen chemischen gesellschaft. VI, p. 446.

<sup>(93</sup> Os Indios do Sul da Bahia « Sabem tingir tambem com páo-brasil e tatajiba as palhas de chapeu e os fios de algodão». Von Spix e Von Martics. Reise in Bresilien II Vol. Na trad. do Pirajá da Silva. Veja a pag. 107.

<sup>(94)</sup> Depenam... recortam o frouxel e as pennas miudas... depois do que fervem e tingem de vermelho com páo-brasil. « Jean de Lery Histoire d'un voyage faict en la terre du Bresil autrement dite Amérique etc. Genéve 1880, 2ª ed., cap. VIII, § 8».

<sup>(95)</sup> ENGLER-PRANTL - Nat. Pflangen Familien.

<sup>196</sup> DALLA TORRE e H. HATMAS — Gen. siphnogamarum ad sysl. Engleriarum conscripta — Lipsiae — 1900.

<sup>(97)</sup> Biologia Centralli Americana. Botanica. Vol. . pag

<sup>(98)</sup> Index Kewensis Plant, Phanerogamarum, T. t.

<sup>(99</sup> Informações do Sr. Prof. Bourguy de Mendonga, discipulo cujo alto valor scientífico honra aquelle Mestre.

<sup>(100)</sup> J. DE SALDANHA DA GAMA — Synonymia de diversos vegetaes do Brasil, etc. Rio de Janeiro 1868 na pag. 17, sob o n.89.

« O Campeche violeta, de cuja casca em estado putrido extrahem os indios uma tinta de finissimo carmin » (101).

O grande Chevreul fez-lhe o estudo chimico, em 1810, (102), depois ampliado por Erdmann, em 1842, (103), Hesse e outros (104); sendo isolado do lenho, pelo sabio francez, o chromogenico — kematoxylina, que ao ar se transforma em hemateina, corante purpura vivo. No decocto, com agua commum ou potavel, o carbonato de calcio que nelle existe provoca mui rapidamente essa transformação.

ERDMANN estabeleceu as fórmulas definitivas da hematoxilina C16 H14 06 e da hemateina C16 H2 06, confirmadas por Hesse (105); outros pesquizadores intensificaram os estudos sobre a constituição chimica desses corpos e derivados numerosos que possibilitam; e são hoje bem minudentes esses conhecimentos scientíficos. Delles resahe a grande approximação com a brasilina, nuateria corante do páo-brasil, da qual a kematoxilina não é mais que um hydroxido — a hydroxybrasilina; tal o evidenciaram Perkin e seus discipulos (106).

A hematoxylina, muito utilizada na industria tinctoral, fornece varios matizes, entre outros: uma laca negro-violaceo muito firme, pela acção do acido chromico e chromatos; côr preta azulada com os saes de ferro; precipitado azul com os saes soluveis de cobre e coloração violeta com os alcalis fortes.

Capiam — Diz Gabriel Soares, a proposito da Bahia: «Nascem outras hervas pelo campo, a que chamam os indigenas *Caapiam*, que tem flores brancas da feição de bemequeres, onde ha umas sementes como gravanço; das quaes e das flores se faz tinta amarella, como açafrão muito fino, do que usam os indios no seu modo de tintas...» (107).

Por *Capiam*, *Caapia*, *Cuapiá* e *Cayapiá*, fórma por que assignala VELLOSO (108), e ainda contra-herva, herva de lagarto (109) e figueira terrestre (110), são conhecidas diversas dorstenias:

Dorstenia multiformis, MQ, ou dorstenia multiformis, fórma A. MIQ. e MART. Dorstenia brasiliensis, LAM; dorstenia contrajérva, LINNEU (111), dorstenia cyperus, VELLOZO ou dorst. multiformis B. (112) dorst. ceratosanthes Lood (= D. multif. A).

<sup>(101)</sup> Corographia Paraense ou Descripção Fisica, Historica e Politica da Provincia do Gram-Pará, por Ignacio Accioly de Cerqueira e Silva. Bahia, 1833, pag. 8.

<sup>(102)</sup> CHEVREUIL. — Ann. Chim. et Phys. Vol. 82, pag. 126.

<sup>(103)</sup> ERDMANN — Journ. f. prakt. Chemie, Vol. 26, pag. 193, c Vol. 36, pag. 205.

<sup>(104)</sup> RUPPE - Die Chemie der Natuerlichen Farbstoff, 1900, pag. 109.

<sup>(105)</sup> Annales der Chemie (Justus Liebig An.), V. 109, pag. 318.

<sup>(106)</sup> H. PERKIN — Journal of the Chemical Society of London. Transactions. 1902, vol. 81, pag. 1.059, e 1908, vol. 39, pag. 1.140.

<sup>(107)</sup> Gabriel Soares. Trat. descrip. do Brasil, 2ª ed. de Varnhagen, 1879, pag. 189.

<sup>(108)</sup> Fr. J. M. DA CONCEIÇÃO VELLOSO. Flora Fluminensis, 1825, pag. 52.

<sup>(109)</sup> J. M. CAMINHOÁ — Botanica Geral e Medica. Fas. XI e XII, pag. 2.239.

<sup>(110)</sup> VELLOZO, op. cit.

<sup>(111)</sup> Flora brasiliensis MARTII, vol. IV, parte I, pag. 211.

<sup>(112)</sup> C. Vellozo — Flora brasiliensis T. I, pag. 140.

Varnhagen entende que deveria ler-se caaopiá em lugar de caapiam, como se acha em Piso, denominação vulgar de uma planta de genero vismia, creado por Vandelli (113), talvez a vismia micranta de Marrius ou a vismia logofolia, de St. Hillaire, ou páo-de-lacre, ambas assim conhecidas (114).

Guaraná — O guaraná, ouaraná, uaraná, guaraná-ura, dos indios do Norte do Brasil, a cupana, na Venezuella, é uma sapindacea sarmentosa, de nome scientífico Paulinia sorbilis, de MARTIUS, ou Paulinia Cupana, de KUNTH (115).

Dos fructos do guaraná extrahiam os indios « bella substancia corante amarella», diz Semler (116); e, assevera Nicoláo Moreira, — do envolucro seminal ou arillo vermelho, tiravam elles materia com que tingiam os dentes [117]. Riedel faz identica affirmação (118). E é tudo que me foi dado apurar.

Cury — Affirma Gonçalves Dias que as indias do Pará pintam as cuias de «urucú, carajirú, cury, touá, tabatinga» «servindo-lhe de oleo a infusão de cascas da arvore Cumahy, a qual também serve de mordente»; e... «sem isto não pegam bem as tintas e não ficam bem lustrosas (119).

Cury é o pinheiro do Brasil (120), abreviação de Curi-y, do guarany, curi-ura, no Tupy (121), de nome scientífico Araucaria brasiliana, de Rich, Lame, ou Araucaria brasiliensis promiscue, de Rich, Columbea anystifolia, de Berthonia, Pinos dioca, Vellozo (122, araucania rudolphina, Savi (123).

Similaxinea — Os botanicos da Commissão Rondon observaram que os Parecis usam, no corar de AZUL os fios de algodão e as rêdes para dormir, de uma similaxinea, da familia das Lilaceas, com folhas trinervias e inflorescencia em umbella. Recorrem á polpa do fructo, de que extrahem o succo, servindo á impregnação tinctorial (124).

Myrtaceas — A Martius informaram que os indios do sul da Bahia « servem do decocto da casca de diversas Myrtaceas e de um barro preto, fino, para tingil-as. Produz-se provavelmente uma combinação de tanino com exydo de ferro ».

<sup>(113)</sup> VARNHAGEN - Commentario 136 a GABRIEL SOARES, op. cit.

<sup>(114)</sup> Caminhoá Elem. de Botanica Geral e Medica, pag. 3.110.

<sup>(115)</sup> Flora brasiliensis Martii, vol. XIII, pars. All, pag. 373.

<sup>(116)</sup> H. Semler. Die Tropische Agrikultur. Trad. bras. de F. M. Draenert, vol. I, pag. 393.

<sup>(117)</sup> NICOLÁO MOREIRA. Dicc. das plantas medicinaes brasileiras, pagina 65.

<sup>(118)</sup> RIEDEL. Citado por SEMLER na obra acima.

<sup>(119)</sup> GONÇALVES DIAS. Dicc. da lingua Tupy.

<sup>(120)</sup> Nicoláo Moreira. Dice, das plantas medicinaes brasileiras, pagina

<sup>121</sup> J. M. Caminhoá — Elementos de botanica geral e medica, pagina 1933.

<sup>(122) -</sup> J. M. C. Vellozo - Flora fluminensis.

<sup>(123)</sup> Flora brasiliensis. MARTII, vol. IV, pars. I, pag. 426.

<sup>(124)</sup> Informações pessoaes do Dr. João Kulman.

Refere-se o grande sabio ás cuias, de cujas pinturas disse: «são estas as melhores figuras que vimos no Brasil, feitas pelos indigenas, quanto ao desenho e caracter; e approximam-se um pouco do gosto chinez» (125).

Os indios Parecis empregam uma myrtacea do chavascal do Matto Grosso para conseguir desenhos de côr bruna avermelhada (126).

Carvão — O carvão de origem vegetal tinha emprego, entre os indios brasileiros, para impregnar tatuagens e cobrir arabescos traçados com succos que serviam de mordentes. Preparavam-no as mais das vezes por carbonização de folhas das diversas palmeiras, que forneciam desde logo o pó fino, necessario á applicação: assim os Yrupixunas e outras nações (127); mas recorriam igualmente a vegetaes varios, que trituravam após a queima.

O mordente obtinham-no de differentes myrtaceas. Ainda ha pouco se verificou o facto com os Parecis, que colhem no chavascal de Matto-Grosso uma especie, não classificada á mingua de flores, contundem o cortice e conseguem por transudação liquido viscoso, que utilizam, não só para desenhos de côr bruna-avermelhada, senão tambem como fixador de carvão em pó tenue, quando taes desenhos querem negros (128).

Fernão Cardim descreveu as ceremonias prestadas « ao novo cavalheiro », após a morte que dão ao inimigo heroico e vencido: — « ... na propria pelle, sarrafaçando-o por todo o corpo com um dente de cotia... e se são elles animosos não lhe dão riscas direitas, senão cruzadas, de maneira que ficam com lavores muito primos.... acabado isto, têm carvão moido e summo de herva-moura (129), com que elles esfregam as riscas ao através...» (130).

#### MORDENTES E FIXADORES

Por extensão do estudo de corantes vegetaes, indicam-se aqui alguns succos vegetaes que serviam por mordentes ou fixadores.

Janaúba — Diz Paula Ribeiro que os selvagens da Capitania do Maranhão «tiram de certa planta que chamam — janaúba, — um leite pegajoso com o qual vão lavrando em seus membros as figuras que lhes parece e as quaes cobrem depois com pennas miudas e pintadas de diversos passaros que apanham» (131).

<sup>(125)</sup> Von Spix e Von Martius, Reise in Brasilien, vol. II. Trad. de Pirajá da Silva — Através a Bahia, pag.

<sup>(126)</sup> Informações pessoaes do botanico brasileiro Dr. J. KULMAN.

<sup>(127)</sup> Os Yurupixunas tatuavam-se com espinhos da palmeira Pupunha (Bachris speciosa) e «pulverizavam-se com cinzas das folhas», diz A. Rodrigues Ferreira; expressão defeituosa, devendo ser substituida por «carvão das folhas..., pois cinzas brancas não dão traços negros.

<sup>(128)</sup> Informações pessoaes do Dr. João Kulman, botanico brasileiro, que acompanhou a Commissão Rondon.

<sup>(129)</sup> A herva-moura é o Solanum nigrum, de Linneu, ainda hoje empregado em inflammações, ulceras, etc.

<sup>(130)</sup> Fernão Cardim. Do principio e origem dos indios do Brasil, etc.

<sup>(131)</sup> Memoria sobre as *Nações gentias*, que presentemente habitam o Continente do Maranhão. Escripta no anno de 1819, pelo major graduado Francisco de Paula Ribeiro. In. Rev. do Instituto Historico, 1842, pag. 188.

A Janaúba é sinonymia vulgar de uma Apocynacea, do genero Plumeria, abrangendo talvez diversas especies (132).

**Cumahy** — A arvore Cumahy, identica a Cumery ou Sorveira 132), é a *Callophera utilis de* MARTIUS, cujo succo leitoso serve de fixador de tintas a modo de verniz (133).

Gonçalves Dias menciona-o em uso pelas indias do Pará como bom mordente de materias corantes nas cuias.

## CONCLUSÕES

O aborigene brasileiro possue retina mais sensivel ás cores neutras que os homens primitivos, encontrados alhures no mesmo gráo de evolução social.

Documentam e attestam o facto os productos de sua arte incipiente, em que varios matizes se combinam e succedem em gradações suaves, os objectos de coloridos ternos de seu uso, e os vocabularios, que os distinguem por palavras proprias e até por verbos exprimindo a surgencia da côr.

Para inductos e arabescos cutaneos e symbolos distinctivos da raça, nos seus rituaes, na therapeutica apenas em esboço, no registo de seus feitos e de sua descendencia, nas manifestações da arte rudimentar, na traducção expressiva das alegrias ou na sombria contenção por pezares e luto, — servia-se o nosso gentio de materias tinctoriaes buscadas reiteradamente ás plantas e também ao reino mineral e muito raramente tomadas aos animaes.

Entre os de origem vegetal, tinham maior emprego os seguintes:

Mais diffundidos que os outros corantes era o *Urucú*, ou *bixê* ou *bichá* das tribus Amazonicas, o *nukirê* dos Indios da Serra do Norte (Nhambiquaras). *urucú-uva*, a *Bixa americana*, de Poir, ou *Bixa urucú*, de Piso, além de outras denominações vulgares e scientificas adoptadas no texto deste trabalho.

Fornece o urucú duas materias: a bixina e a orellina, corando o primeiro em vermelho e o segundo em amarello propriedades utilizadas pelos indigenas brasileiros para tingir fios, palhas, pennas, ceramica, e principalmente para ornamentar a pelle, addicionada ou não de substancias gordurosas, servindo á garridice e á defesa contra os mosquitos.

O preparo do urucú com o ultimo destino era feito por divisão das sementes deseccadas ao sol, actuando sobre o pó o oleo fino de Lambarys, especies varias do genero Tetragonopterus, a que depois era encorporada a resina de almecega — a *Icica Icicariba*, de *D. C.* Ao holo resultante, per fumado pelo cheiro proprio desse balsamo, chamam os Boróros — *Quidoguro*.

O urucú era o corante da alegria, figurando nas festas e expansões.

<sup>(132)</sup> NICOLÃO MOREIRA — Suppl. ao Dicc. das Plantas Medicinaes Brasileiras, pag. 30.

<sup>(133)</sup> NICOLÁO MOREIRA — Dicc. das Plantas Medicinaes Brasileiras, pag. 122.

O Genipapo, Genipa americana, de Velloso ou Genipa brasiliensis, de Martius, era o de mais largo emprego depois do urucú.

Utilizavam-se os selvagens do succo de côr citrina, extrahido ao fructo, que passa, por oxydação ao ar, pelo verde, violaceo, azul e finalmente ao azul-negro, que, pelo envelhecimento, vira negro-verdoengo.

Com o genipapo coravam a pelle, as cuias, os fios, traçavam os riscos negros das pinctographias e enduziam-se o corpo para tratamento de boubas e febres palustres.

O luto dos Tupinambás se traduzia pelo tosquiamento dos cabellos e pelo tingimento generalizado com o succo de genipapo.

A *Tatagiba*, *Tatuba* e multiplos nomes aquem mencionados abrangiam tres especies de Morus, todas muito proximas e por isso confundidas pelo aborigene sob a indicação generica de páo amarello, como igualmente e foram, de começo, pelos scientistas: a *Maclura tinctoria* ou *Mourus tinctoria*, de Velloso; a *Maclura aurancia* ou *Mourus tataiba*, de Velloso, e a *Maclura xantoxylon*, de Martius.

Segundo testemunho dos chronistas do tempo, exploraram os Hollandezes e Francezes este lenho tinctorial, que os indigenas empregavam para corar de amarello os fios de algodão e palmaria.

Da materia corante bruta separam-se duas substancias bem estudadas, já, de propriedades, fórmula e constituição modernamente conhecidas: — a *Morina* ou *acido morico*, e a *Maclurina* ou *acido moritanico*.

- O Carajurú ou Piranga e suas muitas corruptelas hespanholas correspondem ás variedades da Arrabidea chica, de Verlot, ou Vasconcelia acutiflora, de Martius.
  - O gentio usava-o para tingir o corpo e pintar mascaras e teçumes.
- O vermelho de carajurú foi motivo de grande commercio em tempos coloniaes, sob a denominação de Vermelhão americano, Vermelhão vegetal, etc.
- O *Páo-brasil*, páo de tinta, era conhecido no commercio de Hespanha e Italia por *Verizino*, antes do feito de Cabral. Os indigenas brasileiros chamavam-no *Imirapitanga* e o empregavam para corar fios de algodão, fibras de ticum, palhas e principalmente tingir de vermelho as pennas brancas dos passaros.

A variedade brasileira dá pelos nomes de Caesalpinia vesicaria, de Velloso, ou Caesalpina brasiliensis promiscue.

A materia corante, principalmente a brasilina, — foi isolada por Chevreul e estudada depois por outros que lhe determinaram a fórmula.

O Páo campeche — Hematoxylon campechianum, com muitas variedades, embora não mencionado nas floras brasileiras, vegeta na America tropical e não é inverosimel o relato de Ignacio Accioly de extrahirem os indios da casca em estado putrido « uma tinta de finissimo carmim ».

A hematoxylina, que se transforma ao ar em hemateina, fôra identificada por Chevreul. Estudos modernos reconheceram a hematoxylina como hydroxydo da brasilina, ou corante do pao-brasil.

Menciona Gabriel Soares a Caupiam como planta de que faziam os indios tinta amarella « como acafrão muito fino ».

Esse nome indigena corresponde a diversas Dorstenias, entre as quaes a D. multiformis, Mq. e a D. cyperus de Velloso ou D. multiformis B.

Do Guaraná ou Uaraná, Paulinia cupana, de Kuntu, ou Paulinia sorbilis, de Martius, de cujos fructos os indios Maués começaram a preparar a pasta commercial, extrahiam os aborigenes corante amarello, empregando tambem o arillo vermelho para tingir os dentes.

As cuias dos Indios do Pará eram pintadas por varias substancias, entre as quaes o sumo de Cury ou Pinheiro do Brasil—Aracauria Brasiliensis.

Os Indios Parecis tingem de azul fios e redes re dormir com o succo do frueto de uma Similaxinea, cuja especie não poude ser determinada.

Empregam também esses Indios uma Myrtacea, do chavascal de Matto-Grosso, para desenhos de côr bruna-avermelhada.

Cascas de varias Myrtaceas eram utilizadas pelos Indios do Sul da Bahia para cuias, segundo affirma na Reise in Brasilien o grande MARTIUS.

Ao carvão de origem vegetal recerria o selvagem brasileiro para impregnar tatuagens e traçar desenhos negros, fixando o pó, mercê de mordentes.

Obtinham-no pela carbonização de folhas de palmeira, que forneciam logo carvão tenue e tambem de vegetaes outros pulverizados depois.

No intuito de prender o frouxel, de pennas tingidas ou de côres vivas, aos desenhos do corpo, ou de fixar substancias corantes em utensilios diversos, lançavam mão os autochtones de succos vegetaes, que actuavam á guiza de mordentes ou como verdadeiros vernizes.

Entre outros, contam-se a Cumary ou Sorveira — Callophera utilis, de Marrius, e a Janaúba, Aporynacia do genero Plumeria e varios myrtaceos.

Museu Nacional, 30 de julho de 1922.



# Indian agriculture at its northern limits in the great plains region of North America

BY

### GEORGE F. WILL

Although practically all of the principal corps raised by the North American Indians seem botanically to have originated in almost tropical regions yet they were carried, acclimated and adapted to fully as wide a variation of climate as were any of the European crops.

The Great Plains Area has perhaps the harshest climate to be found in the temperate zone of North America yet the cultivation of crops was carried well toward the northern limits of this area. At the time of first contact with the whites the northern limit of agriculture was problaby at the Knife River villages of the Hidatsa Indians at about 47°,30°. Since then however, due principally to enforced migrations the area of cultivatien has been extended much further north, and now approaches closely the fiftieth parallel where the frost free period is very short and cool nights the rule.

The original agriculture in this northern area belonged to the village dwelling Indians along the Missouri River in what is now North and South Dakota, the Mandan, Arikara and Hidatsa. These tribes raised and still reaise corn, beans, squashes, pumpkins, water melons and sunflowers of many different and well established varieties, as well as tobacco of the quadrivalvis variety. It is probable that most of the seed from which plants have been developed for the still more northerly region came from this source.

At the present time distinct vareties are raised by the Chippewa of the Turtle Mt. Reservation in North Dakota and of the Red Lake Reservation in Minnesota, by the Sioux of Dakota of the Ft Totten Reservation in North Dakota, by the Assiniboine and Dakota of the Ft Peck Reservation in Montana, by the Assiniboine and Refugee Sioux of the Woody Mountain and Pipestone Reserves in Canada, and by the three Missouri River tribes already mentioned, as well as by all of the tribes further south in the region.

The question arises as to the source of these northern varieties of cultivated plants, and to this question there seems to be no very definitive answer. So far as our present knowledge can determine all of the tribes have come into this northern region from points further south within the last three hundred years or less. Probably the Mandan tribe was the first tribe to arrive. As we know, although most of the agricultural plants are presumably of Mexican origin, most of them were cultivated throughout the southern and eastern states as well as the Mississippi Valley centuries before the Columbian era. At that period their culture was already firmly established the length of the Atlantic coast, as well as through all of the interior region. The path taken by the different

plants in their general dissemination is purely problematical, but it seems evident that the source regions of most of the present tribes of the Northern Great Plains were agricultural when their emigration took place. Is is highly probable therefore that some of the tribes practiced agriculture in their gradual progress northward and probably each had ist special varieties. The Mandan culture and tradition seems so basically agricultural that there can be little doubt that they were a strongly agricultural tribe long before their arrival on the upper Missouri, and agricultural evidences are plentifully present in the very oldest archaeological Mandan remains in the region.

The Arikara followed the Mandan, and certainly brought their own agricultural practices and varieties with them. Even to the present, after centuries of contact, there are still varieties of corn and squashes which are stated by the Indians to belong definitely to one or the other tribe. It seems probable therefore that the varieties of plants cultivated in this area have at least a double source, those introduced by the Mandans probably derived directly from the Region east of the Mississippi, while the Arikara plants, akin to those of the Pawnece, come directly from the sout and southwest in the region west of the Mississippi.

The corn and other plants grown by the Hidatsa, at Ft. Peck, and in Canada undoubtedly owe their origin to the Mandan-Arikara varieties; it is probable that the Chippewa varieties of Turtle Mountain and Red Lake derive from the same source as they differ materially from the Chippewa sorts from further east and south. It is possible that the varieties grown by the Fort Totten Dakota come from the agricultural Santee tribe of that nation, but the probabilities seem to favor rather the Mandan-Arikara, on account of varieties similarity and known close contact between the Ft. Totten and Ft. Berthold Indians. It would appear therefore that the work of acclimating, adapting, selecting and developing varieties of plants suited to the severe climate of the northern great plains, a work steadily and carefully done through many vicissitudes and long years of selection should be credited largely to the two village dwelling agricultural tribes, the Mandan and the Arikara.

What this accomplishment is should be more clearly understood. Definitely, maize or corn, growing to a height of ten and twelve feet, requiring a growin season of 130 to 200 days, killed by the barest touch of frost, and stagnating it the temperature fell below 60° Fahrenheit was gradually transformed into a tough, hardy, compact, plant, attaining a height of from three to four feet, requiring a growing season of not over 60 days to mature seed, and showing some frost resistance and a great deal of cold resistance, as well as marked resistance against wind and drought, Bradbury, the English botanist who first scientifically observed the corn of the Upper Missouri Indians in 1811 was filled with amazement at the transformation which had been made from the maize which he had seen on the lower river. No less remarkable were the changes which were wrought with the squahes, pumpkins and beans all of which have become possessed of a vitality, a hardiness and earliness that seem almost unbelievable to one acquainted only with southern types which are their ancestors. All of these northern plants seem to have developed to the highest point the quality of adaptability. They will accomplish the ultimate object of reproduction under every discouragement. This explains why they have acclimated themselves as promptly in the hands of the previously non-agricultural tribes, the Assiniboine and plains Dakota further north. The corn from the Canadian Reserves, undoubtedly the earliest and hardiest of all, seldom grows over three feet high, and plants bearing mature ears have been observed, when exposed to especially severe conditions of drought, having a height of not more than 15 inches, with the ear perhaps two to three inches long, but with perfect, fully developed grain upon it. Contrast this with the twelve foot plant raised by the Indians and whites of the lower Mississippi Valley and the agricultural accomplishments of the North American Indian seem to take rank perhaps even above those of our European ancestors in developing wheat, rye and barley.

It is significant that after long years of experimentation by the white settlers in the region, general dependence is now placed in the Indian varieties of those derived directly from them, of corn, beans and squashes, which have demonstrated their suitability to the region over any of the introduced sorts.

Of course the agriculture of the the Mandans and Arikara was intensive, the family field containing from one and a half to four or five acres. All work was done by the hardest kind of manual labor with crude hoes, rakes and digging sticks. The women were the gardeners, selected the seed for the most part and kept the varieties and strains pure. The fact that corn cross-fertilizes was fully understood and care was taken to keep different varieties from mixing. A large mass of agricultural rules, regulations and general lore of a most interesting nature had been built up, and has only recently been the object of any serious study.

The time will surely come when the agriculturists of the Northern Great Plains will pay fitting tribute to their Indian predecessors for their agricultural accompleshements which have here been but briefly described.

Bismarck, N. Dak.



## LOS PIGMEOS EN LEYENDAS DE LOS GUARANIES

POR

## F. C. MAYNTZHUSEN

El P. José Guevara en su obra «Historia de la Conquista del Paraguay» menciona una carta del P. Juan Techo escrita en Miraflores el 11 de Mayo de 1767 en los siguientes términos:

..... « los Chiriguanos sacaron un pigmeo muy chico. No quisieron decir en que parte del Chaco habitaban, pero añaden que solo de noche salen a buscar que comer, temiendo, que si de dia desamparan sus cuevas serán acometidos de los pájaros grandes. Despues de toda esta autoridad dudo mucho la existencia de los pigmeos.»

De los términos usados por el P. Guevara al cometar esta noticia resalta que la leyenda de tales pigmeos «en otro tiempo» habia sido muy difundida.

En tiempos modernos encontramos mencionados los pigmeos fabulosos del Chaco en la obra «Indianerleben» de Erland Nordenskiöld. El autor tuvo noticia que los Tapieté pretienden saber el lugar donde vive un pueblo de pigmeos en cuevas de la tierra y que segun ellos está situado unos seis dias de marcha al oeste del Rio Parapiti. Dicen los Tapieté que los enanos son gentes apacibles y hablan Guarani. En otra parte de la obra el mismo autor afirma que de todas las tribus del chaco son los Tapieté que mas influencia han recebido de los Chiriguana; por eso se puede suponer que tambien hayan recibido de ellos la noticia mencionada.

Adonde haya Guarani podemos estar seguro de encontrar la noticia popular de los pigmeos. A si sucede entre los campesinos del Paraguay que tienen « el cuento del Yacy-yateré ». Los Guayaki llaman Yakãrendy a los pigmeos que dicen existir en los bosques del Paraguay. Ehrenreich en su obra « Mythen und Legenden der Süd-amerikanischen Urvölker » se refiere a los «duendes de los Tupi» (Kobolde) y a los cuales los habitantes de la region del Amazonas dan el nombre de Kaapora, Kurupira y Yuruparf.

Los datos respecto a existencia de pigmeos que Hawtry ha recibido de los Lengua que viven cerca del Rio Paraguay (segun E. Nordenskiöld) facil podriam ser originados de los mismos Guarani vecinos de los Lengua.

Los campesinos del Paraguay refieren lo siguiente:—Viven en la selva unos hombres muy chicos, con aspecto de indio dicen los unos, mientras que otros los digan ser rubios. Su altur ano pasa la de un niño de 7 a 8 años. Suelen robar criaturas de los pobladores que viven cerca del monte para jugar con ellos, pasado unos dias los largan en algun camino pero los chicos quedan locos. Los Yacy-yateré no saben hacer fuego y vienen a robarlo en los campamentos de los viajantes trasnochadores en los montes, o de los yerbateros ú otros montaraces cuando ellos acaban de abandonar su campamento. El enano lleva entre sus manos un baston con puño de plata, en él produce um chiflido que es igual al canto del pajarito

Yacy-yateré (Dromococcyx phasianellus). El bastón tiene la calidad de hacer invisible al enano, llegando un hombre a quitárselo queda aquel sin fuerza e inofensivo a las gracias del hombre. No hay que chillar al Yacy-yateré sino hace mil travesuras al hombre quien asi se burló de él, por ejemplo desata el montado del viajante, le esconde las cosas de su uso etc.

Los Kainguá, varias tribus de indios agricultores de raza e idioma guaran tambien tienen la fabula de los Yacy-yateré. En el Paraguay estos indios desde hace mucho, probablemente desde siglos han vivído en contacto con los «cristianos», tienen por eso un estado de cultura que Erland Nordenskiöld, referiéndose a otra tribu ha calificado de «cultura de la lata de conserva». A mi saber sus leyendas no tienen diferencia con las de los campesinos del Paraguay. Los Kainguá de Matto Grosso que fueron tan bien estudiados por C. Nimuendayú-Unkel (Religion der Apapocúva-Guarani, Zeitschrift f. Ethnologie, 1914 Heft II u. III) son menos influidos por los civilizados pero desgraciadamente Unkel solo nos da noticia de su mitologia y no de sus leyendas. No dejaré de mencionar aqui referente a la denominación de las tribus de Guarani agricultores del Paraguay que creo conveniente de seguir el hábito de los viajeros y etnólogos incluso Unkel que llaman Kainguá a todos ellos a pesar de las diferencias muy insignificantes de dialetos que existen entre ellos. San todos de una misma cultura, bastante baja de cierto y con el mencionado nombre, son conocidas en la literatura etnográfica. El Dotor Bertoni en su «Aperçu ethnographique préliminaire du Paraguay Oriental & Haut Paraná» las quiere dividir en muchas diferentes «naciones» y eliminar el nombre Kainguá, lo que opino solo daria lugar a confusiones.

En cuanto a la levenda de los Guayakies, aqui va. Existen en la misma región que los Guavakies recorren unos enanos cuya estatura no pasa la de un niño. Viven en cuevas entre las raices del arbol payé (Incienso, es el arbol preferido por el rayo, llama la atención que en Guarani se llama « payé » a los magos). Los enanos son de cutis oscuro, tienen mujeres y muchos hijos, usan arcos y flechas, mal hechos pero suelen cazar jabalies con ellos. Sacan miel de abeja donde lo encuentran en los arboles huecos y pueden hacer invisible las endijas del palo por donde salen las abejas, de manera que los Guarakies que ya los habian descubiertos no las encuentran mas. A veces aparecen de noche con luces en la cabeza, por eso su nombre. Yakaundy que quiere decir cabeza encendida. Aparecen con preferencia cuando ha nacido una criatura en el campamento de los Guayakies o cuando una muchacha tenga su primeira menstruación, pero no hacen mal. Si uno los quiere agarrar desaparecen entrando en la tierra. Se dan seña unos a otros imitando el chillido del pajaro, Dromococcyx-phasianellus, idéntico como los Guayakies que se entienden imitando la voz del mono (cebus), para que algun enemigo que pudiera estar cerca no se apercibe de su presencia. No conocen el uso de hachas, ni saben hacer fuego.

Comparando la leyenda de los campesinos paraguayos con la de los Guayakies encontramos que en la de los primeros, correspondiendo a la mezcla de razas, parece haber elementos que no son americanos, por ejemplo el baston mágico que hace invisible al Yacy-yateré. En el fondo las dos leyendas son identicas siendo eso otra prueba mas para la relación de los Guayakies con los otros Guaranies (véase mis publicaciones al respecto)

Esta leyenda no se aleja de todos los otros mitos y leyendas de los pueblos primitivos americanos que segun Ehrenreich serian la expresión

de miramientos concretos, segun E. Siecke: juicios y cuestiones serios pero infantiles referente a las maravillas de la naturaleza que nos redean.

Si bien los Guayakis explican el fuego fatuo con la existencia de los enanos, creo sin embargo que el origen de la leyenda fué el recuerdo concreto de una raza de pigmeos con que han tenido contacto. Hace suponer eso la descripción tan minuciosa de los pigmeos, la mención de la falta del conocimiento de hacer fuego y del uso de hachas.

No debiera extrañar si algun dia se descubriera en esta region, que probablemento fué habitada por los Guaranies desde tiempos muy remotos, pues es aqui donde se encuentran los Guaranies más primitivos, los vestigios de una extincta raza que aun no conocia el uso del fuego es decir que fué el hombre de verdadera cultura paleolítica.

Puerto Yaguarazapá (Alto Paraná) Julio 6 de 1922.



# A cultura das plantas industriaes entre os indigenas do Brasil, na época

POR

## HENRIQUE SILVA

Releva dizer de começo que quasi nada progrediram os conhecimentos que os nossos incolas possuiam da cultura das plantas industriaes antes da entrada dos primeiros colonisadores europeus, e que nem nós procurámos aperfeiçoal—as. São ainda os mesmos os seus methodos de cultura da terra.

E' assaz sabido que elles se utilizavam de muitas das plantas nativas destas partes do continente Sul-Americano, ás quaes Alphonse De Candollo considerava alienigenas na sua obra classica — uma como Biblia para aquelles que não investigam, não estudam, nem querem estudar, in loco, as nossas cousas — talvez pelo horror ás responsabilidades...

Daqui se infere a complexidade da difficilima these que nos coube explanar.

Aos indios Omaguas do Alto Amazonas devemos á apropriação do latex do Ficus e da Hevea, que chamavam Cahuchu donde se deriva cáucho, ou cautchúc, assimilado no francez caouthchouc, á fabricação de seringas em fórma de pêra e outros objectos de seu uso.

Só este ensinamento bastava para os recommendar á benemerencia do paiz cuja principal industria extractiva é a borracha.

Das fibras das palmaceas nos ensinaram a extracção das sedas para o fabrico de rêdes, linhas de pesca e mais artigos de fina cordoalha.

Cultivavam o tabaco ou fumo (pitum na sua lingua), a batata doce, a mandioca, o mendobi, o ananaz, o milho, o arroz, a bananeira, o algodão, uma das nossas especies de canna de assucar, e tantissimas outras plantas industriaes que longo seria enumerar.

E' opportuno reivindicarmos o indigenato das principaes dellas, invocando não só a tradição indigena conservada nas suas lendas ou documentos historicos, como tambem os resultados das mais recentes explorações scientíficas, e, de preferencia á paleobotanica, que entrou numa phase nova.

Dahi resulta que, se não são indigenas, pelo menos eram conhecidas dos naturaes do paiz as plantas uteis acima alludidas. Exemplifiquemos. Os indios Parecis, na então Capitania de Matto Grosso, forneceram aos primeiros colonizadores dessa região brasileira as mudas de canna de assucar que ainda hoje ali se cultiva.

Que se trata de uma especie botanica differente da Saccharum offinale, de Linneu, introduzida na Capitania de S. Vicente em 1534 por Martin Affonso de Souza, a nenhum botanista é licito ignorar. E foi precisamente esta especie de canna mui doce que os indios Tamoyos, habitantes da bahia

de Guanabara, offereceram aos da esquadrilha de Fernão de Magalhães, quando aqui aportára em 1519. (2)

Do exposto resulta que antes da introducção da canna de assucar no Brasil já era cultivada pelos naturaes uma outra especie de canna de assucar tambem officinal, especie esta chamada canna crioula ou canninha. Quanto ao indigenato desta graminea, ha ahi o testemunho historico de Frei Antonio de ésanta Maria Jabotam, no seu Orbe Serafico Novo Brasilico, impresso em Lisbĉa, 1761.

Na ausencia de materiaes novos ainda por colligir, temos a tradição viva. Esta, que é de memoria de homem, nos mostra no passado e no presente que os naturaes do paiz nunca se utilizaram das plantas industriaes introduzidas pelos invasores europeus, antes pelo contrario, pois estes é que aprenderam delles a utilização da mandioca, da batata doce, do mendubi, do fumo e de tantissimos outros vegetaes nativos destas partes da America. Neste particular nós os brancos é que lhes ficamos devendo muitos ensinamentos — como por exemplo a apropriação do lactex da Hevea para a fabricação das seringas em fórma de borracha e outros objectos do seu uso, como acima dissemos.

Accresce que numa terra onde todos os recursos de vida se deparavam aos seus desbravadores, a tendencia, o empenho maior delles era levar della para o velho mundo plantas desconhecidas, como o fizeram os Jesuitas — levando do Perú para a Hespanha «Cinchonia officinalis», em 1649.

MILHO (Zea-Mays) — Ou provindo do teosinto (Reana luxurians), como querem alguns botanicos, ou originaria da especie primitiva ainda cultivada em nossos dias pelos Carajás do Araguaya e pelas diversas tribus da grande nação dos indios Nhambiquáras do noroeste mattogrossense, certo que o indigenato do milho já não padece duvidas, não obstante se invocar por ahi a opinião contraria de Alphose de Candolle, que o tem e mais o teocinto como originarios da America Central, sendo que este ultimo é encontradiço em estado nativo no Brasil Central.

Nas grandes espigas de milho rôxo trazidas pela Commissão Rondon e que figuraram na Exposição de Agricultura em 1918, o Sr. Edwin Morgan, embaixador Norte-Americano, reconheceu o typo do milho primitivo ainda existente e cultivado no seu paiz. Era um milho de grão roxo e molle, excellente para se comer assado. E a esta especie ou variedade de milho dão os indios Carajás da ilha do Bananal o nome de Cururuca.

Como a mandioca, o milho tem igualmente a explicação da sua origem na seguinte lenda:

« No tempo em que a nação Carajá não sabia fazer roça, nem plantar o milho cururuca, nem ananaz, nem mandioca, e só vivia de fructa do matto e de bichos que matava e do peixe, existia um casal que teve duas filhas: Imaherô a mais velha, e Lanakê, a mais moça. Num anoitecer do céo estrellado Imaherô viu Takina-Can (Vesper) brilhar tão bello e suave, que se não conteve e disse: «Pae, é tão bonito aquillo... Eu queria possuil-o para brincar com elle...»

O pae riu-se do desejo da moça e disse-lhe que Takina-Can estava tão longe que ninguem a poderia alcançar. Comtudo, accrescentou: « Só se elle, ouvindo-te, filha, quizesse vir ».

Ora, alta noite, quando todos dormiam, a moça sentiu que alguem viera collocar-se ao seu lado. Sobresaltada, interrogou: «Quem és e que queres de mim?» — «Sou eu, Takina-Can; ouvi que me querias perto de ti, e vim. Casa commigo, sim?».

Imaherô accordou os paes e accendeu o fogo.

Ora, Takiĥa-Can era um velho; muito velhinho, de cabeça branca de cabellos e barba brancas como algodão e de pelle enrugada.

Vendo-6 á luz da fogueira, Imaherô fallou assim: « Não te quero para meu marido; es feio e eu quero moço forte e bonito.

Takina-Can ficou muito triste e poz-se a chorar.

Então, Dênakê, que tinha um coração meigo e bondeso, compadeceu-se do pobre velhinho e procurou consolal-o, dizendo « Pae, eu me caso com elle; eu o quero para meu marido». E o casamento realizou-se, com grande alegria do tremulo velhinho.

Depois de casado, Takina-Can disse a Dênakê: «Vou derrubar matto para fazer roçado. Tu, porém, não me venhas ver no trabalho; fica em casa cuidando da comida, para quando eu voltar cançado e com os braços doloridos matares a minha fome e restaurares as minhas forças.»

Takina-Can foi; mas demorou tanto que Danakê, de medo que o muito cansaço o tivesse feito cahir exhausto, resolveu desobedecer á recommendação e foi de mansinho expial-o.

Ah! que surpreza e que alegria! Quem estava ali, a trabalhar, era um moço bellissimo, de alta estatura, che'o de vida, e tinha no corpo os enfeites e as pinturas que os rapazes carajás ainda hoje usam.

Dênakê não se conteve; louca de alegria, correu a abraçal-o, e depois levou-o comsigo para a casa, contente para mostrar aos paes o seu esposo, tal como era na realidade.

Foi então que a outra irmã, Imahêrô, o desejou tambem e disse: « Tu és meu marido, pois vieste para mim e não para Dênakê».

« Mas, respondeu Takina-Can, só em Dênakê encontrei a obndade para ter pena do pobre velhinho; ella o acceitou, quando tu o desprezavas. Agora não te quero; só Dênakê é minha.»

Imaherô, de despeito e inveja, soltou um grito e cahiu no chão e desappareceu; no logar della e em vez della, viu-se um Urutau, passaro que ainda hoje dá um grito triste e tão forte que parece ser de uma ave muito maior.

Foi assim que a nação Carajá aprendeu com Takina-Can a plantar o milho, o ananaz, a mandioca e outras cousas que antes não conhecia» (Lenda colligida no Araguaya de um velho Capitichana — Maioral dos Carajás).

Finalmente, para comprovar o indigenato do milho bastam os seus nomes indigenas, entre as varias tribus dos ramos tupi e guarani: Abatige ou Abaty.

O milho é um dos alimentos vegetaes mais usados pelos nossos selvagens, principalmente os Carajás.

Possuem estes uma especie de milho vermelho, quasi arroxeado, que. depois de secco, póde ser assado, desde que se o deixe de infusão n'agua, por espaço de uma hora.

BANANEIRA — Musa paradisiaca, Linneu. — Máo grado certos botanicos nacionaes, que não devemos levar em linha de conta, o indigenato da bananeiro está assás demonstrado pelas sumidades scientíficas mundiaes, pelo depoimento dos historiadores, pelos seus nomes na lingua geral.

Humboldt a sabia cultivada antes da descoberta pelos incolas da America do Sul; Garcilaso menciona-a entre as especies selvagens do Peru no tempo dos Incas; Acosta affirma ter sido a bananeira cultivada pelos sul-americanos antes da descoberta desta parte do mundo pelos europeus.

Gabriel Soares, um dos mais antigos chronistas do Brasil, e mais, o primeiro agricultor do Reconcavo bahiano, não só descreve a banancira nativa do nosso paiz, como a sua differença da de S. Thomé — indicando na antiga metropole brasileira vastas culturas de bananeiras praticadas pelos indigenas, que lhes davam o nome de pacóva.

7º volume da collecção da Bibliotheca Nacional, escreve: Pacobá—s. ba7º volume da collecção da Bibliotheca Nacional, escreve: Pacobá—s. banana; dá diversas composições, como pacobai—bananinha, pacobarolé—
folha de banana, pacobaile—bananeira, pacobai—vinho de banana.

Depois do mestre dos mestres da lingua indigena do Brasil, seja-nos permittido citar, ainda o criterioso Marechal Beaurepaire Rohan: «Pacobá, s. f., nome que davam os povos da raça tupy ás especies de bananas naturaes do Brasil e do Paraguay. Este nome, sob a fórma Pacová, ainda é usual no Piauhy, Maranhão e Pará. Nesta ultima provincia só dão o nome de Banana ás especies exoticas. No Rio de Janeiro se applica exclusivamente o nome de Pacóba a uma especie notavel pelo grande desenvolvimento da fructa. No Paraguay dizem Pacóva, e bem que Montoya tivesse escripto Pacobá, cumpre attender a que o b hespanhol é igual ao v portuguez.

Segundo o auctor das Noticias Auténticas, citado pelo Dr. R. Garcia havia na região cisandina tres especies de bananeiras, inclusive a *M. paradisiaca*, antes de 1689, quando da viagem do padre Samuel Fritz. Dadas as difficuldades do transporte, e mais ainda á distancia, quem, por aquelles tempos, se daria a massada de transportar d'outras partes do mundo para aquellas paragens mudas de bananeiras?

Depois, numa terra onde tantos recursos de vida se deparavam aos seus desbravadores, a tendencia, o empenho maior destes era levar della para o Velho Mundo plantas desconhecidas, como o fizeram os Jesuitas—levando do Perú para a Hespanha a Cinchonia officinalis, em 1649.

Platano, na America Hespanhola, entre os indios do Alto Amazonas, designa banana. E' interessante notar, diz o commentador do *Diario* do padre Samuel Fritz, que o Dr. Koch-Grünberg — Arnack-Sprachen, pagina 125, recolheu do dialecto baniwa a voz paratana ou palatana com a significação de banana, nas regiões cisandinas.

Finalmente, o nome de Bananal, dado á grande ilha formada pelo Araguaya, em pleno coração do Brasil, foi devido á abundancia das musaceas nella encontradas.

ALGODÃO — Gossypium arboreum e G. barbadense — Estas duas especies ou variedades de algodoeiros são nativas do Brasil, apesar do nome scientifico da ultima dado por Linneu.

O proprio Alph. de Candolle diz que quando da descoberta da America os hespanhóes encontraram a cultura e o uso do algodão estabelecidos geralmente das Antilhas ao Perú e do Mexico ao Brasil, accrescentando que é um facto constatado por todos os historiadores da época. Quanto ás especies e habitats do algodoeiro no Brasil, nada poderia adiantar porque a publicação de sua l'origine des Plantes Cultivées antecedeu a das malvaceas na monumental Flora Brasiliensis de Martius.

No seu tratado sobre a «Cultura do algodoeiro no Brasil» o padre Antonio Caetano da Fonseca prova a existencia no nosso paiz, antes da época do descobrimento, de pelo menos uma especie de algodão — o herbaceo ou de Pernambuco, porque era desse ponto que se o exportava para a Europa nos tempos coloniaes.

Esta especie de Gossypium tinha o nome de « mandiyeü » na lingua tupi e « mandiyu » na lingua guarany.

Das duas fibras os indigenas faziam rêdes, cordas para arcos, amarios de flexas, e tecidos para enfeites, que ainda usam.

MANDIOCA — (Manihot utilissima, Pohl) — Até mesmo o indigenato da Manihot A. de Condolle pretendeu por em controversia, citando o seu indefectivel Piso, que aliás foi o primeiro botanico que a deu como planta indigena do Brasil. Houve tambem quem affirmasse que a mandioca viera á America trazida de Africa; mas as opiniões contrarias de Humboldt, de Moreau, de Joannes de Saint Hilaire e sobretudo do Pohl, prevaleceram nos meios scientíficos. Se não houvesse a tradição bistorica, bastavam para aftestar o indigenato da nossa rica euphorbiacea as lendas indigenas seguintes:

Lenda de Mani, colligida no Pará:

«Em tempos idos appareceu gravida a filha de um chefe selvagem que residia no logar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quiz punir o auctor da deshonra de sua filha, a offensa que soffrera seu orgulho e, para saber quem elle era, empregou, debalde, rogos, ameaças e por fim castigos severos.

Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexivel, dizendo que nunca tinha tido relações com homem algum. O chefe tinha deliberado matal-a, quando lhe appareceu em sonho um homem branco que lhe disse que não matasse a moça porque ella effectivamente era innocente, e não tinha tido relação com homem. Passados os nove mezes ella deu á luz a uma menina lindissima e branca, causando este facto a surpresa, não só da tribu, como das nações visinhas, que vieram visitar a criança para ver aquella nova e desconhecida raça.

A criança, que teve o nome de Mani, e que andava e fallava precocemente, morreu ao cabo de um anno, sem ter adoecido e sem dar mostras de dôr.

Foi ella enterrada dentro da propria casa, descobrindo-se e regando-se diariamente a sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo, brotou da cova uma planta, que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floresceu e deu fructos. Os passaros que comeram os fructos se embriagaram, e este phenomeno desconhecido dos indios augmentou-lhes a superstição pela planta. A terra afinal fendeu-se; cavaram-n'a e julgaram reconhecer, no fructo que encontraram o corpo de Mani. Comeram-no e assim aprenderam a usar da mandioca.

O fructo recebeu o nome de Maniota, que quer dizer: casa ou transformação de Mani, nome que conservamos corrompido na palavra mandioca. Couto de Magalhães — «O Selvagem».

De uma variante colligida na Araguaya, quando a planta attingiu o seu crescimento, e chegou á maturidade, abriu-se a sepultura e, em logar do cadaver, encontrou-se um bello tuberculo, da grossura de uma côxa e branco como a neve. Era a mandioca.

A virgem, então, dirigiu-se aos chefes e a todos os homens da tribu e disse: « Eis aqui a vossa nutrição, e de hoje em diante não dependerá senão de vós o nunca mais soffrerdes fome, porque esta planta podeis multiplical-a tanto quanto vos aprouver, sem trabalho, e ella vos fornecerá uma nutrição sã e substancial, que vos preservará contra doenças e vos dará força e vigor para combater vossos inimigos.»

Da mandioca os indigenas fabricavam diversas bebidas alcoolicas, como o kauin, a maripuêra, o puchurum.

AMENDOIM — (Arachis) — O amendoim, mendobi ou amandobi é uma planta indigena, como o proprio nome está a dizer. Mas, como tantissimas outras, ha sido dada como originaria da Africa, apezar de se saber que esta

leguminosa foi levada para as colonias africanas do Continente Negro, donde se irradiou mais tarde para outras partes do mundo.

Esta ultima opinião, do Sr. Paulo Vieira Souto, tem a seu favor não só a circumstancia de que o amendoim era inteiramente desconhecido antes da descoberta da America, mas tambem a de serem nativas do Brasil todas as outras especies do mesmo genero (Arachis).

Os indios Nhambiquáras cultivam uma especie de amendoim de grandos fructos, que não nos parece propriamente o chamado amendoim-assú.

Rio, Agosto de 1922.

# REGIONAL DIFFERENCES IN THE GUATEMALAN HUIPIL

BY

#### WILSON POPENOE

Agricultural Explorer, United States Departement of Agriculture

The charm and attractiveness of Guatemalan highland towns and villages is due in no small measure to the presence of the huipil,—a loose, sleeveless blouse, often brightly colored and gaily decorated, which is worn by Indian women in all those regions where primitive customs persist. It is difficult to imagine a more pleasing scene than the marketplace of a town such as Tactic, when the celebration of a religious fiesta has brought forth the inhabitants in holiday attire, the women wearing their most elaborately worked huipiles, always reserved for these occasions. Such a scene takes on added interest when one learns that the patterns employed in decorating these garments represent different villages or regions.

There can be no doubt that the huipil (unfortunately known today among the Guatemalan Indians under a name borrowed from the Nahuatl language has come down from pre-Columbian days without significant changes in form; and it seems equally patent that many of the designs used in its decoration are of prehistoric origin, though others have been taken from the Spaniards. It is not always a simple matter to distinguish between those which are native and those which are of foreign derivation; even the two-headed Austrian eagle, whose presence on some of the huipiles of the Guatemalan highlands has been called to my attention by Herbert J. Spinden, has been adapted to the native artistic style in such a manner as almost to deceive one into believing it indigenous.

In most parts of Guatemala the huipil is still made upon the hand loom, but in the region of Quezaltenango machine looms have become popular in recent years. Due to the increasing cost of imported dyes, —which are the principal ones utilised, — and the pressure of economic conditions, hand-woven huipiles of elaborate pattern are becoming scarce in many regions, and the day is perhaps not far distant whens they will disappear altogether from Guatemala. During the recent world war, the impossibility of obtaining cotton yarns or certain colors from Germany caused the huipiles of the Verapaz to deteriorate noticeably in brilliancy and attractivesness; and one is forced to predict that within the present century machine-made garments of manta or plain unbleached muslin will supplant the heautiful huipiles upon which the Indian women of past centuries have lavished such intelligent and painstaking effort.

In the weaving of this garment, groundwork and pattern are laid down -ynchronously. The loom is primitive in character, and seems to be identical with that employed by the Maya Indians of Yucatan and British Henduras, people who have had little contact with Europeans and who,

doubtless, retain the customs of their pre-Colombian ancestors. Dr. Gann describes as follows the apparatus used by these tribus:

"Weaving is done on a simple loom consisting of a cloth beam and yarn beam (xunche) of light strong wood, connected by the warp (cheil). The cloth beam is attached round the back of the weaver by a thick heneguen cord (yamal), enabling him to tighten the warp at will by simply leaning backwart. The yarn beam is usually attached to a doorpost. The shuttle (botosh) consists of a light stick, pointed at both ends, on which the weft is wound obliquely. All the alternate warp strands may be raised together by means of a heddle (mamccahe) consisting of a number of loops attached to a rod, each loop passing round a warp strand, so that when the rod is raised the warp threads are raised with it. The lease rods (halahteh) consist of splints of hard heavy wood, usually sapodilla, two to three inches broad, one third of an inch thick in the center, with sharp edges and pointed ends. A loose rod (toboche) about the size of the yarn beam is used to roll up the completed material (yoch). The loom for cotton cloth is usually two and a half to three feet broad, but much smaller looms are frequently used for narrower strips of material." (1)

The yarn used is in some instances spun of native cotton by the Indians themselves, in others, it is imported from Europe. Some of the most interesting and distinctive huipiles of Guatemala are made from the native brown cotton, which is spun by and used in its natural color, a yellow and red pattern, perhaps, being worked into it. In the Alta Verapaz most of the yarn used is imported. The size and texture of the huipil vary noticeably in different parts of Guatemala, the best and finest weaving which I have seen being that of San Antonio Aguas Calientes, a small town in the Cakchikel area.

Regarding the predilection exhibited by the women of a given town for huipiles of the particular size and pattern made in that vicinity, and their reluctance to purchase and wear a garment of any other style, I can only repeat, in justification of this firmly rooted custom, the remark of an Indian woman of Santo Antonio Aguas Calientes, who replied to my inquiry by saying, "la gente habla", — "people will talk about you" if you wear a huipil other than that approved by local fashion. It is reasonable to believe, however, that the roots of this custom are far deeper, and that the figures employed by the various villages had, in past times, symbolic meanings in some instances at least.

The custom of wearing the patterns of one's own village is likely to be broken down, and gradually to disappear, along with elaborately worked hand-woven huipiles. The markets of Guatemala City today offer huipiles from widely diverse regions, such as Quezaltenango, Totonicapan, San Antonio Aguas Calientes, and San Martin (I have never seen one from the Alta Verapaz on sale there). The Indian women who live in this region, many of whom have come here from other parts of Guatemala, often adopt huipiles which are not those of their native homes.

In more isolated regions, however, one is usually safe in assuming, when he meets a party of Indians whosewomen are wearing the characteristic huipil of Tactic, for example, that the party is indeed from that village; and I have, upon many an occasion during my two years sojourn in the Guatemalan highlands, carried this inference to a logical extreme by hailing such a party with an inquiry of this nature: "How is the trail in

<sup>(1)</sup> Gann, Thomas W. F., "The Maya Indians of Southern Yucatan and British Honduras", Bureau of American Ethnology, Bul. 64, 1918.

the valley of Tactic?" and the reply received has always shown that I was correct in my inference.

It is not the purpose of this paper to discuss in great detail the various designs and types of huipil which are made in Guatemala. It does not seem out of place, however, to mention briefly some of the principal huipil-making towns, and to note a few characteristics of the types which they produce. It should be remembered that towns in the Guatemalan highlands usually serve as centers of exchange for the Indians of the circumjacent country, hence the patterns which prevail in a given town will usually be found in the neighboring mountains, to a distance of five to twenty miles.

The Alta Verapaz furnishes huipiles of very distinct character from those of other parts of Guatemala, and of smaller size and thinner material than those of the cold highland towns such as Totonicapan. The huipil of Tactic, which like those of other towns in the Verapaz is composed of three strips (lienzos of material, instead of two broad ones (as is the case with those of western Guatemala, usually has in the center a strip of navy blue, dark green, red, or chrome yellow material, upon which are geometric figures, zigzag bands of various colors, running horizontally across the material, and often a very pretty figure which appears to be a highly conventionalised six-branched tree surmounted by a duck. The two strips of cloth which are on either side of this center strip are white, often decorated with small red, yellow or green geometric figures. The Tactic huipil is easily distinguished from all others made in Guatemala by some of the geometric figures which are used.

Not more than ten miles from Tactic is the village of Tamahú, which, like Tactic itself, is inhabited by Indians of the Pokonchi tribe. The huipil made here bears a strong resemblance to that of Tactic, but is nevertheless distinguishable, as a general rule, by the presence of a muchbranched cross which has in the center a spot of different color from that of the branches. The center strip of this huipil is often of green material, and the principal colors used in its making are green, red. yellow, and white. The two strips on the sides are white, with small, commonly red and green, geometric figures.

To my mind, there are few huipiles in Guatemala which show better artistic taste, and are more attractive in their color combinations, than these of Tamahú.

In the town of Cobán (Kekchi tribe) the native huipil has been supplanted by a garment of identical form but very different workmanship; imported muslins, and other light-weight cotton fabrics, are used in its manufacture, and floral designs and geometric figures are embroidered in silk about the neck and sleeves. The designs are European, and it is often possible to recognize in them such familiar flowers as the rose and the pansy. These huipiles are commonly made by women of the ladino (halfbreed or mestizo) class, but are universally worn by the Indian women of Cobán.

One can perhaps gain an idea of the huipil used in Cobán before the advent of German materials and mestiza seamstresses by examining the type made in the outlying districts. I have seen only a few of these; the best example is one which I purchased in the market of San Cristóbal Verapaz. It is larger than the huipil of Tactic and rather coarsely woven. The characteristic figure on this, as on several others from the same region, is an animal which may be a dog. Zigzag horizontal bands like those of Tactic are also represented as well as various simple geometric figures.

Turning now to the region farther south, there are, in the territory adjacent to Guatemala City, several interesting types. The town of Mixco, inhabited by Indians of the Pokomam tribe, produces a striking and well made huipil which is quite unlike that of any other region. It consists of only two strips (instead of three as in the Verapaz), white, upon which are worked zigząg figures in red, green, orange, blue, and other colors. Sometimes these huipiles are worked with silk in which case they become very expensive and represent the Indian's ideal of extreme luxury. Mixco huipiles are abundantly seen on the street of Guatemala City, for the women of that town come in with vegetables and other produce to the daily market.

San Juan, a village not far northwest of Guatemala City produces a large, rather coarsely woven huipil, white with animals worked in red, yellow and blue. Birds and rabbits seem to be the two favorite subjects of this region and that of San Martins, which lies close by; I have not visited either, and can not speak with certainty regarding their characteristic figures.

San Antonio Aguas Calientes, an attractive town of the Cakchikel tribe, not far from Antigua, yields a well made and very attractive huipil. It is of two strips and in many instances rather finely woven. A V-shaped figure is used, often in all the colors of the spectrum, sometimes placed vertically, sometimes horizontally. The design is worked on a white ground, and does not as a rule cover more than a small part of the huipil; the remainder is either plain or worked with small dots and geometric figures in various colors. The Indian of San Antonio also use a duck figure, though I have never seen this on a huipil. It is employed to decorate servilletas or napkins, which are three or four feet square, and which serve a variety of purposes about the house.

In the highlands west of Chimaltenango (region of Patzum and Patzizia), the Kiché language is spoken. The huipiles which I have seen in this part of Guatemala are mainly free from decorative figures; they are large in size, of heavy material, and most commonly red and white, in narrow stripes; red with an occasional narrow white stripe; white with an occasional ned stripe, and so on. They are servicable but not so picturesque as those of other regions.

Still farther west, in the region of Totonicapan, some very beautiful huipiles are made, though it is to be noted that the machine loom is muchused in this region, which may be well classed along with that of San Cristóbal Los Altos, Quezaltenango, and all the surrounding territory. One of the prettiest patterns made in Totonicapan has horizontal bands of pale blue upon a dark blue background; upon these bands, which are about two inches broad, are figures of human beings, ducks perched upon conventionalised trees, and geometric figures of various sorts.

In Quezaltenango, where many huipiles of excellent quality are produced, a bird figure is much used. Bright colors abound in the huipiles of this region (in which, it may be mentioned, the Kiché language is spoken), and there are numerous designs of European origin.

To the real lover of Indian art, however, the machine-made huipiles of western Guatemala are much less satisfying than the hand-made ones of the Verapaz. The effective color combinations employed in the making of these latter, together with artistic figures of native origin, serve to reassure one that the art of the Maya race, undoubtedly the finest developed in pre-Columbian America, has not all together been lost.

## MISTICOS E TYRANOS

(UM PONTO DE ETHNO-PSYCHOLOGIA AMERICANA)

### MEMORIA APRESENTADA AO XX CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS

PELO

# PROF. DR. LUIZ JOSÉ DA COSTA FILHO

Um dos phenomenos mais frequentes da Sociologia Sul e Centro-Americana, é o apparecimento, na esphera da Política e da Administração Publica, de curiosas e extravagantes individualidades, ao mesmo tempo mysticas e tyranicas.

São entidades morbidas e fulgurantes, endemicas neste vasto hemispherio corcado pelo diadema astronomico do Cruzeiro do Sul.

Rapidos e deslumbradores como os meteóros, esses vultos famosos, de insondavel e conturbada psychologia, de corações luminosos e duros como os diamantes desentranhados das minas indigenas, não raro teem exercide sobre o espirito das populações americanas uma tarefa verdadeiramente providencial.

Figuras impressionantes e fortes, cabeças vigorosas de condor, energias portentosas, ha na biodynamica de seus organismos tropicaes alguma cousa de divino e diabolico ao mesmo tempo.

Archanjos bellicosos e farçantes illustres, conductores de multidões e libertarios demolidores, os Francia, Iturbide, Castilhos, Lopez, Palacios, Hidalgo, Rosas, Huerta, Diaz, attraem a observação e invocam o estudo do esychiatras, historiadores e sociologos, como typos surprehendentes da mesologia americana.

Parece, que specimens taes da fauna politico-social americana, typos sui generis pelas cambiantes bisarras da sua compleição psychica, são productos genuinamente americanos da influencia do nosso dramatico facies geographico. A natureza local deste Continente, rica, viçosa, estonteante, feerica, as vezes aggnessiva e ingrata, ora melancolica e dolente, concorre efficaz e logicamente para a formação característica dessa theatral figura, heroica, mas, também comica, por vezes sombria e branca, ou intelligente e bella, do mystico e tyrano dos pampas e dos sertões americanos.

E uma variedade sympathica do antigo côrso, liliputeano nas conquistas, carlyleano na audacia e no brilho.

Os majores e mais vibrantes capitulos da nossa Sociologia, e quiçá, da nossa Historia Militar e da nossa vida democratica, teem, não se poderá contestar, sido escriptos e cheios pelas ruidosas personalidades desses heróes.

Elles são mysticos, porque se aereditam e proclamam enviados providenciaes para a realização de reformas sociaes e credos religiosos; são tyranos, porque compenetrados e incendidos de um exaltado amor pelos principios e pelas fascinações da Liberdade, acabam sempre por inimigos acerrimos dos seus evangelhos, liberticidas tresloucados e sanguinarios inclementes.

O Positivismo já canonisou um delles, enthronisando-o nos seus altares. Tão expressivo facto vem de molde a provar que a sociologia comtista, guia e bussola da orientação sociologica moderna, encontrou no fundo scenico desse quadro da sociedade americana as linhas e as formas basilares do sumptuoso edificio da sua escola philosophica e moral.

Certo, o systema religioso de Augusto Comte não elevaria em hypothese alguma á categoria de uma das suas expressões apostolares, figura e valor social em cujo cerebro e em cujo espirito houvesse ausencia de poderosas syntheses moraes.

O «caudilho», o «candottieri», o mystico, o «messianico» americano, bem poderá ser apreciado e visto no futuro, quando as positivações da nossa Sociologia estiverem scientífica e perfeitamente estudadas, esclarecidas e classificadas, como o typo exacto, característico e definitivo das super-organizações moraes da America.

Propositalmente ainda me não referi ao phenomeno dentro das fronteiras da America do Norte; alli, naquellas regiões septentrionaes, onde a pintura natural do meio exerce na psyché do homem mutações scienicas diversas das meridionaes, sobretudo pelo alto gráo de caldeiamento do sangue britannico, a variação ethno-psychica que discutimos tomou fórma differente, mantendo, embora, o mesmo substractum moral. A plutocracia e o sport transmudaram alli o mystico e tyrano no utilitario irrequieto e violento, no pratico insatisfeito e no estadista lutherano, que traça as linhas das nervosas e colossaes administrações, com as côres energicas das tintas apocalypticas e das mysticas parabolas evangelicas.

Eis, pois, no estreito espaço destas linhas contadas, a breve contribuição americanista do meu esforço para attender o honroso convite da Commissão Organizadora desse douto e patriotico Congresso.

Aracajú (Sergipe), em Junho de 1922.

# ABSTRACT CHARACTERISTICS OF KERESAN FOLKTALES

BY

#### FRANZ BOAS

The Keres are a group of pueblo tribes inhabiting the northern part of New Mexico from Acoma in the southwest to Cochití in the northeast. The Keresan language is spoken in two dialects, a southwestern one, represented particularly by Acoma and Laguna and a northeastern one represented by San Felipe, Santo Domingo aut Cochití. Sia in the northwest is said to be closely related to the southwestern dialect.

Folk tales were collected particularly in Laguna. They may be classed as follows: origin tales, hero tales, animal tales, tales of witcheraft and tales of Spanish origin.

The origin tale of Sia has been recorded by Matilda Coxe Stevenson. The Laguna form contains a number of Christian elements. Under our world are four other worlds. In the lowest one, the creation took place. At Sia two sisters appear as the principle actors; in Laguna one of these, undoubtedly under Christian influence has been transformed into a maledeity who is conceived as the creator and protector of the whites. The "Thought Woman" seems to be the creator of these two deities. The twin heroes and all the shamanistic societies are created in the lowest world. The two deities decide to send animals, plants, mankind into our world. They quarrel about their respective powers and in a number of contests the mother of the Indians is victor. The male deity rises to the upper world and sitting on the clouds lets the sun rise first north, then west, south and finally east. He ordains that sun, moon and stars are to travel from east to west. In the final guarrel between the two deities the white: are drowned. After the waters recede their bodies are piled up and the weeds which cover their faces become the beards of the whites. The two deities are identified with corn and wheat which when planted ripen in one day. The people ascend along a prayer stick which is planted in the lowest world. When they reach the upper world the supernatural beings are sent out, some to the northeast, some to the westl. The mother of the Indians measures a distance from the place of emergence with her upper arms and orders the people to build the White House at the place thus designated. After some length of time a shaman, the son of a giantess, appears and shows the people his magical power which induces them to give up the ceremonials instituted by the deities. They are punished by a drought that continues for seven years. Humming Bird is the only one who has food and he informs the people that he obtains it from the flowers in the lower world. He is sent there with offerings to ask for relief. The deity sends him to ask Turkey Buzzard to purify the world. Turkey Buzzard is given sacrifices but demands tobacco in addition, which is unknown to the people. Humming Bird revisits the lower world and is told by the mother of the Indians how

to obtain tobacco. After the world has been purified, rain falls. The twin heroes are punished by the mother of the Indians for their disobedience. They have to run around the world four times and are finally rescued by their sister and placed in charge of the ceremonials of the people.

While the people live at White House the hunting ceremonials are instituted. They are also visited here by Salt Woman who appears in a take as the grandmother of the twin heroes. She is refused admittance by the people but is finally hospitably treated by the Parrot Clan. On punishement the other people are transformed into stone and the Parrot Clan is placed in charge of the salt ceremonies. Salt Woman takes up her residence in the Salt Lake South of Zuñi, the twin heroes

guarding her.

While the people live at White House they have a chief called Remembering=Prayer=Sticks. He has four daughters, Yellow-Woman, Blue-Woman, Red-Woman and White-Woman. Their husband (or sometimes brother) is called Arrow Youth. His friend is the Great Star. Finally the people leave White House and travel southward. On their way the chief's daughter names various places. At other places members of the tribe or animals remain behind, because they are tired and are transformed into stones which when given sacrifice bestow gifts upon the people. The Water Clan settles in Laguna. The Lizard Clan travels on southward but finally returns. The chief's son who belongs to the Corn Clan returns and joins the Water Clan at Laguna.

The hero tales are to a great extent located at White House, and partly at Acoma. By far the greatest number refer to the abduction of the chief's daughter by supernatural beings. In one set of storles they escape with the help of Spider Woman, in other cases their brother or husband rescues them and is also helped by Spider Woman. In one group of tales of this type the twin heroes are born after the abducted woman has been killed by her abductor. They finally return to their grandfather and become members of the tribe. Some of the hero stories also account for the creation of the stars. Sun Youth appears in a number of tales as the hero. He punishes women who refuse all their suitors.

The animal tales center around coyote and are analogous in type to the animal tales of the western plateaus. Coyote appears as the trickster. He imitates his animal hosts, loses bets with other animals, tries to fly with the birds and dances with the cranes. Spanish elements have been introduced into a number of these tales.

The witch stories are in part interwoven with the hero tales and they are essentially a reflexion of the modern beliefs in witches. These beliefs give a strong impression of Spanish influence.

The Spanish tales are in part animal tales such as the race between Toad and Coyete. When they are racing Toad jumps on Coyete's back and is carried to the goal. When Coyete reaches it, Toad jumps down and claims to have won the race. The series of Mexican tales, of the reflexion of the moon in the water mistaken for a cheese, the holding up of the roof of a cave, and other stories belonging to this cycle also appear. European noedle tales are represented by the stories of the foolish suitor who takes the words of his father-in-law literally. Fairy tales are well known, particularly those belonging to the group of the sevenheads, the rich and poor and the sold child.

## EL IDEALISMO DE LOS MITOS CHIBCHAS

POR

#### MAX GRILLO

La región media de los Andes con un clima dulce y moderado, produce árboles de alguna elevación, legumbres, hortalizas saludables, mieses, todos los dones de Ceres.

FRANCISCO JOSÉ DE CALDAS.

En tres grandes grupos dividen los etnólogos colombianos a los abórigenes de América, teniendo en cuenta su carácter, indole y organización: los pampeanos o paras, los caribes y los andinos.

La raza caribe ocupó las costas, remontó los rios, especialmente el Orinoco y el Magdalena y se mantuvo en las regiones de clima cálido sin avanzar le una manera definitiva hacia las comarcas montañosas y frias. Los pampeanos o paras tuvieron, probablemente, origen en el delta del Amazonas y no lograron penetrar en territorio colombiano, detenidos por los caribes, la mas belicosa de las tres ramas aborígenes.

El grupo andino encontró en Cundinamarca, territorio colombiano, un extenso valle, de suave temperatura, atravesado por hermosos rios, en donde vivió en placentero medio físico la tercera en importancia entre las civilizaciones precolombianas.

En extensa planicie, interrumpida apenas por colinas risueñas, iluminada por un sol apacible, en clima de nueve a 15 grados, se estabelecieron los chibehas. Cuando a esa esplendida comarca llegó el Adelantado don Gonzalo Jiménez de Quesada, con un puñado de españoles que habian desafiado el misterio de las selvas del MAGDALENA, encontró un pueblo indigena, que vivia en medio de arbolados y levantaba sus bohios de madera y hojas de palma en forma de castillitos, por lo cual al sitio, llamado Teusaquillo por los naturales, diole el nombre de Valle de los Alcázares, y a toda la encantadora comarca, el de Nuevo Reino de Granada por su semejanza con el pais que la Reina Isabel habia devuelto, tras la guerra de reconquista, a la corona de Castilla.

En Méjico hallaron los españoles una civilización adelantada en las artes y la guerra. Construcciones monumentales, que ahora van a ser estudiadas a la luz de nuevos criterios, demuestran la antiguedad y la pujanza de la raza azteca, quizá la mas tenaz y guerrera de cuantas encontraron los conquistadores. Sus mitos estaban representados por serpientes y cabezas medusinas como manifestaciones de vastos simbolismos.

En el Perú sorprenden los españoles a un pueblo que, despues de haber realizado grandes conquistas, debidas, en gran parte, al auxilio que les prestó el camélido designado con el nombre de llama, hallábase bajo el influjo de un comunismo que parecia oponer obstáculos a la realización de nuevas etapas de progreso.

En la altiplanicie de Cundinamarca habitaba un pueblo que no habia aprendido a labrar la piedra como el azteca y el peruano, y que no poseia un animal doméstico, con cuyo concurso acometiera empresas conquistadoras. El llama fue el vehiculo de las expansiones del Tihuantinsuyo; sin él no habria fundado el Inca su vasto Imperio.

En cambio, la agrupación chibcha, parece haberse dedicado a las expeculaciones de un carácter simbólico y espiritualista, en gran manera interesante.

La natureleza de una exuberancia tenaz, el ardiente sol de las comarcas mejicanas, moldean, en cierto modo con rasgos grandiosos y violentos, la fisonomia de un pueblo que piensa, ante todo, en la guerra, que domina el granito, emprende construcciones babilónicas y crea simbolos reveladores de los atributos de la Fuerza.

Las ásperas tierras, abruptas y en veces desoladas, de las comarcas alto peruanas, impulsan a sus moradores a las grandes migraciones y a las expeculaciones de un orden político. El Imperio incaico fue, ciertamente, el mas duradoro ensayo que hasta el presente se haya hecho en el orden de las ideas comunistas.

Los chibchas forman un pueblo apacible, en acuerdo con la naturaleza de la comarca por ellos ocupada. Rodeados de enemigos que usan flechas enherboladas, jamás aprenden el secreto de esas armas homicidas. Combaten con mazas de madera y emplean flechas sin venenos mortales.

Son idealiatas en sus mitos. Consagran como los druidas, árboles y fuentes a sus divinidades; vanse elevando por grados, desde las concepciones de un materialismo grosero a los simblos espiritualistas de una religión mas abstrata. De la adoración de las piedras habianse levantado hasta concebir una deidad antropomorfa, un dios sin culto, algo como el Uno, el creador de la luz, o sea de todo. Esa deidad era Chiminigagua. Reconocian que habia existido el Caos y aseguraban que en la mañana del mundo unas aves, especie de cuervos, habian aparecido en los espacios derramando la luz.

En uno como sintoismo primitivo adoraban las aguas y convertian en santuarios de sus dioses los mas bellos lugares. Celebraban en la laguna de Guatavita (que en nuestra época ha pretendido desaguar la codicia sórdida) ritos religiosos. En la pompa del dia, entre un cortejo de Señores, llevado en andas, iba a bañarse el cacique de la comarca en las ondas sagradas y frias de la laguna.

A semejanza de los griegos tenian danzas religiosas, y formaban cortejos de mancebos y de doncellas, que bailaban durante las fiestas religiosas.

Praticaban un rito sangriento. Qué culto antigo no lo ha tenido entre las ceremonias que considera propicias a la divinidad? — Pero en ese mismo sacrificio, el de un adolescente incontaminado, se encuentra cierto idealismo: era uno como holocausto a la pureza de los dioses.

En los linderos de sus labranzas ponian la imagen de Chaquen, su dios Término, el cual presidia, también, las carreras y los juegos atléticos. Los jóvenes que se ejercitaban en el estadio, y conquistaban el triunfo recibian mantas de algodón, graciosamente pintadas. El vencedor podia usar en señal de su victoria, una de esas mantas, de modo que rozase el suelo uno de sus extremos. Era una especie de coqueteria permitida a los mancebos por las sobrias costumbres del pueblo chibcha.

Los mejicanos, si por mas numerosos, si por mas tenaces, conservan en decurso de siglos, sus usos y su lengua, y con esto presentan a la futura nacionalidad serios tropiezos. Los peruanos, los aimaraes, continúan con sus costumbres y sus lenguas despues de la conquista. El chibcha asimílase pronto la religión, la lengua y los usos del conquistador; recibe facilmente y lo acepta complacido, el influjo de la civilización que le trae el extranjero. Olvida tradiciones propias y se confunde en el caudal de la raza española. Alma dúctil y silenciosa, dispuesta al sacrificio — pero no a la violencia — sométese sin mayor esfuerzo a la disciplina de los hijos del Sol, que le recordaban a Bochica, el gran civilizador, cuyas enseñanzas transmitian los ancianos, oralmente, de una generación a otra.

Sus leyendas, como la de la formación del Tequendama, tienen encanto poético. Eran andicolas de un temperamento plácido, resignado, sufrido, reconcentrado y tímido. Su deidad impropicia no era un horrendo monstruo, sino Chia, la Luna, Hécate solitaria de los abismos del cielo, en donde Chiminigagua habia hecho nacer la luz.

En esta carácter suave y delicado de sus mitos hállase el reflejo apacible de la belleza de sus paisajes, de la discreta hermosura del Valle de los Alcázares, tierra poética en donde habian de adaptar-se, mas tarde, todas las mas espléndidas flores de la zona europea, como suelo grato al cultivo de los matices discretos del pensamiento.

Resumiendo esta breve memoria, permitáseme concluir asi:

Las tierras de grandes volcanes, sacudidas por violentos impulsos de la naturaleza, produce en Méjico una raza en extremo guerrera, que se expressa por medio de símbolos, reveladores de la Fuerza.

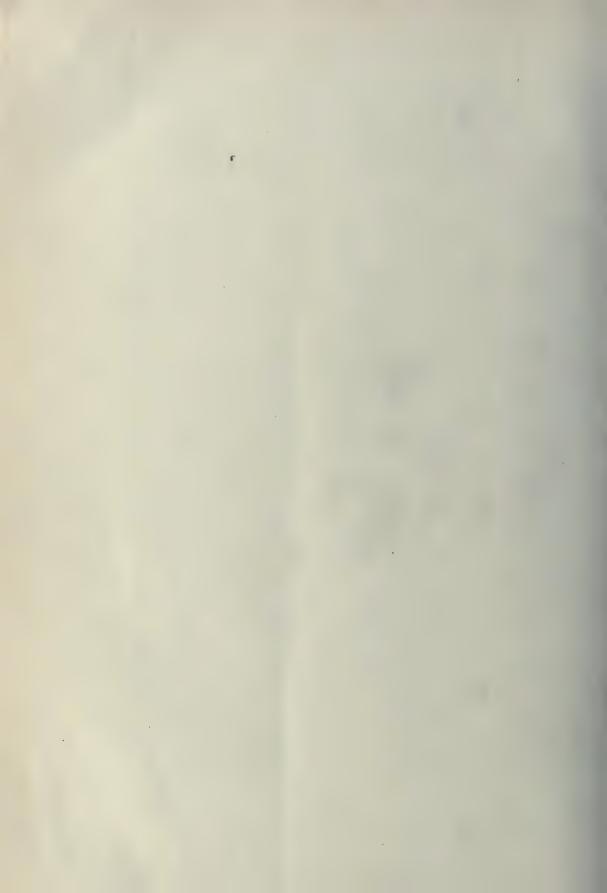
Las montañas abruptas, el paisaje de cielo adusto de las comarcas altoperuanas, contribuyen a la formación del alma incaica.

El ambiente plácido, la temperatura primaveral, la planicie cubierta de árboles y de flores del pais en donde, segun dijo el poeta, la campaña

#### en pleitas de oro y esmeralda ondea

produce y sostiene a un pueblo de hábitos sedentarios, amigo de la paz, idealista y de una idiosineracía poética.

Rio de Janeiro, Agosto de 1922.



# ORGANIZAÇÃO POLITICO-SOCIAL DOS ABORIGENES BRASILBIROS

POR

## J. A. CORRÊA DE ARAUJO

Membro do comité local

Não sei até que ponto poder-se-á falar numa sociedade das raças indigenas do Brazil.

Nús, dilacerados num grande numero de hordas no seio das florestas equatoriaes, em permanente estado belligerante, sem lei, sem moral, tendo apenas debuxadas uma agricultura e uma industria, os nossos indios haviam apenas atravessado o periodo primitivo da anarchia igualitaria, segundo a expressão sociologica, e penetrado no regimen da tribu, em que se encontra mal esbocada uma pequena sociedade.

Não havia entre elles um systema politico assignalavel.

Sua forma de governo consistia na escolha de um chefe, seleccionado entre os mais valentes, com dupla funcção: a de oriental-os nas luctas sem treguas movidas entre as hostes incolas, e a de solucionador dos dissidios occorridos em tempo de paz no seio do pequeno agrupamento humano.

Em algumas nações os chefes eram substituidos pelos filhos, no caso de morte ou decrepitude, havendo assim certa continuidade hereditaria da administração familial.

Ao que escrevem alguns historiadores do tempo da colonização, costimavam os nossos indigenas convocar um conselho para resolver os casos complexos attinentes á guerra.

D'ahi dizerem que os nossos aborigenes estavam, politicamente, no regimen da monarchia hereditaria, onde ha um corpo politico-civil para deliberações não só concernentes á guerra, mas extensivas a todos os problemas de interesse commum, systema adoptado nas sociedades indigenas mais adiantadas, como nos imperios dos Incas do Perú e dos Aztecas do Mexico.

Apenas sahidos (e nem todos) do aggregado ou *clan* primitivo, os nossos selvicolas teriam, quando muito, começado a entrar no periodo monarchico, ainda assim despotico.

Nenhum sentimento de direito, nenhuma organização judiciaria havia. A mentalidade do indigena não tem noção do phenomeno juridico. Prédominam os instinctos ainda não disciplinados que assentam na força e na violencia.

O crime não era uma offensa á insipiente sociedade, mas somente á victima, ou, numa phase mais adiantada, á sua familia, cabendo ao offendido vingar-se da offensa recebida, ou seus parentes, nos casos de homicidio. Mas, não obstante, em algumas tribus, como a dos TABAJARAS, havia como que um principio de justiça grosseiro, consistente na obrigação que tinha a familia do assassino de entregal-o á da victima, para o fim de lhe impor a pena convencionada, que era sempre a de morte por asphixia.

Era a justiça de Talião.

Da familia — Sendo o instituto da familia o producto de um estado social mais ou menos desenvolvido, a organização domestica entre os nossos aborigenes era muito insipiente.

Mal sahidos do estado amorpho da promiscuidade, onde as mulheres indistinctamente pertenciam a todos os homens, os nossos selvicolas haviam entrado na phase mais evoluida da polygamia, aberta pela guerra, em que as prisioneiras pertenciam particularmente aos chefes, os mais intrepidos.

Nesse regimen a familia, consolidando-se um pouco, adquire certa consistencia, predominando a forma familiar do matriarchado, definido pela filiação uterina.

Não existia, portanto, a meu ver, ainda o systema patriarchal, como querem alguns ethnographistas, porquanto elle apparece num momento mais avancado da organização familial.

Debuxava-se apenas o patriarchado que é precedido pelo curioso habito da couvade, verificado constantemente no seio de nossas familias incolas, e que, segundo os sociologos, é uma transição do matriarchado ao systema da familia paterna. E', em summa, uma affirmação da paternidade, traduzida no reconhecimento indirecto do filho (1).

Nesse periodo da evolução da familia — o patriarchado — o parentesco se firma pela linha masculina. Os filhos não se distinguem somente pelo lade materno, mas se evidenciam pela linha paterna. O pae é que passa a ditar as normas de conducta aos descendentes.

Conseguintemente, os nossos indigenas, ao que me parece, não podiam, dadas as suas condições socio-mentaes, ter attingido este regimen, no qual já se acham regularizadas as relações sexuaes e instituido o patrio poder, despontando a familia, como um instituto solido, sob a autoridade, por ventura absoluta e prepotente, do pater familias.

Do casamento — O casamento, conforme observa Herbert Spencer, é o resultado de uma longa elaboração dos costumes. Foi mister grande transformação nas primitivas condições sociaes para que surgisse o casamento com o ceremonial e os effeitos, conforme é hoje adoptado nas sociedades civilizadas.

Nas phases primitivas da evolução humana, quando ainda se encontra indisciplinado o instincto sexual, o casamento não passa de simples uniões transitorias, despidas de sentimento de affeição.

Para a sua effectividade não precede ceremonial algum, bastando o simples consentimento dos interessados. São, por assim dizer, meros ajuntamentos temporarios, reclamados pelas exigencias da sexualidade laços que se desatam pelo mesmo processo com que são atados.

Se taes relações podem merecer o nome de casamento, reportemo-nos aos praticados entre os nossos homens das florestas.

Estas uniões são realizadas na tribu obedecendo aos seus rudes instinctos, sem exigencia de certos preceitos moraes.

Não se revestiam de solemnidade alguma; eram, ao inverso, muito simples e despidas de ritual. Não officiava um sacerdote, arbitro do poder espiritual, como já se observava nas sociedades semicivilizadas dos indigenas peruvianos ou mexicanos. Eram matrimonios in lege naturae, como

<sup>(1)</sup> A couvade é uma pratica exdruxula. Emquanto a mulher, depois do parto entrega-se aos trabalhos domesticos, o homem que se julga pae occulta-se no leito como se estivesse doente, evita as intemperies e é objecto de carinhos especiaes no seio da tribu. Este costume que se operou entre quasi todos os povos primitivos é ainda hoje adoptado em regiões da Hespanha, se a affirmação não é infundada, conforme o testemunho de Laborda, como uma sobrevivencia historica (Historia de Hespanha).

dizia o Padre Joseph de Anchieta, da Companhia de Jesus. A posso só por si era uma consagração do casamento (1).

Havia como que uma forma de esponsaes entre algumas familias de nossos indios: promettiam-se em casamento as filhas ainda creanças aos mais salientes da tribu, a quem eram entregues em edade nubil. Apenas exigia-se do pretendente á mão da joven india a prova de sua capacidade guerreira e aptidão para a caça ou pesca.

Entre algumas nações indigenas era praxe só se permittir e consorcio depois do proponênte ter ao menos commettido um assassinato na guerra, em signal de sua intrepidez.

Segundo relatam alguns historiadores, no seio de certas tribus a cerimania nuprial se revestia de promessa de amor e felicidade por parte do noivo.

Parece-me ter havido aqui engano de observação. Os nossos selvicolas aão podiam ter idéa dessas promessas de amor e de felicidade como acto pre-nupcial.

Segundo observa Tylor, o «amor é inteiramente desconhecido do selvagem e o casamento, ou melhor, a união sexual, não é de forma alguma o resultado do affecto».

Nesses agrupamentos selvagens dominam os mais grasseiros impulsos da animalidade.

A virgindade das jovens é cousa de pouca monta no seio do aggregado indigena.

Segundo as praticas consuetudinarias, somente depois de casadas é que as neulheres devem ser castas, sendo o adulterio punido com a morte, se isto apraz ao marido ultrajado, pena que não se extende ao culpado.

Polygamos por indole, os nossos aborigenes mudavam de mulher frequentemente.

A vaidade de possuir muitas mulheres é, na opinião de Alcides d'Orbigily (L'homme américain), o principal movel das migrações e excursões guerreiras, afim de se apoderarem das prisioneiras, ás quaes se ligavam sexualmente por tempo indeterminado.

Nesta pratica não deixa de haver tambem um motivo de ordem economica: a acquisição de braços para os trabalhos das roças entre as tribus que se occupavam na agricultura.

O homem exercia direito illimitado sobre a mulher, reduzida ás proporções de escrava.

A ella incumbia os mais penosos trabalhos da tribu, como o plantio da mandioca, a colheita dos fructos, o preparo de bebidas fermentadas, etc.

No emtanto, segundo relatam os chronistas antigos, os nossos incolas só excepcionalmente maltratavam as suas mulheres, pois que, de ordinario, diz Fernão Cardim, eram ellas suavemente tratadas.

O casamento endogamico era, sobretudo, adoptado pelos indigenas brasileiros, sendo o exogamico por meio de rapto em tribu extranha, praticado em casos excepcionaes.

Todavia, os costumes referentes ao casamento variavam entre os nossos gentios.

Não ha uniformidade a esse respeito, como observou Frederico von Martius (*Reise in Brazilien*), porque os costumes dessa gente dependem das necessidades e de suas condições particulares. Nas pequenas tribus as

<sup>(1) «</sup>Tanto que o pae concede a filha ao pretendente, escreve o Padre D'Albbeville, se vae este deitar com ella na rede do dito pae, donde se levanta casado». (Noticias sobre os Tupinambás.)

uniões se realizam entre parentes proximos nas mais populosas, porém,

pratica-se a exogamia.

Entre os Tupinambás havia o costume chamado levirato, que consistia no casamento obrigatorio da viuva com o seu cunhado, costume este que alguns sociologos attribuem á pratica da polyandria anterior, em que as mulheres pertenciam ao mesmo tempo a todos os irmãos.

O irmão da viuva tambem é obrigado a casar com a sobrinha ou, no caso contrario, a dar-lhe marido.

No dizer de alguns de nossos chronistas, no seio de muitas tribus brasileiras, os homens contentavam-se com uma só mulher e só praticaram a polygamia depois que se relacionaram com os colonizadores.

Não me parecem procedentes taes affirmativas. Houve, por certo, equívoco de apreciação.

A monogamia é o resultado de uma organização social adiantada, o sproducto da cultura dos povos.

Foi mister que as condições sociaes se transformassem consideravelmente, os instinctos se abrandassem, perdendo a rudeza da animalidade, para que se pudesse delinear esta forma superior do agrupamento familial. O que havia entre os indigenas era a predilecção por uma das muitas mulheres que pertenciam a um só homem e á qual ficavam as outras subordinadas.

Isto, quando muito, é uma transição para a monogamia, jámais o casamento monogamico.

Se alguns dos individuos de uma tribu contentavam-se com uma unica mulher, porque suas condições economicas não permittiam possuir mais, ou mesmo em virtude de só os chefes fruirem o privilegio da posse de muitas, quasi todas aprisionadas na guerra, não é isto fundamento para se dizer que a monogamia era praticada entre algumas familias indigenas. Tudo depende das condições individuaes. Nestas sociedades ainda indefinidas todo o homem que o pode fazer toma um' certo numero de favoritas, ainda mesmo quando a primeira mulher seja a confidente do marido e a directora da casa.

E assim é que, escreve o Padre Claudio d'Abbeville: « Apezar de resioïrem muitas mulheres debaixo do mesmo tecto com um só marido, uma, contudo, é a predilecta, e por isso governa as outras, como uma senhora ás suas servas.» (Historia das Missões do Maranhão.)

Da industria, da agricultura e da propriedade — O estado mental dos povos reflecte-se em suas instituições sociaes, que se vão aperfeiçoando com'as formas evolutivas de sua intelligencia.

Nos baixos estadios da organização social a industria do homem, fructo de suas faculdades inventivas e de seu raciocinio ainda hesitante, não pode deixar de ser bastante rudimentar.

Dest'arte, a industria de nossos indigenas consiste em suas armas, nas suas canoas, nos instrumentos de pedra de seu pobre arsenal, nos collares e braceletes com que se ornam, como nos vasos de barro cozido e de madeira, com que são providas as suas habitações.

A industria ceramica existio entre quasi todos os grupos humanos, desde as mais remotas éras, conforme têm demonstrado os estudos de anthropologia palcontologica. Entretanto, a invenção de vasos com aselha, como se ha descoberto, é relativamente moderna. Entre os nossos indios a industria de oleiro tem sido exercida exclusivamente pela mulher.

Ramo da industria e com ella sujeita ás mesmas leis, a agricultura indiana não é menos infantil.

O eminente dr. Sylvio Romero, entre outros escriptores brasileiros, contesta que os aborigenes do Brasil tivessem sido agricultores, sem haverem passado pela phase anterior — a pastoril —, como é dos principios da historia das industrias.

E certo que a agricultura não foi exercida, em geral, por todas as familias indigenas do Brasil; mas não se pode contestar com fundamento que, embora muito rudimentar e em pequena escala, muitos de nossos aborigenes exploravam o solo, cultivando algumas de suas plantas conhecidas e, depois do descobrimento do Brasil, a mandioca, o milho e a abobora.

Com bons fundamentos escreve Charles Letourneau que houve e ha ensaios agricolas em plena selvageria, se bem que haja povos, como os australianos, que não sabem pratical-a.

O homem selvagem não se amolda a principios doutrinarios; vive como lhe determinam os instinctos e as necessidades organicas. Demais, as leis das sociedades ainda não podem ser classificadas e systematizadas com o rythmo e a segurança que lhes emprestam alguns sociologos.

Os nossos indigenas não tinham noção de propriedade individual, a não ser sobre as suas casas, as suas armas, seus instrumento de caça e de pesca e alguns utensilios de uso domestico. Mas, ácerca desses mesmos objectos, como observa Frederico von Martius, ha certas idéas de posse commum. Algumas familias occupam a mesma casa, utilizando-se dos mesmos instrumentos e dos mesmos utensilios.

O regimen da propriedade individual apparece depois de uma longa evolução, quando modificadas as condições de existencia do homem, o seu gráo de cultura e as suas ideas sociaes.

Quanto ao solo, a concepção primitiva: a da sua communidade. Ne grosseiro mundo selvagem, a vida nomada não permitte a idéa de propriedade individual do solo.

Com o advento da agricultura evoluem as ideas de propriedade, restringindo-se um pouco o communismo primitivo. Entre os nossos indios que ensaiavam a agricultura, os campos de cultura pertenciam em particular áquelles que os exploravam. Mas todo o vasto territorio destinado á caca e á pesca ainda era de propriedade commum da tribu.

As idéas moraes — As idéas moraes e religiosas constituem um dos capitulos mais importantes do estudo das raças humanas. Uma das caracteristicas por onde se manifestaram os sentimentos religiosos do homem quaternario é o cuidado que elles dedicavam á sepultura. Nos seus tumulos de pedra têm-se encontrado os seus despojos ao lado de suas armas, de restos animaes e de artefactos de sua arte e de sua industria primitivas.

Os mortos eram deitados nessas fossas sepulchraes ora em decubito dorsal, ora recostados, tendo a cabeça sobre uma grande pedra. Dahi suppor-se haver entre os primitivos a crença noutra vida.

Com pequenas variantes do culto primitivo, a religião dos aborigenes do Brasil caracterizava-se por praticas grosseiras, imbuidas de creações mythicas assaz extravagantes. Viam espiritos maleficos ou bemfazejos por toda a parte: nas montanhas, nas pedras, nos rios, nos animaes que povôavam as florestas, como nos astros que fulguram no infinito.

Suas crenças, seus mythos, suas superstições, attestam a fragilidade das idéas religiosas de nossos avoengos. E essa crença era quasi sempre fundada no terror. O culto votado a certos seres que elles temiam é o resultado dessas disposições mentaes.

A zoolatria é uma das manifestações, talvez a mais grosseiar, desse culto. O jaguar e a um dos deuses pavorosos de nossos homens das florestas, creado pelo terror que lhes infundiam as suas terriveis garras.

Transformada esta forma de adoração, appareceu, entre algumas nações indigenas, a astrolatria, divinisação dos astros. O culto da lua (Jacy), do sol (Guaracy) e do trovão (Tupan), — se é licito dar o nome de culto ao respeito ou veneração tributada aos astros, — verificava-se entre nossos indigenas.

Os tupis veneravam de preferencia a lua e os tapuias o sol. O reapparecimento quinzenal do astro da noite era festejado com manifestações de alegria communicativa. Mas, sem embargo disso, não havia muita confiança nessa divindade que, transformando-se mysteriosamente, ora se offuscava, ora refulgia, lançando seus raios sobre a terra. Era, portanto, necessario que se premunissem contra ella, abrandando-lhe o genio mão que, porventura, nella se occultasse, tanto mais quanto sua proeminencia era inconstestada. Assim, quando, no reapparecimento da pallida deusa, lhe eram apresentados os filhos, tinham os indios de, cautelosamente, mandar defumal-os pelos pagés, afim de não serem victimas de doenças, traiçoeira-mente transmittidas pelo astro, mediante seus raios hypnoticos.

O trovão era um deus benevolo que lhes proporcionava os rudes instrumentos agricolas e favorecia o vicejar das arvores fructifeas.

O sol, não obstante os seus raios abrasadores e seu aspecto coruscante, era considerado como um deus propicio.

Algumas tribus não tinham religião, e, quando procuradas pelos jesuitas, mostraram-se refractarias ao ideal catholico, preferindo o seio albente das florestas, reintegradas em sua liberdade. Mas o animismo primitivo não lhes era, por certo, desconhecido.

A vida desses povos selvagens foi, em todos os tempos, atormentada pelo terror dos espiritos máos, que, no seu grosseiro modo de pensar, existiam por toda a parte.

Eis os ideaes religiosos de nossas populações aborigenes. Só por uma ficção poder-se-á dar o nome de religião ás idéas theogonicas dos selvicolas do Brasil. Um simples culto indefinido, inspirado quasi sempre pelo terror, e nada mais.

Não tinham a idéa de Deus e da existencia de uma alma immaterial, incorporea e etherea, como é de crença do monotheismo christão. Nenhuma palavra da lingua indigena significa Deus. São, pois, illusorias as affirmativas de que os nossos indigenas tivessem a concepção de um Ente supremo, como pensam alguns escriptores christãos.

Quando o homem selvagem enterra em seus tumulos de pedra os despojos de seus semelhantes, provendo-os de armas, de utensilios domesticos e até de alimentos, apenas tem a crença de que elles continuam a viver no seio da terra e que seus espiritos, revestidos de forma material e corporea, têm as mesmas necessidades physiologicas da vida corporal.

Desassociada da materia, a alma torna-se errante e vaga no seio das florestas, nos comoros das montanhas, etc., e vem, ás vezes, atormentar os vivos.

A idéa de se reunirem os espiritos numa morada celeste, miragem augusta dos monotheistas, na qual se premeia a virtude, desertando-se os máos para logares de eternos soffrimentos, só depois de longa elaboração das idéas theologicas appareceu na consciencia do homem.

A raça selvagem brasileira não podia ter, dadas as suas concepções nos outros dominios da mentalidade humana, uma idéa de Deus e do céo, conforme ao monotheismo, ultimo periodo da evolução religiosa.

Mesmo as populações indigenas dos imperios da America Central, do Mexico e do Perú, ende já havia uma organização politica e social bastante complexa, não tinham passado da astrolatria, ao tempo em que os hepanhoes exploraram aquellas regiões. As pompas de que se revestia

alli o ceremonial religioso eram, por certo, muito mais elevadas do que as simples praticas de adoração dos nossos aborigenes, mas a religião official, caracterizada por um fervoroso culto, imbuido de immolações e sacrificios os mais deshumanos, ainda era a astrolatria.

As nossas populações indianas tinham grande numero de mythos e superstições, de que se immiscuiram alguns em nossos costumes. Estes mythos symbolizavam genios protectores ou maleficos, como, entre outros, os de Kurupira, Koapora, Itaopary, Oyára, este ultimo genio do rio, representado por uma mulher de bellas fórmas plasticas.

Os pagés, a um só tempo feiticeiros e curandeiros, eram os oraculos dos homens das tabas. Durante a gravidez de suas mulheres e das primeiras manifestações physiologicas da puberdade de suas filhas elles não caçavam, por temerem grandes desgraças, entre as quaes a de serem devorados pelos animaes ferozes que povôavam as florestas, onde, quasi como feras, habitavam elles.

Entre algumas familias selvagens acreditava-se que os pagés, com faculdade de adivinhar e predizer o futuro, assim como os resultados das guerras, também tinham o poder de fertilizar as terras e dar forças aos seus guerreiros. Se esses feiticeiros que viviam occultos nas cavernas, onde lhes cresciam es cabellos e as unhas, prediziam a morte de um indio, este se recolhia e, apprehensivo, acabava por morrer de fome e de commoção, porque não mais se alimentava depois do prognostico fatal.

Por essas concepções rudimentares podemos logo calcular quão pueris eram as idéas indianas sobre a vida e a morte. Ao espirito obtuso do homem selvagem sempre foi inconcebivel a idéa da morte natural. O fallecimento de um ser humano, por mais explicavel que fosse a causa, era para elle a resultante de um assassinio occasionado por feitigaria ou maleficio, superstições de que se achava imbuida a sua psché. A necessidade de desaggravos sangrentos na pessõa do presumido ou presumidos homicidas afigurou-se ao selvagem como imprescindivel. As luctas armadas de tribu a tribu eram, por vezes, consectarias dessas grosseiras superstições.

A morte não é, entre elles, concebida como a destruição apavorante da vida; é apenas apparente. A personalidade do morto, na plenitude de suas funcções physicas e psychicas, prolonga-se para além do tumulo. A alma, como já fiz ver, é uma entidade material commum não só aos organismos animaes, como ás proprias cousas inanimadas aos olhos do homem civilizado. O culto rudemente praticado tem por principal objectivo abrandar os genios ou espirito e é uma consequencia do terror.

Os ritos funebres têm algumas variantes no seio desses povos barbaros. Os nossos gentios costumavam enterrar os cadaveres, depois de deposital-os sentados ou de cócoras numa grande talha de barro. Os chefes eram de preferencia encerrados nesses vasos funerarios (iguaçabas), adornados de seus trophéos, tendo ao lado suas armas aggressivas e defensivas, com se noutra vida, por elles concebida, pudessem fazer uso desses instrumentos guerreiros.

Os mortos eram, ás vezes, sepultados em sua propria cabana, recebendo durante muito tempo as homenagens de sua familia por entre copiosas lamentações.

Algumas fribus dos kiriris inhumavam seus parentes á sombra refrigerante de uma arvore frondosa, onde elles pudessem, ao ciciar das folhagens, dormir o ultimo somno.

Da vida esthetica — Do grão de cultura e do senso esthetico dos povos depende a perfeição de sua arte. Deste modo a dos incolas brasileiros não podia deixar de ser bastante grosseira e rudimentar. No entanto,

para as artes choreographicas e para a musica elles sempre revelaram tendencias que dir-se-iam congenitas. Aliás estas predisposições, particularmente pela musica e pelo canto, têm sido observadas pelos viajantes nas populações indigenas da America do Sul, segundo notou Ch. Letourneau.

Além de objecto de diversões constantes, estas artes solemnizam as épocas das colheitas dos fructos, as ligações matrimoniaes, segundo os costumes de algumas familias, as victorias alcançadas nas guerras e coroam os festins anthropophagos.

Seus cantos são, porém, languidos e tristes, como que traduzindo atavicamente as dôres e os desalentos de uma raça. Nenhum instrumento de cordas era usado. Além do tambor de pelles de animaes, os nossos aborigenes usavam, como instrumento de sopro, charamella ou flauta grosseira, com que acompanhavam os movimentos choreographicos.

Algumas tribus usavam cornetas feitas dos ossos das pernas e dos braços de seus inimigos que comiam por vingança.

Artes graphicas — E as artes graphicas? As tendencias artisticas do homem paleoquaternario, sobretudo para executar grayuras ou pinturas na face dos rochedos, têm sido notadas pelos anthropologos. Na época da renna, como observa Quatrefages, os objectos em que se revelavam as suas aptidões artisticas, como arpões e flechas, collares de ossos, de conchas, etc. eram mais ou menos aperfeigoadas.

Os nossos indios esculpiam e pintavam na face da rocha, com instrumentos de pedra e grosseiros pinceis, figuras toscas de homens e de animaes, além de rudes desenhos de variadas fórmas geometricas, executados com tinta vermelha que ha desafiado a acção destruidora do tempo. Parece que só elles tinham o segredo dessas tintas agrestes. Denotam esses hytrogliphos e essas pictographias terem sido executados numa época muito longinqua. Os indios actuaes não os sabem fazer, limitando-se a traçar alguns desenhos nas suas *igaras*, nos objectos de uso domestico ou nas suas pobres habitações. Interrogados ácerca das referidas inscripções, as attribuem aos espiritos de seus antepassados.

Essas pinturas lapidares existem em muitas regiões de Pernambuco e de outros Estados do Brasil e, em geral, na America do Sul.

Apesar do estudo que se tem feito a respeito dessas legendas, não me parece que esteja bastante esclarecido o seu significado ideal. Se não é concebivel que ellas representem uma escripta ideographica, pela qual se expressava e transmittia o pensamento de geração a geração, demonstrando ter havido uma civilização prehistorica no Brasil, como opinam alguns investigadores, tambem não é crivel que sejam o producto de «caçadores ociosos» — ou «simples tentamens artisticos», como pensam outros — Theodor Koch — Gruenberg. — Suedamericaniche Felszeichnungen; Friedrich von Martius — Reise in Brasilien, cit. por Alfredo de Carvalho. Rev. do Inst. Arch. pernambucano. Nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

Como notaram alguns viajantes, ha grandes lages tão saturadas dessas pinturas e principalmente dos chamados lithogliphos (grandes sulcos cavados no seio da rocha com instrumentos de silex), demonstrando um esforço de muitos dias e até de mezes, que não é concebivel terem sido feitos sem utilidade alguma por caçadores ociosos, tanto mais quanto os nossos indigenas distinguiam-se pela indolencia. E' justo, portanto, suppôr que essas legendas assignalassem um roteiro nos bosques, marcos delimitando o territorio destinado á caça de algumas tribus, ou mesmo um symbolo da religião indiana, visto como no meio das pictographias en-

contram-se figuras representando o sol, a lua e alguns animaes, objectos de culto selvagem.

Dos costumes — Conquanto reflectissem as asperesas dos povos nas phases primitivas de sua civilização, os nossos gentios eram, em regra, doceis e hospitaleiros. Havia mesmo entre algumas nações uns tons de sociabilidade, certas virtudes domesticas, que adoçavam as suas relações familiares. Nas suas visitas, que não eram raras, lamentavam juntos os parentes desapparecidos, dos quaes faziam o panegyrico e, como era tradicional, bebiam em seguida sua aguardente, dançavam e cantavam ao som de seus grosseiros instrumentos musicaes.

Auxiliavam-se na caça, na pequena agricultura, entre as tribus que semeiavam, soccorriam-se nas crises, partilhando nas cabanas, por vezes, os fructos colhidos ou a caça apresada, havendo assim uma especie de communismo entre elles.

Nos rigores de sua moral incipiente puniam a infidelidade das mulheres que se achavam alliadas aos homens, assim como o roubo e o furto, actos que offendiam a probidade rustica, mas imperiosa, que reinava no seio de suas aldeias.

Eram, em sua maioria, guerreiros valentes e emprehendedores, como demonstram as suas guerras e as suas conquistas, preferindo a morte a se entregarem aos inimigos, com os quaes nunca se harmonizavam. Usavam como armas aggressivas, além do arco (urupiara) e da flecha (huhy, uma clava de madeira (tacape), especie de quebra-cabeça, com que matavam os prisioneiros de guerra.

Ao lado de certa doçura, como notei acima, havia a ferocidade e o canibalismo dos homens primitivos.

A anthropologia era, porém, guerreira e praticada em desaggravo contra seus inimigos. Colhidos os prisioneiros, não obstante tratarem-nos a principio com attenção, cevando-os por alguns dias e offerecendo-lhes mesmo mulheres da tribu, resolviam de improviso extrangulal-os abruptamente, comendo-os assados em horriveis festins, ao tropel de suas danças macabras. (1)

A estas festas da carnagem humana os chefes compareciam armados, ostentando cocares com pennachos multicores, braceletes e faixas de pennas na cintura (enduapes), collares de ossos dos dentes dos inimigos trucidados (ayucara), e o corpo tingido com tintas vivas de côres variadas. Perante os algozes a victima entoava o maguado cantico de morte, depois de affrontar destimidamente os seus inimigos, trocando com elles doestos injuriosos, como era do ritual guerreiro.

Tingiam os filhos com o sangue rubro das victimas, para que se tornassem intrepidos nas luctas guerreiras.

Nas relações de familia, sobre que já fiz algumas considerações, os costumes revestiam-se de muita rudeza. Nestas sociedades embryonarias o amor, a dedicação, o altruismo não existem, ou apenas começam a se delinear na consciencia do homem.

Os filhos são propriedade dos paes. Nenhuma affeição existe para os velhos e enfermos, que são estrangulados, como cousas inuteis, principalmente no caso de doenças longas, julgadas incuraveis, sob o pretexto de não lhes prolongar os soffrimentos. A beneficencia só apparece nos aggre-

<sup>(1)</sup> Dahi se haver pensado que os caetés quizeram poupar a principio o nosso primeiro bispo, quando prisioneiro daquelles gentios, depois do lugubre naufragio. O que os canibaes pretenderam foi engordar o prelado durante o tempo que precedeu ao barbaro homicidio.

gados humanos depois de longa elaboração cultural. Não ha sentimento de de justiça, nem respeito humano no seio dessas barbaras sociedades.

O amor physico reveste-se de uma materialidade chocante. Entre os povos incultos esse sentimento não existe em sua forma ideal.

O pudor, que é um sentimento adquirido, não se encontra no homem selvagem. Se algumas vezes cobre as partes genitaes, não é por decôro, mas como adondo, ou, nas luctas guerreiras, para amparar os orgãos da reproducção, de estructura delicada. No entanto, sua nudez é exposta muito natural e ingenuamente.

Já dizia a esse respeito Pero Vaz de Caminha, em sua celebre carta dirigida a D. Manoel, em 1500, ao se referir aos tupiniquins que a frota cabralina encontrou em Porto Seguro: «Andavam nús, nem estimavam cousa alguma cobrir, e estavam ácerca disso com tanta innocencia como tinham em mostrar o rosto.»

Do adorno — O sentimento artistico, ou melhor, o gosto pelo adorno, é, entre os nossos caboclos, muito desenvolvido, mas extravagante.

A tatuagem é praticada como ornato e, no seio de algumas familias, como symbolo da nubilidade das virgens. Os Tabajaras tatuavam-se por todo o corpo, designando o numero de homicidios por elles feitos nas fileiras de seus inimigos pelo de tatuagens que apresentavam.

A rudeza da esthesia indigena, a idéa extravagante de deformar o corpo para adornal-o existe em algumas de suas tribus, como os botocudos, os aymorés, os bugres e até os tupiniquins, que perfuravam os labios, as orelhas e o nariz, em cujos orificios collocavam habilmente um pedaço de páo, uma pedra pequena e polida, ou um osso, como enfeite corporal, segundo alguns indianologos, ou, conforme outros, para se afigurarem mais temiveis nas luctas de suas tribus. Parece-me que o fim visado por elles era mais artistico que guerreiro, porque o ornato extravagante não era privativo dos chefes ou dos mais valentes; extendia-se ás figuras secundarias da tribu.

A sua arte industrial lhes proporcionava os braceletes e as faixas de pennas multicôres, os collares de ossos, os cocares de grandes plumas oscillantes, com que se ornavam nos dias de festa, ou para enfrentarem os inimigos.

Entre os kiriris os chefes distinguiam-se pelos grandes collares de conchas, e as mulheres pelas longas enfiadas de pequenos ossos que, das orelhas, pendiam sobre as espaduas.

Recife, julho de 1922.

## NOTES ON WEST INDIAN HYDROGRAPHY IN ITS RELATION TO PREAISTORIC MIGRATIONS

BY

#### ADOLFO DE HOSTOS

Me nber, American Anthropological Association

During the last fifty years it has been the general opinion among Ameracanists that the West Indian archipelago was originally peopled by certain tribes of Arawak stock coming from the easterng portion of northern South America.

Even some of the art-forms whick are believed by certain specialists to be characteristic of the prehistoric culture of the Greater Antilles, as the four-legged wooden stools («duhos»), are known to have existed, in a slightly modified form, in Golombia and the Guianas. (1)

However, some unmistakable symptoms of specialization in the Antillean culture area (2) tend to bear out the assumption of long continued residence and isolation of the South American migrants in the Caribbean islands.

More or less vague mythological, archaeological and theoretical data rather supports the belief in the existence of an autocthonous cavadwelling race preceding the settlement of the islands by the immigrants from the South.

As for the provenance of the peaceful islanders which occupied the Greater Antilles and the Bahamas at the time of the discovery, as stated above, the evidence is almost decisive in favor of their continental origin. Culturally, the West Indies were a well-defined extension of the cassava-complex belt which covered an immense region on the atlantic side of inter-tropical South America.

We will now endeavor to present here such data as may be supplied by physical geography and its sister science hydrography, bearing on the question of prehistoric migrations from South America to the islands.

Although the peopling of Trinidad Island by the fluviatile tribes inhabiting the delta and the middle Orinoco river offers no great difficulty, and rather seems a natural consequence of geographical position (3), we will examine with care the effects of local hydrological phenomena on primitive navigation.

<sup>(1)</sup> See «El Dorado» by Zerda and «Among the Indians of Guiana» by Im Thurn.

<sup>(2)</sup> As exemplified by the "elbow" stones, the stone "collars" and the three-pointed idols. The typical oblong collars are unique. There is no morphological similarity whatever, as some observers have remarked, between these objects and the Mexican (Totonac) stone yokes.

<sup>(3)</sup> Distance between Icaces Point, in Trinidad, and the mouth of the Cuscuina river, on the mainland, about eight miles.

Reforce proceeding seems well to recall here the observation made by the eminent American archaeologist, Prof. W. H. Holmes, to the effect that a migration of primitive peoples is not a journey in the ordinary sense of theh word (4) Briefy, this means that such journeys as may have gradually initiated a migratory current were not and could not be carried out as in obeyance of mature preconceived plans—like the movements of brigades and regiments in Anodern warfare—but that they must resemble a gradual process of voluntary and, perhaps, involuntary filtration into new regions of more or less congenial surroundigs; that they must follow the line of least resistance of natural forces or that, without the intervention of human will, they simply follow the direction of natural pressure; that their progress involves certain processes of slow adaption to new surroundings and the development of the ability to overcome new unknown obstacles. Often mere accident reveals the routes to be followed.

A better understanding of these facts will be attained if we assume that the distribution of man obeyed the same laws which governs the distribution of plant and animal species. Primitive man being at the mercy of the elements, cannot escape from the directing hand of nature; very often his movements on the surface of the earth were exact reproductions — as to causation and biological procedure - of similar episodes in the life of the lower enimals. It is by this reason that in the present study, a consideration of the physiographical factors becomes of great importance and, incidentally we hope that it will serve to help to dispel some, at least, of the many preconceived ideas which mystics have entertaincede for centuries in regard to such migrations as when they have aimed to attribute as the principal cause of racial disposition certain religious or transcendental reasons. Reasons of geography, topography, meteorology, food supply, plant and animal distribution are as many factors contributing to shape the course of man on our planet an they must be exactly known in order to understand the true causes of human dispersion. In this respect, we must scientifically conceive of primitive man as behaving like a bit of flotsam borne on the surface of mighty rivers or on the crest of the waves to unknown shores. We may expect that if a return to the place of origin was possible, the knowledge of a new route had been acquired, and if convenience urged, we may assume that its collective exploitation followed.

Placed in this order of ideas, we have naturally centered our attention on and around the region adjacent to the delta of the Orinoco river. A priori, we should believe that if there never was a land connection between continent and islands, the peopling of the Lesser Antilles was greatly influenced in not entirely determined, by this great river.

The Orinoce, in the 1.500 miles of its course, enlarged by the waters of two-thousand tributaries; traversing a vast country of varied geologic configuration rich in animal and vegetable life; cutting part of its way through a huge granitic stairway — the rapids — where every imaginable phenomenon of water dynamics, from the cataract foam to the whirpool, find realization; throwing across some of its outlets of excess (flood) waters, veritable dams of trees and other flotsam, and forming here and there multiform inlets and bayous of stagnant waters offering rich opportunities to the primitive hunter and fisherman; building floating islands as it progresses and swamping vast areas of magnificently wooded country — certainly afforded to its aboriginal inhabitants one of nature's most admirable training

<sup>(4) &</sup>quot;Handbook of Aboriginal American Antiquities", Bulletin 60, Bureau of American Ethnology.

schools for any fluviatile, lacustrine or maritime enterprise. The delta which occupies about 160 miles of the coast of South America and a total area of over 700 square miles, comprises six streams of considerable size, (5 six of secondary importance and over a score of smaller ones. Part of this area is made up of a true labyrinth of islands and inlets covered by a splendid forest.

According to the Venezuelan ethnologist A. Level (6) the dry interior region of the delta is entirely different to the swampy zone hordering the several streams and «caños» and supported, in his time, a happy Indian population in many respects superior to that of the wet or submerged area.

All the larger and many of the lesser streams are navigable by large canoes (piraguas). A great part of the delta is submerged during the rainy season. The natives then build their homes on the Moriche trees.

It is no wonder then that the early tribes should have found themselves in possession of these lands and that the same natural forces which operated such tremendous changes in the river basin should also cooperate to displace man, by degrees, from his customary habitat until he found himself, willingly or not, in the Gulf of Paria, where the freshness, smoothness and color of its waters, laden with its burden of flotsame from the continent created, to a certain extent, a similarity of physical and biological surroundings which must have suggested and even encouraged exploration and settlement of the gulf shores and the abjacent islands.

Given these antecedents it is easy to understand how the primitive tribes compelled by sheer necessity to overcome the many natural difficulties inherent to their mode of life, became experts in the arts and crafts of river navigation, of canoe building, of fishing, and of that particular branch of woodcraft peculiar to a half-submerged habitat. It requires no very great effort of the imagination to eptiure in our minds conditions under which these men were forced to extend the radius of their activities down stream, under pressure of great floods or of a scarcity of food. As a foot-hold was gained at some of the volcanic islands of the Lesser Antilles, volcanic erruptions or cyclonic disturbances, (7) together whith the peculiar psychic condition dominating the activities of a moving people which has not settled to the peaceful occupations of sedentary life, may have fostered the growth of the predatory instinct which characterizes the Antillean Carib.

According to the present study of hydrographical conditions, there were three probable lines of approach from the continent to the Lesser Antilles:

- a) Trinidad Tobago Grenada.
- b) Paria (gulf or peninsula) Testigos Islands Grenada.
- c) Dragon Mouths Grenada.

The Island of Tobago lies about twenty miles north-northeast from the northeastern extremity of Trinidad (Point Galera).

The Testigos group lies eighty-one miles northwest of the middle point in the Dragon Mouths, the channel separating the peninsula of Paria

<sup>[5]</sup> The Boca Grande the Doran, the mariusas, the Macareos, the Capura, the Pedernales and the Vagre.

<sup>(6) &</sup>quot;El Delta y sus Habitantes", Caracas, 1850.

<sup>(7)</sup> J. W. Fewkes: «Relations of Aboriginal Culture and Environment in the Lesser Antilles", 1914.

in Venezuela, from Trinidad Island. (See accompanying map). Meteorological conditions may account for the voluntary or compulsory sailing on this route by the early voyagers.

It is very interesting to note that the southermost extremity of the island of Grenada is almost exactly equidistant, about 78 miles, from these three points:

- a) middle-point in the Dragon Mouths, vicinity of Chacachacare Island.
- b) The Testigos group, about 40 miles north of the Paria peninsula.
- c) The southwestern extremity of Tobago Island, Sandy Point.

It will be seen, that the distance factor has the same relative importance for all three routes.

The Trinidad — Tobago Grenada Route. The approach of Tobago from any point on the north coast of Trinidad is is — in regard to primitive means of navigation — most improbable. This coast is rocky, rugged, and almost constantly subjected to extraordinrily heavy seas. Moreover, the equatorial current, on reaching the southern coast of Tobago, divides into two branches, the south one to westward between Tobago and Trinidad. On the eastern sid of Trinidad the trades blow from east-south-east to east-north-east (8).

From certain points on the eastern coast of Trinidad, which is generally also fringed by an immense line of breakers, the navigation toward Tobago is facilitated by the outpouring of the Orinoco specially during the flood season. Small crafts making this voyage would be assisted by the trades particularly if deviated from the coast to the east. Some difficulty, however, would be experienced upon reaching the great Manzanilla bank about midway between the northern and southern extremities of the eastern coast of Trinidad, as it encloses regions of confused sea and tide rips. Dr. J. W. Fewkes states (9) that Indian paddles from the Orinoco have sometimes been found on the eastern shore of Trinidad. In the bottom, coarse sand and gravel are found, also, ejected by the river. During calm weather many places along the three long beaches occupying part of this coast would provide points of landing and embarkation.

The Dragon Mouths. — Grenada Route. The important point in connection with this sailing route is the fact the remarkable influence of the Orinoco in the gulf Paria and adjacent waters. This river discharging a portion of its volume directly into the gulf, through the Vagre and Pedernales rivers and indirectly through the Cuscuina, the Macareo and the Mariusas, to the east, render its waters brackish and considerably affect the direction and strength of its outer flow. During the rainy season, the sea surrounding the Paria peninsula and the Dragon Mouths also takes a muddy hue (10) to a distance varying between 50 and 60 miles from the delta shores. Besides the regular tide movements observed at the Dragon Mouths there is a constant current discharged through them which increases the strength of the ebb current and overpowers the flow, reaching its maximum velocity, five knots an hour, sometimes during the months of July to September (11). As the trades incline toward the

<sup>(8)</sup> West India Pilot, vol. 2 — U. S. Hydrographic office, 1918, page 222.

<sup>(9)</sup> Opr. cit.

<sup>(10) &</sup>quot;Derrotero de las Antillas", Directión de Hidrografia, Madrida 1865, page 68.

<sup>(11)</sup> Ibid. — Page 68.

southeast during these months (12), it is evident that combined action of tide and wind would drive a drifting canoe toward Grenada about eighty miles to the north.

The ebb current betwen Port of Spain and the Bocas is stronger than the flood, being increased by the normal northerly current. To the southward of Gaspar Grande Island both tidal currents, run regularly six Lours each way and the rise and fall on the shore follows the general law (13).

Such is the strength of the contending currents that they cause a strong ripple similar to the *bore* of the Amazons, extending in long curved lines for several miles outside the Bocas.

The northerly current sets with considerable strength toward the coast of Paria. It is specially interesting to observe here that the velocity of this northerly current diminishes to the south of the Bocas, even large sailing vessels with light winds may be drawn to the mouths of the small Bocas by the current (14).

The following table summarizes our information on the subject.

# Average velocities of the flood and ebb currents through the Dragon Mouths, in knots per hour (15).

								EBB	FLOOD
Boca Grande				٠	٠	٠		2 to 3	1/2
Boca de Navi	os .					٠		2-1/2 to 3	1
Boca de Huev	os .	٠	٠	٠				3 to 4	-
Boca del Mon	10 .							2 to 3	1 to 1/2

There is, perhaps, no better way of giving an idea of the effects of these currents on navigations than to quote the official sailing directions published by the United States Navy Department: For sailing vessels entering the Gulf of Paria by the Boca de Huevos they remind skippers that "it requires a commanding breeze from the northward of east, sufficient to give a speed of 5 or 6 knots, to enable a sailing vessel to stem the current, more specially during ebb tide, which increases the current" (16).

In the channel between Mono Island and Trinidad strong and irregular eddies and baffling winds are experienced off the points. Sailing vessels bound to the gulf, from the north coast of Trinidad, and not meeting with favorable winds, have sometimes to anchor before turning point En-

<sup>(12)</sup> Notice in U. S. Hydrographic Office chart No. 1290.

<sup>(13)</sup> West Indies Pilot, page 228.

<sup>(14)</sup> Ibid., page 229.

<sup>(15)</sup> Compiled from U. S. Hydrographic Office chart No. 140.

<sup>(16)</sup> West India Pilot.

trada as they cannot overcome the currents leaving the Dragon Mouths (17). Many ships have been wrecked in the Boca de Huevos because of a lack of wind to overcome the northerly currents. On the western coast of Trinidad, during the rainy season, almost every day are experienced heavy squalls from the south-east and west.

After having seen that the prevailing local conditions at the Dragon Mouths are such finat may have influenced even the involuntary course of early voyagers in the Caribbean, we will now again consult our charts and will attempt to ascertain the directions probably taken by paddle craft driven to these latitudes by the winds and currents. It seems that, at least during the period of calms, one of the stepping-stones between South America and the windward group was the small cluster of islets known as Testigos which lie just north of the Patria peninsula about 40 miles from its shores. The largest, Testigo Grande, is over two miles long and may be seen from a distance of twenty miles. Land tortoises are ound in abundance on this island, a circumstance which may have attracted the aborigines there (18). On the western side of Testigo Grande there is good shelter. A tolerable landing may be also made on a beach nearly. The passages between the islands are also free from danger.

Currents, winds, and Landing Places. — We have already seen that even the tiny Testigos were accessible. In the vicinity of this group the general trend of the current is west and north-west.

Tobago by reason of its position off the coast of South America is subjected to much of the force of the equatorial stream and outpouring from the nearer large rivers (19). «This current with a general motion to north-west strikes Tobago on its southern side and dividing, one part rushes past the pastern and with a velocity of 3 to 4 miles per hour, while the other part passes between those islands and, although slightly modified by the ebb tidal current is generally running so strong to the northwestward that sailing vessels cannot work up against it (20).....» Thus we learn, with something more than purely subjective certainty how ocean currents may have helped man in his northward journey to the Antilles.

At Tobago the wind does not blow steadily and there is a large proportion of calm weather, specially during the hurricane season. At the westernend of Tobago is Milford Bay affording a landing place; there are also several small bays on the south coast. On the western extremity of the island shallow water extends one mile offshore.

Grenada Island. — This volcanic island has the appearance of a slow rise of hills from the coast to the interior, where there are several peaks over 2.300 ft. high. Mt. Saint Catherine is over 2.700 ft. high. There lakes occupy the craters of extinct volcanoes.

As this island would be, in all probability, the landfall of the prehistoric South American sailors, we will stop here to examine the coast minutely in order to find out whether its peculiar character could have exerted any influence in attracting any moving objects carried by the ocean.

In effect, the south and east coasts of Grenada seem to have been destined by nature to act like a receptory organ spread before the winds

<sup>(17)</sup> Derrotero, page 76.

<sup>(18)</sup> The tortoise is a frequent motive of relief decoration of pottery in ancient Trinidad.

<sup>(19)</sup> West India Pilot. Vol. 2, page 212.

<sup>(20)</sup> West India Pilot, vol 2.

and currents of the Atlantic to catch their burden of life, microscopic and visible, which may have drifted there from the continents - South America and Africa. Imagine a percolator, of nearly two-hundred conduits, which works by lateral pressure of the surrounding liquid and which, at the interior extremities of these conduits, is connected by a capillary absorver conveying to the interior of the apparatus some of the organisms and objects carried by the liquid - and an idea will be had of the configuration, orientation and implied biological functions of this portion of the Grenada coast. The "conduits" are the 180 or more indentations, varying in depth from one and three-quarters of a mile to fifty yards, forming the bays, coves and channels of this section of the coast, about seventeen miles in extension, which is entirely fringed by a complicated system of shoals, banks and flats, under three fathoms deep (21). The power of absorption of this gigantic horizontal "filter" is unquestionably increased by the tentaculiform fauna of the coral formation bordering the coast and the also much indented adjacent islets and cays. The "capillary conduits" are the several little streams emptying at the bottom of the deeper inlets and bays which are efficiently operated by the prevailing winds and the tidal currents. The strong north-east and south-east trades impinges upon the coast with great force and causes an active circulation of the water in this labyrinth of rock and coral. The flora and fauna of the Lesser Antilles have distinct affinities with those of South America, specially in the case of certain small mammals, reptiles and birds (22),

The Distance Factor — As the greatest expanse of open ocean to be traversed in a journey across the whole West Indian chain, from Grenada to Cuba, lies between the former island and Trinidad, the subsequent stages of an island to island trip are free from any great obstacle of this kind. The maximum distance between any two islands in the Lesser Antilles is 47-1/2 miles, between Sombrero and Anegada islands.

But the gaps separating the several islands, from Grenada to Sombrero are never wider than 30 miles, leaving aside the outlying island of Barbados. In fact, many of the islands lie in sight of one another.

About 15 miles north of Grenada, a chain of about 100 islands, islets and cays, extends for 60 miles between it and the island of St. Vincent — a veritable bridge thrown across the ocean.

In order to show the facility of covering this 60-mile wide gap by reason of the regular spacing of the several islets of the group we give here a

List of Distances Between Some of (23) the Islands and Islets of the Grenadines

		m.
From	Grenada to Carriacon	15
>	Carriacon to Little Martinique	2
>	Little Martinique to St. Vincent	1/2
>	St. Vincent to Union Island	4
>	Union Island to Mayero	1-4/5
>>	Mayero to Cannouan	3-3/5
>	Cannouan to Petit Cannouan	3-3/5
>	Petit Cannouan to Savan	4

<sup>(21)</sup> See U. S. Hydrographic Office chart No. 1316.

<sup>(22)</sup> Fewkes, op. cit.

<sup>(23)</sup> Compiled from U. S. Hydro. Office chart No. 1640.

From	Savan to Petit Mustique	2
>	Petit Mustique to Mustique	1
>>	Mustique to Baliceau,	3
		1/2
>	Baliceau to Quatre Isle	6-1/2
35	Quatre Isle to Requia	1-1/5

Generally the Grenadines are protected on the windward side by a broad fringe of reefs, and on the leeward side well-sheltered and relatively spacious bays with sandy beaches would offer to primitive sailors fine location for fishing stations. Perhaps a favorable circumstance which invited the early settlement of this group is the fact that the tide seldom rises and falls here as much as ont foot, thus making them of easy access, specially on the western side.

St. Vincent — About five miles to the north of Bequia Island lies St. Vincent — a mountainous, precipitous island — indented by several bays on the leeward side and showing an open coast line on the windward.

The main current within a distance of 5 miles from the coast sets to the northward (24),

The Visibility Factor — Reference has been made above to the visibility of these islands, due to their proximity and their high altitudes.

We wish to emphazise this point as it undoubtedly had an important bearing on prehistoric travels and migrations. With such splendid landmarks as the high peaks of the majority of these islands present to the sailor, the problem of orientation in navigation, during the day-time, was reduced to the minimum (25).

Here follows a list of the principal elevations roughly in order from south to north:

Carriacou       980         St. Vicent       4048         St. Lucia       3145         Martinique       4428         Dominica       4747         Guadeloupe       4868         Monserrat       3002         Antigua       1330         Redonda       1000         Nevis       3596         St. Cristopher       4319         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Groix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122			
Carriacou       980         St. Vicent       4048         St. Lucia       3145         Martiniqua       4428         Dominica       4747         Guadeloupe       4868         Monserrat       3002         Antigua       1330         Redonda       1000         Nevis       3596         St. Cristopher       4319         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Groix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122	Grenada	2749	feet
St. Lucia       3145         Martinique       4428         Dominica       4747         Guadeloupe       4868         Monserrat       3002         Antigua       1330         Redonda       1000         Nevis       3596         St. Cristopher       4319         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Groix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122	a .	980	22
St. Lucia       3145         Martinique       4428         Dominica       4747         Guadeloupe       4868         Monserrat       3002         Antigua       1330         Redonda       1000         Nevis       3596         St. Cristopher       4319         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Groix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122	St. Vicent	4048	22
Martinique       4428         Dominica       4747         Guadeloupe       4868         Monserrat       3002         Antigua       1330         Redonda       1000         Nevis       3596         St. Cristopher       4319         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Groix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122	CI T	3145	"
Dominica       4747         Guadeloupe       4868         Monserrat       3002         Antigua       1330         Redonda       1000         Nevis       3596         St. Cristopher       4319         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Croix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122		4428	99
Guadeloupe       4868         Monserrat       3002         Antigua       1330         Redonda       1000         Nevis       3596         St. Cristopher       4349         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Croix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122		4747	22
Monserrat       3002       "         Antigua       1330       "         Redonda       1000       "         Nevis       3596       "         St. Cristopher       4349       "         St. Custatins       1950       "         Saba       2820       "         St. Croix       1164       "         St. Bartholomew       992       "         St. Martin       1360       "         Tortola       1730       "         Virgen Gorda       1370       "         St. John       122       "		4868	27
Antigua       1330         Redonda       1000         Nevis       3596         St. Cristopher       4319         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Croix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122		3002	11
Redonda       1000         Nevis       3596         St. Cristopher       4319         St. Custatins       4950         Saba       2820         St. Croix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122		1330	22
Nevis       3596         St. Cristopher       4319         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Croix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122		1000	22
St. Cristopher       4319         St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Croix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122		3596	22
St. Custatins       1950         Saba       2820         St. Croix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122			22
Saba       2820         St. Croix       1164         St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122			22
St. Croix       1164       "         St. Bartholomew       992       "         St. Martin       1360       "         Tortola       1730       "         Virgen Gorda       1370       "         St. John       122       "			22
St. Bartholomew       992         St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122			"
St. Martin       1360         Tortola       1730         Virgen Gorda       1370         St. John       122			22
Tortola			22
Virgen Gorda			22
St. John			99
			27
FULU 11100 4400			22
	Porto mico	4400	

<sup>(24)</sup> West India Pilot, vol. 2, p. 176.

<sup>(25)</sup> It is well known that the Caribs were at least able to reckon time by the position of the heavenly bodies (Ferdinand Columbus). They had also discovered some ingenious ways of predicting the weather, direction and strength of the winds, condition of the sea, etc. (Ballet, Compte Rendu, Congr. Int. Am., 1875.)

Although several of these peaks are seldom free fromclouds, they generally show as very prominent and striking landmarks, as for instance, the Pitnos at St Lucia; Mt. Pelee at Martinique which may be seen 45 miles off; Diablotin, at Dominica: Souffriere, at Guadeloupe, which only shows after sunrise during fine weather.

At Antigua the hills are almost always visible. On its southwestern end the hills are so remarkable that they serve as leading marks through the reefs and shores which surround almost the whole island. Souffriere Hill at Monserrat Island may be seen at a distance of almost 45 miles. At Nevis Island, although the highest peak is always clouded, there are several others which are conspicuous objects. The southeastern end of the island of St. Kitts, in spite of the fact that it is much less elevated than other parts of it, has, according to the West India Pilot, some very grearkable hills, "which, as before observed, are extremely useful when navigating the islands, as they are always visible". The summits of the lofty peaks at Saba and St. Eustatius are generally hidden by the clouds; but as Saba rises 2830 ft. perpendicularly from the sea, it is in itself a splendid target, extraordinarily conspicuous. The small islands near St. Bartholomew are also of remarkable appearance. Fourthe or Tive Island — seen from a distance looks like a little group of five islands. At St. Martin Island there are several remarkable elevations: Red Hill, at the west end of the island, is a striking one. The bare rock on the western range of hills, nearly a thousand feet high, resembles a colossal head leaning backward to the southwest (26) when seen from certain points. In clear weather, St. Martin is distinctly seen from Sombrero Island, forty miles away.

As for the Greater Antilles, it should be remarked that the range of visibility of their surfaces is greatest on their eastern sides, with the exception of Haiti. In Porto Rico, the Luquillo Mountains, with their lofty Yunque, are only about 12 miles from the eastern coast.

Haiti is in itself a huge landmark, its highest peaks towering high above the clouds; but an immense number of secondary elevations, visible at great distances from every point of the compass, give to the island an aspect of unsurpassed grandeur. The name "Haiti" is, indeed, a recognition by the aborigines of this fact, as it means in one of their dialects, high land or land of mountains. Close to the northeartern shore, from which quarter we would expect the approaching canoes from Porto Rico, there are two hills of over 2300 ft. elevation. In Jamaica, the lofty Blue Mountains, and in Cuba the Sierra Maestra are also very near to the eastern shores. Turquino peak, in the later, rising to \$400 ft. lies within eight miles from the coast.

Passages between The Greater Antilles — The body of water separating the Lesses Antilles from Porto Rico is known to mariners as Vieques Sound. Generally smooth water is found here. Communication between the outlying islands and Porto Rico is favored by the strong flood current which from Culebra Island sets toward Point East on Vieques Island.

Mona Passage, between the islands of Porto Rico and Haiti, is 61 miles wide. The general trend of the current is to the southwestward. Flood

<sup>(26)</sup> Archaeologists interested in the interpretation of West Indian three-pointed stones, should be particularly interested in this fact, as it has often been suggested that these enigmatical stones may have been intended to represent the ruling spirits of one or several of the islands. The Yunque de Luquillo peak, in Porto Rico, also shows certain anthropomorphic resemblances.

tide near Cape Engaño (Santo Domingo), reache a maximum velocity of 3-1/2 miles per hour, to the southwestward, during nine hours. Floating branches of trees and palm leaves, ejected by the rivers of Porto Rico, during the rainy season, have often been reported passing the channel, until well within the vicinity of Cape Engaño, thus evidencing the existence of the westward current sweeping the north coast of Porto Rico, Haiti and Cuba. Mona Island lies approximately in mid-channel. Within historic times it was muck frequented by the aborigines trafficking between Haiti and Porto Rico. Las Casas states that cassava bread was made there in large quantities.

The Windward Passage, separating Cuba and Haiti, is 45 miles wide. El Yunque de Baracoa peak, in Cuba, is visible 30 miles from the northeast, as when approaching it from Haiti. The currents generally set to the southward in the center of the channel, "coming from the Antilles current on the north coast of Haiti and swinging off to the southward and southeastward around Cape Tiburon (Haiti) joining the counter current from Cuba" (27).

#### Summing up:

- 1) The outpouring of the Orinoco river must have had a decisive influence on the peopling of the Windward Islands from South America.
- 2) Meteorological and oceanological conditions in the vicinity of the Dragon Mouths must have particularly assisted man in his passage from the Continente to the islands.
- 3) These conditions are extend to the water region comprised between the gulf of Paria, eastern coast of Trinidad, the vicinity of Tobago Island and the eastern coast of Trinidad, and may have been the agency of the involuntary transportation of man to the islands of the Windward Group.
  - 4) Well sheltered harbors abound on the lee side of the islands.
- 5) Proximity and visibility would naturally favor progress throughout the whole West Indian chain.
- 6) There have not been found any hydrological obstacles which could not have been overcome by paddle-craft of the primitive type.
- 7) Wind, ocean, and tide currents are also found to be generally favorable factors.
- 8) The islands of the Lesser Antilles, with their generally elevated surfaces, act as a windbreak to the prevailing winds, thus causing on the lee side an extensive area of smooth waters of easy navigation.
- 9) The lee side of the chain is deeper and freer from obstructions than the windward side.

Distribution of the Indian population — With a view to find out whether the conclusions inferred from the physiographic data obtained agrees with the actual distribution of prehistoric peoples the West Indies, an effort has been made to gather such information as may be abstracted from the writings of the early chroniclers and the works of the few archaelogical explorers of this field in regard to the location of Indian villages, and other facts concerning the demography of the Antilles. Unfortunately, information of this sort is defective and scanty, specially in regard to the Lesser Antilles. Both Oviedo and Las Casas treat this subject in a vague and unsatisfactory manner, only making random references to it. Curiously enough the data supplied by archaeology is much more exact.

<sup>(27)</sup> West India Pilot.

Few scientific explorations and excavations of prehistoric sites have been made in the West Indies. The works of Sir Robert Schemburck, A. Gronau and Alphonse Pinart were chiefly concerned with surface "finds" and pictographs (28). A departure from this method was followed by Mr. J. W. Fewkes (29), the well-known American archaelogist who has made some systematic excavations at Porto Rico and Trinidad. The only systematic effort to explore the sub-soil of the several islands, with a view to the scientific study of the relics, of their cultural relations, and the investigation of the problem of migrations in the West Indies has been conducted by the Museum of the American Indian (Heye Foundation), of New York. Its expeditions have covered the field thoroughly: the Bahamas, Cuba, Jamaica, Haiti, Porto Rico, the Virgin Islands Trinidad and Margarita have been investigated, splendid collections gathered, and the results published (30).

From these several sources the following table has been compiled DISTRIBUTION OF VILLAGE-SITES AND SHELL-HEAPS IN THE WEST INDIES

ISLAND												PART OF THE COAST			
			066	IND				N	S	Е	W	INLAND			
Cuba		6	٠								1	1	_	_	1
Jamaica .											9	3	_	_	7
Haiti				•	•	٠					1	14	3	1	5
Porto Rico		۰	•	٠	٠	۰	•				1	6	_	8	8
Virgin Islan	ds		۰		٠	٠					2	1	_	_	
Trinidad.				۰	۰	۰		•				1	1	_	-
Margarita		٠	٠	٠		٠	•	•	•		-	1	_	-	
Tota	als				٠	٠	٠	•	•		14	27	4	9	21

<sup>(28)</sup> Schomburck; Ethnological Researches in Santo Domingo. London, 1851.

Cronau, Amerika, 1892.

Pinart, Notes sur les Petroglyphs et Antiquités des Grandes et Petites Antilles, Paris, 1890,

<sup>(29)</sup> Fewkes, 25th Annual Report, Bureau of American Ethnology, 1907. Certain Archaeological Investigations in Trinidad. American Anthropoligist, 1917.

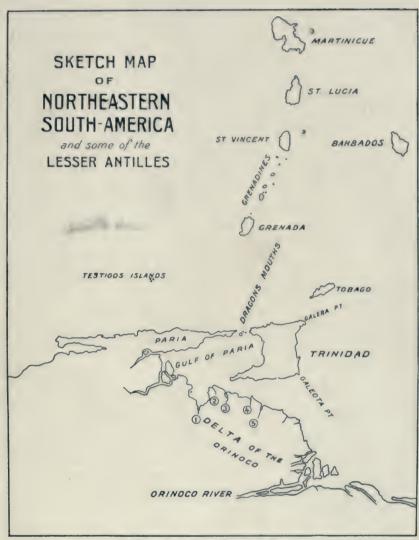
<sup>(30)</sup> Contributions from the Museum of the American Indian (Heye Foundation), New York. See also "Aboriginal Indian Remains in Jamaica", Kingston, 1897. J. E. Duerden.

As will be seen from the above table, out of 75 places formerly occupied by the aborigines, 27, or 36 % of the total were situated on the southern coast of the several islands; 18 % on the north 5-1/3 % on the east, 12 % on the west and 26 % on the interior regions.

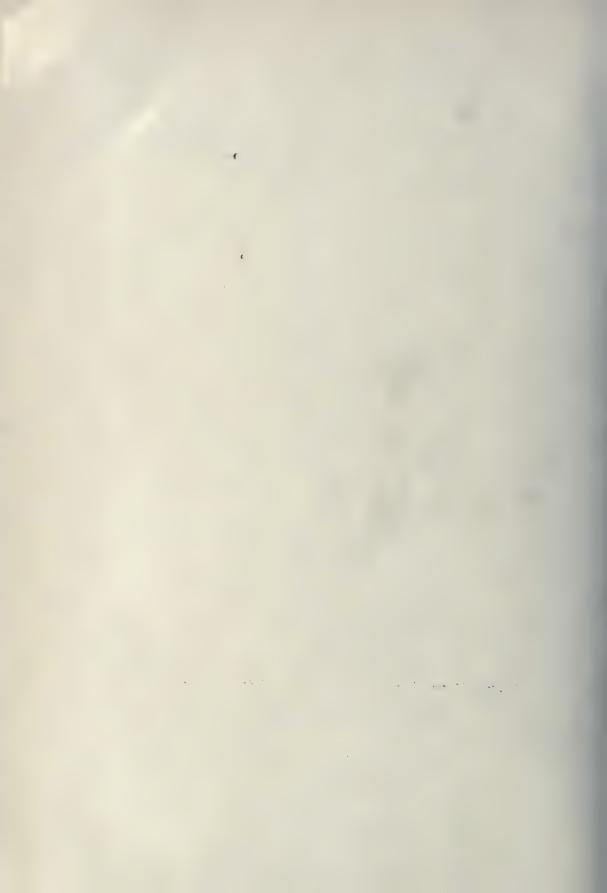
The south coast of the Greater Antilles is more protected than the north from the prevailing winds, a fact which may explain the concentration of population there. The more exposed portion of the coast, the eastern, was the less populated. Whenever the conditions of habitability concurred on any point of the southern coasts — water and food supply, accessibility, defensibility and visibility — the place was occupied by Indian villages or fishing stations. Of course, settlements were principally made on the shores of tranquil bays, bordered by wide sandy beaches or on or near the mouths of rivers.

The psychic effet of a deeply indented coast-line on the culture of man has been shown by archaelogical research, in confirmation of philosophical speculation. In Porto Rico, the finest pottery comes from the shores of the bay of Guayanilla, a beautiful inlet on the south coast; in Santo Domingo, one of the most highly polished specimens of stone work yet found in the West Indies, came from the little bay of Andrés, and one of the most remarkable pieces of sculpture from the American Continent was found near the deep Iguamo river, in the province of Maroris, Santo Domingo. In Costa Rica, the pottery, the gold and jadeite ornaments and the finely carved "metates" from the gulf of Nicoya, and similar works from the bay of San Miguel in Panama, are well-known for their artistic excellence. We may well imagine that in any of these tropical harbors, the abundance of food and the facility of communication fostered sedentary habits, diminished the violence of the struggle for life, increased the amount of leisure and gave opportunities for the improvement of the primitive arts and crafts.

San Juan, Porto Rico, 1921.



MOUTHS OF THE ORINOCO RIVER.
1- Vagre 2-Pedsmales. 3-Cusauna 4-Macarao. 5-Mariusas.



## UM MIRAKITÁ PERNAMBUCANO

POR

### MÁRIO MELO

Passeiando, em certa occasião, na cidade de Flores, de Pernambuco, onde residia, o preparatoriano Sr. Sebastião Dias da Silva, divisou no leito da rua, uma original pedra vêrde. Apanhou-a e guardou-a, pela curiosidade e pela belleza de sua côr. Chamou-lhe a attenção o facto de ser roliça e perfurada em sentido longitudinal. Ignorava que tivesse valor.

Passados annos, o Sr. José Roque Dias da Silva, pae do preparatoriano, refirio-nos o caso. Pedimos nos mostrasse a pedra. Vimo-la e dissemos-lhe que se tratava de adôrno de indio. Seria digna de figurar no museu do Instituto archeologico historico e geographico pernambucano. Immediatamente o precioso objecto nos foi entregue para esse fim. Desde esse momento tivemos desejo de iniciar investigações sobre esse artefacto precolombiano.

Quasi todas as tribus, não só do Brasil como de outras partes da America, cultivavam a pedra vêrde, de que faziam seus ornamentos. Essa uniformidade ritualistica tem servido de argumento para ser attribuída a um ramo unico em toda a America, a origem de todas as nações aborigenes. E a existencia da pedra-vêrde, nephrite, pouco conhecida no Brasil e bastante rara na America do Norte fortificava os argumentos dos que affirmam que o indigena americano descendia do homem da Asia, onde é menos rara a nephrite.

Ladislau Netto, firmando-se em Lubbock, diz que o culto da pedra era observado no antigo continente pelos povos que mais se adeantaram em civilisação. Os árabes adoravam uma pedra prêta até o tempo de Mahomet; os phenicios adoravam uma divindade sob a fórma duma pedra não lascada. O deus Heliogabalo era simplesmente uma pedra prêta de fórma cónica. Os grêgos e romanos veneravam as pedras erguidas sob o nome de Hermes ou Mercurio. Os thespios possuiam uma pedra grosseira que consideravam como a um deus, e os beocios adoravam Hercules sob as mesmas fórmas.

Remonta aos tempos mais longinquos o culto das pedras vêrdes, como adôrno ou amulêto, entre as tribus das duas Americas. Dahi o totemismo, a saber, a crença de parentêsco entre essas tribus, os seus chefes, os seus deuses e as pedras vêrdes usadas como talisman, conforme observa o jesuita C. Torrend.

O signal de autoridade entre os Aztecas mexicanos era um amuleto de pedra vêrde no labio inferior. Quando um chefe morria, collocavam-lhe nos lábios uma pedra vêrde — esmeralda ou turquêsa — para celebração de sua apotheose na elevação á outra vida.

Essas pedras eram tidas como óssos de alguma divindade. O citado jesuita ressalta que na propria Biblia o jade é tido como a mais preciosa das pedras.

Entre os adornos de pedra vêrde, de algumas tribus do Brasil, figuravam em primeiro plano o tembetá — tembé= labio,  $it\acute{a}=$  pedra — pedra de adôrno labial, e o Mirakitá — mira= nação, ki= chefe, ita= pedra, pedra do chefe da nação, segundo Ladislau Netto, ou mira, myra, myra, muira= gente, pôvo, e  $kit\acute{a}=$  botão, nó, caroço — botão de gente, segundo Th. Sampaio. O primeiro podia ser usado por qualquer da tribu, o segundo sómente pelo seu cacique.

O tembetá era indispensavel para as mulheres como ornato para a pudicicia. Convém reproduzir, a esse respeito, uma observação de La Perouse que, em visita a algumas tribus da America do Sul, pedio a algumas mulheres tirassem seu tembetá, com o que se ruborizaram e se mostraram offendidas. As que o satisfizeram lhe deram a impressão de uma européa honesta, surpreendida com o seio descoberto!

A operação vara o uso do batoque ou tembetá é descripta por Claude d'Abbeville:

«Mandam chamar a creança e depois de a avisarem que é para lhe perfurar o labio, esta vem com jubilo e alegria. O guerreiro deputado para aquella operação lhe perfura o labio inferior com um chifre ou um ôsso poteagudo e faz um grande buraco. Se o menino gritar, o que rara-



O Mirakitá encontrado na cidade de Flores, á margem do Rio Pajehú, Pernambuco. Dimensões: 75×33 m/m.

mente acontece, ou derramar uma lágrima pela dôr, dizem que nunca valerá cousa alguma e ficará sempre sendo um cobarde e sem coragem. Pelo contrario, se permanecer firme e constante, fazem os melhores preságios, acreditando que será sempre corajoso e valente guerreiro. Essa dolorosa iniciação se dá sempre entre a idade de 7 a 8 annos.»

O mirakitá como o tembetá são ordinariamente feitos de jade ou nephrite, pedra compacta, de brilho céreo, bellissima côr vêrde muito clara a que os chinezes chamam pedra de Yú ou Yuchi, os mantchus orientaes Gu-wekke, os mogées Kachtchilagum, os hungaros Kach-djilum.

Não foi possivel fazer um exame completo da materia prima do mirakitá que pertence ao Instituto archeologico, porque para isso seria preciso deforma-lo.

A crença geral — não se admittindo que os aborigenes de Pernambuco tenham feito o seu ornato desse «marmore vêrde» que, pelo menos na côr, imitava o das tribus de outros lugares da America, nem tenham trazido da Bahia — é que a materia prima seja Amazonite e haja sido importada do Amazonas.

A respeito dessas pedras amazonenses ha uma versão de Seifried, publicada por Ladislau Netto, que constava da existencia, na Amazonia, de «uma terra vêrde, bastante mole nagua, mas que com a exposição ao ar adquire uma dureza só comparavel á do diamante».

O nosso mirakitá tem o comprimento de sete centimetros em fórma cylindrica de tres centimetros de espessura e é furado ao centro em sentido longitudinal.

Que de trabalho não seria preciso, com os instrumentos rudimentares de que dispunham os selvicolas, para fazer um adôrno semelhante?!

«Ao proprio Martins ouvi dizer—escreve Ladislau Netto—que são ás vezes necessarios tantos annos para o fabrico e perfuração longitudinal destes cylindros que a vida de um só homem não basta a pôr termo a semelhante trabalho; é necessario que o seu herdeiro ou successor conclua a obra começada na juvenilidade e interrompida na velhice pela mão inexoravel da morte. Não será, porém, causa de surpreza semelhante facto ao ponderarmos que si, para obter a confirmação cylindrica desse adôrno, e selvagem dispõe de um grés em que o vae aos poucos adaptando a esta fórma, por meio de progressivo desbastamento, igual lacilidade não se lhe offerece para a abertura do orificio central do mesmo adôrno, no qual e obrigado a recorrer a especialissimo processo cujos principaes instrumentes são uma folha contendo grande abundancia de crystaes de silica, uma porção de areia fina e agua.»

Recife, 3 de agosto de 1922.



## MUYRAKITĀS

VON

### HOFRAT DR. FRANZ HEGER (WIEN)

In der ethnographischen Sammlung des naturhistorischen Staatsmuseums in Wien befinden sich drei kleine durchbohrte Anhängsel aus verschiedenfarbigem Nephrit. Sie tragen dort die Inventar-Nummern 82003, 4 und 5 und gehören zu der grossen ethnographischen Sammlung aus Brasilien, welche ich im Jahre 1907 von der Frau Baronin Amanda LORETO in Rio de Janeiro für dieses Museum erworben habe.

In der Literatur sind diese drei Stücke bereits beschrieben und allerdings sehr mittelmässig abgebildet worden, worüber weiter unten die näheren Nachweise gegeben werden sollen. Ich will diese drei Stücke zuerst an der Hand der beigegebenen Abbildungen genauer bescreiben, als dies bisher geschehen ist. Die Abbildungen sind in naturlicher Grösse wiedergegeben.

I. (Nr. 82003). Ist ein flaches glatt poliertes Anhängsel aus weisslichem Nephrit, der einen Stich ins Grüne hat. Die Abbildung der Vorderseite ist in drei photographischen Aufnahmen under at, a2 und a3 wiedergegeben. Die dunklen Flecken bei a3 sind am Originale nicht vorhanden, diese Aufnahme ist nur darum reproduziert, weil auf ihr die kleine Kerbe am oberen Rande des mittleren wulstfömigen Abschnittes am besten hervortritt. Die zwei verschiedenen Aufnahmen b1 und b2 zeigen die Rückseite dieses Stückes. Man ersieht daraus, dass die Querfurchen, welche den mittleren, vorne und seitlich wulstförmig hervortretenden Abschnitt nach oben und unten bin begrenzen, am Rücken nicht mehr vorhanden sind, so dass sich von oben nach unten eine glatte, nach beiden Seiten schwach gewölbte Fläche herabzieht. Die dunklen Flecken auf der Hinterseite der unteren Halfte des breitesten unteren, fast beilförmigen Abschnittes sind am Originale in From von dunkelbraunen, unregelmässigem, etwas unebenen Figuren vorhanden, die von einer örtlichen Verunreinigung des Gesteines herrühren, c zeigt sodann die eine, d die andere Seitenansicht; bei ersterer Abbildung treten die seitlichen Abschnitte kaum hervor und fehlt auch das verhandene, seitliche Bohrloch, welches, gleichsam subcutan, den Rücken des Stückes etwas über der unteren Einschnürung, quer durchbohrt. Man sieht ganz deutlich, dass diese Durchbohrung von beiden Seiten aus bewerkstelligt wurde. Die Länge (Höhe) des Stückes beträgt 50, die grösste Breite 30 mm.

II. (Nr. 82004). Kleineres, mehr rechteckiges, ziemlich flaches Anhängsel aus hellauchgrünem Nephrit mit einem Stich ins Gelbliche, von 33 mm. Länge (Höbe) und 15 mm. grösster Breite in der Mitte, von gleichmässiger Farbe, ohne Flecken. Dieses Stück zeigt wieder auf der Vorderseite drei, durch tiefere eingeschliffene Furchen von einander getrennte Abschnitte der Höhe nach, wie dies aus den drei Abbildungen der Vorderseite a1, a2 und a3 hervorgeht., Diese Furchen sind jedoch nur auf der Vorderseite vorhanden, während die Rückseite (siehe Abb. b) eben ist und an beiden Seiten nur in der oberen Hälfte sehräg nach hinten geneigte Flä-

chen besitzt. Der oberste Abschnitt zeigt vorne zwei tiefe, etwas divergierende Einschnitte von der oberen Kante nach abwärts, nach welcher Richtung sich dieselben auch verschmälern. Der schmalste mittlere Abschitt ist nach vorne zu etwas herausgewölbt; der breiteste untere Abschnitt ist eben, rechteckig, und zeigt von der Mitte etwas nach links und nach ober gerückt eine schwachhalbmondförmige eingeschliffene Furche, welche ziemlich wagrecht mit der convexen Seite nach unten gestellt ist und deren rechtes Ende (vom Beschauer aus) etwas verkürzt erscheint. Die quere Durchbohrung des Stückes im oberen Teil ist nach hinten gerückt und aus der beiden Seitenansichten c und d ersichtlich. Die schwach rhombisch geformte Grundfläche ist aus Abb. e zu ersehen; auch hier zeigt sich eine in der Nähe der längsten Kante und parallel zu dieser gelegene schwach halmondförmige eingeschliffene Furche.

III. (Nr. 82005). Kleines stumpfpyramidenformiges Anhängsel von 27 mm Höhe und 16 — 18 mm Breite und Dicke, von dunkellanchgrüner Farbe und wie auch die beiden anderen Stücke an den Kanten durchscheinend. Die vordere Fläche a1 und a2 der vierseitigen Pyramide hat ungefähr in der Mitte eine breite eingeschliffene Querfurche, hinter welcher die quere Durchbohrung des Stückes verläuft. Aus den Abbildungen der beiden Seitenflächen b1, b2 sovie c ersieht man, dass der obere Teil diese Stückes durch zwei sehr tief eingeschliffene Querfurchen in drei Teile zerlegt ist, von welchen der mittlere schmal, die beiden äusseren bedeutend breiter sind. Die nicht besonders abgebildete hintere Fläche ist in der aus den vorigen Abbildungen ersichtlichen Weise nach einwärts gekrümmt. Die nahezu quadratische Grundfläche (Abb. d1 und d2) zeigt wieder eine gegen die eine längere Kante gerückte, dieser nahezu parallele eingeschliffene schwach halbmondförmige Furche der ganzen Breite nach.

Diese halbmondfömigen Furchen an den beiden letzteren Stücken sind durchaus nicht zufällig und daher recht auffallend. Sie werden von keinem der früheren Beschreiber besonders angeführt.

Das spezifische Gewicht der drei Stücke wurde im Jahre 1914 durch den gegenwärtigen Direktor der mineralogischen Abteilung des naturhistorischen Staatsmuseums in Wien, Herrn Hofrat Dr. R. Köchlin bestimmt. Dasselbe betrug

```
      von
      I....
      2.957 (absolutes Gewicht 31.0970 gr.);

      von
      II....
      2.976 ( " " 9.1876 gr.);

      von
      III....
      2.970 ( " " 13.3865 gr.);
```

Dieses spezifische Gewicht deutet mit ziemlicher Sicherhreit auf Nephrit hin, da jenes des Jadeites bedeutend höber ist, Eine chemische Untersuchung konnte bei der Kleinheit und vollkommenem Intaktheit aller drei Stücke nicht vorgenommen werden.

Diese drei von allen Autoren als echte Muyrakytãs bezeichneten Stücke sindin natürlicher Grösse auf der beigegebenen Tafel in den Abbilndungen I a—d, II a—e und II a—d dargestellt.

I—wurde bischer abgebildet in dem am Schlusse unten 4) angeführtem Hauptwerke von J. B, Rodrigues auf II des I. Bandes in verschiedenen Stellungen. In der Texterklärung keisst es, dass dieses Stück von apfelgrüner Farbe sei, was nicht ganz richtig ist, ferner dass es in Obidos gefunden wurde und dem Dr. José Paranaguá (dem Bruder der Frau Baronin Loreto, der früher Governeur der Provinz Amazonas gewesen war) gehört. Als spezifisches, Gewicht wird 2.99 angegeben, also auch nicht ganz richtig-

II — findet sich zuerst abgebildet auf Tafel VII, Fig. 10 der unter 5) am Schlusse angegebenen grossen Arbeit von L. Netto. Der Abbildung ist folgende Erklärung beigefügt (in Uebersetzung): "Zoomorphes Amulet aus Nephrit;

257

spez. Gew. 2.96. Baixo Amazonas." Ferner ist es abgebildet in dem Haupttwerke von Rodrigues in Fig. 2 auf Tafel IV des 1. Bandes. In der Erklärung zu dieser Tafel heisst es (in Ubersetzung : "Ist der einzige Mayrakytă, den der Direktor des Nationalmuseums besitzt und den ich das erstemal im Jahre 1882 sah, als er am Markte zu Belém do Pará verkauft wurde. Wir sehen ihn in unseren Archivos do Museu auf Tafel VII unter Fig. 9 und 10 (1) dargestellt. Die Figur wurde auf unserer anthropologischen Austellung lebhaft besprochen. Spez. Gew. 2.96".

III. Befindet sich abgehildet in dem Werke von Rodrigues in Fig. 5 auf Tafel II des I. Bandes. Es heisst dort bei der Tafelerklärung in Ueber zettzung): "Ich kenne die Farbe dieses Muyrakitäs nicht, weil ich ihn nicht gesehen habe, doch ich weiss, dass er in Amazonas durch Dr. José Paranaguá gefunden wurde. Dieser übergab ihn seiner Schwester, der Sra. Amanda Doria 2) für deren Sammlung. Es ist auf Seite 529 des V. Bandes der Archivos do Museu Nacional abgebildet, aber in verkehrter Stellung, Spez. Gewicht 2.97 Dieses Exemplar wurde dem Sr. Lourenço Valente do Couto gezeigt und dieser entschied, dass es in der Nähe von Obidos gefunden sei."

So viel über die drei in Wien befindlichen Muyrakytäs. Iche will nun etwas näher auf die schwierige Frage über Herkunft und Bedeutung dieser Stücke eingehen und versuchen, die allmähliche Lösung derselben anzubahnen.

Der erste Autor, der sich mit diesem Gegenstande eingehend beschäftigte, ist J. Barbosa RODRIGUES in seinen unter 1-3) am Schlusse angeführten Veröffentlichungen. Leider sind mir die unter 1-3) und 2) angeführten Arbeiten bisher nicht direkt zugänglich gewesen: ich kenne sie nur aus der unter 4) angeführten Arbeit von H. Fischer. Ich entnehme derselben die beiden folgenden Stellen; (Seite 10): "Ausser Zweifel steht bei Rodrigues, dass die Muyrakytäs hier (am See Yacicuaruá am Rio Yamundá: und an der Costa do Perú (wie diese Küste des Amazonas hier von der Mündung des Rio Trombetas abwärts heisst) eigentlich allein ursprünglich zu finden seien." Diese Bemerkung von Rodrigues, welche seiner ersten Auffassung über die Verbreitung der Muyrakytäs entspricht, ist insofern wichtig, als sie seiner in seinem Hauptwerke vertretenen Meinung sehr entgegensteht. Ich werde später noch auf diesen Punkt zu sprechen kommen.

Auf Seite 13 seines Aufsatzes sagt H. Fischer noch Folgendes über diese Sache: "Heutzutage, sagt Rodrigues, seien diese Stein-Idole in Brasilien überraus selten geworden. Dass sie aber der Stelle der Küste des Amazonas, welche Costa do Perú heisst, und am unteren Rio Yamundá seitens des Volkstsammes, welchen Orellana Amazonen oder Icamiabas nannte, im Gebrauch waren, ist für Rodrigues vermöge der — wie oben erwähnt — von ihm am See Yacicuaruá gemachten Funde solcher Steinfiguren mitten unter Tonscherben jener alten Bevölkerung ausser Zweifel gesetzt, und dass sie dort nicht bloss getragen, sondern auch fabriciert wurden, das geht für ihn mit Sicherheit daraus hervor, dass er noch kleine Stückehen und Fragmente von der Steinart, woraus sie gefertigt waren, mitten unter den genannten Scherben von Thonwaaren vorfand."

Also auch hier finden wir bei Rodrigues noch die Aufassung, dass diese Mayrakytäs einheimischen Ursprunges seien.

Später hat jedoch Rodrigues in seinem Hauptwerke diese Aufassung gründlich geändert. Er akzeptierte vollständig die seither als vollkommen

<sup>(1)</sup> Unter Fig. 9 und 10 sind dort zwei verschiedene Stücke von verschiedenem spezifischen Gewicht, angeführt. Unser Stück ist Fig. 10.

<sup>(2)</sup> Der nachmaligen Baronin LORETO.

irrig nachgewiesene Lehre H. Fischer's von der Herkunft allen Nephrites und Jadeites aus Asien und im Zusammenhang damit auch die Verbreitung dieser Gesteinsarten und der aus denselben gefertigten Objekte über die ganze Erde durch die Annahme von ausgedehnten Völkerwanderungen. Ohne Jede Kritik und ohne das mindeste Verständnis für die Behandlung von wissenschaftlichen Fragen archaeologischer Natur wird diese Irrlehre bis in ihre letzten Konsequenzen hinein verfolgt, so gewagt die sich daraus ergebenden Folgerungen auch sein mögen. Ich will hier nicht alle die mitunter geradezu grotesken Irrtümer sprachlicher, archaeologischer und ethnographischer Natur aufzählen, welche aus einer derartigen Behandlung des Stoffes resultieren; man kann dies in seinem Werke selbst nachlesen. Das eine kann hier gesagt werden, dass durch ihn die ohnehin schwieriges Muyrakytä-Frage keinerlei Klärung erfahren hat, sondern erst recht verworren wurde.

Viel natürlicher hat sich über das Vorkommen von Nephit und Jadeit in Brasilien schon L. Netto ausgesprochen, indem er im VIII. Kapitel seines am Schlusse unter Nr. 5) angeführten Werkes annimmt, dass diese Gesteine in Brasilien vorkommen müssen, wenn es bisher auch nicht gelungen ist, sie als anstehend nachzuweisen, und jede wie immer geartete Völkermigration und Völkerverbindung bei der Verbreitung derselben ablehnt. Das Vorkommen von typischem Jadeit und daraus gefertigter Objekte ist bisher in Brasilien nicht sicher nachgewiesen. Dagegen kommen solche Gegenstände aus Nephit bestimmt vor und zwar in zwei verschiedenen, ziemlich eng umgrenzten Gebieten.

Ueber letzteren Punkt gibt uns der unter Nr. 7) am Schlusse angeführte Aufsatz von H. von IHERING genauen Aufschuss. Das erste dieser Gebiete liegt im Staate Bahia in der Umgebung von Amargosa und Baytinga. Es wurden hier ausschliesslich Beile von verschiedener Grösse aus Nephrit gefunden, neben bearbeiteten und unbearbeiteten Nephritblöcken, während es bisher noch nicht gelungen ist, dieses Gestein anstehend vorzufinden. Ihering ist geneigt, dieses Vorkommen von Nephritbeilen als eine rein lokale Erscheinung aufzufassen. Anstehend wurde der Nephrit bisher in Brasilien überhaupt noch nicht angetroffen; doch ist es ausser Zweilfel, dass sich bei genaueren Nachforschungen dies wird nachweisen lassen.

Im Anschlusse an die eingans beschriebenen drei Muyrakytās aus der Sammlung Loreto sei hier ein kleines Nephritbeil aus derselben Sammlung von Amargosa unter Nr. IV a und b in natürlicher Grösse zur Abbildung gebracht. (Im Wiener Inventar unter Nr. 82010 eingetragen). Das Beilchen ist von lauchgrüner Farbe mit zahlreichen kleinen weisslichen Flekken. Die Schneide ist ziemlich einseitig zugeschliffen. Nach Köchlin hat dieses Stück ein absolutes Gewicht von 557172 gr., ein spezifisches Gewicht von 2.961. Dazu gehört die Bemerkung: "Hat zwar das spezifische Gewicht des Nephrits, schmilzt aber ziemlich leicht; ist wahrscheinlich ein veränderter Jadeit." Von allen anderen Autoren wurden diese Beile von Amargosa bisher als aus Nephrit bestehend bezeichnet.

Als zweites Gabiet in Brasilien bezeichnet v. Ihering das amazonische. Hier wurden nie derartige Beile gefunden, dagegen jene amuletartige Zierate aus Nephrit, welche man zuerst unter dem Namen Muyrakytã zusammengefasst hat. Die Erklärung dieses Namens hat bisher verschiedene Erklärungen erfahren, welche aber alle nichts sagen. In diesem Gabiete fehlt uns bisher jeder Nachweis über die Herkunft des Rohmateriales, aus dem diese Stücke hergestellt wurden. Nach Rodrigues (Kapiel IV des ersten Bandes) finden sich diese Muyrakytãs hauptsächlich in der Umgebung von Obidos am unteren Amazonas sowie an den Mündungen der Flüsse Yamundá und Trombetas sowie an einigen Seen in der Umgegend.

Er sagt ausdrücklich in Uebersetzung; "Alle Muyrakytås, welche ich besass und noch besitze, welche ich gesehen habe und welche ich mir verschaffen konnte, stammen aus diesen Gegenden."

Daas Resultat meiner bisherigen Nachforschungen über diese interessanten Objekte is daher in negatives. Sch möchte jedoch, um eine Klarung der sich an dieselben knüptenden Fragen vorzubereiten, den Vorschlag machen, mit der Bezeichnung Muyrakytās nur jene kleinen, durchbohrten, häufig zoomorphen Anhängsel aus Nephrit zu bezeichnen, welche in dem oben bezeichneten ziemlich eng umgrenzten Gabiet der Umgebung von Obidos am Amazonas gefunden wurden. Die Herkunft des Materiales, aus dem sie getertigt wurden, ist bisher unbekannt; doch dürfte es aus dem bisher noch unerforschten Gabiet des Oberlaufes der beiden Flüss-Yamundá und Trobetas stammen, welche an den Südabhängen der an der Grenzen von Britisch-Guayana gegen Brasilien sich hieziehenden Sierra Acarahy entspringen. Die Bedeutung deiser Stücke ist ganz unbekannt, ebenso die angeblichen Volksstämme, mit denen ihre Herkunft bisher in Zusammenhang gebracht wurde. Alle anderen, bisher angenommenen Völkerzusammenhänge sind, als volkommen unhaltbar, bestimmt abzuweisen.

Ich bin geneigt, diesen Muyrakytäs nur eine ganz lokale Bedeutung zuzuschreiben, wie den Nefritbeilen von Amargosa und den schon ausserhalb Brasiliens auftretenden rätselhaften Klangplatten aus Nephrit, welche aus Venezuela stammen sollen. Ich fordere daher die südamerikanischen, insbesondere aber die brasilischen Altertumsforcher auf, sich eingehender als bisher mit den Fragen über die Herkunft und Bedeutung dieser interessanten Stücke zu beschäftingen. Möge es ihrem Eifer in abshebarer Zeit gelingen, die Rätsel, welche uns diese Stücke aufgeben, allmählich in befriedigender Weise zur Lösung zu bringen.

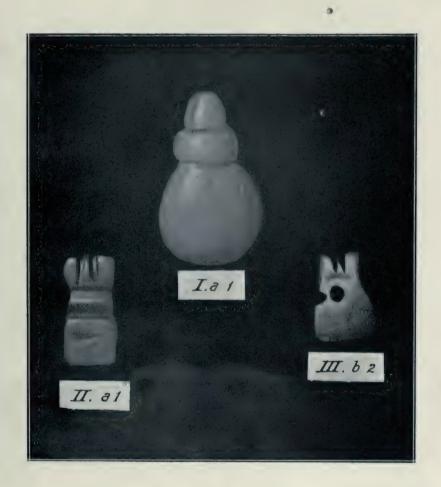
### LITTERATUR

- 1. Exploração e estudo do Valle de Amazonas. Relatorio sobre o Rio Yamundá por João Barbosa RODRIGUES. Em commissão scientifica pelo Governo Imperial. Rio de Janeiro, Typographia Nacional. 1875. 8. (Mit zwei geographischen Kartenskizzen und drei Tafeln Abbildungen, wovon die eine geschnitzte Stein-Idole, die zweite Steinbeile und die dritte verzierte Tonscherben darstellt).
- 2. Antiguidades do Amazonas, por J. B. RODRIGUES. Im ersten Hefte der Voröffentlichung: Ensaios de sciencia por diversos amadores. Rio de Janeiro, 1876, 8°, pgs. 93-125, mit 10 Tafeln Abbildungen.
- 3. O Muyrykytã e os idolos symbolicos. Estudo de origen asiatica da civilização do Amazonas nos tempos prehistoricos. Por J. Barbosa RO-DRIGUES. Segunda edição muito augmentada. 2 vols. Rio de Janeiro, 1899.
- 4. Dr. Ladislau NETTO: Investigações sobre a archeologia brasileira. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Volume VI, 1885, pgs. 257-544, Consagrado á Exposição Anthropologica Brasileira, realizada no Museu Nacional, 21 de Julho de 1882. Rio de Janeiro 1885.
- 5. L. NETTO: De la néphrite et de la jadeite chez les indigènes américains. In der Situnzg vom 4. Oktober 1888 des Internationalen Amerikanisten-Kongresses zu Berlin, Verhandlungen S. 205 ffe.
- 6. H. FISCHER: Ueber die Herkunft der sogenannten Amazonensteine, sowie über das fabelhafte Amazonenvolk selbst. Archiv für Anthropologie, Band XII, (880), S. 7 28 Mit einer Tafel.

- 7. H. von IHERING: Ueber das natürliche Vorkommen von Nephrit in Brasilien. Verhandlungen des XIV. Internat. Amerikanisten-Kongresses zu Stuttgart, 1904, S. 507 515.
- 8. Henrich FISCHER: Nephrit und Jadeit. Erste Auflage 1875. Zweite durch Zusätze und ein alphabetisches Sachregister vermehrte Ausgabe. Stuttgart 1880. Erschien unter dem vollen Titel: Nephrit und Jadeit nach ihren mineralogischen Eigenschaften sowie nach ihrer urgeschichtlichen und ethnographischen Bedeutung Einführung der Mineralogie in das Studium der Archaelogie. Mit 131 Holzschnitten und 2 chromolithographischen Tafeln.

(Das Hauptwerk Fischer's über diesen Gegenstand).

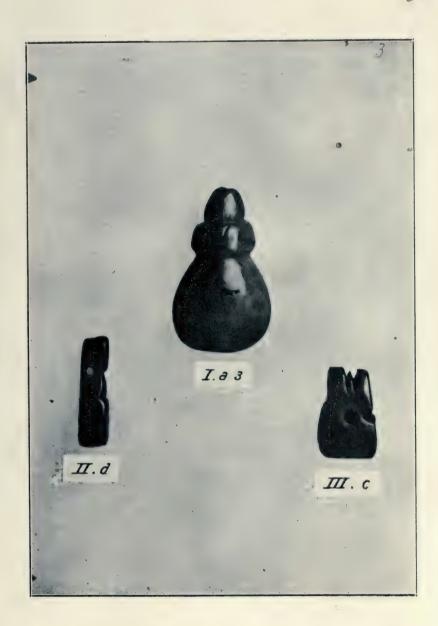
- 9. H. FISCHER: Die Mineralogie als Hilfswissenschaft für Archäologie, Ethnographie u. s. w., mit specieller Berücksichtigung mexikanischer Skulpturen. Archiv für Anthropologie. Zehnten Band, 1875.
  - 1. Seiten 177 214. Mit Tafeln VI, VII und VIII.
  - II. Seiten 345 357.
- 10. H. FISCHER: Mineralogisch-archäologische Studien. Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien. Band VIII, 1879, Seiten 8—61 (datiert November 1877) und 148 183. Mit vier Tafeln.

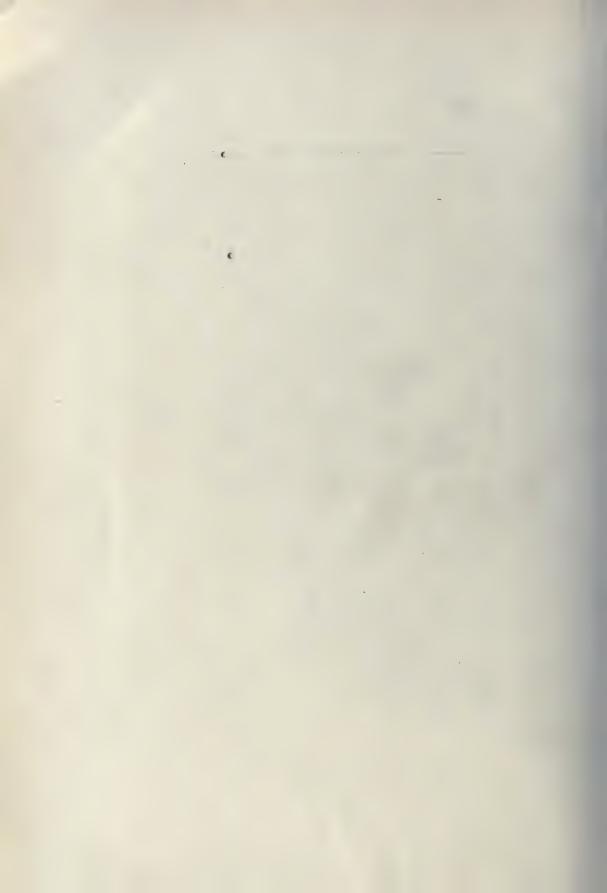








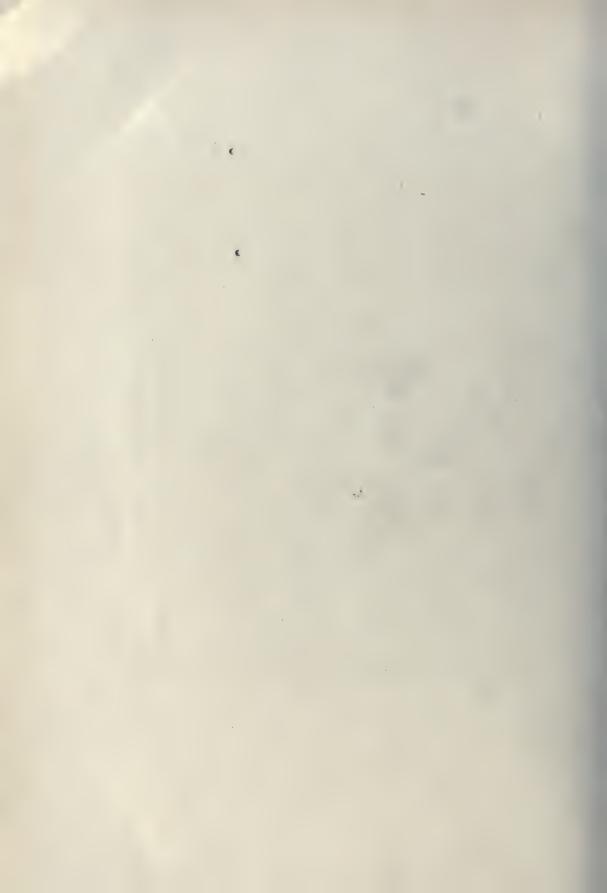


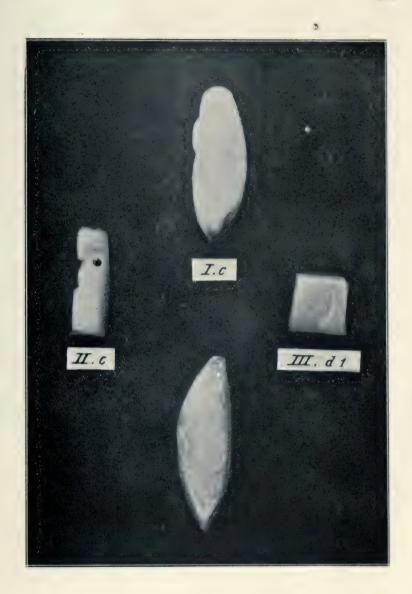






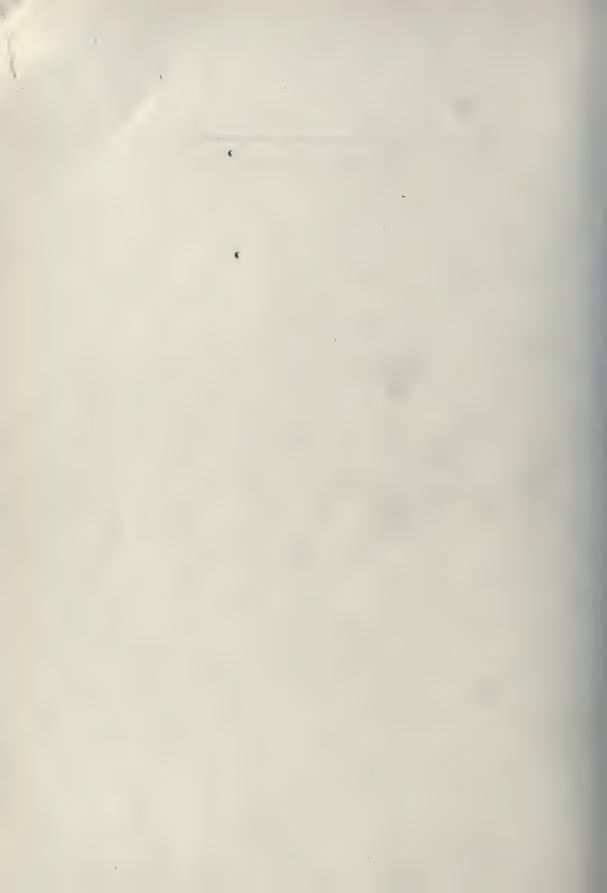












# CONDIÇÕES EXIGIDAS A UMA BOA THEORIA DO TOTEMISMO

(NOTAS SOBRE A GENERALIDADE E A RELATIVIDADE EM SOCIOLOGIA)

PELO

## DR. PONTES DE MIRANDA

As sciencias progridem no sentido de maior generalidade. Einstein sobrepõe-se a Newton, que representa para os seus antecessores gráo apreciavel de desenvolvimento e de generalização. A sociologia tem de progredir (e até hoje não aconteceu outra coisa pelo descobrimento de constancias dos phenomenos sociaes, isto é, de leis. E a sua meta é encontrar os principios mais geraes que sejam possiveis. O que hoje se contradiz, como, antes da recente theoria da relatividade, occorria na physica, póde coexistir na sciencia, mercê de nova descoberta de uma lei que synthetize.

Passemos a ver como, na investigação sociologica, se attende ao principio da relatividade, e quanto as explicações ganham em generalidade á medida que se confirmam e accentuam. Trata-se de simples exemplo. De 1791 até hoje não têm cessado os apparecimentos de theorias referentes ao totemismo, que é o phenomeno que tomamos para exemplificar. J. Long criou a do individualismo totemico que, mais tarde, encontrou novas fórmas, como a de A. Fletcher, a de Hill Tout, a de Hose e Mac Dougall. Vem, no começo do seculo XIX, a de Thavenet (familial, psychologica, utilitaria . Mac Lennan e Herbert Spencer perseveram na subordinação do totemismo ao culto dos animaes (theoria zoolatrica de Mac Lennan), como fórma posterior ao culto dos antepassados (theoria ancestrolatrica de Spencer). Para Max Müller, o totem é signal, depois nome, em terceiro logar, nome de antepassado do clan, finalmente objecto de culto (theoria emblematico-heraldica). Vêm depois outras: a ephemerista-nominalista de Lord Avebury (John Lubbeck), a nominalista de A. Lang, a sacrificial de Robertson Smith, a ancestrolatrica reincarnacionista de Wilken, a da primeira phase de Frazer (alma exteriorizada), a heraldista de Keane, e outras. Não ha negar a continua abrangencia de maior numero de factos, a maior generalidade. O apparecimento da theoria matrimonial de Boas, em 1916, deve ser considerado por méro recuo que não modifica o curso do pensamento scientífico. Como a resuscitar a de Max-Müller, pensam Pikler e Somló (1), criadores da

<sup>(1)</sup> Julius Pikler und Felix Somló, Der Ursprung des Totemismus, Berlin, 1900, pags. 7 e 8. Na exposição, que vae seguir, não mencionamos as theorias ou conclusões méramente conjecturaes; seria demasiado para os limites, necessariamente estreitos, deste capitulo. F. B. Jevons, por exemplo, attribue a domesticação dos animaes ao costume, que tinham os

theoria pictographica, que o homem primitivo, desejoso de desenhar o grupo, só o poderia conseguir com a reproducção de objecto, e este havia de ser, principalmente, o animal ou a planta, mais facilmente desenhaveis. Em Wilken, Wundt e outros ha compromissos, como em N. W. Thomas, Van Gennep e nos demais; é possivel reviver, mas não se podem mlais reproduzir integralmente, as concepções já vencidas. E' exemplo disto W. H. R. Rivers, com a sua nova these reincarnacionista, (2) que de certo modo se ajusta ás observações de Wilken e de Hose e Mac Dougall. O que mais admira é que se pretenda attribuir effeitos totaes ao que é apenas aspecto, como faz Durkhein em relação á religião, e, quanto ao lado economico, e até digamos alimentar, Haddon, Loisy e John R. Swanton. Dentro da propria theoria economica ha differencas, gradações: E. Reutershiöld representa a major generalidade; a necessidade de civilização (Kulturbedurfnis), é razão profundissima para o laço entre o clan e o totem. (3) De certo, não será a priori que se construirá a theoria, ou, pelo menos, não será com dois ou tres factos dispersos. A tentativa de S. Freud, o sabio inventor do methodo da psychanalyse, pertence a este numero. E' possivel que algo se tenha passado á guisa do que elle diz, mas é inverificavel o que affirma: não se trata de lei scientifica, que é o verdadeiro resultado desejado pelas sciencias, mas de interpretação da historia, o que a isto não equivale e será constantemente rectificavel: para o sabio austriaco, na vida individual póde dar-se retorno infantil, que corresponda ao totemismo, com os phenomenos de zoophobia e identificação entre criança e animal. Este é o campo das suas investigações e dellas conclue que o totemismo é, segundo o criterio psychanalytico, explicavel e claro; combina os dados da theoria de Lang e Atkinson sobre a formação dos grupos primitivos, a partir da hora patriarcal (?), com os factos neuropathicos de zoophobia e animalismo psychico e com a theoria sacrificial de Robertson Smith. (4) A theoria póde parecer phan-

povos totemicos, de conservar em captividade o animal (Introduction to the history of religion, London, 1896, p.gs. 120-121), o que foi contestado por L. Marillier La place du totémisme dans l'évolution religieuse, na Revue de l'histoire des religions, vol. XXXVI, pag. 365 e seguintes. Não satisfeitos com a procura conjectural de causas do totemismo, entenderam enveredar pela attribuição de effeitos ao phenomeno totemico.

<sup>(2)</sup> W. H. R. Rivers, The history of melanesian society, Cambridge, 1914, vol. I, pags. 343 e 359.

<sup>(3)</sup> E. Reuterskiöld, Till frågan om uppkomsten af sakramentala måltider, med särskild hänsyn till totemismen, Upsala, 1908. Em alemão, — Die Entstehung der Speisesakramente, Heidelberg, 1912, pags. 88–89. O caracter do totemismo é, de certo, a primeira questão religiosa, que nos depara a historia universal (Josef Köhler, no volume Allgemeine Rechtsgeschichte, em Die Kultur der Gegenwart, hrsg. von Paul Hinneberg, Berlin, 1914, pag. 5); e não é com o pensamento de hoje que ha de resolver-se, salvo se conseguirmos impôr a nós mesmos assombrosa objectividade sociologica. O jurista allemão explica a escolha dos animaes como variavel nos motivos, ora a parecença, ora o trato com certos animaes, e assim por deante; reputa natural, isto é, justificavel e comprehensivel, o totemismo porque a concepção devia ser a do homem parte da natureza. A utilidade não deve servir para o caracterizar, porque, não raro, o totemismo protege o totem, e não o homem. Mas, convenhamos, ainda ahi não desapparece a utilidade, que póde ser indirecta.

<sup>(4)</sup> Sigm. Freud, Totem und Tabu, einige Uebereinstimmungen im Seelenleben des Wilden und der Neurotiker, Leipzing und Wien, 1913, paginas 101-110, 123-132.

tastica, mas offerece a vantagem de estabelecer unidade até então não suspeitada entre séries de phenomenos antes considerados como independentes. Pensamos que os dados de psychologia individual possam ser uteis, pois que a ontogonia reproduz a phylogonia: mas Freud não parou pahi, foi além, e a engenhosa exposição que fez é cheia de phantasia: onde devia limitar-se a procurar dados comprobatorios ou, quando muito, auxiliares, considerou-os constructivos. E' o que veremes adeante.

Para James Frazer, autor da theoria concepcionista do totemismo, em que, ainda recentemente, insiste, é o totem classe de objectos naturaes, as mais das vezes especie animal ou vegetal, com a qual se identifica o selvagem, a crêr que elle e todos os membros do clan são, para fins praticos, cangurús, ratos, etc. A chave do mysterio seria ministrada pela crença australiana relativa ao nascimento e á reincarnação. Em condições favoraveis, póde transformar-se em culto dos antepassados e este em pantheon de typo organizado. (5) A theoria de Frazer foi miudamente criticada por Goldenweiser (6) e outros censores surgiram, como W. Heape, (7), para quem, se os grupos ou individuos crêem em lucina sine concubitu, estaria nisto crença magico-religiosa, ou superstição, fundada, não em falsa interpretação dos factos reaes, mas em a priori; seria impio discutir; todavia, em verdade, elles conheciam a relação verdadeira entre o acto sexual e a fecundação. Para Goldenweiser, totemismo é socialização especifica de certos valores emocionaes: os totens, como as crenças, ceremonias, representações artisticas, etc., que os acompanham, socializam-se ne interior das unidades sociaes. A socialização especifica de qualquer crença ou acto é verdadeiramente processo psychologico no espirito dos individuos, que constituem a unidade social; durante o periodo de formação do complexo genetico, tal processo deve effectuar-se no decurso de certo tempo (algumas gerações), mas em communidade totemica desenvolvida, póde ser curto o tempo necessario para a socialização de novos elementos totemicos. (8) As idéas de Swanton não precisam ser lembradas, (9) talvez sirvam apenas para o totemismo americano (socioinstitucional).

#### FACTO RELIGIOSO E FACTO SOCIAL

Aquella actuação do tempo vae ser notada por E. Durkhein, ao versar o mesmo problema, porém, é á sociedade que attribue toda a influencia (isto é, digamos em linguagem mathematica, não á quantidade differente do mesmo elemento, mas ao mundo «espaço-tempo» ou complexo, o que, aliás, elle deturpou): o reino social é reino natural, que sómente differe

<sup>(5)</sup> James G. Frazer, *The belief in immortality*, London, 1913. vol. I, pags. 95 e 115. Veja a critica de algumas pseudo-theorias scientíficas, relativas ao totemismo, em Wilfredo Pareto, *Traité de sociologie générale*, Paris, 1917, vol. I, pags. 390 e seguintes.

<sup>(6)</sup> A. A. GOLDENWEISER, Methods and principles, review of J. G. Frazer's Totemism and Exogamy, em Current anthropological literature, Lancaster, Pa., 1913, vol. II, pags. 199-212.

<sup>(7)</sup> WALTER HEAPE, Sex antagonism, London, 1913, pags. 181-184.

<sup>(8)</sup> A. A. GOLDENWEISER, Exogamy and totemism defined; a Rejoinder, em American anthropologist, 1911, vol. XIII, pags. 595-596.

<sup>(9)</sup> J. R. SWANTON, The social and the emotional element in totemism, em Anthropos, 1914, pags. 289-299.

dos outros pela complexidade; a sociedade é realidade especifica, faz parte da natureza, possue tudo quanto é preciso para despertar nos espiritos. sómente pela acção que sobre elles exerce, a sensação do divino. (10) No conceito do totemismo, não podemos acompanha-lo, pois que a reducção a phenomeno religioso como que absorve o dado social, que nos apresentam as manifestações totemicas. A theoria nominalista e a emblematica, para as quaez seria o totem nome ou emblema, e seguidas, uma por Herbert Spencer e Andrew Lang (segunda phase), e outra por Diodoro de Sicilia, Max Müller e A. H. Keane, (11) são estreitas e artificiosas. Não restringem, como a de Durkheim, que a priori admitte a identidade do social e do religioso (o que mostraremos ser absurdo no capitulo referente á materia social), — deformam o real. A theoria de Lang procura traco geral. — attribuição do nome pelos pequenos grupos locaes uns aos outros: recebem-no, e surgem então os credos totemicos; (12) o que podia ter nascido de injuria talvez constitúa, no interior do grupo, orgulho e honra, signal de cohesão collectiva. Ora, tal explicação é da phase anterior ao phenomeno totemico, de modo que não fere de frente o problema sociologico. A vantagem que apresenta é a de esclarecer com effeito de contacto com outros factos, a coloração religiosa de certos casos de totemismo. Não devem colher plena acceitação theorias, como a economica, a psychologica, a biologica, a novi-naturista do padre Schmidt, que são aspectos do phenomeno e não recomposição scientifica do proprio phenomeno. Poder-se-ia com igual credito criar a mecanicista, a « impressionista» e outras.

#### THEORIAS MAIS GERAES

A localista, que distribue os totens segundo os animaes ou vegetaes que localmente predominam, não póde lograr inteiro apoio. Quem sabe se, na origem, havia nos lugares sagrados (13) o mesmo predominio ou appreximação dos animaes escolhidos? Procuram os sitios onde não ha perigo para elles. As theorias mais geraes, como a de E. Westermarck ou o de Richard Karutz, (14) são mais interessantes, por isto mesmo que são relativas, isto é, deixam lugar para os phenomenos especiaes como o totemismo. Para Dussaud, o principio da vida é que interessa (theoria novitalista): a humanidade imaginou diversos systemas, como o tote-

<sup>(10)</sup> ÉMILE DURKHEIM, Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totemique en Australie, Paris, 1912, pags. 25, 297 e 297, Cf. as criticas de Sidney Hartland, Ritual and belief, studies in the history of religion, London, 1914, pags. 124-128; e de Alfred Loisy, Sociologie et religion, na Revue d'histoire et de littérature religieuses, 1913, pags. 45-76. K. Vold, Naturdyrheelse (totemismus) i de gammelsemitis, Religioner, Kristiania, 1904, tem o totemismo como fórma pela qual o homem primitivo procura representar a divindade, de modo que os deuses são anteriores aos totens.

<sup>(11)</sup> A. H. KEANE, Ethnology, Cambridge, 1896, pag. 11.

<sup>(12)</sup> ANDREW LANG, Theorie of the origin of exogamy and totemism; no Folk lore, 1913, pag. 165.

<sup>(13)</sup> Arnold Van Gennep, L'état actuel du problème totémique, Paris, 1920, pag. 8.

<sup>(14)</sup> RICHARD KARUTZ, Der Emanismus, ein Vorschlag zur ethnologischen Terminologie, na Zeitschrift für Ethnologie, 1913, vol. XLV, paginas 546-611.

mico e o egypcio. (15 São esforços para conciliar os dados esparsos e discordantes, esforços que, partidos de pontos diversos, sómente podem ter bom exito se enunciarem o principio da relatividade; quer dizer, se adoptarem posição tal que permitta verificar a mesma fórma para as leis sociaes concernentes a esses factos, como, para as leis physicas, proclamou Lorentz. E` a Saintyres que vem caber a missão de combinar as duas fórmulas, — signamismo magico-religioso e totênismo territorial: o mana é, para elle, a doutrina das forças cosmicas diffusas no universo e personificadas, para os primitivos, nos elementos, nos animaes, plantas e mineraes, e no homem (16).

#### TENTATIVA DE REUTERSKIGLD

Não se cortenta com isto Reuterskiöld: funde as quatro principaes explicações (psychologica, dynamista, utilitaria e localista); para elle, se se quer comprehender como se formou o totemismo, é preciso considerar-se a relação de identidade entre as especie animal e o clan humano (ambos têm o mesmo nome); pouco importa que lhe viesse de fóra, ou não, a designação totemica, — é o proprio clan que deve ter-se sentido tal. se percebida pelos estrangeiros a identidade. (17) São os animaes que concorrem para o homem primitivo com a maior parte das coisas que lhe são uteis (dentes, ossos, chifres, pelles, com que fazem armas, instrumentos e cabana. Comprehende-se o interesse que inspirava tão immediato valor da vida material. E o Kulturbringer, (18) o que traz a cultura, a civilização (concepção mais vasta que a utilitaria, alimentar, de Haldon). Thurnwald intenta combinar la theoria de Lang e Atkinson sobre a horda patriarchal primitiva e a theoria corcepcional de Frazer. 19 E assim tambem Torres, (20) que se propôz fundir as idéas de Frazer,

<sup>(15)</sup> RENÉ DUSSAUD, Introduction à l'histoire des religions, Paris, 1914, pag. 29, «... c'est parce que les espèces animales, et accessoirement les espèces végétales, sont considérées comme possedant une vitalité, une puissance supérieures, et, par le fait de la perpétuité de l'espèce, indestructible, que les hommes répartis en clans se les sont données comme totem » (pag. 22); «car, dans le totémisme un fait est acquis, duquel on peut partir, c'est qu'un même principe de vie circule dans le clan et dans l'espèce-totem » (pag. 21).

<sup>(16)</sup> P. Saintyves, La force magique; du mana des primitifs au dynamisme scientifique, Paris, 1914, pag. 47: « une sorte d'activité universelle, on de vie cosmique, de nature mystérieuse; cette énergie diffuse dans l'univers est particulièrement manifesté dans les éléments; on peut d'ailleurs considérer ces dernièrs comme des états plus ou moins condensées de la force magique ou mana ».

<sup>(17)</sup> EDGARD REUTERSKIÖLD, Till fragan om uppkomsten af sakramentala mältider, med särskild hansyn till totemismen. Upsala, 1908. Em allemão. — Die Entstehung der Speisesakramente, Heidelberg, 1912, pag. 86.

<sup>(18)</sup> E. Reuterskiöld, Die Entstehung der Speisesakramente, Heidelberg, 1912, pag. 89.

<sup>(19</sup> RICHARD THURMALD, Das Rechtsleben der Eingeborenen der deutschen Südseeinseln, seine geistigen und wirtschaftlichen Grundlagen, Berlin, 1910, pags. 18-29; Ermittlungen öber Eingeboren nrechte des Südsee, na Zeitschrift für vergleichende Rechtswissenschaft, 1901, vol. XXIII, paginas 328-330.

<sup>(20</sup> L. M. Torres, El totemismo, su origen, significado, efectos y superviviencias, nos Anales del Museo Nacional de Buenos Aires, 1911, pag. 550.

las de Lang e a theoria pictographica dos hungaros Pikler e Somló, tambem chamada materialista, que via na necessidade de designar o grupo (forçosamente por animaes ou plantas, pois que seria mais facil) a primeira phase do totemismo, vindo depois a da confusão entre o signal e o grupo. E' esta, como bem notou Lang (21), nova feição dada á theoria emblematica de Max Müller. Se bem analysarmos os trabalhos executados e as proprias elaborações theoricas, veremos que ainda ha muito por fundir e conciliar. E o problema é mais complexo do que parece, poste que não seja impossível a fórmula que o simplifique, por isto mesmo que se sobreponha a todas, como mais geral e mais profunda.

# CONDIÇÕES PARA A THEORIA SCIENTIFICA

A localização dos differentes grupos totemicos, - facto que, por si só, decidiu de tantas theorias, - passa a ser estudada mais scientificamente: depende de differenças perceptiveis de clima, sólo, fauna e flora. Os grupos trocam o superfluo e a ceremonia de «intichiuma» vem tornar licito o uso do objecto com o intuito de melhora economica. (22) O que não se póde negar é a necessidade de abranger todo o phenomeno social, de caracterizar os grupos e de procurar theoria que abranja as convicções parciaes (digamos assim), como, mediante nova theoria, concernente ao calculo differencial absoluto, Einstein escreveu a lei de gravitação sob a fórma de equações differenciaes satisfeitas por certos censores. Em trabalho de Felix Somló, publicado nas Memorias do Instituto de Sociologia Solvay, (23) encontramos tentativa neste sentido (puramente restricta aos australianos); ha estreita relação entre os diversos systemas totemicos australianos e a base economica da vida social: a organização totemica regulariza o movimento dos bens no interior de cada tribu ou entre tribus. Mas a verdadeira theoria ha de attender: á universalidade do phenomeno, que póde não ser o totemismo; aos factores localista, alimentar, economico, religioso, ancestral, etc. O conjuncto de condições que concorrem para a differenciação, excluido o homem, deve ser tratado como physico, porque de facto o são ellas, e o proprio homem rigorosamente não o deixa de ser. Aliás, entre os proprios factores ha certa interdependencia, que quasi os confunde; o rito de multiplicação que, apparentemente, só é facto magico, no essencial é economico.

### FREUD, THURNWALD E HEAPE

O elemento psychologico, que Freud pretendeu estudar, não é de somenos importancia; em todo o caso, particularizou-o demais o sabio austriaco: a horda primitiva patriarchal, com exclusão dos demais varões; a morte do chefe pelos filhos adultos, o facto de o comer para assimilar a força delle (communhão ceremonial); a commemoração da libertação dos jovens varões, com o devoramento de outro homem, substituido, mais tarde, por animal, sem que a ceremonia perca o valor sacrificial, com o sentimento do remorso suscitado pelo parricidio (e ahi

<sup>(21)</sup> Andrew Lang, The secret of the totem, London, 1905, pags. 117-119.

<sup>(22)</sup> FRITZ GRAEBNER, Die sozialen Systeme in der Südsee, na Zeitschrift für Sozialwissenchaft, 1909, pags. 6-8.

<sup>(23)</sup> F. Somlo, Der Güterverkerk in der Urgesellschaft, Brüssell 1909, pags. 15-16 (quanto aos australianos).

intervem a lei da psychanalyse; ambivalencia de cada complexo emocional); a culpabilidade commum, a religião fundada sobre a consciencia do remorso, (24) todos esses dados são interpretativos e não devemos pretender a explicação in minimis de phenomenos tão remotos. Sou mais inclinado a crêr que podia ter sido assim em certos lugares e noutros não. Não é differente a sorte da theoria formulada por Thurnwald, (25) que pretendeu attingir o substrato real do totemismo. As condições locaes, como a importancia dos animaes e das plantas para a alimentação, não são, para elle, causas primeiras do totemismo, mas relativas ou, como prefere dizer, coincidencias externas. Vae procurar aquellas causas na Disposition, que permitte o nascimento e desenvolvimento do tetemismo. G que as produz são a procriação e a concepção. A preferencia pelos animaes e plantas explica-se pelo chamarem mais attenção que os outros objectos. Na essencia, trata-se de theoria sociolegica dos primitivos; o totemismo é a concepção das condições de existencia dos homens em relação á natureza. (26) A explicação de W. Heape, que considera a exogamia invenção masculina (impulso instinctivo para o maximo de goso sexual, favorecido pela estraneidade e desfavorecido pelo parentesco. tem o totemismo por invenção feminina (no acto sexual o que mais importa á mulher é a maternidade). As duas theorias denunciam a necessidade de levar em conta o elemento economico e o elemento biologico: nenhuma dellas tem a verdade inteira. Um facto social é producto de elementos, e não de dois ou tres.

#### CRITICA AS THEORIAS

Demais cumpre não identificar num só phenomeno, posto que duplo, a exogamia e o totemismo. A posição que toma sir Herbert Risley é mais scientifica; os indigenas australianos são homens atrophiados e degenerados; a India deve ser mais instructiva, porque, em vez de homens primitivos, nos dá usos primitivos, de modo que o totemismo se explicaria como fórma da exogamia. Melhor ainda: assim como o phenomeno particular chamado totemismo póde ser exclarecido pela lei geral da exogamia, tambem o póde ser esta, como applicação particular da lei, ainda mais geral, da selecção natural. (27) Não nos parece que haja perfeita causasalidade entre a exogamia e o tetemismo, mas o que não ha negar é o interesse em ver com melhores olhos o problema: reconhece-se a existencia de leis mais geraes, de maneira que se apontam como relativos aquelles phenomenos. Hewitt como que retráe a formação de theorias,—é o procedimento mais aconselhavel pela prudencia; Goldenweiser recorre a solução que reputa a mais geral possivel, (28) mas o que consegue é

<sup>(24)</sup> Sigm. Freud, Totem und Tabu, Leipzig und Wien, 1913, paginas 131-134.

<sup>(25)</sup> RICHARD THUKWALD, Die Denkart als Wurzel des Totemismus, Sitzungsberichte der XLHen Versammlung der Deutschen Antropologischen Gesellschaft, in Heilbronn, 1941, pags. 119-125.

<sup>(26)</sup> RICHARD THURNWALD, Die Denkart als Wurzel des Totemismus, Heilbronn, 1911, pag. 124.

<sup>(27</sup> SIR HERBERT RISLEY, The people of India, second edition, Calcutta and London, 1915, pags. 105-109.

<sup>(28)</sup> J. N. B. Hewitt, Totem, no Handbook of the American indians, Washington, 1910, vol. II, pags. 787-794. A. A. Goldenweiser, The origin of totemism, no American anthropologist, 1912, pags. 600-607.

simples ensaio para suggerir o mecanismo dos processos totemicos: reconhece que ha parte de verdade em Hill Tout (totemismo derivado dos espiritos—guardiões), em Haddon (utilitarismo alimentar e commercial), em Frazer (crença na concepção sine concubitu) e em Lang (nominalismo); o defeito de taes theorias é o exclusivismo. Mais acertada foi a observação de Thurnwald relativa á necessidade de ambiencia favoravel; e Goldenweiser refefe-se ao complexo totemico, pela socialização de caracteres (donde chamar-se patern theory), no interior dos clans e pela imitação entre estes. Faz lembrar a theoria da convergencia de Paul Ehrenreich, segundo a qual phenomenos heterogeneos e independentes tendem a homogeneizar-se, o que devemos aceitar como applicação particular da « lei geral de adaptação ». Encontramo-la na biologia e, como zoologo e biologista, comprehende-se que houvesse occorrido a Ehrenreich.

Está ahi o posto em que se acham as pesquizas e construcções concernentes ao totemismo. Os traços geraes de evolução da theoria são os mesmos operados na physica com a dilatação do principio de relatividade, de Newton a Einstein.

No meu SYSTEMA DE SCIENCIA POSITIVA DO DIREITO, versei as questões da discontinuidade da materia, da relatividade e do valor geral, estatistico, das leis scientificas. Não proclamamos a victoria dos finitistas ou empiristas contra os idealistas, dos pragmatistas contra os cantorianos. Apenas affirmamos que é discontinua a materia e discontinuo é o proprio tempo. Mas isto não quer dizer que havemos de prescrever a noção de continuidade e em todos os casos preferir-lhe a de discontinuo, de partivel, de plural. Entre as leis individuaes, correspondentes ao multiplo, ao fragmentario, e as leis de grandes numeros, relativas aos equilibrios estatisticos, não ha a incompatibilidade que se apregôa. Os beneficios do calculo das probabilidades não desacreditam o calculo differencial e integral, com que, analyticamente, se traduz o continuo: apenas lhe traça limites e aviva marcos entre a discontinuidade e a apparente continuidade, que tão nitidamente co-existem no painel do universo. A hora é de Boltzmann, mas seria absurdo refugar o que fizeram Lagrange e os demais.

A materia social é tambem discontinua. Bastaria a irreductibilidade pessoal dos individuos para a fazer discreta e espedaçada. Mas ha outros elementos que lhe aggravam a discontinuidade, sem que se apaguem os traços geraes, o continuo cognoscivel, que podemos exprimir, como leis, sob a fórma de calculos differenciaes. O geral do systema é o que lhe dá o caracter de systema. O atomo, a molecula, o animal, o grupo social existem, como degráos, porque ha algo de permanente, de igual, de uno, de geral, a despeito das inevitaveis discontinuidades individuaes. O proprio tempo local, relativo a determinado systema, é, para elle, a feição geral, o uno, o continuo apparente, que a sciencia conseguiu distinguir e estudar. Não nos admiremos de que algum dia se estude o tempo do electron ou do atomo.

Por agora o que nos interessa é o tempo social ou, mais amplamente, o geral de cada grupo ou circulo.

Este geral differe do de outros circulos e, assim, confirma a discontinuidade, e nos dá o uno de cada systema, o que reforça a noção de continuidade. O mesmo facto comprova o monismo e o pluralismo, o mundo cantoriano e o do mosaico, disjunctivo e multiplo.

Os phenomenos sociaes devem ser estudados como productos dos meios e não indepedentemente; na analyse do « meio totemico » é que se poderá encontrar a explicação do totemismo, a explicação causal, scientífica. Quando se nota, na passagem do systema terrestre para o do éther, a mudança dos

cixos x e t (os de y e z permanecem com a mesma expressão), o processo (Lorentz) que se tem para abranger os varios casos é obter outro systema em que a nova quantidade só diffira de t por certo factor (tempo local), salvo se recorrermos ao systema x, y, z, t, tetradimensional de Minkowski, (29 ou á concepção da relatividade geral einsteiniana. A analogia é expressiva.

A mesma posição deventos tomar deante dos problemas anthroposociolegicos; analysar os elementos constitutivos do meio. Não é a raça que suscita o totemismo e a exogamia; ha populações totemicas, a despeito da diversidade anthropologica. Se pudermos elidir successivamente o que é constante, ficar-nos-á o que é variavel. O conceite global do que varia darnos-á a solução scientifica, perfeitamente geral.

Os circulos sociaes impõem condições essenciaes, tanto mais expressivas, na sua actuação, quanto mais independentes timas das outras. O individuo figura em varios systemas, como se fossem muitos: ás variações correspondem, nelle, outras tantas modalidades moraes, economicas, juridicas e até de costumes e de erenças. O mesmo homem desempenha, na familia, a missão de membro (pae, filho, parente)), a sua funcção individual, a de individualidade ou cidadão do Estado federado ou provincia, a nacional, a continental, a humana. No entanto, a differença qualitativa é resultante de actos, vontades e effeitos de cohesão, no interior, e repulsão, no exterior. A familia é outro exemplo. (30: E exemplos são todas as criações e todos os phenomenos da vida social.

Mas a relatividade não é apenas producto de differença que existe entre o conteúdo dos circulos sociaes. E' uma relatividade (digamos assim) em todos os sentidos. Basta pensar nos valores com que se tecem as organizações sociaes; o divino, o moral, o justo, o bello, são sempre relativos. Religião, moral, direito e arte são criterios interiores de valorização, systemas de avaliação ou aferição dos factos, sentidos especiaes das respectivas ordens de syntheses psychicas. Exigem certa harmonia e empiricamente se desenvolvem por uma especie de percepção de accordo, de conveniencia, de certeza. Bom senso, senso logico, consciencia juridica, senso pratico, esthetico, juridico, tacto e gosto, sympathia, etc., são palavras vagas e indeterminadas pelas quaes metaphysicamente se pretendem denominar phenomenos psychologicos ainda insufficientemente estudados. (31) Recta razão, natureza, razão natural, conformidade com a natureza, vontade divina, vontade geral, a conveniencia de que fallava Burlamaqui, a justiça absoluta de Le Mercier de la Rivière, etc., não são de outro estofo. Simples eschemas de sentimento e razão, que servem á constituição de «valores». Aqui o que nos importa é saber que procuramos pontos fixos, afim de interpretar a realidade, que é assás relativa. Nos proprios systemas absolutistas (como o da vontade divina) parte-se do a priori, para que não ihes escape o fio dos factos e seja possivel o systema de valores que possa traduzir, ainda que mal, a ordem social e, simultaneamente servir-lhe. Nas circumstancias taes ou taes, os actos podem ser hons ou máos; e a bondade póde ser comparativa, porque a acto bom é possível ser bom para dois

<sup>(29)</sup> H. Minkowski, Raum und Zeit, Leipzig. 1909, pag. 1 e seguintes, passim. A. Pflüger. Die Einsteinsche Relativitätstheorie, Bonn, 1910, pagina 15.

<sup>(30)</sup> GEORG SIMMEL, Soziologie, Leipzig, 1908, pag. 722.

<sup>(31)</sup> Por exemplo — Fr. Paulhan, La perception de la synthèse psychique, na Revue philosophique, Paris, 1921, pag. 27 e seguintes.

interesses e assim por diante, até a noção do acto melhor, que é o favoravel a todos os interesses. Na vida diaria será facilmente encontrado o acto justo, associado ao mais justo, que é o de que derivam majores consequencias bôas. Ser moral é praticar o que, em dadas condições e em relação aos interesses presentes, produz o maior bem. (32) Assim, os «valores» constituem relação em que a consciencia não é o factor unico. Para que surja a moral, é preciso que já exista a personalidade, a que deve corresponder conhecimento especifico. (33) Mas isto não quer dizer senão que houve evolução nas relações dos seres de que resultou evolução do conhecimento. Aijás, a liberdade e a causalidade não são noções incompativeis, como iá dissemos, noutro logar, leis physicas e ente livre não se oppõem, e foi o que, com muita precisão, escreveu um dos maiores philosophos norteamericanos: de certo não podemos introduzir na sciencia o indeterminismo. mas negar a compalibilidade das leis naturaes e da liberdade é cahir no sophisma de particularidade exclusiva, «fallacy of exclusive particularity», que exclue a todas as outras relações (ou attributos) e apenas conserva uma: e o pluralismo (parcial, dizemos nós) de universo tambem se manifesta nas accões humanas: (34) somos determinados pelas leis do mundo.

## PLANO DE EXPOSIÇÃO

A evolução e a intervenção do eu tornam-se mais comprehensiveis. desde que saibamos que certa parte da energia se gasta inutilmente, ao mesmo tempo que ha certo crescimento nas variações qualitativas, com propriedades novas e mais altas. O principio da conservação da energia e o de Carnot-Clausius sómente se conciliam, se recorrermos a explicações que correspondam ao que é, na philosophia, o quantitativismo: a quantitatividade diminue, porque a qualitatividade cresce e a irreversibilidade traduz a constancia das duas mudanças (evolução). O mundo que conhecemos não é coisa que permanece, mas que se segue. Que maior condição para o tornar integralmente relativo?

<sup>(32)</sup> R. B. Perry, Present philosophical tendencies, New-York, 1912, pags. 334 e 335.

<sup>(33)</sup> E. G. SPAULDING, The new rationalism, New-York, 1918, pag. 506.

<sup>(34)</sup> R. B. PERRY, Present philosophical tendencies, New-York, 1912, pags. 341-344.

# LA CRONOLOGIA NÀHOA

(SIGNIFICACIÓN ASTRONÓMICA DEL NÚMERO 13)

POR

# M. O. DE MENDIZABAL

Jefe del Departamiento de Etnografía Aborigen, del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología

La manifestación espiritual más selecta entre los aborígenes americanos, fué, sin duda alguna, la religiosa contemplación de los cuerpos celestes, elevado símbolo de los dioses; y la observación perseverante y metódica de los fenómenos que producen sus movimientos aparentes o reales; superior actividad de la inteligencia que los llevó, de la concepción abstracta del tiempo, a la función concreta de su cómputo.

Tocó a los pueblos de filiación náhoa particularmente al que conocemos con el nombre de tolteca, la gloria de alcanzar con sus sistemas calendáricos la exactitud máxima en su época, no superada aún por nuestro siglo.

Antes de entrar en materia, reconstruyamos hipotéticamente la evolución de su cronología, que por estar indeclinablemente subordinada al desarrollo de la ciencia astronómica, tuvo que haberse verificado necesariamente en el transcurso de muchos siglos.

Las periódicas alternativas de luz y sombra sobre la tierra, hicieron nacer la primera idea cronológica, la encantadora leyenda de los amores de "Cipactonal", el día con "Oxomoco", la noche, que tuvieron por fruto al tiempo. Probablemente en los albores de su vida civilizada, computaron el tiempo relacionando el día astronómico con las lunaciones, sistema elemental seguido todavía por algunas tribus primitivas americanas. El cómputo anual requirió necesariamente observaciones más dilatadas y completas, y fué logrado mediante el conocimiento de los movimientos del sol entre los solsticios y los equinoccios, a los que llamaron "Nahui-Ollin" (cuatro movimientos). No tenemos datos para suponer que dieran importancia cronológica a la posición del zodíaco con referencia a la Tierra, aunque sabemos positivamente que conocieron varias de sus constelaciones.

El cómputo anual, con sus correcciones para armonizar el calendario civil con el astronómico, indudablemente usado por los náhoas desde época muy remota, fué básico en la cronología aborígen por la misma importancia sideral del sol y por ser representativo del numen primordial indiscutible de la teogonía; pero sus subdivisiones y combinaciones cíclicas, constituyeron, seguramente, el orígen o la resultante de la pugna mítica y astronómica, verdadera batalla milenaria, librada por los sacerdocios de los dioses rivales, "Tezcatlipoca" y "Quetzalcóatl".

En tal virtud, el sacerdocio de "Tezcatlipoca" observó profunda y perseverantemente el curso celeste de la luna, puesto que el satélite de la Tierra era representación sideral de ese numen; determinó sus cuatro movimientos con relación a los equinoccios "Nahui-Ollin" lunar, "Ollin-Meztli" y combinó seguramente las lunaciones como divisiones del año; tal nos permite conjeturar el hecho de que en la lengua "náhuatl", meztli significa a la vez mes y luna, pués aún cuando Mendiota dize que esta excepción de la palabra meztli se refería exclusivamente al mes del calendario juliano, tal aseveración carece de lógica, puesto que los españoles no llamaban luna a su mes. Probablemente llegaron a hacer correcciones intercalares a su calendario lunar para armonizarlo con el solar aún cuando no tenemos datos para asegurarlo a pesar de los esfuerzos que los investigadores han hecho para conseguirlo.

Entretanto, el sacerdocio de "Quetzalcóatl" seguía atentamente los movimientos del planeta Venus, coordinaba sus diversos movimientos con los movimientos aparentes del sol, llegando a la maravillosa concepción de los calendarios cíclicos que legó a nuestra admiración.

El año 5097 de la Era Indígena, según "Ixtlilxochitl", (700 de la Era Cristiana) en ocasión del pricipio del cuarto sol o edad cosmogónica "Tlaltenatiuh", se reunió en "Tollan" una gran asemblea de sabios, para tratar de los diversos sucesos y del movimiento de los cielos acaecidos desde el principio del mundo, como resultado de la cual se reformó el Calendario. El sistema cronológico implantado por la junta de sabios toltecas, fué sin duda alguna el que los españoles encontraron vigente entre las naciones de origen náhoa, y entre aquellas que habían sido incluidas por su poderosa cultura. ¿ Fué en esta memorable asamblea cuando el sistema mensual lunar cayó en desgracia? ¿ Fué en alguna de las juntas anteriores a las que vagamente se refiere la historia? Difícil és saberlo, pero si existió ese sistema en la cronología náhoa, ninguna ocasión tiene más probablidades de haber servido para desecharlo que la magna junta de "Tollan", pués ella inicía, puede decirse, la época de esplendor del culto de la estrella Venus, representación sideral de "Quetzalcóatl", rival eterno através de las edades cosmogónicas, de la Luna, representación astronómica de "Tezcatlipoca". De toda suerte los movimientos de la luna no intervienen para nada en el sistema cronológico que estableció la referida asamblea, como lo demostraré claramente en el curso del presente estudio.

El ingenioso pictógrama cronológico que conocemos con el nombre de "Tonalámatl" (papel de los días) o "Cemilhuitlapohualiztli" (cuenta de las fiestas o días rituales), servía a los sacerdotes náhoas, como lo indica su nombre, para normar las festividades religiosas. Consta de 20 signos: 1°, "cipactli"; 2°, "ehécatl"; 3°, "calli"; 4°, "cuetzpallin"; 5°, "cóhuatl"; 6°, "miquiztli"; 7°, "mázatl"; 8°, "tochtli"; 9°, "atl"; 10, "itzcuintli"; 11, "ozomatl"; 12, "malinalli"; 13, "ácatl"; 14, "océlotl"; 15, "cuahutli"; 16, "cozcacuahutli"; 17, "ollin"; 18, "técpatl"; 19, "quiáhuitl"; y 20, "xóchlitl"; estos 20 signos, repetidos en el orden indicado trece veces, van afectados por un numeral de la serie del uno al trece que se repite consecutivamente 20 veces, dando por resultado los 160 ideógramas diferentes puesto que cada signo es afectado una sola vez por cada numeral. Estos ideógramas van agrupados en series de trece, en atención al numeral que los afecta constituyendo las 20 divisiones trecenales características del "Tonalámatl". Cada signo con su numeral respectivo representa un día del calendario ritual, que iniciando su cómputo con el primer signo "cipactli", afectado por el primer numeral uno, que corresponde al primer día, terminaba al cabo de los 260, con el último signo "xóchitl" afectado por el último numeral trece. Este cómputo se repetía sin interrupción ni variante 73 veces durante una gavilla o ciclo menor náhoa, que tenía una duración de 52 años civiles.

El calendario civil no era en realidad otro calendario, sinó un ingenioso cómputo especial, verificado sobre el mismo "Tonalámatl", por medio del cual se obtenía la medida del año civil de 365 días. Si en el calendario ritual el "Tonalámatl", se consideraba dividido en atención a las series de numerales del 1 al 13 que afectaban los signos, obteniéndose los simbólicos períodos trecenales, para el calendario civil se tomaban en consideración los signos mismos, constituyendo las series de 20 signos divisiones a la manera de nuestros meses, denominados según la fiesta principal o la característica del tiempo que comprendían. Como 18 de estos meses solo abarcaban 360 días, los cinco complementarios se computaben, fuera de los meses, con el nombre de "nemonteni" (inútiles). Tomando por ejemplo el primer año de una gavilla o ciclo menor indígena, en el que comenzaban juntamente los cómputos ritual y civil, con el signo del primer día "cipactli" afectado por el numeral una todos los meses de ese año, primero de la cuenta, correrán de "cipactli" a "xóchitl" en el orden que tenemos indicado; las trece primeras veintenas de signos o meses, corresponderán al primer curso del "Tonalámatl", los cinco meses restantes corresponderán a las primeras cinco veintenas de signos del segundo curso del "Tonalámatl", y los días complementarios "nemonteni" a los cinco primeros signos de la sexta veintena, esto és: a los signos "cipactli", "ehecátl", "calli", "cuetzpallin" y "cóhuatl". El segundo año de la gavilla, como tendrá que ajustar su desarrollo al curso inmutable del "Tonalámatl", no comenzará con el signo "cipactli", sinó con el signo siguiente al que sirvió de final al anterior, esto és, con "miquiztli" y los 20 signos de los meses correrán entonces de "miquiztli" a "cóhuatl". correspondiéndole como signos para los días "nemonteni", los cinco días siguientes de la veintena, esto és, "Miquiztli" "mázatl", "tochtli", "atl" e "itzcuintli"; en el tercer año los meses correrán en consecuencia de "ozomatli", a itzcuintli" y los "nemonteni" serán "ozomatli", "malinalli", "ácatl", "océlotl" y "cuahutli"; en el cuarto se desarrollarán de "cozeacuahutli" a "cuahutli", con los signos "cozcacuahutli", "ollin", "técpatl". "quiáhuitl" y "xéchitl" como días "nemonteni", por lo cual, siendo "xóchitl" el último signo de la veintena, el quinto año volverá a iniciarse por "Cipactli", repitiéndose en series de cuatro años esta especial distribuición de signos en los meses, determinada por la computación de los cinco días "nemonteni"; pero como estos signos de los días van afectados por un numeral de la serie del 1 al 13, resultará que todos los 52 años de la gavilla variarán ó por el signo ó por el numeral, constituyendo 52 calendarios diferentes producidos por el cómputo del año civil subordinado al curso inalterable del "Tonalámatl".

Cada uno de estos años de la serie de cuatro, diferentes por la disposición de los signos, era representado a su vez por los signos "Tochtli", "ácatl", "técpatl" y "Calli" repitiéndose trece veces en el curso de la gavilla; pero como iban afectados igualmente por un numeral de la serie del uno al trece repetida cuatro veces, cada uno de los 52 años tenía su ideógrama y su nombre diferente.

Hemos visto que al finalizar la gavilla o ciclo menor náhoa, los 260 días del calendario ritual habían transcurrido 73 veces consecutivas, sin variante ninguna, en tanto que los 365 días del cómputo anual civil habían producido 52 calendarios diversos; ambos calendarios iniciaban su cuenta con el signo "Cipactli", afectado por el numeral uno de la serie y terminaban en ferfecta armonía con el signo "Xóchitl", afectado por el último numeral de la serie 13, es decir, ambos calendarios tenían concordancia cíclica al final de cada ciclo menor. No era esta, no obstante su importancia calendárica, la concordancia cíclica más importante, como veremos a su debido tiempo. Al fin de cada gavilla o ciclo menor, los náhoas de-

jaban de computar 13 días, con objeto de armonizar su calendario civit con el astronómico; transcurridos los cuales iniciaban su cuenta de la nueva gavilla de manera exactamente igual a la gavilla anterior; ambas gavillas formaban un "huehuetiliztli" (duración vieja), ciclo de 104 años, sagrado entre los aborígenes. La unión de los gavillas para formar un "huehuetiliztli" llamábanla "toxuihmolpia" (ligadura de nuestros años). A un "huehuetihztli" sucedía en idéntica forma otro "huehuetiliztli"; cuatro constituían una edad de 416 años, ciclo por excelencia en el que se verificaban todas las concordancias calendáricas y astronómicas; a una edad sucedía otra edad, y así indefinidamente en el transcurso de los tiempos.

Ahora bien, en la composición del "Tonalámatl" entran 20 signos que se repiten 13 veces, y 13 numerales que se repiten 20 veces, haciendo un total de 260 ideógramas diferentes; el cómputo del año civil, verificado sobre el mismo calendario ritual, aporta tres factores numéricos diferentes: 365, número de los días; 18, número de los meses; y 5, número de los días "nemonteni"; en el ciclo menor indígena figuran como elementos numéricos 52, duración del ciclo en años civiles y 73, número de años rituales que transcurren en una gavilla. Los 73 años rituales transcurren consecutivamente sin nombre especial y sin dar origen a divisiones, pero los 52 años civiles van agrupados en cuatro "tlalpillis" de trece años cada uno y cada uno de los años como ya hemos dicho tiene un nombre y un signo derivado de los cuatro signos de los años afectados por un numeral de la serie del uno al trece.

Resumiendo, tenemos como elementos numéricos en el calendario de una gavilla o ciclo menor, tanto ritual como civil, los siguientes números: 20, 13 y 260, del "Tonalámatl"; 18, 5 y 365, del cómputo anual civil; 73, del ciclo menor del "Tonalámatl"; 4, 13 y 452, del ciclo menor del cómputo civil. El 18 y el 5, son resultado, absolutamente aritmético de la división de 365, número de los días, entre 20, número de los signos de los días, y 365, es la duración en días del año civil; 73 años rituales, y 52 años civiles, son números que tienen orígen cíclico, pués al cabo de ellos coinciden los dos cómputos. Réstannos en consecuencia, los números 20, 4, 13 y 260, como elementos misteriosos fundamentales de la cronología Náhoa. Investiguemos su origen.

Se ha supuesto que los veinte signos del "Ionalámatl" se derivan de la división en veinte constel aciones del zodíaco náhoa. Este supuesto no tiene seria documentación en qué apoyarse, y solamente tendría probabilidad de ser fundado, si los signos se refiriesen a veinte períodos que comprendieran en conjunto los trescientos sesenta y cinco días del año, pudiéndose relacionarlos en consecuencia a la posición de la tierra con referencia a veinte zonas del zodíaco, pero representando días como en el Calendario ritual e períodos mayores que el año, como veremos en el curso de este estudio, el supuesto carece de lógica.

Don Alfredo Chavero opina, con razón en mi concepto, que los veinte signos de los días se reducían originalmente a cuatro fundamentales, dispuestos en la forma siguiente:

```
"Acatl"
             "técpatl"
                         "calli"
                                      "tochtli"
                                                  "ácatl"
"Técnatl"
             "calli"
                         "tochtli"
                                      "ácafl" -
                                                  "técpatl"
"Calli"
             "tochtli"
                         "ácatl"
                                      "técpatl"
                                                  "calli"
            "ácatl"
"Tochtli"
                         "técpatl"
                                      "calli"
                                                  "tochtli"
```

Supone Chavero que, para evitar confusiones, dejaron su primitivo nombre a los días iniciales de los períodos de cinco días, sustituyendo los demás por signos diferentes, aúnque con el mismo significado simbólico. Conforme a esta hipótesis, no es yá el origen de la utilización del

20 el que tenemos que buscar, sinó el del 4 y del 5; ello está más en armonía con el espíritu del sistema de numeración náhoa, dado que el 4, número de extremidades humanas y el 5 número de dedos de cada extremidad son elementos básicos en él. Podemos asentar desde luego que la utilización de los números como elementos fundamentales de una cronología por su sola importancia numérica, así sea básica como en el presente caso, no es admisible, o lo es de un modo restringido, como multiplicador, por ejemplo, de un número que tenga algún significado profundo, mítico o astronómico, para obtener otro número de la misma entidad.

Que significación, aparte de su importancia numérica, pudo tener el número 4 en el concepto aborígen? La contestación es bien sencilla; casi todos los cronistas, historiadores y arqueólogos, están de acuerdo en ello: 4 era el número de dioses primordiales: "Tonacatecutli", "Tonacacíhuatl", "Tetzcatlipoca" y "Quetzalcóatl"; 4 son los cuerpos celestes que los representaban, y de cuyos movimientos y situaciones dedujeron su cronología: el Sol, la Tierra, la Luna y Venus; cuatro las edades cosmogónicas en que consideraban dividida la vida del mundo: "Tletonatiuh" (edad del fuego, edad del Sol); "Tlaltonatiuh" (edad de la Tierra); "Atonatiuh" (edad del agua, edad de la Luna); y "Ehecatonatiuh" (edad del aire, edad de Venus); y 4 eran igualmente los elementos universales fuego, tierra, agua y aire. El Sol era representado por sus quatro movimientos aparentes en el ideógrama "Nahui-ollin" (cuatro movimientos u "Ollintonatiuh"); la luna solía ser representada igualmente por un ideógrama análogo "Ollinmeztli"; los movimientos del sol producían y daban nombre a las cuatro estaciones del año; cuatro eran los puntos cardinales derivados por los náhoas de los movimientos del sol, y todas estas ideas, de tan diversa índole y de tan vario alcance, eran representadas por ideógramas, análogos en lo sustancial, a los signos de los 4 años y a los de los 4 días iniciales de los períodos de 5, que poderíamos llamar la semana indígena. Esto nos demuestra que el número 4 no fué tomado como elemento exclusivamente numérico en las combinaciones calendáricas; su origen es teogónico, cosmogónico y astronómico además de básico en la numeración. Pasemos al número 5.

Partiendo del supuesto erróneo que ha servido de base, hasta la fecha, a los investigadores, de que el "Tonalámatl" fué ideado para medir por motivos rituales o míticos, 260 días del año, y aceptando como buenas las múltiples razones que hemos dado para la utilización del número 4 como elemento básico en la cronología, tendríamos que explicarnos la utilización del número 5, como exclusivamente aritmético, para obtener la sucesiva multiplicación del 4 por 5 y por 13, el resultado 260, días del "Tonalámatl"; pero para encontrar lógico el sistema precisaría explicar el origen del número 13 y la significación del 260.

Se ha intentado referir el 13 a un concepto cosmogónico, puesto que 13 es el número de los cielos que figuran en la primera página del Códice Vaticano; pero ni los intérpretes están de acuerdo en este número, por la misteriosa dualidad del "Omeyocan" (lugar dos o dos lugares), ni el concepto indígena fué uniforme en este particular, puesto que hay tradiciones que consignan 11 cielos. Los cronistas primitivos discrepan igualmente, pues si 13 cuenta Fray Bernardino, 12 cuentan Sahagún y Torquemada, y 9 Muñoz Camargo. No es posible, en vista del flagrante desacuerdo, suponer base de la cronología el número de cielos.

Otros autores piensan, con Sigüenza y Góngora, que el 13 tuvo orígen en el número de dioses principales, pero como hemos dicho ya (y esto tiene múltiples corroboraciones en los códices) 4 fueron los númenes primordiales en la teogonía náhoa, siendo necesario tomar en cuenta, en el supuesto de que el 13 se refiera al número de divinidades, númenes secun-

darios, cuyo número e importancia varió en los diversos pueblos y en las distintas épocas, en tanto que el sistema cronológico, en lo esencial, permanecía inmutable. Además las 9 divinidades llamadas acompañados de la noche, que patrocinan sucesivamente los signos del "Tonalámatl", hacen caer por tierra totalmente esta hipótesis, pues sirviendo como sirven de elemento cíclico celendárico no es posible atribuir idéntico orígen a dos números diversos, que colaborarán a las concordancias finales de los calendarios; pero aun cuando esto fuera posible no debemos considerar factor, calendárico fundamental, un número variable de dioses, máxime cuando es ya hipótesis, no tiene comprobación en las pinturas indígenas.

Se ha pretendido igualmente atribuir al misterioso trece orígen astronómico, con relación a los movimientos de la luna. Boturini asienta que los indígenas dividian las lunaciones en dos partes: una, llamada desvelo, cuando la luna alumbrada de noche, y otra llamada sueño, cuando era visible de día en el cielo, cada uno de cuyos períodos duraban 13 días; Gama amplia y aclara el mismo concepto, diciendo que las trecenas representan los movimientos diarios de la luna, desde que aparecía después de la conjunción, hasta poco después del plenilunio, a cuyo intérvalo, en el que se le ve de noche en el cielo, llamaban "Ixtozoliztli"; y desde que comenzaba a desaparecer de noche hasta cerca de la conjunción, en que se puede ver de día, era llamado "cochiliztli", porque suponían que entonces dormía de noche. Orozco y Berra no solamente acepta como buena esta hipótesis, diciendo que 13 es la mitad del tiempo que la luna se ve a la simple vista durante una lunación, sin contar los días en que se oculta poco ante y poco después de la conjunción; hace más, sobre la idea de que las trecenas del "Ilonalámatl" tienen relación con los movimientos de la luna, elabora su cíclo de 2.360 días, multiplicando 260 días del calendario ritual, por 9, probablemente los acompañados de la noche, obteniendo como resultado 2.340 a los que agrega 20 días, esto es, la serie de 20 signos, con los que resulta un total de 2.360 que equivalen, con poca diferencia, a 80 lunaciones. Pero el señor Orozco y Berra, a pesar de esta combinación cíclica tan arbitraria y tan forzada, no llega a ninguna concordancia calendárica.

Chavero, por el contrario, rechaza la hipótesis en cuestión, y demuestra victoriosamente que la leyenda del desvelo y del sueño de la luna, es análoga a la del sol, que en el concepto aborígen iba a iluminar a los muertos por las noches, refiriéndose en consecuencia al movimiento de la luna en 24 horas.

La tendencia, absolutamente errónea, de atribuir al número 13 relación con los movimientos de la luna, tiene orígen, aparte, en la necesidad imperiosa de explicar su utilización, en el hecho asentado por Gama, de que los indígenas llamaban también "Mextlapohualli" (cuenta de la luna) al "Tonalámatl". Esto no nos debe causar extrañeza, pues es fácil comprender que la mayoría de los indígenas vivían en una ignorancia tan absoluta de los secretos de la ciencia y de los misterios de la teogonía náhoa como los mismos españoles; caso normal entre las multitudes de todas las teocracias, cuyo sacerdocio está vitalmente interesado en conservar, en el vedado de los templos, el esoterismo de las religiones. Aun el sacerdocio de los pueblos de orígen náhoa, con quienes tuvieron contacto los españoles, ignorarían seguramente muchos de los antecedentes astronómicos y teogónicos de una cronología que recibieron, elaborada ya, como herencia de los toltecas; pero si los conocieron en su totalidad, reservaron avaramente su secreto.

El orígen del número 13 no tiene relación con las lunaciones, porque es inadmisible un sistema calendárico que va absolutamente en desacuerdo con el fenómeno del que tuvo orígen como sucederia en nuestro caso, puesto

que el cómputo de las trecenas del "Tonalámatl" era sucesivo e invariable en tanto que los períodos de 13 días que se han querido vincular con las lunaciones se sucederian uno a otro con un intérvalo de 1 día, 18 horas y 22 minutos, es decir, con una diferencia de 3 días, 12 horas y 44 minutos por cada lunación, cosa inaceptable, máxime, cuando no tenemos noticia, ni por los cronistas, ni por los múltiples y variados documentos cronológicos que poseemos, de que existiera una correctión para armonizar el "Tonalámatl" con los movimientos de la luna como la tenemos con referencia a las correcciones del año civil para armonizarlo con el astronómico.

Yo creo firmemente, sin embargo, aún cuando la destrucción de las pinturas indígenas nos haya privado, quizás, de la posibilidad de comprobarlo, que los náhoas, profundos astrónomos, conocían los movimientos de la luna con tanta o mayor perfección que los de los demás cuerpos celestes, puesto que los fenómenos que produce, por más cortos, son de más fácil observación; probablemente habrian tomado nota del cíclo de 19 años, al cabo de los cuales las fases lunares vuelven a coincidir con las mismas fechas del calendário solar, o algún otro período cíclico con referencia a los diversos cuerpos celestes que atraían su continua observación, pero niego que hayan sido incluídos en sus combinaciones calendáricas, por las razones de pugna religiosa a que al principio hice referencia.

No encontrándole origen astronómico en ningún fenómeno celeste comprendido dentro del año, réstanos solamente considerarlo elemento numérico. ¿ Es posible ésto ? No, de ninguna manera, puesto que no es número fundamental en el sistema de numeración náhoa, como el 4, el 5 y el 20. El señor Chavero, considerando números simbólicos el 5 y el 1, como efectivamente lo son, nos demuestra el orígen del 4 diciendo: 4 más 4 más 1 igual a 13; esto no tiene réplica aritméticamente, pero no se puede tomar en serio, y aun cuando supongamos por un momento que efectivamente tuviera un origen exclusivamente numérico, lo sería en tal caso para llegar a un resultado necesario, esto es, para obtener por la sucesiva multiplicación del 4, número simbólico, por 5 y por 13, el número 260; en este caso en el 260 está el secreto de la cronología náhoa. ¿ Cual pudo ser ?

El Padre Motolinia refiriéndose al "Tonalámatl" dice: "esta tabla que aquí se pone se puede llamar el calendario de los indios de Nueva España, el cual contaban por una estrella que en otoño comienza aparecer a las tardes por Occidente con muy clara y resplandeciente luz, puesto que el que tiene buena vista y sabe busear, la verá de medio día en adelante; llámase esta estrella Lucifer (Venus), y por otro nombre se dice Sper, y de este nombre y estrella nuestra España se llamó Speria. Como el sol va bajando y haciendo los días más pequeños parece que ella va subiendo, a esta causa cada día aparece un poco más alta, hasta tanto que la torna el sol a alcanzar y a pasar el verano y estío y se viene a poner con el sol en cuya claridad se deja de ver, y este tiempo y días que aparece y sale la primera vez y sube en alto y se torna a perder y encubrir, en esta tierra son 200 y 60 días, los cuales están figurados y asentados en calendario o tabla". Esta interpretación del gran Motolinía, encierra una verdad, la de que el "Tonalámatl" se refiere a movimientos del planeta Venus, aunque no exclusivamente como él asegura; y entraña así mismo un gran error, el de considerar que el orto y el ocaso helíaco de Venus, "que en esta tierra son 260 días" según propia expresión (en nuestra latitud son 292 por término medio), sean la base del calendario ritual pues este sistema adolece del mismo defecto del que atribuyen el orígen del número 13 a la mitad de las lunaciones, es decir, de falta de concordancia entre el calendario y el fenómeno celeste en el que tuvo orígen, puesto que

sucediéndose inmediata e invariablemente un curso del "Tonalámatl" a otro curso y no sucediéndose inmediatamente un ocaso helíaco y un orto helíaco de Venus, el calendario ritual y los movimientos de su planeta vivían en completo desacuerdo, cosa inadmisible.

El "Tonalámatl" es algo más grandioso y perfecto. Solamente nuestra explicable ignorancia de su orígen y verdadero significado, nos ha hecho forjar tantas ingeniosas hipótesis en las que, sin intención torcida, le hemos atribuído imperfecciones de que carece en absoluto.

Enrique Juan Palacios, en su admirable obra titulada "La Piedra del Sol", a la que no se ha dado en México la importancia que merece, asienta que la cronología náhoa está formada por elementos exclusivamente astronómicos, y tiene razón, pues el "Tonalámatl" que es su concreción por excelencia, es el sistema calendárico más amplio y armonioso que ha concebido la mente humana y todos sus elementos, absolutamente todos, son de orígen astronómico.

Hasta la fecha su orígen ha permanecido en el misterio, pues habiendo dirigido los investigadores todo su esfuerzo a encontrar la causa de la utilización de 260 días del calendario ritual en fenómenos celestes iguales o menores que esta cantidad, no han podido nunca llegar a ninguna conclusión aceptable. Busquemos otras soluciones a las que nos autoriza la vaguedad del significado de la palabra "Tonalámatl" o "Tonalpohualli", porque de ambas maneras, y aun de algunas otras más, como ya indicamos, era conocido el calendario de los 260 signos.

Motolinía nos dice refiriéndose al significado de esta palabra: "a esta cuenta la llaman "Tonaltohualli" que quiere decir cuenta del Sol, porque la interpretación e inteligencia de este vocablo en largo modo quiere decir: "cuenta de los planetas y criaturas del cielo que alumbran y dan luz y no se entiende de solo el planeta llamado Sol". Aunque Motolinía hace esta aclaración con el objeto de dejar al Sol aparte de esta cuenta, nosotros debemos tomarla en su verdadero sentido: no se refiere exclusivamente al Sol, pero no lo excluye, puesto que precisamente se refiere a los movimientos combinados del Sol y del planeta Venus. Ahora bien si esta palabra tiene significación tan amplia que puede referirse a la luz de los diversos cuerpos celestes, no se puede precisar, lógicamente, el alcance de esta cuenta; allá podrá ser tanto anual si se refiere al Sol, como mayor o menor que el año, según sea el cuerpo celeste al que se refiera, y aun podrá ser cíclica si se relaciona con los movimientos luminosos de dos o más cuerpos celestes que tengan concordancia periódica. Y así es efectivamente; el "Tonalámatl" es un calendario cíclico de los movimientos del planeta Venus y del Sol que abarca una edad indígena de 416 años solares. dentro de la cual se verifican todas las concordancias astronómicas y calendáricas, y al mismo tiempo, por medio de ingeniosa combinación, es un calendario ritual para 260 días.

La certidumbre de esta dualidad de funciones del "Tonalámatl", nos la proporcionará una observación detallada y metódica de los códices que contienen estos documentos preciosos de la cronología náhoa. El "Tonalámatl" de la colección "Aubin", indiscutiblemente calendario ritual, consta de las características veinte divisiones trecenales; en él aparecen los 9 geroglíficos de los números llamados "quecholli" o acompañados de la noche, patrocinando sucesivamente los días, y además, los 260 signos diurnos van afectados por su numeral correspondiente de la serie del 1 al 13: en este documento, indúdablemente los signos representan días rituales. El "Tonalámatl" del "Códice Matritense", que ilustra la "Historia de las cosas de Nueva España" de Fray Bernardino Sahagún, publicado por Paso y Troncoso, nos presenta sus 260 signos afectados igualmente por su respectivo numeral de la serie del 1 al 13, hecho que nos dá la certidumbre

de que representan también días; pero en este documento, los acompañados de la noche no patrocinan como en el anterior los días, por lo cual creo que no tiene carácter ritual, y que debemos considerarlo más bien un calendario perpetuo, puesto que sobre sus cursos sucesivos se puede verificar el cómputo civil indefinidamente, en cuyo caso resultan inútiles los acompañados de la noche, propios del calendario ritual. Por último existen varias pinturas del "Tonalámatl" como las que figuran en el Códice Borgia, en el de Bolania y en el ritual Vaticano en las que los 260 signos no van agrupados en trecenas ni van afectados por ningún numeral. En este último caso el "Tonalámatl" ejerce su verdadera función de calendario cíclico astronómico, orígen de todos los demás calendarios; sus signos no representan días ni años, sinó movimientos sinódicos del planeta Venus, como voy a demostrar con apoyo en el "Tonalámatl" de las 8 páginas del Códice Borgia, tipo de los de su clase, por figurar en la pintura indígena de más indiscutible autenticidad y de más alto valor cronológico.

El señor Palacios, en la "Piedra del Sol", refiriéndose a la cuarta zona de signos cronológicos de dicha piedra, que se componen de 260 puntos en grupos de 5, por lo cual son conocidos con el nombre de "quintiduos" nos dice: "Hasta ahora se ha entendido que los elementos en cuestión representan el "Tonalámatl" o "Cecenpohualli", cómputo fundamental de la eronología indígena. Sin embargo, ello es un error. Además de que aquel aparecer inscrito en otra parte del relieve, la distribuición de los 260 numerales en grupos de cinco y no de 13 puntos, demuestra por sf sola que no se trata de libro sagrado, cómputo fundamentalmente de trecenas. Los puntos en cuestión denotan años, no días, como se ha supuesto y si aparecen distribuídas en quintiduos es porque aluden a años del planeta Venus, es decir, a movimientos sinódicos de este astro, cinco de los cuales forman ciclo en el calendario de los aborígenes". Efectivamente, el señor Palacios tiene razón; los quintiduos de la "Piedra del Sol" representan movimientos sinódicos del planeta Venus, que teniendo una duración aproximada de 584 días igualará con cinco movimientos, es decir, en 2,920 días la duración de ocho años solares puesto que estos hacen en conjunto, 2.920 días por lo cual los movimientos de ambos cuerpos celestes hacen cíclo cada ocho años solares, correspondiendo, en tal virtud, los 260 puntos de los quintiduos de la cuarta zona de la "Piedra del Sol", a 416 años solares.

Pues bien, la zona de quintiduos de la "Piedra del Sol", tiene un valor cronológico exactamente igual al "Tonalámatl" del Códice Borgia, o mejor dicho, es un "Tonalámatl" que representa 260 movimientos sinódicos (no años venusinos) y por consecuencia 416 años solares o sea una edad indígena. Tiene el señor Palacios razón al negar que esta zona sea el "Cecenpohualli", nombre del "Tonalámatl" en función de calendario ritual; pero no la tiene al negarle el de "Tonalámatl", pues precisamente es el nombre que le conviene, y solamente por extensión le dieron tal nombre los náhoas al "Cecenpohualli" o calendario ritual, dado que sus 260 signos diurnos no tienen por objecto llevar la cuenta de luz de ningún astro, sinó que solamente era usado, calendáricamente, por su importancia mítica.

La demostración de este aserto nos la proporcionará el Códice Borgia. En el "Tonalámatl" que figura en dicho Códice, los signos no van agrupados en trecenas sinó en quintiduos, es decir, en grupos de cinco signos y, como ya hemos dicho, no van afectados individualmente de ningún numeral, como sucede en el calendario ritual, pero cada uno de estos grupos de cinco signos afectan y van afectados a su vez lo cual no da clara idea de igualdad de valor cronológico, por ideógramas que, no obstante su variedad de ejecución, encierran en lo esencial la idea del cíclo de Venus y del Sol; de los cinco movimientos sinódicos correspondientes a ocho

años solares. La interpretación se impone claramente; cada uno destos ideógramas representa el momento en que Venus y el Sol, después de haber verificado la primera cinco de sus movimientos aparentes de translación, y el segundo ocho de sus movimientos aparentes al derredor de la tierra, se encuentran en el cielo en posesión idéntica con respecto a la tierra, a la que tuvieron al terminar el cíclo pasado, ocho años atrás. Logicamente tenemos que admitir, en consecuencia, que los signos del "Tonalámatl", agrupados aquí en quintiduos, aluden tambien a movimientos sinódicos de Venus, en este caso la palabra "Tonalámatl" si tiene aplicación perfecta pues se refiere a la cuenta cíclica de la luz de dos astros.

Pero hay algo todavía más concluyente para la demostración de este aserto: muchos de los ideógramas a que nos hemos referido, que tienen un valor cronológico igual a cinco movimientos sinódicos u ocho años solares, están formados por un brazo cuya mano empuña la flecha simbólica de la luz del Sol, la flecha doble, simbólica de la luz de Venus, el "gemélo hermoso", la estrella de la mañana y de la tarde, y otra flecha más, perfectamente característica; la interpretación en este caso se impone también: en este cíclo coinciden tres cuentas. Además siempre correspondiendo a esta tercer flecha, vemos en los aludidos ideógramas, alternando con los cinco numerales correspondientes a los movimientos sinódicos de Venus, y con los ocho numerales referentes a los ocho años solares del cíclo, y afectando en condiciones de equivalencia a los quintiduos de signos del "Tonalámatl", representativos de movimientos sinódicos de Venus, varios ideógramas en los que, en diversa estilización y variada forma, aparecen claros e indiscutibles 13 numerales; el hecho de que en repetidas ocasiones figuren estos numerales sobre el ideógrama de los cielos, y con el signo de la luz, nos corrobora en la idea de que aluden a un fenómeno celeste repetido trece veces, en tanto que los movimientos sinódicos se han verificado cinco, y que han transcurrido ocho años solares, ¿ Qué tiene que ver el misterioso trece en esta cuenta cíclica? La contestación nos la dá el estudio de los movimientos del planeta Venus que tan minuciosamente conocieron los náhoas: los trece numerales son trece años venusinos, es decir, trece revoluciones que Venus ha verificado al derredor del Sol, para producir cinco movimientos de translación aparente o movimientos sinódicos; movimientos real e aparente, que Venus realiza en el término de ocho años solares.

Cinco movimientos sinódicos, ocho años solares y trece venusinos, he aquí el significado astronómico del número 13, fundamental en la cronología, pues como el cinco se deriva de los armoniosos movimientos del "gemélo hermoso", Venus, personificación del numen predilecto de los toltecas, coordinadores de la insuperable cronología náhoa; he aquí demostrado igualmente, en forma, a mi entender, incontrovertible, el significado de los ideógramas del Códice Borgia.

Quédanos solamente un punto por resolver: ¿ Porqué emplearon los náhoas como cíclo perfecto la edad indígena de 260 movimientos sinódicos o 416 años solares, y no algún otro cíclo?. La contestación es de tal sencillez que creo satisfará plenamente. Hemos visto que, calendáricamente, los cómputos civil y ritual hacían cíclo al fin de cada gavilla de 52 años, pero solamente al cabo de un "Huehuetiliztli" de 104 años, coincidía el cíclo calendárico con el cíclo astronómico de Venus y del Sol. Esta coincidencia no era suficiente, sin embargo, pues faltaba una concordancia ritual importantísima que solamente se verificaba al fin de cada edad, como consigna Enrique Juan Palacios en "La Piedra del Sol": "A la vez la cifra 151.840 (número de días que hay en 416 años solares) tiene la notable propiedad hasta ahora no señalada, que sepamos, de que siendo múltiple, con diferencia de la unidad, del guarismo 9, los caracteres del

"Tonalámatl" llamados "Quecholli" o acompañados de la noche, cierran en ellos juego completo, pues en el último día sobreponían dos caracteres, de acuerdo con la prática constante de los manejadores de este libro. Como se ve, sólo al final de la edad indígena se verificaban todas las concordancias calendáricas.

Además en el calendario de 260 signos entraban en juego los números sagrados, puesto que 260 es el producto de la multiplicación de 4 por 5 y por 13, y los 416 años equivalentes pueden agruparse también, como de hecho se agrupaban, en atención a los números sacros, en 4 "tlalpilli" de 13 años, que se repetirían en la edad dos veces al número sagrado 4. Pero aun hay más; por medio de una combinación exclusivamente calendárica, de suma sencillez y de insuperable armonía, solamente el calendario cíclico de 260 signos pudo ser utilizado en forma de calendario ritual, pues comprendiendo 584 días cada signo o movimiento sinódico del "Tonalámatl" equivalía en conjunto a 151.840 días y en consecuencia los 260 signos repetidos 584 veces, pudieron transcurrir en una edad significando días, diferenciados únicamente de los peculiares del "Tonalámatl", equivalente a movimientos sinódicos, por los numerales de la serie del 1 al 13 que los afectaban, y que, repetidos 20 veces, permitían para los mismos numerales la importantísima colaboración de los números sagrados 13, 4 y 5. El calendario así formado sirvió, en atención al orígen sagrado de todos sus elementos, para normar las festividades religiosas, por lo cual se le llamó "Cecenpohualli" o "Cemilhuitlapohualiztli"; pero como sobre la sucesión indefinida de este calendario ritual por su orígen cíclico astronómico, se podía verificar con corcordancias finales, las cuentas de los movimientos sinódicos de Venus, de los años venusinos y de los años solares, se llamó también por extensión a los 260 signos diarios del calendario ritual, "Tonalámatl" o "Tonalpohualli".

Tal es la causa de la utilización de la edad de 260 movimientos sinódicos, 216 años solares o 676 años venusinos, como ciclo perfecto de la cronología náhoa, y tales son, en mi concepto, los orígenes astronómicos y míticos del "Tonalámatl" calendario cíclico, astronómico y sacro, y del "Cecenpoliualli" calendario ritual, fundamento, ambos, de la cronología náhoa.

\* \* \*

Aunque el asunto de las correcciones de tal naturaleza importante, que amerita un estudio especial, me referiré a él para terminar, aunque sea en forma suscinta.

Hemos dicho ya que al final de cada gavilla o ciclo menor de 52 años, los náhoas dejaban de computar 13 días con el objeto de armonizar su calendario civil de 365 días con el astronómico. Aunque sobre este asunto hay variedad de opiniones, me inclino a este sistema consignado por Sigüenza y Góngora y otros autores de peso, cuando menos por lo que respecta al pueblo tolteca, autor de la cronología náhoa, en primer lugar, por estar en perfecto acuerdo con el espíritu religioso que normaba la ciencia calendárica de ese pueblo, dada la manifiesta importancia mítica del número 13; y en segundo término, porque la corrección no se verificaba con referencia al año tropical de 365 días, 5 horas y 48 minutos, sinó al año sideral de 365 días, 6 horas y 9 minutos, por ser la posición relativa del Sol, Venus y la Tierra, la que normaba sus cálculos astronómico-cronológicos; siendo la corrección de 13 días, no obstante la diferencia de 2 días, 14 horas y 24 minutos, que al final de la edad queda por corregir, el sistema que menos error presenta.

Como Venus verifica sus revoluciones al rededor del Sol en 224 días, 16 horas y 49 minutos, y su movimiento sinódico en 583 días, 22 horas 6 minutos; los cinco movimientos sinódicos del ciclo los verificará en 2.919 días, 14 horas y 30 minutos, en tanto que sus 13 revoluciones equivalen a 2.921 días, 2 horas y 37 minutos, esto es: Venus verifica cinco movimientos sinódicos recorriendo 13 veces su órbita, menos una fracción de su última revolución que deberá recorrer en 1 día, 12 horas y 7 minutos; hay en consecuencia, cada ocho años del cíclo, una diferencia de 1 día, 12 horas y 7 minutos entre los movimientos, uno real y otro aparente, del planeta; pero como esta diferencia se refiere a posición absoluta, no es probable que los náhoas pudieran apreciarla, atendiéndose seguramente para sus observaciones astronómicas, y para sus menesteres cronológicos, a la posición relativa, esto es, al lugar ocupado por Venus en el espacio con relación al Sol y a la Tierra, o sea a la situación cíclica producida por el movimiento sinódico o de traslación aparente.

Ahora bien, abarcando los cinco movimientos sinódicos 2.919 días, 14 horas y 30 minutos y los ocho años civiles del cíclo 2.920, resulta una diferencia de 9 horas y 30 minutos, cada ocho años; fácilmente corregible calendáricamente; pero dado que el calendario náhoa tenía como base astronómica el movimiento cíclico de dos astros; y discrepando, aunque en pequeñas fracciones, tanto la duración de los movimientos cíclicos de Venus y del Sol entre sí, como con el calendario de ellos derivado; y siendo posible solamente la corrección calendárica con referencia a uno sólo de estos cuerpos celestes, eligieron los náhoas al Sol, como hemos visto ya,

por ser norma inmutable de su tiempo.

Al fin del ciclo, las concordancias astronómicas de los movimientos de Venus y del Sol, no coincidían, en consecuencia, en la fecha cíclica calendárica. Esta anomalía inevitable, puesto que tenía por causa una diferencia real de tiempo, no tenía trascendencia para la exactitud del cómputo del tiempo, pues ella se obtenía con absoluta precisión por medio del cómputo solar; pero sí tenía gran importancia mítica. Es indudable que los sacerdotes astrónomos pusieron remedio a ella de alguna manera ingeniosa, y aunque no he encontrado todavía en las pinturas indígenas ninguna alusión especial a este caso concreto, sí tenemos suficientes antecedentes para pensar que pudieron corregir tal error dejando de computar, al final de cada edad, los 164 días necesarios, para iniciar su nueva cuenta en el siguiente orto helíaco; o lo que es más probable, dejando de computar 18 días para iniciarla el primer día del ocaso helíaco inmediato.

En esta forma quedaba corregida al mismo tiempo la diferencia de 2 días, 14 horas y 24 minutos, entre el calendario civil, ya corregido con los 13 días intercalares por ciclo menor, y el año sideral. Estos días se computarían seguramente por separado, para no perder la exactitud cronológica, y se dedicarían quizás en lo ritual a solemnes ceremonias religiosas especiales.

Por lo demás esta corrección no pasaría en realidad de una teoría, pues la asaroza vida de las naciones aborígenes no les permitió seguramente llevar a la práctica este sistema de corrección; alguna otra Nación. en ese descenso contínuo de pueblos del Norte hacia el Sur desalojábalas a viva fuerza de sus ciudades y de sus campos; algún profundo sistema religioso o alguna pugna con los vecinos belicosos disgregaba las nacionalidades paralizando la vida toda e interrumpiendo naturalmente la cronología. Cuando los grupos dispersos volvían a organizarse formando nuevas nacionalidades comenzábase la nueva cuenta del tiempo en la ocasión astronómica propicia.

Agosto de 1922.



N. 1 - "Tonalámatl" del "Codice Aubin" 3ª trecena.



N. 2 - "Tonalámati" del "Codice Aubin" 4ª trecena.



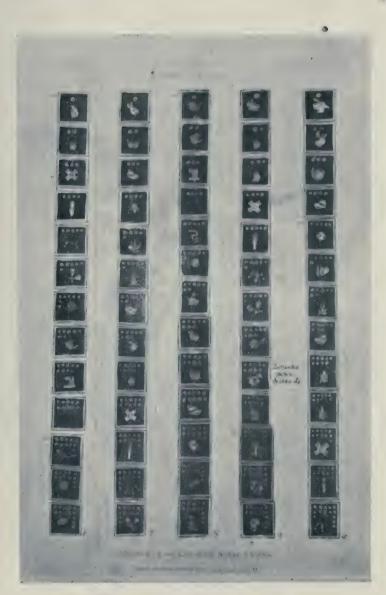


N. 3 - "Tonalamatl" del "Codice Aubin" 191 trecena.



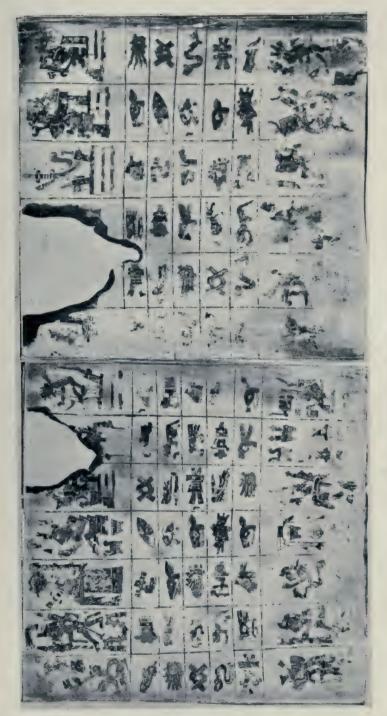
N. 4 - "Tonalámatl" del "Codice Aubin" 20a trecena.



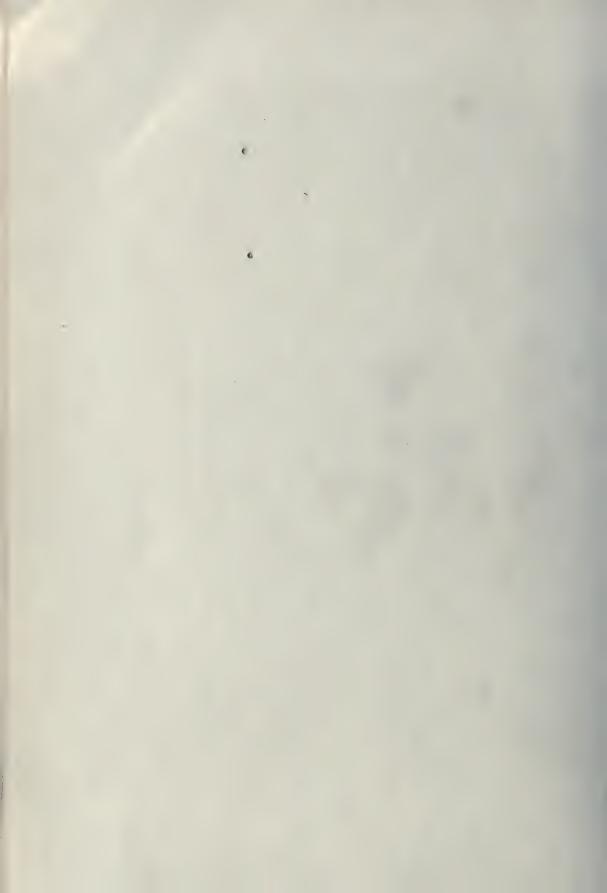


N. 5 - "Tonalámati" del "Codice Matritense".





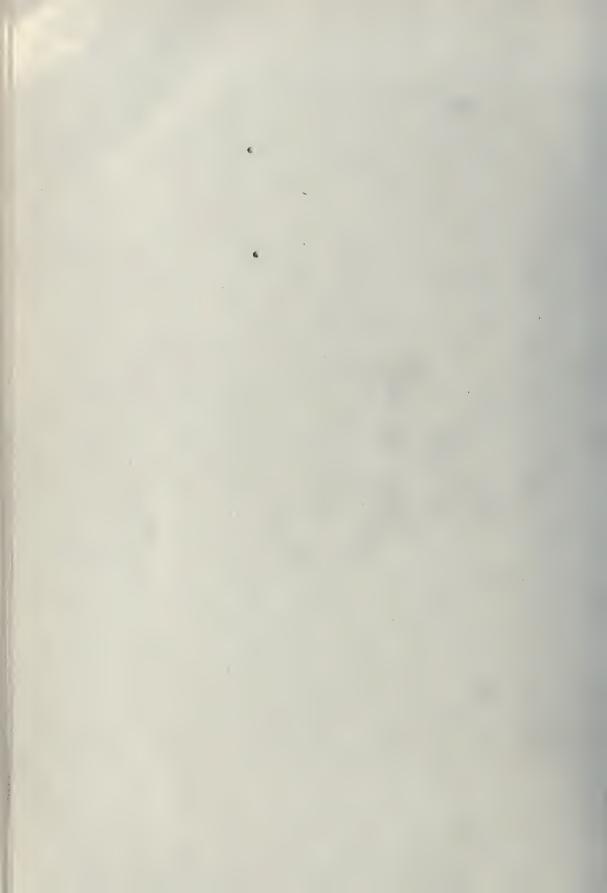
N. 6 - "Tonalámat!" del "Codice Borgia" pág. 1 y 2.



492

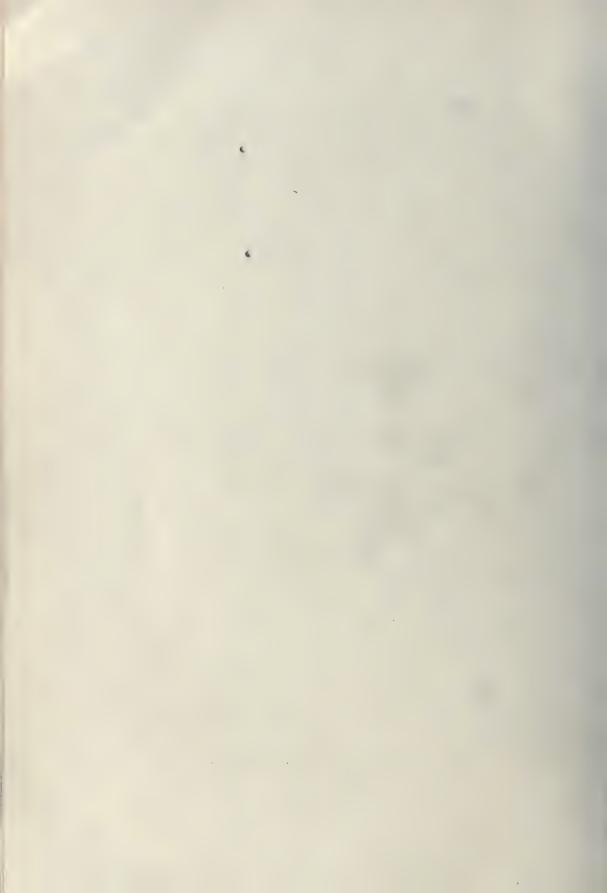


N. 7 - "Tonalamati" del "Codice Borgia" pág. 3 y 4.



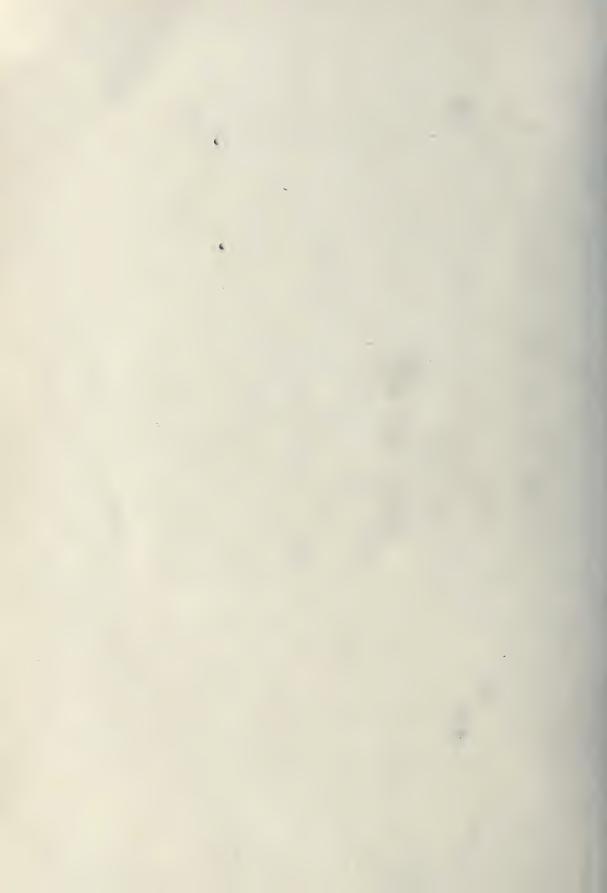


N. 8 - "Tonalámatl" del "Codice Borgia" pág. 5 y 6.





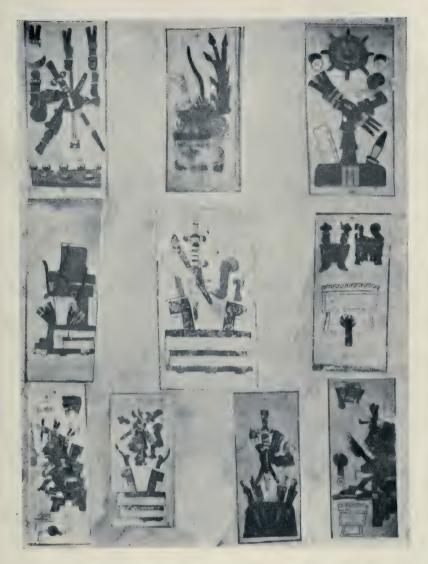
N. 9 - "Tonalamatl" del "Codice Borgia" pág. 7 y 8.





N. 10 — Ideogramas marginales del "Tonalámati" del "Codice Borgia" alusivos al Sol y a Venus, en cuyos movimientos ciclicos tuvo origen.

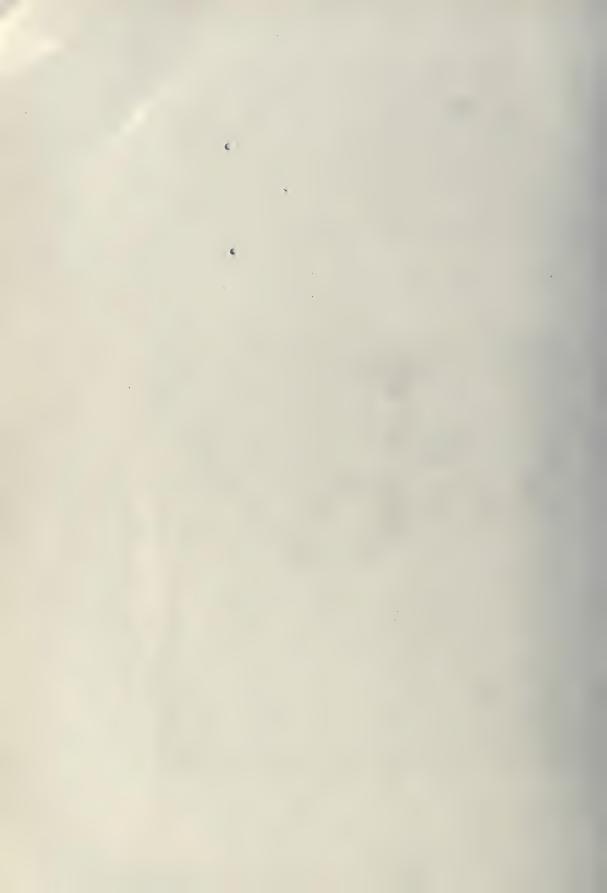


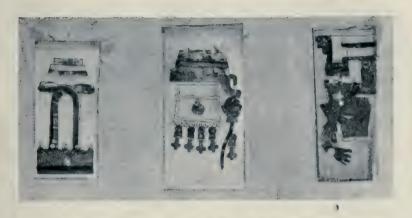


N. 11 - Ideogramas marginales del "Tonalámatl" del "Codice Borgia" que sugieren claramente la idéa de que coinciden tres cuentas en el ciclo.



N. 12 — Ideogramas marginales del "Tonalámatl" del "Codice Borgia" alusivos a los ocho años del ciclo.

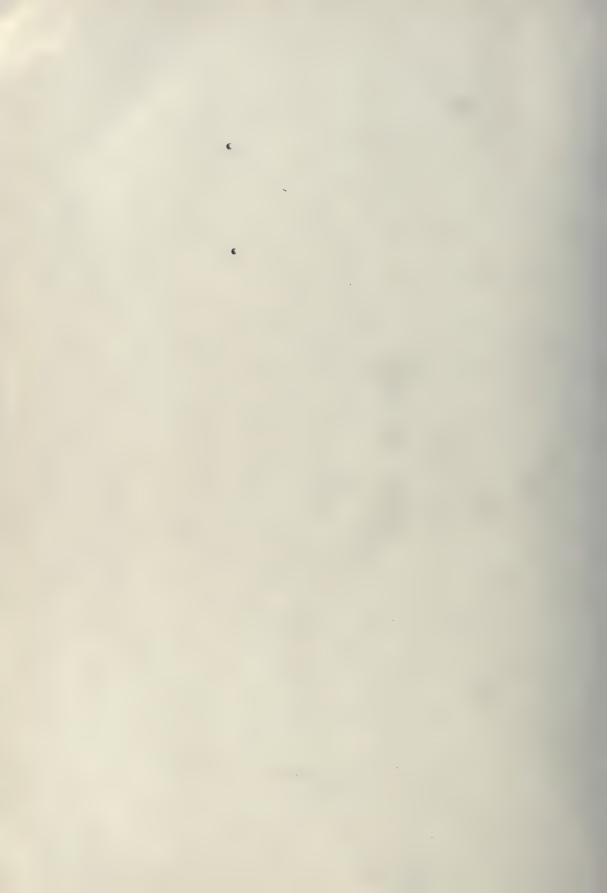




N. 13 — Ideogramas marginales del "Tonalámatl" del "Codice Borgia" alusivos a los cinco movimientos sinódicos de Venus del ciclo.



N. 14 — Ideogramas marginales del "Tonalámat!" del "Codice Borgla" alusivos a los trece años de Venus en el ciclo.



## PARALLELS WITHIN THE GULTURE OF THE ARCTIC PEOPLES

BY

#### WILLIAM THALBITZER

It is only natural that there should be a considerable number of cultural parallels between the arctic peoples, and in a general way reference has often been made hereto (1). The most important of these peoples are the Eskimo, the Chukchee or Ichuktches, the Yakuts, the Samoyeds and the Lapps. The coasts of these peoples, that mark the boundaries of the Arctic sea, extend from East Greenland to the Bering Straits and thence further through Siberia to Scandinavia. In Siberia, from the South, the Koryaks, the Jukaghirs, the Iungus and a few other peoples reach the Arctic boundary. The Yakuts, being a people of Turkish origin, project into the Northern chain of peoples like a separating wedge caused, probably, by a more recent breaking up and shifting from the south.

By this northern land-bridge between the outmost oceans East and West many borrowed articles have no doubt passed as well as cultural influences producing many common traits in the cultures. Some of these resemblances however, are so striking that one is led to ask if the explanation is not more likely to be found in an originally closer community of a geographic, or perhaps even of a genetic nature. In several respects this common character appears stronger the further back we seek, and the more ancient sources of knowledge we possess of them. It seems as though time had taken the peoples further apart. The differences, to a great extent, are nothing but geographical adaptations, variations, specializations.

It has been shown that the Samoyeds on the North coast of Russia, and possibly also the Lapps in Norway have used *kayaks* in olden times, like the Eskimo (2). The kayak of the Samoyed is described as a quite narrow vessel, 45-46 feet long and built of "fishribs" (i. e. sealribs), and covered with "fishskins" (i. e. sealskins) sown together. In a hole of the deck the man was made fast with a strap round his waist so that not a drop of water could get in.

At the other end of Siberia we find the kayak used by the Chukchee and the Eskimo (Bogoras). The Yakuts have wooden boats that they call qajiq (Turkish), perhaps the same word as the Eskimoan qajaq (kayak).

<sup>(1)</sup> In recent times detailed, though far from complete accounts of the culture of the Arctic peoples have been given us by F. Riedel (1902) and A. Byhan (1909). Lately we have got some momentous contributions through the highly meritorious studies of Miss M. A. Czaplicka, "Aboriginal Siberia" (Oxford 1914) and Miss Sigrid Drake "Vesterbottens-Lapparna" (Uppsala 1918), the former dealing with the social anthropology of these peoples, and the latter with the material culture of the Lapps.

<sup>(2)</sup> Mac Ritchie (in Petermanns Mitteilungen, 1911, and in Scottish Magazine, 1909).

Old-fashioned harpoon-points have been excavated in the East Dinmark by O. Solberg, among which are found types recalling those of the Eskimo harpoon-points. The modern harpoons of the Samoyeds are described by O. Mason who cannot keep back his surprise at this ethnographic parallel between the harpoons of the Samoyeds, the Northeast Asiatics and the Northamericans (3) of course, all of these peoples have also used the bow and the arrow at one time (4) K. Wiklund (in "Fataburen", Stockholm, 1914, p. 247) mentions that the Lapps have probably known a bird spear like that used by the Eskimo, a javelin with a blunt point.

The common trait, too, that these most northerly peoples use sledges drawn by domesticated animals (reindeer or dogs) may be an accidental similarity, but more probably it is a link in a closer prehistoric connection.

In the case of the domestic types, i. e. houses and tents, U. T. Sirelins thinks he may maintain the existence of a steady and continuous chain of development from the extreme territories of Europe through Siberia and via the Alentic isles to the Eskimo, a view that was also supported by H. P. Steensby (5).

It is probably that the forms of dress change rather quickly everywhere as the material is soon worn out, and as the desire for new fashions becomes stronger than the want of keeping the old, when the people get into touch with new neighbours. The dress of the Samoyeds may also at one time have had more in common with the Eskimo dress than is now apparent, but since the segregation of this group an independent development thereof has taken place on American ground whereby the influence from the Indians or the East Asiatics has had a chance to assert itself. From G. Hott's extensive presentment of these facts regarding the skindress of the arctic peoples (Copenhague 1914) one receives the impression that the influences have sprung from separate points in Asia and America, both places being situated inland to the south wherefrom they have spread, fanshaped, north to the arctic peoples on the coast of the continents. Still, here and there ancient traits may have been retained. For instance, in earlier times the Samoyed woman used to carry her child in a baglike receptacle on her back (6), as the Eskimo woman carries her child in the wide hood sown fast, on the back.

The working utensils of the women, such as the skin scrapers, show partly similarities, partly differences as between the various peoples. Sirelius (1904, p. 14, fig. 16) shows a Tunguzic scraping iron very similar to an Eskimoan type that Kroeber has shown us from Smith Sound in North Greenland.—Oldfashioned spinning implements, distaffs with swivels of a type known from Scandinavia (also Denmark) (7) as well as from England (and Ireland) are found almost unchanged far into Siberia, f. inst. among the Ostyak-Voguls, see fig. 1 (Sirelius, 1904, p. 24). From the Chukchee Bogoras (1904) shows a top fig. 2 (height 14,5 cm.) of a shape strongly resembling such hand spindles, and both among the Chukchee and the Eskimo, at the Bering Straits and in East Greenland (fig. 3), there is found

<sup>(3)</sup> O. Mason, Aboriginal American harpoons, ps. 300-301.

<sup>(4)</sup> As regards the Lapps, see *Reutersköld* "De nordiska Lappanas Religion" (1912), fig. 8.

<sup>(5)</sup> Steensby: "An Anthropogeographical Study of the Origin of the Eskimo Culture". Meddelelser om groenland, vol. 53 (1916), ps. 194-195.

<sup>(6)</sup> See f. inst. "Nieuwe Beschryving der Walvischvangst en Haringsvisschery" (Amsterdam 1791), part III, plate 26.

<sup>(7)</sup> H. F. Feilberg, Danish peasant-life I, 142 (fig. 50).

a sort of humming-top or buzz now used as a toy only, but which might seem to be derivated from the type of implement used for spinning (8).

With particular plainness we refind from Scandinavia to Alaska and thence to Greenland a kind of needle-case of a homogeneous type.

Some years ago I pointed out the conformity between the characteristic needle-cases of the Swedish Lapps and the American Eskimos (9). Later on I have found further evidence of the wide-spread use of this implement that consists of a tube often prettily ornamented (most frequently a wrought hone pipe or a metal tube) through which is drown a longer and quite narrow skinstrap wherein the needles are fastened. The strap terminates in an enlargement (a knot, a ring with a bone cross-piece or the like) at both ends preventing it from slipping quite out of the tube into which the needles are drawn after being stuck in the strap. The Eskimo needle-cases are more fully described by F. Boas (10). From the terzitory of the Samoyeds the existence of this implement is mentioned by Seebohm (11), but it does not seem to have been in such a general use there as among the Swedish Lapps. Again such needle-cases are known from the Chukchee and from more southern peoples of Siberia (Tungus, Gilyak, Ainu, etc.). We have

no doubt here a cultural relic of antiquity, an implement that has formerly

been more extensively used than now (12).

If we now proceed and look at other sides of life, f. inst. religion, we again meet with conformities along with differences. The religious ideas of the Eskimos on the subject of the world, how it is organized and how governed, bear witness of stronger influences from Asia than from America. Angakkokism is only an offshoot from the Siberian Shamanism which is again related do the magics of the Einnish, and Lappish noaide (Lapp. noyeteh). It is especially interesting to observe the part played by the female angakkok among the Eskimos and among the northeast Asiatics. As in Siberia (13) the Eskimos had a lower form of shamanist priesthood which the women particularly had to do with. Among the Greenlanders this female priest-doctor was called gilasog or gilalik, a woman who has a subterranean, oracular spirit (gila). She consults her spirit as often as she acts as a shaman.

Some fragmentary copies of the implement which the Greenland *qilalik* made use of, is kept in the Swedish ethnographical museum at Stockholm (Pfaff's collection). It is a short stick of bone, cleft above, and at the other end supplied with a screwthread propably to enable it to be screwed into

<sup>(8)</sup> Bogoras (1904) fig. 197 d. Cf. E. Nelson (1899) fig. 31, p. 112, and Thalbitzer, "Ammassalik Eskimo" (1914), figs. 379-380, p. 655. — Both the humming top the top first mentioned are reproduced by Byhan (1909), plate XV, figs. 6 and 7.

<sup>(9)</sup> Thalbitzer (1909) pp. 420-424, cf. (1911), pp. 38-42 and (1914), p. 514.

<sup>(10)</sup> See especially Boas: "Decorative Designs of Alaska Needle-cases". Proceedings U. S. National Museum, vol. 34, pp. 321-344.

<sup>(11) &</sup>quot;A Samoyer needle-case with a tube of metal" (Siberia in Asia, London 1882, p. 56, cit. by F. Boas, (1908), p. 378.

<sup>(12)</sup> Among the old Celts quite a similar instrument seems to have been in use. In the museum at Dublin I saw a bonetube (marked 354, ab. 7 cm long) from a "lake dwelling" which looked quite like a needle-case of the type described. Its sides were ornamented with annular lines incised in three groups running parallel with each other round the tube.

<sup>(13)</sup> J. Stadling, "Shamanism in Northern Asia". (in C. V. Hartmann's popular ethnological series no 7, Stockholm 1912).

the basal end of a wooden handle. The cleft or Y-shaped end of the stick is made of a forked reindeer antler. This stick (the quila stick) the Greenland female priest-doctor fastens in a band that has been wound about the head of one the housemates of the patient, who for that purpose has stretched himself on the sleeping platform near the patient. The qilalik now attempts by lifting and, as it were, weighing the head to find out whether the patient is going to recover or get worse and perhaps die. While she recites her spells to call and consult her spirit under the floor of the hut she lifts and lowers alternately the other's head by means of the stick. If the head is easily lifted it is a sign that the patient will recover. But if it seems heavy to lift the illness is dangerous.

The lifting test is a sort of sorcery known both from Greenland and from other Eskimo regions out of Greenland. It is described in the same manner from the Chukchee in "Siberia" (Bogoras), with the only difference that there are other things than the head of a living person, for instance something owned by him, may be used for the lifting test. The question to the spirit does not always refer to some illness or the cure or recovery of the patient, but to some expectation or wish in a general way. As a lifting-stick the Chukchee shaman uses a walking-staff, a longhandled skinscraper or the like.

The Lapps also knew the custom of lifting something to try what it promises. One lifts with his hands the stone-gods (seitar) to put fresh spruce or birch leaves under them, at the same time taking warning from the weight, or lifts the domestic pot placed over an axe, while holding on to the axehandle. The latter custom is mentioned particularly as replacing prophesying by means of the drum (Graan). From the Lapp territory a shamanistic implement is known, of quite the same shape as the Eskimo qila-stick, but here used for another purpose, namely as a drumstick. When the drum is used, there is no lifting test, but brass rings or certain other odds and ends are placed on the drum head, whereafter the Lapp beats his drum with the cleft end of the stick "the hammer". When going through the Pfaff collection at Stockholm in 1910, and noticing the fragmentary pieces of the forked lifting-stick (qila-sticks) from Greenland. I could not help thinking of the hammer. These two implements, the Greenland lifting-stick and the Lapp hammer (14) are so much alike that in my opinion there must be some sort of connection between them.

I am further confirmed in this view by the linguistic affinity in Eskimo between the word for the guardian spirit (qila) of the female semi-angakok (qilalik) and the full-fledged angakok's most important implement, the magic drum itself, qilaut. For this latter word really means an "implement with which one practises witchcraft (qilavoq) i. e. conjures a qila (a guardian spirit)", and qilalik is "he (or she) who has a guardian spirit". There must be some connection, but also a differentiation: the magic drum is the only instrument of the Eskimo angakok, but generally he beats his drum not with a "hammer" but with an ordinary drumstick which is sometimes club-shaped like the one used by the Siberian shamans Still, from the Eskimo also we have testimony of the "Lapp" form in a reproduction of a drumming and dancing Eskimo from Iglulik (15) who

<sup>(14)</sup> In my work on the Ammassalik Eskimo (Medd. om Grönland, vol. 39, 1914, p. 685). I have for the first time called attention to the strange similarity between these cultural implements from the two arctic peoples so far apart.

<sup>(15)</sup> Parry, "Journal of a Voyage" (1824).

holds a drumstick with a cleft or forked head of a shape similar to the ailalik-sticks in the Pfaff collection.

Thus the forked "double-headed hammer" used by the Lapp shaman seems to be refound in Eskimo territory and particularly in Greenland. There it has been used at the lifting test in cases of illness, and generally in the hand of a female shaman, a sort of "wise woman" who may not necessarily be a trained angakok, but still has as much as a qila.

So we may assume that at one time there has existed a functional connection between the Lapp drum-hammer and the Eskimo qilalik-stick. The two instruments have no doubt been identical, originally, but in the Eskimo territory a functional shifting has taken place by which the implement that once was more distinguished has passed over to the appurtenance of the "quack-doctor".

#### ILLUSTRATIONS

Fig. 1 (1-4) Spindles with spindle-whorls (4) from the Ostyaks and Voguls. (Sirelius, 1904, p. 24). (5) Spindle from Agger, Jutlandg, Danmark (H. F. Feilberg, 1910, p. 142, fig. 50).

Fig. 2. Buzzing top from the Chukchee people Bering Straits. (Bogoras 1904).

Fig. 3. Spindle buzz from East Greenland (Thalbitzer, 1914, fig. 380).

Fig. 4. Needle-cases from (1) the Amur district (Middendorff's Reise), (2) North Greenland (Kroeber "Eskimo of Smith Sound" 1899). (3) Frozen Strait in Hudson Bay (F. Boas, "Eskimo of Baffin Land" fig. 234) and (4-6) Alaska (Boas, "Decorative Designs of Alaskan Needle-cases" 1908).

Fig. 5. Needle-cases from Lappland; (1) Torne Lapmark (Enontiki) in Finland, (2) Kautokeino in Norway, (3) Frostviken, Jämtland and (4)

Jokkmokk Sule in Sweden. (Nordiska Museet. Stockholmo).

(Fig. 6. Head-lifting apparatus (qilalik-strick) from Central West-greenland (Pfaff collection in Stockhom Riksmuseum) (2) Heads made of bone (antler?) and provided with a screwthread at the nether end. (3) Cylindrical stick (fragment) made of wood and provided with bone ring at the upper end. The cavity of the ring is conical and continues down in the end of the stick.—Length of heat (2) ab. 20 cm., of stick (3) ab. 34 cm.

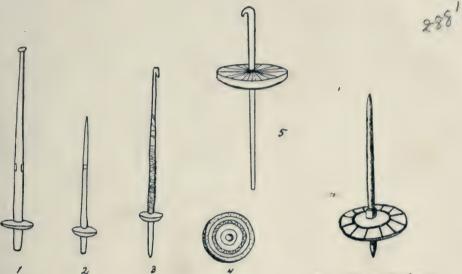
Fig. 7. Drum-hammer or stick (with bone head) from Lappland. (From E. Reuterskiöld and Wiklund, "Linné's lapska trolltrumma". Fataburen 1912).

Fig. 8. Eskimo drum-dance near Igloolik Illustration from Parry,

"Journal, etc." 1824.

Fig. 9. Eskimo drum-dancing and singing near Ammassalik, East Greenland, Photographed by W. Thalbitzer 1906.

(,

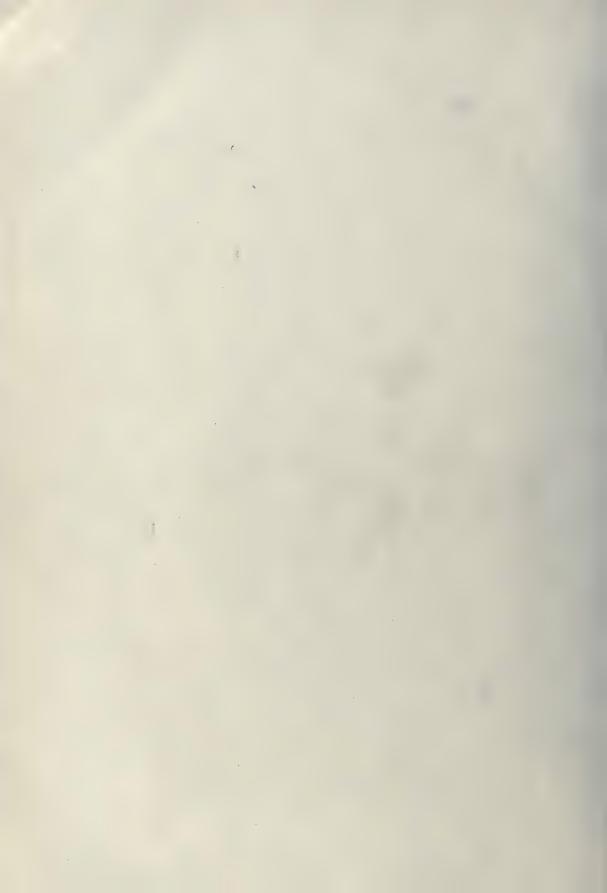


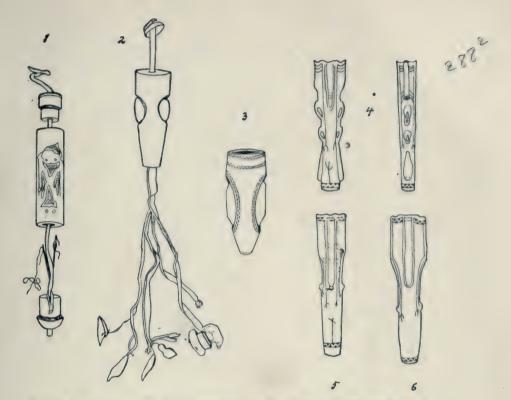
N. 1 - 4 Spindles with spindle-whorls, from the Ostyaks and Voguls. 5 Spindle from Aggev. Jutland. Danmark.

N. 2 — Buzzing top from the Chukchee people. Behring Straits.



N. 3 - Spindle buzz from East Greenland.

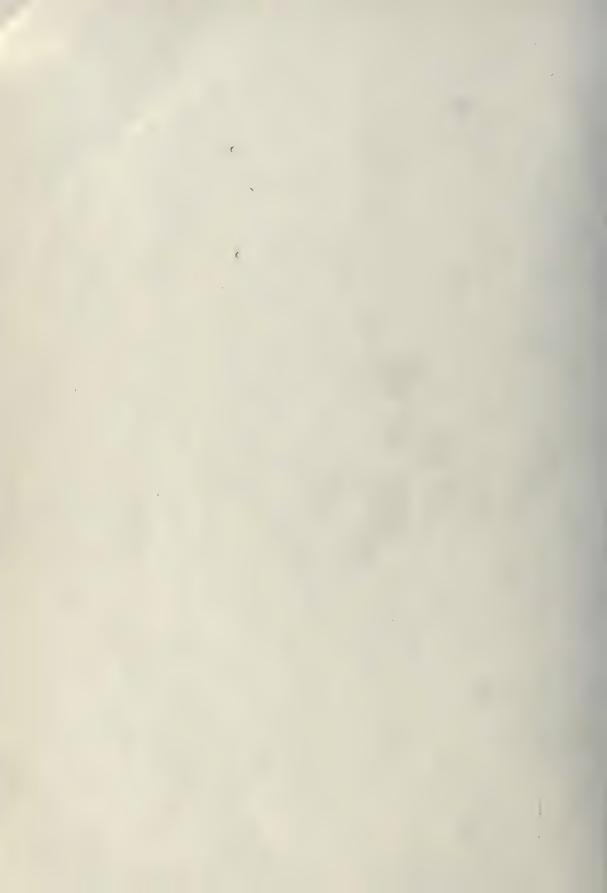


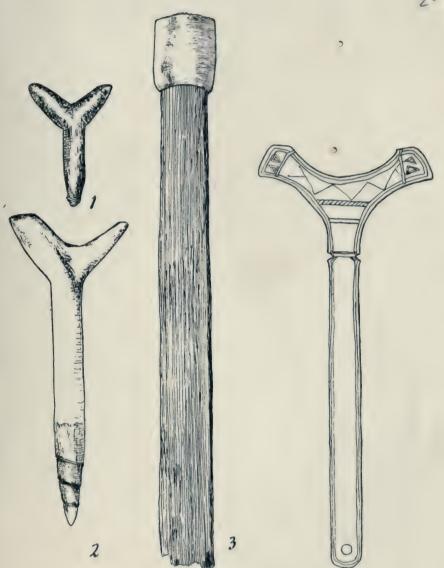


N. 4 — Needle-cases from the Amur District (1); from North Greenland (2); from Frozen Strait in Hudson Bay (3); and, from Alaska (4-6).



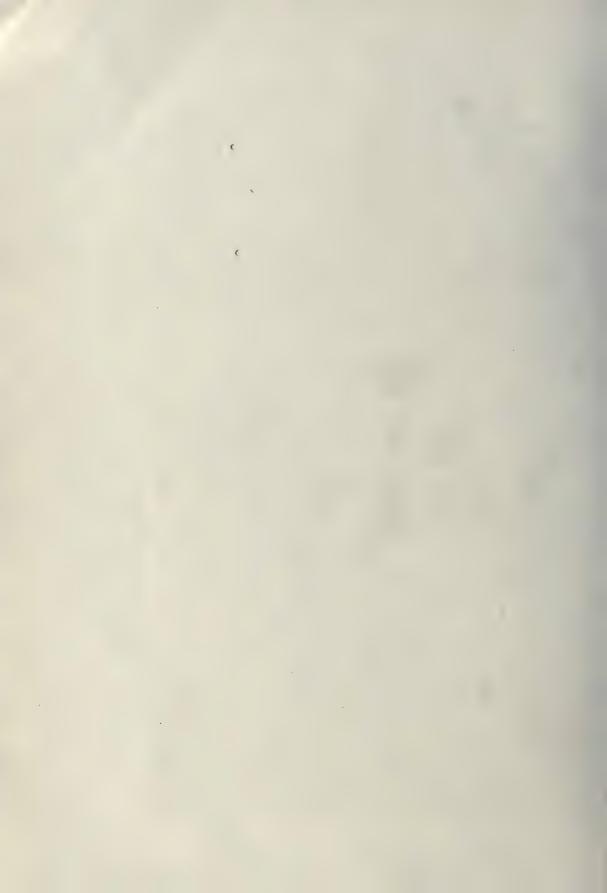
N. 5 — Needle-cases from Lappland (1); torne Lapmark, in Finland (2); kautakeino, in Norway (3); frostviken, Jänitland and (4); jokkmokk, Lule in Sweden.





N. 6 — (1-3) Hedd-lifting apparatus, from central Westgreenland (1-2); Heads made of bone and provided with a screwthread at the netger and (3); cylindrical stick, made alwood and provided with bone sing at the upper and. The cavity of the sing is continues down in the and of the stick. Length of head (2); ab. 20 cm, of Stick (3); ab. 34 cm.

N. 7 — Drum-hammer on stick (with bonehead) from Lappland.

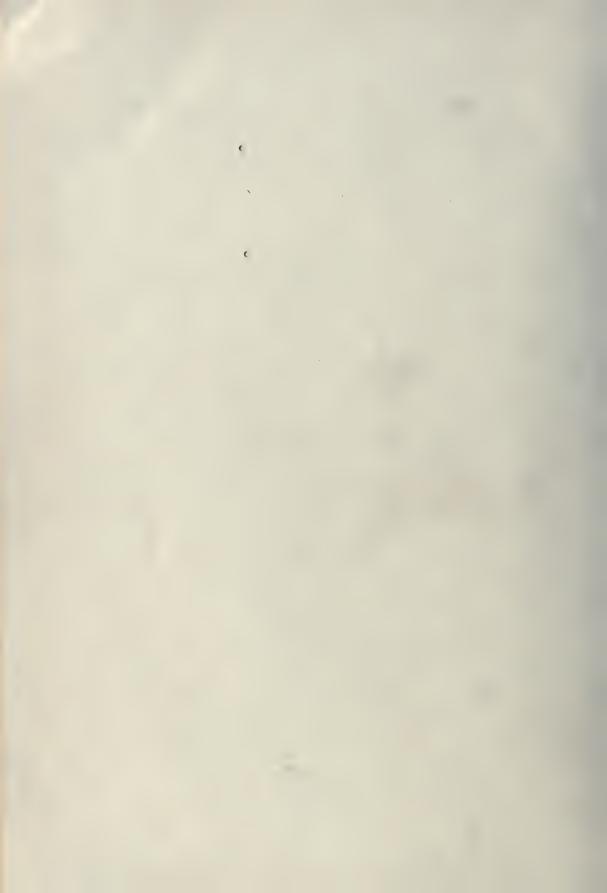




N. 8 - Eskimo-drum-dance, near Igloolik. Illustration from Parry. Journal etc. 1824.



 $\rm N.~9-Eskimo$  drum-dancing and singing, near Ammassalik. East Greenland. Photographed by W. Thalbitzer 1906.



### (GENERALIDADES)

PELO

### PROFESSOR ADOLPHO MORALES DE LOS RIOS

Nos prodromos da formação da maioria das sociedades humanas, se já não for nas de todas ellas, apparece o Mago, ou o Magico, muito commummente idoso ou ancião, sob os seus multiplos aspectos de Feiticeiro, Bruxo, Curandeiro, Exorcisador, Adivinhador, Sacerdote, Rapsode, Trovador, Mestre ou Marcador de dansas, Chefe.

Elle não fica, notadamente, sob todas essas metamorphoses, entre os aborigeres e os indigenas americanos, conservando-se, ainda, pela tradição, no meio da existencia dos descendentes desses povos e, para dizer d'uma feita, infiltrando-se entre as nossas modernas sociedades, que lhe reconhecem e temem os poderes e que se lhe afiguram sobrenaturaes, com que os reveste a crendice.

Quando as caravellas descobridoras da Espanha e de Portugal aportaram nas plagas americanas, as suas tripulações não tardaram em fazer intimo conhecimento com a bruxaria e a feiticaria americana de ambos os sexos. Os Araucanos, tanto como os Guaranis; os Incaicos, como os Tupis; os Jibaros, cemo os Mexicanos; todas essas grandes massas indigenas dominantes possuiam os seus Feiticeiros, Adivinhos, Suggestionadores, Curandeiros e fabricantes de mysterios e de encantamentos, como organismos sociaes, ainda hoje subsistentes, superviventes, redivivos, como já disse, no meio das nossas sociedades. Desde a Terra do Fogo ás gelidas paragens do Golfo de São Lourenço, na America do Norte, o Feiticeiro representou uma verdadeira instituição indigena — como a dos Magos asiaticos —, que a imagiração dos indigenas revestiu de faculdades estupendas e de attributos maravilhosos.

Toda vez que uma estranha personagem, desse meio sacerdote, meio patriarcha, semi-propheta, adivinho e curandeiro, mais ou menos illuminados ou malucos, tão typicos entre as populações asiaticas como nas americanas, mesmo nos nossos dias, — pretende arrastar as multidões atraz d'uma missão qualquer, ella adopta a feição do  $Pai\acute{e}$ .

Em Santiago del Estero, sob o governo do Tenente General Alfaro, foram queimados muitos indios que se proclamavam feiticeiros e pretendiam arrastar atraz delles a massa irrequieta dos indios, servindo-se dos prestigios que aureolam o Paié ancestral.

Quando se deu aquelle drama de loucura collectiva do Reino Encantado, na Pedra Bonita, perto de Villa-Bella, em Pernambuco, os famigerados pré-

19

gadores daquelle novo Sebastianismo, que tanto moveu aquellas multidões atraz d'um escondido thesouro, agiam como genuinos Paiés. « Encontrareis muita gente ao pé da *Pedra Bonita* — disse uma testemunha daquelles repugnantes factos —, e vi, não os thesouros, mas o tal rei com uma corôa na cabeça, trepado numa ponta de pedra, prégando, cantando e saltando muito alegre.» (I)

Quando em 25 de junho de 1974 se deu a explosão definitiva da revolta dos *Muckers*, no Rio Grande do Sul, o chefe delles, Maurer, intitulava-se "propheta".

Em Canudos, no Brazil, em 1896, nos primeiros annos do Governo Republicano, Antonio Conselheiro á frente de mais de 500 homens representou o papel macambuzio d'um Paié illuminado e patriarchal na tragedia final em que elle desappareceu por sua vez, entre montões de cadaveres dos seus fieis Jagunços, depois de ter trazido em sobresalto um Estado como o da Bahia, tão grande como a extensão de Espanha e Portugal juntos. (II)

Outro facto tornou a repetir-se, muito recentemente: a raiz da sentença que recahiu com motivo das questões de limites entre os Estados brasileiros do Paraná e de Santa Catharina, chamados do Contestado, em cujas contendas coube papel tão saliente áquelle famigerado Monge de feições fradescas e verdadeiro *Paié* dos seus sequazes. (FH)

Contra Granada, que em 1857 appareceu em Entre-Rios, na Republica Argentina, um velho indio com feições de missionario, e que dantes não fôra senão um simples labrego de certa fazenda e conhecido pelo nome de "Pay-Velho" (Pay-viejo); este, até na alcunha trazia a denominação de Paié, que o povo lhe outorgara, pela sua mysteriosa fama de Feiticeiro. Acreditava o povinho ignaro e supersticioso, que Pay-Velho, á maneira de S. Francisco de Assis, dialogava com os animaes, cobras, tigres ou cavallos, comprehendendo estes a palavra daquelle e vice-versa. Em realidade, Pae-Velho foi apenas um macrobio taciturno e macambuzio que demonstrou, em repetidas occasiões, ter um mysterioso ascendente sobre os animaes das fazendas onde trabalhou e tambem sobre as feras dos montes e os reptis das mattas. (IV)

Os Feiticeiros incaicos denominavam-se Nunus.

Entre os Chilochas, segundo o medico e viajante francez Soffray (1), elle é o Padre, o Sacerdote, sob a denominação de Cheque, explicando esse autor que entre os Cunas e os Caimanes, outro-americano, "leur obéissance est partagée entre le Cacique et le Prêtre, qui remplit aussi les fonctions d'Augure et de Médecin" (2). (V)

Numa das antigas fallas andinas, segundo Gijon y Caamaño, o nome  $Ticu\acute{e}$  têm o significado de Sacerdote (3), que na lingua Paez da Colombia é denominado Tiku (4).

Fr. Noël considera os Jouanas — leia-se Juanas — como personagens da mythologia americana, explicando serem elles certos Prêtres de la Floride e dizendo que: "Leurs fonctions ne sont pas bornées au culte; ils exercent aussi la médecine, como tous les prêtres américains. Ils se mêlent cussi de Gouvernement et de politique; te les Paraoustis, — les Parautis, — ou princes du pays, n'agissent que par l'avis des Jouanas" (5).

Segundo modernamente informa o General Rondon, entre os indios *Parecis* da falla-geral *Ariti*, o *Sabio* é denominado *Uitámukêrê*; o Padre é chamado *Utiariti* ou sob a fórma *Uti-ariti*, e o Medico recebe estes dois mesmos ultimos nomes, que tambem se revelam sob a feição contraeta, Ut'ariti. A parecença lexica entre essas palavras é tanta quanto a communidade dos seus significados na ética indigena allusiva ao exercicio do

o paté 291

sacerdocio e da medicina. Ao feiticeiro propriamente dito chan am Itihánaré, os indios da falla-geral Ariti (6).

Aos mesmos chamam Háyagoé, os Matacos do Chaco argentino; Ippaya, os Chiriguanos e Gualicho, os Araucanos (7), também entre elles chamados Machies, Remes e Huccunonyes.

Uturunco é o nome que lhe dão os Calchaquis (8.9

Entre os Gallar da Africa, o curandeiro e ao mesmo tempo feiticeiro é denominado Kaligio.

Ambuda é o nome que recebe entre os colorados.

Entre os Esquimós essa mesma personagem tem o nome de Angaikut.

Na sua fórma mais primitiva e selvagem, talvez não haja Feiticeiro comparavel ao Duganana dos Veddas da ilha de Ceylão, possuidos d'um animismo, ou d'um espiritismo, tão absorvente como q que caracterisa a psychologia dos brazilicos. (VI)

A maioria dos antropologos e dos ethnographos que os estudaram nega a existencia de qualquer crença religiosa propriamente dita entre esses Veddas. O proprio nome delles, porém, parece ligal-os á mais antiga das religiões conhecidas ao Veddismo, ao qual devemos uma das mais monumentaes decumentações humanas em materia theogonica.

A antropologia considera os *Veddas* de *Ceylão* como um dos povos mais atrazados da terra, — ao lado dos *Papús* ou *Papuas* do *Pacífico* — e os aprecia como prototypos do homem selvagem. A historia, no entanto, ou para melhor dizer, as antigas tradições buddhicas os apresentam como um povo que outr'ora attingiu certo degrau de cultura e á testa do qual se notabilisou um certo rei, cuja soberania esteve rodeada de hierarchias sociaes. E', pois, possivel que se trate no caso, não de um povo primitivo, com semelhantes caracteres proprios, e sim dos restos d'uma civilisação degenerada e, para melhor dizer, destruida, como disso temos tantos exemplos entre os brazilicos.

Sabe-se que os *Veddas* prestam culto medroso ao espirito dos mortos, — *Iaku*, no plural, *Iaka* no singular — como base essencial das suas crênças num poder moral superior. Poder-se-ha dizer, portanto, que os *Veddas* são espiritos selvagens.

As ceremonias propicias dessas manifestações animistas são de caracter mimico e coreographico, como na maioria das dos povos primitivos. Consistem em representar, por meio de certas mimicas dansantes, os proprios feitos ou acções que se desejam levar a cabo, sob o bafejo protector d'um determinado laka, ou espirito, emquanto, no meio dos dansarinos, um Duganana, ou Feiticeiro, na fórma espirita, se sente possuido pelo espirito em questão e entra em extase. (VII)

Por via de regra, como digo, é o *Duganana*, personagem semi-medico, semi-sacerdote que faz o papel de *medium* nessas ceremonias.

Acreditam os Veddas em que as almas dos seus progenitores vão servir, depois da morte, áquelle lendario caçador das suas tradições, o Kande-Iaka, e, de cuja personagem direi mais longe outros pormenores, alli mais opportunos.

O Camán trasandino, que Max Uhle nos apresenta como um Marcador de dansas, foi o feiticeiro daquellas bandas do Pacifico (9).

Talvez não seja inopportuno achar certa relação ethnologica, directa, entre esse Camán e o *Chaman* indigena do N. americano com o da Asia Central, com ramificação no norte da Ilha de Ceylão, e inspirador do culto denominado *Chamanismo*, que, no fundo, é o *Culto do Diabo*.

Entre as primitivas crenças de feição religiosa que ainda subsistem pelo mundo, é provavel que o Chamanismo, que parece originario da Tartaria, seja uma das menos divulgadas. Representa o compendio das crendices tradicionaes da maioria dos povos que, actualmente, habitam o centro do Continente Asiatico e, particularmente, dos *Tunguses* da *Transbaikalia*.

Acreditam na influencia dos espiritos — facto que é caracteristico entre a maioria dos brazilicos —, e os dizem habitantes do Céu; os bons se acham para as Landas do Sul e de Oéste, e os máos para as do Norte e de Léste. Ha muitos seculos, uma aguia desceu dos céus, como mensageira dos espiritos beneficos, para defender a Humanidade contra os influxos dos maleficos espiritos, á semelhança do que se sabe do mytho incaico de Uira-Cocha e da lenda calchaqui de Catequil. Essa ave sagrada fallava uma linguagem que os humanos desconheciam, e não lhe sendo possivel, por isso, cumprir a sua missão terrestre, seduziu uma donzella — ainda em semelhança com a referida tradição calchaqui —, para de alguni modo justificar o emprego do seu tempo...

A creança nascida, em consequencia dessa seducção, foi o primeiro dos Chamán e todos os Chaman, feiticeiros, se pretendem descendentes directos daquelle primitivo. Pela mesma razão, entre os povos que praticam o Chamanismo, ninguem tem a ousadia de matar as aguias, que são respeitadas por elles, como aves sagradas, — tal qual o condor, entre os incaicos e talvez entre os brazilicos da Ilha de Marajó, onde foram achadas ceramicas reproduzindo a cabeça dessa ave andina.

Para implorar os bons espiritos e mèrecer-lhes os favores, esses sectarios têm ao *Chamán* como intermediario, numa triplice feição de *Sacerdote*, de *Feiticeiro* e de *Curandeiro*. Pela mesma fórma, é o *Bruxo* o traço de união entre os espiritos ou, á 'hôt, e os *Matacos* chaquenhos e o *Paié* e o *Baré* brazilicos, entre estes e o espirito que falla nos *Maracás*.

O feiticeiro Chamán, vestido de pelles cortidas e coloridas, enfeitada a cabeça com pennachos e conchas e rodeando o pescoço com collares de guizos e de campainhas, officia e adivinha, mysteriosamente acolytado pelos corvos.

Para acalmar a ira dos máos espiritos offerecem-lhes arroz, assucar, aguardente e fumo, e ensinam aos seus fieis como se poderão furtar á influencia perniciosa dos espiritos malfazejos e obter dos bemfazejos abundantes caçarias e pescarias. Afastam as doenças e tornam mais fecundas as mulheres. Para protejerem as parturientes amarram-lhes ao ventre um fio bento e com outro de igual natureza rodeiam a casa em que ella está. Aconselham a quem tem de emprehender uma viagem que comece por dirigir os seus passos no rumo opposto áquelle que pretende seguir, de verdade, para dessa fórma lograr os espiritos que lhe preparam ciladas. Quando alguem quer ver-se livre dum inimigo ou desafecto, procura um Chamán e este, mediante determinada esportula e com um simples conjuro, o faz espiritualmente desapparecer, se bem que continuca existir na mais perfeita saude.

Para esse fim, sacrifica-se um carneiro ou um cavallo, — tal que este era, com o boi, a victima propicia entre os Brahmanes e os *Magos* da antiga Persia, de quem os *Chamán* são um transumpto degenerado. Durante essa ceremonia todos bebem aguardente e nesta beberagem vae dissolvida a alma da pessôa que deve desapparecer. Acreditam os *Tunguses* em que essa pessôa ha de morrer, fatalmente, no prazo dos sete dias seguintes ao desse sacrificio.

Por vezes, o Chamán faz pagar bastante caro os seus serviços,

Os *Buriatos* costumam, com frequencia, praticar o *Chamanismo* mas, entre elles, essa exotica religião é muito contaminada de praticas buddhistas. Como traço geographico de união entre esses *Chamans* asiaticos e o

0 PAIÉ 293

Caman chileno, a que se refere Max Uhle, talvez possam citar-se certos Esquimós que praticam o Chamanismo. "Ha entre os Esquimós. — disse V. Amur Stephenson — certos individuos que nós denominamos Shamans e que elles proprios denominam Angaikut. Esses individuos commungam com os espiritos e operam numerosos milagres. A base da religião dos Esquimós é a subordinação de todos os acontecimentos á acção dos espiritos; esses espiritos estão, porém, na dependencia de certas fórmulas, certos encantamentos, cujo poder pertence aos Shamans. D'ahi resulta a impossibilidade delles terem culto ou oração. Para que implorar um espirito que é dominado por um fórmula? Segundo a crênça geral, todo espirito tem o seu senhor e cada Shaman deve ter á sua disposição um ou muitos desses espiritos" (Harpers Magazine).

Todos esses Bruxos e Feiticeiros, a que me acabo de referir, têm a sua representação brazilica no Pagé, Payé ou Paié e 30 Baré.

Os missionarios jesuitas da época da conquista destas terras bastante se referem a esta personagem, de cujos feitos melhor direi ao me occupar do *Marccá*.

Tratando da influencia dos feiticeiros sobre o gentio brazilico, em geral, disse a professora Esmeralda Masson de Azevedo que os nossos indigenas "tinham grande respeito ao Pagé, que exercia as funções de medico, conselheiro, advogado, etc." (Historia do Brazil para as Escolas primarias, 1920, pag. 53).

«De modo — escreve Varnhagen — que elles nem eram sacerdotes, nem physicos: constituiam-se a si proprios em bruxos ou feiticeiros, analogos aos da antiga Europa. Tambem se inculcavam com dominio sobre os jacarés, cobras e outros bichos aggressores do homem » (Historia Geral do Brasil, 1º ed., tomo I, pag. 125).

Referindo-se aos nossos aborigenes em geral, e particularmente aos Tapuias, escreve o eminente Rocha Pombo: "Como não tinham tradições suas, admittiam com a maior facilidade tudo quanto se lhes imbutia. Dessa pia fé se aproveitavam certos Pajés ou Adivinhos, que muito nos fazem recordar os Jogues da India (VIII), e os quaes de tempos a tempos iam visitar as povoações, e quando lhes convinha intimidavam os desgraçados barbaros com agouros taes que de pasmo vinham a morrer" (T. I, 1ª ed., pag. 124).

Se os primitivos brazilicos foram assim, não são menos supersticiosos, ao mesmo respeito, outros modernos selvagens sul-americanos, como os indios do Chaco, por exemplo, sobre os quaes disse J. Pelleschi: "Ellos creen que una enfermedad es causada por um áhôt (Espirito) que se mete dentro de la persona; por lo tanto, solo se trata de cazarlo con el único artifício que cabe, el de los conjuros. De elle se sigue que los médicos no pueden ser otra cosa que sus brujos ó sacerdotes, ó como se les quiera llamar" (¡Loc. cit., pag. 209).

Não de outra fórma informava João de Blach, sobre os brazilicos, em meiados do seculo XVII: "Il se trouve aussi, parfois entre eux — escreve elle, — des garnements, que combien qu'ils nes sachent rien à la Magie, sont toutes fois fort habiles à tromper ces pauvres miserables, et par de tours et des gestes non accoustumés du corps, se font admirer, comme aussi par certains faux milagres ils se mettent en crédit." (Geogr. Blaviane, t. XII — L'Amérique, pags. 266-267).

No capitulo CLXI, do seu *Tratado descriptivo do Brazil*: "Que trata dos feiticeiros, etc...", um dos nossos primitivos chronistas, Gabriel Soares de Souza, informa que: "Entre esse gentio *Tupinambá* ha grandes feiticeiros, que têm este nome entre elles, por lhe metterem em cabeça mil

mentiras;... os quaes, pela maior parte, não sabem nada e para se fazerem estimar e temer tomam este officio, por entenderem com quanta facilidade se mette em cabeça a esta gente qualquer cousa; mas ha alguns que fallam com os diabos, que os espancam muitas vezes, os quaes os fazem muitas vezes ficar em falta com o que dizem; pelo que não são tão cridos dos indios como temidos. A estes feiticeiros chamam os Tupinambás Payés" (10).

Ferdinand Denis, parece propender para a caracteristica peculiar do sacerdocio nestas personagens, desde que elle inclue as suas informações a respeito dos mesmos num dos seus capitulos relativos ao *Culto* dos gentios brazilicos. "Entre os *Tupinambás* — escreve elle, — o culto de Deus e dos genios parece haver sido confiado mais especialmente a uma classe de homens denominados *Pajés* e *Caraihas*; eram estes ao mesmo tempo adivinhos, medicos e prophetas destes povos" (Brazil, 1º vol., pagina 32).

Pires de Almeida, gabando as qualidades do indigena brazilico, chega a pretender que no exercicio de um sacerdocio o consorcio dos indios "é benzido pelo Payé". (Medicina indigena,  $Jornal\ do\ Commercio\ de\ 27\ de\ março de\ 1912), e outros pretendem que os sacerdotes dos antigos mexicanos procediam com as creanças a um simulacro ou arremedo de baptisado.$ 

O que é certo é que os *Feiticeiros*, todos como *Milagreiros* e revestidos de grande e admirada autoridade, que não excluiu, em certos casos, a vingança irada dos mentecaptos ludribiados, foram, entre certos gentios, umas personagens pouco menos do que divinas.

Identificando o significado dos nomes Pagé e Bagé, Theodoro Sampaio explica este ultimo, dizendo-o: "Corruptela de Pagé; o feiticeiro, o Santão do Gentio" (11) (IX).

Ao vocabulo  $Pajeh\acute{u}$ , explica o mesmo autor: "Corruptela de  $Pag\acute{e}h\acute{u}$ ; o feiticeiro come, isto é, onde vive o feiticeiro" (12).

O padre jesuita Ruiz de Montoya, ao termo espanhol Hechicero, correspondente ao Feiticeiro no portuguez, dá os significados tupi-guaranis, de: Mbayé, Mpayé, Pânera, Guayapapá, Garai, Guaysupiá-yára e Môrytibipiâ (X).

Paptista Caetano analysa alguns desses termos no seu Vocabulario das palavras usadas pelo traductor da Conquista espiritual do Padre Ruiz de Montoya (XI). Assim, explica o illustre philologo (13):

« Guyapiá, s. feitico; Guayupiáyára, feiticeiro» (14). Nada commenta a respeito dos outros vocabulos Garai-Guyapapá e Môry-tîbipiá, da Grammatica do mesmo jesuita, que acabo de transcrever, se bem estudei o formidavel trabalho de Baptista Caetano.

Parece-me, no entanto, que nessa ultima palavra composta o termo Môry é um derivado de "Morangú-Parangú, s. fabulas, mentiras, invenções, abusões", que B. Caetano diz serem "evidentemente, contração de morandub angaúb, noticias phantasticas", interpretação que tambem se liga com a do vocabulo "Moranguer (mo-râm-cuer), fazer o futuro passado, fazer passar o que é por vir), inutilisar, annullar, extinguir; deitar a perder; desfazer, desmanchar; desmerecer; fazer pouco em; empedir, embaraçar, estorvar; baldar, frustrar; che opiu habangue moranguebo, me o pegal-o (que ia) frustrando; vê outro exemplo em Mongihiye" (15).

Quanto a este ultimo vocabulo, explica: "Mongihiye, fazer temer-se, metter medo, amedrontar, atemorisar; mociquiye dizem em tupi; aña che mougihiyerano, o diabo como me mettesse medo; cha payé o morangue eté mbae rey pipey mongihiy ebo, o feiticeiro o estrangeiro (o ensino) com cousa atôa lhes mettendo medo" (16).

Aos vocabulos Mbayé e Mpayé, referidos pelo padre Ruiz de Montova. tambem allude Th. Sampaio, sob a fórma Mbugé, quando, ao termo Magé, explica que este "antigamente Magépe é corruptela de magé-pe, no feiticeiro ou no curandeiro, de referencia á residencia deste", e assignala as alterações da palavra, sob as feições orthographicas de Mbagé, Bagé, Pagé" (17 (XII).

Tratarei mais longe do feiticeiro Irimagé, cujo nome tem parentesco

com o orthographia dos termos Mbagé e Magé.

16 padre jesuita José de Anchieta, orthographa Pagé, como fielmente transcreve Porto Seguro (18).

Outros, como Rocha Pombo, adoptam a graphia Payé, que a mim tambem parece mais consoante com a glótica brazilica (XIII), mas que adoptei na fórma Paié, devido a archeologia do termo, tal como a entendo.

Os Chiriguanos, como mais acima disse, chamam-n'o Ippaya, na fé da

informação de João Pelleschi.

Varnhagen emprega a graphia Paje.

I. d'Evreux, que os trata de Barbeiros, escreve Pagis e Paigis.

Pagé, Piayé, sem accentuar a ultima vogal, e Piache, são orthographias que, indistinctamente, emprega Ferdinand Denis (19). A ultima dessas graphias vi bastante empregada em escriptos referentes a indigenas do Alto Amazonas e do Alto Orinoco, onde provavelmente também o achou Ferdinand Denis.

"Piagé, piache, piaye ou piaga" — disse Gonçalves Dias.

"Hans Staden - disse Moreira Pinto, - escreve payge; o padre Vasconcellos payé; e Damião de Góes payé", que é a orthographia que tambem adopta Moreira Pinto.

Entre certos indigenas norte-americanos o nome dessa personagem é orthographado Piai.

Esta ultima fórma approxima-se áquella de Piaga, que, segundo Th. Sampaio, é uma corruptela de "epiaga, gerundio supino de epiac, vidente, o que vê no futuro. O feiticeiro, o Santão do Gentio" (20) (XIV).

Por sua vez, as graphias Epiaga e Piaga, lembram a do vocabulo comrosto Guayapia-yára, acima citado, na lição do padre Ruiz de Montoya, e no qual o termo lara tem o indiscutivel significado hierarchico de Autoridade, ou de Senhoria, qualidade de Principal ou de Mayoral (XV).

Segundo a informação de Hans Staden: "Ha entre elles alguns que elles chamam Paygi e que são tidos entre elles como adivinhadores aqui" (21).

Analysando os vocabulos achegados por elle na Conquista Espiritual do padre Ruiz de Montoya, escreve Baptista Caetano (22):

«Pai, s. pae, padre, vêr pay, como mais usa a Conquista».

« Pay, s. padre, sacerdote, frade: o padre, ancião, o homem respeitavel, pae; será dicção genuina do abañeênga, ou oriunda do hispanhol e portuguez ? Montoya a dá como palavra de respeito, com que fallavam aos velhos e feiticeiros (sc. payé) e pessoas graves, e diz que corresponde a hai, mãe. O Dicc. Braz. dá: pay, padre pay abuna, padre da companhia, pay tucura, padre de Santo Antonio, pay apina padre leigo, pay missa monangára, padre de missa; pay ainda significando "frade" e paya-tuba pae corresponde á maya, mãe. Na pag. 179 da Conquista: Pay acte hey co mbia y tiarôbae upe, hae aba paye upelano; haete abaré 'ndeyri ara amo pipe chupe. No Kechna, porém, tambem acha-se a ação paya, s. a velha, a avó, e como adj. paya, velho, antigo, vetusto, principalmente fallando de plantas e animaes. No Chile acha-se paye, nome que dão aos padres quando lhes fallam, e patiru, quando delles fallam. Em chillidugu pae propriamente é chao, em Kechua callu yaya, em abaneêngatub, tuba".

' « Payé, s. (pa-yé, aquelle que diz o fim), oraculo, propheta, medico, curandeiro, feiticeiro » (XVI).

« Payrâ-Pañera, s. aquelle que declara o que vai ser; propheta, oraculo.»

« Payguaçu, bispo (padre grande); o bispo, o geral da companhia, etc.»

« Pay ramôy, s. pae avô, ancião, velho, bis-avô.»

« Pay retá, pl. de pay, os padres.»

«Pay rubi, s.ºtio, avô, os velhos, os anciãos, os veteranos.»

Ao vocabulo Pay, disse Th. Sampaio, conforme com essa licção: "O Sacerdote, o padre, o frade, o homem grave, o ancião, o pae" (23 (PVII).

O autor, nessa versão, não inclue os significados de *Curandeiro*, nem de *Feiticeiro*, mas ficam subentendidos, conforme com as outras traducções que acima notei. O *Paié* d'uma cabilidade ou de um agrupamento comarcano della, era, ás mais das vezes, o ancião, o pae. o conselheiro, o adivinhador, o *Tuchaúa* e, não raro o *Murubichaba*, ou chefe militar de taes aldeiamentes.

Ainda sobre o mesmo thema escreve Th. Sampaio "Payabuna, corruptela de pay-abá-una, padre de vestes negras ou de sotaina, o jesuita"; Payapina, composto de pay-apina, o tonsurado, o padre que só tem corôa, o leigo" (Dicc. Braz.) (24). "Paytucura, padre gafanhoto, ou cujas vestes imitam o gafanhoto, o frade franciscano" (Dicc. Braz.) (25). "Aos padres da Companhia de Jesus, — accrescenta, — a que particularmente prezavam, chamavam — Payabuna (Pay-abá-una), padre de vestes pretas; aos franciscanos com seu pesado burel que os fazia parecer com o gafanhoto, Paytucura; aos leigos que só tinham a apparencia de sacerdote, Payabina" (26).

Personagens austeras, anciãos, tradicionaes, tanto (deste lado como da outra banda dos *Andes*, do *Prata* e do *Amazonas*, levam nomes vinculados aos radicaes *Paye*, pae de muitas linguagens indigenas americanas.

Houve tempo em que pensei que esses dois termos tivessem, como acima disse, qualquer directo parentesco com o vocabulo Pae, da lingua portugueza, e não passam dum neologismo tupi creado pela conquista. (27)

Deveria ter reflectido, quando assim opinei, em que os *Tamoios*, figadaes inimigos dos Portuguezes, como alliados que aquelles foram dos Francezes e, desprezando os Lusitanios, não lhes adoptariam a palavra *Pae* para com esta designar os seus proprios parentes mais veneraveis e respeitados.

Pay-Colás, denominaram os Tamoios ao almirante francez Nicolau Durand de Villegagnon, soberano in-partibus infidelium da França-Antarctica, que elle fundou na Guanabara, e chefe politico, militar e não pouco theocratico, da confederação franco-tamoia.

Todo o physico da pessoa do celebrado almirante francez contribuia, de resto, para lembrar aos indigenas brazilicos aquelle barbado alienigena das suas lendas, tradições e theogonias, mais ou menos fielmente transmittidas e conservadas. E' nessa feição de Sumé, — réplica do Adamastor africano, — que Arthur Heulhard, em estylo melodramatico, proprio dos tempos do actor Taillade, no theatro da Porta Saint Martin, de Paris, nos representa o celebrisado almirante, quando este, na occasião da viagem de reconhecimento que elle parece haver feito, antes de realizar a expedição colonisadora de 1555, veio surgir com as suas nãos defronte do Cabo-Frio.

«Il est reçu, — escreve Heulhard, — avec acclamations par les Tamoyos, il les souléve contre leurs oppresseurs de Santos e de Saint Vincent, il est le vengeur promis par les destinées. Les sauvages admirent cet homme plus grand qu'eux, magnifiquement vêtu, image enorme de la sauveraineté, qui rarle d'abondance et ouvre les mains royalement. C'etait beaucoup d'avoir entendu leurs grands-pères conter la legende de l'etranger à la longue barbe qui était venu annoncter Dieu sur leurs rivages et de celui qui vint

0 PAIÉ 297

apres et qui au lieu de Dieu leur apporta l' $Ep\acute{e}e$ ; legende terrible perpetuée chez eux depuis de centaines de lunes et accablante pour l'humanité » (28).

O bom senso característico do Francez fica ás vezes obumbrado atraz dessa theatralidade declamatoria que o acompanha em tantos dos seus feitos e que mais se tem accentuado na sua litteratura, depois da publicação da Salambo, a obra admiravel de Flaubert.

Sem negar, antes affirmando, a persistencia das lendas a que allude Heulbard, entre o gentio brazilico, que as transmittiu aos descobridores e conquistadores destas terras (XVIII), tembo por mais certo que os Tameyos ficaram bastante alheios a toda essa psychologia que Arthur Heulhard dramatisa e que elles, caracteristicamente representados na amoratidade duma personagem tão boçal como o famigerado Murubixába, denominado o Cunhambêbo, viram, sobretudo, em Villegagnon, um generoso distribuidor de objectos uteis para elles preciosos, de bugigangas, de gorros e de camisas de côres berrantes, mais do que um Sumé redivivo. De resto, Arthur Heulhard, na phrase acima citada, talvez inadvertidamente, mas, em tode caso, com prejuizo para os menos preparados nestes assumptos, parece confundir a obra do Sumé alienigena, cujo merecimento principal parece ligado á utilisação da Mandióca, como alimento, e não á Espada, como a supposta catechése de um Santo Thomé, que seria quem lhes fallasse na existencia de um Deus, prégação que não consta do mytho de Sumé, ainda que appareça nas aguas do lago Titicaca, em um émulo desta personagem lendaria, como melhor explicarei ao tratar desse mytho,

De outra parte, não atino a vêr o que esse principio de Soberania, que Arthur Heulhard encarna na pessôa de Villegagnon, pudesse influir na estima que os Tamoios dedicassem a esse almirante, no meio do communismo cooperativo, que foi a caracteristica das sociedades tupis, sem duvida, herdado, directamente, dos póvos transandinos, que tão larga e previsoramente o cultivavam.

Um dos gongorismos dos escriptores e dos chronistas coévos das descobertas e das conquistas brazilicas, que uns aos outros copiam e repetem sensaboronomente, é aquelle segundo, cuja logica os brazileiros não possuiam a lettra alphabetica R, "porque não têm Rei"... Como, de facto, tal Soberania lhes era desconhecida, pela fórma que nós a entendemos.

Quanto á tal Espada e "lenda terrivel" e "esmagadora para a humanidade", na phrase de Heulhard, e, até melhor informação a respeito dessa tradição, acredito em que os miseros selvagens veriam na durindana de Villegagnon, um Iberapêma mais aperfeiçoado do que esta arma indigena, para despachar rapidamente, ad-patres, as victimas destinadas aos seus canibalescos Mokens.

Em resumo, dentro da ética selvagem, quer pela sua idade, quer pelo seu saber, o *Payé*, o *Payé* ou o *Paié* foi uma personagem hierarchica superior, de destaque entre os brazilicos de radiações tupi-guarani.

Essa distincção apparece já nos primordios da theogonia desses gentios.

No ápice da mythologia tupi apparece, de facto, — o feiticeiro *Irimagé*, a cujas supplicas, *Monan* fez cahir sobre a terra um diluvio que apagou o incendio que essa divindade havia feito atear para castigo dos homens que a habitavam.

Para escapar á morte, na occasião do Diluvio universal, disse Barbosa Rodrigues, segundo a lenda subsistente entre os Pamary do Amazonas, que "Tamandaré, por conselho dos Pagés, se refugiou no grêlo duma palmeira" (29).

Para fornecer um derradeiro exemplo da elevada significação dos Paiés entre os gentios brazilicos, lembrarei, emfim, a fama e a reputação do bruxo *Cutiguará* ou *Coatiguará* dos tempos da conquista.

Escrevendo Ladisláo Netto sobre estas personagens, com razão, pois, póde alludir "aos sagrados *Payés*, aos oraculos de todos os póvos americanos" e referir-se á "investidura de semi-deuses, que lhes dão, não sómente as lendas aborigenes, senão e muito mais ainda a historia dos primeiros tempos da invasão européa" (30).

Desenvolvendo essa opinião, accrescenta: "Não eram sómente os sacerdotes dos imperios dos Aztecas, dos Chibchas e dos Quichuas que tinham essa inacreditavel ascendencia no animo dos seus conterraneos e dos seus proprios soberanos. Em todo o vasto territorio sul-americano, aquem da cordilheira, e em todas as regiões ao norte do grande Golfo, nações numerosas, aguerridas e ambiciosas de novos territorios, umas pacificas, scismadoras e imaginosas outras, viviam á feição dos seus instinctos de indomita ferocidade, ou ao sabor de suas tradicionaes usanças de pacifica existencia, e todas estas nações tinham os seus chefes e seus sacerdotes, tuxaúas (XIX) e Paies que lhes dictavam leis e lhes ensinavam o conhecimento das cousas visiveis e invisiveis, a sciencia do presente e do passado" (31).

Entre os *Corôados*, isto é, entre brazilicos de origem *tapuia*, o "Baré e o tupi", na licção de Rocha Pombo. (32).

« Abaré, — informa Th. Sampaio, — corruptela de Aba-ré, homem distincto, differentes dos outros, o padre, o missionario.» (33).

« Abaête, corruptela de Abá-êté, homem verdadeiro, isto é, illustre, forte, corajoso, excellente; o varão.» (34).

£tô, £tá, sendo indices de plural, e A tem, entre outros significados, o de cabeça, na fórma contracta do termo, servindo, de outra parte, para adjectivar substantivos, o vocabulo Abaêtê designaria chefatura, autoridade, patriarchado, pontificado sacerdotal, tal e qual o Mago ou Magico Suprêmo, na antiga Media e em Babylonia.

Talvez que o termo *Itahanará*, com o significado de *Feiticeiro*, que tem na actual lingua geral Ariti, tenha parentesco com a graphia  $Bar\acute{e}$ , como a tem na designação da personagem (35).

Lubaré é a crênça idolatrica e fetichista dos abyssinios meridionaes, que não são christãos, como as outras populações abyssinias, e cujas terras limitam com as colonias da Africa Oriental ingleza. Como direi ao Capitulo Maraká, esses pagãos têm outros pontos de contacto com o fetichismo dos brazilicos.

Pela mesma fórma que houve Paiés masculinos, existiram Bruxas e Feiticeiras, como, de resto, é commum na maioria dos póvos.

João de Lery confirma esse facto entre os brazilicos á maneira do que se dava com os *Joguizas* industanicos e as *Mamaconas*, ou melhor, *Mama-cunhas*, peruanas, quando estas chegavam á velhice (JP).

«Mossen-y gerre, explica Lery, no seu vocabulario, — significa guardador de remedio; ou a quem pertence o remedio; e usam dessa expressão, quando querem chamar uma mulher feiticeira, ou que está possuida pelo espirito máo; pois mossen é remedio, e gerra é pertences » (36).

O padre Ruiz de Montoya dá-lhes os nomes de Cuná-payé e de Cuná-mbayé, leia-se Cunha, em ambos os casos.

Mbagé, Mbaié, Mbuyé, Pagé, Pajé, Payé, Pay, Paié, Bagé, Bajé, Baié, Bayé... em todas essas diversas orthographias, tem o significado identico de Feiticeiro.

Ha, porém, Paié e Paié.

Não me occuparei neste logar do Paié, considerado sob o seu aspecto de Musico e de Marcador de dansas. Mais longe direi dessas duas feições da personagem da primeira dellas ao tratar dos Karaibas, e. da segunda, ao desenvolver o capitulo relativo ao Maraká, como instrumento coreographico.

(A presente Memoria constitue a primeira parte de um trabalho inédito sobre esse personagem Brazilico.)

## Notas explicativas

(I) Memoria sobre a Pedra Bonita, ou Reino Encantado, na Comarca de Villa Bella — Provincia de Pernambuco, — por Antonio Attido de Souza Leite (factos de 1838), Revista do Inst. Arch. Pernambucano, n. 60, pa-

(iI) Sobre esta personagem de Antonio Consetheiro escreveu Ernesto Senna no seu apanhado de chronicas sob o titulo desse nome no seu livreto

"Rascunhos e Perfis", pag. 29. (III) A propria recente Europa e os Estados Unidos Norte-Americanos não se libertam de semelhantes fanaticos. O Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, em um dos seus numeros de setembro de 1895, dizia:

#### « NOVA SEITA

No districto dos Wassilkof, na Russia, acaba de constituir-se a seita dos Malevantschi. Os adeptos desta religião têm por unico principio esperar o fim do mundo, de esperal-o alegremente, em ociosidade absoluta. Logo que o individuo se converte, vende o que possue e vive do dinheiro realizado. Reunem-se muitas vezes e dão livre curso á sua excitação psychica. Ha quem diga que tal facto vem de uma molestia epidemica. O chefe da seita, Conrado Malevanny, que lhe deu o nome, tem actualmente 48 annos e soffre ha tres annos de uma molestia mental. Até a idade de 40 annos embriagava-se, mas em 1884 deixou de beber, fazendo-se sturidista, mas essa mudança de existencia provocou-lhe uma superexcitação nervosa que o leva a extasis religiosos e allucinações; faz-se passar por Christo e os seus adeptos o consideram uma divindade. O fim do mundo é o que mais o preoccupa e é a vista desse acontecimento, que se espera em datas determinadas do anno, que os adeptos dos dois sexos, em pleno inverno, vão passar no campo, despindo-se e esfregando o corpo com a mão. Outras vezes entregam-se ao luxo, vendem suas pelliças e suas vestimentas rusticas para comprar vestimentas de cidade, honitos chapéos de cabeça e de sol. O seu unico trabalho é cozinhar e ás vezes lavar a roupa, abstendo-se de quaiquer outro trabalho.»

« Sebastião Roggio, antigo pastor, conhecido pela alcunha de "Leite de ovelha", arvorou-se ultimamente em reformador, e está causando na Sicilia uma agitação de caracter político e religioso. Sabendo lêr e escrever, fez com que a população se convencesse de que Jesus Christo tinha incarnado novamente nelle, e desse modo tornou-se um Pontifice, um Messias, um Mahdi. Préga, confessa, estabelece ritos religiosos, prescreve novas regras de vida, exerce, emfim, um pequeno poder em Roceaza, onde fundou uma especie de colonia de homens e mulheres, procedentes de Chiaramonte, Licordia, Monterosso, Ragusa, etc. Todos esses homens e mu-

lheres trabalham para elle, e por elle padeceriam o martyrio.

O novo Jesus Christo introduzio na sua colonia o mormonismo, o que não deixou de conquistar-lhe a adhesão de grande numero de homens, desejosos de saborear as delicias da polygamia. E a alegria destes será muito duradora? O arcebispo de Syracusa. Monsenhor La Vecchia, pensou exterminar a seita, excommungando o Messias e os discipulos; mas um e outros riram da excommunhão.

O propheta declara que a sua religião conquistará toda a Sicilia e todos os sicilianos; promette-lhes, com os beneficios da fé, o communismo da terra e a "liberta di godere delle donne"; e esta friplice fórma exerce sobre as massas uma prestigiosa fascinação. O engenhoso pastor é já considerado como "Messias da situação siciliana".

O facto, que acabámos de narrar, inquieta seriamente o Governo, porque sabe que a Sicilia, pouco fiel á orthodoxia catholica, porém mystica e supersticiosa, é um campo excellentemente preparado para todas as experiencias perigosas».

E accrescentava, em 22 do mesmo mez:

« Cartas de Roma annunciam o apparecimento de um Messias na Sicilia, fazendo propaganda política e religiosa. Esse Messias chama-se Sebastião Roggio; foi pastor muito conhecido pela antonomasia de "Leite de ovelha".

Sabe lêr e escrever e, o que é mais, conseguio convencer ao populacho que Jesus Christo incarnou-se nelle, tornando-o um Pontifice, um Messias, e um Mahdi. Préga e confessa, funda ritos religiosos e novas regras de vida.

Exerce certo poder no districto de Roccaza, onde fundou uma especie de colonia de homens e mulheres de Chiaramonte, Licordia, Monterosso, Ragusa, etc. Toda aquella gente trabalha para elle e para o martyrio.

O novo Jesus Unristo introduzio na sua colonia o mormonismo, o que provocou grande immigração de homens avidos de conhecerem a polygamia.

Durarão muito os seus gosos?

O arcebispo de Syracusa já excommungou o Messias, que não mostra

ter-se incommodado muito com o anathema.

(IV) Precisamente no momento em que estas linhas escrevo, dá-se uma interessante circumstancia entre mim e uma arisca avezinha, pertencente á minha vizinha, que costuma, em plena liberdade de azas, entrar-me pela janella, e com a qual entretenho conversas a fio. Ella é particularmente carinhosa commigo; embirra quando me vê escrever; quer que lhe preste especial attenção; quando nada consegue, toma ares de passarinho doente e permanece callada, sobre o meu hombro, no meu pulso direito, que eu mantenho ao seu bel-prazer, immovel; quando lhe fallo carinhoso, reanima-se, pia, gorgeia, espande a cauda em leque e remexe, fazendo figuração com a sua plumagem e suas attitudes de Dom João conquistador, que quer attrahir a attenção da sua bella. Fallamos e nos entendemos perfeitamente e, apezar de Velho, não pretendo com estas revelações fazer concurrencia ao Pay-Velho de Entre Rios, na Republica Argentina, contando as minhas aventuras com o meu Cardeal ou Gallo Campeiro.

Minha mãe montava uma egua predilecta, que ficava macambuzia quando ella a reprehendia, e toda lampeira e dando mostras de alegria quando lhe dirigia algum cumprimento, em ambos casos, com as apro-

priadas entonações de voz.

(V) «Os indios christãos da aldeia de Arronches, — escrevia L. F. Tollenare, em começos do seculo XIX, quando viajava pelo Ceará, — conservam, dizem, algumas praticas do seu antigo fetichismo e os seus pagés ou feiticeiros». (Notas Dominicaes, Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Per-

nambucano, ns. 61 a 64, pag. 466.)

(VI) Trata-se dum povo tão singular como pouco conhecido e bastante difficil de apreciar nos seus caracteres antropologico e ethnologico, porque cada dia, e, mais a mais, vão cruzando com outras raças cingalezas, das quaes adoptam usos, costumes e até a moda de trajar. Alguns delles, como aquelles chaquenhos argentinos, de que nos informa João Pelleschi, vão empregar-se entre os cingalezes, durante as épocas de certas colheitas ou de trabalhos braçaes, voltando depois ás suas brenhas, como os do Chaco, ás suas tolderias, para recuperarem os seus habitos selvagens, o que, ás vezes, e, como que numa ancia incontida, elles manifestam, mesmo nos trajectos de retorno. Não raro, entre esses Veddas, existem exploradores do proprio selvagismo, offerecendo-se em espectaculo, aos viajantes, como homens nimiamente primitivos, para ganharem uma quantas sapecas, tal e qual aquelle marujo cearense que um distincto official da marinha de guerra brasileira foi achar e reconhecer, como um seu antigo subordinado e praça sob suas ordens, a fazer de homem selvagem, n'uma feira allemã, e a devorar coelhos com pelle e pellos...

Os Veddas habitam apenas um reduzido territorio do occidente da ilha de Ceylão. Distribuem-se em pequenas agrupações sociaes, denominadas Uarage, á semelhança dos antigos Ayllu, dos Andes e do Perú. Os individuos dum mesmo Uarage não podem contrahir matrimonio entre si, o que os assimila á nossa Familia e, ao mesmo tempo, áquelles primitivos Lares, de que nos falla Fustel de Coulanges na "Cité antique", que pre-

feriam tornar-se consanguincos com extranhos a casarem os individuos d'um mesmo Lar tradicional. Entre os Veddas, os filhos ficam pertencendo ao L'arage da genitora.

Os limites do territorio que os Veddas occupam, quando a natureza não os define nitidamente, pelo curso dos rios ou pelas cristas das serras, marcam-se, entre elles, por meio de certo signal entalhado nos troncos

das arvores e representando um homem armado de arco-

Dentro desse territorio, os Uarages, composto, quando mais, de cinco destes, gosam do direito commum, de caçar, de pescar e de colher o mel sylvestre. Cada Uarage, porém, mora em separado. São eminentemente troglodytas, apezar de construirem elementares cabanas ou tejupares provisorios, — como era costume entre os brazilicos, nas suas expedições cynegeticas. — o que mais acostumam durante o estio. Os Veddas unicamente aldeiam, quando vêm adoptar a vida agricola cyngaleza; quando não, basta-lhes, como moradia, uma simples lage que os resguarde contra as intemperies.

(VII) As principaes dessas dansas, de feição ritual, são a da Agua de

côco e a da Frecha.

A primeira dessas, denominada Kikiroraha pelos Veddas, tem como eixo ou centro coreographico uma grande vasilha contendo agua de côco, apresentada como offerenda ao Iaka, ou espirito, cuja protecção se quer implorar, tal e qual os potes de Cauim nos folguedos dos brazilicos, especialmente coreographicos. Nessa dansa dos Veddas o feiticeiro re-presenta o papel de caçador, a perseguir e dar morte a um veado ficticio ou imaginativo, porque é o fructo da caçada que nessa ceremonia se supplica do laka.

A dansa mais divulgada e frequente é a que visa especialmente a protecção do lendario caçador Kande-laca, heróe das tradições cynegeticas dos Veddas. Eº a Dansa da frecha. Finca-se uma destas no chão, toda enfeitada com folhagens de certa arvore, — numa feição parecida a certa lenda brazilica bem conhecida, — que em Ceylão é conhecida pelo nome de Na, cujo termo talvez tenha relação com o de Duyanana, dado aos Feiticeiros Veddas, como os Paiés brazilicos, em outra fórma, usavam do

Petum, ou tabaco.

Em torno da frécha, pataleam, - porque dansa não seria nome apropriado a essa coreographia, — aquelles que participam da ceremonia, muito parecidamente com os costumes característicos do pataléo dos brazilicos. Acompanham-se, bem como o rithmo coreographico, entoando

monotona cantiga.

Nessa dansa desapparece o papel do Feiticeiro, ou Duyanana, como medium ou intermediario, entre os Veddas e os Iaka, ou espiritos, porque é a Frecha que representa essa intervenção psychica. Para os homens receberem o bafejo espiritual do Iaka invocado, cada dansarino, por sua vez, debruça-se sobre a frecha e meche com as guedelhas dos cabellos entre as folhagens que enfeitam aquella arma, até tornarem-se possuidos pelo espirito, em cuja occasião é tal a possessão de alguns e a excitação nervosa, que cahiriam se não fossem amparados.

Quando um Vedda mata um veado separa a cabeça do despojo cynegetico e o afferece a Kande-laka, com arroz e agua de côco, que o offertante e os seus comem com o resto da carne do animal, ao depois da ce-

remonia da offerenda.

Talvez seja opportuno relembrar aqui, a proposito do papel magico que a frecha representa nessa choreographia, o que disse Pelleschi a

respeito dessa arma, quando manejada pelos espiritos:

«Los áhot, — disse Pelleschi, — no solo tienen el poder de entrar en las personas, de hechizarlas y de encarnarse, permitaseme el neologismo, en elementos que acarrean el mal, como la tempestad, la viruela, la hambruna etc., sino tambien son capaces de dar puñaladas y, más aim, flechazas.

Mas, esto de la flecha, — accrescenta o autor, — parece que solo lo hacen a pedido de los brujos, que en mataco se llaman Háyayue... esto tambien parece que és propio del gualicho de los arancamos, los que le hecho tienen un verbo especial para expresar esta acción, a saber, cullin; esto, en mataco, és ioco.

«Se comprende, — ajunta, emfim, — que los hechiceros hayan elejido la flecha como arma que les estaba reservada por el espiritu del mal, desde que és la única, entre las armas que usan los indios, que se presta al mistério y al engaño porque, como és proyectil, puede descargar-se de cualquier parte y desde lejos, quedando oculta la mano.» (Loc. cit., pags. 201-202.)

Pelleschi cita um desses ultimos exemplos, de que aproveito alguns.

Ao lado desses dois pormenores allusivos á frecha, como arma votada ao Paić, não será fóra de logar, antes pelo contrario, lembrar o facto de que os Piai, ou Paiés, de certos indigenas norte-americanos, estabelecem o seu diagnostico depois de vencer as relutancias do espirito malfazejo causante da doença, apresentando ao enfermo uma frecha cuja ponta é molhada no sangue do espirito maligno em questão.

(VIII) « Vejam Lucena, Barros, Couto de Magalhães ». (Nota de Porto-

Seguro.)

(IX) Bagé, como é sabido, e faz notar Th. Sampaio, é o nome de uma

bem conhecida cidade do Estado brazileiro do Rio Grande do Sul.

(X) Hechizos, ou seja Feitiços, elle traduz pelas vozes: Curupai, Ponhângi-u e Ponhâng; dar feitiço ou enfeitiçar, elle explica pelo termo Ayponhangi-ú.

(XI) A' pag. 369 da analyse de Baptista Caetano, lê-se: Payhupape, em

vez de poihupape, com medo.

Lembrarei de passagem, segundo Georges Brown, no seu livro *Malanesios e Polynesios*, e que viveu 48 annos entre os ilhéos desses archipelagos, que os feiticeiros desses povos, são denominados *Tena-papait*, na orthographia ingleza do dito autor, que escreveu essa informativa obra ha uns 12 annos.

Involutariamente, a imaginação relembra, ao lêr esse significado, a famosa phrase dantesca, que a tamanhos commentarios se tem prestado, e que são as tres primeiras palavras do canto VIII, do tomo I, d'O Inferno do excelso florentino.

Essas tres palavras mysteriosas rezam:

« Papé Santan, aleppe.»

O insigne traductor espanhol, o Capitão General Dom João de La Pezuela, Conde de Cheste, da Real Academia Espanhola da Lengua, commenta: "São palavras de significado e de origem desconhecidos, ainda que se comprehenda que formam uma interjeição irada e ameaçadora; talvez empregadas de proposito como fórmula de encanto magico para augmentar o tenebroso effeito, com o seu mysterio" (La Comédia de Dante Alighieri traducida al castellano, etc., Madrid, 1879).

O problema de indagar qualquer correlação entre essa interjeição do florentino e aquellas palavras tupi-guarani seria excessivo para os meus conhecimentos e as minhas forças e, nem mesmo pretendo apontar nessas coincidencias lexicas qualquer solução possivel para o mysterio que

envolve a dantesca phrase.

Payhupape, equivalente a Pagéhú-pape, póde traduzir-se por medo do antro do feiticeiro; haverá no Pape-Satan, do dantesco anagramma, uma allusão ao Medo de Satão, aparentando com aquelle outro terror pelo vehiculo da universal e primitiva feitigaria, por toda parte e em todo tempo,

mais ou menos diabolica?

Quanto á possibilidade dum florentino, patricio do Gongalonero Pedro Soderini, — a quem tantas cartas escreveu Americo Vespucio, — conhecer qualquer phrase tupi-guarani, não nos deve admirar. Não tardarei muito, no presente trabalho, em demonstrar como devemos a Montaigne, o philosopho autor dos Essais, as mais fidedignas e ineditas informações sobre os Tamoios da Guanabara.

Curiosamente, e por desenfastio, estudei o termo Aleppe, do Dante, em confronto com certos termos tupi-guarani e as consequencias que fui ti-

rando foram tão promissoras que recuei... Tive medo!

«Jappuié, je n'insiste pas», consoante com a conhecida phrase prudente.

(XII) Magé, — como assim indica Th. Sampaio, — é o nome duma cidade marginal á bahia Guanabara, no Estado brazileiro do Rio de Janeiro

(XIII) Paiés é o nome, em dialecto majorquino, dos camponezes do archipelago dos Baleares, as antigas Fundicularias, composto pelas ilhas Majorca, Menorca, Ibiza Formentera e Cabrera, e que constitue uma provincia espanhola, tradicionalmente reputada, como revelam os seus prehistoricos menumentos, pela feitiçaria que caracterisou os costumes dos seus primitivos habitantes.

(XIV) Não deixa de despertar certa curiosidade a approximação dos termos epiaga e epiac, no sentido de vislumbrar, com os verbos épier, do francez, e espiar, do portuguez, no sentido de pesquizar, que equivale ao especular, dos tempos colonianos das descobertas, originario directamente do latini, e que me parece haver descoberto na lettra 8 da mysteriosa e discutida firma anagrammatica do descobridor da America, em artigo que escrevi na revista Selecta, desta Capital.

(XV) Esse termo se vê bastante divulgado na America. Iara é o nome de certa localidade cubana, onde os naturaes da grande antilha deram o derradeiro grito de independencia, em fins do seculo XIX, relembrando, sob

esse aspecto, o brado brazileiro do Ipiranga.

(XVI) «Payhá, feitico, mezinha, remedio» (Bapt. Caetano).»

(XVII) E' evidente e sabido que o termo Patriarcha é de origem greco-romana, mas talvez que os proprios termos Patre-Patris tenham a mesma raiz do que os vocabulos Pai, Pay, dos beazilicos, muito semelhante

ao Pae portuguez.

(XVIII) Declaro desconhecer a lenda da Espada ringadora, a que se refere Heulhard. Este teve, para a confecção do seu livro sobre Villegagnon, o auxilio precioso de documentos que desconhecemos no Brazil, e que jazem ineditos nos escaninhos da Bibliotheca Nacional de Paris, donde não me foi possivel extractal-os, apezar dos meus esforços para esse fim. A propria Cosmographie Universelle, de André Thevet, não se acha nas nossas bibliothecas publicas, nem mesmo na preciosa collecção de José Carlos Rodrigues, da nossa Bibliotheca Nacional, apezar do muito que essa obra interessa ás cousas indigenas e dos tempos da descoberta e conquista do Brazil. Alguns escriptores brazileiros, notadamente o Conselheiro Candido Mendes de Almeida, no seu estudo e conferencia sobre os termos Mair e Pero, e Gustavo Barroso, em artigos sobre Santo Thomaz no Brazil. publicados no O Jornal, parecem haver consultado essa obra, mas todas as minhas pesquizas para achar um dos seus exemplares têm sido baldadas.

(XIX) « A palavra tuxáua, nada tem, se me não engano, ou como já li algures, com as linguas americanas. Supponho ser nome homophonico de toschauer, que no baixo hollandez significa conductor, inspector. O Dr. Roberto Lallemant (Reisen in Nord Brazilian, vol. 4°, pag. 182) refere-se também a esta particularidade» (Nota de Ladisláo Netto, loc. cit., pa-

gina 424).

Cheguei ás mesmas conclusões, antes de conhecer esta abalisada opinião. Outros autores, porém, consideram Tuchana como termo Tupi.

Barbosa Rodrigues emprega a orthographia Tuichauas (Lenda do

Diluvio entre os Pamarys do Amazonas — Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, tomo XIV, pag. 213, nota 1).

(XX) Uma das características do Buddhismo, que, nesse particular, tem parecenças com o Christianismo, é a da instituição de cenobios, de mosteiros ou de conventos para ambos os sexos, que logo se divulgaram por toda parte onde a seita estendeu as suas ramificações.

A respeito de taes instituições femininas, escreveu Mistress Summer, num interessante opusculo, sob o titulo Les Religieuses boudhiques depuis Sakia-Mouni jusqu'à nos jours, que foi prefaciado por Foucaux (1 vol.

in-18).

Ha quem perceba uma certa origem buddhica na existencia de mosteiros, especialmente destinados a certas virgens incaicas, sob o imperio

dos antigos soberanos do Perú.

Descrevendo a cidade de El Cuzco, informa o precioso chronista espanhol Miguel Estete: "En la plaza habia una puerta donde habia un monasterio que se llamaba Autuncancha, cercado todo de una muy hermosa canteria, dentro de la cual cerca habia más de cien casas donde residian los sacerdotes y ministros del templo y las mujeres que viviam castamente, á manera de religion, que llamaban mamaconas, las cuales eran en gran cantidad" (Documentos — El descubrimiento y la conquista del Perú — Relación inédita de Miguel Estete — La publica con una introducción y notas, Carlos M. Larrea — O titulo de lora é: Noticia del Perú, e foi achada entre os papeis do cofre do Archivo de Indias de Sevilha, denominado Arca de Santa Cruz — Bolet, de la Soc. Ecuat. Hist. Americ. -n. 3, 1918, pag. 330).

Jerez, outro chronista espanhol, informa: "Se halló en aquel pueblo de Caras una casa grande, fuerte y cercada de tapias, con sus puertas, en la cual estaban muchas mujeres hilando y tejiendo ropas para la hueste

de Atabalipa (Atahuallpa), sustener varones, mas de los porteros que las guardaban, y que á la entrada del pueblo habia ciertos indios ahorcados de los piés, y supod e este principal que Atabalipa los mandó matar porque uno de ellos entró en las casas de las mujeres a dormir con una; al cual y á todos los porteros que consintieron, ahorcó" (Verdadera Relación de la conquista del Perú — ed. Vedia — Madrid, 1891, pag. 54).

Cieza de Leon, noticía por sua vez: "A las puertas de estas casas estaban puestos porteros que tenian cargo de mirar por las virgenes, que eran muchas bujas de señores principales, las más hermosas y aquestas que se podian hallar; y estaban en el templo hasta ser viejas; y si alguna tenia conocimiento con varon, la mataban ó la enterraban viva; y lo mesmo hacian a el. Estas mujeres eran llhamadas Mamaconas; no entendian en más de tejer y pintar ropa de lana para servicio del templo y en hacer chicha, que és el vino que hacen, de que siempre tenian llenas grandes vasijas" (Del Senario de los Incas Iupanquis—ed. de Jimenez de la Espada—Madrid, 1880, cap. XXVIII, pag. 106).

O licenciado Pedro de la Casca, conta que: "Viracocha y sus succesores pusieron tan gran observancia en esta su secta, que hicieron muchas casas de mujeres virgenes al tiempo que los cristianos señorearan aquella tierra con gran clausura, recogimiento y observancia de castidad, tanto que si alguna tenia participación con algun hombre, por el mismo hecho que-

marian a entrambos.

Y entre otras casas que por aquella tierra habia de aquellas mujeres era la principal una que habia en el Cuzco, que llamaban la casa del Sol, cuya clausura estaba entapisada ó cubiertas las paredes de paños de plata tan fina que yo vi alguna della y quilatada era de dos mil y cuatrocientos

mrs (maravedis) por marco.

Y en la dicha casa habia una camarica donde estaba una cama en la cual cada noche a questa del sol ponian con gran ceremonia las principales mujeres que ali estaban una figura del sol hecha de oro y á la mañana al salir el sol tornaban á poner en un corredor que estaba hacia donde el sol salia adonde estaba hasta que, como dicho és, á puesta del sol le ponian en la cama» (Descripción del Perú — Manuscripto inédito da Bibl. Imp. de Vienna d'Austria, descoberto e extractado por Jijon y Caamaño — Bolet. de la S. E. de E. H. Americ., 1919 — ns. 7-8, pag. 146).

Fernando de Santillan, disse ao mesmo respeito: "...tomaban mu-

Fernando de Santillan, disse ao mesmo respeito: "...tomaban mujeres de las más principales, lujas de señores y de sus hermanos y hermanas, y otras señalaba para el sol, las que les parescian, á las cuales llamaban induguarmi (sic. por intiguarmi, como nota Carlos M. Larrea), mandabales hacer casa particular donde estaban con mucho recogimiento con sus porteros; estaban ali siempre haciendo ropa y otros servicios para el sol" (Relación del origen, descendencia política y gobierno de los Incas

-Trez relacões, etc. - Madrid, 1879, pag. 37 e seguintes).

El que quebrantaba la casa donde estaban las Mamaconas del sol, monjas encerradas, — escreve o grande historiador Antonio de Herrera, — le matavan calgandole de los piés, y dejandole estar asi, hasta que muriese dentro de la misma casa donde hizo el delito, y si alguna de las Mamaconas le metió ó adulteró con el, se le dava la misma pena, sin que fuesen perdonados"; á margem do texto vem uma nota do historiador, que reza: "Como se castigava al que violava el Monasterio de las Mamaconas" (Historia de las Indias Ocidentales — Anno 1533 — Decada V — Livro IV — pag. 75).

O licenciado Pedro de la Casca, que melhor, ao que conheço, é quem trata deste assumpto, completa as suas informações pela fórma seguinte:

«Estas mujeres en todas las casa fuera de las supersticiones que en acatamiento del Sol hacian, no entendian sino de hacer ropas y cosas para el ynga.

Tenian grandes tierras y de lo más fertil dedicadas para coger maiz que és el pan de aquella tierra para el sol y labrabanlos y cogianlas de comun con gran cuidado y tanta observancia que cuando se labraba se hallaba presente el emprezar á labrar alguna de aquellas tierras el ynga habia de ser el que el primer sulco habia de dar y si él no se hallaba presente davale el más principal señor que ali se hallaba y el matriz que destas tierras se cogia se ponia en casas que para ello cerca de las tierras tenian hechas en el campo.

Y del hacien chicha... Y todo el maiz que sobraba del maiz que de aquellas tierras del sol cogian de un año se quedaba en aquellas casas

como cosa del sol para que él lo consumiese sin nadic osase tocar un grano

dello dado que aquellas casas estaban fuera de poblado.

Tenian asi mismo grandes manadas de ovejas de las de aquella tierra... Lamas, dedicadas al sol y guardabanlas con gran cuidado ansi a ellas como a lo que criaban y nadie se aprovechaba dellas ni de la carne sino como cosa ofrecida al Sol aim cuando se morian las dejaban por que el las consumiese.

Y la lana dellas tranquilaban la ponian en casas que llamaban deposifos del Sol en el campo donde sim osar nadie tocar en ella se estaba perpeticamente hasta que se podia o consumia» Descripción del Perú,

loc. acima cit., pags. 146-147).

Carlos M. Larrea, o editor da Noticia del Perú, de Miguel Estete, citando alguns dos autores a que me acabo de referir e reproduzindo-lhes os textos, recommenda confrontar os dizeres de Fernando de Santillan com a Relación anonima, que figura á pag. 178 das Tres relaciones, etc., etc., publicadas em Madrid, em 1879, así con la Historia natural y moral de las Indias (Madrid, 1894), de Acosto (T. H. Liv. V. Cap. XV) que é a traducção da edição latina De natura Novi Orbis (Salamanca, 1588).

O mesmo distincto americanista disse nas suas notas á Descripción del Perú, de Estete (nota 65): "Estan acordes en la existencia de estos monasterios, casi todos los autores aunque diferen las apreciaciones acerca de las Virgenes del Sol' (Bolet, de la Soc, E, de E, H, Am., n. 3, 1918,

pag. 347:).

Accrescenta ainda: "Dice el Inca Garciliaso de la Vega, que los historiadores que han tratado de este asunto lo han hecho todos, faltos de detenimiento; y describe la casa que había en el Cuzco, que se llamaba Actlahmaci, que quiere decir Casa de Escogidas. Dice que estas virgenes eran sacerdotisas y ayudaban á los sacerdotes en los sacrificios. Llamabase Casa de Escogidas, porque las escogian ó por linage ó por hermosura. "Avian de ser virgenes y para seguridad de que lo cran, las escogian de

ocho años abajo" (Bolet. de la Soc. S. de E. H. A., n. 3, 1918, pag. 348).

«Oviedo y Valdez, — termina dizendo Larrea, — referiendose a la relación de Diego de Molina, escribe: "Decia este que aquellas mujeres castas que dice la carta es burla, que no son castas" (Oviedo — Historia general y natural de las Indias, t. 4", pag. 215 — Madrid, 1855). Diego de Molina, Relación feita a Oviedo em S. Domingos — Carta; o de Hernando Pizarro dirigida aos Ouvidores dessa mesma ilha onde estava a Audiencia

— Larrea; Bolet. de la Soc. E. de E. H. Am. — 1918 — n. 3, pag. 348). A fal respeito escreve Ainsworth Means: "...hubo varios factores de la Sociedad bajo los Incas que contuvieron la semilla de una degeneración moral. Por exemplo, las llamadas virgenes del Sol, las acllas, que vivian en grandes edificios conventuales bajo un regimen de ritos y de deberes, Garcilaso nos assegura que aquellas mujeres guardaban la virginidad... Diametralmente opuesto, - accrescenta Ainsworth Means, depois de citar um trecho informativo do historiador inca, - tenemos lo que dice sobre las acllas Pedro Pizarro, testigo presencial y biografo convencido de la Conquista. Podemos decir, pués, basandonos sobre lo expuesto, que las actlas constituian un cuerpo de mujeres consagradas al servicio del culto oficial del Imperio. Cuando se realizó la Conquista, parece que la instifución estuvo en vias de decaer, dejando en olvido su primitiva pureza moral. Tal es la suerte inevitable de estas instituciones en todas las partes del mundo. No tenemos que hacer mas que recordar á las Virgenes de Vesta en Roma, quienes, en los dias de degeneración general del Imperio, perdieron su original castidad y cohabitaban con los emperadores palacianos de la corte cesárea, si queremos probar la realidad de esta afirmación mia" (La civilisación precolombina de los Andes - Bolet, de la Soc. Ecuat. de E. H. A. — 1919 — n. 9, pag. 234).

Conta Miguel Estete que, entre as intenções criminosas do Inca Atahuallpa, para com os espanhóes de Pizarro, houve as de: "á unos sacrificar al Sol y a otros castralos para el servicio de su casa y guarda de sus mujeres como el acostumbra" (Loc. cit., pag. 324).

Eunucos eram também os porteiros e guardiães das Acllaguasi.

As casas das Virgens do Sol denominavam-se de facto Acllahuaci, segundo Garcilaso de la Vega, e Acallaguasi, na informação de Polo de Oudegardo; Atuncanha ou Matuncancha as denomina Larrea, de accordo com a Noticia del Perú, de Miguel Estete (Bolet. de la Soc. E. de E. H. A. - 1918 — n. 3, pags. 330 o 347, nota 61).

Haverá alguma correlação philologica entre os termos huaci e quaci e os de jacy, no significado de Lua ou de Jaguá na designação de cometa e Jagua-bebé, na designação de Estrellas, para essas casas das virgens, ver-

dadeiras satelites do Sol que foram taes mulheres?

Nos seus Comentarios Reales, escreve Garcilaso de la Vega: "Y por que las virgenes de aquella casa del Cuzco eran dedicadas para mujeres del Sol, avian de ser de su misma sangre, quiero decir, Hijas de los Incas, asi del Rey, como de sus dendos... Avia de ordinario más de mil y qui-

nientas Monjas, y no havia tara de las que podian ser. Dentro de la Casa avia mujeres de edad, que vivian en la misma profesión, envegecidas en ellas que avian entrado con las mismas condiciones, y por ser ya viejas, y por el oficio que hacian, las llamaban Mamacuna (é quasi a orthographia do termo cuña, do padre Ruiz de Montoya), que interpretando-o superficialmente bastaria decir Matrona; empero, para darle toda su significación, quiero decir Mujer que tiene cuidado de hacer oficio de Madre; porque és compuesto de Mama, que és Madre, y de esta particula Cuna, que por si no significa nada, y en composición significa lo que hemos dicho. Haciales bien el nombre, porque unas hacian oficio de Abadesas, otras de Maestras de Novicias, para enseñarles asi él Culto Divino de su idolatria, como en las cosas que hacian de manos para su ejercicio, como hilar, tejer, coser. Otras eran Porteras, otras Provisoras de la Casa, para pedirlo que havian mercester" (1ª parte dos Comentarios Reales — Madrid, 1723, pags. 106-107).

« Papá, — explica Baptista Caetano, — segundo Montoya com que chamam aos pais as crianças, que tambem chamam as mães mamá" (Annaes

da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, 1879-1880, t. VII, pag. 360).

A respeito do termo *Cuna*, "que por si não significa nada", na phrase acima citada de Garcilaso de la Vega, Baptista Caetano tem opinião muito diversas.

« Cuña, — escreve elle, — Cuya, s. mulher. E' notavel este nome porque se lhe podem dar muitas derivações: de côy, par, póde ser coyar, a que faz par, a companheira; de cû, alimentar, concebe-se cuya, a que alimenta, e ainda outras. Em Kechna coya exprime "rainha, princeza, deusa das minas", ccuyan, amar, ter compaixão, ccuyak, amante; em chili, coñin, parir, cuye, velha, cujan, ovo. A melhor interpretação parece levar o co, o ser, yang, anima, ou yab, nasce. Comp. tambem, cûnu, conuû cuymbae. Cuña abá, mulher viril e tambem "india", cuña caray, europea"

(Loc. cit., pag. 82).

Talvez se possa ver nessas explicações a etymologia do nome *Cuyabá*,

capital do Estado brazileiro de Matto Grosso.

B. Caetano ainda fornece os seguintes exemplos:

« Cuñâi, s. mulher pequena, de pequena estatura, mulher baixa, a tôa». Haverá alguma possivel relação entre os termos peruano Ma-

macona, e Marafona do portuguez...?

Cuñâmbuca, adj. e s. (mulher adulta, crescida, vê pucu) moça, mulher feita. Tambem apparece na fórma cuña-mbuçu, mas uçú, grosso, refeito, é mais usado para o sexo masculino, cunû-mbuçu, moço, e uçú, longo, crescido, para o sexo feminino. Na pag. 112 cuido, pelo sentido, que vem erradamente cunambucu, em vez de cunumbuçu.

Cuñareta — Cuya-reta, s. pl., mulheres: cuña reta rehe o nemongia

perará, com muitas mulheres estava a sujar-se sempre.

Cuñâtâi. s., mulher tenra, moça, donzella, rapariga, vê tai; cuñâ-tay retá paûme, entre as donzellas" (Loc. cit., pag. 82).

De accôrdo com essas explicações, o termo Mamacona ou Mamacuna seria a corruptela de Mamá-cuña, no significado de Mãe ou de Matrona.

Como quer que seja, a tradição transandina aprecia como Bruxas ou Feiticeiras as velhas Mamaconas, nome que, segundo me informam os peruanos, serve de espantalho ás creanças daquellas terras como o Bú á miucalha espanhola e o Maccus aos antigos romanos.

As Mamaconas velhas eram como que as Ayas das Esposas do Sol.

Dessas Vestaes caducas, são arremedo as feiticeiras brazilicas denominadas Guaimi, que auxiliaram o chrismo do nosso Rio das Velhas, qu seja o Guaimy, Guamihi, Guamihy, ou, melhor, o Guaimi-y. O termo tupi-guarani Guaimicoara, restaurado por Th. Sampaio sob a forma Guaimicôara, significa o buraco ou o antro da velha, o que bastante caracterisa uma bruxa. Os Guaymi são, com os Arnaks ou Arawacks, os Cunas, os o Paié 307

Dorascas-Cangunas, os Chibchas, os Talamacas e os Guatusos, individuos da mesma familia andina, segundo de la Grasseria. (Bolet. de la Soc. E.

de E. H. A. - 1919, n. 6, pag. 367).

No tecido da sua interessantissima e historicamente baseada novella L'Epouse du Soleil, suppõe o grande romancista fiastão Leroux que o culto do Sol persiste ainda no Perú, se bem que secretamente celebrandose todas as suas festas, como nos tempos passados, como também que aquelle vulgo não deixa de acreditar em taes mysteriosas festas, sobretudo depois que se deu o estranho desapparecimento da joven e bella limenta Senhorita Maria Christina de Orellana, destinada ao sacrificio de ser a Esposa do Sol, segundo esse mesmo boato. Em volta de um caso inventado por Gaston Leroux, onde também se dá o rapto de certa moça, giram sinistramente as Mamaconas (Je sais tout — Paris, 1912).

## Notas bibliographicas

- (1) Voyage à la Nouvelle Grenade Tour du Monde de Charton 1783, t. XXVI, pag. 83.
  - (2) Ibid., pag. 102.
- (3) Contribu. al conocimiento de las lenguas indigenas Bolet. de la Soc. Ecuat. de Est. Hist. Americ. 1919, n. 6, pag. 371 nota 4.
- (4) Otto von Buschwald Notas acerca de la Arqueologia del Guayas —Bolet, de la Soc. Ecuat, de Est. Hist. Americ. 1918, n. 3, pag. 248.
  - (5) Dictionnaire de la Fable Paris, 1810 pags. 801-802.
- (6) Publicações da commissão das linhas telegraphicas de Matto Grosso e Amazonas — Annexo n. 5, pags. 27-25-22, respectivamente.
- (7) João Pelleschi Los Indios Matacos y su lengua Bolet. del Inst. Geogr. Argent., 1897 t. XVIII abril-junho pag. 202.
- (8) João B. Ambrosetti Notas de Arqueologia Calchaqui Bolet. del Inst. Geogr. Argent., 1897 t. JVIII abril-junho pag. 365.
- (9) La arqueologia de Arica y Tacna Bolet. de la Soc. Ecuat. de Est. Hist. Americ., ns. 7-8, pag. 180.
- (10) Tratado descriptivo do Brazil Edic. Varnhagen 1879 Cap. CLXI pags. 292-293.
  - (11) O Tupi na Geographia Nacional 2ª ed., 1914, pag. 204.
  - (12) Ibid., pag. 253.
- (13) Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro tomo VII 1879, pag. 137.
  - (14) Ibid., pag. 137.
  - (15) Ibid., pag. 295.
  - (16) Ibid., pag. 289.
  - (17) Op. cit., pag. 242.
  - (18) Historia Geral do Brazil 1ª edic. T. I, pag. 260 nota.
  - (19) Resumé de l'Histoire du Brésil & Brazil, 1° vol., pag. 32.
  - (20) Loc. cit., pag. 257.
- (21) "Descripção verdadeira de um paiz de selvagens nús ferozes e cannibaes, situado no novo mundo America, etc.» Cap. XXII 2ª parte.
- (22) Vocabulario das palavras usadas pelo traductor da *Conquista espiritual* do padre A. Ruiz de Montoya Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro Vol. VII 1879-1880 pags. 359-363.
  - (23) Loc. cit., pag. 255.
  - (24) Ibid, pag. 256.
  - (25) Ibid., pag. 256.
  - (26) Ibid., pag. 162, n. 138.

- (27) "Subsidios para a historia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Braz. T. especial Parte 1\* These avulsa n. XVII pags. 989 a 1.350.
- (28) "Villegagnon, Roi d'Amérique. Histoire d'un homme de mer au XVIème siècle" Paris, 1894 Cap. IV, pag. 95.
- (29) Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro Lenda do *Diluvio* entre os Pamarys do Amazonas T. XIV, pag. 213, nota 1.
- (30) Investigações sobre a Archeologia Brazileira Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro T. VI 1885 pags. 423-424.
  - (31) Ibid., pag. 424.
  - (32) Hist. do Brazil T. II, pag. 142.
  - (33) Loc. cit. Pag. 162, n. 128, e pag. 197.
  - (34) Ibid., pag. 197.
- (35) Publ. da<br/>©com. das linhas telegraphicas de Matto Grosso e Amazonas Annexo <br/>5 Gen. Rondon pag. 22.
  - (36) Op. cit. Dialogo Trad. de Alencar Araripe Cap. XX.

## Bericht über die von Gusinde — Koppers zu Anfang 1922 zu dem Feuerlandstamm der Yaganes veranstaltete Forschungsreise

VON

## DR. P. W. KOPPERS S. V. D.

Die Yaganes sind bekanntlich die südlichst wohnenden Menschen. Die Gegend des Kanal Beagle und die südlich und südwestlich davon gelegenen Inseln bilden ihre Heimat. Zählte der Stamm vor 50 Jahren etwa 2.500 Köpfe, so ist er heute bereits bis auf 70 rassenreine Mitglieder zusammengeschmolzen. Die Berührung mit der modernen Civilisation hat auch diesem Primitivvolk Tod und Verderben gebracht. Besonders die eingeschleppten Krankheiten, wie Influenza, Pocken und Masern, und zum Teil auch der Alkohol, haben das Völkchen so rasch dezimiert.

In die ethnologische Literatur hat kein geringerer als C. Darwin die Yaganes eingeführt. Er schildert sie als Kannibalen und als gott—und religionslose Leute. Als solche figurierten die Yaganes dann bald in tausenden von Büchern.

Um die Mitte des vorigen Jahrhunderts begann die protestantisch—englische Mission unter den Yaganes zu wirken. Dem Missionar *Th. Bridges* verdanken wir eine relativ gute, sowohl grammatikalische als auch lexikalische Behandlung der Sprache. Auch das beste bisherige Material zur Ethnographie der Yaganes geht auf denselben Herrn, bzw. aauf einzelne andere seiner Mitarbeiter zurück. Eingehende Studien zur physischen Anthropologie und zur materiellen Kultur der Yaganes verdanken wir im besonderen der *französischen Expedition* von 1881-1882. Eine neue Förderung erfuhr die Yagan— Forschung in diesem Jahrhundert durch *Furlong*.

Hiermit sind die Hauptetappen der bisherigen Erforschung der Yaganes kurz gekennzeichnet. Noch viele andere Forscher haben gelegentlich ihr Scherflein zu demselben Zwecke beigetragen. Eingehend berichtet über die Geschichte der Yagan — Forschung bis zum Jahre 1917 die so ganz vorzügliche und nützliche Arbeit von J. M. Cooper: "Analytical and critical Bibliography of the Tribes of Tierra del Fuego and adjacent territory" Washington 1917. Für die grossen Dienste, welche auch uns diese Arbeit leistete, mochte ich dem Verfasser besondern Dank aussprechen. Die umfassende und sorgfältige Zusammenstellung, welche sie bietet, lässt ja von Fall zu Fall sofort erkennen, wo die Lücken noch sind.

Dass die ethnologische Forschung bei den Yaganes ihre Aufgaben noch nicht alle gelöst hatte, war den Sachverständigen ja schon längst klar geworden. So hatte man z. B. Kunde von der Existenz geheimer Initiationsfeierlichkeiten erhalten. Wie manche Beispiele der alten Welt es zeigen, konzentriert sich aber vornehmlich in solchen Veranstaltungen der Primitivsten deren Geistesleben. In Bezug auf die Yaganes war mit Recht ähnliches zu vermuten, und eine methodische Ethnologie musste damit

rechnen, dass der Kern des Geisteslebens dieses Völkchens noch garnicht erfasst worden sei.

Im Schosse der "Anthropos"-Redaktion wurde eine Expedition zu den Feuerlandstämmen, im besonderen zu den Yaganes, sehon seit etwa 12 Jahren eingebend hin und her erwogen. Der Weltkrieg machte die bezüglichen Pläne Leitweilig ziemlich vergessen.

Nach dem Kriege dann überraschten uns die Leiter des ethnographischen Museums zu Santiago (Chile), Dr. A. Oyarzún und P. M. Gusinde S. V. D. mit der erfreulichen Nachricht, dass sie die Lösung der ethnologischen Feuerlandprobleme ernstlich ins Auge gefasst hätten. 1919 und 1920 besuchte P. M. Gusinde beidemale sowohl die Yagaanes als auch die Onas und kehrte jedesmal, obwohl die Zeit für die Forschungsarbeit eine relativ kurze war, mit vorzüglichen Ergebnissen zurück. Die Berichte, welche in den: "Püblicaciones del Museo de Etnología y Antropología de Chile", 1919 und 1920 veröffentlicht sind, geben im einzelnen Rechenschaft darüber.

Bei den Yaganes speziell hatte P. Gusinde besonders Folgendes leisten können. Neben beträchtlichen Sammlungen der Objekte der materiellen Kultur konnte er von vielen Individuen die anthropologischen Masse nehmen. Er sammelte ferner an die dreissig längere oder kürzere Erzählungen (Mythen). Das Hauptergebnis aber seines zweiten Besuches (1920) bestand dann darin, dass er da schon die erste Stufe der Initiationsfeier aktiv miterleben konnte. Sechs Tage und sechs Nächte weilte er mit einem grösseren Teil der Bevölkerung im grossen Rancho, wie er für diese Festlichkeit hergerichtet zu werden pflegt. Den Leuten wollte es erst gar nicht in den Kopf hinein, dass er als Weisser an dieser Veranstaltung teilnehme. Aber er hatte ihr Vertrauen schon so weit gewonnen, dass sie die Bedenken schliesslich fallen liessen. Er war aber gezwungen, sich in allem genau so zu gerieren, wie die Angehörigen des Stammes und so erlaubten sie z. B. noch nicht, dassa er während dieser Tage irgendwelche schriftliche Aufzeichnungen machte. Das waren harte, opferreiche Tage, aber die Opfer sollten sich reichlich lohnen. Von nun galt er als Mitglied des Stammes. Das volle Vertranen, das er so erlangte, bildete die Voraussetzung für die erschöpfende Erforschung, die wir zusammen zu Beginn dieses Jahres (1922) bei den Yaganes vornehmen konnten. Ermöglicht wurde diese Reise durch die Munifezenz des hochwst Herrn Erzbischofs von Santiago (Chile). Auch an dieser Stelle sei ihm dafür gebührender Dank gesagt.

Wir weilten an Ort und Stelle vom 4 Januar bis zum 7 April. Über das Wiedersehen meines Kollegen herrschte allgemein eine grosse und aufrichtige Freude. Da mein Kollege mich einführte, so brachte man auch mir gleich vollstes Vertrauen entgegen, und so konnten wir uns tatsächlich vom ersten Tage an *in medias res* stürzen.

Die grösste Förderung bei unseren Arbeiten wurde uns durch die Familie des englischen protestantischen Missionars J. Lawrence zuteil. Der alte Herr, wie auch seine Söhne, die jetzt am Kanal Beagle eine kleine Estancia besitzen, sprechen das Idiom der Eingeborenen. Für das, was sie alle, sei es direkt, sei es indirekt (durch ihr Einwirken auf die Yaganes) im Sinne unserer Bestrebungen geleistet haben, sind wir, und mit uns die gesamten Wissenschaften vom primitivsten Menschen, ihnen zu ewigem Danke verpftlichtet.

Die anthropologischen Messungen würden ergänzt. Von allen erwachsenen Stammesmitgliedern besitzen wir die Masse, mit Ausnahme von etwa vier bis sechs Personen, die isoliert im äussersten Süden wohnen.

In linguistischer Hinsicht schenkten wir besondere Aufmerksamkeit den vier verschiedenen Dialekten der Yagan-Sprache. Unsere genaueren Erfragungen ergaben nämlich, dass Th. Bridges Sprachstudien sich auf dem Zentraldialekt aufbauen, wie er im Gebiet von Usbuaia gesprochen wurde. Es gab daneben aber noch einen Ost-, West- und Süd-Dialekt. Die Unterschiede erstreckten sich nicht nur auf eine ganze Anzahl von Wörtern, sondern es waren auch solche grammatischer Natur vorhanden. Leute aus verschiedenen Gegenden verständigten sich wohl, aber es hatte im Anfang besonders doch einige Schwierigkeiten. Dieses heute im einzelnen noch festzustellen, war, bei der bis auf 70 Köpfe zusammengeschrumpften Volkszahl eine mühevolle Aufgabe. Aber unter Anwendung vieler Geduld gelang es doch, noch, die Unterschiede, wenn nicht ihrem ganzen tatsächlichen Umfange, so doch ihrem Charakter nach, zu fixieren.

Im Vordergrunde unserer Bestrebungen stand die Erforschung der übrigen geistigen Kultur der Yaganes; dieses aus dem einfachen Grunde, weil jeder Sachkenner sah, wie hier noch die meisted Fragen der Beantwortung harrten.

In erster Linie ist nun unter dieser Rücksicht zu erwähnen, dass wir beide geheimen Spiele, welche die Yaganes besitzen, aktiv miterleben konnten.

Zunächst wurde die Initiationsfeier, wie mein Begleiter sie zwei Jahre zuvor schon mitgemacht hatte, wiederholt. Einerseits sollte auch ich dieses Spiel sehen und dabei ebenfalls in den Stamm aufgenommen werden, anderseits wurde dieses mal von vorne herein konzediert, gleich bei der Abwicklung desselben die entsprechenden schröftlichen Aufzeichnungen zu machen. Der Namen dieser Initiationsfeier ist Ciexáüs (1). Dieselbe gleicht am hesten einem systematischen Erziehungskursus, wie er an den im Entwicklungsalter stehendenKnaben und Mädchen vorgenommen wird. Die vorherrschenden Ideen: Kennenlernen der alten Traditionen und Gebräuche des Stammes, Erziehung zu altruistischem Denken und Handeln, Heranbildung der Kandidaten einerseits zu guten Familienvätern und Familienmüttern, anderseits zu tüchtigen Stammesmitgliedern.

Diese Einrichtung wird von den Yagaanes ungemein geschätzt. Sie fühlen es instinktiv, dass mit derselben ihre altererbte Geisteskultur wesentlich steht und fällt. Ihre schönsten Erzählungen, Instruktionen (an die Kandidaten), Gesänge, Tänze und sonstige Gebräuche kommen bei dieser Feier zur Geltung.

Die zweite Feier, welche die Yaganes besitzen, heisst Kina. Auch diese Veranstaltung konnten wir aktiv mitmachen.

Kina hat einen ganz anderen Charakter als Ciexaus. Während dieses, wie ich schon sagte, einem systematischen Erziehungskursus gleicht, hat Kina vielmehr grosse ähnlichkeit mit einem Schrecktheater. Kina erinnert in allen wesentlichen Punkten an die geheimen Männerbandfeierlichkeiten, wie sie bestimmten ethnologischen Kulturkreisen eigentümlich sind. Hier wie dort reservieren sich die Männer die Bünde, hier wie dort suchen sie dann durch allerlei Spuk, Künste, Erscheinenlassen von Geistern und Teufeln die Weiber zu erschrecken, um sie so in der "Furcht des Herrn" zu erhalten.

Kina erfreut sich bei den Yaganes keiner besonderen Sympathien. Mehr als 30 Jahre war das Fest bereits nicht mehr gespielt worden und nur, um uns das Ganze einmal vorzuführen, wurde es jetzt wiederholt. Die alten Männer hatten aber tüchtig ihre Köpfe zusammenzustecken, um die Sache nochmals stilgerecht herauszubekommen.

Während Ciexaus einen durchaus originalen Eindruck macht, lässt Kina bald die spätereBeeinflussung hervortreten. Die Kina — Feier ist den Yaganes eine äusserliche Sache geblieben, sie haben gelegentlich

<sup>(1)</sup> Transskription gemäss dem 'Anthropos' - Alphabet.

etwas von Männerbundfeierlichkeiten übernommen, ohne aber die Grundlage derselhen, die Männerbünde, sich anzueignen.

Das Gemütsleben zeigt sich bei den Yaganes relativ reich entwickele. Dafür zeugen die zahlreichen Tänze und Spiele, die wir einzeln nach Namen und Bedeutung und auch photographisch festlegen konnten. Dafür zeugen besonders auch die 30 verschiedenen Gesünge, welche wir auf die phonographische Walze bannen konnten. Die Gesänge sind einfach, aber es sind wirkliche Melodien. Dabei unterscheiden die Yaganes sehr wohl zwischen ernsten und heiteren Weisen, sie haben ernste bzw. Tranergesänge, sie haben aber auch heitere Liedehen, die sie eben singen, wenn sie in guter Stimmung sind.

Die Zahl der Erzählungen und Mythen, welche wir sammeln konnten, bewegt sich um die 40 herum. Es sind darunter Astralmythen, Sagen von Kulturbringern, Riesengeschichten und Märchen.

Auch in das Medizinmänner — Wesen erhielten wir nähere interessante Einblicke. Die Yaganes kannten die Einrichtung von systematischen Kursen zur Heranbildung von Medizinmännern. Solche Kurse leitete irgendein alter Zauberer. Hier lernten die Kandidaten (nur Jünglinge und junge Männer) das Beschwören, Krankenheilen, usw. Aber als echte Medizinmänner gelten allgemein nur jene, die es geworden sind auf Grund einer "inneren Berufung". Eine solche Berufung kann auch über Frauen kommen und so sählen tatsächlich heute noch zwei oder drei ältere Frauen zu den echten "Doktoren". Im tagtäglichen Leben der Yaganes ist der Einfluss der Medizinmänner nicht sehr gross. Im Ciexaus fungiert als "Maestro" irgendein Alter, der in der Sache gut versiert ist; er braucht durchaus nicht "Doctor" zu sein. Dem Kina aber kann nur ein "Doktor" vorstehen. Bei dem Geisterspuk, der den Weibern vorgetäuscht wird, ist er da denn auch ganz in seinem Amt.

Die Religion der Yaganes bildete bislang das umstrittenste Problem. Darwin verkündigte der Welt, sie hätten keinerlei höhere religiöse Ideen. Ungleich schwerer fiel da naturgemäss ins Gewicht, dass auch die Jahrzehnte lang an Ort und Stelle weilenden Missionare, so besonders Th. Bridges, immer wieder meldeten, auf irgendwie höhere religiöse Anschauungen nicht gestossen zu sein.

Die von uns in dieser Hinsicht eruierten Tatsachen sind im wesentlichen folgende. Die Yaganes haben eine relativ klare und lebendige Anschauung von einem höchsten Wesen. Sie nennen dasselbe watauineuwa, d. h. der Uralte, der Ewige. Ein anderer Name ist hitapuan, d. h. mein Vater; oder monauanákin, d. h. der Allerhöchste. In allen möglichen Situationen des I ebens wenden sich die einzelnen Yaganes an dieses höchste Wesen. So z. B. bittet eine Mutter um Hilfe, wenn eines ihrer Kinder erkrankt ist. Man ruft um Rettung, wenn ein starker Sturm das kleine Boot in Gefahr bringt. Wird das eine oder das andere gewährt, so vergisst man nicht zu danken. Watauinéuwa gilt besonders als Herr über Leben und Tod. Nimmt er liebe Angehörige durch den Tod hinweg, so klagen die Überlebenden ihm mitunter sehr heftig ihr Leid, ja streiten selbst in Worten mit ihm.

Dieses Sprechen und Beten mit dem höchsten Wesen geschieht entweder in freien selbstgewählten Worten, oder in bestimmten alten Formeln, wie sie von Geschlecht zu Geschlecht sich weiter vererben. Von solchen alten feststehenden Formeln (Gebeten) sammelten wir mehr als 60, alle im Urtext mit möglichst getreuer übersetzung.

Natürlich erkannten wir bald, dass hier eine Entdeckung von ganz ungewöhnlicher Bedentung gemacht worden war Selbstredend liessen wir kein Mittel unbenützt, um die Sache völlig sicher zu stellen Man könnte an christlichen Einfluss danken Aber dagegen sprach zunächst die ganz entschiedene Verneinung aller alten Eingeborenen. Dagegen spricht ferner, dass keiner der Namen für das höchste Wesen, noch irgendeiner der aufgezeichneten Sprüche (Gebete) an christliche Namen erinnert. Dagegen spricht ferner der alte Pastor J. Lawrence, der bereits 53 Jahre im Gebiete der Yaganes lebt, und mit dem wir speziell unsere sämtlichen Aufzeichungen zum höchsten Wesen der Yaganes Wort für Wort überprüften. Er bedauerte jetzt zwar, sich früher um diese Dinge nicht genügend gekümmert und sie so nicht kennen gelernt zu haben, aber bezüglich ihrer Echtheit könne nicht der geringste Zweifel bestehen. Er nahm dann auch selber Rücksprache mit den Eingebornen und gratulierte uns schlisslich zu unseren Erfolgen, indem er sagte: Ich gestehe, wenn ich auch noch 50 oder 100 Jahre hier leben würde, ein solches Vertrauen, wie Ihnen, würden die Leute mir nicht schenken." Eine Kontrolle dieses Materials, vorgenommen auch mit den Söhnen des alten Herrn Lawrence, ergab das völlig gleiche Resultat.

Sehr lückenhaft waren bisheran auch die Kenntnisse von den Verwandtschassverhältnissen bei den Yaganes gewesen. Wir schenkten denn auch diesen Punkte eine besondere Aufmerksamkeit und glauben, alle bezüglichen Daten festgelegt zu haben. Die Yagan-Familie ist in ihrem Wesem vaterrechtlich organisiert Es sind im übrigen aber nicht wenige Momente da, die auf eine relativ intensive Berührung mit mutterrechtlicher Kultur schliessen lassen. Hierher gehört im besonderen auch die Einrichtung der Kuvade, welche den Jaganes in einer ziemlich umständlichen Form eigentümlich ist.

Die Behauptung Derwins, dass die Yaganes Menschenfresser seien wurde später von den Missionaren und auch von den Mitgliedern der französischen Expedition (1881-82) sehon dahin berichtigt, dass irgendwie positive Beweise hierfür nicht vorlägen. Wir sammelten auch zu diesem Punkte neues Material. Die Yaganes essen bestimmte Tiere wie Ratten und Füchse nicht. Gefragt nach dem Grunde, erhielten wir stets dieselbe Antwort: "Wir haben beobachtet, dass diese Tiere sich gelegentlich an einem menschlichen Kadaver vergreifen; um nicht in Gefahr zu kommen, (auf indirektem Wege) Menschenfleisch zu essen deshalb essen wier diese Tiere überhaupt nicht."

Da der Tod lieber Angehörigen den Yaganes sehr zu Herzen geht, so waren auch zahlreiche Äusseringen der Trauer, sei es privater, sei es sozialer Art, festszustellen. Wir sammelten auch hierzu reiche neue Materialien.

Weiterhin erstreckten sich unsere Forschungen auf Sitten und Gebräuche, auf die Medizin, die Astronomie, die geographischen Kenntnisse. die Spiele, Bestimmung und Benennung der Jahreszeiten, Bezeichung der Winde, usw. Dank des Vertrauens, das wir bei den Leuten besassen, kamen auch überall manche neue, ebenso wichtige als interessante, ethnographische Daten zum Vorschein.

Da wir so lange mit den wenigen letzten Vertretern des Yagan-Volkes zusammenlebten, lernten wir die einzelnen bis auf den Grund der Seele kennen. Wir versäumten nicht, eine eingehende Charakteristik der einzelnen schrifflich festzulegen. Wir glauben, dass diese *Individual-Charakteristik* von besonderem Werte ist.

Zur allgemeinen Charakterisierung der Yaganes ist zu sagen, dass dieselben im ganzen genommen einer Gruppe von grossen Kindern gleicen. Wie Kinder haben sie ihre guten und ihre schlechten Eigenschaften. Aber so wie man Kinder trotz ihrer Fehler und Schwächen immer wieder gern haben muss, so ging es uns auch bei diesen Leuten. Sie haben ihre Launen, aber im Grunde sind sie doch harmlos und gut. Auf Verschlagenheit und Falschheit sind wir bei ihnen nicht gestossen.

Auch an Objekten der materiellen Kultur liess sich noch manches sammeln. Die Zahl der heimgebrachten Photographica geht in die hunderte.

Da dieses mal im Campament der Yaganes auch zwei Alakaluf— Frauen verweilten, so war es möglich, auch ein Vokabularium der Alakaluf-Sprache herzustellen.

Eine Woche verbrachten wir auch unter den Ona — Indianern, welche bei der Estancia Bridges am Rio del Fuego stationiert sind. Neben ethnologischen Aufzeichnungen, die wir machten, fand mein Kollege hier besonders gute Gelegenheit, ein früher verfasstes Vokabular der Ona-Sprache und eine kleine Phraseologie abermals eingehend zu überprüfen.

Es bleibt mir am Schlusse meines Berichtes ein kurzes Wort zu sagen übrig zur Stellung der Yaganes zu den Nachbarstämmen und zur Stellung derselben im Rahmen der allgemeinen Ethnologie.

Gemäss ihrer durchschnittlichen Körpergrösse wären die Yaganes als *Pygmoide* zu bezeichnen. Die voorstehenden Backenknochen und die häufig anzutreffende Mongolenfalte weisen auf Osasien hin.

Von den Onas sind die Yaganes physisch, sprachlich, und auch kulturgeschichtlich scharf geschieden; das schliesst natürlich Einzelentlehnungen nicht aus.

Zu den Alakaluf weisen von den Yaganes aus manche Fäden. Körperlich erscheinen beide Stamme wesentlich gleich geartet. Auch kulturgeschichtlich führen die Yaganes manche ihrer Einrichtungen auf die Alakaluf zurück. In bezug auf die Sprache beider Gruppen klafft aber, wenigstens nach Phonetik und Wortschatz, eine weite Kluft. In bezug auf die Grammatik lässt sich noch nichts sagen, weil die Grammatik der Alakaluf-Sprache noch unbekannt ist.

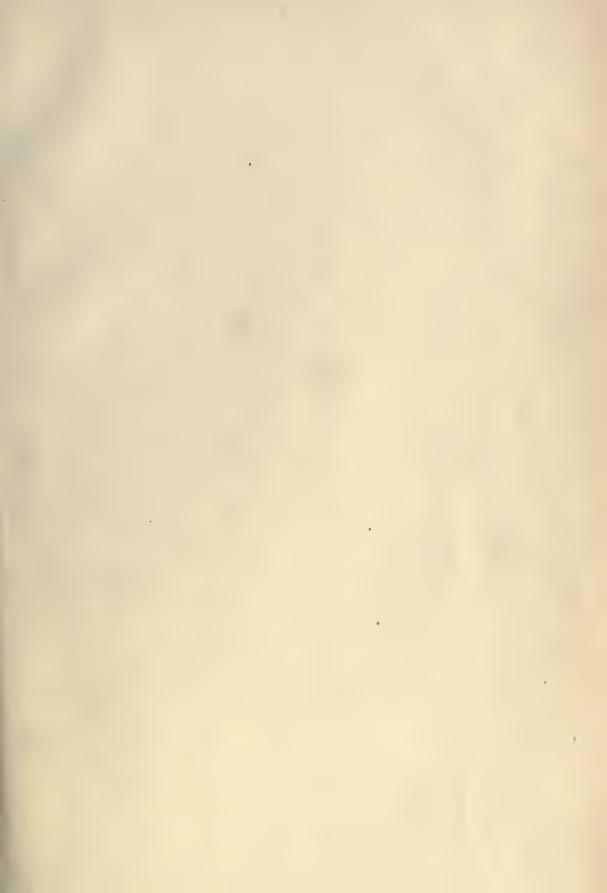
Vom Standpunkt der Gesamtethnologie aus betrachtet gehören die Yaganes ohne Frage zu den sogenannten Urvölkern, d. h. zu jenen Völkern, die in der alten Welt und auch in Australien und in Nord-Amerika als vortotemistische und vormutterrechtliche erkannt worden sind. Sie repräsentieren aber in ihrer Kultur keineswegs die reinen Pygmäen der alten Welt, sondern es finden sich die Züge aus den drei verschiedenen Urkulturen welche die Vertreter der historischen Ethnologie in den letzten Jahrzehnten herusarbeiteten, hier im wesentlichen vereinigt. (1) Das bedeutet die Bestätigung eines Satzes, den mein verehrter Chef und Lehrer P. W. Schmidt in seiner Arbeit "Kulturkreise und Kulturschichten in Südamerika" (2) auf Grund der Vergleichung des bis dahin vorliegenden Materials schon augestellt hatte. In Südamerika, so sagte er damals, sind die Kulturen der Urvölker kaum irgendwo in ursprünglich reiner Form anzutreffen, sondern, wo sie sich vorfinden, da lassen sie eine eigentümliche Mischung der Elemente hervortreten.

Weiteres zu sagen, halten wir, bevor unser wohl für zwei Bände reichendes Material vom Stamme der Yaganes durchgearbeitet worden ist, für verfrüht. Neues Licht, daran kann kein Zweifel sein, wird Aber die aufgeworfenen Fragen eine gründliche Erforschung der Alakaluf verbreiten können. Wir beabsichtigen, auch an die Lösung dieser schwierigen Aufgabe demnächst heranzutreten.

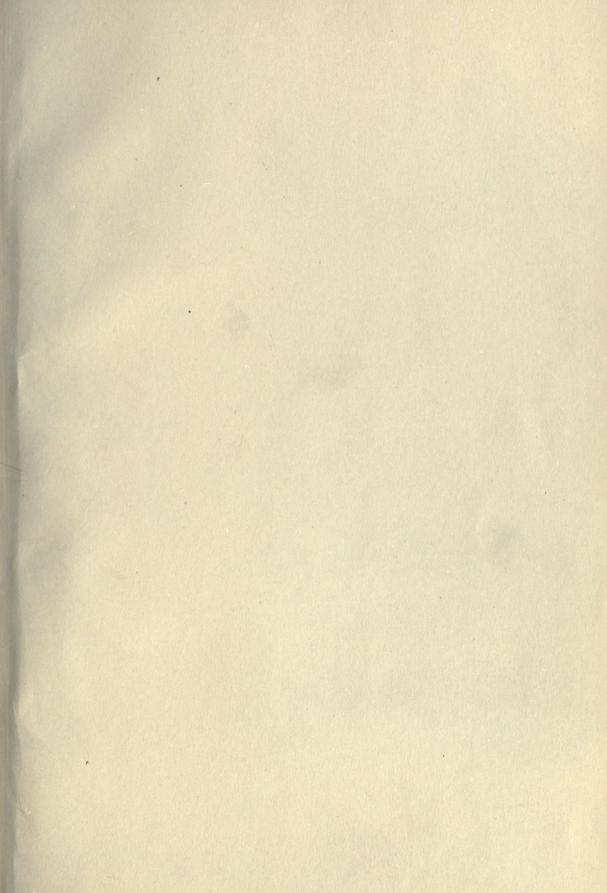
Dr. P. W. Koppers S. V. D., "Anthropos" — Redakteur Claros St. Gabriel — Moedling bei Wien.

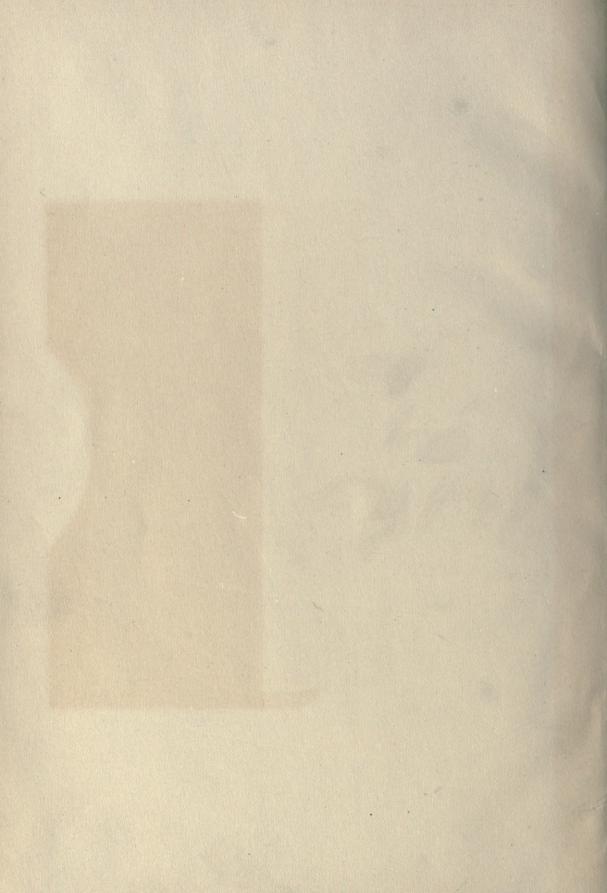
<sup>(1)</sup> Vgl. SCHMITD—KOPPERS: Völker und Kulturen, Berlin — Regensgurg, 1922.

<sup>(2)</sup> Zeitschr. f. Ethnol., Jahrg. 1913.









E 51 15 1922 v.1 International Congresss of Americanists Proceedings

PLEASE DO NOT REMOVE SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO
LIBRARY

